

www.libtool.com.cn
CONGRESSO COLONIAL NACIONAL

CONTRIBUIÇÃO
PARA
O ESTUDO
DA
REGIÃO DE CABINDA

Memoria apresentada

POR

JOÃO DE MATTOS E SILVA

S. S. G. L.

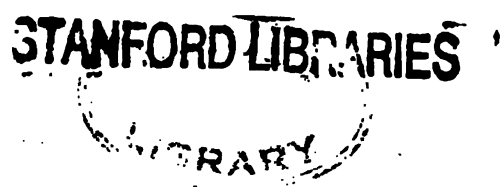


LISBOA
TYPOGRAPHIA UNIVERSAL
(Imprensa da Casa Real)
Rua do Diario de Noticias 110

1904

5

www.libtool.com.cn



CONGRESSO COLONIAL NACIONAL

QUINTA REUNIÃO ANUAL DO INSTITUTO GEOGRÁFICO E ESTATÍSTICO

CONTRIBUIÇÃO
PARA
O ESTUDO
DA
REGIÃO DE CABINDA

Memoria apresentada...

POR

JOÃO DE MATTOS E SILVA

S. S. G. L.



LISBOA
TYPOGRAPHIA UNIVERSAL
Impressa da Casa Real
Rua do Lázaro de Nogueira 110
1904

ate
e.
no do

STANFORD LIBRARIES

DTSH
M444

www.libtool.com.cn

216913



YBANDL SEVVER ENT

AO LEITOR

Vivi quasi nove annos na nova povoação de Cabinda, como delegado de saude, e, por curiosidade, fui colhendo apontamentos d'assumptos variados referentes á gente com que lidava. Os deveres do cargo obrigavam-me a permanecer ahi, a não me affastar; a maior parte do tempo medico unico bastantes kilometros em volta, não podia fazer excursões, estudar logares distantes. Os meus deveres officiaes e profissionaes absorviam-me quasi todo o tempo e, mais como distracção do que como estudo, colhi os apontamentos que hoje apresento coordenados.

São poucos e não dos melhores, de certo, mas são o que poude obter e verificar, são um pequeno contingente de materiaes para quem vier depois e tratar desenvolvidamente do assumpto.

Pouco me ajudei de trabalhos anteriores; indaguei, procurei certificar-me, o melhor que me foi possivel, de certos factos, de certos usos, e principalmente do que se refere á linguagem failada por taes pretos, da qual os trabalhos anteriores que conheço, e a que me referirei, dizem verdadeiras barbaridades. Procurei fixar datas de pequenos factos que podem vir a ter valor, enumerei noções leves que a outros mais generalisadores passariam em claro, historiei acontecimentos modernos que correm já deturpados e não por aquelles com quem, como eu, elles se passaram; não critiquei bastantes factos nem pessoas, accumulei e condensei cabedal para obra bôa, deixando-me ficar no limite do mediocre, que não me sinto capaz de me abalançar a mais; preferi rastejar firme, a cair por causa de cabriolas, para que me falta a destreza.

N'este meu navegar terra a terra por tão extenso assumpto, procurei apenas ser exacto; deixo por vezes um ponto incompleto para não me atrever a coisa de que não me convencesse, quero conservar o merito de não ir alem do que as minhas forças permitem. Outros virão depois que, vendo o que houver feito e estudando o muito que fica por fazer, farão mais e melhor; successivos aperfeiçoamentos darão então obra bôa.

Cabinda é termo commum a varias coisas de que não tratei e de que tratei n'estes apontamentos. Não me retiro ao lugar de Cabinda no districto de Tete na nossa Africa Oriental; desconheço a povoação de Cabinda na provincia d'Angola fazendo parte do districto de Loanda, no caminho do Ambriz para o Bembe.

Quando pelo desmembramento do enorme e antigo reino do

Congo se formaram varios reinos, um houve, o de Cabinda, que os chronistas dizem ter abrangido os territorios de Cacongo, Molembo, Cabinda, e Benda, e alguns mettem ainda n'esta divisão o actual Loango, dando a toda esta extensão até á margem direita (norte) do Zaire o nome de costa do Loango. A linguagem fallada justifica ainda hoje esta aproximação; mas os dialectos vão successivamente subdividindo-se e diferenciando-se a ponto de não se entenderem já bem os habitantes dos pontos extremos. Trato mais especialmente d'uma divisão d'esse reino, que não chega já ao Zaire em cuja margem habitam os muchicongos, parentes proximos, mas diferenciados, dos cabindas propriamente ditos.

Refiro-me quasi só aos povos da moderna circumscripção administrativa de Cabinda, embora os seus costumes e linguagem se aproximem e confundam por vezes com os dos habitantes de terrenos hoje francezes ou belgas ¹.

Escolhi antes as immediações da bahia de Cabinda onde ha a nova povoação portugueza do mesmo nome por 5°31'32" de latitude sul e 12°10'45" de longitude E de Greenwich. Não posso porém isolar este estudo totalmente da tribu Cabinda que habita quasi desde a margem norte do Zaire até Ponta Negra ou Loango, segundo geographos modernos, abrangendo pelo interior até ao territorio de Muropoé, conforme o dictionario Larousse. Este diz-nos que a villa de Cabinda dista 60 kilometros de Banana para o norte e está 40 kilometros ao sul da fronteira franceza do Congo; que o enclave de Cabinda ² tem 70 kilometros de norte a sul, 50 de leste a oeste, 3:000 kilometros quadrados de superficie e 50 mil habitantes. Quanto á população apenas se póde dizer que este calculo não estará muito longe da verdade; quanto ao resto o leitor poderá avaliar por si, consultando o mappa que publico feito

¹ A tribu dos cabindas não ficou toda comprehendida em territorio portuguez sendo a sua parte leste e um pouco da do sul sujeitas ao Estado Independente do Congo (vulgarmente Congo belga), conforme o estipulado pela convenção de 14 de fevereiro de 1885 com a Associação Internacional do Congo, antecessora d'aquelle Estado.

² E' uso chamar assim ao terreno, ao norte do Zaire, pertencente a Portugal, cujos limites são definidos pela convenção com a França de 12 de maio de 1886, e pela com o Estado Independente de 25 de maio de 1891.

pelos srs. João Francisco Nunes, commissario portuguez nas limitações do Congo com os representantes da França e do Estado Independente, e pelo seu companheiro Pottier de Lima.

Cabinda é essa formosa bahia limitada ao norte pela ponta de Cascaes e ao sul pela ponta do palmar ou das palmas, designações cahidas em desuso e hoje substituidas por ponta do sudoeste ou do *Táfe* a segunda e de *Chinkáto* ou de *Molembo* a primeira ¹; é a bahia dos almadias dos mappas de Diogo Homem e de Pigafetta. Por Cabinda se designava a povoação indigena de Porto Rico existente nos terrenos onde hoje assenta a moderna villa.

Este meu trabalho tem, de certo, lacunas que não me é possível preencher porque não estou no logar onde a observação as poderia completar; terá provavelmente erros a que não me foi dado furtar-me; mas não sei fazer melhor, e como os que sabem não vão lá estudar o assumpto na origem, o estudo comparativo, no gabinete, dos trabalhos publicados fará descobrir a verdade. E' apenas para contribuir como posso para esse *desideratum* que apresento este modesto producto do meu labor.

Junho de 1900.

¹ E' difficil o limite pelo norte do que seja bahia de Cabinda; a costa corre quasi sem recortes, formando apenas primeiro a ponta de Molembo e depois a de Landana, como as designam os europeus. Indigenas dos principaes e dos mais velhos, affirmaram-me considerar-se bahia de Cabinda toda a extensão até esta 2.ª ponta que chamam *Kumúngo-nhémbo*, sendo a 1.ª *Kumúngo-chinkáto*; ao paiz entre as duas pontas chamam *Nekóche*, e aos habitantes *bakóche*, emquanto que ao territorio Cabinda chamam *Negóio* e aos habitantes *bafiole* (5,52).

Nota — Os algarismos em *normando*, dentro de *parenthesis*, indicam as notas que, a proposito, o auctor entende *conreniente* consultar e que se acham na 2.^a parte.

PRIMEIRA PARTE

I

Historia

Em 1482 ¹ aportava Diogo Cão á margem esquerda da entrada d'um grande rio ²; era na bahia do Sonho (1), hoje tambem denominada de Santo Antonio do Zaire. Este nome do rio é a corrupção portugueza d'alguma das palavras que, nos dialectos da região, querem dizer rio, *N'Zári*, *N'Záli*, *N'Záli*, etc., conforme quem os pronuncia e quem os ouve e escreve. Fóra de Portugal esse grande curso d'agua é quasi exclusivamente conhecido por Congo, termo hoje geralmente adoptado, e até por nós quando não nos referimos particularmente ao rio; realmente este, os terrenos para norte e sul e enormes extensões para o interior, formavam o hoje decadente e reduzido reino do Congo.

Foi esta a primeira visita aos territorios que actualmente constituem o districto do Congo de que é capital Cabinda (2), povoação situada na costa, n'uma bahia ao norte da foz do Zaire 40 milhas. Não consta, porém, que os portuguezes n'essa occasião tivessem visitado tal bahia que fazia parte do territorio de *N'Gôio*, *Negôio* ou *Angôio* (3), uma das divisões, ou melhor condados á moda da Edade Media (4), sujeitos ao potentado *Mani-Congo* (5) como os antigos escreveram.

Segundo a tradição local, ha muitissimo tempo, em epocha quasi fabulosa, o paiz foi occupado por muitos pretos vindos do interior, d'uma distancia de mezes de viagem, da direcção que indicam mais ou menos ao rumo de ENE. Fica assim ligada a origem dos indigenas actuaes á invasão conhecida pela da familia *bantú* (6); veremos que costumes e palavras nos levam á mesma conclusão. Com o andar dos tempos e em virtude d'antigas, remotissimas até, luctas fraticidas, foram-se fragmentando e isolando grupos, um dos quaes, o de Negôio, povôa um diminuto territorio não limitavel

¹ Embora geralmente se refira o facto a 1484, parece averiguada como melhor a data que escolhi. (Luciano Cordeiro, *Descobertas e descobridores, Diogo Cão*).

² Collocado um padrão na ponta que fórma a foz pelo sul, deu-se por bastante tempo ao curso d'agua o nome de rio do Padrão, nome perdido ha longos annos. A respeito d'esse padrão vidê *Boletim da Soc. de Geographia de Lisboa*, 1892.

dos vizinhos, usando d'um dialecto que pouco differe tambem dos povoados proximos, terrenos e dialectos que se confundem por graus insensíveis, só dando differenças notaveis a distancias tambem notaveis, mostrando assim a mesma origem e os muitos annos que produziram as pequenas differenciações. E' assim que entre a linguagem de Cabinda e Landana (duas povoações do Congo portuguez afastadas vinte milhas proximamente), não ha maiores differenças do que entre as de Lisboa e do Barreiro, por exemplo; são simples differenças de pronunciação, d'illustração, de toada se quizerem.

E' ainda tradição local (e era muito mais viva em 1883 quando pela primeira vez fui a Cabinda, então ainda totalmente entregue a si, havendo como representantes da raça branca apenas alguns negociantes), que os povos do Zaire são antropophagos e que roubavam, matavam e comiam todos os cabindas que se aventuravam á navegação n'aquelle rio. Se, por um lado, as delapidações dos *muchicongo*¹ (*ba-kongo* (3) do delta do Zaire) são tão modernas que facilmente explicam o terror e a aversão que inspiravam, ha dez ou quinze annos, nos cabindas, por outro não foi pessoa alguma capaz de me precisar caso ou epocha de cannibalismo succedido no Congo, e desmentiram sempre categoricamente, mesmo os velhos, que houvesse exemplo de tal em terras de Negôio (N'Gôio). D'aqui talvez se possa concluir que a invasão dos Iacas, ou Jagas, que teve logar em grande parte do reino do Congo, não chegou até Cabinda. Mas visto que ella se deu (1558) já depois das relações dos portuguezes com o imperio Congoense, poderá suppôr-se que esses cannibae não tivessem chegado a Cabinda por esta ser na costa do Atlantico e portanto mais facilmente vigiada pelos navios portuguezes. Como, porém, a tradição mostra que, na costa mais ao norte, era praticado o antropophagismo, é licito suppôr que Negôio escapou á incursão dos Iacas por estar proximo da foz do Zaire, por onde elles desceram mas inclinando-se pelo interior para oeste até á costa do norte.

D'aqui e de casos semelhantes veio, me parece, o caracter aventureiro no mar, medroso na terra, submisso, docil e cobarde do indigena da região de Negôio, salientando-se tanto da altivez, valentia e decisão de povos relativamente pouco distantes, oriundos da mesma origem, seus parentes muito proximos.

Diogo Cão trouxe para Lisboa varios pretos do Congo que foram catechizados e baptisados, aprendendo tambem bastantes luzes de Portugal e sua lingua. Então foram estes indigenas carregados de presentes e repatriados n'uma esquadra de tres navios que saiu de Lisboa a 19 de dezembro de 1490, commandada por Gonçalo de Souza. Proximo das ilhas de Cão Verde foram as tripu-

¹ Por este termo designam os habitantes das margens do Zaire proximo da foz (não de todo o curso inferior nem das povoações afastadas das margens) embora pertencentes ao antigo reino do Congo; o indigena do antigo reino é designado por *kongo*, no plural *ba-kongo*.

lações dizimadas pela peste, morrendo entre outros o capitão, o que determinou uma arribada á ilha de S. Thiago; ahi a eleição substituiu o commandante por seu sobrinho, segundo uns, ou primo, segundo outros, Ruy de Souza que ia de passageiro na armada, a qual aportou á bahia do Sonho em 29 de março de 1491. Julgo que foi um destes navios, a *Nossa Senhora da Atalaya*, o primeiro que visitou Cabinda. D'estes factos derivaram os nomes para tres ruas da actual povoação, o do navio, o do capitão e o do rei D. João 2.^o

Durante muitos annos as rebelliões e guerras civis, as questões de descendencia e outras que assolaram o reino do Congo, as grandes distancias á capital, etc., foram pouco a pouco diminuindo a cohesão entre os varios elementos que o formavam; os governadores das suas provincias, quasi não sentindo o jugo real, tendo elles proprios velleidades de reinar, foram gradualmente emancipando se da auctoridade superior e criaram assim reinos com os retalhos do reino do Congo. Cada um d'estes novos reinos por sua vez se fragmentou em outros e, de divisões em divisões, o reino de Cabinda apparece de reduzidas dimensões e ha annos sem rei (■).

Na bahia de Cabinda estabeleceram os portuguezes uma feitoria¹ protegida por um pequeno forte; mas o negocio foi attrahindo mercadores estrangeiros, especialmente francezes, que nos foram guerreando, tentando até repellir-nos², pelo que em 1783 se tratou de construir uma fortaleza (o forte de Santa Maria de Cabinda) que, não estando ainda acabada em consequencia das doenças e mortes que muito dizimaram a guarnição, foi atacada (junho de 1784) por uma força naval de tres navios francezes, sob o commando do capitão de mar e guerra de Marigny, que a tomou por capitulação, mandando dismantelal-a. Não foi arrazada, como se suppoz e corre em livros antigos porque, quando, em novembro de 1893, se quiz fazer uma estrada para os carros melhor conduzirem material entre o ponto de desembarque e a actual fabrica e deposito de materiaes de construcção, ainda se encontraram muralhas bem conservadas, restos do fosso, corredores e tres canhoneiras para o lado do mar, tudo soterrado. Debaixo d'uma abobada encontrou-se um bloco que mostrava ter sido boa cal virgem que, com o tempo, lentamente se apagara e destruiu umas dezenas d'espingardas ali depositadas ou talvez escondidas, de cujos canos ficaram os moldes formando como que um grande favo. Tambem se encontraram bastantes ossadas de individuos da raça caucasica, masculinos, quasi todos adultos, não só dentro do forte, como, em maior numero, fóra do fosso, do lado do sul. Devo ainda fazer notar, a favor da hypothese de a fortaleza não ter sido demolida e arrazada pelos francezes, que a feitoria ingleza de Hatton & Cook-

¹ Ficava proximamente no sitio designado por Porto Rico.

² Ajudados por marinhagem de navios de guerra da sua nação.

son de Liverpool que, havia annos, se estabelecera na pequena elevação proxima e continuação da do forte, empregára bastante pedra e milhares de grossos tijolos que tirára das ruínas que em parte aterrára com os detritos para estabelecer um mirante onde cravára o pau da bandeira. Pois apesar de todos os vandalismos praticados para esta apropriação de materiaes, ainda, nas posteriores escavações a que me referi, encontrámos obras em bom estado.

Expulsos os portuguezes, tambem a breve trecho desapareceram d'ali os francezes ficando os indigenas entregues a si, mas não tendo Portugal desistido dos seus direitos de descobridor e primeiro occupante ¹. As coisas correram assim á revelia muitos annos, tendo sido a bahia theatro d'embarques de milhares d'escravos, sendo uma d'essas remessas voluntariamente acompanhada por Chico Franque e Manuel José Puna, filhos dos dois maiores potentados da localidade, que se destinavam ao Rio de Janeiro para serem educados pelos portuguezes. O capitão negreiro, faltando ao seu compromisso com os paes, entendeu melhor vender os filhos como escravos, conseguindo elles depois libertar-se com o dinheiro que o primeiro em si levára escondido e com o auxilio d'influencias e auctoridades portuguezas do Brazil. Tendo aprendido excellentemente a fallar, proceder, escrever e trajar á portugueza, os dois mancebos conseguiram voltar á sua patria pouco depois de declarada a independencia do Brazil, e tornaram-se os personagens mais importantes da localidade. Tudo isto me contou, com os olhos cheios de lagrimas, o bom velho Puna, feito barão de Cabinda e coronel honorario d'infanteria quando esteve em Lisbôa, onde foi, diz, tão obsequiado e bem tratado pelo fallecido rei D. Luiz que para sempre ficou seu amigo. Este excellentemente velho é muito dedicado aos portuguezes e muito reconhecido a todos com quem tem vivido; é um homem honrado, de bons costumes, muito bem educado e civilisado, mas, com a idade, vae decahindo nos antigos usos e crenças gentílicas.

Puna foi sempre muito grato ao fallecido Franque por o ter livrado da escravidão, e por isso lhe supportou muitos factos dignos de censura, quasi sempre acarretados por questões de familia e ciumes de preponderancia. Francisco Franque affeiçãoou-se um tanto aos inglezes, e mais ainda os seus parentes proximos, um dos quaes recebeu d'elles o nome de *King Jack* e outro o de *King Franque*, e foram contra nós em 1885 quando os outros quizeram o nosso protectorado; foram levados a isso por um ambicioso, Luemba Franque, que era induzido a tal por certos estrangeiros; este Luemba não é o que assignou o tratado, fugiu da localidade quando viu perdidas as suas esperanças, e os seus dois parentes de nomes inglezados deixaram de se nos oppôr.

¹ Este negocio foi regulado com a França pela convenção de 30 de Janeiro de 1786, servindo de mediadora a Hespanha.

O barão de Cabinda habita ainda no fundo da bahia, sitio de *Simelambúko*¹, uma casa de madeira com primeiro andar, já bastante estragada, situada em um outeiro e servindo de marca para demandar o fundeadouro. E' o *mambúko* mais antigo, pessoa de grande consideração para os indigenas (que vão abusando da idade e bondade do velho) e de respeitabilidade para os europeus. Seus filhos Vicente, ha poucos annos fallecido (1895), e João, foram educados em Portugal onde chegaram a fazer alguns exames no lyceu de Coimbra, deixando fama de valentes e athletas; dedicando porém pouca attenção aos estudos, recolheram a Cabinda. Vicente foi empregado de casas commerciaes, professor de primeiras lettras e, depois da nossa occupação, amanuense de repartições, mas finou-se pela doença do somno, tendo sempre conservado amor aos portuguezes e claros indícios de civilisação. João, o mais novo, pouco a pouco regressou ao estado selvagem, e hoje não é facil distinguil-o de qualquer outro cabinda dos menos civilisados.

Francisco Franque morreu antes da nossa moderna occupação territorial, e os seus parentes dividiram entre si os bens, nenhum conservando a auctoridade de que elle gosára. A sua casa, tambem de primeiro andar, ha muito deixou d'existir; vi-a em ruinas em 1883; era situada no plan'alto inferior ao outeiro onde hoje se acha a torre do relógio. Pertenciam-lhe os terrenos onde hoje ha a villa de Cabinda², e a sua povoação principal era a de Porto Rico, nome a que os roteiros e chronistas se referem e cuja praia é actualmente utilizada por nós.

Um sobrinho de Francisco Franque, de nome Francisco Rodrigues Franque, tambem conhecido por Chico Franque, preto esperto e com alguma instrucção, tornou-se negociante, adquiriu alguma importancia no sitio e quiz substituir o tio, para o que lhe faltavam os requisitos exigidos pelas leis indigenas. Foi muito a nosso favor, serviu d'interprete nos actos officiaes de 1885, e, decaindo pouco a pouco em prestigio e dinheiro, suicidou-se no dia 12 de março de 1895, com um tiro de espingarda no coração, como verifiquei, encostando o peito á bôcca da arma e desfechando com o pé. Interrogando varios pretos dos mais velhos, cheguei á conclusão de que em Cabinda foi este o primeiro suicidio por arma de fogo.

Não permittiam os inglezes que occupassemos a costa ao norte do Ambriz; tinhamos varias vezes, com acquiescencia e até a pe-

¹ Julgo que este termo, que escrevi como o ouvi, é uma corrupção do que devêra dizer-se, porque a alguns pretos ouvi que este nome quer dizer terra do *mambúko*; ora, a traducção de chão. terra, é *neci*. a proposição é *ia* ou *i*, e *mambúko* designa um elevado grau da nobreza indigena, d'onde me parece que o sitio deverá chamar-se *neci-i-mambúko*, ou *neci-mambúko*, e quando muito, *simambúko*.

² Officialmente foi-lhe dado em 1896 o nome de D. Amelia; ninguém, porém, conhece tal villa por este nome e continúa o uso exclusivo da designação anterior.

dido d'elles, feito a policia do baixo Zaire e da costa desde Ambriz até Mayumba, quando Stanley descia o Congo e Brazza alargava a colonia do Gabão. Este explorador estendia este dominio francez pela costa abaixo, passava Mayumba, comprava terrenos em Loango ¹ quando, fazendo parte da guarnição da canhoneira *Bengo*, ali estive em março de 1883. Brazza tentava então adquirir terrenos em Ponta Negra, onde se apresentava uma canhoneira franceza, com o nome apagado recentemente, que se dizia *Auriflamme*, commandada por Cordier. Suspeitamos que era a sua irmã gêmea, a *Sagittaire*, a cujo bordo se sabia andar o explorador italo-francez, que *assim diplomaticamente* se furtava ás visitas e reclamações dos commandantes dos navios portuguezes.

Aagitava-se a diplomacia europeia a favor do rei Leopoldo da Belgica e dos ambiciosos que o punham em evidencia; tramava-se o que depois fez a Conferencia de Berlim postergando os nossos direitos, desprezando as nossas allegações, etc., quando os principaes indigenas de Cacongo e Massabi se submettiam ao nosso protectorado.

Em Janeiro de 1885 as auctoridades indigenas de Negoio (N'Gôio) pediam o protectorado portuguez, e a corveta *Rainha de Portugal* tratou com elles ², no dia 1 de Fevereiro, o que consta do documento cuja copia authentica deixo transcripta (9). Tive o prazer d'assistir a esse acto verdadeiramente imponente no genero de taes reuniões a que chamam *fundação* (10), acto que coroou as diligencias do meu amigo (que o foi depois) Manuel Antonio da Silva, negociante muito da confiança dos cabindas, por cujo intermedio correram as negociações preliminares e a cuja influencia e bôa vontade muito se ficou devendo.

Dias depois installava-se em Cabinda a auctoridade portugueza com o nome de residente; em Fevereiro de 1885 ainda, a Conferencia de Berlim ³ reconhecia-nos a posse do enclave de Cabin-

¹ Foi protegido n'estes trabalhos por um portuguez (e só assim teria a facilidade que encontrou), negociante d'influencia nos indigenas, d'appellido Sabôga, que assim desejo que fique consignado no pelourinho da execração patria.

² Deve notar-se que esse tratado era feito com os representantes de todos os indigenas, com os chefes e grandes, trez dos quaes sabendo ler e escrever, e não como os tratados que a Associação Internacional, predecessora do Estado Independente, diz ter celebrado e que teem apenas as cruzes d'alguns chefes e dos interpretes e as assignaturas d'agentes europeus. Apenas dois principes subalternos deixaram de comparecer á nossa reunião, King Jack, habitando miseravel choça na ponta de Taffe, que fugiu mas mandou procurador, e Luemba Franque, que residia onde hoje se construiu o palacio do Governo e não é o citado no tratado; todos os outros membros da familia Franque nos eram favoraveis, só n'aquelles dois influiu o dinheiro do visinho feitor inglez.

³ O modo, verdadeiramente vergonhoso, como as nações ali reunidas desprezaram tantos direitos e tantas provas d'elles, offerecidos por nossa parte; como presentearam com o que não era seu quem teve influencia para torcer o direito; os successivos actos d'essa espoliação e as razões que militavam a nosso favor; tudo se encontra esparso por varias obras que facilmente podem ser consultadas. Mas, desejando arredar do meu estudo tudo o que se refira a

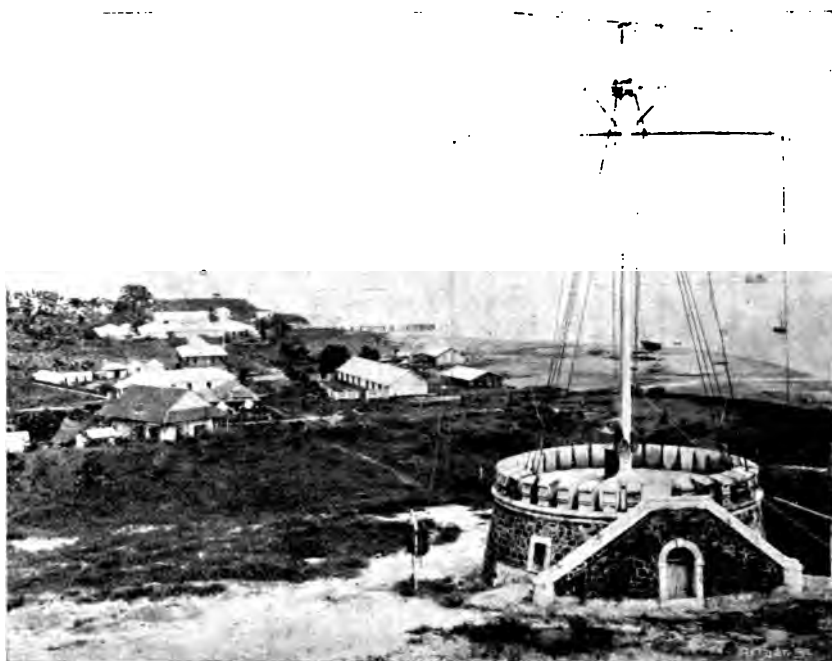


Fig. 1 — Praia vista de leste



Fig. 2 — Praia vista de Oeste

www.libtool.com.cn

—

da ¹ que, com outros terrenos ao sul e leste do Zaire, veio a formar o Districto do Congo; no dia 14 de Julho de 1887 chegava e desembarcava a expedição occupante de que fui medico, tomando posse n'esse dia ² o primeiro governador (11).

O diploma, pelo qual se constituiu o districto do Congo, fazendo parte da Provincia de Angola, é de 18 de junho de 1885, e o regulamento fundamental é de 31 de maio de 1887.

Não se indicou n'aquelle diploma onde seria a capital do districto; mas, ponderadas as razões, sobretudo politicas, com o concurso das qualidades do porto e vias de comunicação, fôra escolhido para tal fim o porto de Cabinda e dera-se começo ás construcções que os operarios, que nos acompanhavam, iam desde logo desenvolver.

Em poucos mezes todo o districto fôra officialmente occupado quasi sem emprego de força a não ser no Quicembo ³; nos territorios de Cabinda fomos recebidos verdadeiramente como amigos, confiando na nossa protecção contra questões previstas de successão e de partidos; os cabindas viam em nós uns libertadores, chegavamos a proposito para cortar questões e rivalidades intestinas que a falta de rei e a successão de Chico Franque começára e que a de Puna viria agravar. Demais, para o povo, apparecia-lhe de repente em nós uma verdadeira mina a explorar em todos os sentidos; a visinhança dos europeus é sempre muito desejada por estes pretos cujo espirito mercantil e a viveza natural os faz

politica e administração, nada mais direi. A obra mais desenvolvida que conheço, e escripta por pessoa que interveio por vezes nos assumptos que se referem ao Congo portuguez é *Um anno no Congo*, por Jayme de S. Forjaz de Serpa Pimentel, primeiro publicada em successivos numeros de 1899 da revista *Portugal em Africa*. Mas tambem será util outra pequena obra moderna, e tambem escripta por pessoa que viveu lá e andou envolvida em assumptos administrativos antes da pos-e do primeiro governador; é o *Esboço historico do Congo e Loango nos tempos modernos* (contendo uma resenha dos costumes e vocabulario dos indigenas de Cabinda) por José Emilio dos Santos e Silva — Lisboa — 1888.

¹ Todo o territorio portuguez ao norte do Zaire, comprehendendo os de Cabinda, Molembo, Cacongo e Massabi.

² Diz-nos o calendario que tal dia era o de S. Boaventura, o que aos crentes parecia ser de bom presagio para o districto, ideia que a decadencia precoce, já hoje bastante sensivel, se encarregou de desmentir. Chamou-se rua de S. Boaventura á estrada então já feita, a primeira rua no seu todo percorrida pela expedição que vinha occupar o Congo. Por uma das manias que ha annos perseguem os portuguezes, foi, annos depois, esse nome trocado por outro que nada exprime, pelo d'um governador que não se salientou dos outros; ainda os crentes poderão vêr no facto da mudança a razão da versatilidade da sorte do districto.

³ As difficuldades que os indigenas nos offereceram n'este ponto da costa, foram evidentemente devidas a instigações dos inglezes que ahi habitavam, regociando em feitorias ha bastantes annos, hanindo cuidadosamente de lá todos os portuguezes e pedindo o auxilio de navios de guerra da sua nação quando tinham que sustentar questões com os pretos; os navios inglezes por vezes pediam a nossa interferencia. E' o Quinsembo das cartas inglezas.

tirar d'ella grandes vantagens sem que pareça darem grande peso a humilhações.

Quando occupámos o Congo, residia em S. Salvador um verdadeiro selvagem no semblante, na linguagem, no gesto e no proceder; era o que os portuguezes conheciam por D. Alvaro d'Agua Rosada, um rei d'essa dynastia que acompanhára a decadencia do seu imperio negro e que começára em 1701 por D. Pedro d'Agua Rosada. Tive, infelizmente, occasião de lidar uns dias em Cabinda com esse pretalhão, denunciando fereza em todos os ademanes, com essa fera doente, desconhecendo e não avaliando todos os cuidados e commodidades que lhe proporcionei no hospital; e ainda mais farto fiquei da collecção de brutos que o acompanhava, dos grandes da sua côrte.

Foi o caso que no fim de 1894 o superior da missão portugueza em S. Salvador aconselhou a magestade negra a vir a Cabinda tratar-se e com ella desceu do sertão acompanhado de magna caterva de verdadeiros selvagens; acto a meu ver reprehensivel que nos podia ter originado bastas complicações. Primeiro foi preciso vencer a crença indigena de que o rei do Congo não deve ver o mar; depois teve necessidade o reverendo de se deixar acompanhar por grande numero de nobres, selvagens desconfiadissimos imaginando que se lhes queria raptar a magestade; emfim, lá viu esse sanguinario pretalhão para se tratar dos seus padecimentos. Muito antigos soffrimentos de urethra e de bexiga haviam produzido os seus effeitos até um grau avançado, e o rei não queria modificar o seu regimen nem abandonar as copiosas libações alcoolicas. Era preciso isolal-o do meio, sujeital-o a tratamento demorado e rigoroso; foi para o hospital de Loanda e d'ali para Lisboa, d'onde voltou melhorado em abril de 1895. Entrado de novo nos seus habitos e nos seus vicios, falleceu na sua capital aos 18 d'outubro do mesmo anno.

O seu successor que parece virá a ser D. Pedro VI, mas que por enquanto se chama Lélo, acha-se a educar na missão de Huilla e, tendo apenas nove annos quando foi proclamado rei, forçoso foi ficar o reino governado por um negralhão boçal que em tempos foi carregador de tipoia. Não sei até que ponto convirá abrir os olhos do reisinho á luz da civilisação, mas abundam os exemplos de nos ser prejudicial a instrucção que damos aos indigenas que mandam nos terrenos que consideramos nossas colonias; umas tinturas de civilisação parecem-me mais prejudiciaes para nós do que a simples boçalidade africana; o futuro dirá se é melhor não seguirmos os modernos exemplos das nações colonisadoras, e deixarmos-nos arrastar pela nossa sentimentalidade para um ideal problematico de illustração, d'amisade e de justiça.

II

População, caracter

Cabinda é uma terra muito populosa e não devia ter menos de vinte mil pessoas quando se fez a occupação; hoje a emigração e as doenças teem diminuido muito o numero, talvez reduzindo-o a metade, mas não ha elementos para um calculo, mesmo aproximado. Pelos caracteres morphologicos, querer ir na classificação dos negros de Cabinda até tal ou tal ramo do grupo *bantiú*, é tarefa completamente impossivel. Desde muito novo, 6 a 7 annos, o cabinda está prompto a emigrar para qualquer parte, a ganhar a vida fóra da patria; ahi conserva, ou pouco modifica, os seus costumes; onde os filhotes se juntam em grande numero, como em Loanda, agglomeram-se n'um bairro de que fazem uma especie de segunda patria; mas é sempre n'elles vivo o desejo de voltar a esta, quer por pouco tempo quer para se fixarem. E' tão trabalhador fóra da sua terra como mandrião n'ella (12); occupa-se sobretudo de serviços domesticos ou maritimos (13), mas sujeita-se a todos os trabalhos, mesmo áquelles que, entre os seus, são considerados degradantes quando executados em Negoio (os agricolas especialmente). Por esta fórmula, trabalhando, captivando, enganando ou furtando, em pouco tempo cada cabinda junta um peculio que envia para a terra ou que elle mesmo vae ali collocar.

Obtido certo capital, o cabinda fabrica uma casa á sua moda (14), e procura mulher com quem case (15), constitue familia, tambem á sua moda, e torna a emigrar para arranjar mais fazenda (39) etc., até que se julgue nos casos de satisfazer as suas pequenas necessidades; então repatria-se, vota-se aos prazeres e á quasi absoluta ociosidade.

Entre o que adquire nas suas peregrinações em busca da fortuna, não se esquece de preferir uma pequena escrava (37) que possa comprar na localidade onde presta os seus serviços aos brancos. Escolhe sempre uma criança do sexo feminino; criança, para ser menor o custo, do sexo feminino, para ser criada da sua mulher, e sobretudo porque são as mulheres e os filhos o que ha de constituir a sua principal riqueza (38). Essa criança, de tribu differente, sujeita a todos os usos e costumes *fiótes*, passa a fazer parte da familia cabinda, perde todas as nocões da sua tribu, embora conserve os seus caracteres de grupo. Chega-lhe a vez de ter filhos e transmite a estes, mais ou menos modificadas, as suas qualidades, as suas feições, os seus caracteres distinctivos que, pelas reproducções successivas, se vão abastardando, confundindo. D'este costume indigena resulta em primeiro logar o augmento da popu-

lação (coisa de capital importancia para os pretos, resultado provocado e favorecido por varios costumes e leis) mas resulta tambem uma confusão de características, um baralhar de caracteres que nos apresenta o cabinda como um individuo da raça negra, um *bantú* certamente, mas de tal modo abastardado que não se póde incluir n'esta ou n'aquella sub-divisão do grupo.

Ao lado do extremo prognatismo, raro, vê-se a maxilla regular; ao lado do preto franzino de fôrmas delicadas, o rapagão de fôrmas herculeas; ao lado da estatura meã a elevada, etc. Comtudo, ou porque predomine o numero de certos individuos, ou porque o clima, a educação, os usos, a abastança relativa, etc., modifiquem os typos, certo é que geralmente o cabinda está longe d'apresentar o corpo disforme de outros pretos com feitios tão diferentes dos dos brancos; é um homem regularmente musculoso, de fôrmas airozas quando ainda não velho; na rapariga cabinda encontram-se com frequencia figuras esbeltas, corpos modelados com elegancia sem auxilio d'espartilhos, etc., verdadeira mulher que chamariamos formosa se não fôra a côr e a carapinha.

As crianças teem uma figura miuda mas com o ventre bastante proeminente; o umbigo, geralmente saliente, n'uma ou outra vez herniado por defeito de tratamento nos primeiros dias de vida extrauterina; os olhos grandes, pretos, a flôr do rosto, muito vivos e meigos, guarnecidos de longas pestanas reviradas, são realmente bonitos; os cuidados, a amamentação, favorecem o desenvolvimento (30).

A mulher entrada ha pouco na puberdade, de côr poucas vezes bem preta, geralmente castanho-escura, tem mãos e pés pequenos, delgados, sustentando uns membros inferiores fortes, torneados, engrossando, do pé ao joelho pouco a pouco, e fortemente para cima até constituirem as nadezas volumosas; a bacia ampla, bem conformada na generalidade, termina se numa cintura delgada, quasi metade da bacia, e o tronco alarga-se rapidamente, formando um thorax desenvolvido, de seios conicos, rijos, proeminentes, com mamillos grossos, salientes; o pescoco, proporcionado ou antes um pouco desenvolvido, termina se por uma cabeça pequena, pouco dolicocephala ou arredondada, de orelhas curtas e delgadas, de nariz pouco achatado (às vezes perfeitamente caucasico, pequeno e proeminente), de labios não grossos, não raro mesmo bastante finos, sobretudo o superior, d'angulo facial pouco obtuso, regiões malares pouco salientes, olhos grandes, rasgados, em amendoa como vulgarmente se diz, palpebras delgadas, bem guarnecidas de compridas pestanas sedosas, sobrelhas accentuadas, curvas, e testa quasi sempre curta mas de bossas frontaes apreciaveis. Os membros superiores, raras vezes são fortes no sexo feminino; delgados, bastante compridos, mas torneados e abundantes de linhas curvas, terminam por mão breve, estreita, de dedos longos, articulações delicadas e unhas compridas e convexas. A estatura, de 1^m,50 a 1^m,70, nada offerece de particular, nem altera o typo accentuadamente femenil da mulher cabinda.

O homem é geralmente mais alto, com quanto sejam poucos

os de estatura elevada, ainda assim sempre abaixo de 1^m.90; no conjuncto semelhante á mulher, mas mais reforçado, tem o typo verdadeiramente masculino; o tronco não muito desenvolvido mas proporcional aos membros inferiores, poucas vezes é arcabouço d'athleta, no que é seguido pelos membros superiores longos como é proprio da raça negra. O homem é o typo reforçado da mulher; mais alto, mais grosso, não se lhe accentua porém uma tal superioridade de vigor que não seja, a distancia, facil confundir os sexos; o europeu pouco habituado, encontrará por vezes difficuldade na distincção, mesmo de perto. A quasi generalidade dos cabindas tem muito pouca barba, um ligeiro buço, poucos pellos na face proximo das orelhas; em alguns ha maior extensão da face com cabellos, e o bigode toma certo desenvolvimento; em raros a barba é completa. Tambem não abundam os pellos do corpo, excepto nas axillas, no pubis e do joelho para baixo; são poucos os exemplares de braços cabelludos e ainda mais raros os de pellos no peito.

Se é verdade, como diz a tradição, que foi grande a longevidade, não succede hoje assim. Duvido porém do que se consegue obter n'este caso das informações verbaes colhidas, e duvido porque o preto apreciava a idade apenas pelo aspecto senil, não contou o tempo da vida (34). Existe, sim, um ou outro cabinda de mais de 80 annos, como o bom barão Puna, sujeito forte, bem desenvolvido, solidamente construido e saudavel; mas isto é raro, e a generalidade dos pretos, referindo-se á idade de Puna, faz taes espantos que é licito suppôr que os exemplares assim são d'uma extrema raridade. São actualmente considerados velhos, e têm aspecto d'isso, individuos que o não pareciam poucos annos antes quando os vi pela primeira vez. O cabinda conserva-se infantil por bastantes annos, torna-se adulto em pouco tempo, envelhece de repente (14); e esse aspecto alquebrado, doentio mesmo, essa cabeça e barba bastante semeadas de cãs, essas rugas das faces, mais cavadas ainda junto dos olhos, essas conjunctivas oculares amarelladas raiadas de vermelho, essa pelle baça, escamosa, esse emmagrecimento, esse tremor de mãos, esse cansaço na marcha (coisa desconhecida nos novos), essa perda das forças vitales, especialmente da virilidade, esse embrutecer successivo e rapido; tudo isso é devido á idade? O homem assim é velho, pôde não ser edoso; é uma senectude como a dos 70 annos que vem dos 40 aos 50; o individuo está gasto pelos excessos venereos e alcoolicos, está velho pelo alcool de má qualidade em grande quantidade durante toda a vida, desde o berço ao tumulto (19). É uma velhice prematura; as suturas craneanas não estão completamente ossificadas, apesar d'esse facto ser precoce na raça negra; os dentes conservam-se todos ou quasi todos, e, nos poucos cadaveres que poude observar, os ossos, sobretudo o collo do femur, as cartilagens, as meninges, não denunciavam macrobios; eram a hypertrophia cardiaca, as lesões valvulares d'essa viscera, os atheromas das arterias, as scleroses visceraes, as lesões do alcoolico, que haviam tornado velhos os órgãos, dado o aspecto de

velho ao homem por cima do qual não haviam passado muitos annos de vida. Creio até que a maioria dos cabindas não vae além dos 50 annos d'idade; o alcool, a crapula, a satisfação desmedida de prazeres esgotantes, arruinam e matam todos aquelles a que os desastres, as epidemias, a ignorancia dos seus mezinheiros, os seus usos religiosos, etc., deixaram passar o periodo da maior actividade vital.

Vê-se, pois, que já estes factos, auxiliados por outros que irei enumerando, nos explicam porque a população pouco cresce, e por vezes bastante diminue, apesar dos cuidados dos governantes indigenas para que augmente o numero dos governados. Estes cuidados, que o estudo dos costumes nos faz crêr estarem longe de serem desinteressados e para bem do povo, manifestam-se em muitas circumstancias, mesmo tratando-se de negocios graves, como tive occasião de ver na celebre *fundação* do protectorado e ainda depois. Não se esqueceram então varios chefes de pedir que os brancos pozessem difficuldades ao verdadeiro vicio de emigrar que se apodera do cabinda logo em tenra idade, e frizaram um facto a que davam ainda maior importancia, a emigração das mulheres; queriam e querem elles que os brancos evitem totalmente a sahida das mulheres para outros pontos, coisa que lhes é impossivel conseguir, apesar de todas as difficuldades que têm inventado sob milhares de pretextos, coisa que as auctoridades europeas não pôdem razoavelmente evitar, coisa que mais e mais se tem desenvolvido por a cabinda ser a concubina mais facil d'obter e melhor para agradar (23). Mas este exodo da mulher prejudica a economia indigena por varios modos; ella deixa de cultivar a terra, o que não tem compensação nos haveres com que recolhe e que ganhou durante o exilio; adquire habitos de maior dispendio no vestir e no viver; deshabitua-se dos trabalhos pesados que, por costume, lhe estão reservados na familia; algumas vezes gera mulatos de que nem sempre os paes tomam conta e que não são appetecidos pela tribu (23); e, principalmente, fazem elles notar, deixaram uns annos de dar filhos pretos, facto da maior importancia para as familias e para os grandes (44).

O estabelecimento d'europeus em muitos pontos onde ha pouco não os havia; o augmento, rapidamente crescente, do numero de brancos; a fama justificada dos cabindas para os serviços caseiros; e a falta, quasi total, de mulheres brancas; tem determinado, nos ultimos quinze annos, extraordinaria procura de cabindas dos dois sexos para pontos os mais differentes, para logares onde não se ouvira falar de taes pretos, para sitios onde elles vão substituindo todos os outros no serviço dos brancos, mercê da sua docilidade e aptidões, mercê das boas qualidades para o serviço, que tanto mais e melhor se manifestam quanto mais afastada da patria é a localidade para onde emigraram. O *fiôte*, com a sua esperteza innata e com o seu systema d'amplas informações (42), sabe bem como e até onde pôde agradar ao branco, como por essa fôrma é facil explorar o, como se lhe torna o companheiro das laboriosas occupações, e como d'ahi lhe vem uma protecção lata e poderosa

contra as necessidades e contra os outros pretos, tutoria que o cabinda tem na maxima consideração para sua segurança e para seu interesse.

O europeu, e especialmente o portuguez (30), se não por qualidade propria do seu character ao menos pela necessidade que o habito lhe faz conhecer e avaliar, cumpre religiosamente o que vocalmente combinou com os pretos que o servem (15); é, muitas vezes mesmo, enganado e explorado pelos proprios pretos e até por outros brancos (13), mas faz que não percebe o logro ou o furto quando não tem dados e argumentos com que o prove, convencendo, segundo as leis indigenas a que n'estas relações tem de sujeitar-se (51). Não succede assim com o cabinda: por todos os modos emprega a sua astucia com o fim de enganar nos contractos; sophisma tudo o que pôde pelo modo que maior interesse lhe dê contra o branco¹; recorre a subterfugios, que facilmente lhe acodem e rapidamente executa, para se eximir á responsabilidade d'um facto, para o lançar á conta d'acaso, etc.; e, se d'outro meio não se lembra a tempo, nega, nega, nega sempre, nega apesar de tudo, o que faz desesperar o branco que manifesta a sua colera por palavras ou por aggressão; é o que o cabinda quer; desde esse momento o europeu não pôde levar a sua causa perante a justiça indigena (60).

O cabinda é geralmente cobarde, não responde a uma aggressão, tornea as difficuldades e os perigos sem nunca os encarar de frente; com uma paciencia acima de toda a medida, espreita a occasião de fazer o que pretende ou de conseguir o que deseja; é tenaz e dissimulado até ao ultimo extremo; mesmo convicto de que é falso o que diz, mas vendo que isso lhe é util, mente com o maior desassombro, sem que no rosto denuncie a menor alteração. E' -lhe assim facil enganar o europeu, ficando ainda no goso de certa confiança e, quanto mais e melhor o enganar ou o roubar, maior será a consideração em que será tido pelos seus, mais provas terá dado da sua esperteza, maior será o seu valor; poderá qualquer outro cabinda vir a conhecer o facto, poderá até ter meios de o provar, nunca denunciá-lo perante um europeu outro indigena; mas, se os mesmos actos prejudicarem um preto em vez d'um branco, irá, na maioria dos casos, fazer a denuncia para colher o premio. Esta differença prova bem o odio de raça que em muitos casos se manifesta: assim, se o logro ou o furto, em vez de feito a branco fôr a preto, o cabinda será castigado, ás vezes até com rigor demasiado, soffrerá a desconsideração dos seus, será obrigado a dar indemnisação, grande relativamente.

¹ E' muito mais cauteloso quando o contracto é com outro cabinda, porque então o caso é serio, pôde até ser grave; com os brancos não succede o mesmo porque, tratando-se geralmente de coisas para o europeu insignificantes, não vale a pena gastar o tempo necessario para proceder, com todo o cerimonial e delongas, á prova do delicto e á recepção da indemnisação arbitrada.

Um prejuizo ou um furto causado a um branco é considerado acto meritorio, applaudido, motivo de riso, de facecias, de canções até; a familia participa do regosijo e prestigio que advem ao criminoso. Se porem ha indicios de que o europeu vae além das desconfianças, se sabem que descobriu alguns indicios, são até os parentes mais proximos que vêm apresentar o criminoso; com isto obteem para este uma lição para o tornar mais cauteloso no futuro, procedendo com mais arte, e conseguem, pedindo clemencia, que o patrão perdôe, no todo ou em parte, o damno causado; é ainda um modo de enganar o estrangeiro, e ficarão álesta para ajudarem o preto a praticar depois actos semelhantes, para mais facilmente poderem conhecer se o branco nutre novas suspeitas, e, em ultimo caso, para favorecerem a fuga do parente, encobrando-o, negando a sua presença, etc.

Dados os costumes indigenas, a fuga é sempre facil, executa-se por qualquer coisa, é um meio sempre á mão, e quasi sempre seguro, de se furtar a qualquer coisa desagradavel, incommoda ou perigosa. Do serviço do europeu o cabinda foge constantemente, foge pela razão mais simples, foge até sem motivo apparente: n'este ultimo caso algumas vezes é por estar aborrecido e desejar mudança de patrão, de serviço, de localidade; mais vezes é para ir ter mais interesses n'outro ponto ou para se furtar a responsabilidades contrahidas n'aquelle logar para com outros indigenas; mas, em grande numero d'ocasiões, é porque foge a castigo merecido por furto ou logro praticado para com o europeu, coisa que este ainda não sabe, que ás vezes até não virá a saber, mas que o fugitivo desconfiou que começava a ser descoberta; em outras é porque adiantadamente recebeu valores que representam o pagamento de serviço ainda não feito; é outro meio de ludibriar o branco.

O cabinda foge d'um logar onde haja bastantes exemplares d'uma mesma doença, sobretudo se esta é a variola, que lhe produz verdadeiro terror. Foge se o seu superior, pae, tio ou principe, é muito exigente em qualquer coisa; foge se se julga bulhento, questionador ou caloteiro; foge ao credor, foge do inimigo, foge sempre que se lhe afigura que vae soffrer seja o que fôr. foge até de feitiços que a sua imaginação criou (123), quasi pôde dizer-se que foge pelo prazer de fugir. Muda-se ás vezes só para centenas de metros de distancia, muda-se para terras subordinadas a outro chefe, muda apenas de localidade, expatria-se até por annos, voluntariamente; mas, n'este caso, recolhe com cuidado tudo o que pôde saber por novos emigrantes e, quando julga conjurado o perigo, volta á sua povoação; ás vezes, porém, julga mal, porque a impaciencia de voltar não lhe deixou pesar bem as probabilidades d'escapar áquillo que o fez fugir.

Realmente, o amor pelos parentes é tão fraco, a amisade pelas outras pessoas é tão pequena, os haveres são tão mediocres, a casa é tão sem valor e tão facil de refazer, as necessidades da vida tão rudimentares, que nada parece mais facil do que abandonar tudo para ir viver em outro sitio; nos cabindas só é pro-

fundo o amor patrio, só é arreigado o gosto pelos seus costumes, só é ideal a ociosidade e o prazer; toda a vida pensa n'isto, todos os meios são bons para conseguir estes fins, e são tanto melhores quanto mais rapidamente se attingir o desejado. Não ha pois virtude nem honra, não ha brio nem dever; ha interesse ou medo, vaidade ou prazer.

Costumâmos gostar dos cabindas por os vêmos procurando em tudo a nossa protecção, temol-os por umas creanças grandes; são realmente muito aproveitaveis para varios serviços grosseiros em que os empregâmos; são doces por medo e calculo; são auxiliares uteis, mas não devemos depositar n'elles a minima confiança, principalmente quando as circumstancias lhes possam fazer crêr na impunidade.

O cabinda é muito differente na sua terra ou fóra d'ella; quanto menos tem a temer peor é; arrogante e forte, até á crueldade, com o fraco, é submisso, servil, baixo com o forte; d'apparencia franca e genio moderado e soffredor como parece, torna-se despota, falso e traidor sempre que póde. Tenaz e paciente com a mira no que deseja, soffre as maiores humilhações, parecendo até não dar por ellas (163), comtanto que se approxime do seu fim; mas se, para o conseguir mais depressa, se apresentar occasião de proceder d'outro modo, furta, intimida o fraco, ameaça, aggride mesmo, comtanto que esteja convencido de que d'isso lhe não resulta mal.

O negocio é o seu forte, tudo lhe serve para trocar; até vende a virgindade das filhas e das irmãs (116), e vende-as a quem dá mais (27), offerece-as a quem vê que lhe poderá pagar melhor (26). Explora a vaidade, os maus instinctos ou os vícios que encontra, joga sempre que póde, bebe sempre que tem; presta-se a attentados contra a natureza, quer pela fórma activa, quer, especialmente, pela passiva; é sobretudo um ladrão emerito e impenitente (21).

Quando novo, quasi todo o cabinda é vivo, esperto, sagaz mesmo; aprende com vontade, deseja saber (63) para mais facilmente adquirir, para mais se elevar entre os seus, para mais facilmente dominar o que puder, conseguir os seus fins, obter os meios de mais cedo ficar ocioso e regalado. E' um homem pratico e moderno, como se costuma dizer de certos brancos que em muitos pontos com elle se parecem, até na grammatica e na syntaxe das respectivas linguas. Outro ponto que muito os aproxima é o gosto que os cabindas teem pelo mar, bem denunciado na significação que ligam e na expressão com que acompanham a certas phrases: assim *preto do matto* (pronunciando com desprezo) é preto selvagem, sem qualidade alguma boa ¹, muito infe-

¹ Tambem dizem : *baranco do matto* (branco do matto) quando se referem aos novos dominadores do Zaire, com que muito antipathisam.

rior ao *fiote*; *cabinda d'agua doce* (com ar de troça), é cabinda de fraco valor, pouco aproveitavel, ignorante; *cabinda d'agua sargádo* (com expressão da vivacidade velhaca), ou *macaco velho*, é cabinda quasi á altura do europeu, que póde prestar muitos serviços, preto sabedor, experimentado. Realmente são atrevidissimos nas suas pequenas embarcações (66) em que andam com todo o tempo e em todas as edades; tripulam palhabetes e outros barcos costeiros em que, sem auxilio de qualquer europeu, sobem o Zaire, navegam na costa até muitos dias de viagem para sul e norte¹, tripulam os escaleres dos brancos na provincia d'Angola e na de S. Thomé, auxiliam as guarnições dos nossos navios de guerra em estação, servem de chegadores em varias machinas maritimas, removem carvão, ajudam na carga e descarga nos paquetes e, n'estes como em outros navios, prestam-se a vir a Portugal (64), e mesmo a Inglaterra (conheci cinco exemplos), contanto que a ausencia não seja prolongada. Mas se repararmos em quanto é manso o Atlantico ali, no equador, o que elles veem e conhecem, o chamado *mar das patas*, e se soubermos que extraordinaria confiança depositam no saber dos europeus, admiraremos, menos que os outros pretos, a audacia dos cabindas no mar e poderemos suppôr que elles terão medo de navegar n'outras condições² ou muitos dias sem ver terra.

No conhecimento do seu paiz e dos seus usos e leis, no das profissões que mal exercem, julgam-se uns sabios e sorriem-se com desdem de que haja europeu que possa saber mais; fóra porem d'isso, em todos os outros ramos dos conhecimentos humanos, reconhecem a superioridade do europeu (30), admiram o que vêem produzir ou conhecer³, mas não que se produza ou se conheça; todo o branco, creem, sabe tudo o que o preto não sabe, e só não executa o que pretende quando não quer; ha umas excepções a esta regra, o branco não sabe deixar de adoecer nem dar vida aos mortos ou deixar de morrer. Suppõem que os brancos teem meios mecanicos perfeitos e expeditos, para fazer tudo e que não lhes ensinam o que não querem que elles saibam; esta

¹ Raras vezes perdem terra de vista e, quando é necessario bordejar, não se afastam da costa mais de 12 a 15 milhas.

² Numa viagem que, em 1884, fiz na corveta *Rainha de Portugal* até 32° de latitude sul e muito para oeste do cabo da Boa Esperança, iam uns 30 cabindas que costumavam fazer o serviço das embarcações miudas da corveta na estação naval d'Angola; experimentados pelo mar logo ao sul de Mossamedes e depois quando atravessámos para a terra que tínhamos por 27°, sem que o temporal fosse tal que qualquer dos portuguezes desanimasse, tive occasião de ver os cabindas perdidos de medo, escondidos nos corredores á volta da casa da machina por causa do frio, não se levantarem nem apparecerem no convez, mal comiam, estavam totalmente desanimados, quasi mortos de medo, indifferentes a tudo, embora não enjoados.

³ Espiam cuidadosamente o que se passa, fazem até perguntas para se instruirem, tentam depois executar, imitam bem, tudo com a mira em se aproveitarem, para os seus fins, da superioridade que esses conhecimentos lhes dão sobre os proprios conterraneos.

opinião vem provavelmente do conhecimento que teem de certas machinas de que sabem usar, como as de vapor, as de costura, as do fabrico de telha e tijollo (que veem lá funcção na fabrica do governo), as locomotivas, as metralhadoras, os relógios, etc. Contribuiu muito para me grangear consideração o facto de me verem tirar pintos com uma chocadeira.

Ha indigenas bastante espertos, intelligentes mesmo, e todos esses ou quasi todos são adivinhos, feiticeiros ou cirurgiões segundo o seu modo de ver muito differente do que é entre nós (70). D'ahi vem o respeito pelos padres e medicos europeus, ou antes medo, receio de que esses individuos se sirvam dos superiores e desconhecidos meios d'acção que de certo devem possuir e que podem empregar em prejuizo do preto; procuram com mais empenho agradar aos individuos d'essas classes, fazem-lhe menos partidas, mas não deixam de ceder uma ou outra vez á tentação de os ludibriar, apesar de tudo.

O cabinda é geralmente sobrio na comida, mas bebe bastantes vezes mais do que póde; sujeito ao poder do alcool é quasi sempre alegre, bonacheirão, comedido, raras vezes bulhento, não sei se alguma vez sanguinario; se é verdade que *in vino veritas*, devemos acreditar que, apesar de todos os defeitos d'educação, o caracter é bom, manso, ordeiro, mas sempre velhaco, falso, covarde. Não tem estofo para heroe; obrigado, por correcção, a assentar praça ¹ faz serviço como os outros pretos, deserta se póde fazel-o a salvo; levado para a Guiné ou Moçambique, o que considera o maior castigo que o branco pode dar-lhe, receiando mais estar só com pretos desconhecidos do que com os brancos, não foge, bate-se se é forçado a isso, mas fal-o *modestamente*.

Achar é o seu forte, é a mais appetecida fonte dos seus haveres, quer o achado seja devido ao acaso quer aos seus manejos e disposições (71). Não me refiro ao costume de confundir achar com furtar: todo o preto d'esta tribu dirá que o cabinda não furta, acha; refiro-me realmente a encontrar o perdido. Se encontra esquecido ou abandonado qualquer objecto, apropria-se d'este e não procura o dono: nega mesmo que o tenha encontrado e desfaz-se d'elle para longe, por venda ou em troca de serviços recebidos ou que espera receber; só restitue se tem suspeitas mais ou menos

¹ Tem horror pela vida militar de terra e pelos que a exercem, sobretudo sendo pretos; e tem razão, força é confessal-o; o soldado d'Angola, ou preto ou branco (deportado ou degredado), é um mau exemplar da disciplina, abusa sempre da influencia da farda e do armamento para commetter toda a qualidade d'extorsão e até muitos crimes, grande numero de vezes ignorados por se passarem fóra da vista dos officiaes; alguns d'estes casos teem dado origem a rebelliões e a guerras, como succedeu no plan'alto de Mossamedes e em tantos outros logares; é esta talvez a origem de quasi todas ou mesmo de todas as insubordinações e revoltas dos africanos contra os europeus.

Pelo contrario, com a gente do mar os cabindas sympathisam muito; um marinheiro é um amigo, é uma mina a explorar na bolsa, nos ensinamentos, na companhia a bordo e na orgia em terra.

fundadas de que o possuidor saiba que foi elle o achador. Muitas vezes tapa, encobre um objecto para o fazer esquecer, ou muda-lhe de lugar, vae afastando-o mais e mais de dias a dias até o tomar para si; é o processo que mais trivialmente emprega para furtar ao europeu pequenos valores. E' dono do objecto arrojado á praia quem primeiro lhe deitou a mão; não sei se serão capazes, mas julgo que sim, de provocar para isso naufragios, como a historia diz que faziam ha seculos aquelles europeus com que teem tantas qualidades communs.

Imita os europeus em todas as coisas que não vão contra os seus costumes a que dá apreço, mas perde estes trocando-os pelos dos brancos se os julga mais proveitosos; não raras vezes o criado imita perfeitamente o amo no fullar, no trajar (39), no andar, em toda e qualquer maneira de ser que, por fóra do usual, lhe provoca a attenção; á custa d'isso diverte os amigos e diverte-se.

Geralmente de genio folgasão, muitas vezes cantando (41), faz todo o possivel por levar vida folgada; poucas coisas o entristecem devéras, é uma excentricidade rara o suicidio (42); das coisas que mais cuidados dão aos europeus, umas desconhece-as, outras não lhe dão abalo e as outras sente-as muito menos do que nós. A par d'esta falta de sensibilidade moral, notei muitas vezes que tambem é diminuta a sua sensibilidade á dôr physica: uma doença dolorosa, uma queimadura, um golpe, uma operação sangrenta, não lhe despertam crises nervosas nem grandes manifestações, quasi só a quietação e o mutismo (em todas as outras circumstancias nada habituaes) denunciam tal facto.

A vivacidade é grande, semelhante á do macaco; a intelligencia, por excepção desenvolvida, é por excepção mediocre (43); este indigena é maior numero de vezes esperto, ladino, do que obtuso ou bronco; n'isto influe muito a idade. D'um modo geral pôde dizer-se que toda a criança é viva e esperta; o adolescente aprende facil e rapidamente; o discernimento dentro do seu limitado meio é grande, o adulto novo é perspicaz; mas pelos trinta annos, ás vezes antes, vae embrutecendo, nada mais aprende, desinteressase de quasi tudo que não seja da simples vida animal, retrocede rapidamente; pelos quarenta annos é boçal, descuidado, indifferente a quasi tudo, um inutil.

A gratidão, julgo, é qualidade desconhecida: acceita-se o favor ou o serviço sempre, agradece se com palavras ás vezes e fica-se quite assim, não se procurará pagar com outro a não ser que se calcule haver n'isso interesse futuro. A amizade é pouco frequente e pouca intensa, as circumstancias, que não os sentimentos, ligam e desligam os individuos. O amor... esse, coitado!... não ha amor pelos outros parentes nem pelo pae, o pouco dado á mãe diminue na inversa da idade, e ao sexo differente... se não é impulso sexual de pouca duração, é interesse, é negocio.

III

Clima

Correntes atmosphericas. — Variando d'intensidade e direcção pelas causas communs a todos os logares, são a maior parte das vezes brandas e mudam com uma constancia notavel, excepto em occasião de trovoadas em que percorrem então toda a rosa dos ventos. Estes, mais moderados na estação (1888) do cacimbo do que na das chuvas, apresentam geralmente a mesma direcção ás mesmas horas todo o anno: a uma calma quasi completa, segue o sudoeste muito fraco, que pouco a pouco vae augmentando de força, para depois abrandar e desaparecer, dando-se ou não um pequeno intervallo de calma até soprar o sueste; o primeiro vem do mar, o segundo da terra; começa aquelle pelas 10 ou 11 horas da manhã, este pelas 7 ou 8 da noite; a calma constante é das 7 ou 8 da manhã ás 10, a variavel pelas 6 da tarde. É uma felicidade para os habitantes esta quasi permanencia de vento, especialmente na estação quente, o que bem sensivel se torna quando, por occasião de trovoadas, cessa a corrente aerea e a atmospherica se torna suffocante.

Uma trovoadas não altera só a direcção do vento mas tambem a sua força e duração; aproximando-se a trovoadas, refresca primeiro o vento que fazia, depois acalma quasi de repente; quando ella está muito perto, começa o vento d'onde ella vem, enrija rapidamente, até adquirir força desusada, por dez a trinta minutos; repentinamente cessa, ao começar a chuva forte, e assim se conserva horas, de quando em quando alguma bafagem, para só voltar um dos dois triviaes, á sua hora do costume e mais fraco do que de costume.

O sudoeste é fresco, agradável sempre; o sueste, a principio quente, vae sendo mais fresco a pouco e pouco, e é mesmo frio de madrugada. Se todo o vento é humido quando muito choveu, fazem differença quando não houve chuva; o do mar, sempre humido e fresco, tempera a ardencia do ar, facilita a respiração, agrada; o da terra, muito secco na estação quente, só não desagrade por facilitar a evaporação do suor que abundantemente escorre pela pelle; mas, bastante humido na estação fresca, mais faz baixar a temperatura, desagradando.

Humidade. — Que é muito humida Cabinda, tudo o prova; a ferrugem mostra-se com velocidade pasmosa, fórma grossas camadas, ataca, corróe, destróe em pouco tempo qualquer objecto não protegido: um canivete de cabo d'osso, que abandonei aberto uns quatro mezes n'uma gaveta, criou tanta ferrugem nas porções

metallicas das costas e eixos que se deformou totalmente, fazendo estalar o osso do cabo em varios pontos. O calçado guardado nas malas enche-se de bolor; exposto ao ar, no quarto, cobre-se de bolor ao segundo dia, no fim d'uma semana parece que tem pello verde d'alguns millimetros de comprimento. Os livros criam rapidamente forte cheiro a bafio, as photographias mancham-se por mais guardadas que estejam, certos papeis chegam a parecer que foram molhados. A roupa branca enche-se de mofo e caruncho, a de lã como que apodrece, como que endurece e se torna quebradiça. E' curioso um facto que bastantes vezes se observa na epocha das chuvas: despido, ao deitar, um casaco de flanela fina, deixado no quarto da cama aberto nas costas d'uma cadeira, de manhã não se pôde vestir por dar a sensação de ter sido molhado.

A humidade do terreno é espantosa, quando o sol não o calcina; a extraordinaria força vegetativa (■ ■ ■) bem o mostra; dentro d'uma floresta não percorrida, depois d'uns poucos de dias de sol torrido, a espessa camada de folhas mortas que cobre o chão não arde por mais diligencias que se façam; consegue-se queimar as folhas superficiaes, mas o fogo não lavra, abaixo de um decimetro nada arde.

A comparação dos thermometros secco e molhado bem demonstra a humidade; é tão insignificante a differença nas escalas que o grau da humidade é muito proximo da saturação.

O *cacimbo* se chama á estação fresca, não porque haja nevoeiro, que é excepcional, mas porque toda a noite é tal a humidade do ar que as plantas escorrem, o fato vestido quasi que se ensopa, dos telhados pingam grossas gotas d'agua. Durante a chuva e as primeiras horas depois d'ella, a humidade é tanta que tudo parece escorrer; mesmo dentro de casa, o tacto descobre facilmente agua sobre todos os objectos; e, como por mezes a chuva se repete com intervallos curtos, pôde dizer-se, exagerando um pouco, que se vive bastante tempo em um banho, o que a abundante transpiração, correndo ao longo da pelle, faz parecer menos illusão.

Temperatura. — A' sombra, na estação fresca, o thermometro raro excede 18° centigrados de dia; na quente quasi sempre se mantém na terceira dezena; na primeira estação as oscillações diurnas são lentas e em limites não muito afastados, poucas vezes descerá de 8°; na segunda desce geralmente ainda menos, mesmo de noite ha calor, mas dão-se variações bruscas, por vezes extraordinarias; se nos mezes mais quentes, janeiro a maio, pairam perto duas ou tres trovoadas, a atmospherá torna-se asphyxiante, o sol torna as casas em fornalhas que, por falta de vento, não refrescam. N'estas condições notei a 10 de março de 1888 o seguinte: pelas tres horas da tarde, á sombra, o thermometro marcava 34° centigrados; ás 8 da noite já chovia havia tempo bastante e o thermometro dentro de casa marcava 30°; continuando a copiosa chuva sem vento, o thermometro foi descendo até 6° ás quatro horas da madrugada; parou a chuva ao nascer do sol, pelas seis horas, calma completa e o mercurio subindo; ás dez da manhã

marcava novamente 30°, quando o bemfazejo sudoeste nos poz ao meio dia a 24°, um consolo... relativo.

Porque é preciso notar-se que, por causa da muita humidade atmospherica, a sensação thermica é muito maior em nós do que só o grau thermometrico faria suppôr: uma temperatura de 24° á sombra lá, custa mais a supportar do que a de 32° em Lisboa; a transpiração enfraquece, não refresca; forma-se abundantissimo suor que escorre ao longo do corpo, que pinga do nariz do branco sentado e quieto, mas quasi nenhum se evapora e portanto não refresca.

Trovoadas. — E' facto constante que é pelo nordeste que comecem a desenharse, bastantes dias antes de se ouvirem em Cabinda, e ainda muitos mais dias antes de se aproximarem; quando o sol vae em declinação, vê-se uma nuvem grossa, arredondada no contorno e avermelhada, estreita em relação ao comprimento que mostra desde a terra onde parece assentar, elevando-se para o zenith e assim crescendo até desaparecer no escuro da noite, para não se vêr de manhã e apparecer e crescer na tarde seguinte, mas crescendo cada vez mais, deixando vêr relampagos ao começo da noite, apparecendo cada vez mais cedo e maior, até que um dia se ouvem os trovões longinquos e cada dia mais perto, até se declarar a primeira trovada (1889). Varia d'ahi por diante a direcção de que ellas chegam, mas predominando sempre esta origem. Como se em paiz onde tanta doença manifesta a fôrma intermitente quotidiana, a trovada tambem fôsse influenciada pela mesma causa, raro será que, aproximando-se cada dia mais, ella não comece em periodo regular; se do primeiro para o segundo dia se atrasou ou adiantou, por exemplo duas horas, nos dias seguintes atrasará ou adiantará as mesmas duas horas, isto durante quatro a oito dias até áquelle em que se tornará imminente, descarregará fortemente para se dissolver ou fragmentar, dar um periodo de repouso até que volte a aproximar-se de novo com fôrma intermitente, mas de periodo diverso.

Este começo que descrevi, este aproximar, esta periodicidade, este fim, este periodo de descanso, não são simples casualidades, observei-os durante nove annos como os descrevi, com alguma excepção rarissima, que se dá só quando a direcção do inicio não é de nordeste. Porque, na estação das chuvas, as trovoadas são muito frequentes, excepto em janeiro, e pôdem chegar de qualquer dos rumos, embora mais frequentes de nordeste a sudoeste, que é o lado do continente; algumas vezes, porém, chegam de oeste ou norte, menos do sul, mas então a chuva é torrencial e mais demorada.

Não é excepcional ver relampagos em tres quartos do horizonte; não é raro estar-se entre tres e mais vezes duas trovoadas; é frequente ter alguma imminente. Quanto á duração, vae desde alguns trovões, o que é raro e só quando acompanhada de vento muito violento, até cinco e mais horas, o que é já pouco usual. Quanto á intensidade tive occasião, n'uma noite de março de 1889, de contar trinta e cinco minutos em que quasi não deixou de ha-

ver luz de relâmpagos, e de mais de dez minutos em que não cessou o ruído dos trovões, quando quasi não se ouvia já um, estalava outro; é verdade que, n'esta occasião, tres enormes trovoadas tinham-se dado *rendez-vous* perto das nossas cabeças.

Felizmente as descargas electricas são quasi sempre entre as nuvens, mas não deixa de succeder todos os annos cair uma boa porção de raios, quasi sempre nas arvores, dando poucos, raros mesmo, desastres pessoaes, de que ainda assim ha noticias; d'uma vez quasi presenciei ser fulminado um preto por inducção (caminhava sobre extensa linha Decauville); d'outra vez vi uma coisa curiosa: sem que se notassem indicios de trovoadas, uma nuvem rasteira, pequena, clara, caminhava rapidamente do sul para norte; passando por cima d'uma casa commercial em cujo tecto trabalhavam alguns pretos, fel-os cair, e 150 metros mais além, em ponto mais baixo uns dez metros, deu uma faísca que destruiu o cunhal d'uma casa de madeira menor do que a outra, sem que ninguém ouvisse som de trovão, nem eu que passava a cem metros, nem as pessoas que estavam n'uma casa distante da fulminada uns quarenta metros, na direcção seguida pela nuvem, e que nada soffreu.

Que a trovoadas vae estar imminente conhece-se por um forte vento que nos chega da direcção onde a vemos; as nuvens, escuras, baixas, contorcendo-se, lançam as primeiras gottas d'agua, poucas mas muito grossas; rapidamente o vento abranda e acalma, ao mesmo tempo que se ouve de muito longe o ruído da chuva que immediatamente começa a cair em torrentes; relâmpagos e trovões sentem-se quasi ao mesmo tempo e a curtos intervallos que vão successivamente augmentando; o barulho vae se afastando lentamente; a chuva continúa desmedida por horas, a atmosphera torna-se suffocante; a trovoadas ouve-se já muito ao longe, a chuva diminue pouco a pouco até cessar, deixando tudo encharcado, as hervas prostradas, o chão cavado de sulcos, e uma grande quietação na natureza; de vento nem uma aragem.

Chuva. — Esta designação não se applica lá ao que entre nós é uso chamar chuviscos, chuva de molha-tolos e mesmo um pouco mais. Só d'ahi por diante se applica tal nome, e d'ahi até uma violencia desconhecida cá, chuva como a simulada nos theatros, verdadeiras fitas liquidas, não gotas, contra as quaes não ha abrigo de chapéu que sirva, que deixam vermelha a pelle onde batem, que formam tal espessura que não permite distinguir as feições do passeante a algumas dezenas de metros em pleno dia; pleno, é modo de dizer; comquanto acima do horisonte haja sol, a claridade chega a ser tão pequena como a d'um crepusculo; ha assim verdadeiras horas soturnas.

São raros os aguaceiros, ou só os ha dos mais pesados; não dura a chuva muitas horas com a mesma violencia; chovendo só quando ha trovoadas, a d'arrazar dura alguns quartos de hora, mas continúa chovendo muito, até mesmo durante horas; depois vae diminuindo gradualmente a violencia, vae affrouxando a força até parar, mas sem intervallos, constantemente, e isto ás vezes durante

dez, doze, quatorze horas, tudo depende do numero e grandeza das trovoadas e dos intervallos entre ellas.

Facil é perceber que não ha estradas, calçadas ou valetas que resistam muito tempo; demais, o chão, argillo-silicioso, desaggrega-se facilmente; os trilhos dos carros em terreno inclinado transformam-se, em poucas horas, em verdadeiros caboucos, vallas até. Se ha qualquer desnivelamento do terreno, por mais extenso ou profundo que seja, enche-se rapidamente, esvasia-se muito morosamente por evaporação; em alguns sitios tal agua estagnada dura semanas, em algum mezes. Repetidas vezes é preciso sangrar estes charcos, porque novas cargas de agua tapam os canaletes que se tinha aberto. Grandes massas de terra, detricos vegetaes, etc., são para ahi arrastados pelas chuvas, ahi se putrefazem exhalando cheiro nauseabundo e terriveis consequencias para a saude.

Os pequenos rios constantes, os riachos temporarios, enchem, trasbordam, inundam grandes extensões das margens baixas; novos, e ás vezes extensissimos, pantanos se sommam assim aos formados pela chuva. Tornada esta rara, ou cessando, durante janeiro ou depois d'abril, dão-se febres gravissimas, adoecem quasi todos os europeus, ha o que é uso chamar a pequena e grande carneiradas. Será tudo obra de mosquitos? Elles lá morrem com as chuvas em quantidades prodigiosas, mas ficam ainda tantos, tantos, que constituem um verdadeiro supplicio.

Terreno. — A povoação portugueza assenta quasi totalmente em terreno argillo-silicioso; só a parte de oeste é arenosa por correrem para ella os productos da desaggregação do terreno alto, mas por baixo da areia ha grossa camada d'argilla, não a grande profundidade, uns dois metros geralmente. Todo o terreno de kilometros em redor é d'eguaes qualidades, bastante accidentado, embora por pequenos desnivelamentos, resultando ravinas e pequenas planicies, ás vezes por todos os lados apertadas pelos outeiros.

Esta disposição e estas qualidades do terreno são pois excellentes para a formação de charcos de longa duração, por falta d'infiltrações que os drenem. A frondosa vegetação, por toda a parte dando detricos que são carregados pelas chuvas abundantissimas, contribue para a formação d'excellentes pantanos, cujas exalações o nariz sente a distancia. Esses multiplos pantanos facilitam o desenvolvimento de legiões de mosquitos de varias qualidades, desde o pequenino e silencioso até ao maior que tenho visto, de grandes pernas pendentes durante o vôo, pernas pretas com segmentos brancos. Se os pantanos não fôsem bastante para impaludar os homens, como alguns querem, lá estariam os mosquitos para darem o mesmo resultado, e não haveria modo de lhes escapar por mais cuidados que se tomassem, porque tudo invadem, em toda a parte se encontram a qualquer hora.

Com os elementos que tenho descripto, mesmo sem grandes tabellas peçadas de numeros, não poderá concluir-se que o clima de Cabinda é quente e humido? Podemos chamar-lhe, sem hyperbole, torrido, encharcado, eminentemente palustre. Tem, portanto, todas as condições d'insalubridade, das melhores para caracterisar

um terreno d'eliminação da raça branca, succedendo até o mesmo aos mestiços (23). E' clima funesto para os europeus, em que, mesmo á custa de muitos cuidados e precauções, raros conseguem ter uma permanencia d'alguns annos.

IV

Pathologia ¹

Bastantes doenças são communs aos indigenas e aos brancos, embora umas mais frequentes em uns e outras em outros, embora com gravidade differente conforme a raça.

Se, por exemplo, a grippe, por duas vezes epidemica no meu tempo, atacou egualmente toda a gente e foi mais grave nos pretos por falta de resguardo e tratamento (morreram bastantes e nenhum branco); se doenças thoracicas, especialmente a pneumonia, a tuberculose ² e mesmo a pleurisia, fôram mais frequentes, quasi só nos indigenas e de bastante gravidade; se as manifestações palustres se dão nas duas raças, mas as graves só na branca; se as mordeduras venenosas são mais frequentes nos pretos por mais expostos ás causas e com o corpo menos defendido pelo vestuario; se ha assim doenças communs ás duas côres, outras manifestam predilecções especiaes, e das communs a marcha, a symptomatologia, o prognostico algumas vezes fazem differenças.

¹ Pareceria estranho que livro escripto por medico não tivesse um capitulo com esta designação: para não cair em tal estranheza, escrevi o pouco que se segue; nem a obra é de molde a desenvolvimentos scientificos, nem conhecimentos especiaes ou estudos profundos permittem alongar-me ou contribuir com material de valor para o aperfeçoamento do estudo das doenças tropicaes. Portanto, assumpto de nenhum interesse para a maioria dos leitores e de pouquissimo para um pequeno numero, sem descobertas nem profundeza de conhecimentos que o recommemdem, sem cabimento, quando desenvolvido, em obra fóra da especialidade; melhor me pareceu tratá-lo pela rama do que por uns ser tomado por pedante ou por outros acoimado de pretencioso massador.

² A tuberculose pulmonar faz numerosissimas victimas cada anno entre os cabindas; não adoptam estes quaesquer providencias ou quaesquer cuidados para evitar a propagação, desconhecem totalmente a natureza da doença. Com os brancos succede, de que vi entre outros um exemplo frisantissimo, que, chegados lá na eminencia tuberculosa ou no inicio das manifestações e quando muito no de fusão, faz-se uma tregua na marcha do processo morbido, o doente sente-se melhor, chega a julgar-se quasi curado da sua *branchite constante*; voltam o somno, o appetite, a capacidade de trabalho, diminue a tosse até quasi desaparecer, augmenta o peso, voltam as forças e a boa cor cutanea; mas, se ha exemplos da consolidação d'esta melhoria, o que é frequente e que, logo que o clima, o paludismo, a grippe, qualquer causa fortuita, abala sensivelmente o organismo, reapparecem as manifestações e de tal modo agudas, de marcha tão rapida, que a morte sobrevem depressa.

Os abcessos e furunculos são frequentes em ambas as raças, os segundos são-n'o mais na branca, ha verdadeira furunculose por vezes. Os abcessos, mais difficeis de curar do que entre nós na Europa, são ainda assim mais duradouros, mais extensos e mais vulgares nos pretos; n'estes o abcesso estende-se rapidamente, o pús insinua-se breve por todos os tecidos que parece desfazerem-se n'elle; ha grandes mortificações e pouca tendencia para a cicatrização; mas a cicatriz é mais forte sempre do que na raça branca, chega a ser cordão saliente na superficie da pelle, particularidade que aproveitam como adorno (23). Os panaricios são raros.

As anginas são triviaes nos pretos no tempo fresco, raras nos brancos, mas simples; não vi exemplo de dyphteria que julgo ser lá desconhecida; as laryngites são frequentes, as bronchites frequentissimas nos pretos na estação do cacimbo, pouco na das chuvas.

A alienação mental nos indigenas julgo-a rara; a ataxia locomotriz nunca a vi; o alcoolismo é frequentissimo, mas as manifestações communs cá nos brancos são pouco frequentes n'estes pretos (24).

Ha poucos casos d'arthritis de qualquer especie, mesmo nos brancos, mas vi num d'estes um exemplo d'arthritis blenorragica levada ao ultimo grau; apesar de o doente vir logo para a Europa e ainda viver, ficou infelizmente inutilisado, com todas as articulações miudas deformadas.

A blenorragia tem fóros de domicilio em quasi todos os homens e em muitas mulheres cabindas; a razão está nas frequentes relações sexuaes accidentaes (25) e no completo desdem votado a tal doença de que ninguem trata senão quando dá incommodos grandes. Facil é de suppôr quanto serão frequentes os apertos e suas consequencias, muitas vezes causa de morte. Não ha porém convencil-os da contagiosidade da doença, da conveniencia de resguardo, incommunicação e tratamento até final, quando tão facil e rapido este era até com um remedio de que ás vezes fazem uso (26), soberano nas cystites e até nas orchites, que umas e outras são frequentissimas.

Com os cancos não succede o mesmo; esses merecem tratamento e abstenção, mas ainda assim não são raros. A syphilis é que deve ser conhecida de data recente e a sua irrequencia começou por 1880, isto é, com a maior intensidade da civilisação; também, creio bem que a civilisação e a syphilisação em toda a parte tanto se acompanham como os termos se parecem.

De blepharite, ectropion, dacryocystite e estrabismo, vi raros casos n'estes pretos; não succede outro tanto com as keratites, as conjunctivites e mesmo as cataractas que são frequentes; a cegueira, por varias causas, não é rara, mas está longe d'attingir a proporção que ha em outros pretos, por exemplo, nos de Loanda. Notei, porém, que as conjunctivites teem frequencia especial no fim da epocha das chuvas, o que me pareceu explicavel pela grande quantidade de poeiras e pellos irritantes que então se desprendem

dos fructos de varios arbustos e até de arvores, embora tambem deva influir a extraordinaria quantidade de luz que tem havido nessa epocha durante quatro a cinco mezes.

Com quanto, por qualidade da raça, o cabinda seja um lymphatico, raros exemplos vi d'escrophulose e de rachitismo; comprehendendo-se que tal succeda: individuos assim fracos, resistindo pouco ao meio, quasi nada abrigados nem tratados, ficam sujeitos a constante eliminação emquanto creanças.

As doenças do coração e as varizes encontram-se na quasi generalidade dos cabindas de quarenta annos e mesmo antes; os aneurysmas não devem ser raros mas passam geralmente ignorados por os portadores não procurarem o medico europeu.

As hernias são relativamente frequentes, mais as inguinaes, e quasi sempre nos surprehende o feitio do umbigo das creanças, em que são triviaes de certo por causa da falta de cuidados com o cordão (28); mas apesar da falta de tratamento, no estado adulto, quando muito, notam se apenas pontas de hernias umbilicaes.

Não percebi que se tivesse dado qualquer caso de trichinose, é porém extraordinariamente vulgar, e mais nos brancos, a tenia; em alguns porcos os cysticercos são aos milhares. Nos pretos não é rara a filaria, mas nos brancos é. D'outros parasitas ha poucos exemplos, excepto do *pulex penetrans* (133) e do acaro da sarna que não é menos frequente, sobretudo nos pretos. Deve, estar-se em guarda contra o que vulgarmente lá se chama sarna nos brancos, e que a maior parte das vezes é lichen e herpes devidos ao excesso da secreção do suor e outras causas d'irritação cutanea, dando grande prurido e atacando de preferencia o tronco na cintura, o pescoço, as axillas, as mãos e as coxas, tomando as vesiculas maiores dimensões no penis, cujo augmento de volume e deformação chegam a ser notaveis.

O tetano, de relativa frequencia no sul de Angola, é rarissimo em Cabinda; não vi exemplo algum em brancos e muito raros, dois ou tres, nos pretos, e mesmo esses não eram cabindas; n'estes não vi caso algum, nem me deram relação de coisa que a tal se assemelhasse.

Ha casos de hydrocelle, hematocelle e varicocelle, especialmente nos pretos, mas o que n'estes é mais vulgar é a elephantiasis, quer do escroto, quer dos membros inferiores. A lepra tem representantes de varias formas, não sendo comtudo vulgar a face leonina.

E' muitissimo frequente nos cabindas tomarem as ulceras, especialmente as dos membros inferiores, a forma gangrenosa; que ulceras d'esses membros quasi todos têm ou têm tido. Ha uma destruição, ás vezes quasi repentina, da granulação, cobrindo-se toda a ulcera de como que fina membrana gangrenosa, de cura difficil e recidiva facil; não deixa de ser vulgar as ulceras tomarem o character phagedenico; as varicosas e as atonicas são tambem triviaes. Nos brancos são as atonicas as mais vulgares. Mas em todas, em ambas as raças, ha facilidade no apparecimento de hemorrhagias e difficuldade na cura; a marcha é longa, a cicatriza-

ção muito vagarosa; as complicações frequentes. Quanto á hemorragia pelas úlceras, notei mais d'uma vez e até nos pretos, a periodicidade, que cedeu á quinina, não tornando a repetir-se depois da applicação cuidadosa, como se se tratasse de febre intermitente typica.

O rheumatismo, de todas as fórmás, especialmente o polyarticular sub-agudo, é bastante vulgar nas duas raças, mais na estação fresca. As dermatoses frequentes nos pretos, mais na forma escamosa, são frequentissimas nos brancos, especialmente nas variedades vesico-pustulosas, muito rebeldes a qualquer tratamento, recidivando facilmente.

A' chegada da expedição tivemos que desembarcar algumas crianças com sarampo, que fôram isoladas e assim tratadas, sendo todos os casos benignos e não passando a outras pessoas. Ora por duas vezes depois houve sarampo, importado do sul, que se generalizou rapidamente entre os indigenas, não causando mortalidade apreciavel. Não succedeu, porém, o mesmo com a variola, a que os indigenas chamam *doença de rento*, e de que têm grande receio com toda a razão, porque a mortandade é enorme, a fórmula confluyente frequente e a hemorrhagica não rara. Tratados convenientemente, á nossa moda, salvaram-se muitos e quanto á marcha da suppuração foi notavel o effeito do *munduli-duli* (182). Por duas vezes se manifestou a variola, em 9 annos, com mais intensidade, mas creio que ha sempre um ou outro caso; aldeias inteiras desaparecem, já porque muitos dos atacados deixam de existir á mingua de recursos e tratamento, já porque os sãos fogem abandonando casas, doentes e cadaveres.

A vaccinação é difficil de propagar por mais que se faça; não é firme a crença nos resultados (cap. V), nem o poderá ser emquanto a educação não fôr demoradamente feita.

As doenças do aparelho digestivo observam-se com extraordinaria frequencia; nos europeus as dyspepsias, a dilatação do estomago, são coisa corrente; se ha bastantes exemplos d'enterites agudas, entero-colites, mesmo muco-membranosas e alguns de dysenteria dos climas quentes; nos pretos são quasi constantes os embaraços gastricos, repetidas vezes febris, as diarrheas e algumas vezes o *makúlo*, diarrhea de grande duração, resistindo muito tempo a todos os tratamentos, acompanhando-se de violentas dôres no anus, com dilatação e até prolapso do recto, anus ulcerado com vermes, fezes muito fetidas, levando quasi sempre o preto á morte por exgotamento. Esta doença é mais vulgar nos pretos que os cabindas importam como escravos (37) do que nos proprios da região ou a ella habituados. Devido talvez á mudança de clima e de habitos, mais provavelmente á de alimentação, resiste menos ao tradicional tratamento indigena do que a qualquer dos tentados pelos brancos; o indigena consiste em introduzir no anus, até alguns centimetros de profundidade, cylindros, renovados de horas a horas, formados pela mistura da pólvora ordinaria negra do commercio, pisada com uma herva (que julgo ser a conhecida cá pelo nome de formigueira e lá por herva de Santa Maria), o todo abundante-

mente regado com aguardente da mais forte que pôdem obter; este violento cauterio mata os vermes, que parece existirem só na pórção terminal do recto, e modifica o estado da mucosa permitindo a cicatrisação, mas é ajudado pelo uso interno de infusos adstringentes como são o das sementes da anona, da polpa do fructo do imbundeiro (*baobab*), etc., parecendo que também dá bons resultados a ingestão do fructo araçá.

Bastantes vezes também os cabindas soffrem de colicas intestinaes. Quasi todas as suas doenças do apparelho digestivo devem ligar-se á alimentação por fructos mal sasonados ou começando a apodrecer, pelo uso de alguma carne e bastante peixe a seu gosto, o que chamam *maduro*, isto é, em começo de putrefacção.

E' muito fallada a doença a que dão o nome de *itáko*, de que trato em separado (103), mas de que não vi exemplo; sem que ninguém se preocupe com tal, vi nos cabindas alguns casos de ainhum. Chamam boubas ao que, estou convencido, não é mais do que manifestações cutaneas da syphilis, sendo tratamento soberano o mercurial; são syphilides tuberculosas e papulo-ulcerosas; é notavel que o doente faz tudo por se isolar, e os outros recciam o contacto e mesmo convivencia com o atacado.

Só nos pretos vi, mas n'esses vi muitos casos, a *doença do somno* (219).

As mordeduras venenosas, pouco triviaes nos brancos, são vulgarissimas nos pretos. E' bem frequente o lacrau, de que vi duas variedades diferentes da nossa; um animal, a que lá se chama lacraia, muito pequeno, de tronco por um centimetro, branco amarelado, marchando com rapidez e que os pretos facilmente apanham pela cauda levantada que cortam, divertindo-se depois a martyrisal-o antes de o matarem; é o mais vulgar, frequente mesmo; outro animal, grande, castanho escuro, quasi preto, podendo (cabeça e abdomen) chegar a ter uns quatro centimetros de comprimento por mais d'um de largo, de que ha noticias d'existencia no norte d'Africa, dizendo-se que a mordedura é mortal; em Cabinda não succede tanto, a picada é muito dolorosa, fórma-se rapidamente grande inllamação e edema extenso, mas passadas 24 horas (ou menos quando se cauterisa) cessa a dôr e tudo vae diminuindo até á cura completa. Esta variedade é rara e vive especialmente nos velhos troncos; aquella é frequentissima, mesmo nas casas dos brancos, tendo especial predilecção pelo vestuario e pela roupa da cama, encontrando-se varias vezes debaixo do travesseiro ou da dobra do lençol superior. Tratei de varias mordeduras de escorpião sem consequencias nem mesmo perigos, a não ser um caso, no pescoço, em que houve grande edema que até chegou a dar dyspnea.

Quando um cabinda sente, passeiando na propria pelle, um escorpião, não o sacode nem lhe toca porque, diz, seria mordido, picado; com uma phlegma de que poucos brancos seriam capazes colloca, mansamente e a distancia, na direcção seguida pelo animal, qualquer objecto, uma folha, um papel, um pau pequeno,

etc., até o lacrau passar totalmente para cima do objecto que então retira rapidamente, livrando-se assim da picada.

Havendo extraordinaria variedade d'aranhas de todas as grandezas, dando algumas picadas causticas, é bastante rara a tarantula. (A proposito notarei a existencia d'uma aranha grande, escura com pintas amarellas, cujos fios resistentes tem o aspecto de seda).

E' realmente frequente a centopeia ; uma a que chamam piolho de cobra, introduz-se de preferencia nas casas no tempo mais humido, tem habitos nocturnos e attinge quinze a dezoito centimetros de comprimento por um e meio de largo, de corpo luzidio, preto por cima, claro por baixo; aloja-se bastantes vezes no calçado, nas calças, nas mangas dos casacos e na roupa da cama, esperando ahi a victima em que dá picadas muito dolorosas, formando rapidamente vasta zona inflammatoria sem outras consequencias.

A outro animal damnninho chamam lá vibora, talvez por parecer cega; se é que o não é; não se lhe descobre coisa que pareça olhos; é pequena cobra de dois a tres decimetros, preta, de corpo cylindrico de oito a doze millimetros de diametro, que apresenta como particularidade ter as duas extremidades do corpo eguaes, regularmente conicas; vive em colonias; n'um campo d'altas hervas avista se uma clareira em que apraz respirar, e sente-se macio o chão que se vira liso; mal se pisa, começam a surdir da terra centos d'estes animaes, chegando eu d'uma vez a matar duzias n'um viveiro de muitos centos de certo; atiravam-se-me raivosas aos pés tentando morder e subir, o que tudo era inutil porque tinha grossas botas de caça até ao joelho. Affirmam os cabindas que a mordedura é mortal em 24 horas; não creio, nem conheço exemplo.

Ha varias especies de cobras mas não a alcatifa, a cascavel, a capello e outras de nomeada; comtudo são frequentes a cuspidreira e a surucucu, que offerecem bastante perigo; ha muitas outras, mas inoffensivas. Encontram-se bellos exemplares de giboias que, geralmente fartas, só tentam fugir do homem; contaram-me, porém, e não sei até que ponto será verdade, que alguma vez atacaram o homem cingindo-o nos seus anneis, triturando-lhe os ossos, como fazem aos outros animaes, antes de os babarem e ingerirem.

Em todos os casos de mordeduras venenosas, simplesmente causticas ou com outros effeitos, é conveniente a cauterisação feita pouco depois. Tendo cauterisado algumas vezes com o thermo-cauterio de Pacquelin, taes beneficios colheram (e em bastantes casos decerto só imaginaram colher) os cabindas, que répetidas vezes era vivamente solicitado por elles para lhes applicar tal cauterio, mesmo sem terem visto o animal que mordera; não queriam nenhum outro processo e vinham de grandes distancias pedir-me o *remedio do fogo*; supportavam com uma coragem d'espantar o que entendia necessario fazer-lhes, como tratamento ou simples condescendencia, poucas vezes julgando sufficiente a cauterisação que fazia e pedindo-me mais. Notei grande enthusiasmo por este

tratamento a par do grande desdém pelos recursos medicos dos brancos em muitas circumstancias, e que só com as mordeduras tomavam os cuidados que lhes ensinava e que n'este caso se resumiam a, em casos futuros, ligarem fortemente o membro acima da ferida, para difficultar a circulação centripeta, e a procurar-me com toda a rapidez; apesar d'isto, ás vezes, só chegavam ao hospital horas depois do acontecimento, por ser grande a distancia a percorrer, mas não desistiam da cauterisação.

Por 1890, fez a sua estreia o beri-beri; começando no Quicembo, não sei como, estendeu-se rapidamente a outros pontos d'Angola com a fôrma epidémica. Em que pese a um distincto collega, o diagnostico de beri-beri tem de ser acceite, porque assim foi diagnosticado tambem em Lisboa por alguns dos principaes clinicos, a meu pedido, n'aquelle meu contrerraneo vindo de Mossamedes, que connigo viu a bordo do paquete, affirmando eu e negando o collega. O destacamento do batalhão de Cabinda no Quicembo, foi o que deu os primeiros casos que, levados ao Ambriz, ahi fôrão classificados pelo collega delegado de saude; rendido o destacamento, recolheu a Cabinda, ahi fiz eu o diagnostico. Negada sempre superiormente a existencia da doença, generalisou-se rapidamente pela provincia, onde encontrava excellente terreno, e em Mossamedes manifestou-se em bastantes brancos. Em Cabinda, tendo sempre a fôrma edematosa, espalhou-se depressa, fazendo numerosas victimas, especialmente nos pretos não naturaes da região, ao serviço dos brancos e portanto com regimen alimentar totalmente differente, o que fez que o *fiote* (●) designasse a nova molestia por doença do arroz¹; é porém digno de nota que só um europeu foi atacado, o delegado da comarca, que lá falleceu, e esse com a fôrma paralytica, segundo me dizem e não vi, porque tal caso se deu durante a minha ausencia em 1895.

O paludismo é, porém, o mal dominante da região e, se n'esta ha boas condições para o desenvolvimento de numerosas variedades de mosquitos que constantemente nos atormentam mesmo ás vezes de dia, ha tambem excellentes condições para o desenvolvimento do agente morbigeno considerado á antiga; se o anophele e algum outro faz accessos palustres inoculando o germen — e isso está bem provado modernamente — não acho sensato acceitar o exclusivismo da origem e continuo, por emquanto pelo menos, a acreditar que a causa da doença póde chegar até nós pelo ar e pela agua.

¹ Effectivamente, logo que n'uma porção de pretos sustentando-se de comida commum feita no mesmo caldeiro, apparecia algum exemplo de beri-beri, recommendava eu ao dono da casa mudança d'alimentação em que faltasse o arroz; se apparecia mais algum exemplo era poucos dias depois, e cessava totalmente a invasão da doença. Os pretos não iam muito longe da verdade na sua nomenclatura, porque mais d'um auctor faz figurar, como causa do morbo, o arroz mal cozido, especialmente não sendo perfeito o seu estado de conservação.

Em Cabinda nem só os brancos soffrem de paludismo, os pretos tambem o sentem, mas notei que n'estes são pequenas as manifestações, pouco frequentes e benignas; o europeu repetidas vezes tem accessos febris e possui infelizmente o monopolio das fórmas graves. O producto do cruzamento, o mulato (23), inclina se mais para a pathologia do pae, é geralmente portador de enorme baço e poucas vezes chega a adulto.

No preto dá-se bastante o accesso palustre intermittente, franco ou de fórma larvada, especialmente a hemorrhagica; nos seus frequentes embarços gastricos, enxerta-se muita vez a febre intermittente, e alguma occasião certa predominancia biliosa dos symptomas; o baço tambem algumas vezes tem hypertrophia que, macroscopicamente na autopsia (vae esta noção com todas as reservas) me pareceu muito semelhante á do impaludado.

Na pathologia do europeu domina o impaludismo, não só como fórmas typicas variadas, desde a mais simples á mais grave, da mais rapida á mais insidiosa, como complicando toda e qualquer outra manifestação morbida; o europeu torna-se um terreno em que não ha doença que desabroche sem trazer a feição palustre. Revela-se a intoxicação por todas as fórmas, desde o simples accesso pequeno até ao pernicioso; se o primeiro quasi sempre poderá ligar-se a mau estado das vias digestivas, desvio de regimen, excesso de trabalho, etc., o ultimo toma no maior numero de casos a fórma algida rapidamente mortal (exemplos de cinco horas). Continúo a acreditar na natureza palustre da febre biliosa, que é muito frequente em Cabinda (fallo da biliosa verdadeira, a hemoglobinurica, e não de qualquer embarço gastrico febril bilioso a que lá se dá o mesmo nome, chegando se a affirmar que pessoas ha que têm duas biliosas na mesma semana!) sobretudo nos mezes de janeiro, maio e junho, e, embora a opinião de Kock, não admitto que a existencia da hemoglobinuria seja devida á quinina n'esta doença, com quanto admitta que a quinina seja capaz de dar aquelle epiphenomeno; julgo que elle á força de querer chegar, vêr e vencer, se enganou; só trabalhos ainda não publicados me convencerão de que estou em erro acreditando, como em these defendi, que a febre biliosa é uma febre palustre de modalidade especial, por se dar em individuos cujas condições se acham já modificadas por demora nos paizes quentes.

Geralmente não apparece a biliosa senão depois d'alguns accessos febris irregulares, ou, pelo menos, depois d'uns dias de sensação de mal estar; comtudo mais d'uma vez a vi rebentar em plena saude, mas nunca em individuo recémchegado pela primeira vez á Africa. Varias vezes é a côr sanguinolenta da urina que primeiro chama a attenção do doente, vindo durante uma febre que elle acha pequena de mais para tal côr; comtudo, embora raras vezes, vi que a hemoglobinuria foi o primeiro symptoma, apparecendo quando o individuo se julgava ainda de saude perfeita, estando ha semanas ou mezes de saude, sem ter tomado quinina nem feito excessos algum. A côr vermelha da urina modifica-se depois para mais escura com reflexos esverdeados dando, nos casos graves,

um aspecto de óleo vermelho carregado de tom esverdeado, adherindo á louça ás fitas; quando a urina aclara depressa sem corresponder esta mudança a melhoria nos outros symptomas, nota-se que rapidamente diminue a excreção, estabelecendo-se a anúria e vindo a morte em dois ou tres dias. A côr icterica nota-se muito no principio nos olhos; escurecendo ahi, vae alastrando-se por toda a pelle e successivamente escurecendo tambem, tomando um tom esverdeado nos casos de prognostico fatal. Os vomitos estabelecem-se logo que a temperatura se eleva, nas primeiras horas; a principio saem substancias amarelladas, ás vezes até amarello torrado, que vão escurecendo, passando a verde, como se fôsem sumo de couve prensada; são incoerciveis, resistem a todos os tratamentos e muito concorrem para exgotar as forças. O soluço é um pessimo signal, não vi escapar doente em que elle se tornasse teimoso.

A febre biliosa é muito grave, quasi sempre mortal entre 4 e 10 dias; quando a temperatura baixa, se o faz de subito, desce muito e vem a morte. E' necessario para a cura que os symptomas diminuam gradualmente, cessando os vomitos, aclarando a urina e baixando a temperatura até um pouco abaixo da normal; mas o perigo não vae passado; a convalescença ainda é perigosa, é difficil, muito demorada, sujeita a recaída por fraco desvio alimentar; o doente sente-se exausto, o mais fraco possivel; volta breve o appetite que não se pôde satisfazer sem risco de recidiva. Como complicação n'esta altura observa-se, raramente, a gangrena d'um ou outro ponto, mais vezes a das fauces, de marcha veloz até ao tumulto.

Se o doente consegue levantar-se do leito pelos quinze dias de doença, poucos passos poderá dar por cansaço; mesmo sentado formar-se-hão grandes edemas dos membros inferiores. Os tegumentos vão aclarando devagar, a esclerotica mostra mancha amarellada mesmo até um mez depois do começo da doença. A anemia é profunda, só excepcionalmente volta a saude sem o regresso á Europa e o perigo da repetição é enorme emquanto um clima sadio não dêr o restabelecimento completo.

Em Cabinda o europeu precisa tomar todas as precauções contra a insolação, que pôde dar-se facilmente, mas que não é tão frequente quanto seria d'esperar; não vi caso mortal por este motivo; quasi sempre a consequencia é alguma febre forte, poucas vezes grave.

Ha europeus, poucos, em que á custa d'uns pequenos accessos febris a principio, se estabelece uma tolerancia tal para este clima que conseguem viver annos sem alteração notavel de saude; mas que estão impaludados mostra-o o grau d'anemia ou a facilidade e rapidez com que descahem na cachexia desde que uma circumstancia especial differente consiga fazer perder esse equilibrio que dava a tolerancia; o mesmo é que dizer que não posso acreditar na aclimação do europeu em Cabinda.

V

Higiene, prophylaxia, alimentação, acclimação

Os preceitos hygienicos dos cabindas resumem-se a muito pouco. E' cuidadosa e longa a amamentação (30), indicando o desenvolvimento dos dentes as diferenças na alimentação e deixando a criança de mammar quando isso não a satisfaz; comtudo a mãe vae bem cedo envenenando o filho com alcool (18); parece que a secreção lactea dura por periodo maior do que na raça branca, chegando a tres annos. A mãe, enquanto dá de mammar, abstem-se totalmente de relações sexuaes, offerecendo ao marido uma substituta se elle não tem outras mulheres; quanto a tudo o mais procede como se não estivesse amamentando, nem ao menos se poupa ao uso e abuso do alcool e dos abundantes e numerosos condimentos.

E' de rigor o enterramento dos fallecidos e em covas de grande profundidade em sitios arborisados e distantes das povoações (105); só não tem sepultura quem morre condemnado por feiticaria e, ás vezes, por variola; mas então os animaes carniceiros, mammiferos ou aves, depressa fazem desaparecer essa causa de insalubridade, como destroem os cadaveres de todos os outros animaes. Os preparativos para a conservação dos mortos (104), são realmente grande causa d'insalubridade que ainda não foi possivel alterar.

Os cuidados com a bôcca (80) são extraordinarios e do mesmo modo o uso dos banhos geraes (72) sempre que é possivel encontrar, sem grande trabalho, agua sufficiente.

Como doença epidemica ou contagiosa parece-me que só conhecem a variola; o isolamento do doente pela fuga dos sãos, a destruição da palhota pelo tempo, constituem toda a prophylaxia opposta á marcha d'isto a que chamam *doença de vento* e que lhes causa tão grande terror; era-lhes desconhecida a vacinação, ainda poucos se sujeitam a ella e mais para imitarem os brancos do que pela crença nos resultados; para isto concorrem dois poderosos factores, sendo o mais importante a frequencia das faltas de exito nas inoculações por a vaccina chegar lá quasi sempre com a actividade perdida, quer vá em tubos quer em placas; o outro factor é que o preto, sujeitando-se um dia á inoculação, n'ella confia sem voltar ao exame medico e, como muitas vezes succede, não se formarem as pustulas, não ficando o individuo vaccinado (ou mesmo quando o fica não se revaccinando mais durante a vida), é depois atacado pela variola, acreditando todos que de nada serviu a operação, embora ella livre os brancos da doença e isto porque

os brancos usam d'uma coisa para si e d'outra para os pretos; no que parece dar-lhes razão o facto de nenhum branco ter tido tal doença apesar de mais ou menos sempre ter havido variola proximo da nossa povoação e até por duas vezes epidemia, mesmo nos pretos ao nosso serviço.

Contra o contagio das doenças venereas e syphiliticas, não usam precaução alguma, e, dada a completa liberdade, e o uso constante d'ella, de relações sexuaes sem peias de qualquer natureza (28) entre individuos solteiros, não só as doenças se disseminam rapidamente como não se pôdem empregar os meios conhecidos para travar o desenvolvimento.

Contra o *pulex penetrans* (179) ha poucos annos, uns 25, desconhecido, usam amiudadas inspecções da pelle e praticam, com extrema pericia a extracção do casulo; nos primeiros annos pagaram tão cara a ignorancia que hoje são mestres nos cuidados e não manifestam receio algum.

A isto se resumem as suas atencções pela hygiene e prophylaxia; sabem que lhes faz mal fumar canhamo (88), não suspeitam dos inconvenientes do abuso do tabaco e do alcool, mas ainda que os conhecessem não deixariam esses vicios como qualquer outro que lhes dê prazer, porque para elles viver é gosar do presente sem cuidados pelo futuro.

Os lixos, os residuos de qualquer especie, os despojos d'animaes, etc., tudo é lançado no chão em roda das habitações, ou do logar onde estiverem; nada é enterrado, apenas se escolhe logar em que haja herva que encubra aos olhos o que o olfacto adivinha.

A alimentação indigena é pouco reparadora, constituida na quasi totalidade por vegetaes, tuberculos, fructos, algum peixe e muito pouca carne, quasi sempre de caça, porque os animaes domesticos são geralmente reservados para commercio com os brancos. Que a carne e o peixe estejam em começo de putrefacção é coisa digna de cuidados, não para evitarem a alimentação com productos assim, mas pelo contrario para só os cozinharem e comerem depois de manifesto esse estado, porque, dizem elles, só assim estão *maduros*, bons para comer, macios, gostosos. Dão mais apreço á comida quando é salgada e picante, pelo que usam, como condimento quasi geral, do mólho feito com sal commum pisado com pimenta de rabo ou com malagueta ainda verde, um pouco ou totalmente; são condimentos vulgares o azeite de palma fresco (144), o gengibre e outras especiarias.

São sobrios nas comidas, preferem refeições repetidas e frugaes a menos mas abundantes e, principalmente em viagem, quasi não se alimentam, fazendo então uso da noz de kola, mastigando, de quando em quando, uma pequena porção de tal fructo fresco.

O branco, sujeito a clima tão dessemelhante do seu e que lhe é tão hostil, precisa por todos os modos precaver-se contra as varias causas de doença antes, durante e depois da sua permanencia em Cabinda, permanencia que raras vezes poderá ser longa e que na generalidade não deverá ir, para os adultos, além de tres an-

nos consecutivos, embora este periodo se possa repetir depois de refrescar em clima bom ou menos insalubre. Ha de certo factos que parecem excepções a esta regra, mas além de que só poucos individuos apresentam as condições necessarias de organização, modo de vida e cuidados, é facto que rarissimos d'esses *permanentes* deixam de ter uma vida organica miseravel, ou pelo menos attribulada, quando a demora é maior do que o periodo que aconselho.

Eramos 96 europeus quando desembarcámos em Cabinda no dia 14 de julho de 1887; quando de lá vim a primeira vez (oito annos menos dois mezes depois) só um lá ficou vivo sem ter estado já na Europa; dos outros, poucos tinham retirado para outras commissões de serviço, raros tinham fallecido porque eu os fizera repatriar a tempo a quasi todos; eu proprio estive quasi a morrer anemico porque, em plena saude, uma poderosa infecção junto d'uma sepultura por exame medico-legal, em tres mezes me reduziu ao ultimo extremo por numerosos accessos febris de temperaturas elevadas (perdi 41 kilos de peso).

São as crianças as que mais soffrem e tanto mais quanto menos idosas; dos brancos nascidos lá, raros vivem além d'um anno de residencia; dos chegados com poucos mezes, fallecem quasi todos nos primeiros dois annos d'estadia; se a chegada é com mais de quatro annos d'idade, depressa a anemia torna rachiticos os mais fortes, o enfraquecimento manifesta-se por todos os modos, o desenvolvimento é quasi nullo e a morte não permite demora maior que tres annos, mesmo que não appareça alguma grave doença aguda.

Resiste menos o sexo feminino apesar da sua vida caseira, ou talvez por ella, pois julgo que resiste melhor quem mais transpira sendo eguaes todas as outras condições; resistem mais os adultos do que os adolescentes e os de mais de cincoenta annos.

Os mulatos tambem pagam pesado tributo á morte nas primeiras edades, e dos que escapam não é longa a vida (23) para se poder dizer quaes as consequencias da demora em tal clima, nem se por isso é que não ha exemplos de segunda geração.

Dá-se pessimamente o branco de temperamento bilioso (permitam-me que diga assim á moda dos medicos antigos), dão-se mal os lymphaticos ou nervosos puros, dão-se menos bem os sanguineos só; nos mixtos, com ou sem predominancia d'algum, a balança inclina se conforme os simples que os compõem, ou conforme a predominancia; mas os unicos brancos que, a meu vêr, são susceptiveis de saude regular e estadia demorada, são os lymphatico-sanguineos, com predominancia sanguinea, e mesmo esses dado o caso de se sujeitarem ás outras condições necessarias para a resistencia a clima tão eliminador ¹.

¹ As condições especiaes de cada nacionalidade parecem influir muito na vida que os seus levam em Africa; são dos paizes do norte da Europa os indi-

O branco, novo, lymphatico-sanguineo, com a pelle eapparelhos digestivo e urinario em bom estado de funcção, tem de rigorosamente pautar a sua vida em Cabinda, se a quizer ter sã, demorada e sem consequencias doentias para o futuro; porque é util lembrar que exemplos ha de se passar lá *tant bien que mal*, mas tendo-se adquirido doenças (em especial do baço e figado) que atormentam a existencia depois na Europa.

Julgo de capital importancia para a saude observar certas condições, para a ida e para a volta, que vejo absolutamente desprezadas, menos pelos particulares que as conhecem, do que pelas repartições publicas que as deviam impôr aos seus subordinados. A partida da Europa deve ser calculada de fôrma que não se chegue a Angola senão algum tempo depois de terminadas as chuvas; a Cabinda depois de começar o mez de julho; passou então a epocha do calor e da chuva, seccaram os pantanos, ha fresco quasi a toda a hora, não ha grandes e rapidas differenças de temperatura; chega o europeu nas melhores condições para se costumar (não digo acclimar) ao novo meio, mas ainda assim bem fará prevenindo-se contra algumas oscillações thermicas, evitando resfriamentos; ao mesmo tempo não dissipará as forças que lhe parecerão augmentadas nas primeiras semanas, o que é excitação passageira em que não deve fiar-se; pouco a pouco irá habituando-se ao novo modo de vida, installando-se convenientemente, tomando precauções que a prática tem aconselhado para melhor poder resistir na epocha seguinte, a das chuvas e calor, de novembro a junho, em que é pessimo o clima de Cabinda.

O regresso á metropole requer tambem epocha e cuidados, mais ainda do que a partida. Se puder partir quando quizer, faça-o em fim d'abril ou o maximo no principio de maio; fugirá ao maior calor de lá, ás maiores chuvas e seus pantanos e ao dessecamento d'estes, epocha a mais insalubre; chegará cá em tempo relativamente já quente, não sentindo muito as differenças de temperaturas, mas todo o cuidado será pouco para evitar os resfriamentos, causa a mais vulgar de manifestações febris palustres, não causa productora ou geradora dos accessos paludosos, mas causa ocasional ou determinante do seu apparecimento. Precisa convencer-se de que vem de clima eminentemente paludoso e que a practica tem demonstrado que é tanto mais facil ter cá as febres palustres no regresso quanto maior for o periodo, antes de partir, em que se esteve sem as ter.

viduos que mais conservam os costumes nacionaes, que mais hygiene usam, que melhor se vestem e alimentam (á parte os excessos de bebidas alcoolicas), que tem melhores habitações e commodidades, que mais se poupam a trabalhos pessoaes; e comtudo são dos que resistem menos; os da raça latina, melhor ainda os da peninsula iberica, mais pobres geralmente, mais descuidados, menos pautados, depressa se assemelham um pouco aos indigenas, tomam-lhes habitos e alimentos, cuidam menos de si e dos seus confortos e, apesar de tudo, resistem, como nenhuns outros, ao clima e ás fadigas.

Não desejo abordar aqui duas questões medicas importantes e não totalmente resolvidas ainda a respeito do impaludismo; quer taes febres, ou manifestações agudas, sejam devidas á inoculação facilitada pelas ferroadas de taes ou taes mosquitos isoladamente, quer a bem conhecida causa do impaludismo concomittantemente chegue a introduzir-se no corpo humano pelas aguas e pelo ar (o que julgo mais acceitavel); ainda que a prophylaxia pelo emprego de doses pequenas de quinina seja para alguns coisa duvidosa; penso que o branco fará bem seguindo certas normas com que nos demos bem, os que as seguimos, e que lá estivemos bastantes annos sem accidente de maior: conserve a todo o custo regulares as funções digestivas; evite todo o resfriamento preferindo suar a gemer; absorva diariamente dois a tres decigrammas d'um bom sal de quinina, preparado verdadeiro e puro; use para beber, agua só fervida ou filtrada por filtro aperfeiçoado, pondo de parte as pedras de Mossamedos lá vulgares com fama de sufficientes; tome como norma de vida que todos os excessos lhe serão prejudiciaes, lembrando-se principalmente do que pittorescamente lá se diz prejudicial á saude, os quatro ss, cujos excessos é preciso evitar: sol, saias, sereno e ceias. Com repetidos exemplos me convenci de que a approximação do nosso clima é motivo para precauções e que bom é não cessar de repente o uso da pequena dose de quinina. antes convem só pouco a pouco, e muito devagar, ir abandonando tal habito em algum ou alguns dias de cada semana até o deixar por completo; até não duvido aconselhar, tal é a inocuidade do remedio, que se use essa pequena dose nos primeiros tempos da Europa, mesmo que não se tenha usado na Africa, ou ainda que se tenha usado durante annos. Não vi inconveniente no uso diario da quinina, durante annos successivos, em pequenas doses; não soffre o aparelho digestivo ou qualquer outro, nem mais nem d'outro modo; o baço soffre até menos, succede mesmo ficar normal sem deixar pela hypertrophia perceber que o portador estivesse annos em clima paludoso; o figado não se queixa, parece resistir melhor aos outros elementos do clima tropical (nunca senti o figado, só tive alguma vez dôr splénica pequena durante as febres); se ha accessos, bastará sommar a dose diaria á que for necessaria para o tratamento, o que não terá inconveniente, mas que geralmente será até desnecessario; e admitto que essa pequenina porção de quinina, inutilizando diariamente os esforços do agente morbigeno, se não de todo pelo menos em parte, contrariando tanto as suas condições de vida, é a que faz com que sejam sempre menos graves ou só benignas as manifestações agudas palustres nos individuos que diariamente a absorvem (não devo dizer a ingerem, embora a ingestão me pareça preferivel, para uso diario, a qualquer outro modo d'administração da quinina, e não devo dizer porque muito influe na absorpção o estado das vias digestivas).

Se o branco que passou dois ou mais annos em Cabinda precisa retirar para a Europa, quer gosando saude até então, quer, principalmente, se teve accessos palustres ou hypertrophia do baço,

bem fará, no meu modo de vêr confirmado por bastantes exemplos, em não só escolher a epocha que aconselho como, fóra d'ella, em não seguir viagem directa, primeiro deverá ir a pontos menos insalubres para, por assim dizer, a descarga ser menos rapida.

Para conservar a saude todos os cuidados são poucos. Deve-se fugir aos excessos venereos, mais debilitantes lá ainda do que cá; deve-se evitar os excessos de meza, sobretudo o das bebidas alcoholicas por menos que o sejam, creio até que não faz mal a completa abstenção d'ellas como usei; procure-se as comidas de mais facil digestão e sigam-se cuidadosamente as melhores regras para a alimentação; procure-se a todo o transe evitar, ou rapidamente curar, o embaraço gastrico e qualquer desarranjo intestinal; evite-se o mais possivel todas as causas moraes d'excitação ou de depressão; evite-se o sol nas horas de maior calor, especialmente na cabeça, mas não se fuja totalmente a elle; evite-se a todo o custo os resfriamentos e os mosquitos; proteja-se bem a pelle contra elles e faça-se tudo para que esta funcione bem; os banhos geraes com a agua á temperatura do ambiente, julgo-os de todo o ponto uteis não só por tonificarem como por livrarem a pelle das impurezas ahí accumuladas, facilitando o funcionamento d'ella e diminuindo as origens das suas irritações. Todas as noites cae orvalho em abundancia, mas mais nas primeiras horas da noite; se faz mal estar com o fato humido, não será inoffensivo respirar o ar humido, tanto mais que, por emquanto, não parece provado que essa humidade não arraste para a terra varios germens de doenças que pairam nas camadas superiores onde teriam chegado arrastados pela evaporação durante o dia.

O clima de Cabinda é essencialmente quente e humido, com variações thermicas rapidas e por vezes dentro de limites muito afastados; tem portanto as peiores condições para a conservação da saude que, só a troco de grandes cuidados hygienicos e precauções de toda a ordem, poderá ser pouco alterada.

A alimentação dos brancos tem de ser pouco variada, á falta de recursos, e nem sempre sã, já porque os cuidados minuciosos são impossiveis de ter pelos brancos por falta de tempo e os pretos nem os conhecem, nem os apreciam, já porque, á forte acção fermentiscivel das substancias organicas pelas condições climatericas, se somma o pouco escrupulo do commercio, bem traduzido na vulgar phrase pronunciada a proposito de qualquer genero falsificado, mal conservado, considerado incapaz ou menos proprio para o consumo nos paizes civilisados; essa phrase, que o genero se aproveita mandando-o para a Africa, mostra bem o interesse pessoal sobrepondo-se ao da humanidade e quanto será frequente succeder que os generos de cá recebidos deixarão a desejar em qualidade.

Se, pois, as condições meteorologicas da localidade são das mais improprias para o europeu se conservar sã; se a alimentação não é bella e as aguas deixam bastante a desejar; se o calor tropical e a excessiva humidade, as grandes e rapidas variações thermicas sommam os seus effeitos ás condições moraes deprimentes de

quem se vê fóra do seu meio e tão pouco em communicação com elle; se é necessario um tão grande numero de condições organicas de resistencia que difficil é encontral-as reunidas; se é vulgar o estado d'abatimento moral e tudo concorre para facil esgoto physico, resultando como excepção haver quem bem disposto se sinta para ter todos os cuidados que a lucta com o clima exige; como poderá dar-se a acclimação do europeu em Cabinda? Ainda que o paludismo podesse ser banido totalmente d'aquella região, ficavam muitas causas de mal estar individual e de eliminação da raça branca, podendo, pois, affoitamente dizer-se que se deve considerar Cabinda apenas como colonia d'exploração, não ha possibilidade d'acclimação.

VI

Serviço de saude

Com a designação de delegado de saude, ha em Cabinda um funcionario medico a quem compete todo o serviço da localidade, porque nunca houve clinico civil e pouco tempo (no começo da occupação) houve outro medico para ajudar. Desde já se prevê o trabalho insano d'esse funcionario em paiz tão doentio, trabalho que ha annos é cada vez menor por ter diminuido o numero de habitantes, especialmente de europeus. Além do serviço proprio de medico unico do batalhão de caçadores ali estacionado, além da clinica civil e hospitalar e do serviço do porto, ha que attender ao expediente da secretaria da delegação (um inferno de papeis), ás consultas do governo do districto e da commissão municipal, etc., não sendo de menos importancia vigiar pela hygiene da povoação, e sua limpeza, o serviço de perito perante a justiça, a fiscalisação dos generos alimenticios, a inspecção da prisão, das habitações, do matadouro, do cemiterio, etc.

Comprehende-se pois a enormidade do trabalho que compete a tal funcionario e a impossibilidade, mesmo suppondo que nunca adoecesse, de satisfazer completamente e com equal attenção a todos os serviços. Vê-se bem que logo na capital do districto ha falta de pessoal medico; nos outros pontos succede o mesmo quando não peor, pois que varias vezes tem deixado de haver medico até nos logares para que manifestamente os creou a lei fundamental da organização do Congo portuguez. Muitas causas, de varias origens, teem concorrido para este triste resultado que não se nota só no serviço de saude como em todos ou quasi todos os outros d'esta colonia, especialmente depois que acabou uma tal ou qual independencia dos governadores do districto, centralisando-se cada vez mais toda a administração e outros serviços em Loanda, capital da provincia, onde as auctoridades especiaes não podem bastar para o bom andamento dos negocios de tão extenso territorio, umas seis vezes a area da metropole.

Quanto á pharmacia, regularmente provida de medicamentos e utensilios, esteve quasi sempre servida por pharmaceutico; na falta d'elle, o protheu classificado como delegado de saude, tem tambem de fazer mais este serviço porque não ha praticante.

O pessoal menor, deficiente em numero e detestavel na qualidade, dá origem a constantes reclamações feitas superiormente pelo medico, mas sem resultado por não haver mais nem melhor. Que especie d'enfermagem será a feita por gente sem instrucção especial nem outra, a maior parte das vezes? Os enfermeiros, nem sempre brancos, mal sabendo ler e escrever, desconhecem totalmente as mais elementares noções da especialidade em que são empregados, eram geralmente deportados ou degredados com ligeira pratica de mezes de hospital; ignorancia absoluta, relaxamento, irregular ou pessimo comportamento, eram os caracteristicos de tal pessoal. Uma lei posterior modificou este estado permittindo melhor serviço por outra qualidade de gente, e pouco a pouco as coisas se vão modificando no bom sentido; mas, no meu tempo, todo o pessoal era insufficiente e mau, bastará dizer que por vezes não havia amanuense na secretaria da delegação e que bastantes, quando o havia, mal sabia escrever, copiar mal e nada mais.

Ao começar a occupação foi logo preciso fazer o isolamento de crianças desembarcadas com sarampo, para o que se empregaram tendas de lona com sufficiente resultado. Depois, e para isolamento de variolosos, construíram-se primeiro pequenas cabanas, proximas umas das outras e affastadas da povoação; mas em breve fôram substituidas por grande barracão, feito com materiaes do paiz mas modificado pela civilisação, servindo d'enfermaria isolada; mais d'uma vez esta foi queimada e substituida por nova, mantendo-se d'est'arte um isolamento satisfactorio.

O cemiterio, pouco defendido, em estado rudimentar, foi collocado longe da povoação e encoberto d'ella e do mar por ser na vertente d'um outeiro que o occultava. O local foi escolhido em contrario da regra nos povoados portuguezes na Africa, onde parece haver o proposito d'occupar com o cemiterio um dos melhores logares, dispondo-o de fôrma que seja sempre bem visivel pelos habitantes e navegantes; dei indicações para os covaes serem mais affastados e profundos do que entre nós é costume. Ultimamente o terreno, que já não era do melhor por ser bastante argilloso (como tôdo o proximo), ia difficultando bastante este serviço por se tornar muito pedregoso, e haverá decerto de se procurar outro.

As rezes abatidas para consumo, são geralmente bois trazidos do sul da provincia, algumas vezes porcos e carneiros, raras vezes cabras. Logo em 1888, a meu pedido, se tornou obrigatorio abater o gado em local determinado, desviado da povoação, onde era miudamente inspecionado depois d'aberto; um simples alpendre cobria estrados de madeira onde se fazia a matança. Cahida a obra em ruinas, fez-se, mais longe da povoação, novo matadouro provisorio, mas melhorado, havendo já o chão cimentado

por baixo e em volta dos estrados e com canaleta, também em cimento, facilitando a lavagem e despejando para o mar; mas no meu tempo não se passou do provisório que, entre nós, é uso eternisar-se.

Os lixos, fezes e outros resíduos, deitavam-se aqui e ali por toda a parte. Compreende-se que uma povoação nova, occupando uma extensíssima área (cada habitação tem seu quintal) não podia aspirar a ter systema d'esgotos de qualquer especie. Das diligencias para melhorar este estado de coisas um tanto consegui, mas pouco: umas posturas que por falta de fiscalisação não eram cumpridas, a construcção d'um posto, para incineração de lixos, em 1888 e dois em 1891, que funcionavam bem dando excellentes resultados, mas que pouco serviram, por os moradores, e ainda mais os seus serviçaes, acharem mais simples espalhar os resíduos não longe das habitações; a fiscalisação era também quasi nulla e sabe-se quanto a rotina e o desleixo influem nas nossas camadas inferiores que eram a quasi generalidade da população. Quanto a retretes publicas nada consegui.

Comecei pedindo posturas em 1888 e alguma coisa se fez; mas uma vez que a commissão municipal resolveu fazer um código, vagarosamente o foi fazendo sem me ouvir e lá foram approvadas e publicadas umas posturas em que a hygiene era deprezada e contrariada, porque sobre tal trabalho não se julgou conveniente ouvir medico algum; para exemplo dos resultados bastará dizer que, em terra tão cheia de luz, se prescreveu a obrigação de caiar, amudadas vezes, paredes, tectos, cercados, etc., de todas as construcções.

Como prisão houve primeiro uma cabana e a seguir um barracão que depressa se tornou infecto; depois uma construcção d'alvenaria, bem ventilada, satisfaria completamente á hygiene se por vezes não fosse tão grande a agglomeração.

O tribunal deu a principio pouco que fazer; mas, com os progressos da occupação, progrediram as aggressões porque as penas, impostas pelos nossos códigos para crimes leves, não teem significação para os cabindas; e um juiz houve que tanto conseguiu amudar os exames de corpo de delicto e de sanidade, que se tornou pesado este serviço para um só medico.

O fundeadouro dos navios fica distante, geralmente mais d'uma milha da praia d'embarque, e esta bastante longe do hospital; a navegação augmentou, a variola na provincia ou no visinho Estado Independente e o cholera na Europa obrigavam a constantes cuidados; isto explicará quanto era demorado, fatigante e absorvente o serviço de saude do porto. Não chegou a haver lazareto, posto de desinfecção ou qualquer outro processo de defeza; o regulamento applicavel era o do reino. Felizmente poucas vezes houve necessidade de tornar incommunicavel qualquer embarcação e só uma por outra vez foi preciso intimar a sahida do porto.

O serviço do medico no quartel era pequeno; além da inspecção semanal de corpos, todo o tratamento era feito no hospital; vigiar pelas condições de salubridade e beneficiação do quartel

era quasi inutil; por um lado construcções novas em excellentes condições hygienicas e muito espaçadas, por outro cuidados constantes dos officiaes dirigentes, por ainda outras difficuldades de tempo, de operarios, de materiaes e de dinheiro, impossibilitavam a existencia de melhoramentos que a hygiene reclamava, mas que, por não serem indispensaveis, era necessario ir addiando para se attender a outras coisas mais urgentes. Demais, como os destacamentos eram muitos e o batalhão só a principio poucos mezes esteve completo, nunca a agglomeração deu razão a cuidados.

A clinica civil fuzia-se em más condições, fatigantes e desanimadoras; só havia a vantagem de ser pouco numerosa; se havia doentes em tres pontos differentes, era já necessario percorrer algumas centenas de metros, até kilometros. Os pretos vivendo sobre si, ou sendo da localidade embora ao serviço dos europeus, raras vezes queriam medico a não ser depois d'esgotados os recursos dos seus curandeiros, e depois de muito habituados ao mesmo medico europeu; pela hospitalisação sentem verdadeiro horror e só algum varioloso era possível isolar, tendo para isso de se lhe fazer como que uma caçada. Os pretos estrangeiros, importados para serviço das casas commerciaes, lá iam sendo tratados á moda antiga pelos brancos, leigos em medicina, guiando-se por formularios e pela rotina. Os importados pelo governo para trabalho nas suas obras, melhoraram cada vez mais nas condições de vida, chegaram a habitar vastas construcções hygienicas d'alvenaria e a terem regimen alimentar excellente, trabalho moderado, vestuario proprio, correcções suaves, etc., tudo disposto por uma commissão a que tive a honra de presidir, cuja obra mereceu approvação do Conselho da provincia para servir de regulamento; estes centos de pretos eram tratados no hospital, estavam todos vaccinados, etc.

A clinica dos brancos era a peor e póde dizer-se toda extra-hospitalar porque, mesmo os militares, raras vezes deixaram de ser tratados nos seus quartos. As doenças pequenas, ou as mais triviaes manifestações palustres, eram tratadas pelos proprios ou pelos amigos e companheiros; só em casos graves, em coisas não frequentes, muito incommodas ou apparatusas, é que se recorria ao medico. Isto admirará tanto menos quanto se souber que quasi toda a gente possui medicamentos, recebidos especialmente de Inglaterra, coisa facil porque lá vendem-se todos a qualquer pessoa, a importação é livre na bacia do Zaire, os monopolios são ali prohibidos (e portanto o dos medicamentos) e as leis provinciaes limitam-se á prohibição da venda de remedios; esta facil é de sophismar, os medicamentos não se vendiam, davam-se, cediam se, trocavam-se por outros objectos; cada casa commercial tem sua pharmacia contendo bastantes drogas até nada innocentes. Quando o soffrimento se aggrava muito ou faz receiar terminação fatal, chama-se o medico, sempre á pressa, para arcar com as difficuldades se o doente é branco, ou para alliviar o moribundo se é preto que não se mandou para aldeia de pretos ao cuidado dos curandeiros.

Dos nossos navios de guerra que frequentaram bastante o porto, eram os doentes medicados quasi sempre a bordo mesmo não havendo medico, ia eu lá frequentes vezes; alguns baixaram ao hospital quando a doença precisava maior assistencia. Dos logares proximos affluiram europeus doentes, hospedando-se nas casas da villa, onde os tratava como aos outros. De longe, frequentemente do Estado Independente, dois ou tres dias se demoravam em Cabinda doentes que esperavam o paquete para Lisboa.

Para se fazer ideia do que seria o tratamento d'um doente n'uma casa particular, basta lembrar as condições especiaes que para isso ha n'estas novas povoações africanas; não ha enfermeiros, nem mesmo mulheres europeas que tomem cuidados caseiros; os brancos, que não estão doentes de cama, teem de fazer os seus trabalhos, quasi todos fóra de casa, até longe d'ella, e mais o trabalho que estava distribuido ao doente, a quem mal podem dispensar algumas horas da noite e curtos minutos de dia por maiores que sejam, e são geralmente, a dedicação e a boa vontade pelo tratamento do enfermo; pretos ignorantes, nada dedicados, folgando até com a falta de vigilancia da parte do branco prostrado, são os encarregados de cuidar e tratar dos enfermos, sempre que o caso não é muito grave ou que o tratamento não exige cuidados extraordinarios; os recursos dieteticos são sempre poucos, a hygiene muitas vezes abandonada, a regularidade d'administração medicamentosa muito problematica, a observação do que se passa para informar o clinico geralmente nulla, a vontade do doente despotica e fundada em quasi completa ignorancia. Com taes elementos o tratamento é irregular, pôde até ser perigoso; muitos dos recursos medicos falham ou não podem ser empregados como o deveram ser; a boa vontade, o estudo e applicação do clinico, naufragam contra difficuldades de toda a ordem; o clima persiste causando a doença; o que ha a fazer de melhor é tratar de pôr, o mais depressa possível, o doente nas condições menos desfavoraveis de poder resistir a viagem para clima menos insalubre ou para a Europa. Isto para os fortemente atacados, para os rapidamente prostrados; para os outros convem vigiar-lhes pela saude, acompanhar passo a passo os effeitos da influencia climaterica, o depauperamento, a marcha vagarosa de doença não aguda, amparar, proteger, deffender de coisa mais seria, e especialmente prever, calcular quanto a resistencia diminuiu, qual o limite além do qual se impõe a repatriação.

Resumindo assim os assumptos que melhor se subordinam a este capitulo, resta-me tratar do hospital, parte a que darei maior desenvolvimento, não fallando da morbilidade que é grande e da mortalidade que não foi exagerada, porque, além do que disse em outros capitulos, mais extensamente tratados todos estes assumptos encontrará o leitor na publicação official intitulada *Estatísticas medicas dos hospitaes das provincias ultramarinas*.

A hospitalisação dos doentes começou á minha chegada a Cabinda (1887), por ser provisoriamente n'uma das casernas do batalhão já acabada, ampla construcção de ferro e madeira pelo

systema Tollet um pouco modificado, feita sobre pilares d'alvenaria, na melhor praça da villa. Depressa o movimento mostrou a insufficiencia do pavilhão e foi preciso addicionar ás dependencias duas grandes barracas de campanha e a construcção de um grande barracão para enfermaria de pretos como já se fizera outro para pretas. Bem mau era o deposito de roupas, bem apertada estava a pharmacia, incommodo era o tratamento com tão pouco pessoal a doentes tão espalhados, mas o tempo não dava para que o pessoal operario podesse fazer mais, e forçoso foi continuar assim até que os alojamentos começaram a prejudicar os hospitalisados por não haver occasião para grandes beneficiações no pavilhão Tollet e serem de má construcção e maus materiaes os outros.

Durante este tempo escolhia-se local para se construir o hospital e dispunha-se o material para começar a obra ¹. Já em janeiro de 1888, eu pedia oficialmente ao chefe de saude para mandar escolher lugar, visto que a elle ou a algum dos membros da Junta competia esse serviço, como determina o regulamento provincial; alludindo por varias vezes a isto e não havendo resolução, ia indicando ao meu governador os logares que preferia e que nenhum me foi dado por varias razões que não devo apreciar. O primeiro lugar que indiquei, decerto excellente sob todos os pontos de vista menos por lhe faltar agua, não podia servir porque seria necessario expropriar, pagando, a vivenda do encarregado das construcções e podia suppôr-se tal como um acto de favoritismo; nas mesmas condições indiquei segundo local que, destinado para o palacio do governo que lá se construiu e demais repartições publicas, não foi aproveitado para hospital porque varias condições impunham fazer-se ali, e não em outro ponto, o que lá se fez; apontei terceiro lugar, o mais alto do terreno occupado, satisfazendo como os anteriores, mas a que o encarregado das obras reconheceu difficuldades technicas pois que, fôsse qual fôsse a disposição a dar aos pavilhões, era sempre necessario construir grandes muros de suporte, na importancia de muitos contos de réis, e uma estrada d'accessão cara e de difficil conservação. Também bom seria o lugar onde já antes da nossa chegada começára a construcção dos pavilhões do quartel, e qualquer das proximidades destinadas ás varias dependencias d'este. Nenhum outro ponto parecia satisfazer á maioria das condições requeridas para hospital d'um porto maritimo; procurei então, atravez o matto, algum outro lugar distante da praia e, finalmente, encontrei um *planteau* que a principio me não pareceu mau, embora um pouco longe do povoado e muito da praia; mas, esperando a epocha das chuvas, reconheci que as campinas do lado do vento predominante, quasi

¹ Em folheto que, auctorisado oficialmente, fiz imprimir e distribuir gratuitamente a particulares e algumas corporações e entidades officiaes, encontrará o leitor mais desenvoldidamente tratado este assumpto, embora sem os commentarios que o caso pedia e ficam ao cuidado de quem lêr; intitula-se *Documentos para a historia do Hospital de Cabinda* — Lisboa, 1902.

mais de metade das horas de cada dia (sudoeste), ficavam inundadas varias vezes e até durante dias. Forçoso foi desistir do novo achado e, sempre só na indicação para que o Regulamento não me reconhecia competencia, desorientado por tantas recusas e contrariedades, indiquei que se preferisse, dos locais onde fôsse possível a construção, aquelle em que o hospital ficasse fóra do povoado, embora não a grande distancia, e que não fôsse a sotavento nem a barlavento d'este em relação ao vento predominante.

Superiormente se resolveu onde o fazer e, com a minha insistencia sobre a urgencia d'abandonar a enfermaria actual ha muito não beneficiada, começou a construir-se o pavilhão que, a contar da entrada é actualmente o quarto; erro de nivelamento ou conveniencia de construção, determinou que aos altos alicerces não fôsse dada ainda assim a altura bastante para que o terreno á frente não tivesse que soffrer um corte que desfavoravelmente influe na apreciação superficial dos entendidos em hygiene que não se dão ao trabalho d'estudar as condições locais. Em setembro de 1890 começava a funcionar a nova enfermaria, melhoravam as condições de hospitalisação e vagarosamente iam progredindo as obras. O collega que então occupava o lugar de chefe de saude, tres vezes passou por Cabinda no paquete e foi a terra (com o substituto o mesmo succedeu duas vezes), mas nunca fô contra a escolha do local no que, a meu vêr, andou sensatamente por não ter conhecimentos especiaes da localidade e não se julgar sabio ao ponto de tudo vêr e apreciar sem nada estudar; mas isto prova tambem que o local não era tão mau como depois o quizeram fazer.

A' medida que terrenos adjacentes, pouco mais elevados, fôram sendo despidos da vegetação e occupados por casas e quintaes onde cada um fez o que quiz das aguas pluvias; ao passo que se limitavam ruas que, repetidas vezes percorridas por carros de bois mas não calçadas ou d'outro modo protegidas, se fôram transformando em corroios quando as chuvas desabaram, deslizando-se o triturado chão argillo-silicioso até formarem-se barrancos, e dirigindo-se as aguas para o terreno do hospital em construção, atravez o qual muitas vezes por dia se fazia a passagem de todos esses carros; quando as chuvas, menores nos primeiros annos de occupação, vieram mostrar que podem ser diluvianas durante mezes; quando o poço aberto no terreno silicioso do hospital deixou de ter o primitivo nivel d'agua (0^m.90) e esta tanto cresceu que, para não sahir pela bocca inutilizando a bomba aspirante premente, tornou necessaria a abertura d'uma sangria que a toda a hora durante semanas escoava para a superficie do terreno o liquido excedente; á medida que foi preciso construir vallas de defeza encaminhando todo o excesso d'agua para o seu declive natural até ao mar; foi preciso abandonar temporariamente o que havia já construido para hospital em quanto a estação e o pessoal não permittiam obras de melhores consequencias. N'esta occasião appareciam os censores; não eram aquelles a quem com-

petia a responsabilidade legal da escolha do lugar; não eram os que me haviam negado os logares escolhidos por mim, nem o que mandára construir ali, escolhendo elle; não era o tecnico que fizera os nivelamentos, nem o que achára sufficiente a altura dos alicerces da primeira construcção; não eram os que haviam consentido na mudança do regimen das aguas pluviales; eram os leigos que tudo tinham presenciado achando bom o que só agora achavam mau; eram visitas a quem se mettia pelos olhos o que estava succedendo, mas que nem discorriam sobre o facil remedio, nem achavam estulto abandonar tudo o que estava feito; estas aconselhavam a mudança do hospital para outro lugar melhor, mas esqueciam-se d'indicar esse melhor que não havia; estas attribuiam-me a culpa da escolha da collocação porque ignoravam a lei e a historia que acima resumi, nada perguntaram, mas havia quem tudo ensinasse, nada leram, como podiam e deviam, porque de sciencia certa julgavam; sobre as proprias cabeças fizeram cair as censuras que me dirigiram — tendo eu partido a morrer e estando ausente na Europa — imprevidencia, ignorancia, descuido; parece-me que a minha irresponsabilidade bem resalta de toda a historia que venho contando e em que não receio ser desmentido por quem quer que seja, porque nas secretarias respectivas se encontrarão as provas do que affirmo.

Mas fui calumniado por quem pensa que é deprimindo os trabalhos dos outros que se mostra merecimentos e por quem toma como lemma o dito do philosopho: calumniae, calumniae sempre e a todos, porque da calumnia, mesmo quando destruida, sempre fica alguma coisa.

Mas o governador d'então, menos açodado ou de mais bom senso, melhor vendo e conhecendo, pensando os prós e contras do alvitre apresentado, sobreestive na resolução; de certo no seu espirito devem ter pesado pensamentos como estes: a chuva foi de violencia excepcional, não haverá recursos para a transferencia, ficaremos annos sem hospital, talvez pequena obra, bem pensada e bem executada, acabe com todos os inconvenientes. Mezes depois uma commissão de que me coube já a honra de fazer parte, confiadamente affirmava que pouco era necessario fazer para tudo resolver; e d'esse pouco se fez o menos e, apesar d'isto, quasi todos os inconvenientes desappareceram e a tranquillidade voltou aos espiritos; algumas dezenas de contos de réis não sahiram dos cofres publicos. Esse pouco que se fez foi cimentar interiormente (menos altura do que a proposta) as paredes do poço, formadas de tijolos furados com os canaes voltados para a agua interior e para o terreno adjacente; foi construir um pequeno canal que levasse o excesso do liquido do interior do poço á valla principal. Ficou por fazer a arvore de canos de drenagem do terreno, a construcção dos pavimentos das ruas, o encaminhar das aguas pluviales, o saneamento e facil esgoto de terrenos baixos distantes, o entulhar de grandes covas proximas d'onde se extrahia a areia para as obras; note-se, porém, que só a primeira d'estas obras seria propriamente para beneficio exclusivo do hospital; as outras

eram de beneficio geral, não aproveitavam mais ao hospital do que ao resto da povoação; a penultima, se a todos beneficiava por igual era, quando condições eguaes ás da epocha das chuvas de 1894-95 tornassem a dar-se, tão proveitosa para quasi todos os pontos do povoado que só os tres primeiros locaes por mim escolhidos melhorariam menos por de tal pantano soffrerem menos. Fazendo-se parte do aconselhado, fazendo-se quasi nada, fez-se ainda assim melhor, mais rapido e infinitamente mais barato do que diziam os censores; obteve-se o mesmo resultado ou melhor para a saude geral, o mesmo beneficio para o hospital e provou-se a desorientação dos accusadores, de que lado estava o estudo, a razão, o conhecimento das coisas locaes.

Cabe-me a responsabilidade que gostosamente tomo, da iniciativa do plano da construcção do hospital; mas tambem tive o cuidado de o expôr ás auctoridades superiores. Este plano consiste em ligar, por uma galeria coberta e sobre arcos, o meio do primeiro pavilhão ás testas de todos os outros, fazendo-a incidir perpendicularmente ao primeiro e parallelamente ás testas de todos os outros, collocados, alternadamente a um e outro lado d'ella, com os eixos do comprimento de cada um parallelos entre si e ao do da entrada; resulta assim uma disposição em espinha, tendo todos os pavilhões o comprimento na direcção do vento quasi constante e sendo fortemente illuminados pelas faces maiores, metade do dia d'um lado e metade do outro, sem que o sol possa dar-lhes nas paredes quando as aguas dos telhados tenham beiral sufficiente; entrando-se no terreno hospitalar, subindo-se a escada principal, seguindo essa direcção atravez a pharmacia e seu laboratorio, percorre-se toda a galeria e ao fundo, a mais de cem metros, vê-se a capella e casa d'autopsias, pequena edificação tambem no genero Tollet mas terrea; a metade direita do primeiro pavilhão, o da administração, dista vinte metros do segundo, quartos para officiaes e enfermaria dos sargentos; a metade esquerda dista quarenta metros do terceiro, enfermaria de medicina e quarto d'um enfermeiro; do segundo ao quarto (o primeiro que foi construido) vão quarenta metros e a meio está a cozinha, bôa construcção d'alvenaria; do terceiro ao quinto outros quarenta metros e fóra da linha d'elles outro edificio d'alvenaria com oito alojamentos para serventes, praticantes ou outro pessoal menor; esses grandes espaços para arborisação (que comecei e não continuei) e ajardinamento, dando condições de desafogo, permittiriam passeio aos doentes que o pudessem fazer. O quarto pavilhão é para enfermaria de cirurgia e ao fundo prisão, o quinto para mulheres e quarto d'outro enfermeiro; por fóra da cozinha e ligada a ella a casa dos banhos; além da ultima enfermaria uma casa para arrecadação de lenha, fossas moveis, etc.; junto de cada enfermaria, mas isolada, uma retrete; proxima da entrada, symetrica ao poço, a casa da guarda.

De tudo isto apenas, á minha sahida em 1897, havia: feitos quatro pavilhões; em ferro o quinto; completos o poço, a cozinha, a casa dos serventes; iniciada por alguns decimetros e pelos ali-

cercas a galeria; quasi promptas a capella e casa mortuaria e de autopsias já com canalisação d'agua; tudo o mais ficava por fazer e oiço dizer que ainda o está.

Os pavilhões são eguaes entre si, tendo cada um 32 metros de comprimento por 7 de largura, não incluindo a varanda de mais de metro que lhes dá volta completa por fóra das paredes. Sobre cinco ordens de pilares d'alvenaria de quasi um metro d'altura, assentes em muros d'alicerce até ao nível do solo, descansam vigas longitudinaes de ferro em duplo T a que se ligam outras transversaes com menores espaços; a estas prendem-se barrotes em que se pregam as taboas do sobrado, alcatroadas inferiormente. Dos pilares exteriores nascem prumos do mesmo ferro, supportando os extremos do telhado, que, ligados por cruces de Santo André, fecham exteriormente a varanda; da segunda fila de pilares nascem os prumos destinados ás paredes do edificio, ainda de madeira, mas que devem vir a ser de tijolo (como já o são as da igreja), paredes que podem tambem fechar a varanda pelos prumos de fóra, ficando esta coberta e abrigada; nas paredes ha portas de madeira com persianas (e nos ultimos tempos tambem com vidraças). Estas paredes, verticaes até aos dois metros, inclinam-se depois em abobada cujo fecho dista do sobrado pouco mais de seis metros, e é em lanternim com extensas aberturas que podem fechar-se e que facilitam o arejamento do interior. As ogivas, forradas de madeira a toda a altura ou não (na enfermaria de cirurgia) distam irregularmente — em curva suave — no minimo cinco decimetros do plano do telhado, de telha modelo marselhez, de duas aguas salientes, em baixo, á vertical exterior da varanda; os dois topos de cada pavilhão fecham com madeira tambem, com suas portas, e a certa altura tem pequeno telhado para cobrir a varanda. As divisorias interiores de madeira, raras vezes vão até ao tecto, só no pavilhão da administração, dividindo a enfermaria dos sargentos dos quartos, e estes dois a dois; todas as outras divisorias são apenas de trez metros ou completam-se por meio de rede d'arame. Paredes e divisorias eram interiormente pintadas de cinzento quasi branco e exteriormente mais carregado.

O primeiro pavilhão tem do lado de sudoeste os aposentos do delegado de saude, seguindo-se a secretaria e archivo com comunicação interior; depois o deposito de roupas e utensilios; depois pharmacia, laboratorio e deposito de drogas, comunicando com os aposentos do pharmaceutico que pegam com um gabinete para vaccinações, consultas, etc., onde estão os armarios com os instrumentos cirurgicos; por fim os aposentos para outro medico.

O segundo pavilhão é destinado, na metade norte, a enfermaria dos sargentos, ampla de 16×7 metros, arejada, bonita mesmo, apenas com nove camas e portanto enorme cubagem; o restante foi dividido em oito quartos, communicantes dois a dois por porta em divisoria apenas de tres metros d'altura; cada quarto tem quatro metros de comprimento por trez e meio de largura por onde communica com o seu visinho na menor dimensão do edificio; nunca



Fig. 3 — Hospital visto de nordeste



Fig. 4.— Hospital visto de sueste

www.libtool.com.cn

houve necessidade d'occupar todos os quartos, cada doente podia dispôr de dois ou uma area total de 4×7 metros e uma altura minima de dois e meio e maxima de seis, em abobada; e ha quem lhes chame cubiculos! Fôra a abertura movel do lanternim e as duas portas para o exterior, que tudo pôde renovar o ar, a cubagem está longe de ser tão insignificante que o epitheto lhe possa caber.

O terceiro pavilhão é enfermaria de medicina para homens; ao fundo, ao sudoeste perde quatro metros de comprimento para o quarto do enfermeiro, separado por estreito corredor longitudinal, terminado em porta exterior, d'outra parte igual mas dividida em arrecadação da enfermaria e pequeno quarto para isolamento ou lavatorio; a ampla sala tem a meio apenas uma mesa, e de cada lado uma fila de camas de ferro (ao todo 29) separadas por mesas de cabeceira, ainda de madeira.

O quarto pavilhão é enfermaria de cirurgia para homens e em tudo semelhante ao anterior (com 28 camas), perde na face norte, por divisão continuada por grade d'arame, um espaço transversal de trez metros e meio para prisão (trez a cinco camas).

Mas n'estes dois pavilhões se alojavam tambem as mulheres pretas dos serviçaes contractados do governo (brancas não vão ao hospital, tratam-se em casa; outras pretas tambem não, vão para as suas aldeias), e isto porque não estava terminado o quinto edificio, apenas ainda em pilares de ferro; se a prisão devoluto ou o quarto d'isolamento permittiam ás vezes tel-as separadas dos homens, nem sempre tal acontecia.

Como se vê, a hospitalisação até á minha sahida estava longe de poder ser optima; se as raras operações permittiam dispensar casa especial, muita falta fazia a casa dos banhos e extraordinaria as retretes; mas... alguém me attribuia estas faltas sem querer saber se varias vezes pedira e instára por esses melhoramentos, e esquecendo-se de que os deveres militares só permittem a insistencia por certa fórmula e em certos limites.

A agua, elevada pelo moinho para tanque cujo fundo está uns quatro metros acima do nivel geral do solo hospitalar, deixei-a já canalizada para todas as dependencias, com torneiras em todos os logares onde me pareceu serem uteis.

Não trouxe commigo apontamentos sufficientes para bem tratar do movimento hospitalar¹, mas com os que trouxe posso apresentar o seguinte mappa:

¹ Consta da publicação official *Estatisticas medicas dos hospitaes das provincias ultramarinas*.

Meses	Maximas existencias diarias						Medias existencias diarias						Totaes das existencias						Totaes das entradas					
	1891	1892	1893	1894	1895	1896	1891	1892	1893	1894	1895	1896	1891	1892	1893	1894	1895	1896	1891	1892	1893	1894	1895	1896
Janeiro	40	28	28	24	23	53	33	25	21	15	17	46	992	754	633	461	534	1380	61	35	54	44	45	70
Fevereiro	37	23	27	21	22	46	29	20	20	15	17	41	839	589	564	426	485	1206	48	31	36	31	40	53
Março.	31	39	24	20	-	43	24	29	19	15	-	35	765	907	616	516	-	1104	37	65	44	25	44	52
Abril	25	36	23	22	-	49	19	32	18	18	-	39	597	969	569	555	-	1199	25	49	44	29	50	60
Maió.....	26	34	31	20	31	52	20	28	26	15	22	40	629	885	726	492	1097	1241	44	31	58	19	56	63
Junho.....	32	33	30	26	35	37	25	24	24	17	29	31	763	742	730	536	887	946	49	34	54	32	54	44
Julho.....	35	35	18	23	35	-	26	22	12	18	29	-	811	698	372	569	907	-	35	45	24	33	42	-
Agosto	33	22	39	24	38	-	24	17	19	15	25	-	747	527	600	476	794	-	46	28	54	23	47	-
Setembro ...	30	20	22	17	40	-	21	15	17	13	29	-	655	462	519	419	881	-	38	31	34	31	54	-
Outubro	25	19	21	12	53	-	20	12	17	9	43	-	594	398	557	298	1337	-	47	31	41	31	86	-
Novembro.....	23	19	19	29	64	-	18	13	14	21	55	-	551	304	427	637	1069	-	44	30	34	48	86	-
Dezembro ...	33	24	16	24	68	-	26	18	11	18	61	-	821	598	366	575	1900	-	46	43	33	34	72	-

Devo fazer notar que tendo partido doente para a Europa em março de 1895, só regresssei a Cabinda em fevereiro de 1896 e que, portanto, ha n'este mappa numeros que se referem a mezes em que não dirigi o hospital; só ha os do movimento do hospital definitivo, faltando mesmo n'esses os do começo do funcçãoamento, ultimos mezes de 1890.

Comparando os numeros durante as minhas aturadas direcção e clinica (maximas: diaria 40, d'existencia mensal 992), com os dos collegas que me substituiram (maximas: diaria 68 e d'existencia mensal 1900), vê-se que condições differentes (e não epidemias como houve no meu tempo) se deram durante a minha ausencia que infelizmente acarretaram mais trabalho, mas que foram diminuindo novamente quando voltei a occupar o logar; e condições que influiram principalmente no numero de dias de permanencia no hospital; que portanto não se devem considerar os numeros mais elevados como frequentes no movimento hospitalar, visto que só se deram durante alguns mezes ao passo que os outros menores são de annos; por estes deve ser feito o calculo da capacidade necessaria para o movimento de doentes n'esta terra e concluir-se-ha que, construido o que planeei, o hospital satisfará em boas condições podendo fazer-se beneficiações que a hygiene impõe e que não era facil realisar no meu tempo por não haver onde accomodar os doentes durante o descanso obrigado de qualquer das enfermarias.

Quanto á mortalidade, consultando a citada publicação official, vêr-se-ha que foi geralmente pequena; exemplos: em 1892 foi de 5,625 %; em 1893 foi de 4,05 %; mas subiu em 1891 a 8,71 %, o que tem explicação na existencia de numerosos casos de beri-beri de forma hydropica. Não vá d'aqui concluir-se nem a excellencia do clinico, nem a do clima; o movimento seria maior se todos os doentes baixassem ao hospital, e a mortalidade cresceria com a qualidade dos doentes. Ora no hospital entram quasi só os subordinados do governo, e d'esses só os que não podem tratar-se em casa ou que teem de baixar, por motivos officiaes; os brancos, quer operarios quer do commercio, ou officiaes ou empregados menos mal renumerados, raras vezes se hospitalisam; e é n'estes que o clima mais influe, são esses que augmentam o movimento dos doentes em Cabinda, e só sommando esse numero ao do hospital se poderia tirar conclusões sobre a insalubridade do clima, especialmente para os europeus, se houvesse recenseamento da população. E como as doenças graves dos hospitalisados, quando nos pretos, impossibilitam do serviço e dão o repatriamento, e quando nos brancos, impellem ao uso de licença para melhores terras ou para a patria; como em todas essas condições deixam os doentes de vir a fallecer no hospital, mesmo quando não melhorem ou se curem; a percentagem da mortalidade póde ser pequena sem abonar as referidas excellencias, tanto mais que são as manifestações palustres as que produzem maior numero de victimas e estas, quasi só brancos, raras vezes entram no hospital, não sobrecarregam a percentagem.

VII

Animaes domesticos

Quasi todos os da Europa se resentem do clima e soffrem profundas alterações, notaveis em poucos annos se a reproducção é rapida; dos que conheci exceptuaram-se apenas os pombos e os patos que parece darem-se perfeitamente; d'aquelles cuja vida é longa, como os solipedes, não é facil calcular, n'este pequeno periodo d'observação, o que succederá pela descendencia, mas os animaes importados não passam bem, estragam-se com facilidade perdendo as forças e a alegria por mais cuidados que haja no tratamento e alimentação; até o burro e a mula não pôdem suppor, sem prejuizo notavel, qualquer trabalho aturado.

Os coelhos são dos que soffrem menos, mas notei que, ainda mesmo fugindo das casas, não se afastam muito, parecendo receiarem campos a que não estão costumados.

Os mais vulgares animaes domesticos são as gallinhas; n'estas é rapida a degeneração, sobretudo no crescimento que rapidamente faz diminuir a estatura, mesmo sem cruzamentos com os gallinaceos já adaptados ao novo clima; para sustentar as castas grandes é preciso reforçar varias vezes a capoeira com reprodutores da Europa; mas estes soffrem bastantes doenças e o melhor meio de as evitar é cruzar com os pequenissimos gallinaceos já acclimados ou indigenados; obtem-se exemplares menos formosos, menores e pouco adornados de pennas, mas com maior resistencia organica. A incubação dos ovos não é alterada sensivelmente na duração, mas succede as mães abandonarem os ovos por occasião de grandes trovoadas, e ás vezes até perderem o chôco totalmente, não sendo possivel forçul-as a continuar. Os pintos de raça pura soffrem extraordinariamente, os cruzados menos, sendo grande a mortandade; é especialmente o *pulex penetrans* que mais os ataca, sobretudo deformando-lhe os membros inferiores e inutilizando-os por isso, mas tambem produzindo edemas mortaes da cabeça por se introduzirem pelas cavidades naturaes ou atacarem o pescoço do animal já de si menos resistente. São frequentes as doenças conhecidas por gosma e pevide; andam as cristas quasi sempre chagadas e apparece com frequencia o que me pareceu ser o cholera das gallinhas que, em poucos dias, faz desaparecer a criação por mais numerosa que seja na mesma capoeira.

Pelo contrario os patos mudos, grandes, pretos, dão-se magnificamente, não já assim qualquer das outras castas; só aquelles attingem e conservam, na geração, grande desenvolvimento.

Ha uma cobra delgada, de abdomen claro e dorso escuro, de

comprimento até dois metros, que, sem fazer mal a qualquer outro vivente, é inimigo terrível das aves; entrada n'uma capoeira, raros animaes ficarão sem mordedura (a maior parte das vezes mortal) na cabeça que rapidamente incha, dando-se depressa a suffocação; só come um ou outro pinto dos ainda muito pequeninos, mas é extraordinariamente gulosa pelos ovos que consome em quantidades apreciáveis. O processo de se aproveitar dos ovos é curioso e dá origem a que a propria cobra avise da sua existencia na capoeira para que o homem vá matá-la: aberta a bôcca, n'ella toma o ovo que a enche completamente; então bate com a cabeça de lado contra um corpo duro que encontre perto; a casca parte-se, a cobra engole o conteudo e expelle a casca, apanha outro ovo, repete a operação, etc. Em geral será de madeira, e portanto sonoro, o corpo duro que encontra para dar as pancadas; estas são pequenas para partir o ovo verdadeiro, mas ouvem-se bem a distancia quando tenta partir a imitação feita de gesso ou outra substancia branca afeiçoada a modo de ovo e com que a cobra é facilmente enganada. E' de noite que serve este estratagemma; de dia a inquietação das aves, o barulho que fazem e as correrias em que andam, são sufficientes para denunciar a aproximação de qualquer inimigo. Julgo ser por causa das cobras que os pretos tomam disposições especiaes para as suas gallinhas (178).

Os suinos dão-se bem, mas perdendo quasi totalmente o pello e adquirindo rapidamente habitos selvagens; vão tambem diminuindo de grandeza pela reproducção e, talvez por falta de alimentação especial, nunca attingem grande gordura; são dos poucos animaes que atacam as cobras, não se importando com as suas mordeduras e terminando por as comerem, mesmo ás venenosas, sem darem mostras de que tal os prejudique.

Os carneiros e cabras soffrem grandes modificações, sendo a mais notavel a perda da lã e dos grandes pellos, ficando o corpo dos descendentes coberto de pello fino, curto; nas cabras raras vezes a prenhez dá só um filho, a maioria das vezes dá dois, bastantes trez e algumas quatro; nas ovelhas geralmente dá dois. Os carneiros resistem menos do que as cabras; d'estas resistem mais aquellas em que predomina o pello preto; a raça indigena afasta-se muito das europeias no feitio do corpo, os membros são mais curtos e grossos, a cabeça maior, o ventre muito desenvolvido, nada elegantes. Estes animaes soffrem muito de doenças cutaneas que vão até á sua inutilisação e á morte por não lhes consentirem a alimentação. Tambem bastantes vezes succede que, em poucas horas, augmenta muito o ventre com som tympanico, e sobrevem a morte; isto é attribuido por uns á ingestão de vegetaes venenosos e por outros a uma especie de rã pequenina, branca ou côr de rosa, que se abriga nas hervas humidas da chuva ou do cacimbo, trepando por ellas, d'onde vae descendo para o solo á medida que o sol aquece; por isso dão como preceito não deixar pastar os animaes herbivoros antes das nove horas da manhã.

Aos bois succede morrerem pelo mesmo processo, mas tambem

as doenças cutâneas e as carraças causam muitos prejuizos. Precisam ser constantemente tratados e terem boa ração mesmo que o trabalho não seja aturado; os que andam só a pasto, para o talho, embora importados de pontos mais ao sul, mas também bastante quentes, onde se dão bem, resistem pouco, emmagrecem rapidamente e dão carne de mau aspecto e sem sabor quando não repugnante. Como as carraças são aos milhões necessitam de continuos cuidados, especialmente quando não ha umas aves de arribação, todas brancas, que supponho da especie *bubulcus*, chamadas *guarda-boi*, que se collocam sobre este e vão ingerindo todas as carraças. E' curioso vêr como os bois conhecem estas aves e se prestam á operação mantendo-se immoveis como se não fôsem vivos, deitando-se de lado, levantando os membros, etc., para que as aves percorram todo o corpo sem se assustarem por qualquer movimento brusco.

Os cães soffrem também bastante; perdem quasi todo o pello, pela descendencia, ficando curto e sedoso; diminuem d'estatura pela reproducção successiva, augmentando muito o volume do ventre; as doenças cutâneas e as carraças fazem-lhes passar verdadeiros martyrios; das patas soffrem muito com o *pulex penetrans* que por fim aprendem a extrahir a dente. Não consta que haja um unico exemplo de raiva em animal que não tenha sido importado já mordido. Tive porém occasião de vêr uma epidemia de dyphtheria que dizimou a quasi totalidade dos cães, deixando todo o atacado que sobreviveu completamente paraplegico.

De gatos era pequenissimo o numero, não os havia indigenas, só descendentes do casal que levámos; nada me recorda d'elles digno de nota.

VIII

Commercio

Reduz-se á permuta, por generos europeus, de generos indigenas, mais ou menos ricos ou de valor nos mercados civilisados.

Faz-se em toda a Africa Occidental de modo semelhante e em Cabinda rarissimo é apparecer marfim, raros o café e a borracha; quasi que só se negoceia em coconote e azeite de palma (■ ■ ■), generos de grande volume e peso, mas pouco apreciados, isto é, generos pobres. Ha longos annos que os europeus tem estabelecido feitorias, ou casas commerciaes, nas terras de Cabinda, mas depois da nossa occupação augmentou muito o numero e, como a região é pequena e os indigenas do interior deixaram de vir á costa por imposições das auctoridades do Estado Independente do Congo, o negocio fraquejou e mais d'uma casa tem tido que fechar.

O europeu que queria estabelecer casa de negocio ou permuta, escolhia o local que melhor lhe parecia por ser proximo do trilho

de comitivas, ter praia melhor e não ter agua doce muito longe. As condições de salubridade são coisa desprezada, ha casas sobre pantanos ou muito proximo d'elles. Escolhido o local, entendia-se com a auctoridade indigena que n'elle dominava e pedia a necessaria licença, estabelecendo-se os *costumes*, isto é, a primeira quantia a pagar e as annuidades futuras.

Depois construia as casas, começando pelo armazem, a principio cabana á moda indigena (14), onde habitava e punha os seus haveres, que depois ia substituindo e alargando, levantando construcções, de madeira comprada aos pretos, feitas por carpinteiros das proximidades.

Pouco a pouco, afreguezando vendedores d'alimentos, pessoal necessario para o serviço da casa e permutadores, ia a feitoria crescendo, o negocio augmentando e o branco lá morria, ou, passados muitos annos, liquidava e voltava rico

Uma feitoria, em condições de vida desafogada, consta de casa de habitação, armazens, payol, cabanas para o pessoal preto, *sombras* ou alpendres, quintal e terreno cultivado, geralmente tudo, ou pelo menos o principal, cercado por uma sebe; o pessoal é numeroso e de varias côres; ha pelo menos *bote de praia* e alguma embarcação indigena; existem sempre alojamentos para varios animaes domesticos, cuja carne possa ser aproveitada para as refeições dos brancos; ou na casa principal ou no melhor armazem, existe uma divisão especial denominada o *feitiço*.

A habitação principal, feita no logar mais elevado ou em aterro, no local cujo panorama seja mais desembaraçado ou mais em frente da praia, embora distante d'ella e separada por um terreiro bem batido e limpo, vasto, era sempre terrea ou assentava sobre baixo massame d'alvenaria, é hoje bastantes vezes sobre pilares de ferro ou alvenaria, seguindo-se assim o exemplo das construcções do governo portuguez. Sempre de madeira mais ou menos grossa, com o tecto de feltro, é circumdada por larga varanda, limitada exteriormente pelos prumos que seguram o beiral do telhado (vulgarmente de quatro aguas), que é ainda saliente até coisa de um metro, ficando a linha extrema a tres ou quatro metros da parede da casa, cobrindo a varanda que sombreia e livra em grande parte da chuva e do sol. Essa varanda, d'um dos lados menores da casa (que tem quasi sempre a forma de rectangulo alongado) é bastante mais espaçosa e serve numerosas vezes de casa de jantar; esta em poucas construcções succede ser interior; mas ainda a varanda dá communicação a todas as divisões, geralmente tornadas assim independentes, sem haver corredor algum interno. As divisorias interiores poucas vezes chegam ao tecto, ou, quando muito, são até ahi prolongadas por grades de madeira, de tres metros para cima. Uma divisão central, espaçosa sala, casa de leitura ou casa de estar e substituta da de jantar ¹, commu-

¹ Muitas vezes guarneciam as paredes com filas d'espingardas aperfeiçoadas

nica trivialmente para os lados com os quartos, que pertencem um, pelo menos, a cada empregado não preto, dois ao dono ou chefe, e outros que ficam devoluto e servem para hospedes eventuaes ¹. Por vezes é n'esta construcção que tem logar o *feitico*, outras é em edificio separado, n'um extremo d'um armazem, e junto d'elle ficará o quarto do empregado responsavel.

Chama-se *feitico* á casa onde se pagam as coisas miudas, onde estão os generos europeus de menor volume e maior valor, e até mesmo pequenas porções de tecidos de cada qualidade, cujo deposito é n'um armazem onde se conservam em fardos fechados. Quasi sempre tem á testa um empregado especial ou o proprio dono, um sujeito bastante pratico do negocio, que saiba fazer valer os productos europeus, e ladino para contentar os pretos com pequenos presentes que os façam ir-se contentes com vontade de se afreguezarem.

Os armazens são vastas construcções terreas de madeira onde se depositam os generos indigenas, se fazem certas manipulações, preparando-os para embarque, se guardam os utensilios necessarios para o negocio, a reserva de todos os objectos e os cascos, pipas, caixas e garrações dos detestaveis liquidos, tão appetecidos pelos pretos, em que entra como base o alcool.

Outra construcção de madeira, pouco distante da casa principal, mas isolada, é uma vasta cozinha, tendo ou não annexa a despesa em que se guardam os generos recebidos dos paizes civilizados para alimentação dos brancos. Poucas vezes com chaminé, é esta dispensavel por as paredes, que nem sempre existem, serem de grades de travessas pouco proximas para facilitarem a vigilancia, mesmo de longe.

O payol da polvora mereceu sempre grandes atenções; isolado de tudo o mais, o melhor construido e vedado possivel, embora de madeira, devia estar em logar onde não chegasse com facilidade um incendio, mas que fôsse facil de vigiar e defender em caso de ataque da feitoria por inimigos, não só para a estes não fornecer material, como para se poder usar facilmente do cartuchame embalado ahi depositado. Tem, porém, a construcção de ser vasta porque a polvora ordinaria, em pequenos barris, é artigo de commercio muito procurado por todos os pretos. Nem no payol nem em qualquer outra casa é usado algum pára-raios; apesar de serem frequentissimas as trovoadas, só por excepção, se alguma houve, caiu algum raio em casa de brancos.

Aqui e ali veem-se grandes pombaes, enormes capoeiras e redís para cabras e carneiros, tudo de madeira, bem fechado para evitar furtos pelos indigenas ou por animaes carnivoros. Em pontos diversos ha telheiros a que chamam *sombras*, uns de madeira e

que, em caso de necessidade, constituíam o armamento de quasi todo o pessoal para defeza da habitação.

¹ Esta hospedagem chega a prolongar-se por mezes.

feltro, outros á moda dos tectos indigenas, alguns muito grandes para abrigo e descanso das caravanas de negociantes do sertão, tres menores para fins especiaes, e outros para serviços eventuaes. Dos menores, um é a officina do tanoeiro, indispensavel não só para concertos do vasilhame como para armar grandes cascos que vão de cá preparados e em que será transportado o azeite; outro cobre enormes caldeirões de ferro, onde se derreterá e purificará o mesmo azeite (144); outro, na praia, abrigará as embarcações miudas do serviço da feitoria, quer balieiras de carga ou *botes de praia* (180), quer embarcações indigenas, quer por vezes algum escaler para uso dos brancos, em passeio, idas aos vapores, etc.

Todas as construcções referidas são geralmente cercadas por uma sebe de madeira, e vigiadas toda a noite por pretos, rendidos de horas a horas, que, para mostrarem que estão acordados, teem que percutir, de tempos a tempos, em *chingongo*, instrumento de cobre ou ferro, formado por dois grandes chocalhos, que, por uma haste metallica em semi-circulo, estivessem reunidos pela parte fechada ficando collocados a par; a percussão faz-se com madeira, o som ouve-se a grande distancia e tem um timbre especial que, uma vez ouvido, não mais se confunde.

Fóra da vasta area assim occupada pela parte principal da feitoria com seus grandes terreiros, ha ainda a *senzála* e muitas vezes a horta. Aquella é constituida pela agglomeração irregular das palhotas, raras vezes arruadas, onde vive todo o pessoal preto da feitoria com as suas mulheres e filhos; é a parte miseravel, immunda ás vezes, bulhenta, verdadeira aldeia indigena (82) em que as distancias de casa a casa são muito reduzidas; em sitio mais reservado e afastado da *senzála*, ha quasi sempre outras palhotas maiores, com o terreno mais limpo, tudo mais cuidado, onde residem as concubinas dos brancos, quando não vivem nos proprios quartos d'estes. Na *senzála* commum ha tambem uma parte melhor tratada que é a das cabanas do pessoal preto dos serviços especiaes: cozinheiro, lavadeiros, criados, etc. Mas de todas se distingue pela maior área occupada, altura, aceio, aspecto, uma palhota melhor, a que é occupada pelo chefe do pessoal preto, o *linguece* ou *linguester* ¹.

A horta, rodeada de pequena sebe para evitar os destroços dos animaes, o seu nome diz o que é; a verdura é muito apreciada e necessaria á alimentação; quasi todas as hortaliças do nosso clima se dão lá — com crescimento muito rapido e espigando a breve trecho — só na epocha do cacimbo ² e tempo proximo, isto é, de maio a novembro; são precisos muitos cuidados com o desenvolvimento de grande numero d'inimigos dos vegetaes, especialmente lagartas, formigas e gafanhotos. E' ainda n'esse terreno, mas tambem pelos intervallos das casas, que costuma haver arvores de

¹ Não pronunciar o *u*.

² Estação fresca. V. Cap. III (169).

fructo dos climas quentes, principalmente laranjeiras e tangerineiras e mais ainda as mangueiras; como curiosidade rara ha alguma arvore fructifera dos climas temperados, quasi sempre com vida rachitica; por toda a parte. e mais geralmente nos limites do terreno da feitoria, abundam as bananeiras de todas as qualidades, especialmente das mais grosseiras.

As embarcações miudas representam papel importante no trafego da feitoria, em especial sendo, como na maioria dos casos, situada na costa; esta, baixa, de pequenissimo declive até grande distancia da praia, não consente facil e segura approximação dos grandes vapores do commercio a mais de meia milha, e bastantes vezes a duas e tres milhas, não só por ser ahi a linha das cinco ou seis braças, como por causa da *calêma* (211). Aproveitam-se as embarcações indigenas para pesca e pequenas viagens de pretos; algum escaler, em praia mansa ou nos rios, é destinado ás viagens dos europeus; para estes servem tambem nos rios grandes embarcações á moda indigena (66), mais reforçadas, com seis e mais remadores, chegando a havel-as com as seguintes dimensões: pontal 0^m,80, bocca 1^m,20 e comprimento oito a dez metros.

Mas na costa, especialmente onde é maior e mais vulgar a *calêma*, a embarcação preferida é o *bote de praia* (180), que jaz debaixo do seu telheiro defronte da feitoria, ahi é carregado já proximo d'agua ou dentro d'ella, podendo levar mais d'uma tonelada de peso de generos coloniaes ao vapor e d'elle trazer os europeus.

O pessoal d'uma boa feitoria divide-se em brancos e pretos. Entre os brancos ha o dono, ou encarregado em nome d'elle, e os empregados subalternos desde um a oito e mais algumas vezes; algum d'estes poderá ser mulato que nem por isso deixará de ser considerado branco se como estes vestir, com estes lidar, viver, comer, sabendo lêr e escrever, mostrando-se em tudo como um branco. No pessoal preto inclue-se uma concubina (27) para cada branco, raro será o europeu que não a tenha e para certos patrões é mesmo condição obrigatoria para se ser seu empregado, afim de este não gastar tempo com os arranjos domesticos, ter enfermeira quando doente, uma responsavel pelos seus haveres, etc.

O chefe do pessoal negro é o que os brancos chamam *linguestér* e os pretos *linguece*, se não tem categoria superior — bastantes vezes a de *kapita* (36). Preto geralmente de meia idade ou velho, transmite as ordens do branco distribuindo de vespera os serviços do dia seguinte, serve de interprete ou de procurador (39), resolve as pequenas questões entre o pessoal indigena, mantem a ordem na *senzála*, applica os castigos ordenados pelo patrão, recebe as caravanas dos *pretos de negocio* que procuram o estabelecimento, assiste á permúta, faz o elogio dos generos europeus e do dono da casa, aconselhando os negociantes d'ambas as côres, mas tem como funcções principaes vigiar, guardar, responder pelos haveres dos brancos, quando elles estão ausentes da feitoria, e tratar, como suas, das pendencias que possam levantar-se com as auctoridades indigenas. E' portanto um preto de

grande importancia na casa, homem de confiança do chefe que tem o cuidado de mostrar por elle toda a consideração e de dar-lhe toda a força e importancia que póde.

E' numeroso o pessoal menor preto, tratando só do do sexo masculino, porque as mulheres e crianças que lhes pertencem são apenas consideradas hospedes, não teem vencimento nem obrigações e recebem pagamento d'alguns pequenos serviços quando os prestam. Ha o cozinheiro dos brancos, um ou mais ajudantes e respectivos aprendizes; os lavadeiros e os criados ou *moleques* — geralmente um por cada europeu — o tanoeiro, o carpinteiro e os serventes; d'estes destacam-se como mais importantes os patrões dos *botes de praia* que são os mais considerados e mais bem pagos; os outros não tem realmente serviço especial mas, conforme as aptidões, assim são escolhidos de preferencia para dados trabalhos; são em grande numero, negros destinados a todos os serviços grosseiros da feitoria, trabalhando ora n'uma ora n'outra coisa, tripulando as embarcações, carregando as *tipoiás* (100), transportando os generos indigenas ou europeus, arrumando os armazens, fazendo aguada, cargas e descargas, levando recados, pastoreando o gado, ajudando o carpinteiro e o tanoeiro, fazendo as plantações, destruindo as hervas, limpando e concertando os terreiros, etc.

A vida na feitoria passa-se em quasi permanente monotonia; o domingo é dia consagrado ao descanso e ao prazer, se apressado vapor não quer aproveitar o tempo (poucas vezes mais do que a manhã) para a carga e descarga; nos outros dias trabalha-se, mas a maior actividade nota-se em occasião de vapor no porto ou de chegada de grande caravana. Geralmente ha grandes periodos de descanso, especialmente se fraqueja o negocio e, além do repouso quasi de sol poente a sol nascente (umas dez a onze horas), tambem do meio dia ás duas é vulgar que a alta temperatura não permita o trabalho. Levanta-se tudo ao romper da aurora a toque de sineta; os pretos formam para se vêr quem falta; cada um bebe um decilitro d'aguardente e, feita a distribuição dos encargos do dia, dividem-se em varias direcções, mandados por brancos ou capatazes e vão executar os serviços designados debaixo das vistas d'elles; pelas onze horas, novo toque de sineta marca o abandono do trabalho, a hora da comida e o descanso consecutivo; pelas duas horas novo toque, nova dóse de serviço até ao pôr do sol; outra vez comer e depois descantes, conversas, algumas vezes dança e por fim repouso, excepto para os vigias nomeados para essa noite.

Dos brancos é facil conhecer as ausencias; essas faltas, geralmente motivadas por doença, dão origem a tratamentos mais ou menos ensinados pela pratica e que, por errados ou insufficientes, muitas vezes não dão a desejada cura ou dão-n'a mais demorada do que devêra ser. Mas medico profissional raras vezes ha perto, e o recurso é um formulario, especialmente o Chernoviz, que mais prejuizos terá dado que vantagens por muito facilitar e auctorisar, a ignorantes da especialidade, o embrenharem-se confiantes em

veredas em que até os profissionaes podem não ter marcha segura. As faltas dos pretos são bastantes vezes por doença, e um branco mais ousado fará tratamento, applicará medicamentos da abundante pharmacia da feitoria, ensinará e vigiará os pensos; nas outras vezes essa falta será devida a fugas, por motivos ás vezes futeis e outras (as menos) justos; d'aqui, como consequencias, buscas, indagações, transtornos e despezas, questões com os indigenas vizinhos, sortidas, vinganças, etc.

E' n'esta formatura da manhã que se enumeram as faltas commettidas no dia anterior e se castigam os culpados.

Os brancos levantam-se á mesma hora, vestem-se ligeiramente e vão uns vigiar o serviço da praia ou dos armazens, outros fazer a permuta, pezagens, medições, interminaveis conversas, distribuição de generos para rações dos pretos da casa e de fóra, pagamentos, etc. O chefe e o guarda-livros, se o ha, fazem a escripturação, a correspondencia, etc.; mas o primeiro está ora aqui ora ali, olhando por tudo, dando ordens, regulando as coisas a seu modo, e poucas vezes deixa d'assistir no *feitoço* aos pagamentos. Pelas onze horas fazem as suas abluções, mudam de fato e vão almoçar; não é esta a primeira vez que comem; pelas seis e meia ou sete horas da manhã teem uma refeição pequena, mas em que entram alguns solidos, embora a essa refeição, ás vezes tomada de pé no proprio logar do serviço, se chame o *chá*, que bem corresponde ao *petit-dejeuner* dos francezes. O almoço é abundante, de varios pratos, demorado, e occasião para conversas. Segue-se o intervallo de descanso para fugir ao maior calor, muitas vezes aproveitado para uma curta sésta e, pelas duas horas, recomeça o serviço até ao pôr do sol (ás 6 horas); novos preparos de vestuario e limpeza, jantar demorado, abundantissimo, depois conversações, tomar o fresco, alguma leitura e deitar pelas nove ou dez horas.

Exceptuam-se a este regimen os domingos, consagrados ao descanso, aos divertimentos de caça, jogos, exercicios de tiro ao alvo, pequenas excursões, leituras—especialmente de jornaes e romances—bastante conversação sobre os seus paizes, terras e costumes, projectos e aventuras, correspondencia particular e visitas a outros europeus. São famosas as criticas, quasi sempre aceradas, de tudo e de todos; discutem-se os maiores problemas, as mais phantasticas opiniões politicas, com o mesmo calor que as vidas particulares; contam-se anedoctas e coisas que o parecem, com uma minucia de detalhes que bem mostra haver falta d'assumpto, e com umas pausas, repetições e variantes que causam enfado a quem não está n'este habito. Beber e fumar são dois recursos vulgares e largamente usados para matar o tempo; maldizer e intrigar tem fóros de praxe. Discutem-se operações commerciaes feitas e a realisar, lamenta-se que no anno corrente o negocio esteja fraquissimo comparado com os anteriores em que já se disse o mesmo, combinam-se *trucs* da permuta com o indigena, ensinam-se e disfructam-se os novatos, commentam-se os acontecimentos locais minimos, emfim tudo serve para entreter a

conversação que, ainda assim, muitas vezes morre á mingua d' assumpto.

Destoam d'esta uniformidade os dias em que ou ha vapor no porto, o que produz augmento de trabalho, mas não transtorna a distribuição das horas diarias, ou o apparecimento de viajantes que, mesmo desconhecidos, comtanto que sejam brancos e deem referencias, são bizarramente hospedados (melhor pelos portuguezes do que pelos d'outras nações que comnosco aprendem muito n'este ponto) por todo o tempo que entendem dever demorar-se com as comitivas; são sempre desejados, constituem uma variante, dão novos assumptos e novos rumos ás conversas, etc., e recebem offerecimentos, logo realisados, de recursos e commodidades que estavam longe de ser esperados.

O branco começa esta vida commercial por empregado de grau inferior e vae subindo, subindo, até encarregado de feitoria pouco importante e por ultimo a chefe de casas ou gerente de companhias; muitas vezes, em qualquer altura d'esta carreira, estabelece-se de conta propria, quasi sempre em ponto distante, mas sempre em differente e, antes de habilitado a negociar directamente com a Europa, ou por não saber ou por não poder, fica como que uma succursal da casa de que se diz *aviado* (●●●).

A escripturação poucas vezes é regular e raras por partidas dobradas; quasi sempre pequenos livros e muitos apontamentos são tudo; a correspondencia é que é numerosa e copiada com cuidado porque grandes periodos de tempo se passam entre remessa de carta e chegada de resposta.

Os lucros eram phenomenalmente grandes; dizia-se mau negocio o que deixava menos de 100 %; faziam-se fortunas consideraveis em poucos annos; a concorrência tem diminuido os lucros, mas, havendo boa administração e economia (em vez dos esbanjamentos a que se estava acostumado), o negocio é ainda rendoso.

O fim da vida commercial é, na maioria dos casos, a morte, proxima ou em periodo não longo, por paludismo ou outras doenças de character grave, adquiridas n'estes climas. Os que resistem nos primeiros annos, quer tendo vindo refrescar aos climas temperados quer, melhor ainda, não tendo tido tal necessidade, retiram remediados, tendo com que passar; poucas vezes succede agora o que d'antes dizem que era trivial, retirar rico. Mas alguns por tal modo se habituam áquella vida e áquella liberdade quasi illimitada, tanto perderam os habitos sociaes e tão poucos padecimentos soffreram, que só ali se acham bem; de quando em quando passam na Europa uns mezes em que depressa esgotam as suas reservas d'interesses (porque as commodidades de lá lhes custam aqui rios de dinheiro), e voltam a angariar mais; cá ou lá alguma doença os prostra, de muitas centenas poucos chegam a velhos e esses, constituida lá familia de mestiços, desapparecidas cá as pessoas amigas e parentes, esperam pacientemente o seu fim quasi indigenizados, sem vontade de voltarem a paizes de brancos que os não conhecem nem consideram, gosando a seu modo entre os pretos onde são importantes mas nunca estimados.

Basta a permuta ser um negocio para estar sujeita a contratempos, a baixas e altas dos productos coloniacs na Europa, ao encarecimento dos generos europeus, a cambios, concorrencias de industrias e mercados productores, mudanças d'applicação dos productos, etc. Se a concorrência entre casas da mesma localidade prejudica e cedo deixa d'existir por combinação d'interesses; se é mais difficil essa combinação entre casas em logares afastados e não é menos prejudicial, porque o vendedor preto não attende a distancias nem lança em conta o tempo que leva a percorrel-as, o que quer é receber mais pelo mesmo que vende; se a concorrência entre colonias visinhas d'Estados differentes é grave nas suas consequências, especialmente quando um d'elles, á mão armada, negoceia por sua conta embora fingindo proteger os seus nacionaes, ou intercepta no seu territorio os caminhos que o atravessam e que levariam os pretos do negocio aos mercados d'outra colonia¹; uma ou outra vez, em dada região, negociantes, até da mesma nação, praticam, na ancia de ganhar mais e depressa, o que lá se chama *cambolação e reviro*. Não são brancos os que vão desviar o negocio, mas são brancos os mandatarios; não empregam pretos nas condições dos *aviados* (❷❶❷), escolhem pretos em quem depositam confiança (quantas vezes illudida!), entregam-lhes fazendas e outros artigos com que vão aos caminhos para o interior seduzir as caravanas para que se dirijam a tal feitoria de preferencia a toda e qualquer outra. Casos d'estes teem sido origens de graves desavenças e crimes, teem suscitado determinações dos nossos governos, dado trabalhos a tropas e navios de guerra, e comtudo ainda se repetem; são um *truc* commercial; é, a concorrência que vae fazendo avançar os negociantes com os seus estabelecimentos cada vez mais para o interior do continente negro, nem sempre seguindo os melhores meios de transporte, mas procurando os caminhos por onde se dirige para a costa o negocio do interior. Este avanço é modernamente muito grande e sempre crescente, devido á ancia de permutar muito a que se é levado por se pensar que os lucros finaes serão grandes embora a concorrência faça serem menores para a mesma quantidade de generos do que eram antigamente; os muitos poucos farão muito. Por esta fórmula succederá, a meu vêr, que dentro em pouco, todas as casas serão pelo interior, havendo nas costas e margens dos grandes rios apenas os interpostos para communicação facil e rapida com os grandes vapores. Se os caminhos de ferro de penetração e os que servem para transpôr as difficuldades insupera-

¹ Muito de proposito fujo constantemente, n'este escripto, a questões de administração de qualquer especie, quer nacionaes quer internacionaes; mas nem sempre me soffre o animo abster-me d'insignificantes referencias. Para a parte administrativa e politica do que se refere ao nosso Congo, de que faz parte o territorio de Cabinda, melhor recorrerá o leitor á obra *Um anno no Congo* do sr. Jayme Forjaz de Serpa Pimentel, que ali foi governador.

veis á navegação, se a maior rapidez e frequencia d'esta nos grandes rios e seus affluentes principaes, facilitam esse internar; não é menos verdade que a diminuição do numero d'indigenas (já pelas doenças que os dizimam, especialmente os resultados do alcoolismo cada vez mais generalizado, já pelo afastamento voluntario de muitas tribus fugindo aos novos civilisadores cujo contacto lhes tem sido muito mais prejudicial do que o dos antigos negociantes), não é menos verdade que essa diminuição difficulta os transportes por conta dos brancos nos logares — que são de certo em maioria — arredados de boas vias de comunicação. Ora é esse transporte ás costas de pretos, cada vez mais difficil d'obter e mais caro, que não tem sido possivel substituir totalmente, sem desvantagem, pelo transporte por muares, camelos e outros meios experimentados; nada d'isto era preciso quando os pretos gastavam muito mais semanas a vir trazer os seus generos aos logares da costa onde havia brancos e onde os traziam por preços quasi eguaes aos por que agora os vendem tanto no interior.

Não quero com isto dizer que o negociante, estimulado pela concorrência, não se vá internando em procura de melhores lucros (ganhará de certo porque assim vae habitar melhores climas); mas que me parece que o augmento de custo dos seus generos devido aos transportes, motivo que tambem sobrecarregará os productos exportados, poderá absorver os lucros, se não mesmo dar prejuizos se, como até aqui, esse internar se fizer tanto sem reflectir, para pontos afastados das vias faceis de comunicação e portanto não dispensando, além dos transportes civilisados, os feitos pelos antigos processos, mas á custa do negociante branco quando antigamente eram de conta do preto. Este não dá valor ao tempo nem á distancia que percorre; vende na costa pelo mesmo preço que em muitas dezenas de leguas para o interior; portanto a concorrência, a meu ver desvairada, que a ambição tem estabelecido, dá enormes vantagens aos indigenas, poderá augmentar o consumo dos productos europeus, despertando appetites aos pretos, e a importação cá dos generos africanos, mas não só não poderá diminuir o preço d'estes em Africa, como poderá arruinar os permutadores brancos se não forem cautelosos na escolha dos logares para os seus estabelecimentos. Esta me parece ser uma razão da crise commercial que estão atravessando os negocios d'esta parte da Africa no actual periodo de transição da quasi indolencia d'outr'ora para o estabelecimento cada vez maior da viação accelerada.

Na região de Cabinda a exportação quasi se limita a dois productos, ambos da palmeira, o coconote, ou amendoa do fructo, e o azeite de palma; a amendoa é exportada em saccos feitos pelos proprios indigenas (88) ou a granel; o azeite, depois de soffrer certas manipulações para o purificar (144), é vasado em grandes cascos onde se solidifica e em que é exportado.

A compra d'estes generos é feita ao indigena por medida ou a peso e achei curiosa sobretudo a do coconote por medida que se

faz do seguinte modo. Sobre monte do mesmo genero, já pertencente ao branco e na casa d'este, está a medida que tambem lhe pertence e é de madeira, semelhante ao nosso alqueire, mas maior, dividida por um fundo em duas partes deseguaes, dizendo se ser uma para certo preço e outra para outro; aberto o sacco que traz o coconote, o europeu, ou o seu subordinado preto, vasa-o d'alto na medida, pelo que algumas amendoas, saltando, em vez d'entrarem na conta vão engrossar o monte já comprado e portanto não se contam; depois de cheia a medida, continua-se deitando para formar cogúlo bem alto e dar occasião a que boa porção de coconote resvale para fóra da vasilha, o que tambem não se conta nem será possível separar do já comprado; se estas duas razões explicam como, parecendo que dado sacco daria duas vasilhas se fôsse bem medido, não as dá, maior é a surpresa quando se vê a medida engulir todo o genero; mas a medição é feita com tal rapidez e destreza que não é facil perceber que é a mobilidade do fundo que faz augmentar tanto a capacidade. Em todos os negocios branco e preto tratam de se enganar o mais que podem.

Em Cabinda os generos indigenas para permuta geralmente chegam ás feitorias trazidos por pequenos grupos de pretos; mas aqui uma ou outra vez, antigamente bastantes vezes, e em outros logares quasi sempre, os pretos reúnem-se em numerosa caravana — especialmente se veem de muito longe — caminhando cada um com sua carga e sempre a um de fundo em extensa fila. A chegada d'uma caravana é celebrada com grande gritaria e dá origem a movimento fóra do habitual; os transportadores recebem generos para se alimentarem, cozinham, comem e descansam perto das suas cargas até de manhã em que se faz o ajuste, se medem os generos e se fazem os pagamentos. Nos armazens de pezagem e medição os empregados dão vales representativos dos valores a receber, que depois são pagos nos armazens de generos europeus, constituindo a chave do negocio o pagamento feito no *feitico* no meio de grande vozeria e continuas trocas d'objectos já recebidos por outros que mais appetecem, não se lembrando o indigena de que quanto mais troca menos recebe, porque o europeu explorará a preferencia manifestada por tal objecto ou tal fazenda para o fazer valer mais.

O conjunto dos generos recebidos em pagamento dos productos indigenas chama-se *paquete*; mas para contentar as grandes crianças que são os pretos, o negociante terá de dar umas pequenas coisas a que me referirei, cuja quantidade variará com os lucros calculados na compra feita, apresentando sempre difficuldades, maldizendo o negocio e os vendedores, mas dando do que mais agrade para *mandar fama* (163); o total d'estas pequenas coisas constitue o que chamam *matabicho* (ou *bagatelas*) em cima do *paquete*, que é um caso especial do vulgarissimo *mata-biço* (61).

Liquidadas as contas, ainda a caravana se demora mais algum dia descansando, distribuindo e arrumando as cargas, cantando, dansando, bebendo e comendo á custa do feitor até partir; durante esse tempo não cessa de haver novas trocas para satisfação

d'appetites indigenas, e as bebedeiras facilitam os lucros do europeu por fôrma tal que, quando a caravana parte, já deixou de novos interesses muito mais do que o valor do que comeu.

Os productos europeus adquiridos pelos pretos na permuta, podem dividir-se em tecidos ou fazendas propriamente ditas, liquidos alcoolisados e outros productos industriaes dos mais variados. Como *mata bico* são dadas pequenas coisas, vulgarmente agulhas de coser, caixas de phosphoros, linhas, guisos, tabaco em folha, sabão ordinario e sal de cozinha. Os tecidos (㉟) agrupam-se especialmente n'estas designações: zuarte (ou ganga azul), damasco (tecido d'algodão vermelho adamascado), lençaria, riscados, panninhos e chitas; estas dividem-se, conforme as côres e padrões, em grupos denominados *kaputo*, *bouma*, *kissânga*, *fûko-fûko*¹, etc.; a palavra algodão é destinada a designar unicamente o panno d'algodão, branqueado ou não, mas sem qualquer desenho ou côr.

Os liquidos de base alcool, dividem-se em aguardente (㊦), genebra e licores. A aguardente, o genero de maior consumo e sem o qual nada se consegue, poucas vezes é de canna — embora esta seja bastante estimada — por ser cara, porque não pôde soffrer a concorrência do alcool de cereaes fabricado, principalmente, em Hamburgo, com cereaes avariados, restos de carregamentos, limpezas de porões, melaços, trapos e acido sulfurico, etc. Ou se importa a aguardente já preparada ou o alcool industrial; no segundo caso com agua se faz a aguardente da graduação de 19 a 21°; no primeiro diminue-se pela agua para esta graduação a de 22 ou 24° com que se apresentava na importação e que os pretos sabem conhecer pelo paladar, tendo lhe dado o nome especial de *pura*. Geralmente por mais essencia d'aniz e assucar mascavado ou outras coisas que lhe juntem, nunca a aguardente feita do alcool fica tão agradável ao paladar indigena como a que chega já preparada; mas esta mesma raras vezes deixará de, antes d'entregue ao consumo, ser misturada com agua, alumen ou outras drogas que, permitindo juntar muita agua, não tirem a impressão rascante na garganta que o indigena mais aprecia e que suppõe força alcoolica. Todas estas manobras, e varias outras que ouvi referir, teem por fim augmentar o volume do liquido, resultando lucros para o vendedor que entrega ao preto uma bebida de menor graduação alcoolica pelo mesmo preço e que paga menos de frete. Escusado será dizer que a arte de furtar com unhas maliciosas se intromette fortemente na medição da aguardente, já fazendo espumar o liquido pela altura de que é deitado, já mettendo bem o pollegar dentro da medida (㊦), já diminuindo successivamente a capacidade d'esta, etc.

Por genebra entende-se uma bebida fortemente alcoolisada, lim-

¹ Geralmente nomes das localidades onde primeiro appareceu tal variedade, ou onde se tornou trivialmente conhecida.

pida em vez d'amarellada como é a aguardente, e que o europeu não teria duvida em aproximar muito da agua-raz; apresenta-se em botijas de barro escuro, exactamente como a genebra para brancos, e vende-se ás botijas sem fracções.

Licôres são umas bebidas alcoolicas adocicadas e córadas, geralmente de vermelho, de composição desconhecida, exportadas pela Allemanha a tão baixo preço que bem demonstra serem tão pouco bem preparadas como a aguardente hamburgueza. Vendem-se como se importam, em pequenos frascos de vidro de dois a trez decilitros de capacidade, tendo aspecto melhor do que contheudo.

Raro é o preto que não gosta de vinho, mas não o compra senão por excepção, porque é muito caro relativamente á aguardente. Os vinhos brancos fortes, mesmo sem addição d'aguardente nem outros preparos que lhes tragam o nome de vinho para pretos, deveriam ter largo consumo se fosse possivel barateal-os até quasi á altura da bebida que vem de Hamburgo, com o nome de aguardente, em tal quantidade que alguns cabindas chegam a suppor que n'aquella terra ha um rio d'aquelle liquido, tendo os brancos só o trabalho d'encher os cascos, pelo que dão tanto por pouco dinheiro; realmente chega a parecer incrível como, incluindo o custo da droga e das boas vasilhas, seu frete de tão grande distancia e os enormes lucros dos intermediarios, essa aguardente chegue a ser vendida a retalho a 240 réis o galão.

Variados são os productos da industria europeia que os brancos trocam por generos coloniaes dos cabindas e que estes procuram e recebem de boa vontade; escusado me parece dizer que são sempre de fabrico ordinario, muitas vezes falsificados, mas com apparencia agradável de coisa prestavel e duradoura. Abaixo dos tecidos e bebidas, é a polvora o que tem mais procura, polvora grosseira, carregada de carvão, ordinaria; não serve porém toda e qualquer, porque o cabinda a experimenta, esfregando-a na mão e tomando-lhe o gosto. A polvora é vendida em barris, não a peso nem por medida; suppõe-se que cada pequenino barril deve conter uma, duas, etc., libras inglezas de polvora; mas comquanto as vasilhas conservem o aspecto e dimensões das que antigamente continham aquellas quantidades, a capacidade vae cada vez mais diminuindo á custa da grossura da madeira; hoje a capacidade não chega a ser metade da que o aspecto exterior dá direito a suppor.

Tem bastante procura, embora sendo objecto caro e que vae tendo menos admiradores, a *espingarda de pau* (83); por interesse proprio e imposição dos Estados soberanos, não se vendem armas aperfeçoadas; mas por contrabando lá vão passando para o interior algumas que depois apparecem nas guerras contra os brancos.

Dois generos bastante estimados, são o sal commum e o arroz.

Em objectos de ferro permutam-se facas, thesouras e canivetes ou navalhas (positivamente de ferro), garfos, enxadas de feitio indigena (200), pregos e catanas. Refiro-me em especial (88) ao



Fig. 5 — Oficina de carpinteiros de carros na fabrica do governo



Fig. 6.— Uma habitação de brancos

www.libtool.com.cn

coral; negoceia se em fatos á moda dos brancos, mas á paizana, chapéus de feltro e de palha, roupa branca e outros artigos para vestuario (??), botões, galões, fitas, cordões, adornos de prata e ouro (??), etc.; trocam-se guizos, campainhas, colheres de varios metaes e grandezas, objectos de vidro (especialmente copos de todos os feitios e garrafas de phantasia) e de louça (principalmente pratos); os indigenas ainda adquirem algumas ferramentas de carpinteiro, pedreiro e ferreiro, e até algum calçado.

Comprar dinheiro é phrase propria do calão do negociante branco n'esta parte da Africa; quer dizer, dar objectos da Europa por dinheiro de qualquer paiz civilisado; é vender a contado.

IX

Civilisação

Civilisar é o lêmma que a raça branca inscreveu na bandeira que cobre a sua ambição d'avassallar o mundo; é desrespeitar os costumes e leis d'outras raças, impondo-lhes, de chofre ou pouco a pouco, as dos dominadores; é, na mesma raça, o pretexto de certos Estados para interferirem, chamados a isso ou não, na vida d'outros, ou arrancar-lhes os com falsas promessas ao dominio d'outros para passarem ao seu; é rapinar, em nome d'um ideal, grandes terrenos e milhares de subditos; é alargar os mercados consumidores do que produzem em excesso; é procurar novos productos e origens de novo commercio e novas industrias; é collocar os excessos de população que de miseria não podem viver já nas suas patrias e podem causar perturbações sociaes; é, em resumo, tratar do bem de quem civilisa a pretexto de tratar do do que vae civilisar.

Finge-se ignorar que muitos povos da Africa vivem felizes a seu modo e, para civilisal-os, tira-se-lhes essa felicidade, impondo-se-lhes o que o branco quer, e pretendendo enganar os outros brancos com a palavra civilisação; ainda com este motivo, as nações que a si chamam cultas, se degladiam na pressa de civilisar, extorquindo umas ás outras quanto é possível, a pretexto de que as menores e mais pobres não podem, tão depressa como as outras, levar á felicidade os indigenas. E' com a mesma musica que as nações maiores furtam a felicidade aos africanos, tornando-os automatos nas suas mãos, explorando-os, espoliando-os dos terrenos e dos productos e riquezas d'estes, ao passo que ás nações menores reduzem o dominio, tiram a posse de grandes extensões, coagem a seguir os mesmos caminhos d'espoliação forçada dos pretos. A lucta pela existencia denomina-se civilisação; em nome d'esta, campeia o descaramento de querer fazer passar por philantropia a rapinagem.

O bom velho Portugal, tolerante por indole para com todos, colonisando por assimilação, inculcando brandamente os costumes e leis civilisados, fazendo pouco, porque é pequeno e pobre, porque outros ficaram com o que d'elle foi, vê-se com as colonias reduzidas, em nome da civilisação, e tem de fazer grande esforço para ir na piugada dos fortes, impondo a tal felicidade aos africanos, antes que outros brancos, mais apressados e menos escrupulosos, lhe furem o resto, a pretexto de lento proceder. Assim, me parece, se explica a sua occupação, por edificios e tropas, do districto do Congo, resto do que descobriu, e chamou seu, segundo o direito antigo de quando descobriu, postergado em assembléa onde o obrigaram a ir os que lá se reuniram rasgando a tunica do senhor para aproveitar-se dos farrapos d'ella.

Porque o caminho dos civilisadores é este: mandam estudiosos vêr, estudar, percorrer a região ambicionada, á sombra e com a protecção do occupante, captando-lhe a sympathia, como amigos; se essa região é feraz, rica, tentadora, vão padres seus ajudar o occupante na civilisação intrigando este com os subditos, espianando, denunciando os seus actos e os seus pontos fracos; conhecidos os caminhos, as forças indigenas disponiveis, facilmente se arranja pretexto para a extorsão ao outro civilisado, ou nem ha o trabalho de procurar motivo para escorraçar os negros, para os subjugar, tornar subditos, trabalhadores, contribuintes, pagantes, emfim, fazer-lhes a mercê da civilisação. Mas o que é summamente ridiculo é o modo de civilisar apregoadado pelos civilisadores: dizem elles que é indispensavel criar necessidades aos pretos e satisfazer-lh'as (esquecem-se d'acrescentar: pagando-as elles por bom preço). Pois se os pretos vivem a seu modo julgando-se felizes, n'aquella doce ignorancia dos povos primitivos cujos horisontes limitados lhes dão desejos poucos e faceis de satisfazer; que necessidade têm de mais ambições, de trabalhar todos os dias, toda a vida, em busca da felicidade parcial que poucos usufruem, ou n'um sonho da total que ninguem consegue? E se as nações cultas bem sabem que é isto o que dentro de si acontece, como ousa uma ou outra dizer-se propugnadora da felicidade dos africanos civilisando-os pelo trabalho? Cruel escarneo pela tranquillidade alheia, sujo embuste para os que conhecem as manhas e d'ellas usam! E' nas pontas das baionetas, na fusilaria, nas metralhadoras que vae o germen da civilisação; é matando assim milhares de homens que se inculca essa esplendida coisa, a civilisação forçada e rapida dos que restam; é alcoolisando e syphilisando estes que se consegue fazel-os felizes, tornal-os párias sem eira nem beira, carregados de trabalho em vez do remanso da sua vida antiga, sujeitos todos aos brancos em vez de bastantes aos seus antigos nobres. Que se responderia a algum que perguntasse ao civilisador: vós, brancos, chegastes d'um salto a esse estado a que chamaes a bella civilisação? Tão mal como nós na idade média em que vos não conservastes, peor do que nós nos tempos anteriores, foi em mezes que passastes ao estado actual? Fômos nós pedir-vos compaixão pelo nosso, remedio para alguma necessidade? Que administras-

seis as nossas terras, que nos collocasseis a todos tão baixo na vossa escala social como só alguns estavam na nossa?

Deixemo-nos de theorias, ponhamos de parte controversias e vamos vêr o que no meu tempo se fazia em Cabinda para instruir e moralisar os pretos.

Escolas havia-as, uma para cada sexo, a vinte mil réis por mez cada professor, misera quantia que lá não chegava para comer pouco e mal quanto mais para as outras necessidades da vida... Accumulando com outros empregos, e portanto mal servindo uns e outros, lá ia havendo, disposto a ensinar o pouco que sabia e sem conhecer methodo d'ensino apropriado á raça negra, algum pobre necessitado que era tido por professor. Ignorando o branco a lingua dos pretos, primeiro era forçoso que estes aprendessem portuguez para poderem perceber-o. A sujeição da escola e do horario repugna aos costumes cabindas; d'estes nenhum frequentava as aulas (63); os filhos dos serviçaes contractados do governo iam por ir, levados para ali como para qualquer outro serviço; ninguém de vontade aprendia, resultados nullos ou quasi. Quando depois se estabeleceu a missão... abaixo fallaremos.

Nas officinas do Estado admittiam-se rapazes como aprendizes e era grande o gosto manifestado para os officios de ferreiro, funileiro e carpinteiro, mas por poucos; preferem aprender com os seus e á sua moda, como direi nas notas.

A lei organica do nosso districto do Congo recommenda o estudo dos costumes indigenas; e o fim comprehende-se ser seguil-os o mais possivel para tornar suave a occupação, modificando-os pouco a pouco ao modo civilisado. Tal trabalho nunca se fez; os magistrados que passaram por Cabinda julgaram talvez descer da sua sciencia aprendendo alguma coisa mais, e que a lei era cumprida applicando os nossos codigos cujos fundamentos os indigenas não percebem e cujas penalidades para elles o não são geralmente; não o é a prisão (131) e quanto á multa ou lhes é facil dar-se por pobres não podendo pagar, ou remil-a na ociosidade da cadeia, o que é um premio, ou fazendo algum trabalho, mas recebendo algum dinheiro, o que, quando muito, póde ser julgado por elles como serviço mal pago. Quando o residente (administrador do concelho) estava costumado a lidar com pretos, eram pedidos pelos chefes indigenas castigos para os criminosos que os soffriam com resignação; mas quando funcçionarios idos da Europa desconheciam totalmente os costumes, e especialmente depois de servirem magistrados togados igualmente ignorantes do assumpto, apenas se conseguia que os castigos indigenas não fossem dados na nossa presença; muita *casca* (131) se applicou a ocultas e talvez se tivesse ido mais longe (218) sem que o soubessemos. Nem se moralisava ou se reprimia com as nossas leis, nem se aproveitavam para o effeito as indigenas que, a proposito de varias notas adiante insertas, bem se vê quanto nos são favoraveis e quão grande fundo de relativa justiça encerram.

Padres tinhamos, até o bispo d'Angola e Congo foi logo visitar-

nos em 1888 e depois outras vezes; missionarios portuguezes, de passagem, celebraram missa no palacio e até missas campaes, sendo a primeira d'estas no dia 9 de setembro de 1891. Mas complicada questão com Roma, ainda pendente, não dava áquelle bispo jurisdicção ao norte do Zaire, e o famoso Congresso de Berlim estipulára a liberdade de religião na bacia do Congo. A' nossa chegada havia já uma missão americana, em que um *soi-disant* padre consumia dinheiro e tempo sem os indigenas perceberem o que entre elles fazia ou queria fazer. Outra missão se estabeleceu no meu tempo, protestante, com prédicas ás vezes frequentadas por pretos adultos, operarios das colonias inglezas que iam lá ao domingo passar um bocado da tarde, ou operarios de Loanda que não comprehendiam o que lá se fazia nem mesmo o que se dizia, porque o reverendo não fallava lingua alguma de preto nem portuguez; o padre e sua mulher consumiam dinheiro e quinina, desperdiçavam saude e tempo, que n'outro ponto melhor aproveitados podiam ser.

Por fins de 1891 começaram as construcções de madeira do que propriamente póde chamar-se a primeira missão, uma filial da de Landana, servida por frades francezes da Congregação *du Saint-Esprit*, em breve seguidos das inseparaveis irmãs educadoras de S. José, francezas tambem, e por acaso uma portugueza. Pouco pessoal e mau, construcções pequenas e feias, processos conhecidos e de facil critica documentada.

Dos padres que conheci n'esta missão, a educação scientifica era superficialissima; um, pouco sabia de latim e tinha frequentes *esquecimentos* no ceremonial dos actos da sua profissão; não é simples afirmação gratuita esta; por exemplo, fui testemunha d'um casamento d'Europeus e tive d'evitar que o reverendo deitasse a benção aos noivos estando sentados. Sabiam geralmente uma insignificancia da lingua *fiôte*, mas ainda menos de portuguez, e, comtudo, um foi recebendo os vinte mil réis de professor, como em Landana os recebia outro nas mesmas condições, como em cada ponto uma irmã recebia igual quantia para ensinar portuguez aos pretos da missão, pois que outros lá não iam; e tanto ensinavam que os alumnos maiores com quem conversei, varios e varias vezes, me affirmaram que sabiam de portuguez o que aprendiam com outros pretos, pois que na missão até era prohibido fallar lingua que não fôsse a franceza, excepto perante as nossas auctoridades, que era quando uma ou outra vez se dizia alguma coisa em portuguez, especialmente alguma oração que eram obrigados a decorar. Disseram-me que essas quantias eram um modo d'ajudar as missões.

Os irmãos leigos eram operarios obcecados, de varias nações, incluindo portuguezes do norte, criados, como que escravos dos padres, e faziam as construcções e moirejavam no campo com os alumnos pretos.

As irmãs, parecendo aliás excellentes pessoas, eram d'uma ignorancia crassa; a portugueza parecia uma criada de servir das mais inferiores; creaturas de espirito fraco, julgando viver para

Deus e para o bem, com as melhores intenções, eram inuteis para o ensino ou para a enfermagem, verdadeiras machinas d'orações e manequins na mão do superior da missão, que por sua vez era movido pelo superior da de Landana, o reverendo Campana, homem da Corsega, intelligente e instruido, sagaz, manhoso, muito amavel e affavel, mas primeiro que tudo francez; um frade *com-m'il faut*.

Os *meninos*¹ da missão de Cabinda eram quasi todos, se não todos, destacados da de Landana; alguns *alumnos*², raros *fióte*, eram do dominio dos brancos; dos voluntarios havia, se tanto, algum exemplar. Bastantes excursões faziam os padres pelas aldeias; cada um tentava catechisar, especialmente o superior, a quem não faltava geito e vontade, mas não encontrava pretos boçaes, encontrava os cabindas, verdadeiros rivaes da sua manha, dos seus modos untuosos; concordavam na excellencia das vantagens annunciadas, tratavam respeitosaemente o missionario, promettiam tudo o que elle desejava, mas... como não queriam, a serie de pretextos para addiamentos era interminavel; não viam n'isso vantagem, agradava-lhes mais e era mais proveitoso explorar a infancia pelos seus processos (13) de resultados certos do que entregal-a aos cuidados dos frades para experiencia.

E esses *meninos* da missão que faziam e d'onde provinham? Ajudavam alguns á missa, cantavam córos outros, faziam serviços domesticos muitos, cavavam todos as terras d'onde havia de sair-lhes a alimentação; os maiores remavam nos botes da missão e carregavam em *tipoia* (100) os padres nas suas viagens longas, quando não havia burro ou este não podia fazer todo o serviço; parece que uma ou outra vez recebiam lições de doutrina, de francez, e... não sei se de mais alguma coisa. Provinham do interior de Landana e Massabi; eram angariados a troco de carneiros e outros generos, diziam os proprios rapazes, mas não podemos acreditar que padres fizessem tal; soubémos que raros eram entregues pelas familias nas condições dos estatutos ou programma de que abaixo falarei, e essas familias não eram de certo as do interior, mas não soubémos mais nem melhor.

Os portuguezes, bondosos por natureza, respeitavam os padres, tratavam-n'os bem, ajudavam-n'os muito; sempre que navio de guerra viajava entre Cabinda e Landana, havia a transportar pessoal ou material das missões; quando irmã ou padre precisava vir para Lisboa, ou por aqui para França, succedia-lhes como aos que iam de cá, o nosso governo pagava lhes a viagem em 1.^a classe; a retirada, diziam, era sempre por doença, coitados; mas essa doença bastava ser affirmada pelo superior da missão, não consta que qualquer junta de saude tal aconselhasse; esta desigual-

¹ E' este o termo usado pelos frades para designar os pretos de qualquer idade (4 a 18 annos) que teem nas missões.

² São os externos.

dade feria os outros funcionarios, para quem ficavam todas as difficuldades e rigores legaes e que murmuravam que os frades e as irmãs só eram empregados do Estado para se lhes abonar passagens; effeitos d'opiniões differentes!

Aqui deixarei por copia as *informações diversas relativamente aos alumnos de côr*, copia d'um impresso para uso da missão catholica de Landana, impresso que possuo e que o foi na *Impri-merie de la Mission*, em *Loango*, authenticado pela assignatura do superior em Landana, e que começa por um emblema encimado por esta divisa: *cor unum et anima una*:

1.º Offerecer ás familias, alem das vantagens d'uma instrucção primaria, as garantias d'uma educação verdadeiramente christã, tal é o fim que se propoem os directores d'esta missão.

Acha-se ella situada n'um lindo valle, muito airoso, distante apenas 1200 metros da praia. aonde estam estabelecidas as differentes casas commerciaes de Landana e de Chiloango.

O Sitio é dos mais vantajosos e muito saudavel.

2.º O ensino da Missão comprehende, alem da Agricultura, da Moral e da Civilidade que sam obrigatorias para todos os alumnos:

(a) Um Curso d'Instrucção primaria elementar para ensinar a ler, escrever, e contar, e os principios de Grammatica Portugueza e Franceza, e de Arithmetica.

(b) Um Curso d'Instrucção primaria complementar; Doutrina Christã, leitura de impressos e manuscritos, Arithmetica (*Systema metrico para os mais adiantados*) Grammatica Portugueza e Franceza, exercicios d'analyse, elementos de Geographia geral e de Chorographia de Portugal e de França, elementos de historia Sagrada, e historia de Portugal e de França. Ensina-se tambem aos alumnos, que tem disposições proprias, a Musica, dando igualmente lições de Harmonium.

A pensão annual dos alumnos de côr (*Mulatos*) é de 30.000 Reis fortes. Se fossem os páes pobres, exigir-se-ia menos. Aos indigentes não se pede nada.

Só se admittirão alumnos de 8 a 12 annos de idade; para mais novos exigir-se ha um pequeno criado (*muleque*) que tome conta d'elles.

A lavagem da roupa está comprehendida na pensão. Cada alumno deverá trazer tudo quanto poder respeito ao *enxoval*: calças, camisas, casacos, pannos, chapeos, mantas, etc.

As refeições são todo o anno *tres* por *dia*, e para os mais novos alumnos, *quatro*. Os alimentos consistem, em geral, em mandioca, arroz, milho, batata doce (*cará*), feijão, hortalice, peixe e frutas; os alumnos de côr tem mais uma porção de qualquer outra cousa. Quando as familias o quizerem, dar-se-ha um tratamento particular aos alumnos, que por motivo de Saude precisarem d'elle. A despeza extraordinaria que se fizer por este tratamento, será paga em conta separada. Ha Facultativo e medicamentos diversos na Missão, e gratis para todos os meninos.

E' bom saber que os alumnos de côr sam particularmente em-

pregados nas hortas, nos jardins, durante os trabalhos manuaes, quer dizer, nos trabalhos menos custosos, mas que exigem geito, e aptidões particulares.

Ha dias feriados, que sam os domingos e dias santos de guarda; ha tambem ferias annuaes, desde o dia primeiro de Agosto até o primeiro de Setembro.

Missão de Landana

1.^o Do mez de Janeiro 1888

O Superior da Missão (a) *P. Campana*

Em lettra de penna acha-se depois :

Ha Missão egualmente para meninas, dirigida pelas irmãs de Sam José. As condições São as mesmas, o programma é o mesmo.

Estas informações governaram, depois de 1891 até 1897, para a admissão d'educandos na missão de Cabinda; não alterei na copia nem uma virgula para melhor sobresahirem a excellencia da redacção e o sabor antigo do escripto; aquellas lettras maiusculas pelo meio das orações creio que algumas são para enfeite, visto que não devem ser por consideração; a de facultativo compete-me em parte agradecer, como vae ver-se; não acho modesta a do superior e faz falta a das irmãs por deferencia ao sexo que creio que ellas conservam. Quem sabe o que é muleque (pequeno criado preto) acha immensa graça a ser elle o encarregado d'*alumno de cór* que tenha menos de 8 annos.

Quanto a facultativo tinha havido um francez, mas nos ultimos annos, feita e consolidada a occupação portugueza de Landana, *elle precisou retirar-se para tratar da educação do seu filho*, segundo dizia, e deixou de continuar a tomar ares n'aquellas regiões; nos annos seguintes fomos os delegados de saude de Landana e Cabinda, que, por caridade, fizemos o serviço medico quando nos era reclamado, o que não poucas vezes succedia para os padres, irmãos e irmãs; quanto aos alumnos, em Cabinda só pretos, qual-quer padre ou irmão administrava aquelles *medicamentos diversos*.

Como se vê pela redacção e especialmente por um parenthesis, os alumnos de cór são os mulatos, e são esses os empregados nas hortas, etc., *quer dizer nos trabalhos menos custosos*; calcule-se o que estará reservado para os pretos.

Creio que ainda ha proximo de Cintra e em Braga collegios ou conventos onde esta *Congregation du Saint-Esprit* prepara irmãos e frades para a Africa portugueza, dos primeiros alguns portu- guezes, os ultimos todos estrangeiros; e que ainda esses estabele- cimentos são subordinados a um geral que não é lusitano.

Mas o que posso affirmar é que em Braga se imprimia o *Bole- tim da Associação de orações e boas obras pela conversão dos pre- tos*, que em 1893 estava no segundo anno. Ah! se publicam relatorios d'estas missões; permitta o leitor que exponha á sua curiosidade alguns trechos d'um numero d'esse anno. «Temos

perto de 300 alumnos... (refere-se a Landana). São d'ambos os sexos... Quasi todos estudam instrucción primaria conforme o programma official, a par dos trabalhos agricolas... (a) *Campana*. Diz-se isto a pag. 30 e a conformidade era redondamente falsa.

A irmã superiora (ainda de Landana), Maria Estanislau, delicia-nos com a sua prosa por esta fôrma: «As nossas christãs¹ casadas, mal se differenciam das nossas educandas...»² A missão fica sempre para ellas uma casa de refugio³. Estava eu ha pouco doente com uma febre ardente e eis chega uma das nossas christãs que me procura. Respondem-lhe que estou incommodada e ella exclama: Mas, meu Deus, que hei de eu fazer com o meu filhinho?! E n'isto entra, depõe o seu pequeno sobre a minha cama, dizendo: «está doente o meu filho» e sem mais, retira-se, deixando-me a criancinha nos braços...»⁴ Mas esta historia, escripta para leitura recreativa de boas almas, precede um periodo sensacional: «Cada dia, pedimos a S. José, se digne auxiliar-nos, pois pouco lhe custará a elle enviar-nos uns dois continhos de réis com que teriam as nossas educandas mais uma nova casa e o seu numero poderia crescer.» Lê se isto a pag. 31; aquelle carinhoso diminutivo dos contos de réis! E aquella mundana ideia de S. José dispôr de dinheiro portuguez para francezes! Parece mesmo que estamos a vêr S. José puxando pelo livro dos cheques...

Todos os processos servem para propaganda: no mesmo Boleim se lê: «Tiveram ultimamente os missionarios a grande magua de vêr finir-se no meio d'elles o valente e arrojado explorador duque d'Uzés... se hospedára em casa dos missionarios, onde, tendo peiorado, foi tratado com o maior disvelo e caridade; breve, porém, sentindo approximar-se o desenlace supremo, pediu ao superior da missão lhe administrasse os ultimos sacramentos... foi

¹ Ex-alumnas, casadas; sim, foi-lhes ministrado o baptismo ou quando crianças inconscientes, como entre nós, ou depois de crescidas e quantas vezes grandes peccadoras, não purificadas e com todo o proposito de continuação. Aquelle *nossas* quer significar antigas alumnas que, no começo da puberdade, são casadas á moda christã com os ex-alunos que ellas preferem e a que a missão dá depois terras, materiaes para casas com que se fôrma aldeia proxima e subordinada aos padres, *in nominè*, porque aos pretos convem continuar a receber d'elles varios soccorros a troco d'uma submissão apparente, mas que na realidade lhes permite toda a liberdade e toda a licença de costumes como faziam antes de serem alumnos.

² Alumnas solteiras, ainda na missão.

³ É verdade, continúa a dar-lhes parte dos donativos que os brancos lhe mandam, fazendo assim mandriões e viciosos porque nem lhes exige trabalho em troca.

⁴ Esta narração é muito valiosa, parece *d'um amigo dos diabos*. Não prova tanto o amor maternal, um coração bem formado por mulheres civilizadas, aquelle abandono do filho doente? Não prova tanto a compaixão pelo soffrimento do proximo (a superiora) o não querer saber da sua saude, nem acompanhar-a na sua doença, e apenas dar-lhe mais o trabalho de cuidar do filho doente, fugindo a mãe a tanta massada? Sobretudo aquella expressão *sem mais* é d'uma ingenuidade de Calino.

em seus braços... que entregou a sua alma a Deus, a 19 de junho de 1893». Mentiras! Este príncipe hospedou-se em Cabinda (onde morreu, e não em Landana) mas foi na feitoria da Companhia hollandeza; o disvelo e caridade com que foi tratado, gratuitamente por signal, sem agradecimento da familia, devem-se aos empregados da mesma casa e a mim, que, infelizmente, não consegui salvá-lo da perniciosa para que o seu estado de cachexia não offerencia resistencia.

A paginas 42 do mesmo numero, tão excellente manancial como outros, a proposito do P.^o Leconte, lê-se: «na realisação do seu plano arrojado que é ligar as nossas missões d'Angola e Congo com as missões da Zambezia e Moçambique. Empreza ardua... que, realisando-se, estenderá o reino de Deus... ao mesmo tempo que estabelecerá desde Angola á Contracosta a *nossa*¹ soberania colonial». Escrevia-se isto, é preciso não esquecer, em 1893, em que *de certo nos restavam todas as esperanças* de ligar por soberania portugueza os territorios das duas provincias!

Na biographia do P.^o Duparquet, dizem a pag. 52: «... um desejo ardentissimo da sua alma, que era consagrar-se á regeneração das Colonias Portuguezas». Mais abaixo: «quem imaginaria que um moço normando havia d'apaixonar-se pelos interesses d'uma nação tão distante e que lhe era então quasi desconhecida?» A pag. 53, escrevem: «Sinto em mim ardente desejo de trabalhar em prol das colonias portuguezas, quer na metropole, quer nas colonias», como sendo palavras do virtuoso fallecido em carta de 14 d'outubro de 1859 ao P.^o Geral da Congregação. Para corôa d'este edificio, escapa-lhes a pag. 55 esta phrase, ainda na mesma biographia: «o Museu de Paris possui volumosos herbarios collocados por elle» dando assim a conhecer um simples engano, a troca de Portugal pela França.

Este Boletim é fertil em assumptos para exame. Nas paginas 46 e seguintes, trata-se das missões africanas da Congregação do Espirito Santo, no anno de 1893, mas ás do terreno portuguez não se lhes dá vicariato apostolico, nem nome de vigario, nem numero de catholicos, como se faz para outros vicariatos; diz-se, provincia d'Angola e Congo, missões portuguezas (!) Ao mesmo tempo o Rev.^o Campana, superior geral reconhecido de muitas missões em territorio portuguez, tinha nos seus bilhetes de visita «vigario apostolico do Baixo Congo e alto Cassai». Citam-se em luzas terras 13 missões, onde se diz terem 10 hospitaes e pharmacias; ora não os havendo, como todos sabiamos, nas missões de Cabinda, Landana, Luali, Luculla e Loanda e quem sabe se nas outras, onde eram esses hospitaes? Demais, é certo que em missão alguma tinham medico nem pharmaceutico.

Diz ainda este Boletim que o Director da citada associação era o P.^o Victor Wendling, no Seminario Apostolico do Espirito Santo

¹ O sublinhado é meu.

em Braga, e que nos estatutos se estipula: «V Para ser admittido na associação basta enviar o nome á séde da *Instituição em Portugal*, ou dal o aos zeladores que se encarregarão de o transmitir». Nas instrucções aos zeladores ha a «III requer-se apenas para a admissão que a pessoa queira orar pela conversão dos pretos», e a «VIII o bemfeitor que concorrer annualmente com 500 réis, receberá o Boletim da Associação; se a offerta fôr de 50000 réis annuaes, ou de 25000 por uma só vez, será contemplado com o Diploma de bemfeitor; será offerecido o diploma d'Aggregação á Congregação do Espirito Santo áquelle cujo donativo alcançar 25000 réis annuaes»; e ainda a «XII... podem fazer recommendações piedosas conforme o art.º IV dos estatutos». Este artigo diz na segunda parte: «Quaesquer recommendações piedosas que os associados desejem transmittir-nos, serão levadas ao conhecimento dos apostolicos e farão objecto d'um memento espiritual em todas as missas celebradas no estabelecimento».

Ora, como este numero ha outros; o leitor fará os commentarios do amor por Portugal e das obras a elle favoraveis que podem prestar taes missionarios estrangeiros nas nossas colonias.

X

Vocabulario

Quando escrevo palavras do dialecto *fióte*, desejo expressar, os sons ouvidos, por modo identico ao que usámos em portuguez; dever-se-ha ler todas as lettras com os mesmos valores que na nossa lingua. Vi-me porém obrigado a recorrer a certas modificações para evitar duvidas na pronuncia.

C — Nas poucas vezes que usei do *c* seguido de vogal, ler-se-ha como em portuguez nos mesmos casos; não é porque algumas vezes os indigenas não dêem valor differente a esta consoante, mas porque esse valor o indiquei por *tch*; demais, tal differença para raros termos (*ichina*, dança) é constante, constituindo no geral pequena variante de pronuncia em localidades proximas.

G — Dei-lhe sempre o valor que tem por ex.º em gato, mesmo quando é immediatamente seguido de *e* ou *i*¹, e o som que n'estes casos tem em portuguez expressei-o em *fióte* sempre por *j*; quando depois do *g* escrevi *u*, este pronunciar-se-ha sempre, como nos succede por ex.º em guélla, guapo.

H — Como não temos o *h* aspirado tive d'usar d'um signal *h*

¹ Para accentuar bem isto empreguei um signal especial por cima do *ẽ* quando elle está seguido de *e* ou *i*.

sempre que se deve sentir a aspiração; o *h* simples, á moda portugueza, faz o objecto da nota 154.

J — Pareceu-me desnecessario indicar para o *j* um valor como ha na lingua ingleza, visto que basta escrever certas palavras em *fiôte* como usamos n'algumas portuguezas (ex.^{as} adjuvante, adjectivo) conservando sempre á lettra o mesmo valor. Comtudo varias vezes se notará, confrontando o meu vocabulario com o dictionario francez-fiôte existente, que quasi sempre emprego o *j* onde os padres empregaram *z*; a razão é que, em todos os casos d'essa discordancia, sempre que insisti pronunciando dos dois modos, os pretos se inclinaram para o som de *j*; conclui portanto que se o som não é este, pelo menos é este o que mais se aproxima do que usam.

K — Empreguei esta lettra em vez do *q* e do *c*, por ter o mesmo valor quer seja ou não seguido de vogal, e porque, quando ao nosso *q* se segue *u*, este se pronuncia umas vezes e outras não, o que daria logar a confusões; pronunciar-se-hão todas as lettras escriptas, dando-lhes o valor que têm em portuguez; se depois do *k* está *u* este pronuncia-se.

Ver-se-ha que certas palavras portuguezas são usadas pelos cabindas, já mais ou menos modificadas a seu modo, semelhando, umas ainda muito, outras já pouco, as da nossa lingua. Adiante de taes vocabulos puz (P.) para indicar a origem. Usam, tambem já alteradas, umas palavras da lingua ingleza (4); empregam por vezes termos da lingua bunda como os ouvem em Loanda, quer por não terem termo proprio, quer por luxo; mas não é d'uso corrente ainda qualquer termo d'outra origem, nem mesmo da lingua franceza com que ultimamente bastante lidam, nos ultimos 15 annos.

Apezar de todas as diligencias que fiz, e por mais accents que empregasse, fico convencido de que não me foi possivel ainda escrever, traduzir completamente, umas pequenas inflexões da pronuncia propria do *fiôte*, que só se aprendem pelo habito d'ouvir e de fallar, como de resto succede com todas as linguas.

Conheço apenas dois escriptos a respeito d'este dialecto: um intitulado vocabulario ¹ e o outro dictionario ². Não deixando o meu trabalho tão limitado como aquelle, não tenho a pretensão d'alcançar este no desenvolvimento e menos ainda no emprego de phrases. Limitei-me a traduzir, tão exactamente quanto poude, as palavras portuguezas pelas de *fiôte* na accepção que julguei mais justa e quando me considerei seguro da equivalencia.

Compuz pouco a pouco o vocabulario que apresento; a principio perguntava as significações das coisas mais usuaes, escrevia-as

¹ É a ultima parte do folheto *Esboço historico do Congo e Loango*, etc. por J. E. Santos e Silva. (Lisboa, 1888.)

² *Dictionnaire français-fiôte, dialecte du Kakongo, par les missionnaires de la Congrégation du Saint-Esprit*, etc. (Paris, 1890.)

como as ouvia e decorava-as; depois, algumas vezes notei que a pronuncia era differente ou que a significação não era exacta; fui aprendendo a fazer-me comprehender e, ainda melhor, a perceber o que me diziam. Notei que alguns pretos poucas vezes respondem strictamente ao que se lhes pergunta, outros entendem coisa differente da que lhes é perguntada, outros respondem o que primeiro lhes lembra, mesmo que não seja o que o branco deseja, só com o fim de se livrarem do interrogatorio e pouco se importando — quem sabe se gostando? — d'enganar o branco. O habito de os interrogar ensinou-me que é preciso perguntar de modos differentes a mesma coisa ao mesmo preto, e depois proceder d'egual fórma com outros para nos certificarmos da veracidade do que aprendemos, notando as divergencias quando as ha (o que é frequente), insistindo em saber as differenças e as razões porque um poderia dizer-nos uma coisa e outro outra quando o interrogatorio foi conduzido de modo identico.

Assim, escolhi sempre os pretos considerados como conhecendo melhor o portuguez, refundi o vocabulario varias vezes, e só apresento aquillo de que me julgo tão seguro quanto possivel por estes fundamentos: 1.º conhecer praticamente bastantes palavras, usando-as correntemente e entendendo a maior parte do que me diziam em *fióte*, quando pronunciando vagarosa e distinctamente as palavras; 2.º confrontando e verificando as traducções feitas pelo menos por tres pretos differentes e em occasiões distantes; 3.º pronunciando as palavras escriptas nos dois livros citados e vendo se era percebido ou porque o não era.

Se é facto que tão pequenas são as differenças do *fióte* fallado em Cabinda do de Landana (ponto d'observação dos outros colleccionadores citados) que não auctorisam divergencias accentuadas, não é menos verdade que, depois de ter aperfeiçoado quanto poudo o que escrevi, as interrogações que fiz pelo que os outros haviam escripto antes me convenceram de que o portuguez procedera muito superficialmente, e os francezes não só desconheciam total ou quasi totalmente a lingua portugueza (de que os cabindas têm adoptado tantas palavras e que é das civilisadas a melhor comprehendida) como, levando tudo para o seu modo de vêr religioso e francez, ou deram como sendo *fióte* termos que são portuguezes, ou acharam traducção a palavras civilisadas que correspondem a ideias que taes pretos desconhecem ainda por completo.

Assim, no primeiro vocabulario a que me referi, dá-se para baralho de cartas a significação que tem todo e qualquer papel escripto (44); a beliscão corresponde uma palavra que não é *fióte* mas sim lingua bunda; a canna faz-se corresponder a fórma do plural d'um adjectivo (furado); traduz-se cerdas pela palavra cabinda applicavel ao pello que cobre o corpo de qualquer animal; diz-se ser cerração o que é trevas, escuridão da noite; faz-se corresponder a chão um termo desconhecido d'estes pretos; para constipado escreveu-se o que é tosse, e ainda assim mal pronunciado; traduz-se conversar pelo que quer dizer passeiar, e febre

por nojo; dá-se correspondendo a gato o som onomatopaico da voz d'este felino; para lingua escreve-se o que significa moribundo; por mentira tomou-se para *fiôte* o que o é no dialecto mussorongo; tomou-se por musica (*sámbi*) o que é apenas o nome d'um dos seus instrumentos musicos, o descripto em quinto logar na minha nota 139; traduziu-se pé pelo que significa perna e pégada por pé; a partir faz-se corresponder o nome d'uma aldeia indigena proximo de Vista; o que se dá como ranger os dentes é varrer, e por preto toma-se o que é só o individuo natural de Cabinda, embora preto (●); ao adjectivo quieto eguala-se o verbo basta; para rugir e tapar dá-se na mesma pagina a mesma significação e bem assim para tremer e uivar um só vocabulo, pois que a prefixa *ku* é apenas indicativa do infinito do verbo (●●●); a terra (mundo) faz-se corresponder o que significa chão, quer seja terra ou não; torto traduz-se pelo que é deita-te de lado, etc.

No dictionario francez-cabinda foi-se mais cuidadoso, não ha tão grande numero de erros, e estes não são tão grosseiros; mas da leitura d'elle ficou-me a impressão de que deve ter sido colligido por diversas pessoas e de que quem deu a ultima demão sabia pouco da lingua *fiôte* e talvez ainda menos de portuguez; basta vêr que para toalha (*essuie-mains*) se escreveu a nossa palavra pronunciada ao modo cabinda, sem se notar ser portuguez estropiado (caso de que ha muitos outros exemplos) e que se formou o plural de homem branco contra a mais elementar regra dos plurais (●), só porque não se percebeu bem a pronuncia nem se conhecia decerto a regra: quem reviu as provas d'imprensa não sabia *fiôte*, deixou erros. A meu ver é extraordinaria a falta d'accentuação permittindo pronunciar a mesma palavra de varios modos, taes e tão differentes que os proprios pretos conhecem o verdadeiro e não percebem que os outros sejam maneiras diversas de pronunciar o que está escripto d'uma só fórma.

Mas vendo o prefacio do dictionario e percorrendo este, é que se fica mais admirado, principalmente pela affirmativa de que se procurou escrever o *fiôte* seguindo quanto possivel o modo francez, uma orthographia de pronuncia, e de que se pronuncia tudo quanto se escreveu. Encontram-se dezenas de palavras terminadas em *a* que se deve lêr mudo, como em portuguez, e ninguem dirá ser essa a regra em francez; o mesmo poderia dizer do *i* que, no final das palavras, escreveram os padres, e que tem tão pouco o som francez, nos mesmos casos, que eu o substitui pelo *e* mudo, exactamente como em portuguez, coisa em que estou em completa discordancia com os missionarios que dizem que o *e* é sempre aberto. Nem uma só vez em *fiôte* o *u* tem o som francez, e os reverendos escrevem-n'o varias vezes para ser lido á franceza, quando me parece que deveriam escrever sempre *ou*.

Tratando da pronunciação das letras, escreveram-se coisas com que não concordo, como se verá comparando os dois escriptos; mas sobre algumas não devo guardar silencio, como já disse para o *e* e o *u*; o som do *u* francez não se encontra nem mesmo nas palavras pronunciadas por cabindas e extranhas á sua lingua, a não

ser alguma vez e em poucas palavras quando tentam falar francez, de que, de resto, não têm aproveitado termo algum a não ser os alumnos da missão. Quanto ao *l* e ao *r* também discordo dos missionarios francezes, e o segundo existe em palavras genuinamente cabindas (133). Com referencia ao *j* accentuei differenças d'opinião no começo d'este capitulo. O *m* e *n* são realmente muito usados no começo das palavras, mas por vezes não têm exactamente o valor francez nem portuguez (3, 54). O *g*, dizem elles, nunca tem o som de *j*; parece-me que seria melhor dizerem, como eu, que nunca o escrevi com esse valor; poderia empregar-se d'esse modo, mas como acima disse, tal não fiz para evitar confusões; devo dizer que nunca o empreguei com o valor francez quando se lhe segue *n*.

Emprego varias vezes *V.* por *vidè*, servindo: 1.º para mostrar que ha só um termo *fiôte* para varios portuguezes¹; 2.º para accentuar que a significações muito differentes correspondem palavras muito semelhantes, pequenas differenças de pronuncia ou de formação do plural, etc.²

Na traducção de muitos substantivos, depois da fórma plural, o leitor encontrará bastantes vezes algumas letras precedidas de adj.; quero dizer que essas letras formam a prefixa que rege os adjectivos concordantes com tal substantivo quando elle estiver no plural.

Quando me ficaram muitas duvidas sobre a traducção d'uma palavra ou sobre a pronuncia d'alguma, deixei de as escrever para evitar erros; se não tenho certeza faço seguir o termo do signal (?).

Apesar de todos os cuidados no colligir das palavras; apesar das verificações a que procedi pela fórma porque acima disse; apesar de evitar quanto possivel o que me pareceu um tanto ou quanto problematico; fico convencido de que este vocabulario está longe, muito longe, da perfeição. E, encostando-me a boa auctoridade em caso muito analogo, farei minhas as palavras de Frei Bernardo Maria de Cannecatim, no prologo da sua obra³: «não me lisongeio contudo de presentar ao Publico um Diccionario completo da Lingua, porque isso, apesar d'incansaveis diligencias, não coube nas minhas forças, nem talvez caberia nas d'outro qual-quer... os defeitos e imperfeições são insuperaveis nas primeiras obras d'este genero, mas... franqueão o caminho para outros chegarem á sua perfeição».

Em algumas notas fixei o que me pareceu poder concluir, por simples observação, a respeito de regras da lingua *fiôte*; mas nada

¹ Ex.º: *fúla* para figado e polvora; *báka* para apanha, catana, gánha, pa-rede.

² Ex.º: *kómbo*, varre; *khómbo*, irmão; *kómbo*, ramella; *khómbo*, cabra; *kúmbo*, umbigo; *kúmbe*, virgem; *kúmbi*, vapor; *kúmbo*, alcinha, etc.

³ *Diccionario da lingua bunda ou angolense*, etc. Lisboa, 1804, pag. v.

profundei, por ser leigo em philologia e não querer, por leitura do que ha escripto sobre linguas semelhantes, alterar o juizo que formára, embora seja pouco conforme com trabalhos já feitos.

Se me fôr possível e quando o fôr, colleccionarei addições e correcções ao que deixo dito; n'essa occasião, tendo estudado um pouco do que ha publicado sobre linguas semelhantes ou outras, modificarei e porei em ordem mais algumas coisas que possa aproveitar a respeito de Cabinda.

Abreviaturas

<i>adj.</i> — adjetivo.	<i>pret.</i> — preterito.
<i>id.</i> — idem.	<i>pl.</i> — plural.
<i>inf.^o</i> — infinito.	<i>subst.</i> — substantivo.
<i>litt.</i> — litteralmente.	<i>(v)</i> — verbo.
<i>P.</i> — portuguez.	<i>V.</i> — vidè.
<i>part.</i> — participio.	

a (art.^o) — Vidè o (art.^o)

a (prep.) — V. para.

abas — *maráva*; adj. *ma* — V. aza.

abafa (v) — V. cobre (v).

abaixa (v) — *túla va neci* (litt. : põe em chão) ¹.

— *kúlula*; pret. *iakúluile*.

— (reflexo) — *bândama*; pret. *bandamézi*.

— *a cabeça* — V. cabeça.

abaixo — V. debaixo.

abala (v) — V. estremece (v).

abana (v) — *nhúndja*; pret. *nhúndjiži* — V. estremece (v).

— (reflexo) — *ivúma* (V. abcesso); pret. *ivúmaži*.

abantesma — *chimbínde*; pl. *bimbínde* (123) — V. peça de fazenda.

abcesso — *ivúma*; pl. *vúma*. — V. abana.

abdomen — V. ventre.

abelha — *nóssa*; pl. *zinóssa*; adj. *i*.

aberto (adj.) — *muái* — V. bocejo, gato.

abobora (cabaça ou em geral) — *sáva*. — V. ri; pl. id. ou *zissáva* adj. *i* — V. cabaça.

— (porqueira) — *lëndji*; pl. *malëndji*; adj. *ma*.

abórta (v) — *bótuka* — V. arreda.

abórto (acto) — *chiálula*; pl. *biálula* (21); adj. *be*.

¹ A pronúncia mais conforme com o que se ouve é antes *túla vânci*.

- (producto) — V. monstro, (123) e filho prematuro.
abotoá (v) — *bindika*; pret. *bindikízi* — V. allumia.
abotoado — *mè-bindika*.
abraça (v) — *bumangãna*; pret. *bumangẽne*¹ — *zingetila*, pret. *zingetile*.
abraçado — *mè-zingetila*.
abraço — *zingaziana*; pl. id.; adj. nada.
abraza (v) — V. queima.
abre (v) — *zibula*; pret. *zibuile*.
 — (a flôr) — *téka*; pret. *tékazi* — V. rebento.
abriga (v) — V. esconde.
abrigo — V. esconderijo e sombra.
abundancia — *uombo sangala* (litt.: muita coisa).
acaba (v) — *mãna*; pret. *mẽna* — V. dentadura.
 — o caminho (por desaparecer debaixo de herva) — *nejila fuá* (litt.: caminho morre).
 — o caminho (por não ir adiante) — *nejila mãna*.
acabou de (terminou a acção de) — *mué* ou *mé* (usado antes dos radicaes de todos os verbos: ex.^{as} acabou de fallar, *mé-tuba*, acabou de acabar, *mé-mãna*) (203).
acabado — *mé-mãna* — V. prompto.
acacia — *vúnga*; pl. *marúnga*; adj. *ma*.
acariciá (v) — V. brinca.
acasala (v) — V. amanceba (12).
acceita (v) — V. toma (188).
accende (v) — *tátika*, pret. *tátikízi* — V. incendeia — *tátama*, pret. *tátamézi* — V. ateia — *ibika*, pret. *ibikízi* — V. fecha.
accorda (v) desperta — *kótuka*, pret. *kótukézi* — (V. arreda) — *sungama*, pret. *sungamézi*.
 — outro (v. activo) — *kótula*, pret. *kótuile*.
 — V. concorda.
acôordo — *zimpáka mè-mãna* (litt.: discussão acabada). — V. discussão, concorda.
acha (subst.) — *suáli* — V. lenha.
 — (v) — *nuhônga*, pret. *nuhôngazi* — V. encontra.
achado (adj.) — *mè-nuhônga*.
ache (subst.) — *béza-béza* (208), *béza-netchó* (litt.: ferida pequena).
acima — *kúniilo* (por *ku-n'-i-ilo*, litt.: para o cima ou nariz; o *n* é por enphonia) — V. cima, atmosphaera, nariz.
acocore-se (v) — *zondama*, pret. *zondamézi* — *kónkama*, pret. *kónkamézi*.
acolá — *kimá* (203) — V. lá.
acorda (v) — V. accorda.
açorda — *çorda* P; pl. id.; adj. *i*.
acrescenta (v) — V. emenda.

¹ Não esqueça que o valor de *g* é como em gato.

- activo** — *lichindaptó* — V. trabalhador, mandrião.
adenite — V. bubão.
adeus — *siála* — V. coitado, leite (107).
adivinha (v) — *técha*, pret. *téchézi* — *téssi*, pret. *téssezi*.
adivinhado — *mé-téssi*.
adivinho — *gânga*; pl. id.; adj. *i* — V. feiticeiro (30).
admiração — (207).
adoece — *béla*, pret. *bélazi* — V. doença, doente.
adolescente — masculino — *metênda*, pl. *mitênda*; adj. *i* — V. rapaz (114).
 — — feminino — *kúmbe*, pl. id., adj. *i* — Vide rapariga, donzella, virgem (114).
adormece (v) — V. dorme.
adormecido — *mé-láála*.
adulterio, **adultero** — Não ha palavras especiaes (30).
adulto — Não ha termo, dizem homem ou mulher e ás vezes *mekurunto*, pl. *bakurunto* (133).
advogado — *kótikuanda*, *kótukuanda*; pl. id.; adj. *i* (39).
affasta (v) — *rênguka*, pret. *rêngukézi* — *sânzula*, pret. *sânzuile* — V. arreda.
afeição — V. amizade.
afia (v) — (por vontade propria) — *lêngula*, pret. *lênguêlé*.
 — (por ordem d'outro, passivo) — *lêngulila*, pret. *lêngulile*.
afunda (v) — *sinda*, pret. *sindiçi* — V. segura.
afundado — *mé-sinda*.
agarra (v) — V. apanha, segura.
aggride (v) — *kúla*, pret. *kúliçi* (80) — V. amassa, batte, homenzarrão.
aggredido — *mé-kúla*.
agora — *ábou*, *ábúbo*, *búbúbo* — V. ainda, já.
agradavelmente (por bons modos) — (313).
agradece (v) — *tónða*, pret. *tóndeçi*.
 — aos deuses — V. cumpre promessa.
agradecido — *chitóndo*.
agua — *paráda*, *máçi*; em movimento, *melângo*.
 — faz — *tuéka*, pret. *tuékaçi* — V. vasa (189).
aguardente — *malávo*¹ — V. cap.^o viii.
aguça (v) (faz bico) — *vála*, pret. *váliçi* — V. arrefece, custa caro — *sóngula*, pret. *éssonguella*.
aguçado — *mé-vála*.
aguenta (v) — V. segura.
aguia — *bémba*, pl. *mabémba*; adj. *ma* — V. pombo (199).
agulha — *tiumbo*, pl. id.; adj. *i* — V. pégo, cerrado.
 — (fundo da) — *ibúlo-lan-tiumbo* (litt.: o buraco da agulha).
ah! (admiração) — *áu!* (307).

¹ Por abreviatura de *malávo mepúto* ou hydromel portuguez (49) (64).
 Vidê hydromel, vinho de palma (48).

- ahi** — *óro, vanándi* (litt.: para elle) (215).
ainda — *ibúbo* — V. agora, já, coxa, aranha.
ajoelha (v) — *fúkama*, pret. *fúkamézi*.
ajoelhado — *mé-fúkama*.
ajuda (v) — *tiúkila*, pret. *tiúkile*.
ajudado — *mé-tiúkila*.
ajunta (v) — *filika*, pret. *filikizi* — V. falta ao prometido.
ajuntado — *mé-filika*.
ajusta (v) contas — *júceta* ou *zúceta* P; pret. *jucéte* ou *zucete*.
ajustado — *mé-júceta* ou *mé-zúceta*.
alagado — *bédé* — V. humido, molhado.
alaranjado — V. encarnado (198).
alcatrão — *kátro* P.
 — mineral (nativo) — *buángo*.
alcool — *tchikéma* (204) P — V. ardente, aguardente.
algunha — *kúmbo*; pl. id.; adj. *i* — V. vapor.
aldeia — *buála*, pl. *mála*¹ (22).
alento — V. folego, vida.
alegre — V. contente.
alfinete — *finéte* P; pl. id.; adj. *i*.
alforreca — *nindje*; pl. *manindje*; adj. *ma*.
algema (subst.) — *tchigónhónho*, pl. *bíngónhónho*, adj. *be*.
 — (v) — *kuike*, pret. *kuikazi* (151, 152).
algemado — *mé-kuike*.
algodão (a polpa) — *kouko* — V. mão, pl. *makouko*, adj. *ma*.
 — (pannos de) — *makénde* (24).
algodoeiro — *meti-makouko* (litt.: pau ou arvore algodões).
ali — *ákué* (213).
allumia (v) — *indika*, pret. *indikizi* — V. abotôa.
allumiado — *mé-kuindika*².
alma do outro mundo — V. abantêsma.
almofada — V. travesseiro.
alto (adj.) — *kúla, kalónqa?* — V. comprido, grande, amassa, enxota.
ama (v) — *zolaza béne* (litt.: quer muito).
amanceba (v) *kúkunha*, pret. *iukénha* (12) — V. dente de sizo.
amancebado — *mé-kúkunha*.
amanhã — *iounotchélo, iounotchiélo* (101).
 — (depois de) — *lúmbo tchina* (litt.: dia aquelle) — Vid. antehontem.
amarelo — *malélo* P. (198).
amargo — *tchandúli*.
amargor — *dúli* — V. bilis.
amarra (v) — *kânga*, pret. *kângaizi* — V. ata — *biéta*, pret. *biétaizi* — V. prende (152).

¹ Em portuguez dizem *povo*.² Excepção (205).

- amarração** — V. cadeia (153).
amarrado (atado) — *mé-kânga*.
amassa (v) — (o pão, o barro) *nhika*, pret. *nhikaŋi* — *kûla*, pret. *kûlaŋi* — V. alto, aggride.
amassado — *mé-nhica*, *mé-kûla*.
amavel — *mâmbo mabóta* (litt.: palavras ou modos bons) (213).
amendoa (do fructo da palmeira) — V. coconote.
amendoim — *piinda* (melhor, *mepinda*); pl. id.: adj. *i* — V. caju.
amiga (v) — V. amanceba.
amigo — *nediko*; pl. id.: adj. *i*.
amisade — *nekúndi*.
amor — *luŋólo*.
amortalha (v) — *ŋiinga*; pret. *ŋiingaŋi*.
amortalhado — *mé-ŋiinga*.
ampara (v) — V. segura.
amparo (subst.) — *tchintikila*; pl. *matchintikila*; adj. *ma*.
ananas — *nanáce* P; pl. id., adj. *i*.
anão (adj.) — *kúfe*.
 — (subst.) — V. homem baixo.
ancião — V. velho.
anda (v) — V. caminha.
anil — *nídi* P.
animal (em geral) — Pareceu-me não ter correspondente.
annel — *anére* P.; pl. id.: adj. *i*.
anno — *mevú*; pl. *vú*; adj. *i* (133) — V. rosca.
antebraço — *vâmba*; pl. id. adj. *i*.
ante-hontem — *tchabá-i-lúmbo-tchina* — V. amanhã.
antepassado — *kákata*, pl. *makákata*; adj. *ma* — V. avô.
antigamente — *pâmpa mevú kumbúça* (litt.: muito anno atrás).
anus — *fine*, pl. *mafine*; adj. *ma* — *liéço-ia-turi* (litt.: olho do excremento).
anzol — *nezólo* P.; pl. id.; adj. *i*¹.
apaga (v) — *dótche*, pret. *dótchéŋi* — V. olho.
apagado — *mué-dótche*.
apalpa (v) *buáta*, — pret. *buátéŋi* — V. barco.
apalpado — *mé-buáta*.
apanha (v) — *búila* — V. tiro, pret. *búilaŋi* — *báka* — V. parede, pret. *bákazi*.
apanhado — *mé-búila*, *mé-báka*.
apára (subst.) *irálila*, pl. *maválila*; adj. *ma*.
 — (v) — V. aguça.
appellido — V. alcunha.
aperta (v) — V. apalpa, amarra.
 — a mão — *simbúno metáia*, pret. *simbéne metáia* (103) (litt.: segura aperto de mão.)
aperto de mão — *metáia*, pl. id., adj. *i*.

¹ Não têm termos para as varias partes do anzol.

- apito** — *pito* P.
apodrece (v) — *bôla*, pret. *bôlazi* — V. pôdre.
aponta — *suinga*, pret. *suinga*zi — V. enforca — *pônta* P., pret. *pônta*zi.
apontado — *mê-suinga*.
apophyse — (saliência ossea) — *kúunde*, pl. *makúunde*, adj. *ma*. — V. café.
aposta (subst.) — *fiélena*.
 — (v) — *fiélena*, pret. *fiéléne* — *vânga fiélena* (litt.: faz aposta).
apostado — *mê-fiélena*.
aparelho (de pesca com muitos anzoes) — *sêla*, pl. id., adj. *i*. — V. serra (140).
applaud (v) — *sákila*, pret. *sákalile* (?), *sákile* — V. dá palmadas ôcas (181).
applaudido — *mê-sákila*.
aprende (v) — *lônga*, pret. *lôngazi*. — V. prato.
aprendido — *mê-lônga*.
aprompta (v) — *dukélila*, pret. *dukeliile*. — V. prompto.
aquece (v) (o sol) — V. accende.
 — (o corpo ao brazeiro) — *kouta*, pret. *koutazi* — V. assa, entra.
 — (coisa ao lume) — *kuâmuna*, pret. *iâ muéne*.
aquecido — *mê-kuâmuna*.
aquelle, aquella — *nâ* (203).
aqui — *áva* (215).
aquillo — *tchina* (203) — V. az, dansa, quegila.
ar — (é antes espaço) — V. atmosphaera, acima, vento.
arame — *lâme* P.; pl. *malame*, adj. *ma*.
aranha — *búba*, pl. *mabúba*, adj. *ma* — V. coxa.
arbusto — *meti netchó* (litt.: pau ou arvore pequena).
arohote — V. luz indigena.
aroo (d'esperrella) — *lufúmbo*, pl. *tufúmbo*; adj. *tu*.
 — e flecha (arma completa) — *metábumbau*, *matábumbau* (190).
 — (d'este instrumento) — *bumbáu*.
 — (de ferro, de barril, etc.) — *lukânda*, pl. *tukânda*; adj. *tu*.
 — iris — *metchâma*, pl. id. adj. *i*.
arde (v) (no fogo) — *lêma*, pret. *lêma*zi.
ardente — *ki-lêma*.
ardido — V. queimado.
ardor — *kuálala* — V. sarna, comichão.
areia — *bessânganêne* (o singular *sânganêne* significa um grão de areia).
areja (v) — *pêmo kouta* (litt.: vento entra).
argilla — V. barro e greda.
aroma — *fimbo* — V. cheiro.
aromatico — *fimbo*? *chi fimbo*?
arranca (v) — *tumúna*, pret. *tumuíne*.
arrancado — *mê-tumúna*.
arranha (v) — *vóona*, pret. *vóona*zi — *vóleta*, pret. *vóléte*.
arrasta (v) — *kóka*, pret. *kóka*zi. — V. assa.
arrastado — *mê-kóka*.

- arréda** (v) — *bótuka*, pret. *bótukézi* — V. aborto, tira, affasta, segreda, salta.
- arredado** — *mé-bótuka*.
- arrefece** (v) — *vóla*, pret. *vólaži* — V. aguça.
- arrefecido** — *mé-vóla* — V. frio (adj.)
- arremessa** (v) — V. deita fóra.
- arromba** (v) — *vómbula*, pret. *érombuéla*.
- arrombado** — *mé-vómbula*.
- arroto** — *diouka*, pl. *madiouka*, adj. *ma*.
- arruma** (v) (põe em ordem) — *lúma* P., pret. *lúmaži*.
- arrumado** — *mé-luma*.
- arteria** (ou veia) — *lecila*, pl. *cila*; adj. *i*.
- articulação** — *ichiúko*, pl. *biúko*, adj. *be*.
- arvore** — *meti méza* (litt.: pau folhas ¹) — V. tronco, ramo.
- assa** (v) *kouka*, pr. *ioukaži* — V. aquece, arrasta, ferve, mão, persegue.
- assado** — *mé-kouka* ? *ioukua* ?
- assassina** (v) — V. mata.
- assassinato** — *mé-vonda* ².
- assassino** — *mepínha*, pl. *púnha*, adj. *i*.
- assemelha-se** (v) — *fuána-kála*, pret. *fuána-kéle* — V. semelhante, é (v), imita.
- assente-se** — *kála-ránci* (por *ra-necí*) (litt.: é no chão) — V. carangueijo.
- assobia** (v) — *tá-luita*, pret. *téle-luita* — V. joga, assobio.
- assobio** — *luita*, pl. *tuita*.
- assola** (v) o cão — *tu-ikacila*, pret. *étuikacilile*.
- assusta** (v) — *sússuka* P?, pret. *sússukizi* — V. atemorisa.
- assustado** — *mé-sússuka*.
- ata** (v) — *kánga*, pret. *kángazi*. — V. frita, callo.
- ataca** (v) — V. aggride.
- ateia** (v) — *dúmuka*, pret. *dúmukizi* — V. accende.
- atemorisa** (v) — *vanga bóoma* (litt.: faz medo) — V. assusta.
- atiça** (o lume) — V. ateia.
- (o cão) — V. assola.
- atilha** — *messinga*, pl. *bessinga*; adj. *nada*.
- atira** (v) — *kúba*, pret. *kúbaži* — V. dispára.
- atirado** — *mé-kúba*.
- atmosphera** — *kiilo* — V. ar, nariz.
- atraz** — *kúmbúça* (por *kú-mebuça*, litt.: em costas).
- atrevido** — V. destemido.
- atenção** — *kéba* (●●●)
- audaz** — V. destemido.
- avança** (v) — V. ataca.
- avarento** — V. sumitico.

¹ Por abreviatura usam só *meti* vulgarmente.

² E' antes assassinado, morto.

- ave** — V. passaro.
avô, avó — *unkáka*, pl. id. adj. *i* — V. antepassado.
axilla — V. sovaco.
az — *china* ou *tchina*, pl. id. adj. *be* — V. aquillo (191).
aza (d'ave) — *váva*, pl. *maváva*, adj. *ma* — V. aba.
 — (de chavena, etc). — *kónzo*, pl. *makónzo*, adj. *ma*.
azeite — *zête* P.
 — (de palma) — *zête angáze* (144).
azul — V. verde (198).
bába — *makouloulo* — V. saliva.
 — (por mordedura) — *vivi*, pl. *marivi*; adj. *ma* — V. vesícula.
bacia (de cama) — V. penico.
 — (de qualquer forma ou material) — *boóla*, pl. id. — V. pôdre.
baço — *libéla* — V. doença; pl. *tubéla*; adj. *tu*.
bacoro — *muâna-ngúlubo* (litt.: criança porco) (208).
baeta — *nefina*¹
bagre — *mepúli*, pl. *púli*.
baila (v) — *tchina*, pret. *tchinizi*² — V. az, dansa.
baillado — V. dansa (138).
baixamar — *unkuango*.
baixo (adj.) — *kúfe* — V. barrigudo, homem baixo.
bála — *neçouto*, pl. *beçouto* (194) — V. físga.
balde — *bárde* P.; pl. id., adj. *i*.
 — ou qualquer objecto para tirar agua do poço — *kizénzo*, pl. *bezénzo*, adj. *be*.
baleia — *téla* — V. joga (pret.), chama (v).
balir — V. miar.
balouça (v) — V. embalança.
banana — *itêba*, pl. *bitêba*, adj. *be* — V. cacho, engatilha, morde palmeira.
bananeira — *nedúndo-têba*.
banco (europeu) — V. cadeira.
 — (indígena) — V. *camapé* (98).
bandeira — *limbo*, pl. *belimbo*, adj. *be* (124).
banha-se — V. lava-se.
banheira — *baniêla* P.
banho — *bãio* P. (154).
baralha (v) (cartas) — *mêça* — V. olhos; pret. *mêçaçi*.
baralhado — *mê-mêça*.
baralho — *baláio* P. — V. carta de jogar (197).
barata (subst.) — *pêça*, pl. id.
barato (adj.) — *baláto* P.
barba — *lulévo*, pl. *dévo*³ — V. empresta.
barbatana — *itólo*, pl. *matólo*, adj. *ma*.

¹ Virá de baeta fina, como é uso dizer no commercio ?

² Todos pronunciam este *t* inicial, o que é excepção.

³ O plural é que é usado; o singular quer antes dizer um cabelo da barba.

- *caudal* — V. rabo.
barbeia (v) — *búluba*, pret. *ébuluile* ¹.
barco — V. embarcação.
 — indígena — *buáto*, pl. *miáto*, adj. *ma* (66) — V. apalpa.
barra (de sabão) — *meçúko*, pl. *beçúko*, adj. *be*.
barrento (caminho, etc.) — V. terreno escorregadio.
barrete (em geral) — *mepú*, pl. id. (58).
 — (insignia, de palha) — *zíta*, pl. *bežita* (155).
 — (id., de pelles) — *mepú-mekánda* (58).
 — tomar — V. fim de (58).
barriga — V. ventre.
barrigudo — *kúfo* — V. baixo.
barril — *balile* P.
barro (cinzento) — V. greda.
 — (vermelho) — *búma*.
barrote — *túnga* — V. fábrica.
barulho — *iouko*.
basta (v) — *bika*, pret. *bikaži* — V. acaba, deixa, cala.
batata (trivial ou ingleza) — *nebála chimpúto* (litt.: batata portug.).
 — (dôce) — *nebála* — V. mandioca.
batte (v) — *búla*, pret. *búliži* — V. aggride, quebra.
 — feitiço — V. promete aos deuses.
battido — *mê-búla*.
bayoneta — *liónga*, pl. *maliónga*, adj. *ma*.
bebe (v) — *nuá*, pret. *nuine* ² (305).
bebedo — *kóla*.
beberrão — *mékounonúvo*.
bebido — *mê-nuá* — V. fumado.
beijo — V. labio.
beija (v) — Não ha termo especial; dizem da beijo.
beijo — *béjiio* (104).
beldroegas — *bémbelukúto*.
beliscão — *kinkófe* ou *tchinkófe*, pl. *binkófe*, ad. *be*.
bem (adv.) — V. bom.
 — (subst.) — (39).
bengala — *bingára* P.
bento (sagrado) — *uakiliáta*.
benze (v) idolos — V. sagra (125).
bexigas — V. varíola.
bezerro — *muánangómbe* (por *muána-negombe*, litt. criança boi) (208).
bezouro — *fongounouno*, pl. *mafongounouno*, adj. *ma*.
bico (d'ave) — V. bôcca.
 — (espinho) — *sénde*, pl. *bessénde*, adj. *be* — V. prego.
 — (do peito ou mamma) — V. mamillo.

¹ E' antes cortar cabelo á faca. (73)

² E' verbo auxiliar.

- bilhete** — V. carta.
bilis — *dúli* — V. amargor.
bisca (carta) — V. sete (carta).
 — (jogo da) — *bícega* P (197).
biscoito — V. bôlo.
blenorrhagia — *zúema*, pl. *zizúema*.
bocado — *kádo* ¹ P.
bocca — *múno*, pl. *mino* — V. eu.
 — (de peça, de cano) — *péempa*.
bocejo — *muáia*, pl. *miáia* — V. aberto.
bóde — *khômbô bákala* (litt.: cabeça de gado caprino, homem) (200).
boi — (cabeça de gado vaccum) — *negómbe*, pl. *zingómbe* (200).
boia — *bóio* P.
 — (pequena, de rêde) — *dinde*.
bolacha — V. bôlo.
bolha — V. vesícula e queimadura.
bôlo — *bóolo* ² — V. hemorrhoides.
bom — *bóta* — V. estrella, são.
bonito — *inhénvazi*.
bonnet — *bune*, *buné*, pl. id., adj. *i* (20).
borboleta — *kiššússukúmbe*, pl. *bissússukúmbe* ³.
borborygma — V. arrôto.
bórda (do barco) — *metchéta*.
bordão (planta) — *bânga?*, *nebânga?*, pl. *mabanga*, adj. *ma* — V. côco.
 — (folha do) — *kúnza*.
 — (casca do) — *bânza* — V. costella.
borracha (seiva, liquido) — *blimbo* — V. bandeiras.
 — (preparada, em bolas) — *dúmbo* — V. meretriz.
borracho (subst.) — *muâna-bémbe* (litt.: filho pombo) (208).
bóta (subst.) — *bóta* P — V. bom; pl. *zibóta*.
botão — *bóton* P.
 — (de planta) — V. rebento.
bóte — *bóte* P — V. embarcação, barco.
braço — *kúto-a-tchikouko*, pl. *kúto-mamiouko* — V. membro superior.
branco (adj.) — *pémbe* — V. aguiá, pombo, etc. (198).
 — (subst.) (pessoa) — *mundéle*, pl. *bíndéle* (19, 50) — V. panno.
braza — *kála*, pl. *makála*, adj. *ma* — V. é.
 — (em) — V. ardente.
brinca (v) — *sákana*, pret. *sakéne*.
brincadeira — *sákana*, pl. não tem — V. festa.

¹ De qualquer coisa excepto tecido; para este vidê retalho.

² No dicionário francez-fiote houve confusão com preguiça.

³ Virá de *ki-sussuka-kúmbe*, que assusta virgem?

- bubão** — *irúma*, pl. *urúma* — V. abcesso.
bufa (subst.) — *fuânga*, pl. *mafuânga*, adj. *ma*.
 — (v) — *fuânga*, pret. *fuângazi* — V. uiva.
bulha — V. barulho.
buraco — *ibúlo*, pl. *mabúlo*, adj. *ma* — *irúlo*, pl. *mavúlo*, adj. *ma* — V. cova.
burro (adj.) — V. estúpido.
 — (subst.) — *búlo* P — V. buraco, mula.
busca (v) — *lânda*, pret. *lândazi* (133) — V. hollandez, procura.
busio — *súngo* — V. tabaco.
cá — *áva*, *aré* (215).
cabaça — (fructo secco) — *nessáva*, pl. *zissáva* — V. abobora.
 — (id. muito grande) — *bínda*.
cabeça — *metú*, pl. *bantú* (6) — V. pessoa, crâneo.
 — (curva ou baixa a — perante superior) — *fónguma*, pret. *fongumézi* (102) — V. cumprimento.
cabello — *beléndje* ¹ (23).
cabinda (pessoa, lingua, costume, de) — *fióte* (3).
 — (região, terra, de) — *negóio*.
cabo (corda) — *lĩa* P. (154) — V. virador.
 — (de faca, ferramenta etc.) — *mevá*, pl. *vá* (V. não); adj. *i*.
 — (da rêde, espia) — V. espia do chinchorro.
cabra (cabeça de gado caprino) — *khômbó* (200) — V. irmão e ramella.
cabrito — *muâna-khombo*, pl. *bâna-khombo* (208).
caca — V. excremento.
caça (subst.) — *buéla* (142).
 — (v) — *buéla*, pret. *buélazi*.
caçado — *mê-buéla*.
oachimbo — *timba* (29) — V. torneira.
oacho (fructo da palmeira) — *zingázi* — V. dendem. (143)
 — de bananas — *mebá-têba*.
oacimba — V. poço.
oacimbo — V. nevoa, chuva de molha-tolos.
 — (estação do) — *icivo*, pl. *becivo*, adj. *be* (168).
oçoa (v) — *súnga*? pret. *súngazi*? — V. troca.
oadaver — *vúmbi* — V. morto, tumulto, cano.
cadeia ² (corrente, coisa que prende) — *pânga* (151, 152).

¹ E' antes cabelleira ou o total dos cabellos, porque é o plural de *meléndje* que quer dizer um cabelo.

² No citado *Dictionnaire*, traduz-se prisão por *nezo-ia-tombe* que litteralmente diz casa de escuridão; não concordo. Se para prisão digo V. cadeia, aqui tive o cuidado de explicar o que entendem por *panga*: não só bem me parece que tal termo é nebundo, trazido de Loanda, como, pelos usos e costumes que descrevo nas notas, julgo ver-se bem que os cabindas não adoptam para os seus presos o regimen da casa fechada e que portanto, se o fazem é só excepcionalmente e tão raras vezes que não mereceu a criação de vocabulo. Se aprenderem esse uso com os brancos, natural será que usem de meio

- cadeia (do relógio) — *pānga lulójo*.
cadeira — *chiálo*, pl. *biálo*, adj. *be*.
cadeiras (região renal) — *miōngo* — V. monte, ombros, rim.
cadella — *mebuá metchéto* (litt.: cão mulher ou femea) (300).
cadellinha (marisco) — *céva*, pl. *macéra*, adj. *ma* — V. ri.
cae (v) (estando de pé) — *buá*, pret. *ébuile* — V. cão.
— (d'alto) — *sónuka*, pret. *sónukézi*.
— (de costas) — V. deita de costas.
café — *makindi* ¹.
cafezeiro — *meti-makindi* (litt.: árvore cafés).
caga — V. defeca.
caixa — V. caixote.
caixote — *lukáta*, pl. *nekáta*, adj. *i* — V. sogá, testículos.
cajú — *mepinda-púto* ² — V. amendoim.
cajueiro — *mekázau* P?
cala (v) — *lingama*, pret. *lingamézi*.
— te, cala a bôcca — *bika iouko* (litt.: acaba barulho).
calafeta (v) — *tula metánda* (litt.: põe calafeto) (87).
calafeto — *metánda*.
calça (subst.) — *káreça* P (153).
— (v) — V. veste — calça o sapato — *zápáto liruáta*.
— (v) (põe calço) — *bánda*, pret. *bándazi*.
calçado (adj.) — *mê-vuáta*, *mê-banda*.
— (subst.) — não tem termo generico.
calcanhar — *kondé*, pl. id.
caldeira — *nezungo*, pl. *zúngo* — V. panella (174).
calema — *riçukou*, pl. id. (211) — V. onda.
callo, callosidade — *kángo*, pl. *makángo*, adj. *ma* — V. ata (v).
calor — *liúfa* (sem pl.) Tem. dá calor — *liúfa likákuáú* Tem,
sente, calor — *mouna liúfa* (litt.: vê calor).
calvo — *rândo*.
cama — *chika*, pl. *bechika*, adj. *be* (97).
camaleão — *lunguêno*, pl. *tunguêno*, adj. *tu*.
camarão — *mekouça*, pl. *bekouça*, adj. *be* — V. lagosta.
caminha (v) — *iênda*, pret. *iêndazi* — V. vac.
— depressa — *tchinze málo* (litt.: força pernas).
caminho — *nejila*, *nezila*, pl. *zila* (162) — V. acaba.
camisa — *tchinkuto*, pl. *binkuto* (79).
campainha — *tchingálagála*, pl. *bingálagála*.
— — V. uvula.

semelhante e não de casa escura, que não lhes será fácil construir para a ocasião, nem valerá a pena fazer para casos tão excepcionaes. Por conseguinte aquella tradução deve ser dos pretos da missão, *meninos*, e denunciar que os reverendos usam do regimen de carcere privado e escuro.

¹ No singular, *kündi*, é um grau de caté; V. apophyse; no plural confunde-se com o nome de certa qualidade de feijão em Angola.

² Esta terminação denuncia origem portugueza (55) provando que foi por nós importada a árvore.

- oanapé** (indígena) — *chimbânde*, pl. *bimbânde* (98), adj. *be*.
oanção — V. *cantiga* (91).
oancro venereo — *inkúdo*, pl. *zinkúdo* — V. *syphilis*.
oandieiro — *kandiêlo* P; *muinda* — V. *luz* (210).
oaneca — *nebûngo*, *mebûngo*; pl. *bûngo*.
oanhão (*cannabis indica*) — *liâmba* (99) — V. *palavra*.
oanhão (peça) — *téênda*, pl. *matéênda*, adj. *ma* (123).
oanivete — *kotika* ¹.
canna — *túto* — V. *herva*; *nuvem*, *cantharida*.
cano (d'espingarda) — *vûmbo*, pl. *id.* adj. *i*. — V. *morto*, *cadaver*.
canoa ² — *buáto* (36) V. *embarcação*.
cansa (v) — *vóla*, pret. *vólêze*.
cansaço — *vóla*.
canta (v) — *imbila*. pret. *imbuile*.
cantharida — *tuto* — V. *canna*, *herva*.
cantiga — *luimbo* pl. *tuimbo* (91) adj. *tu*.
canto (de casa) — *nekuma*. pl. *kuma*.
cão (animal de raça *cannina*) — *mebuá*.
 — (animal masculino) — *mebuá bákala* (200).
 — (selvagem) — *umbulo*.
 — (d'espingarda) — *télamouno*, pl. *id.*, adj. *i* — V. *engatilha*.
capa (subst.) — *kápa*. P.
 — (v) — *vóukulá*, pret. *voukéle*.
capacete — *kapacete*. P. pl. *id.*, adj. *i*.
capacho — V. *esteira de tabua*.
capado (adj.) — *vóukulua*.
capim ³ — V. *herva*.
capina (v) (corta o capim) — *sênda*, pret. *sêndaçi* (118).
capinado — *mé-sênda*.
cara — *beçú*.
carangueijo — *nekála*, pl. *kála* — V. *é*.
carapaça (da tartaruga) — *bukuço*, pl. *bekúço*, adj. *be*.
careca — V. *calvo*.
caricla — V. *brincadeira*.
carne (musculo, enquanto viva) — *nebije*.
 — (morta, aos bocados) — *beçunha* — V. *fructo*.
carneiro (cabeça de gado lanigero) — *méema*, pl. *id.* (200).
caro (adj.) (preço elevado) — *kálo* P — V. *callo*, *carro*.
carraça — *kuindibile*, pl. *id.* — *khumo*, pl. *m khumo*.
carrega (v) (espingarda, peça) — *sóka*, pret. *sókaçi*.
 — (transporta) — *nátina*; — ás costas — *nátina kumbúça*.
 — (o barco, navio, etc.) — *zónzaka? zónzama*, pret. *zouza-méçi*.
carregador de tipoia — V. *tipoia* (100).

Virá do portuguez córta ?

² Termo usado para designar a embarcação indígena.

³ Termo usado para designar qualquer herva, aservas.

- carro** — *kálo* P, pl. *makálo*, adj. *ma* — V. caro.
carta (todo e qualquer escripto) — *mukánda*, pl. *kánda* — V. pelle (44).
carta (de jogar) uma — *baláio*, pl. id. (V. baralho), adj. *i* (197).
carteira — *kaletéla* P.
cartucho — *kaletúcho* P.
casa — (termo generico ou o interior) — *nezou*.
 — (indigena) — *chimbéko*, pl. *bimbéko*, (14) — *chimbéto* pl. *bimbéto*.
casa — (do fato) — *káza* P.
 — (do branco) — *ivúla*, pl. *mavúla* — V. chuva, cap.º VIII.
 — (v) — *kuéla*, pret. *kuélazi* (16) — V. hymen, casamento.
casaco — *kázáko* P.
casado — *kuéla* — V. marido, esposa.
casamento — *makuéla*?
casca — *kássa* P. (131)
 — (de crustaceo) — o mesmo que o animal a que pertence.
casco — V. pé, embarcação.
castanho (côr) — V. escuro (198).
castiga (v) — *kastika* P., pret. *kastikézi* — V. batte ¹.
castigo — *sína*, *kastiko* P. — V. piolho.
catana — *báka*, pl. *mabáka*, adj. *ma* — V. parede, cap.º VIII.
cataraeta (ocular) — *ténga*, pl. *beténga*, adj. *be*.
 — (queda d'agua) — *mázia-mifúmina-mu-mânha* pl. *mázia-mifúmina-mu-mamânha* ².
cauda — V. rabo.
cava (v) — *sika*, pret. *sikazi* — V. crepusculo, enterra.
cavado — *mé-sika*.
cavallo — *kaváro* ³ P.
 — marinho — V. hypopotamo.
cego — *umpoufo*.
cegonha (ave) — *muába*, pl. *miába*.
cem — *khâma* (202).
cemiterio — *bijiâme* (105).
centena, cento — (203).
centopeia — V. piolho de cobra.
cercado (subst.) — V. cerrado.
ceroula — *ciloula* P.
cerração — V. cacimbo, nevoa.
cerrado (quer o terreno, quer a vedação) — *lúmbo* — V. dia, pl. *túmbo* — V. agulha.
certo ⁴ — *súluma*.

¹ Também traduzem á letra dá castigo.

² Qual será a traducção litteral? *Mázia* é agua em movimento; *mu* é com; *mânha*, pedra; *mamânha*, pedras.

³ Commum a cavallo e egua — V. burro, mula.

⁴ Em portuguez dizem direito em vez de certo, etc.; exemplos: *está dilêto* por está certo ou concordo; *fica dilêto* por está combinado, percebido, não ha mais que dizer.

- oesto indígena — *mutéte* (138) — V. condeça.
 ceu — V. *atmosfera*.
 chaga — *mebéza boula* (litt.: ferida gangrena) — V. pôdre, gangrena.
 chama (v) — *téla*, pret. *télazi* — V. baleia.
 chamado — *mé téla*.
 chaminé — *saminé* P.
 chamma — *blémbázo* — V. fogo.
 chão — *neci* — V. terra.
 chapéu — *chápe*, *sápe* P. — V. barrete.
 — de chuva — V. guarda-chuva.
 charco — V. poça, pantano.
 chave — *sábi* P, pl. *zissábi*.
 chefe — (no sentido indígena) — V. velho (133).
 cheia (subst., de rio) — *muála* — V. rio, inundação.
 — (lua) — V. lua.
 cheio (adj.) — *iáuéla*.
 cheira (v) — *núkuna*, pret. *nukuine*.
 cheirado — *mé-núkuna*.
 cheiro — *núko*, *menúko* — V. chove.
 — bom — V. aroma.
 — mau — V. fedor.
 chinchorro — V. rede d'arrastar (146).
 — (deitar ao mar o) — *núnguna*, pret. *nunguine*.
 chinello — *cinéro* P.
 chocalho — V. campainha.
 — (de forma especial) ¹ — *chingóngo*.
 choco (animal) — *netchéca*.
 cholera (das galinhas) — *chimpóngo*.
 chora (v) — *lile*, pret. *lilizí*.
 chove (v) — *nouka*, pret. *noukazi*.
 chumbo ² — *súmbo* P.
 chuva — *nevúla* — V. casa de branco.
 — (estação dos) — *vúla* ³ (169).
 — (de molha tolos) — *meloula* — V. cacimbo, nevoa.
 cicatriz (por doença) — *ziko*, pl. *maziko* — *itouna*, pl. *matouna*.
 — (para enfeite) — *mavéko* (sem sing.) (73).
 oima — *ilo* — V. ar, atmosfera, nariz.
 — (em) — *vúmóngo*.
 cinco — *táno* (202).
 — mil — *véven-matáno* (202).
 — réis (moeda) — *melambóngo*.
 — (carta) — V. quina.
 — mil réis — *papére itáno* (44).
 cinquenta — *makúm'-atáno* (202).

¹ Duplo chocalho, V. cap.º VIII.

² Em chapa, barra ou de caça.

³ Deve ser plural de chuva.

- cinta** — V. faixa.
cinto (da recém parida) — *iúbo*, pl. *maiúbo*, adj. *ma* (22).
cintura — *lutchéto*, pl. *tuchéto*, adj. *tu*.
cinza — *metouto-ia-ziko*¹.
circular (adj.) — V. redondo.
circumcisão — *tinta* (113).
cirurgião — V. feitiçeiro (30).
clavicula — *nekâmbo*, pl. *mekâmbo*.
clytoris — *sôndo*, pl. *bessôndo*, adj. *be*.
coberta (subst.) — *kubéleta* P.
coberto (adj.) — *mé-fúka*.
 — (prato) — V. prato.
 — (subst.) — V. sombra².
cobertor — *vúnga*, pl. *marúnga*, adj. *ma*.
cobra (em geral) — *nhôka* pl. *inhôka*, adj. *i*.
 — (surucucu) — *impile*.
cobre (subst.) — *sôngo*.
 — (dinheiro em) — *bôngo sôngo* (litt.: dinheiro cobre).
 — (v) — *fuka*, pret. *fukaçi*.
 — se, reflexo — *fukilila*, pret. *fukilizi?*, *fukilile?*
coça (v) — *káleta*, pret. *iakaléte*.
coçado — *mé-káleta*.
cocegas — *gongoufo*.
côco — *bânga mepúto*³.
coconote (amendoa do caroço da palmeira) — *kândi?*, *mekândi*, pl. *imekândi* (144).
coconote (amendoa do caroço da palmeira descascada) — *kúнки*.
codigo (das leis ou costumes indígenas, conjuncto de) — *mukáka* (213) V. commandante, lei.
coisa — *sângala*, pl. *bessângala* — V. tudo.
 — ordinária — V. ordinária.
coitado — *chiáli* — V. adeus, leite, pena.
coito — V. copula.
colchão — *kóleçon* P.
colher (subst.) — *lutó*, pl. *netó*, adj. *i* (numero indeterminado — *zintó*).
colla (v) — *simbana*, pret. *simbéne* — V. péga, permuta.
collete — *kuréte* P.
com — *i*, *mu?*
come (v) — *liá*, pret. *liile*.
começa (v) — *touna*, pret. *tounaçi*.
começado — *mé-touna*.

¹ Qual a tradução litteral? a 1.ª é terra, a 2.ª de, a terceira cicatriz; que mais significarão?

² E' o termo usado lá também pelos brancos.

³ Parece denunciar importação por portugueses. V. bordão que é a planta indígena mais semelhante á folha do coqueiro.

- oomichão** — *miáka* — V. ardor.
comida (subst.) — *bília*.
comido — *mé-liá* — V. intestino.
commandante (do bando guerreiro) — *mankáka* — V. código.
companheiro — *kângama*.
compasso (de carpinteiro) — *kompáso* P.
comportamento — (213).
compra (v) — *súmba*, pret. *súmbazi*. V. permuta, segura.
comprado — *mé-súmba*.
compreende (v) — V. ouve.
comprido — V. alto, grande.
concerta (v) — *bókuka*, pret. *bókazi* — *súlika*, pret. *súlikizi*. V. filho, endireita¹.
concorda (v) (está d'accordo) — *bundâna?*, pret. *bundéne*. V. acordo.
concha — V. casca.
condeça (indigena) — *kinda*, pl. *makinda*, adj. *ma* (150). V. cesto.
congolez (do Est. Independ.^{te} do Congo) — *pubrika* (49).
conhece (v) — V. sabe².
conselho — *ifú*, pl. *bifú*, adj. *be*. V. peixe.
constipação (catarrheira) — *vémba* (V. ombro), pl. *mavémba*.
constrói — V. fabrica³.
conta (v) — (faz contas) — *tânga*, pret. *tângazi*.
 — (subst.) — *kônta* P.
contado — *mé-tanga*.
contente — *iânje*. V. espectáculo.
conversa (subst.) — *kúngo*.
 — (v) — *búla kúngo*, pret. *búlizi kúngo*. V. batte, palmas.
oopa (do chapéu) — o mesmo que chapéu.
oipas (naípe) — *kópo* P (197).
 — (carta de) — *tchikópo*.
oopo — *kópo* P.
oopula (subst.) — *tchiémba* (25).
oopúla (v) — *tchiémba*, pret. *tchiémhazi* — *tchiámmba*, pret. *tchiám-bazi*.
oôr — (198).
ooração — *bémbo*. V. pombo, voz.
coral — *búkua*, pl. *mabúkua*, adj. *ma* (86).
corça — *necéca*, pl. *céca*. V. peito celeste.
corcunda — V. marreca.
corda — *līa* P (154). V. linha.
cordão umbilical — *negó* (29). V. tigre.
cordeiro — *muâna-mééma* (carneirinho) (208).

¹ Em português dizem pôe direito em vez de concerta.

² Falando português dizem sempre o verbo conhecer em vez do saber.

³ Em português nunca usam o verbo construir, é sempre fabricar.

- cordel** — V. atilho.
corneo — *nepóka*, pl. id.; adj. nada.
córneia (subst.) — *tchingúli*, pl. *bingúli*.
coronha — V. culatra.
corpo humano — *nhito*.
 — — inchado — *vimbo* (será hydropsia?).
corre (v) — *vé-zintino*, pret. *véki-zintino* — V. pressa. A correr
 — *rintino* — V. rapidamente.
correia — *kóleia* P.
correio — V. portador.
corrente (de ferro, do relógio) — V. cadeia.
 — (d'um rio) — *kuáka*.
corta (v) (com faca) — *tchéla*, pret. *tchélaži*.
 — (com thezoura, machado) — *kuánga*, pret. *kuángaži*.
cortado (adj.) — *mé-tchéla*, *mé-kuánga*.
 — (subst.) — (85) *bindéle* — V. panno.
 — (meio) — *lubáça* (85).
cortante — V. afiado.
corvo — *gongóngo*.
coryza — V. constipação.
cose (com agulha) — *tá*, pret. *téle* — V. joga.
 — (ao lume) — *lâmba*, pret. *lâmbaži* — V. deixa, cosinha.
cosido (ao lume) — *viá*¹.
cosinha (subst.) — *chikúko* — V. nupcias — pl. *bikúko* (84),
 — (v) — *lâmba*, pret. *lâmbaži* — V. cose.
cosinhado — *mé-lâmba*.
cosinheiro — *kúko* (84), pl. *bakúko* — V. persegue, trempe.
cospe (v) — *tábula*, pret. *tábuile* — V. escarra.
costas — *buça*² — V. atraz.
 — (da mão) — *mebuça-kouko*; das duas mãos — *buça-miouko*.
 — — V. mão.
costella (osso) — *lubánza*, pl. *bánza* — V. bordão (casca do)³.
costume⁴ — V. lei.
cotovello — *kókulo*.
couro — V. pelle.
cova — *ibúlo*, pl. *mabúlo*, adj. *ma* — V. buraco, sepultura.
coxa (subst.) — *búbo*, pl. *mabúbo*, adj. *ma* — V. aranha, ainda.
coxo (adj.) — *matiéko*.
craneo — *báába* — V. estúpido.
credenciaes (especie de) — *chimpábala*, pl. *bimpábala* (133).
credor — não tem termo especial — V. empresta.
crepusculo — *macika* — V. cava.

¹ Excepção dos participios.

² Pouco se usa o singular *mebúça*.

³ Realmente as lascas da casca do bordão assemelham-se a costellas e podem tomar todo o feitiço d'ellas.

⁴ Costume e lei correspondem ao mesmo termo, porque realmente é aqui que tem toda a verdade o nosso proloquio de que o costume faz lei.

oresce (v) — *kûla*, pret. *kûlaŕi* — V. alto.

orescido — *mê-kûla*.

oriado — V. servente ¹.

orriança (em geral ²) — *muâna* — V. joga; pl. *bâna* ³ — V. filho.

— (de peito) — *muâna-muâna*, pl. *bâna-bâna* (208).

— (de 3 a 10 annos) — *muân'-i* ⁴ *léŕe*, pl. *bâna-baléŕe* — V.

rapaz, rapariga.

orime — *libi*, pl. *mabi*, adj. *ma* — V. mal, mau, feio.

orocodilo — *negâando*, pl. *ŕingâando* — V. fóra.

orû — *biço*.

oruciflca (v) — *tûla-muntândabû* ⁵, pret. *tûliŕi-muntândabû* (218).

oidado — V. atenção.

oulatra (de peça) — *sádo*, pl. *massádo*, adj. *ma*.

oumpre (promessa aos deuses) — *kákula mukice*, pret. *ikûlaŕi mukice* (123).

cumprimenta (v) — *kúnda*, pret. *kúndiŕi* (102) — V. aperta a mão. cabeça, visita.

ounhado (por parte do marido) — *menúno-ŕáli*.

— (da mulher) — *káŕi-ŕáli*.

cura (v) — *bûka*, pret. *bûkaŕi* — V. medica.

curado — *mê-bûka* — V. bom, são.

ourandeiro (indígena) — *gânga*, pl. id. (20) — V. feiticeiro.

ourva (a cabeça) — V. cabeça.

uspido — *mê-tábula*.

uspo — V. saliva.

usta (v) — *kúceta* P, pret. *kucéte*.

— (caro) — *vála* ⁶, pret. *válaŕi*. V. aguça.

dá (v) — *vâna*, pret. *vêna*.

— cá — *bôngula*.

— cartas — *kába*, pret. *kábaŕi* (192).

— palmadas ôcas — (181) *bûli-likúngo* — V. applaude.

dadiva — *lêkachaboubo* — (V. gratis), pl. *blêko-báboubo* — V. sim.

dado (adj.) — *mê-vâna*.

dama (carta) — *puta* (192).

— — V. mulher.

damnado — V. hydrophobo.

dansa (subst.) — *tchina*, pl. *matchina*, adj. *ma* (138) — V. aquil-
lo, az, responde, quegila.

— (v) — V. baila.

de — *ia*, *i*, *a*, *lan*, *ku*? (33).

debaixo — *sá*.

dedo — *iŕála*, pl. *beŕála* — V. fome.

¹ Entre brancos ou com brancos usa-se geralmente *muléque*.

² Qualquer animal de pouca idade, mesmo não pessoa (208).

³ O mesmo som que dizendo-se aquelles (homens) (203).

⁴ Este *i* é por euphonia, pôde-se dizer *muâna-léŕe*.

⁵ Composto do verbo *pôe* e talvez o nome do supplicio.

⁶ Será o portuguez vale?

- defeca** (v) — *nēna* — V. vulva; pret. *nēnaži*.
deita (v) — *tula* — V. põe, vasa.
 — *-te* (reflexo) — *lambalála*, pret. *lambaléla*.
 — de costas (em decubito dorsal) — *nūnguka*, pret. *nungukizi*.
 — de lado (id. lateral) — *tékama*, pret. *tékamézi*.
 — fogo — V. accende, incendeia.
 — fóra — *lóza*, pret. *lólazi*.
deixa (v) — *lémba*, pret. *lembaži* ¹.
demente — V. maluco.
dendem — (bago do fructo da palmeira) — *gazi*, pl. *zingázi* — V. grão de milho — V. cacho (144).
dentadura — *méno* — V. dente.
dente (em geral) — *liéno*, pl. *méno*, adj. *me* (80).
 — canino — o mesmo que em geral.
 — incisivo — *liéno amelúzi*, pl. *méno mamelúzi*.
 — malar ou queixal — o mesmo que de siso.
 — de siso — *kúnha*, pl. id, adj. *me* — V. amanceba, punho do remo, roça.
dentro — *kú-káti* (litt.: em interior).
denuncia (v) — *fúnda* ², pret. *fúndizi* — V. discute.
depenna (v) — *kouna*, pret. *kounaži*.
depressa — *liáta*, *lidça* — V. sagra, pisa.
 — (muito) — V. rapidamente, pressa.
desabrocha (v) — V. abre.
desagradecido — *chitóndo-kó* (litt.: agradecido não) (188).
descompostura (insultos) — *fiŋga*, pl. *mafíŋga*, adj. *ma* (121).
desarranjado — *tiámuka* — V. espalha.
descontente — *iánje-kó* (litt.: contente não) (186).
descose (v) — *tábula*, pret. *tábuile* — V. cose, cospe.
desflora (v) — *bacíka kúmbe* (litt.: é rachada virgem, ou sae virgem).
desfloramento — não conheci termo especial, serve o verbo (116).
desmamma (v) — *lémba libéne* (litt.: deixa a mamma) (30).
desmammado — *mué-lémba-libéne*.
desordeiro — *chivúlo*.
desordem — V. tumulto.
desordenado — V. desarranjado.
despe (v) — *bótuka beléle* (litt.: tira pannos) — *vúla?* pret. *vúlizi?*
desperdiçado — V. estragado.
desperta — V. accórda.
despido — V. nu.
desrolha (v) — *bótuka-li-káka* (litt.: tira a rolha).
desprezível — V. reles.
destemido — *ganángo*.

¹ Também ha um feitiço chamado *Lémba* (126).

² Virão d'aqui fundar, fundação, fundamento, etc? (10)

- detonação** — V. tiro.
detraz — V. atrás.
deus dos brancos — *zâmbe* (129).
 — dos indígenas (125) — V. ídolo, monstro.
devedor — não tem termo especial — V. faz dívida.
dez — *kúme*.
 — mil — *véven-makúme* (202).
 — réis (moeda) — *chipáka*.
dezenas — *makúme* (202).
dezeseis — *kúm'-i-sâmbuno*.
dezesete — *kúm'-i-sambuáli*.
dezenove — *kum'-i-vuá*.
dezoito — *kum'-i-nâna*.
dia — *lúmbo* — V. cerrado; pl. *belúmbo*, adj. *be* (122).
dias ha — *belúmbo*.
diante — *metuála* — V. traz.
 — (para) — V. anda.
difficuldade — (213).
dinheiro — *bóngo*.
direito (lado) — *bákala* (200) — V. homem.
 — (em linha, desempenado) — *súlika*, *súléma* — V. certo, concerta, endireita.
discussão — *zimpáka*¹.
discute (v) — *finda*, pret. *findéna* — V. denuncia.
disoutido — *mé-finda*.
dispára (a arma) (v) — *lózã*, pret. *lózazi* — V. atira.
disperso — V. desordenado.
dito (adj.) — *mé-túba* — V. fallado; *piá* — V. prompto.
divida — *mekáno* — V. fundação (41).
divide (v) — V. reparte.
dize (v) — V. falla.
dó — V. pena.
dobra (de fazenda) — *kuânga-'mbléle* (litt.: corta panno) (25).
doce (adj.) ao paladar — *tchélele*.
dóe (v) — *mouna-tânta* (litt.: vê dôr) — V. incommodo.
doença — *béla* (V. baco); pl. *mabéla*² — *béle*, pl. *mabéle*, adj. *ma* — V. está, faça, soffrimento.
doente — *béla-ki-béla* — V. adocece (203).
doído — *mé-mouna-tânta*.
doido — V. maluco.
dois — *uáli*, *bioule* (202) — V. esteira.
 — mil — *véven-bioule*.
 — mil e dois — *véven-bioul'-i-uáli* (203).
domingo (da semana indígena) — *souna* (123) — V. semana.

¹ Este termo, manifestamente um plural, é antes razões, argumentos, e usa-se sempre depois do verbo *discutir* para poder ter esta significação. V. accôrdo.

² Em Angola é o nome de certa esteira fina.

- (o nosso) — *dia sumáno* (45).
dono (d'uma aldeia) — *fumúci*¹ — V. governador.
 — (de mais d'uma) — *fumužúci* (38).
 — (d'objecto, d'animal ou escravo) — *impuile*, pl. *puile* (33, 39, 40) — V. cobra.
donzella — *tchinkúmpa* — V. virgindade (116); pl. *bínkúmpa* (114) — V. rapariga, virgem.
dór — *tânta*, pl. *matânta*, adj. *ma* — V. sofrimento.
dorme (v) — *láála*, pl. *láéla* — V. fere.
dormente (pé, mão, etc.) — *ékatânga* — V. formigueiro.
doze — *kúm'-uáli* (203).
duque (carta) — *tchimudála* (197) — V. naipe.
duro — V. forte, resistente.
duzentos — *khâma-bioule*.
e — *i*.
é (v) — *kála*, pret. *kéle* — *ké*, pret. *kéba* — V. está, braza.
ebrio — V. bebedor.
efeito purgativo — *tuéka* (189) — V. verte.
egua — *kaváro-metchento* (200).
igual — *déde, déde-déde*² (208).
elephante — *záu*.
 — (pello da cauda do) — *mekúnda*, pl. *bekúnda* (28).
elle, ella — *nândi*, pl. *báu* (206) — V. sterno.
em — *vá, ku, kum* — V. para.
 — baixo — V. debaixo, abaixo.
 — cima — V. acima, cima.
embalança (v) — *vukéla*, pret. *vukéela* — V. abana, estremece.
embaçado — *mé vukéla*.
embaralha — (as cartas) — V. baralha.
embarcação — *zázo* — V. navio, trovão.
 — (indigena) — V. canôa.
emenda (v) — (erros) — V. endireita.
 — (cabos, paus, etc., accrescenta) — *kúúka*, pret. *iúkaži*.
emissario — *kúnda-fúmo*, pl. *bakúnda-fúmo*, adj. *ba* (183).
empenha (v) — *simbiça-t-tá* — V. penhor.
empresta (v) — *déva* P. — V. barbas; pret. *dévaži* — V. faz di-vida.
empurra (v) — *núnguna*, pret. *nunguine*.
empurrado — *mé-núnguna*.
enche (v) — *uáži*, pret. *uážiži* — V. cheio.
encarnado — (côr) — *kalenádo* P. (198).
encontra (v) — V. acha (190).
encontro — (de porta) — *lixíndiži*.
 — (de pessoas) — (190).
encosta (v) — *kuékama*, pret. *iékaméži*.

¹ Por *fumo-neci* (litt. : principe terreno).

² Corresponde antes ao nosso igualzinho, forma familiar.

- endireita** (v) — *súlika*, pret. *sulikizi* — V. concerta — *suléma*, pret. *sulémezi* — V. direito.
- enfeitiça** — (faz malefícios) — *louka*, pret. *loukazi* — V. feiticeiro.
- enfeitiçado** — *mé-louka*.
- enfla** (v) — *nouna*, pret. *nounazi* — V. vê.
- enforca** (v) — *suúnga*, pret. *suúngazi* — V. aponta, murmura.
- enforcado** — *mé-suúnga*.
- engana** (v) — *vúndja*, pret. *vundjizi*.
- engatilha** (v) — *téba*, pret. *tébazi* — V. banana, gatilho, cão.
- engatilhado** — *mé-téba*.
- engole** (v) — *mina* — V. eu; pret. *minizi*.
- engraixa** (v) — *kóva* P?, pret. *kóvazi* — V. escóva, nó.
- enguicho** — V. quigila.
- engulido** — *mé-mina*.
- enjoado** — V. nauseado.
- ennobrece** (torna nobre) — V. barrete.
- ensina** (v) — *sina* P, pret. *sinizi*.
- entende** (v) — V. ouve, compreende.
- enterra** (v) — *zika*, pret. *zikazi* — V. cava, cinza.
- enterrado** — *mé-zika*.
- enterro** d'adulto — *kazika-intótola* (106).
— de criança — *kazika-vúmbi*.
- entorna** (v) — *dúguka*, pret. *dugukizi* — V. verte.
- entra** (v) — *kouta*, pret. *koutazi* — V. assa, aquece.
- envenena**¹ (v) — *vána-likila* (litt. dá veneno).
- enxada** — *séngo* (202) — V. faca quente.
- enxerga** — *chélega* P.
- enxergão** — *chelegon* P.
- enxota** (v) — *kúla*? — V. alto, amassa.
- enxó** — *lukuéto*, pl. *tukuéto*.
- enxuga** (v) — *iánika*, pret. *iánikizi*.
- enxuto** — *mé-iánika*.
- ereção** (do penis) — *tiimba* — V. cachimbo.
- erra** (v) — *vanga kónzo* (litt.: faz erro).
- errado** — V. erro.
- erro** — *kónzo*² — V. gafanhoto.
- escaler** — *sekarére* P — V. embarcação.
— a vapor — *kúmbi-kúmbi* (litt. vapor vapor) (208).
- escama** (subst.) — *kó*³, pl. *makó*, adj. *ma*.
- escangalha** (v) — V. estraga.
- escarra** (v) — *sekála*, P, pret. *sekálazi* — V. cospe.
- escarro** — *ikouzolo*, pl. *ukouzolo* — V. saliva, tosse.
- esclerotica** (branco do olho) — *tchimpémba*, pl. *bimpémba* (109).
- esconde** (v) — *suáma*, pret. *suéma*.

¹ Mas não percebo como posso ter recolhido estas equivalências: envenenou — *banvándika-likila*; envenenado — *uamána-lik-likila*.

² Ha um idolo de nome *kouzo* (126).

³ Não confundir com a negativa dos verbos (186).

- esconderijo — *puite*.
 escorpião — *kutankála*.
 escorrega (v.) — *télamuka*, pret. *télamukézi*.
 escorregadio — V. terreno.
 escota — *tchikouta* P, pl. *bikouta*.
 escôva (subst.) — *chekouva* P, pl. *bikouva*.
 escôva (v) — *félega* (P, esfrega), pret. *félégézi* — V. engraixa.
 escovado — *mé-félega*.
 esoravo — *mevika*, pl. *bavika*, adj. *ba* (33) — V. penhor.
 esoreve (v) — *sónaka*, pret. *sónakézi* (43).
 escripto (adj.) — *mé-sónaka*,
 — (subst.) — V. carta (11).
 escuridão — V. trevas.
 escuro — *chitombe*.
 escuta (v) — V. ouve.
 esfrega (v) — V. escôva.
 espaço — V. atmosphaera.
 espada — *tânzi*, pl. *betânzi*, adj. *be*.
 espadas (naípe de) — *manónba* (197).
 — (carta de) — *tchimanónba*.
 espadarte — *bávo*, pl. *id.*, adj. *i*.
 — (appendice do) — *tchéla tchimbávo* (litt.: remo espar-
 datico).
 espalha (v) — *tiâmuna*, pret. *tiamuine* — *tiâmuka*, pret. *tiâmukizé*
 — V. desarranjado.
 espaneja (v) — (para tirar o pó) — *kúbula*, pret. *kubuille*.
 espanta (v) — V. assusta.
 espectáculo — *iânge*, pl. *maiânge*, adj. *ma* — V. contente.
 espelho — *lumuéno*, pl. *muéno?*, *miéno?*
 espera (v) — *tálaména*, pret. *téleméne?*¹.
 esperto — *liéla*.
 espherico — *gingizi* — V. redondo.
 espia (ou cabo do chinchorro) — *vuála*, pl. *mavuála*, adj. *ma*.
 — , espião² — V. homem.
 espiga — *riça*, pl. *máça*, adj. *ma*.
 espigão (da faca, da enxada indígena, etc.) — *mecíça*.
 espingarda — *metá*, pl. *matá* (191) — V. pederneira.
 espinha — V. espinho.
 espinho — *sénde*, pl. *bessénde*, adj. *be* — V. prego.
 espirro (pelo nariz) — *nedjéça*.
 — (do lume) — *bonguéla*, pl. *mabonguéla*³, adj. *ma*.
 espoleta — *puléta* P, pl. *id.*, adj. *i*.
 esponja — *sipónza* P, *chipónza*, pl. *bipónza*, adj. *be*.
 esporão (do gallo) — *siba*, pl. *bessiba*, adj. *be*.

¹ Será excepção ou palavra composta?² Não tem palavra propria.³ Não esqueça pronunciar 'o' u todas as vezes que está escripto

esposa — *káze, ikáze*, pl. *bakáze*, adj. *ba* — V. *lémba* (130).
— *minha* — *mekáze*.

esposo — V. marido.

esquadro (de carpinteiro) — *sekuádle* P.

esquece (v) — *zimangána*, pret. *zimangéne*.

esquerdo — *metchénto* (200) — V. mulher.

esse, essa — *ou* (203).

está (v) — *iabá*, pret. *iabéle* — V. *é* — *ba*, pret. *béle* — V. doença, *faca* (203).

este, esta — *á* (203).

esteira (grossa para o chão, como colchão) — *luândo*, pl. *tuândo* (203).

esteira (grosseira) — *lukáto*, pl. *tukáto* — *chitéfa*, pl. *metéfa* (203).
— (fina) — *kuáli* (203).

estende a roupa a enxugar — V. enxuga.

estica (v) — V. puxa.

estraga (v) — *iatalága* P, pret. *iatalagézi*.

estragado — *mé-talága*.

estragador — *vuzi*.

estrella — *bóta*, pl. *zibóta* — V. bom (204).

estremece (faz tremer) (v) — *nhúnga*, pret. *nhúngazi* — V. abana, *embalança*, *treme*.

estupido — *bába* — V. craneo.

eu *mino* (204) — V. engole.

européu — V. branco (204).

examina (v) — *talánga?*

excremento — *túvi*.

executa (v) — V. faz.

exército — *mezingo*, pl. *bezingo* — V. guerra.

extenso — V. alto, comprido, grande.

extravagante — V. estragador.

fabríca (v) — *tuúnga*, pret. *tuúngazi* — V. barrote.

— (subst.) — *fábilika* P.

faca — *mebéle*, pl. *zimbéle* — V. doença, *está*.

— quente (feítico) — *séngo* (130) — V. enxada.

faixa (cinta) — *póonda*.

— (cinto das puerperas) — *iúbo*, pl. *maiubo*, adj. *ma* (205).

falla (v) — *tuba*, pret. *tubazi*.

— alto — V. grita.

— baixo — V. segreda.

— mal, indecentemente — *mámbo mabi túba* (litt. : palavras más, *falla*.)

fallado — *mé-túba*.

falta (ao prometido) — *filika*, pret. *filikiçi* — V. ajunta.

fareja (v) — *fimbula*, pret. *fimbuile*.

faro (de cão) — V. cheiro.

Unico termo usado para constroe casas, faz rede, faz esteira, etc.

- fato** — V. *vestimenta*.
fauces — *madáka* — V. moribundo, uvula.
faz (v) — *vânga*, pret. *vângazi* — V. *fabrica*.
 — *agua* — V. *agua*.
 — *contas* — V. *conta*.
 — *divida*, recebe emprestado — *devêsse* P, pret. *uandévesse* — V. *empresta*.
faz vento — *vânga pémo* — V. *abana-se*.
febre — *kátama*, pl. *makátama*, adj. *ma* — *kutótanta*, pl. *maku-tótanta*? — V. *dôr*.
 — *tem*, sente — V. *febricita* ¹.
febrícioita (v) — *kátama*, pret. *kátamézi*.
fecha (v) — *zibika*, pret. *zibikizi* — V. *accende*, *olho*.
fechado — *mé-zibika*.
fechadura — *salúla* P, pl. *id.*, adj. *i*.
fecho — *gólufou*, pl. *id.*.
fede (v) — V. *cheira*.
fedor — *núko mebi* (litt.: *cheiro mau*).
feijão — *dézo*, pl. *madézo*, adj. *ma*.
 — *vermelho* — *katiâmba*.
feio — *mebi* (34) ².
feira — V. *mercado*.
feitioeiro, que trata doentes — V. *curandeiro*.
 — , que faz ídolos — V. *santeiro*.
 — , que faz malefícios — *doutche* (30) V. *enfeitiça*.
feitico — V. *ídolo*, *malefício*.
feito (adj.) — *mé-vanga*.
fel — V. *bilis*.
femea — *metchento* (200) — V. *mulher*.
femenino — V. *esquerdo* (200).
fenda — V. *buraco*, *racha*.
fêre (v) — *luála*, pret. *luéla* — V. *dorme*.
ferida — *bézi*, *béza*, *mebéza*; pl. *zimbéza*.
 — *incisa* — V. *golpe*.
ferido — *mé-luála*.
ferrado (do choco) — *dimba* — V. *meretriz*.
ferro — *metáli*, *táli* P — V. *machado*.
ferrugem — *fulúze* P.
ferve (v) — *touka*, pret. *toukazi* — V. *assa*.
fervido — *mé-touka*.
feira — V. *carícia*, *espectáculo*.
fezes — V. *excremento*.
figado — *fúla*, pl. *befúla*, adj. *be* — V. *polvora*, *percevejo*.
filho — V. *criança*, *gemo* (33).

¹ Fallando português usam, como regular, um verbo, *febrar*.

² E do mesmo modo, *tchibí*, *libi* (304).

- de parto prematuro — *súluka*, pl. *bessúluka* (135) — V. aborto, monstruosidade, concerta.
- fm** — *souço?*, *sino?* — V. galinha, formão, piolho.
- fio** (de teia d'aranha) — *melietála* — V. teia.
- figa** (subst.) — *bessouko*, pl. id., adj. *i* — V. bala.
- (v) — *figca* P, pret. *figēgizi*.
- figado** — *zafizcua*.
- fita** (subst.) — *fita* P.
- fvella** — *fvéra* P.
- flatulência** — V. borborygmo.
- flecha** — *neçouto-bumbau* (134) — V. bala.
- flôr** — *felou*, *feroure* P, pl. id. *i*.
- foge** (v) — *tina*, pret. *tinazi* — V. rapidamente, corre.
- fogo** — *bázo*.
- folego** — *véma* — V. sopro.
- folha** (vegetal) — *liéza*, pl. *méza* — *liéze*, pl. *méze* — V. tabaco.
- de Flandres — *fóio* P, pl. id., adj. *i*.
- de mandioca preparada — *sáka* (142).
- fome** — *nezála* — V. dado.
- (tem ou sente) — *mouna nezála* (litt. : vê fome).
- fona** — V. sumitico.
- fonte** — *jóngoulóulo*, pl. *bejóngoulóulo*, adj. *be*.
- (tempora) — não ha termo especial.
- fôra** — *gânda* — V. lua, crocodilo.
- força** (subst) — *negoulo*.
- (v) — *tchinze*, pret. *tchinzi*.
- formão** — *sino* — V. piolho.
- formiga** — *nouna* — V. vê, pl. *zinouna*.
- branca — *sálalé* (96).
- formigueiro** — *nezou nouna* (litt. : casa formiga).
- (sensação de) — *katânga* — V. dormente.
- formoso** — V. bonito.
- forqueta** — *fulekêta* P, pl. id.
- forquilha** — *meti mavála?*¹ — V. aguçã.
- forra** (v) — *bâmbika*, pret. *bambikizi*.
- forrado** (adj.) — *mê-bâmbika*.
- (subst.) — *bâmbama* (93).
- forro** (do fato) — *foula* P.
- forte** (adj.) — *negoulo* — V. força.
- fôz** — *súba* — V. urina.
- francez** — *felancêzo* P.
- (homem) — *mundéle felança* (litt. : branco frança (30)).
- franco** (dádivoso) — *nekábi*.
- frango** — *meténda* (200).
- frasco** — *metúto* — V. vasilha.
- frio** (subst.) — *tchióze*.

¹ *Meti* é pau, *vála* é aguçã, *mi* é prefixo do plural.

- (tem ou sente) — *mouna tchióze* (iitt. : vê frio).
 — (adj.) — *tchitchióze* — V. arrefecido.
frita (v) — *kânga*, pret. *kângaŕi* — V. ata.
frito *mé-kanga*.
fronha — *ferôia* P.
fronte — V. testa.
fruta (termo generico) — não ha correspondente.
fruto (d'imbundeiro ou baobab) — *messúnga*, pl. *bessúnga* — V. carne.
fruto (total, de palmeira) — V. cacho.
fugido — *mé-tina*.
fuma (v) — *nuá súngo* (litt. : bebe tabaco).
fumaça — V. fumo.
fumado *mé-nuá* — V. bebido.
fumo (subst.) *muice* (23).
funda, faz fundação — *funda mekáno*, pret. *fúndiŕi mekáno* — V. denuncia. Exemplo: a mulher funda com este homem — *met-chénto fúnda mekáno á i li bákala* (litt. : mulher funda este com o homem).
fundação — *mekáno* (10) — V. pleito, divida.
fundeia (o barco) — *túla buáto* (litt. : põe barco).
fundo (adj.) — *taánda*.
 — (d'agulha) — V. agulha.
 — (de barco) — *lutámbe*, pl. *tutámbe* — V. pé.
 — (do mar, rio) — *vinde*.
 — (de panella, poço, etc.) — *taánda*.
fura (v) — *tobula*, pret. *tobuéla*.
furado — *mé-tóbula*.
futuro (adj.) — *kuiŕa* — V. vem.
fuzil (para petiscar) — *liíndo*, pl. *maliíndo*.
gafanhoto — *kônko*, pl. *makônko*, adj. *ma* — V. erro, membro superior.
gaivota — V. pombo, etc. (139).
gallinha (gallinaceo) — *sússu* (200) — V. papagaio, pinto, frango.
 — (da India, pintada) — *funji, funŕi* — V. milhafre.
gallo — *sússu bákala* (200).
gane (v) — *sâmba*, pret. *sâmbaŕi* — V. mia.
ganga azul — V. zuarte.
gangrena (subst.) — *boula* — V. podre.
 — (v) — *bóuleze*, pret. *iabóuleze*.
ganha (v) — *báka*, pret. *bákaŕi* — V. parede.
ganho (adj.) — *mé-báka*.
 — (subst.) — *gáio* P — V. lucro.
garfo — *nessómo*, D *sómo* — V. recado.
garganta (ou melhor trachea) — *kongelinga* — V. fauces, larynge.
garminho (de carpinteiro) — *galemio* P.
garra — V. unha.
garrafa (de feitiço mais trivial para vinho) — *buátile* (23).
 — (de barro, id., id., agua) *mufinga*, pl. *mifinga* (174).
garraão — *muŕána*, pl. *miŕána*.

gatilho — *kóndokoulo*.

gato (felino) — *uaia*, pl. id. adj. *be* (200) — V. aberto.

gêmeos (irmãos) — *báza*.

— (o primeiro nascido) — *báza* — V. fogo.

— (o segundo id.) — *símba* — V. segura.

general — V. commandante.

gengibre — *jibre* ¹ P.

gengiva — *lufúmbo*, pl. *tufúmbo*, adj. *tu*.

genro — *nekuékáze*, pl. *bakuékáze* ².

gente — *bánto* (6) — V. pessoa.

geração — *bútana* ³ — V. parente.

germina (a semente) — V. nasce.

giboia — *bouma* — V. medo.

gigante — V. homemzarrão.

glânde — *lúnga*, pl. *belúnga*, adj. *be* — V. pulseira.

globo (de candieiro) — *guroubo* P.

golpe (em roupa, etc.) — V. buraco.

— (no corpo d'animal) — *lubúma*, pl. *tubúma* — V. ferida.

golpea (v) — V. corta com faca.

gordo — *toula* — V. somno.

gosta (v) — quer.

governador (d'aldeia) — V. dono.

— (dos brancos) — *metino* (123).

grande — *néne* — V. alto, defeca.

grão de milho — *gánzi* — V. raiz, teimoso, dendem.

gratis, gratuito — *bóbó* ⁴.

— coisa — V. dádiva.

grato — V. agradecido.

gravata — *galévata* P, pl. id., adj. *i*.

greda — *lourvotou* — V. barro.

grelha indígena — *chânga-chimbanza*, pl. *ibiânga-bambânza* (143).

grita (v) — *lôuçuka*, pret. *louçukézi* — *ténduka*, pret. *tendukézi*.

grito — *béémbo néne* (litt. : voz grande) — V. voz, coração.

guarda (v) — *lunda*, pret. *lúndaçi*.

guardado — *mé-lúnda*.

guarda-chuva — *vévo*.

— -sol — id. ⁵.

guerra — *vita*, pl. *tuvita*, adj. *tu* — V. exercito, porta.

guerreia (v) — *vânga vita* (litt. : faz guerra).

guisa (v) — V. cosinha.

guiso — *lióio*, pl. *maióio*, adj. *ma*.

gume (da faca, etc.) — *kuméno*, pl. *tuméno*, adj. *tu*.

¹ Não ha, vem de Loanda.

² Afirmaram-me servir a mesma palavra para nora, sogro e sogra !

³ E' antes serie, grupo de parentes.

⁴ Em portuguez dizem *tôa*.

⁵ Em portuguez dizem *saperio* (chapellino).

- gyrino** (peixe cabeçudo) — *zúndo*¹, pl., *maẓúndo*, adj. *ma*.
ha — V. tem, é (205).
 — dias — *belúmbo* — V. dia.
habitação — V. casa, palhoça.
halito — V. sopra.
hemorrhoides — *boulo* — V. bôlo.
herda (v) — *lândula*, pret. *landuile* (33).
herva — *titi* — V. canna, nuvem (148).
hoje — *lúmbo-átche* (litt. — dia este).
holandez — *landázo* P, *randázo*.
 — (homem) — *mundéle landázo* (19) — V. branco.
hombro — *rémbo*, pl. *marémbo*, adj. *ma* — V. constipação.
homem — *bákala*, pl. *babákala*, adj. *ba* — V. pessoa.
 — de classe baixa — V. ordinario, reles (56).
 — baixo d'estatura — *ẓúinde*² pl. id., adj. *ba* — *ikàngala*, pl. *ukàngala* — V. anão. — V. sumitico.
homemzarrão — *bákala-lakúlo* — V. alto.
homicídio — V. assassinato.
honra (v) — V. respeita.
hontem — *iòuno* (191).
horda guerreira — V. exercito.
hospeda, dá hospitalidade — V. respeita (314).
humido — *tiva* — V. molhado.
hydromel — *malávo* — V. aguardente, vinho de palma.
hydrophobia³ — V. cap. vii.
hyena — *mebúlo*.
hymen — *makuéla*? — V. casa.
hypopotamo — *vúbo*.
ido — *mé-iénda* — V. vae.
ídolo (imagem) — *mekiça*, pl. *bakiça* — *mekice*, pl. *bakice* — V. santeiro.
ídolo (o deus representado) — *mekiça-ci*, pl. *bakiça-baci* (135).
ignorante — *mepáki*?
igual — V. igual.
imagem — V. ídolo.
imbundeiro — *nekôndo*, pl. *kôndo* — V. polpa.
imita (v) — *fuânana*, pret. *fuânanéne* — V. assemelha-se.
impotencia — *mucète fuá* (litt. : penis morre).
incendeia (v) — *tátika*, pret. *tátikiçi* — V. accende.
incha (v) — *kútuka*, pret. *kutukéçi* — V. tira.
inchado — *mé-kútuka*; *rimba*⁴.
incisivo (dente) — V. dente.
incommoda (v) — *vánga mepássi* (litt. : faz soffrimento) — V. sofre.

¹ Não confundir com *zúmbo* que é um panno especial (7-1).

² Pronuncia-se o u.

³ É doença desconhecida.

⁴ Quando se diz do corpo humano todo.

- indecente** — V. obsceno.
indemnização (multa) — *kavála* ¹.
infanticídio — Não ha termo especial, dizem mata creança (81).
inglez (adj.) — *ingrézo* P.
 — (subst.) — *mundéle ingrézo* (litt.: branco inglez) (19).
ingrato — V. desagradecido.
inseto (em geral) — *túto* — V. canna.
insigna — V. barrete, romeira, sceptro.
inspiração divina — V. sentir-se inspirado.
interior (parte interna) — *káti*.
 — (d'Africa) — V. mato.
interprete — *lingēce*, pl. *malíngēce* (58).
intestinal — *melíá* ² — V. comido.
inundação — *sâmba* ³ — V. cheia.
inverno (estação fria) — V. cacimbo (169).
 — (" das chuvas) — *vúmvula*, pl. *envúla* ⁴ — V. chuva.
investe (v) — V. ataca, ennobrece.
ir — *ku-ênda* — V. vae.
irmão — *khomba* (200) — V. cabra.
isca (para fuzil) — *messinga liindo* (litt.: atilho fuzil).
isso — *outche* (203).
 — mesmo — *tchátchoutcho*
 — (O que é isso?) — *naníó*.
isto — *átche* (203).
já — *búbúbo* — V. agora, ainda.
janella — *zanéra* P, pl. *néra*.
janota — *chitouko, kitouko, mukétouko*.
jarro (de louça) — *búngo* (174).
javali — *negúlo mucito* (litt.: porco mato).
joelho — *kúngulo*, pl. *makúngulo*, adj. *ma*.
joga (cartas) — *tá*, pret. *téle* — V. toca, assobia, cose, baleia.
 — (o pau) — V. pau.
 — (á pancada) — *nuána*, pret. *nuéne* — V. criança, rei.
jogador — V. parceiro ⁵.
jogo — *icávo*, pl. *óçávo*.
juiz (presidente do tribunal) — *fum'-i-kúnzi* (10).
julga (v) — V. funda.
julgamento — V. fundação (10), palavra (51).
junco — *zúnko* P.
junta (v) — V. ajunta.
junto (adv.) — V. perto.
juramento — Não ha termo correspondente (123, 128).

¹ Na *fundação* (10) ou *palavra* (51); não é custas (136).

² Não o dividem em partes com nomes especiaes.

³ Parece que é também o terreno inundado.

⁴ Excepção dos pluraes.

⁵ Para o de profissão ou vicio não ha vocabulo.

juro — V. lucro.

lá — *óvué*.

lã — V. cabelo.

labareda — V. chamma.

labio — *lili*, pl. *belili*, adj. *be*.

lacre — *lákele* P.

ladra (v) — *lôla*, pret. *lôlaɿi* — V. murmura, latido.

ladrão (adj.) — *muire*.

— (subst., commum de dois) — *muire*, pl. *biire*, adj. *be* (160).

lagarta — *nhâma*.

lagartixa — *meliõnga*, pl. *beliõnga*, adj. *be*.

lagarto — *tchimpãnde*, pl. *bimpãnde*, adj. *be*.

lagosta — *mekouç-a-mãha* (litt.: camarão de pedra).

lagrima — *suêla*, pl. *messuêla*.

lama — V. terreno escorregadio.

lambe (v) — *rênda*, pret. *vêndaɿi*.

lambido — *mê-rênda*.

lancha — *rãcha* P — V. embarcação.

lapis — *lápi* P.

laranja — *lalânje* P, pl. *malalânje*, adj. *ma*.

larga (v) — *bika simba* (litt.: basta segura).

largado — V. solto.

largo — V. grande, comprido.

largura — *lekûla* P?

larynge — *dõngo*, pl. *bedõngo* — V. pescoço.

lasca (subst.) — *bábúɿi*.

lastima — V. pena.

— (digno de) — V. coitado.

lata — V. folha de Flandres.

latão — *tchinzânza*.

latido — *lôla*, pl. *malôla*, adj. *ma* — V. ladra, papaia.

latrina — *nezou-ia-túvi* (litt.: casa do excremento).

lava (v) — *súkula*, pret. *sukuile*.

— (reflexo) — *kóbala*, pret. *ióbêla* (112).

lavado — *mê-súkula*, *mê-kóbala*.

lé (v) — *tãnga?* (63).

lei — *mekáka*, pl. *mikáka* — V. código.

leite — *chiále*, *netchite* — V. adeus, coitado.

lembra (v) — *bála*, pret. *bálaɿi*.

lenço — *lênço* P. pl. *malênço*, adj. *ma*.

lençol — *lençóre* P.

lenha — *suáli* — V. acha.

letra (impressa ou manuscrita) — *létela* P, pl. *id.*, adj. *i*.

leva (v) — *náte*, pl. *néte* (112).

levanta (v) — *nanguna*, pret. *nanguine*.

leve (adj.) — *lênga*.

liberdade — *muêla* (164).

liberta (v) — *râna muêla* (litt.: dá liberdade).

libertado — V. livre.

- limpo** — *mouno* — V. vê, novo.
língua (de pessoa) — *lulúmi*, pl. *tulúmi*.
 — (de qualquer animal) — *luláka*, pl. *tuláka*.
 — cabinda — *fióte* (33).
 — portueza — *itánda*.
linha (de coser) — *sífo*, *sivo*, pl. *messífo*, *messívo*.
 — (de pesca) — *lia* P (1).
livre — *mé-vânga muéla*, *mé-muéla*?
 — (homem) — (50).
livro — *lívelo* P, pl. id., adj. *i*.
lodo — V. terreno escorregadio.
logar — *vâna*.
logo — *tchoncimúna*.
lombos (a massa muscular dos) — *bessóuko* — V. carne, cadeiras.
lona — *louna* P.
longe — *nâno* ¹.
lua — *gônda* (210).
 — cheia — *gônda mé-dukelila* (litt.: lua prompta).
 — nova — *gônda móouna* (litt.: lua nova) (133).
 — (quarto de) — *gônda nekôngo* (litt.: lua metade).
 — (nascer da) — *gônda mé-lungelila*.
 — (pôr da) — *gônda mé-kouta* (litt.: lua entrada).
lucro — *lúkulo* P — V. penhor.
lula — não tem vocabulo ².
lume — V. fogo.
luneta — *runêta* ³ P.
luva — *luva* P, pl. id., adj. *i*.
luz — *muínda*, pl. *miínda*.
 — indígena — *muínda safukála* (210).
 — (de vela, azeite, petróleo) — *muínda véra*, *zête*, *píteróre*.
macaco — *netchima*, pl. *tchima* — V. valente.
machado — *táli*, pl. *betáli*, adj. *be* — V. ferro.
machête (espada curta) — V. catana.
macho (adj.) — V. masculino.
 — (subst.) — O mesmo que burro.
maço (de carpinteiro) *maíouço* P, pl. id., adj. *ma*.
macrobia — *mekódo*.
macrobio — *inúno*, pl. *umenúno* ⁴ — V. noivo, passaro, velho.
madrugada — *imén-iméne* (208).
mãe — *mâma* P, pl. id., adj. *i*.
 — (minha) — *mâmé* (em vez de *mâm'âme*).
magro — *mebânda*.
mais — *kúmbe* — V. virgem, vapor, navio.

¹ Não lembra a região do Nano? Será recordação da sua origem?

² Creio ser desconhecida; nunca consegui vê-la.

³ O r é brando.

⁴ Excepção dos pluraes.

- mal** (adv.) — V. mau.
 — (subst.) — *mebi*, pl. *mabi* — V. crime.
mala — *mára* P.
malandro — V. desordeiro.
maldizente — V. murmurador.
maleficios (subst.) — *louka* — V. enfeitiça, feiticeiro.
maluco — *láu*.
mamillo — *múno-ia-béne*, *mun'-i-béne* (litt.: bocca ou bico da mamma).
mamão — V. papaia.
mamma (subst.) — *béne*, pl. *mabéne*, adj. *ma* (31) — V. muito.
 — (v) — *kuéma*, pret. *iémazi* (30).
manco — *bóónfa*.
manda (v) — *túma*, pret. *túmazi*.
mandioca — *pânza* (142).
 — (crua, descascada) — *pânza-embicho*, pl. *zimpânza-zâm-bicho*.
mandrião — *vólaptó* — V. activo, preguiçoso.
maneira — V. modo (213).
manga (fructo) — *mânga*.
 — (do fato) — *makénde*.
 — (v) — V. caçoa.
mangueira — *meti-manga* (litt.: arvore manga).
manhã — *iméne* — V. madrugada.
manta — V. cobertor, gravata.
mão — *kouko*, pl. *miouko* — V. assa, algodão, membro superior.
 — (palma da) — *kânda-la-kouko*, pl. ¹ *makânda-miouko* ².
 — (costas da) — *mebuça-kouko*, pl. ⁴ *buça-miouko*.
 — (no jogo) — *intéta*.
mar — *mebú* — V. mau, mosquitos.
marfim — *púndje* (230).
marido — *menúno*, pl. *banúno*, adj. *ba* — V. casado, macrobio (126).
marra (v) — *dângula*, pret. *danguile* ³.
marreca (adj.) — *kundúfo*.
masculino — *bákala* (200) — V. direito.
mata (v) — *vônda*, pl. *vôndaзи*.
materia — V. pus.
mato — *mucito*, pl. *becito*, adj. *be* ⁴.
mau — *mebi* — V. feio, crime, mar.
maximo — *nedió?* (208).
me — V. eu.
meche (v) — *nikuna*, pret. *nikuine*.

¹ Das duas mãos ou de mais.

² Por abreviatura usam simplesmente *kânda*. V. pelle.

³ Pronunciar o *u*.

⁴ Chamam mato a todo o logar que não seja no littoral.

- mechido** — *mé-nikuna*.
mede (v) — *zonga*, pret. *zóngazi* (83).
medica (v) — *fuika*, pret. *fuikazi*. — V. cura.
medico — V. feiticeiro (70).
medida — *chizóngala*, pl. *binzóngala*?, *bazóngala*? (83).
medido — *mé-zonga*.
medo — *boóma* — V. giboia.
 — (mette) — V. atemorisa.
 — (tem) — *mouna-boóma* (litt.: vê medo) (205).
meia (subst.) — *méia* P.
meio (adj.) — *kantiáncé* — V. metade.
 — (subst.) — *vána-kantiáncé* (litt.: lugar medio).
mel — *uika*.
membro inferior — *kúlo*, pl. *málo*, adj. *ma* — V. perna, tambor.
 — superior — *kouko*, pl. *miouko* — V. gafanhoto, mão.
 — viril — *inje*, *mucéte* — V. você.
mendobi — V. amendoim.
menopansa — *mé-kuálakó* (116).
menor — (208).
menstrua (v) — *súmuka-dika*?
menstruada — *mé-súmuka*.
menstruo — *ménga-metchénto* (litt.: sangue mulher) (114).
mentira — *livúno*, pl. *tuvúno*.
mercado — *zândo*, pl. *mazândo* — *chitânda* ¹.
meretriz — *dúmba*, pl. *badúmba* (28) — V. borracha, ferrado.
mergulha (v) — *kouta dióudio* (litt.: entra mergulho).
mergulhador — *mekoutidioudio*, pl. *bakoutidioudio*.
mergulho (subst.) — *dioudio*.
mesa — *méza* P, pl. id., adj. *ma*.
mesmo (junto dos pronomes) — *véka* (203) — V. isso mesmo.
metade — *nekôngo* — V. meio.
meu, minha — *áme* (206).
mez — V. lua (132).
mia (v) — *sâmba*, pret. *sâmbazi* — V. gane, segura.
miar (subst.) — *nháu*.
migo — V. eu (206).
mija — V. urina.
mil — *véven* (202).
 — e cem — *véven-tchékhâma*.
 — réis — *papére muéka* (44).
milhafre — *fúngo*, pl. *mafúngo*, adj. *ma* — V. galinha da Índia.
milho (de massaroca) — *mânha* — V. pedra, grão de milho.
 — vassoura — *mânha matili*.
mim — V. eu.
minha — V. meu (206).
minimo — (208).

¹ Usado geralmente, mas é corrupção do termo angolense.

- missiva** — V. carta.
modo — *liámbo*, pl. *mámbo* (213) — V. tolice.
molar (dente) — V. dente queixal.
molha (v) — *bóndika*, pret. *bondikéze*.
 — -se (reflexo) — *bóndama*, pret. *bondamézi*.
molhado — *mé-bóndika*, *mé-bóndama* — V. alagado, humido.
molle — *lébala* — V. murcho.
monstro — V. monstruosidade.
monstruosidade (feto) — *mekiç'-a-ci*, pl. *bakiç'-a-baci* (123) — V. aborto, idolo.
montanha, monte — *mòngo*, pl. *miòngo* — V. cadeiras.
morcego (igual ao nosso) — *djémbo*.
 — (muito maior) — *lumpúkuço*, pl. *tumpúkuço*.
morde (v) — *tébala*, pret. *tébéle* — V. banana.
mordido — *mé-tébala* — V. ferido.
moribundo — *dáka*, pl. *badáka*, adj. *ba* — V. fauces, ganha, parede.
morre (v) — *fuá*, pret. *fuile*.
morro — V. montanha.
mortalha (de papel) — *papére fumal* P.
 — (de defunto) — (104).
morto (de morte natural) — *mé-fuá* — V. morre.
 — (de morte violenta) — *mé-vónda* — V. mata, cadaver.
mosca — *nezinzi*, pl. *zinzi*.
 — brava — V. vespa.
mosquito — *lubú*, pl. *nebú* — V. mar; n.º indeterminado — *zimbi*.
mostra (v) — *sónjika*, pret. *sónjikéze*.
muco nasal — *tubómbó*.
muito (adj.) — *uómbo*, *pâmpa* ¹.
 — (adv.) — *béne* — V. mamma, nu.
mula, macho — V. burro.
mulher — *mechénto*, pl. *bachénto*, adj. *ba* ².
 — casada — V. esposa.
 — de classe baixa — V. ordinario, reles (36).
multa — V. indemnização.
multidão — *uómbo bânto* ³ (litt.: muitas pessoas) (6).
murcho — *lèngala* — V. molle, secco.
murmura (v) — *siúnga*, pret. *siúngaizi* — V. enforca, segreda, tabaco.
murmurador (maldizente, denunciante ?) — *ussunguizi* ⁴, pl. *bas-sunguizi*.
musculo — V. carne viva.
musica — *katángala* (139).

¹ Fazem excepção ás regras dos adjectivos (204), não mudam.

² Geralmente no singular dizem *metchénto*.

³ Póde-se dizer só *bânto*.

⁴ Não esquecer que o *u* se pronuncia quando escripto.

- nada** (subst.) — *sângala-kó* — V. coisa (186).
 — (v) — *súka*, pret. *súkaʒi* — V. urina.
nadador — *messúka*, pl. *bassúka*, adj. *ba*.
nadegas — *matáko* — V. anus.
namóra (v) — *lânga*, pret. *lângazi* (15) — V. prato.
não — *vã*, *vé* (186) — V. para.
narina — *muáia*, pl. *miáia* — V. aberto.
nariz — *ilo*, pl. *mailo*, adj. *ma*¹ — V. cima.
nasce (o animal) — *konzúla*, pret. *ionzuéla*.
 — (o vegetal) — *ména*, pret. *ménaʒi*.
nascer da lua — V. lua.
 — do sol — V. sol.
nauséa (v) — *fuéma*, pret. *fuémaʒi*? — V. morre.
nauseado — *mé-fuéma*.
navio — *kúmbi* — V. mais.
 — a vapor — *kúmbi*.
 — de véla — *kúmbi-lan-vuéla* (litt.: navio de véla).
nevoa — *búnji*.
nó (de cabo, cordel, etc.) — *ikóva*, pl. *makóva* — V. engraixa.
nobre (subst.) — *fúmo* (58)².
nodoa — *nóda* P.
noite — *builo* — V. trevas.
noitibó (ave) — *búto-búto*, pl. *tubúto-búto*.
noivo, **noiva** — *núni*, pl. *banúni* — V. passaro, velho.
nojo — *chiénzo*.
nome — *jina*.
nora (parentesco) — V. genro.
 — (para tirar água) — Não tem termo; é desconhecida.
nós — *béfo* (206).
nosso — *ito* (206).
notícia — *messámo*, pl. *bessámo*, adj. *be* — V. recado.
nova (adj.) — V. novo.
 — (subst.) — V. noticia.
nove — *ivuá*.
novecentos — *khâm'aruá* (202).
noventa — *makúm'ivuá* (202).
novidade³ — V. noticia.
novo — *móouna* — V. vê, limpo, preguiça.
nu — *péne* — V. muito.
nupcias — *tchikouko*? — V. cosinha.
nuvem — *túti*, pl. *matúti*, adj. *ma* — V. herva, canna.
o, **a**⁴ (art.) — *li*, *lu*, *i*, *u*, pl. *i*, *u*⁴.
obeso — V. barrigudo.

¹ O nariz *ilo*, em vez de *liilo*.

² Fallando portuguez dizem *plince*.

³ Fallando portuguez é o unico termo usado.

⁴ Grande numero de vezes o artigo está occulto por desnecessario.

- obra (subst.) — Diz-se que obra é, não ha termo generico.
 — (v) — V. faz, defeca.
 obrigado — V. agradecido.
 obsceno — *limuka* ¹.
 obsequia (v) — V. respeita.
 oculo — *vókula*, pl. id., adj. *i*. P?
 ofegante — *béema* — V. folego, respira, sopro.
 oitenta — *makúm'-anána* (202).
 oito — *nána*.
 — mil — *véven-manána* (202).
 oitocentos — *khâm'-anána*.
 olá — *indjé* (você), pl. *bénué* — V. você (195).
 óleo de palma — V. azeite.
 olfacto — V. cheiro.
 olha (v) — *tála*, pret. *tálaçi* — V. vê.
 — lá (exclamação) — *netáli* (202) — V. machado.
 olho — *liéço*, pl. *méço*.
 — (de pá, enxada, etc.) — *ivúlo* — V. buraco.
 — (fecha os olhos) — *dótche méço* (litt.: apaga olhos).
 omoplata — *séngo-i-vémbo*, pl. *séngo-i-²vémbo* (litt.: enxada de
 hombro) — V. pála.
 ondas — *maió* ³.
 onde — *kúncha*, *konsi*.
 onze — *kúm'-i-muéka* (202).
 opinião (mesma) — V. accordo.
 orbita (cavidade da) — *ibúlo-liéço* (litt.: buraco olho).
 ordem — *lutúmo*, pl. *tutúmo* — V. lei.
 ordinario (pessoa) — *puáka* (50).
 — (fazenda, tecido) — V. ralo.
 — (objecto) — V. mau, nojento, nojo.
 orelha — *kiúto*, pl. *máto*, adj. *ma* — V. saliva.
 orvalho — V. chuva, nevoa.
 osga — *lufulinhundo*, pl. *tufulinhundo*.
 osso — *vésse*, pl. *mevésse*.
 ostra — *liire*, pl. *maire*, adj. *ma*.
 ouro — *uóla* P — V. raio.
 ouros (naipe de) — *uélo*.
 — (carta de) — *tchiuélo*.
 ousado — V. destemido.
 outeiro — V. monte.
 outro (adj.) — *mouce*, *anká*.
 ouve — *likúa*, pret. *iúzo* — *kúa*, pret. *iúzo* — V. escuta.
 ouvido (adj.) — *mé-kúa*.

¹ Também usam *mebi*. V. mau, feio.

² Aqui se colloca o numero dos objectos precedidos da particula do plural do substantivo (201).

³ O singular *ió* raras vezes é usado.

- (subst.) — V. orelha.
oval (adj.) — *lapála*.
ovelha — *mèema metchénto* (200).
ovo — *tchó*, pl. *matchó* — V. pequeno.
pá — *pá* P.
 — do remo — *bél'-i-tchéla*, *bél'-i-lêmo* (68).
padre — *gânga-çâmbi* (litt. : curandeiro Deus) (70).
pae — *táta*, pl. *matáta*¹ — V. trez (118).
 — (meu) — *tátame* (*tát'-ame*).
 — (seu) — *tátáko* (*tát'-áko*) (206).
paga (v) — *fúta*, pret. *fútaçi* — V. suor.
pagala — V. remo.
pago — *mé-fúta*.
pala (de bonet) — *sêngo*² — V. enchada.
palavra (termo, vocabulo) — *liâmbo*, pl. *mâmbo* — V. tolice, modo (213).
 — (31) (no sentido de questão) — V. pleito.
palha (para vassouras, das folhas de palmeira) — *metéva*³, pl. *matéva*.
 — (d'outra qualquer qualidade) — *kúnza*.
palhabote — *paiaabóte* P — V. embarcação.
palhoça — *chimbéko*, pl. *bimbéko* (14).
palito — *parito* P.
palma da mão — V. mão.
palmas ou **palmas** (dá) — *buli likunko* (181) — V. applaude, conversa.
palmeira (do azeite) — *ibá*, pl. *mabá* — V. fructo da.
 — de leque — *téba*, *téra*, *metéva*, pl. *matéva*, *matéba* — V. banana.
palpebra — *ibátcheliéço*, pl. *ubátcheliéço*.
pancada (dá) — V. batte.
panella (de barro) — *zúngo*, pl. *zizúngo* — V. caldeira (174).
panno (medida) — *chindéle*, pl. *bindéle*, adj. *bi* (85).
 — (vestuario) — *meléle*, pl. *beléle*, adj. *be* (74) — V. tumulto.
pantano — *iânga-lan-bóio*, pl. *maiânga*⁴-*mabóio*.
pão — *pân* P, pl. *zimpân*.
papaia — *iloulo*, pl. *maloulo* — V. chuva, adj. *ma* — V. latido.
papaeiro — *meti-maloulo* (litt. : pau, arvore papaias).
papagaio — *kússô* — V. gallinha.
para (prep.) — *kú*, *vá* — V. em, não.
pára (v) — *télama*, pret. *utélamézi*.

¹ Excepção aos pluraes em *ba* (7).

² Quando resulta confusão do emprego d'esta palavra só, dizem *sêngo-búne*.

³ Designa também a palmeira da qualidade que dá esta palha.

⁴ Aqui se colloca o numero de pantanos sendo o nome do algarismo precedido da particula *ma* do plural.

- parafuso** — *lucense-lâ-mevú* (litt.: prego de rosca).
parceiro (ao jogo) — não tem termo, dizem homem.
pardal — *sólela*, pl. *zissólela* — V. saco de rede.
páre (de parir) — *búta*, pret. *bútazi* — V. parto.
parecido — V. semelhante.
parede — *báka*, pl. id., adj. *be* (14) — V. apanha, catana, ginha, rompe, moribundo.
parente — *chibúto*, pl. *búto* — V. geração, parto.
parido — *mé-búta*.
parricídio — não ha termo especial, dizem mata-pae.
parte (v) — V. vae, quebra, reparte.
parto — *búto* — V. parente, pare.
passa (v) — *vióka*, pret. *viókazi*.
passado (tempo, epocha, mez, logar, etc.) — V. atraz.
passaro — *núni*, pl. *zinúni* — V. macrobio, noivo.
passaia (v) — *kángala*¹, pret. *kángela*².
pata — V. pé.
 — — *vadángo metchénto* (litt.: pato mulher) (200).
pato (animal) — *vadángo*.
patrão — *pátelon* P.
pau — *meti* — V. arvore.
 — de bandeira — *meti-limbo* — V. bandeira.
 — (joga o) — *nuána*, pret. *nuéne* — V. joga, filho.
paul — V. pantano.
paus (naipe) — *imuánga* (197).
 — (carta de) — *tchimuánga*.
 — (aparelho para pesca do tubarão) — *dinde* (146).
pé — *támbe*, pl. *itámbe*.
 — (sola do) — V. planta do pé.
peça — V. canhão.
 — de fazenda — *tchimbúnde*, pl. *bimbúnde* — V. abantesma.
pede (v) — *linda*, pret. *lindaçi*.
 — emprestado — V. faz divida.
pederasta (activo) — *súza*.
 — (passivo) — V. meretriz.
pederneira — *mánha-metá* (litt.: pedra espingarda) (191).
pedido (adj.) — *mé-linda*.
pedra — *mánha*, pl. *mamánha*, adj. *ma* — V. milho.
pega (v) — V. colla, segura, toma.
pêgo (subst.) — *túmbo* — V. agulha.
peida (v) — *néna kúci* (litt.: defeca peidos).
peido — *mekúci*, pl. *kúci*.
peito (thorax) — *metima*.
 — do pé — *mongé-támbe*, pl. *mongé³-itambe*.

¹ Passar tempo sem trabalhar — *kángalánga*.

² O signal sobre o *g* significa que tem o mesmo valor que em gato.

³ Dizer o numero de peitos de pé.

- celeste (passaro) — *sétcha*, pl. *massétcha*, adj. *ma* — V. corça.
peixe — *fú*, pl. *zifú* — V. conselho, vegetação ¹.
 — cabeçudo — V. gyrino.
pelle (de qualquer animal) — *mekânda*, pl. *bekânda*, adj. *be* — V. palma da mão.
pello (do corpo de qualquer animal, mesmo gente) — *muika*, pl. *mika*.
pena (dó) — *chiáli* — V. adeus, leite, tristeza.
peneira (subst.) — *sónsulo*, pl. *bessónsulo* (133).
 — (v) — *sónsa*, pl. *sónsaçi*.
peneirado — *mé-sónsa*.
penhor ² — (133).
 — (pessoa dada em) — *kúnde* (37) — V. pubis, mais.
penico — *peniko* P.
penis — *mucète*, pl. *mecète*.
penna (do corpo da ave) — *luçála*, pl. *neçála* — V. trabalho.
 — (grande, do rabo) — *mingondé*, pl. *bingondé*, adj. *be*.
 — (d'escrever, aço) — *pénna* P.
pequeno — *netchó*, *tchitchitcho* — V. ovo.
percevejo — *chifúle*, pl. *bifúle*, adj. *be* — V. figado.
perde (v) — *zimbila*, pret. *zimbile*.
perdiz — *chinchoulolo*, pl. *binchoulolo*, adj. *be*.
perdôa (v) — V. basta.
periquito — *dinga*.
permuta (v) — *sumbana*, pret. *sumbéne* — V. colla, troca, vende e o cap.^o VIII.
perna ³
persegue (v) — *kúka*, pret. *kúkaçi* — V. assa, cosinheiro, trempe.
perseguido — *mé-kúka*.
perto (não distante) — *óro* — V. cá.
perú — *pilo* P.
pesa (v) — *zita*, pret. *zitaçi*.
pesadelo — *douça-fuânga* (litt.: sonho uiva).
pesoa (subst.) — *vubi* (146).
 — (v) — *miba*, pret. *mibaçi*.
 — (v) á linha — *louba*, pret. *loubaçi* ⁴ (146).
pescador — *mevivi*, pl. *barivi*, adj. *ba*.
pescoço — *kótugouto*, pl. *ikótugouto* — V. garganta.
peso (subst.) — *zita*, pl. *maçita*, adj. *ma*.
pessôa — *minto*, pl. *bânto*, adj. *ba* (6) — V. cabeça.

¹ Ha nos rios um peixe semelhante ao bagre que dizem *nególa*.

² Não consegui encontrar termo correspondente; quando querem dizer que ha um penhor, dizem o nome do objecto que o constitue seguido da palavra *lúkulo* (P) que para elles tanto significa lucro como juro.

³ A esta parte do membro inferior dão o mesmo nome que ao membro todo.

⁴ Para os outros modos de pescar, empregam o verbo simples pescar

- servindo de penhor — V. penhor.
pestana — *lulábo*, pl. *dábo*.
petroleo — *piteróre* P.
phantasma — V. abantesma.
phosphoro — *fófulo* P.
pica (v) — *tóbula*, pret. *tobuêla* — V. vaccina.
pico (subst.) — V. pico.
pimentinha — *tcházi*, pl. *biázi*, adj. *be* — V. viagem.
pintada — V. gallinha da Índia.
pinto (filho da gallinha) — *sússússo*, pl. *besússússo* (208).
piolho — *sina* — V. formão.
 — de cobra (centopeia) — *mundandáze*. pl. *mindandáze*.
pisa (v) — *liáta*, pret. *liête* — V. depressa.
placenta — *metú-negó* (litt. : cabeça cordão umbilical) (29).
planta (v) — *váta*, pret. *vátazi*.
 — do pé — *sé-tâmbe*¹.
pleito — ² *mekâno* — V. fundação, divida.
plumagem — V. penna.
poça — *iânga*, pl. *maiânga* — V. pantano.
poço — *címa*, pl. *becíma*, adj. *be*.
podre — *bóla* — V. apodrece, bacia.
põe (v) — *túla*, pret. *túlixi* — V. fundeia.
polpa (miolo) do fructo do imbundeiro — *diõnde*.
polvora — *fúla* — V. figado.
pomba — *bémba metchéto* (200).
pombo (em geral) — *bémba*, pl. *mabémba*, adj. *ma* (199).
ponta (da terra pelo mar) — *kumíngo*.
pôpa (do barco) — *bândo*, pl. *mabândo*, adj. *ma* (66) — V. prega.
pór — *ku-túla* (203) — V. põe.
 — da lua — V. lua.
 — do sol — V. sol.
porco (adj.) — V. sujo.
 — (subst.) — *negúlubo*, pl. *begúlubo*, adj. *be* (200).
 — espinho — V. javali.
porta — *vito*, pl. *mavito*, adj. *ma* — V. guerra.
portador — (187).
portão — *vito linéne* (litt. : porta grande).
Portugal — *puto* (55, 64).
portuguez (homem) — *ibâmba*, pl. *bâmba* (30).
portuguez — V. lingua portugueza.
 — (adj.) — ³ *chimpúto*.

¹ Será modificação da pronuncia de *sá-i-tâmbe* que á lettra significaria de-baixo do pé?

² A mesma palavra designa tanto o acto de resolver judicialmente, ou julgar, um assumpto qualquer (negocio complicado, simples divida, attentado contra os costumes, etc.) como o proprio assumpto.

³ Derivando de *puto* (Portugal) toma, segundo a regra (204), a prefixa que

- posto** (adj.) — *mé-túla*.
pote á moda indígena (134) — *báça*, pl. *zibáça*.
povo¹ — V. aldeia, multidão (33, 56).
povoação — V. povo.
prata — *paláta* P.
prato — *lônga*, pl. *belônga*, adj. *be* — V. namóra.
 — coberto — *lônga lapála*², pl. *belônga zipála* (?) — V. travessa.
 — razo — *lônga lalázi* P, pl. *belônga xilázi*.
 — sopeiro — *lônga lafundo* P, pl. *belônga xifundo*.
preamar — *muála*, pl. *miála*.
precisa — V. quer.
prega (pregos) — *bânda*, pret. *bândaçi* — V. pôpa.
pregado — *mé-bânda*.
prego — *lucêse*, pl. *cêse* — V. bico, espinho.
preguiça³ — *miouna* — V. novo.
preguiçoso — *kimiouna* — V. mandrião.
prende (v) — V. ata, amarra (153).
 — (o criminoso) — *biêta*, pret. *biêtaçi*.
prepucio — não tem vocabulo.
presa — V. dente incisivo.
 — d'elephante — V. marfim.
presente — V. dadiwa.
pressa — *netino* — V. depressa, rapidamente, foge.
preta (côr) — *nômbe* — V. trevas.
preto (adj.) — *nômbe*.
 — (africano) — V. homem, mulher, pessoa.
primeiro (o da frente) — *atuéma-metuála*.
princeza — *fúm'entchénto* — V. príncipe, mulher.
príncipe — (38) — V. nobre, dono d'aldeia.
 — (filho primogenito do rei) — *biála*.
principia (v) — V. começa.
princípio — *sina* — V. piolho, formão.
prisão — V. cadeia (131).
próa — *sónje*.
 — (abre da) — *mâme ni sónje*.
procura (v) — *tômba*, pret. *tômbaçi* — *tchiênga*, pret. *tchiêngaçi*.
 — *bila*, pret. *bilaçi*.
prodigo — V. estragador.
profundo — V. fundo.
promette aos deuses — *kabânda ximbáu*, pret. *ibânda ximbáu* (135).

pertence ao substantivo com que concorda; por isso geralmente tem a fôrma acima escripta.

¹ Usado quasi unicamente na primeira accepção; na segunda dizem gentes.

² Litt.: prato oval.

³ Qualidade; não o animal.

- prompto** — *mé-dukelila* — V. aprompta.
 — (exclamação) ¹ — *piá*.
proprietário — V. dono de coisa (39, 40, 58).
proprio — V. mesmo.
proximo — V. perto.
pubis (pellos do) — *kúndo* — V. penhor.
pucha (v) — *tintika*, pret. *tintikiži*.
 — (a rede para terra) — *káta*, pret. *kátaži* (116).
puchado — *mé-tintika*, *mé-káta*.
pulga — *púrega* P — *sina mebuá* (litt.: piolho cão).
 — (*pulex penetrans* ou bicho) — *púrega* P.
 — (o mesmo já com saco formado) — *kizundungo*, pl. *bizundungo* (139).
pulmão — *káia*, pl. *makáia*, adj. *ma* — V. testiculos.
pulseira (vulgar) — *élinga*, pl. *malunga* (38) — V. glande.
 — (religiosa) — *záka*, pl. *bezáka* (137).
 — (do artelho) — *záka chikúlo* (litt.: pulseira da perna).
punhal — *punhári* P.
punho de remo — *kúnga-i-lémo* — V. dente de siso, remo
pupilla — V. cornea.
purga (v) — V. vasa.
purgante — V. efeito purgativo.
pus — *tufina*.
pyrilampo — V. insecto.
quadra (carta) — *manân* (137).
qual — *mebiki* ².
qualquer coisa — *tchónso* — V. todo.
quanto — *kuá*.
quarenta — *makúm'-anân* (202).
quatorze — *kum'-i-nan*.
quatro — *nân*, *menân* (202).
 — mil — *véven manân*.
quatrocentos — *khám'-anân*.
que — *ki*.
quê? — *intchá?*
quebra (v) — *búlika*, pret. *bulikiži* — V. batte.
quegila — *tchina*, pl. *bina*, adj. *be* (103) — V. dança.
queima (v) — *viá*, pret. *viile* — V. arde.
queimada (subst.) — *tándo-liviá*, pl. *zitándo-ziviá*.
queimado — *vika*.
queimadura — *zúzo-bázo* (litt.: vesícula fogo).
queixal — V. dente.
queixo — *bouvo*.
quente — V. aquecido.
quer (v) — *zólaza*, pret. *zólazi?*

¹ Findo, ou melhor, emfim.² Forma invariável; usado sempre depois do substantivo.

- não — (205) *gonguáko*.
questão — V. pleito (213).
quieto (está) — *bika nikuna* (litt.: basta meche).
quina (carta) — *matáno* (197).
quinhentos — *kham'-'atano* (202).
quintal — V. cercado.
quinze — *kum'-i-táno*.
rã — *ivouno*, pl. *mavouno*, adj. *ma* — V. gyrino.
rabico — V. hydrophobia.
rabo — *metchila* — V. nadegas.
 — de junco (ave) — *mundénvo*, pl. *mindénvo*.
 — (barbatana caudal) — *issála*, pl. *bessála*, adj. *be* — V. traba-
 lho.
racha (subst.) — *baça* — V. buraco.
 — (v) — *baça*, pret. *báciçi*.
 — -se (v. pass.) — *báçika* — V. desflora, sae.
rachado — *báçuka*?
raia (animal) — *çiba*, pl. *maçiba*, adj. *ma*.
raio (faisca) — *uóla* — V. ouro.
raiz (vegetal) — *gânçi* — V. grão de milho, teimoso.
ralé — V. reles.
ralo (insecto) — *çênze*.
 — (tecido, panno) — *feláko* P, *meléle matáko* (litt.: panno na-
 degas).
ramella — *kómbó* — V. cabra.
ramo (d'arvore) — *ivála*, pl. *mavála*.
range (v) — *kuéta*, pret. *kuétaçi* — V. rato.
 — os dentes — *kuéta méno*.
ranho — V. muco nasal.
rapariga — *muána-léçi-metchénto*, pl. *bána-baléçi-bachénto* — *léçi-
 metchénto*, pl. *baléçi-bachénto* (116) — V. donzella, adoles-
 cente.
rapaz — *muána-léçi-bákala* — *léçi-bákala* (117) — V. adolescente.
rapidamente — *tino-tino* — V. pressa, depressa, corre, fuge.
rapido (do rio) — *muila-likúmba-izách-izách*¹.
rasga (v) — *tênda*, pret. *têndaçi* — V. tecido largo.
raspa (v) — *kúlula*, pret. *kuluile*.
raspado — *mé-kúlula*.
rato (animal da especie) — *mepúko*, pl. *çimpúko*².
 — de palmeira — *luváli*, pl. *tuváli* — *mekánka*, pl. *bekánka*³.
rebento (vegetal) — *téka*, pl. *betéka*, adj. *be* — V. abre a flôr,
 deita de lado.
recado — *neçámo*, *meçámo*, pl. *beçámo*, adj. *be* — V. noticia, gar-
 fo, resposta.

¹ Apurei que a 1.ª parte é rio, a 2.ª umbigo; as outras serão onomatopai-
 cas?

² Ha 2 variedades: *kuéta*, pl. *makuéta*, *gouna*, pl. id.

³ A 2.ª variedade é a menor.

www.libtool.com.cn

recebe (v) — (214).

recemnacido — *muana-fúfo*, pl. *banz-bafúfo*.

reconhecimento (objecto para) — (122, 62).

recurso — (213).

rêde (transporte) — V. tipoia (100).

— de pesca (chinchorro) — *nechite*.

— indigena, fixa, nos rios — *káko*, pl. id., adj. *i* (146) — V. rolha.

— indigena, de praia — *tchikárabanda*, pl. *binkárabanda* (146).

— , rectangular — *tchiándo*, pl. *biándo*, adj. *be* (146).

redomoinho (d'agua) — *ziézi*, pl. *beziézi*, adj. *be*.

— (d'ar) — *zingila*, pl. *bezingila*¹, adj. *be*.

redondo (adj.) — *zúngo* — V. espherico.

refugia (v) — V. esconde.

refugio — V. esconderijo.

regador — *legadou* P, pl. id., adj. *i*.

regosijo — V. espectáculo.

rei — *muéne* (3) — V. joga (195).

— de Cabinda — *mongóio*, pl. *ungóio*², adj. *i* (8).

— de Portugal — *muén'-i-Púto* (61).

— (carta) — *lé* P (197).

relampago — *luciêmo*, pl. *tuciêmo*, adj. *tu*.

relento — V. chuva de molha tolos.

reles (pessoa de baixo estofa) — *puáka* (50) — V. ordinario.

— (mulher mal vestida) — *sássânha*.

relogio — *lulójo* P.

rema (v) — *vuila*, pret. *vuilaçi*.

remador — *meruile*, pl. *bavuile*.

remedio (medicamento) — *melôngo*, pl. *belôngo*.

remo (indigena, pagaia) — *tchéla*, pl. *betchéla*, adj. *be* (68) — V. trinca.

— (europeu) — *lêmo* P, pl. *malêmo*, adj. *ma* (68).

reparte (v) — *kába*, pret. *kábaçi*.

resistente — *dúlo* P.

respeita (v) — *tchinçika*, pret. *tchinçikiçi* (214).

respeitavel — *nânga*.

respira (v) — *vumuka*, pret. *vumukichi*.

— forte, de cansaço — V. offegante.

responde (v) — *tchitchina*, pret. *tchitchiine* — V. dansa.

respondido — *mé-tchichina*, *mé-túba* — V. falla.

resposta — *vútula beçamo* — V. retrocede, recado.

retalho (de tecido) — *itêndo*, pl. *betêndo*, adj. *be* — V. bocado.

retiro — V. esconderijo.

retrato — *luteletáto* P, pl. *tuteláto*, adj. *tu*.

¹ Não esqueça pronunciar o *g* como em gato.

² Excepção; o plural devia ser em *ba* (7).

- retrocede** (v) — *vútuka*, pret. *vutukiŋi* — V. volta, vira.
- ri** (v) — *séva*, pret. *sévaŋi* — V. cadellinha.
- ricino** (semente) — *limouno*, pl. *mamouno*¹.
— (arbusto) — *meti-mamouno* (litt.: árvore das sementes de ricino).
- rico** — *tchicina*.
- rijo** — V. duro, resistente.
- rim** (glandula) — *túnga*, pl. *ŋitúnga*?
- rins** (região dos) — V. cadeiras.
- rio** — *muila*, pl. *miila* — V. cheia.
- roça** (v) — *kúnha*, pret. *kunhiŋi* — V. amanceba, dente de sizo.
- roçado** — *mé kúnha*.
- roda** (subst.) — *lóda* P, pl. id., adj. *i*.
— (v) — V. róla.
- róla** (v) — *vindebúla*, pret. *vindebuile*.
- rôlha** (subst.) — *káka*, pl. id., adj. *i* — V. rede indígena fixa.
— (v) — *tulikáka* (contração de *tuli-li-káka*, litt.: põe a rolha).
- romeira** (insignia) — *tchinŋemba*, pl. *binŋemba*, adj. *be* (38, 153).
- rompe** (v) — *báka*, pret. *bákaŋi* — V. rasga, parede.
- rosca** (de parafuso) — *mevú* — V. anno.
- rosna** (v) — *vânga miângo* — V. faz.
- rosnar** (subst.) — *miângo*.
- rosto** — V. cara.
- rouba** (v) — *kuiba*, pret. *ibiŋi*².
- roubado** — *mé-kuiba*.
- roupa** — (39).
- roxo** — V. escuro (198).
- rua** — *lua* P — V. caminho.
- ruga** (da pelle) — *fiúti*.
— da palma da mão — *neŋila chikouko* (litt.: caminho da mão).
- ruido** — *béembo netchó* (litt.: voz pequena) — V. barulho.
- sabão** — *sabáko* P.
- sabe** (v) — *ŋábe* P, pret. *ŋábiŋi* — V. conhece³, chave.
- sabonete** — *ŋabonéte* P.
- sabugo** (da unha) — *lugóngulo*, pl. *tugóngulo*, adj. *tu*.
- saca-rolhas** — *sákalouia* P.
- saca-trapos** — *vilia*⁴ P. — V. verruma.
- sacerdote** (branco) — V. padre.
— (indígena) — V. curandeiro.
- saco** (de linhagem) — *likúba*, pl. *makúba*.
— (de rede) — *sólulou*, pl. *bessólulou*, adj. *be* — V. pardal.
- sae** (v) — *bácika*, pret. *bácikiŋi* — V. arreda, affasta, racha.

¹ Daria origem ao nosso *mamona* (óleo)?

² Verbo irregular; infinito *ka-kuiba*.

³ Em português usam quasi só este vocabulo.

⁴ O 2.º *i* é nasalado.

- sagra** (benze idolos) — *uliáta*, pret. *liáta* (125) — V. bento, de-
pressa.
sagrado — V. bento.
sal (de cosinha) — *sálo*, *sáro* P.
saliencia ossea — V. apophyse.
saliva — *máta* — V. baba, orelhas.
salta (v) — *zótuka*, pret. *zotukézi* — V. arreda.
sangue — *ménga*.
santeiro (fabricante de idolos) — *kaválanga* (125).
santo — V. idolo, sagrado.
são (adj.) — *kéba-bota* (litt. : é bom).
sapato — *zapáto* P.
sapo — *chiúla*, pl. *biúla*, adj. *be*.
sarampo — *kintúnto* — V. tropeça.
sardinha — *séndje*.
sarna (uma pustula) — *tchinkuálala* — V. ardor.
 — (doença) — *bínkuálala* ¹.
sceptro — (58) — *kouka-lassinga*, pl. *makouka* — ² — *massinga*
 — *bamba-zíbuáli*, pl. *bamba* — ³ — *zibuáli*.
scolopendre — V. piolho de cobra.
se (conjuncção) — Substituem por quando.
sebo — *inkénha*.
sêca (v) — *kúma*, pret. *kúmazi* — V. enxuga.
secco — V. enxuto.
 — (vegetal) — *kúma* — V. murcho.
sêga (herva) (v) — V. capina.
segreda (falla baixo) — *bókuta*, pret. *bókutézi*, *bokuéti?* — V. ar-
 reda, murmura.
segredo (subst.) — *bókuta*.
segura (v) — *simba*, pret. *simbiçi* — V. afunda, compra, gemo,
 mia.
seio — V. mamma.
seis — *sâmbuno*.
 — mil — *véven-massâmbuno* (202).
seiscentos — *khâm'-assâmbuno*.
semana — *sounā*, pl. *zissouna* (122).
semelhante — *fuánana* — V. imita, assemelha-se.
semen — *malúme*.
sena (carta) — *massâmbano*, adj. *ma* (122).
senta — V. assente-se.
sente-se inspirado (o feiticeiro pelo seu deus) — *túntuka mekice*
 (123).

¹ É o plural do antecedente; o adj. *be*.

² A palavra que indicar o numero tem a prefixa *ma*.

³ A palavra que indicar o numero tem a prefixa *i*; não poudé apurar diffe-
 renças entre as duas designações, nem significados das varias partes em que
 cada uma d'ellas (evidentemente palavras compostas) se subdividem.

- sepultura** — *ibúlo-lan-vúmbi* (litt : cova ou buraco do cadáver) ¹.
ser — V. estar (205).
serra (ferramenta) — *séla* P. — V. servente.
 — — V. monte.
serradura — *fúfútika*.
serrote — *kuáko*.
servente (criado domestico) — *célo*, pl. *becélo*, adj. *be* (13).
 — (effectivo para o exterior) — *muana-ngamba*, pl. *bâna-bangâmba* (13).
servente (temporario) — V. trabalhador.
sessenta — *makúm'-assambuále* (202).
sete — *sambuále*.
 — mil — *véven-massambuále* (202).
 — (carta) — *massambuále*, *bicega* P, adj. *i* (197).
setecentos — *khâm'-assambuále*.
setenta — *makúm'-assambuále*.
seu, sua (de você) — V. teu.
 — (de vocês) — V. vosso.
 — (d'elle) — *ândi*.
 — (d'elles) — *au* (206).
siba (do choco) — *mepézo*, pl. *bepézo*.
sim — *angéte*, *báboubo* (185).
sino — *negúnga*, pl. *gúnga*.
sítio — V. logar.
só — *tó* — V. sósinho, unico.
sobrancelha — *lucé*, pl. *cé*.
sobre — V. em cima.
sócco — *nekoume*, pl. *koume*.
soffre (v) — *mouna-mépási* (litt.: vê soffrimento) — V. aleijado, incommoda.
soffrimento — *mépási* — V. doença, dôr.
soga — *nekáta*, pl. *káta* — V. caixote, testiculos.
sogro — V. genro.
sol — *muínhe*.
 — (o nascer do) — *muínhe mé-téka* (litt.: sol desabrochado).
 — (o pôr do) — *muínhe me-sinda* (litt.: sol afundado) ².
sôla — *nekóda*.
 — do pé — V. planta do pé.
soldado (subst.) — *sórdáde* P, pl. *massórdáde*.
solta (v) — *kútula* ³, pret. *kutuile* — *kútuka*, pret. *kutikiqi*.
solto — *mékútula*.
soluço — *tchêçouçoçouco*.

¹ Fallando portuguez dizem simplesmente buraco: F. foi no buraco, por F. morreu.

² Note-se que a poente do terreno de Cabinda apenas se vê o Oceano Atlantico.

³ A pronuncia viciosa *kutúla* daria confusão com o infinito do verbo pôr que é *ku-túla*.

- som** — V. voz.
sombra — *chinhe*, pl. *ibinhe* (ex.^o: sombra d'uma pessoa *chinhe chamúnto*; sombras de pessoas — *ibinhe babánto*).
sombra (coberto, abrigo) — *muânza*, pl. *miânza* — V. telhado.
somno — *toulo* — V. gordo.
 — (tem) — *mouna toulo* — (litt.: vê somno).
 — (doença do) — Não tem termo especial (219).
sonho — *douça* — V. pezadelo.
sopra (v) — *lúnga*, pret. *lúngaíi*.
sopro — *múfo* — V. folego.
sosinho — *véka*¹ — V. proprio.
sováco — *champákana*.
sterno — *báu* — V. elles.
strabico — V. torto.
stupro — Não ha palavra propria (116).
submerge (v) — V. afunda.
suicida-se — *navék'-i-vónda*² (82).
suja (v) — *súzia* P, pret. *suzízi*.
sujo (adj.) — *súzi* P.
sumitico — *muime* — V. homem baixo.
suor — *tchifúta* — V. paga, calor.
sorucucu — V. cobra.
susto — V. medo.
sypphilis — *kúdo*³ — V. cancro venereo, tartaruga.
tabaco (planta) — *súnga* — V. buzio, murmura.
 — (preparado) — *luéze*.
taboa — *libáia*, pl. *mabáta*, adj. *ma*.
tabua (papyrus) — *búbo* — V. agora, aranha.
talvez — *lémba* — V. deixa.
tambor — (em geral) — *nedúngo*, pl. *dúngo* (139).
 — (largo, d'enterro) — *kúla*, pl. id., adj. *be* — V. alto.
 — (comprido, para rebate) — *nedúngo-ilo* (litt.: tambor cima).
 — (pequeno, para dansá) — *mussáko*, pl. idem, adj. *i*.
tampa — *támpa* P, pl. idem, adj. *be*.
tapa (com tampa) — *fúka*, pret. *fúkaíi* — V. cobre.
 — -se (com roupa) — *fukilila*, pret. *fukiliile*.
tapado — *mé-fúka*, *mé-fukilila*.
tarrafa — *taláfa* P (146).
tartaruga — *kúvo* — V. syphilis.
tecido ou fazenda larga — *tênda ruáta* (83) litt.: rasga, veste.
tecto — V. telhado
teia — *meliematála* — V. fio.
telmoso — *gânze* — V. raiz.
telhado⁴ — *muânza*, pl. *miânza* (14).

¹ Só se diz de pessoas; para tudo o mais V. só.

² Por *nandi véka i vónda* (litt.: si proprio mata) sendo o *i* euphonico.

³ Parece que é só para as manifestações cutaneas.

⁴ O telhado ou tecto da cabana, e a sombra ou coberto, são o mesmo arte-

- temôr** — V. medo.
terno (carta) — *matáto* (197).
terra (terreno) — *metouto* — *neci* — V. chão, cinza.
terreno escorregadio (de qualquer natureza) — *andêlo*.
terrina — *terina*, *telina* P.
testa — *nebulo*.
testículos — *makáta* (sem singular) — V. sogá, pulmões, nadegas.
teu, *tua* (ou melhor de você) — *áko* (206).
thorax — V. peito.
tigre — *negó*, pl. *gó* — V. cordão umbilical.
tinta (d'escrever) — *tinta* P — V. circumscrição.
 — (de pintar ou tingir) — *nedimbo*, pl. *dimbo*.
tinteiro (para tinta) ¹ — *builika*, pl. id., adj. *be*.
tio, *tia* (por via materna) — *mâma-káze* — V. mãe, esposa.
 — (pelo lado paterno) — *táta-káze* — V. pae.
tipóia — *chipóia*, pl. *bipóia* (100).
tira (v) — *bótuka*, pret. *botukiçi* — V. arreda, incha, segreda, solta.
tirita (v) — *tintúmuka* ², pret. *tintumukiçi* — V. treme.
tiro — *kumbuila* — V. apanha.
toalha — *tuáia* P.
toca (v) — (um instrumento musico) — *sika?*, pret. *sikaçi?* — V. assobia, joga.
todo — *iônso* (todas as pessoas — *bobónso*) — V. tudo, qualquer.
toldo — *tórdo* P.
tolice — *máámbo* ³ — V. modo.
tolo — V. estúpido.
toma (v) — *tâmbula*, pret. *itambuile* (188).
tomate — *kamáto*, pl. *tumáto* P (201).
toninha — *súmba-inhéla*.
torneira — *timba* ⁴.
torto (strabico) — *mavioulo*.
 — (torcido) — *tiúka*.
tosse — *unkózulou*, pl. *kózulou*.
tostão (moeda) — *vinte-matáno* (litt. : vintens cinco) (83).

facto collocado de modo differente e para uso diverso ; a sombra abriga barcos, objectos e só accidentalmente pessoas, é um telhado sustentado por estacas sem paredes á volta ; a isto é consagrado o termo sombra com exclusão de qualquer outro.

¹ Não confundir esta acceção com outra que tem o mesmo termo portuguez e quer dizer a rapariga que esteve na *casa das tintas* (115) mas que ainda não foi destlorada.

² Os menos conhecedores ou da classe mais baixa dizem quasi sempre *tekúmuka*.

³ Parece plural ; talvez signifique mais propriamente modos, ademanes, palavras proprias de pessoa tola ou pateta.

⁴ Torneira para pipa — *timba chipipa*; torneira d'aguardente *timba chimálavo*; *timba* tambem é cachimbo e d'ahi talvez o nome por as torneiras vulgares, que são as que conhecem, se parecerem com o cachimbo indigena (89).

- touro** — *negombe mebi* (litt.: boi mau) ¹.
trabalha (v) — *sála*, pret. *salázi*.
trabalhado — *mé-sála* — V. rabo.
trabalhador (subst.) — *içázi* — V. servente.
 — (adj.) — V. activo.
trabalho — *sála* — V. penna.
trachea — V. garganta.
tracta (v) — V. medica.
tratado — V. medicado, feito, dito.
transpiração — V. suor.
transborda (v) — V. entorna.
travessa (de louça) — *lóna-lapála* — V. prato.
travesseiro — *mepéto*, pl. *péto* (97).
travor — V. amargor.
traze (v) — *tuála*, pret. *tualázi* — V. dá cá (199).
trazido — *mé-tuála*.
treme (v) (de medo) — *fúfúmuka*, pret. *fúfúmukizi*.
 — (de frio) — V. tiritá.
 — (com o vento) — V. estremece.
trempe — *makúko* ² — V. cosinheiro.
trevas — V. preto.
trez — *táto* — V. pae (902).
 — mil — *véven-matáto*.
treze — *kum'-i-táto* (903).
trezentos — *kham'-atáto*.
trinca (v) — *tchéla*, pret. *tchélazi* — V. corta, morde, remo.
trinta — *makúm'-atáto* (903).
tripas — V. intestino.
triste — *tchinhongo* — V. pena.
tristeza — *inhongo*.
troca (v) — *vinja*, pret. *vinjizi* — V. permuta, vende.
troça (subst.) — *budiéla*.
 — (v) — *vânga-budiéla* — *vânga-ziéla*? — V. caçôa, faz.
tromba — *mekombe*, pl. id., adj. i.
trombeta (d'enterro) — V. marfim (139).
tronco — V. pau, ramo.
tropeça (v) — *tétunto*, pret. *télitunto*? ³ — V. sarampo.
trovão (eminente) — *nezáza*, pl. *záza*.
 — (longinquo) — *bingula*, pl. *mabingula*.
trunfo — *telúnfo* P (197).
tu, você (pessoa a quem se falla) — *indjé* (906, 193).

¹ Os poucos bois que conhecem, importados pelos brancos, são todos inteiros; dão aquella designação aos pouco mansos, mas que não se assemelham em fereza aos touros.

² Trez pedras servem de trempe e fornalha.

³ Sendo assim deve o verbo ser palavra composta d'um verbo *té*, *teli* e d'um substantivo, *tunto*.

- tubarão** — *ingombú*, pl. id., adj. *i*.
tudo — *bessângala bionso* (litt.: coisas todas).
tumulo — *vibumba*, pl. *mabumba* (103, 201).
tumulto — *bléla* — V. panno.
ubere — V. mamillo, mamma.
uiva (v) — *fuânga*, pret. *fuângazi* — V. pezadello.
uloera — V. chaga.
ultimo (de traz de todos) — *anchiêla-in-búça*.
 — (retardado) — *chiálila*.
um — *muêka* (204).
umbigo — *kumba*, pl. *bekumba*, adj. *be* — V. virgem.
unha — *negongoulo*, pl. *zingongoulo* — V. sabugo.
unico — *muêka tó* (litt.: um só).
urina (subst.) — *massúba*.
 — (v) — *súba*, pret. *súbazi* — V. foz, nada.
uvula — *dákamázi*¹ — V. moribundo.
vacca — *negômbé metchénto* (200) — V. boi.
vaccina (v) — *toubula* — V. pica.
vae (v) — *iênda*, pret. *iêndazi*² — V. caminha.
vaga — V. onda.
valente (com muita força) — *metchime* — V. macaco.
valete (carta) — *táli-táli* (litt.: machadinho) (192).
vapor (navio a) — *kumbi*, pl. *makumbi* — V. alcunha, virgem.
varejeira (mosca) — *gongóuzi*, pl. *magongóuzi*.
vareta — *lussóko*, pl. *sóko* — V. bala.
variola — *buâmbua*.
varre (v) — *kômba*, pret. *kômbazi*.
varrido — *mé-kômba*.
vasa (v) — *dúkula*, pret. *dukuile* — V. verte.
vasilha — *itéko*, pl. *utéko* — V. balde, bacia, caneca, copo, ca-deira, etc.
vasio — *páfala, boubo*?
vassoura — *lukómbezo*, pl. *ukómbezo*?, *tukómbezo*?
vê (v) — *mouna*, pret. *muéna*³ — V. enfia, formiga, limpo, rei.
 — -se (pass.) — *mounika*, pret. *mounikéze*.
veado — *gúlungo*.
vedação (de terreno) — V. cerrado.
vegetações (condylomas) — *mafú* — V. peixe.
Veia — V. arteria.
Vela (de barco) — *vuêla* P (68) — V. rema.
 — (stearica) — *véra* P.
velho — *kúto* — V. alto, perna.
 — (muito) — V. macrobio, antepassado.
 — (o mais do grupo, da aldeia) — *mukurúnto* (ou *mekurúnto*),

¹ Lembra para tradução literal fauces água.

² O infinito é irregular, *kuênda*.

³ Verbo auxiliar (205).

- pl. *bakurúnto*, adj. *ba* (133).
vem (v) — *kuiža*¹, *uiža*, *iža*, pret. *iziži*.
vende (v) — *súmbice*, pret. *súmbizi* — V. troca, permuta.
vendido — *mé-sumbice*.
veneno — *likila*, pl. *belikila*, adj. *be* — V. envenena.
venta (subst.) — V. narina.
 — (v) — V. faz vento.
ventila (v) — V. areja.
vento — *pémo* (164).
ventosidade — V. borborygmo.
ventre — *livúmo*, pl. *vúmo*.
venus (planeta) — *muána-gónda* (litt. criança lua) — V. servente. (216).
verão (tempo do calor) — *negónda-nevúla* (litt.: mez (lua) chuva) (169).
verdade — *chéleka*, pl. *machéleka*, adj. *ma*.
verde (côr) — *sákambiço* — V. azul (198).
verga — V. mastro.
vergonha — *sónhi*.
 — (tenho) — *míno sonhi kaiáme*.
vermelho — V. encarnado (198).
verruma — *verinha* — *veria*² P.
verte (v) — *tuéka*, pret. *tuékaži* (89) — V. efeito purgativo, faz água.
vertedouro — *mepúço*, pl. *púço* (83).
vesícula (na pelle por doença) — *zúzo*, pl. *mažúzo* — V. baba, queimadura.
vespa — *livéko*, pl. *mavéko*.
vespão — *jumpuáte*.
veste (v) — *vuáta*, pret. *vuéta*.
vestidos — V. vestimenta (34, 39).
vestimenta (vestuario³) — *vuáta*, pl. *mavuáta*.
vez — V. viagem⁴.
viaja (v) — *vânga viáje* (litt. faz viagem).
viagem — *viáje* P, pl. idem, adj. *i* — V. pimenta.
vibora — *tchinžéngala*, pl. *binžéngala*, adj. *be*.
vida — *mounho*, pl. *miounho* — V. vivo.
vidro (em chapa) — V. espelho.
 — (frasco de) *builika*.
vinho (d'uvas) — *vio*⁵ P.

¹ Póde ser o infinito da 3.ª fôrma, mas é usado como ella propria.

² O *i* é nasalado.

³ Querendo dizer-se vestuario completo, ou andaina de fato, usa-se em portuguez vestidura (173).

⁴ Fallando portuguez dizem sempre *viaje* por *vez* e a locução *tempo di viaje* significa tempo afastado, antigo.

⁵ O *i* é nasalado.

- de palma — *manhévo* (157).
vinte — *makum'-uále* (202).
vintem — *vinte* P (83).
violeta (côr) — V. escuro (198).
vira (v) (a esquina, ou para o caminho que cruza o percorrido) — *bálula*, pret. *bálukizi* — V. retrocede, volta.
virador (cabo grosso) — *kókuto*, pl. *bekókuto*, adj. *be*.
virgem (rapariga) — *kúmbe* (116) V. adolescente feminino, umbigo, vapor.
virgindade — *chinkúmpa* (116) — V. donzella.
virilha — *vuámo*, pl. *mavuémo*, adj. *ma*.
visão — V. vista.
visita (v) — *birana*, pret. *biréne*¹ V. cumprimenta.
vista (subst.) — V. vê².
visto (adj.) — *mé-mouna*.
viuva (passaro) — *fuizi-nuni*, pl. *bafuizi-banuni*³ (litt.: viuvo passaro).
viuvo (para os dois casos) — *fuizi*, pl. *bafuizi*.
vive (v) — V. está vivo.
vivo (adj.) — *mounho* — V. vida.
vôa (v) — *dúmuka*, pret. *dumukizi*.
voador (peixe) — *tchinvünzi*, pl. *binvünzi*, adj. *be*.
você (ou tu, pessoa a quem se falla) — *indjé*, *indjéia* (193, 206) — V. membro viril, olá, vós.
volta (v) — (uma coisa do outro lado) — *bárula*, pret. *baruile* — V. vira.
 — (para traz) — V. retrocede.
voltado — *mé-bárula*.
vomita (v.) — *lúka*, pret. *lúkaži*.
vós — *bééno* (206) — V. voz.
vosso (de você) — V. teu.
 — de vocês — *ino*.
voto — V. (promessa aos deuses).
 — cumpre o (agradece aos deuses) — *kákula mekice* (125).
voz — *béémbo* — V. coração, grita, vós.
 — fina — *béémbo netchó* (litt. voz pequena).
 — grossa — *béémbo néne* (litt. voz grande) — V. grito.
vulva — *néno* — V. defeca.
zagalote — V. bala.
zanga (v.) — *dáçuka*, pret. *dáçukizi* — V. rachado.
zomba (v.) — V. caçôa.
zuarde — *mabúndo* — V. cap.^o commercio.
zurze (v.) — V. batte.

¹ Fallando portuguez, usam dar visita em vez de fazer visita.

² Dizem: vê bem ou mal por boa ou má vista.

³ Excepção á regra (7).

www.libtool.com.cn



Fig. 7 — Quartel visto de sueste



Fig. 8 — Ponte sobre o rio Lukóla — Tipoia (100)

www.libtool.com.cn

SEGUNDA PARTE

www.libtool.com.cn

1.ª — Pronuncia de *nh* e *lh*

Os pretos de toda esta região não pronunciam o *nh* nem o *lh* quando fallam portuguez; substituem-nos por *i*; assim, para dizerem sonho pronunciam *sóio* ou *souio*, e filho dizem *fio*.

Os nossos chronistas escreveram algumas vezes *soio* designando a bahia que nós hoje chamamos do sonho. Fizémos a inversa dos pretos, imaginámos talvez que diziam a nossa palavra, alterando-a segundo o seu costume, e substituímos a palavra indigena, cuja significação desconheço, por outra nossa, realmente pouco applicavel á localidade a que foi dada.

2.ª — Traducção da palavra *Cabinda*

Cabinda é a designação portugueza da bahia, da povoação europea, da região proxima e do indigena d'ella; este, fallando com brancos, usa a mesma palavra para as mesmas applicações; os inglezes usam *kabenda*; em lingua indigena o adjectivo applicavel a homem, coisa, costume, etc., é *fiôte* (52); a região e a bahia são *Negóio*; á villa não davam nome especial até 1897.

3.ª — Pronuncia de *n'*

Em varios escriptos a respeito de termos africanos se nota que muitas palavras são começadas por *n'* ou *n*. Não é facil escrever o som que se ouve quando os indigenas pronunciam as numerosas palavras que começam assim. Por vezes o som apparece escripto *ne* e foi a orthographia que adoptei. Mas não é bem um nem outro dos modos d'escrever que nos dá a impressão exacta, ha parte d'um e d'outro; é semelhante ao da primeira syllaba da nossa palavra *negáça*, sendo mais breve o som do *e*, mais demorado o contacto da lingua com a abobada palatina, como que se, ao começar a pronunciar tal syllaba, se saltasse para a consoante seguinte mal se começasse a pronunciar a vogal. N'esta lingua tal som não é nasalado.

4.ª — Divisões territoriaes indigenas

Desconheço termo que sirva para designar a área d'uma d'essas divisões ou condados. Os cabindas davam o titulo de rei ao seu chefe supremo, mas, pelo que contam, elle era, ou tinha sido, su-

jeito ao rei do Congo ¹. O paiz é dividido em zonas de grandeza irregular, administrada cada uma por um *mambúko*, e dividida e subdividida em outras administradas por auctoridades inferiores de varias gerarchias (58).

5.ª — Muéne

No dialecto proprio da região, ou *fióte* (59), como dizem os naturaes, *muéne* (ou *máne*, quando seguida d'outra palavra designando terra, nação, povoado, etc.), exprime senhor, dono, auctoridade absoluta possuindo os maiores poderes: *muén'-i-Congo* (59) ou *mán'-i-Congo*, quer dizer rei do Congo, *muén'-i-Puto* ou *mán'-i-Puto*, rei de Portugal (59).

6.ª — Bantú

Á falta de melhor, servir-me-hei da palavra *bantú*; não desconheço que *metú* quer dizer cabeça e *minto* ² pessoa, e que os pluraes são *bantú* cabeças, e *bânto* pessoas. Como este indigena, falando portuguez, dá a mesma significação ás palavras pessoa (termo que raros conhecem) e gente (que todos applicam correntemente); como fórma regularmente o plural gentes, designando o numero de pessoas, ou empregando a expressão muitas gentes por multidão, e traduz muitas gentes por *bânto* que bem se confunde com *bantú*; concluo que este ultimo termo, geralmente adoptado, designa os milhares d'emigrantes que, na antiguidade, invadiram estas terras vindos do interior, não se ligando tal palavra a origem local, familia ou nação especial, mas querendo só exprimir a multidão invasora.

Do estudo dos cabindas actuaes pouco ou nada se conclue a respeito da approximação d'elles de tal ou tal ramo da raça negra ³; chego a crer que não haverá um unico exemplar puro da raça primitiva em vista dos repetidos cruzamentos a que os seus costumes e leis dão logar.

7.ª — Formação de plural em b.

Nunca os cabindas formam o plural alterando, como nós, a terminação da palavra, fazem-no sempre antepondo uma prefixa ou modificando a existente (201).

¹ Emprego os verbos no preterito porque o ultimo rei morreu assassinado ha mais de 20 annos e ainda não foi substituido.

² Informam-me que, na lingua zúlo, se diz por homem (e não sei se melhor seria corresponder-lhe pessoa) *unmtu* e no plural *abantú*.

³ Vide cap.º II.

Serve a prefixa para designar a classe a que o substantivo é applicavel, ou para designar qual o substantivo com que o adjectivo concorda.

No caso d'agora, tratando-se da prefixa *ba*, entende-se que o substantivo designa pessoas, porque só a ellas se applica; assim se formam os pluraes de homem (*bákala*, *babákala*), de mulher (*mechêto*, *bachêto*), de indigena ou habitante de Cabinda (*fióte*, *bafióte*). Algumas vezes, n'estes casos, o plural é irregular, mas persistindo a consoante da prefixa, como por ex.^o em homem branco (*mundéle*, *bindéle*): fazem excepção adolescente, antepassado, assassino e pae, talvez por não serem applicaveis só a pessoas.

Com os adjectivos que concordarem com substantivos que designem pessoas, quer estes estejam expressos quer occultos, dá-se o mesmo: assim, homem bom é *bákala mebóta*, homens bons *babákala babóta*.

Em algumas palavras que só são applicaveis a pessoas, empregam a mesma prefixa ou pelo menos a consoante; assim, ligando elles a abantesma a nossa ideia popular de alma do outro mundo, de alma errante que pertenceu a homem ou mulher que viveu, dizem no singular *chimbinde* e no plural *bimbinde*.

Por excepção, medida e viuva (ave) tem no plural a prefixa *ba*.

8.ª — Regencia

A que os cabindas chamam *legêncã* (o nosso termo pronunciado a seu modo) é a uma especie de conselho que governa o reino de *Negóio* (Cabinda) desde que falleceu o ultimo rei até ao presente em que outro não foi ainda eleito.

Esta regencia é constituída pelo *mambôma* (38) do fallecido rei, pela mais importante mulher, d'elle viuva, com o titulo de *mambuko*, e pelo filho mais velho do dito rei, não sei se da primeira mulher. Os nomes d'estes personagens actuaes com os titulos que declinaram na solemne occasião do protectorado, constam do tratado e petição dirigida ao governo portuguez (9), e, como é da praxe, são dos primeiros indigenas nomeados.

O ultimo rei falleceu ha mais de vinte annos, e tal acontecimento esteve occulto muitos mezes por conveniencias publicas, ao que fazem parecer; julga-se, porém, que isto foi para dispôr o povo por causa do boato que tem corrido, com todos os visos de probabilidade, a respeito da verdadeira causa da morte. Parece que o tal rei, desde que se apanhou no cargo, começou, segundo uns, a mostrar-se demasiado tyranno e, segundo outros, a alterar os costumes ou leis no sentido liberal, visto não ter sido total e constantemente a favor dos nobres. Pelo que tenho estudado d'estes africanos, inclino-me á segunda versão, nem d'outro modo se comprehende como os nobres (38) se aquietassem e calassem tão depressa em presença de tão grande crime, e não o aproveitassem para exercerem as suas vinganças e grandes dela-

pidações, e como tem até permitido que faça parte da *regencia* o primeiro ministro do rei defuncto, o que é totalmente fóra da regra; o poder do ministro acaba com a vida do rei, se não lhe acaba também a vida pela perseguição que geralmente lhe movem então; o facto de este primeiro ministro ter ficado na *regencia* esperando pelo novo rei, faz-me suppôr que elle entrou na conspiração contra o seu senhor, de combinação com os outros nobres, as mulheres reaes e talvez com o filho que também faz parte da *regencia*.

Porque o que corre é que o rei foi assassinado pelas suas mulheres. Ora qualquer mulher, pelo habito de submissão e falta de desenvolvimento da vontade propria com que são criadas, não só não seria capaz de pensar no assassinato do marido, como teria enorme receio de contribuir para o do rei, pois que teria certa a morte no meio dos maiores tormentos.

Alguem de certo aconselhou o expediente que se diz ter sido empregado pelas mulheres, alguem que era sufficiente para garantir a impunidade d'ellas, senão para as obrigar a proceder, dando até o plano; pois não é crível que alguma tivesse a iniciativa d'aliciar as outras que a poderiam denunciar, até mesmo com o fim d'occupar o primeiro logar na confiança regia.

O que se conta é que estando o rei a dormir na sua cama, dentro da cabana e a meio d'ella, desviado de todas as paredes (por onde se conclue que receiava o perigo de fóra) ¹ e guardado por uma esposa cujo dever era despertal-o ao menor indício suspeito (precauções que provam quanto elle julgava a sua vida em perigo); succedera que a esposa, de guarda em certa occasião, sahira da cabana a pretexto de necessidade urgente, para tal ausencia servir de desculpa ao que aconteceu e foi attribuido a pessoa desconhecida; mas que, na realidade, fóra essa mesma esposa quem enfiára pela regia cabeça, até ao pescoço, o nó corredo de forte corda cujas pontas, sahindo atravez das paredes oppostas, eram de fóra da choupana puxadas d'ambos os lados pelas restantes mulheres, se não também por algum dos nobres conspiradores. O caso foi que o rei morreu, o segredo manteve-se mais ou menos, os nobres não se incomodaram com isso ou até gostaram, e o povo, sabedor do caso tempos depois, mas desorientado pelos varios boatos adrede habilmente espalhados, contentou-se com o seu papel passivo de nada fazer, não se metendo nas intrigas da côrte.

Publicado o acontecimento, seguia se a aclamação do real parente (sobrinho ou irmão) a quem os costumes do paiz davam a successão (33); mas não havia na familia real quem estivesse nas condições de ser coroado e por isso a um *mambúko*, ou directo successor d'este, caberia a corôa. A guerra surda estabelecida en-

¹ Só por excepção muito rara, a cama indigena (97) não estará encostada a uma parede.

tre os nobres com o grau de *mambiko* demorou a escolha, porque alguns não estavam nas condições ou não tinham haveres para collocarem parentes seus, e uns aos outros se guerrejavam, dificultando a resolução do negocio, para o que sempre eram auxiliares seguros os membros da *regencia*. Uma das ultimas tentativas foi feita pelo barão de Cabinda (Puna) a favor d'um seu irmão, mas sem resultado, porque este não quiz, de fôrma alguma, subir tão alto com receio dos acontecimentos; apesar dos gastos feitos para aplanar difficuldades da votação, não houve meio de o decidir, allegando elle sempre que não se sentia capaz de ser rei, que não podia fazer a vontade aos seus partidarios porque não estaria melhor sendo rei do que sendo um pescador como era. Vê se uma coisa quasi inacreditavel: um preto com as condições para ser rei, solicitado a sê-lo, acceito já por alguns, tendo um irmão que fazia todas as despesas do ceremonial, um preto que passava de miseravel pescador a ser a pessoa mais importante da sua terra, com poderes absolutos, realisando mais do que tudo o que muitos dos maiores sonham e que elle podia sonhar, recusou a collocação, passando-se isto nos tempos em que ainda não havia na sua terra o predominio dos brancos! Facil é suspeitar que pelo irmão elle saberia bastante da verdade, e que aos seus 40 annos sorria mais um futuro igual ao presente que conhecia, embora humilde, do que as honras de rei; quem sabe até de quantas ameaças teria sido alvo!

Parece que não mais haverá rei, porque deixou de haver quem tenha os bens necessarios para as despesas da coroação e porque já não vale a pena ser rei, visto que, com o estabelecimento dos brancos, as condições mudaram totalmente.

Para ser eleito rei é preciso: ser do sangue dos nobres de primeira grandeza: ser proposto por influente e acceite pela grande maioria dos mais elevados dos nobres; nunca ter *sujado a terra de sangue*, quer de gente quer de qualquer grande animal util; estar resolvido a ir viver para o interior sem nunca mais tornar a vêr o mar; possuir o sufficiente, seu ou de interposta pessoa que lh'o forneça, para as despesas da coroação (affirmou-me o civilisado Manuel Puna, barão de Cabinda, que não andarão por menos de trez contos de réis actualmente).

Áparte miudas ceremonias de que não foi possivel informar-me convenientemente para d'ellas falar, como sejam os preparativos dirigidos pelos grandes feiticeiros (70), de demoradas, complicadas e repetidas ceremonias religiosas durante semanas; áparte minucias da pragmatica durante os muitos dias que vão desde a apresentação do candidato até á coroação, a escolha do seu *mambôma*, ou primeiro ministro, o novo casamento com princeza importante, que ficará sendo a primeira mulher, mas cujo rapto haverá necessidade de simular, bem como vida errante com ella no matto, durante os primeiros dias, caçando para se alimentarem, percorrendo grandes distancias, improvisando com ramos abrigos para passarem a noite (vida selvagem que parece ser tradição das suas emigrações até se fixarem n'este ponto d'Africa); áparte mil outras difficuldades a

vencer por dextreza, coragem, decisão, etc.; para se ser rei ha ainda o grande obice das extraordinarias despesas a fazer com a compra dos votos dos eleitores, que teem o grau de *mambúko*, e com os funeraes (108) do rei anterior, que devem dar brado atravez os tempos pela magnificencia com que tenham sido feitos; quanto mais sumptuosos forem os funeraes e maior a duração das festas, tanto mais respeito o novo rei mostrará pelo seu antecessor e mais consideração o povo começará a ligar-lhe.

Os predcados exigidos para se ser rei são muitos, mas apesar d'isso não dão certeza de que o rei venha a ser bom; o seu primeiro ministro governará por elle; terá um carrasco encarregado de fazer justiça summaria e o proprio rei não desdenhará de derramar o sangue alheio; em breve, por extorsões, feitas sob mil pretextos ao proprio povo, ou por guerras com os vizinhos, se indemnizará com grande usura das despesas que fez, etc.

O rei poderá ter varias esposas, além da que é considerada primeira na importancia; mas poderá tambem ter quantas concubinas quizer; lá, como cá se vê pela historia, toda a mulher (e até a familia) se julgará honrada por ter relações regias.

O tratamento proprio do rei é *muéne* (5) mas tem-se estendido a outros individuos; o rei, ao ser coroado, mudava de nome.

9.ª — Cópia do tractado

Guilherme Augusto de Brito Capello, capitão tenente da armada, commandante da corveta *Rainha de Portugal*, commendador d'A-
viz e cavalleiro de varias ordens, auctorisado pelo Governo de Sua Magestade Fidelissima El-Rei de Portugal, satisfazendo aos desejos manifestados pelos principes de Cabinda em petição ¹ devidamente por elles assignada em grande *fundação*, concluiu com os referidos Principes, Governadores e Chefes abaixo assignados, seus successores e herdeiros o seguinte :

TRATADO

Artigo 1.º — Os principes e mais chefes do paiz e seus successores, declaram voluntariamente reconhecer a soberania de Portugal, collocando sob o protectorado d'esta nação todos os territorios por elles governados.

Art. 2.º — Portugal reconhece e confirmará todos os chefes que

¹ Estes desejos tinham sido por varios modos manifestados a varios portu-
guezes sem representação official e eram conhecidos das auctoridades, mas to-
maram a fórma d'escripto officialmente entregue poucos dias antes; a petição
vae por copia no fim d'esta nota.

forem reconhecidos pelos povos segundo as suas leis e usos, promettendo-lhes auxilio e protecção.

Art. 3.º — Portugal obriga-se a fazer manter a integridade dos territorios collocados sob o protectorado.

Art. 4.º — Aos chefes do paiz e seus habitantes será conservado o senhorio directo das terras que lhes pertencem, podendo-os vender ou alienar de qualquer fórma para estabelecimento de feitorias de negocio ou outras industrias particulares, mediante o pagamento dos costumes, marcando-se d'uma maneira clara e precisa a área dos terrenos concedidos para evitar complicações futuras, devendo ser ratificados os contractos pelos commandantes dos navios de guerra portuguezes ou pela auctoridade em que o Governo de Sua Magestade delegar os seus poderes.

Art. 5.º — A maior liberdade será concedida aos negociantes de todas as nações para se estabelecerem n'estes territorios, ficando o Governo portuguez obrigado a proteger esses estabelecimentos, reservando-se o direito de proceder como julgar mais conveniente, quando se provar que se tenta destruir o dominio de Portugal n'estas regiões.

Art. 6.º — Os principes e mais chefes indigenas obrigam-se a não fazer tratados, nem ceder terrenos aos representantes de nações estrangeiras, quando essa cedencia seja com caracter official e não com o fim mencionado no artigo 4.º

Art. 7.º — Egualmente se obrigam a proteger o commercio, quer dos portuguezes, quer dos estrangeiros e indigenas, não permitindo interrupções nas communicações com o interior, e a fazer uso da sua auctoridade para desembaraçar os caminhos, facilitando e protegendo as relações entre vendedores e compradores, as missões religiosas e scientificas, que se estabelecerem temporaria ou permanentemente nos seus territorios, assim como o desenvolvimento da agricultura.

§ unico. — Obrigam-se mais a não permittir o trafico da escravatura nos limites dos seus dominios.

Art. 8.º — Toda e qualquer questão entre europeus e indigenas será resolvida sempre com a assistencia do commandante do navio de guerra portuguez que n'essa occasião estiver em possivel communicação com a terra, ou de quem estiver munido de poderes devidamente legalisados.

Art. 9.º — Portugal respeitará e fará respeitar os usos e costumes do paiz.

Art. 10.º — Os principes e governadores cedem a Portugal a propriedade inteira e completa de porções de terreno mediante o pagamento dos seus respectivos valores, afim de n'elles o Governo portuguez mandar edificar os seus estabelecimentos militares, administrativos ou particulares.

Art. 11.º — O presente tratado, assignado pelos principes e chefes do paiz, bem como pelo capitão tenente commandante da corveta *Rainha de Portugal*, começará a ter execução desde o dia da sua assignatura, não podendo comtudo considerar-se definitivo senão depois de ter sido approved peio Governo de Sua Magestade.

Simbucuco em Cabinda, 1 de Fevereiro de 1885.

(a) Guilherme Augusto de Brito Capello, commandante da corveta *Rainha de Portugal*.

— de Neto do Principe Gime, vice-rei.

+ de Ibiála, *mambôma*¹ do rei e representante da Regencia².

+ *Muanafimo* Mahundo³, filho do fallecido rei.

+ de Mangove⁴ Dangoio Puata Puna.

+ da Princeza Maria Cimbo, *mambuko*⁵.

(a) Barão de Cabinda, Manuel José Puna.

+ Sambo Franque, Governador⁶ do Chinga.

+ Machimbi, *mafika*⁷ Franque.

+ Mavungo Mamgombe, Governador de Samôna.

(a) Manuel Bonzola Franque, Governador de Porto Rico e Mutamba.

(a) Francisco R. Franque, Governador de Pernambuco e Victoria.

+ Fernando Sounça, Governador do Povo Grande.

+ Pucntá Caetano, *linguister*⁸ de Porto Rico⁹.

+ Manichúvula, principe¹⁰, *mambuko*¹¹ de Buco-Sinto.

+ King¹² Jack, principe¹⁰ de Ponta do Táfe.

+ King¹³ Taine, principe da Ponta do Tafe.

+ Fernando Mingas, filho¹³ do principe Jack do Buco-Sinto.

+ Mangóve Velho, dono¹⁴ do Povo Grande.

+ Filho¹⁵ do Principe Bétté Jáck, Governador do Caio.

+ Manissábo¹⁶, Governador do Chóbo.

+ Perico Franque, *linguister* de *Mambuko*¹⁷.

¹ *Mambôma*, 1.º ministro (58).

² Regencia (8).

³ *Muana-fumo*, ou *muan'-ia-fumo*; filho de nobre, é a traducção litteral d'este titulo.

⁴ Titulo (58).

⁵ *Mambuko*, auctoridade (58).

⁶ Governador é o vocabulo portuguez correspondente ao serviço que realmente representa o empregado superior de cada aldeia (*povo*).

⁷ Titulo nobiliarchico a que andam inherentes funcções governativas (58).

⁸ *Linguister*, procurador, que falla e procede em nome e por instrucções d'outro: os indigenas dizem *linzece*.

⁹ Aldeia chefe onde residia o fallecido Franque, (vide Cap.º 1), importante *mambuko* não substituido, ficando os poderes administrativos divididos pelos parentes e outros subalternos que assignam este documento.

¹⁰ Quer dizer fidalgo (58) e é uzado á falta de cargo ou classificação mais importante.

¹¹ 1.º grau da nobreza e poderio (58), o superior.

¹² Pretos inglezados, assim chrismadados pelos visinhos negociantes inglezes.

¹³ Subordinado, creatura d'outro (22), seu representante.

¹⁴ É uma variante de governador; este *povo* está dividido por dois procuradores.

¹⁵ Subordinado, representante (22).

¹⁶ Assim escripto por o secretario do tratado desconhecer os costumes cabindaes; deverá ser *Man'-i-Sabo*, ou *Muen'-i-Sabo* (5).

¹⁷ É evidente a falta do nome do principe de primeira nobreza de quem elle era ali o procurador.

+ Puata Puna ¹.

+ Luêmba Franque, irmão do príncipe Sambo, Governador do Chinga ².

Este tratado ³ foi lido e explicado em lingua do paiz, ficando todos inteirados do seu conteúdo antes d'assignarem e fazerem o signal de + (cruz) na minha presença, commigo Antonio Nunes de Serra e Moura, aspirante do corpo d'officiaes de fazenda, servindo de secretario a este acto. (a) Antonio Nunes de Serra e Moura, aspirante effectivo de Fazenda da Armada.

Affirmamos e juramos, sendo preciso, que as assignaturas e signaes são dos individuos acima indicados por os conhecermos pessoalmente e os termos visto assignar n'este acto.

(aa) João Puna ⁴.

João Barros Franque ⁵, filho de Francisco Franque, coronel honorario que foi.

Vicente Puna ⁴.

Guilherme Franque ⁵, filho de Francisco Franque, coronel honorario que foi.

Estavam presentes as seguintes pessoas ⁶.

(aa) Onofre Alves de Sousa.

M. J. Corrêa.

J. Contreiras.

Alexandre.

Manuel Antonio da Silva.

e os officiaes da corveta *Rainha de Portugal*

(aa) Christiano Frederico Krusse Gomes, 1.º tenente da armada.

Eduardo Cyriaco Pacheco, 1.º tenente da armada.

João de Mattos e Silva, facultativo naval de 1.ª classe.

Alberto Antonio da S. Moreno, guarda-marinha.

José Francisco da Silva, guarda-marinha.

João Antonio Ludovice, guarda-marinha.

A petição a que este tratado se refere no começo é a seguinte:

Nós abaixo assignados, príncipes e governadores dos povos de Cabinda, sabendo que na Europa se trata de resolver, em conferencia d'embaixadores de diferentes potencias, questões que di-

¹ Não se addicionou o titulo; era de certo fidalgo como denuncia o appellido que é o de Barão de Cabinda.

² Outro fidalgo como o irmão, talvez um substituto ou futuro successor.

³ Como se vê, não só assistiram as maiores summidades indigenas, como até assignaram os que sabiam escrever, trez ao todo. Era curioso o orgulho e satisfação com que os analphabetos escreviam a cruz e como fallavam com pena de não saberem escrever.

⁴ Filhos do potentado Barão de Cabinda que estava presente e assignou.

⁵ Filhos do outro potentado (já fallecido). (Vide Cap.º 1): as duas familias são inimigas.

⁶ Negociantes estabelecidos nas proximidades (apenas se abstiveram d'assignar os inglezes).

Assistiram a esta fundação milhares de pretos dos dois sexos, até com instrumentos musicos, reinando grande enthusiasmo.

rectamente diz em respeito aos territorios da Costa Occidental d'Africa, e por conseguinte aos destinos dos seus povos, aproveitamos a estada n'este porto da corveta portugueza *Rainha de Portugal*, afim de, em nosso nome e no dos povos que governamos, pedirmos ao seu commandante, como delegado do governo de Sua Magestade Fidelissima, para fazermos e concordarmos n'um tratado pelo qual fiquemos sob o protectorado de Portugal, tornando-nos de facto subditos da Corôa portugueza, como já o eramos por costumes, habitos e relações d'amizade. E portanto, sendo da nossa inteira, plena e livre vontade, que de futuro entremos nos dominios da Corôa portugueza, pedimos ao Ex.^{ma} Sr. Commandante da corveta portugueza, para acceder aos nossos desejos e dos povos que governamos, determinando o dia onde, em sessão solemne, se ha de assignar o tratado que nos colloque sob a protecção da bandeira de Portugal. Escripto em reunião dos principes abaixo assignados no logar do Simlambuco ¹ aos 22 de Janeiro de 1885. Signal + de Ibiälla *mambôma* do Rei, representante da Regencia. — Signal + da Princeza Maria Simbo, *mambuko*. — (a) Manuel José Puna, Barão de Cabinda. — Signal + do principe Sambo Franque, governador de Chinga. — Idem + do principe Jack, governador de Buco-Sinto. — Idem + de Fernando Minga, filho do principe Jack. — Idem + de King Jack, principe da Ponta do Taffe. — Idem + de King Taine, principe da Ponta do Taffe. — Idem + de Fernando Sounça, governador do Povo Grande. — Idem — de Manvungo Mamgombe, governador de Simôna. — Idem + de Mangove Velho, dono do Povo Grande. — Idem + de Batte Jack, governador do Caio. — (a) Manuel B. Franque, governador de Porto Rico e Mutamba. — (a) Francisco R. Franque, governador de Permabuco e Victoria. — Signal + de Mani Sabo, governador de Chóbo. — Idem + de Perico, *linguester*. — Idem + de Machimbi, *mafuka* Franque. — Idem + do principe Manissambo, *linguester* de Francisco Franque ².

10.ª — Fundação

Designa esta palavra portugueza ³ o que os chindas chamam *mekâno*, isto é, o julgamento, com grande apparato, d'uma questão importante. A marcha geral do negocio é a mesma da palavra (31),

¹ Sitio onde existe a casa do Barão.

² Observa se em ambos os documentos que as assignaturas seguem a ordem descendente da importancia social dos signatarios.

³ Denuncia é *fûnda*, d'onde provavelmente vem os termos portuguezes usados; parece que realmente é a denuncia o acto fundamental d'este julgamento que, embora se chame *mekâno*, talvez o digam assim por abreviatura, visto que este ultimo termo corresponde antes a pleito, ao assumpto a tratar; funda, ou faz fundação, seria bem traduzido por *vânga mekâno*, mas não dizem assim, dizem *fûnda-mekâno*.

mas ha bastantes differenças, como vae ver-se pela leitura comparada d'esta nota com a que deixo citada; quando a *fundação* é para applicação da *kassa* ha outras particularidades (181).

Um interessado, julgando se habilitado com os dados necessarios para ganhar tão magna pendencia, vae queixar-se á auctoridade do mesmo modo, mas essa auctoridade é que deve ser de hierarchia elevada, sempre um principe (*fumo*) que, tomando conta da questão que ha de julgar junto da sua propria casa, fica com a designação, especial para o acto, de *fum'-i-kunzi*. Este manda chamar a outra parte e, depois de a interrogar, calcula o praso necessario para os dois contendores obterem as provas e testemunhas de que precisam, e marca o dia da *fundação*, e qual o assumpto principal a tratar; varias vezes a rabulice dos advogados (39) das partes, faz protelar esse dia e surgem incidentes e questiunculas que demoram o processo; mas, como o *fumo* tem todo o interesse em realisar o julgamento por causa dos largos proventos que colhe, vae cortando os embaraços e termina por ser inexoravel, não consentindo novo addiamento.

Com grande antecedencia o juiz faz avisos ao publico por meio de pregoeiros e em conversações, de fôrma que, em pouco tempo, a noticia circula até grandes distancias (40). Não se esquece de fazer convites directos, a velhos e outros pretos julgados de bom conselho, para tomarem parte na cerimonia que vae passar-se sob sua presidencia, pessoal que é todo remunerado. Estes pretos conferenciam entre si e com o principe varias vezes, instruindo-se sobre todas as minudencias do caso, em que pensam maduramente procurando recordar-se de passados casos semelhantes, seu julgamento e desfecho.

Chegado o dia famoso, anciosamente esperado, começa de manhã cedo a romaria do povo para o local designado, que é sempre vasto terreiro junto da principal habitação do *fumo* e tendo arvores que façam sombra, mas pelo menos uma grande arvore junto da qual se constituirá o tribunal, assentando-se o presidente. Esse povo é constituido pelos dois sexos e todas as edades; assenta-se todo no chão em semi-circulo de concavidade para a presidencia, deixando, entre esta e as varias filas que fôrma, um espaço amplo onde possam livremente achar-se todas as pessoas que são chamadas a figurar no acto; as filas da frente são formadas pelos homens mais velhos ou de maior posição social, e logo atraz pelos mais novos ou menos importantes; os rapazes ficam indistinctamente com o sexo feminino na retaguarda do elemento masculino. Raro será o cabinda, vivendo alguns kilometros em volta, que não abandone as suas occupações para assistir á *fundação*, porque ainda que o actual caso, ou qualquer das pessoas n'elle envolvidas, não o interesse de perto, o julgamento sempre serve de pretexto para não trabalhar algum tempo, é um espectaculo não muito vulgar, e pôde dar ensinamento que de futuro seja proveitoso.

As auctoridades e os nobres de categoria inferior á do *fum'-i-kunzi*, quer seus subordinados quer não, não deixam tambem d'as-

sistir, mesmo vindo de grandes distancias, e tomam logares á frente do povo na primeira fila, podendo os mais graduados ter assentos tornecidos pelo juiz.

Todo este auditorio falla em voz alta, discute, commenta, informa-se, produzindo um barulho ensurdecador até á constituição do tribunal; mas depois faz-se silencio, escuta-se cuidadosamente o que se passa até que, com o decorrer da causa, vae augmentando o enthusiasmo, acabando por haver manifestações a favor dos oradores, sendo preciso chamar á ordem, o que é attribuição do presidente que manda tocar um tambor indigena (139); este instrumento é tambem empregado para advertir que vae começar o acto solemne, ou que vae recommençar depois d'interrupção no mesmo dia ou em dias successivos.

Durante o julgamento, especialmente quando uma testemunha faz revelação d'importancia ou quando um orador consegue arrebatado o auditorio, este manifesta-se repetidas vezes por exclamações variadas e em todos os tons; como muitas vezes succede que os advogados, discursando, não se contentam com chamar a attenção do jury, mas ainda fazem consultas directas aos ouvintes, estes manifestam a sua opinião favoravel á consulta, os homens repetindo em côro a ultima palavra da phrase do advogado e dando certas palmadas (141), as mulheres apenas pelas palmas e só acompanhando as dos homens.

Reunidas todas as pessoas que devem tomar parte no julgamento, passam ellas a occupar os seus logares no vasto terreiro que assim vae ficar occupado formando-se uma figura ovoide coberta totalmente por pretos, havendo apenas espaços livres em volta dos auctores e reus, seus advogados e testemunhas, que todos se collocam por grupos entre o auditorio e os julgadores, mas de frente para estes e assentados no chão; exceptuam-se os advogados que geralmente estão de pé, virando-se ora para um lado ora para outro, e andando, indo conferenciar com os seus constituintes, as testemunhas, o jury e o juiz.

Do lado menor do ovoide é este fechado pelo principe julgador e seus ajudantes ou jury, ficando todos á sombra da arvore, ou mesmo debaixo d'um coberto em fórma de telhado de duas aguas, igual aos tectos das casas indigenas (14), que tem sido construido de proposito para tal fim.

O *fum'-i-kunzi* assenta-se n'um objecto (muitas vezes cadeira europeia) mais elevado do que qualquer outro dos pretos presentes; aos seus lados tomam assento tambem os que elle chamou para ajudarem com suas luzes o julgamento e que são em geral velhos ou pessoas de consideração, *bamukurinto* (133), ainda mesmo que não sejam nobres ou auctoridades (que tem preferencia) mas nunca escravos (33). Por detraz do principe e de pé, estão criados seus, ou subditos, a quem está distribuido o papel d'officiaes de diligencias; não me pareceu haver agente do ministerio publico nem guardas do tribunal; não ha de certo escrivães, tudo se passa oralmente. Se na questão entra algum branco como parte, pôde haver então quem use da escripta, geralmente branco

ou mulato, para lavrar algum contrato, como succedeu na *fundação* do protectorado de que fallei no cap. 1.

A lingua fallada nas *fundações* (tambem chamadas *fundamentos*) é sempre e só a *fiôte* ou indigena, quer ellas sejam entre pretos, quer entre estes e brancos; ainda mesmo que alguém saiba fallar outra, não o deve fazer; se não sabe fallar *fiôte*, diz o que entende ao interprete que escolheu para seu advogado, que toma o nome de *vikála-kâno*, e este repete em lingua da terra o que lhe parece, accrescentando o que julga favoravel á causa que adoptou e omitindo o que pôde ser desfavoravel ou que é contra os costumes ou leis indigenas; ha porém a maxima liberdade de palavra fóra d'estas restricções, pôde empregar-se qualquer termo que não será tido por offensivo por mais obsceno que seja; pôde-se descer a todas as particularidades, ás descripções mais minuciosas e escabrosas das scenas mais intimas ou repugnantes, sem empregar periphrases. Haja comtudo o maximo cuidado em não usar coisa que seja ou pareça offensa ou *chingamento* (121), por causa das más consequencias que d'ahi derivariam, tudo exactamente como na *palavra* (51).

O presidente da reunião marca a ordem dos trabalhos, dá a palavra a quem ella compete, mantem o socego e respeito no tribunal; pôde acarear testemunhas e pedido dos advogados ou dos membros do jury; estes podem fazer perguntas para melhor se esclarecerem sobre o que desejam; os advogados podem interrogar quaesquer testemunhas, fallar desenvolvidamente a favor dos seus constituintes e em desabono dos contrarios, havendo até replicas e treplicas.

No seu longo discurso, cada advogado, tem o cuidado d'estender o mais possivel as conclusões a favor da causa que defende; será tanto mais habil quanto maior fôr o numero d'argumentos favoraveis que do mesmo facto puder extrahir; esses argumentos vão sendo ponderados e avaliados pelos julgadores e de cada um admittido como provado e probatorio o presidente toma nota. Esta nota é uma coisa curiosa; não ha argumento ou prova de maior ou menor valor do que outro, o que ha é o numero d'argumentos ou de provas admittidos depois d'examinados; cada uma d'essas razões será representada por um pedacito de pau que o *fum'-i-kunzi* collocará defronte de si, mas do lado do contendor a quem aproveite; d'este modo facil será, subtrahindo o numero de paus d'um lado do do outro, saber quem perdeu.

Esgotado totalmente o assumpto, adduzido tudo quanto lembrou d'ambos os lados, chega a vez ao principe de *beber agua* (167) com os seus conselheiros, é a conferencia final; cada conferencia interrompe a sessão, por ser secreta, e pôde realisar-se a proposito de cada razão apresentada se fôr discutivel a admisão d'ella como prova; pelo que percebi, a conferencia final é para ponderar, não quem venceu a questão, mas qual o castigo a arbitrar, qual a indemnisação a pagar, quaes as custas a satisfazer; reaberta a sessão, é publicada a sentença, o que se chama *dar re-*

zão, mas ella não terá execução antes do pagamento das custas (133) ou fiança.

O vencedor retira-se com os seus partidarios, amigos e parentes, que o vão acclamando; depois, toda a noite, é a victoria festejada com dansas e bebedeiras na aldeia do feliz e á custa d'elle.

O principe vigiará pelo cumprimento da sentença e obrigará aos pagamentos (133). Póde haver appellação, como na *palavra* (31), mas é muitissimo rara.

11.º — Governadores e secretarios

Até 1901 o districto do Congo foi governado pelas pessoas que constam do seguinte mappa; nos intervallos da administração pelos governadores foi esta feita pelos secretarios.

O primeiro governador nomeado foi o capitão-tenente Guilherme Augusto de Brito Capello, mas não chegou a exercer o cargo por passar a governador geral d'Angola. O primeiro secretario nomeado foi o capitão-tenente supranumerario Visconde da Silva Carvalho que ainda chegou a tomar posse, mas não a prestar serviço como tal.

Nomes	Postos	Data da posse	Data da saída de Cabinda	Observações
João Antonio de Brissac das Neves Ferreira. ...	Cap. ten. da arm.	14 Julho 1887.	17 Set. 1888...	(a)
Antonio d'Azevedo e Vasconcellos.....	Idem ¹	30 Abril 1889.	18 Jan. 1890..	(b)
Antonio Sergio de Sousa.	Cap. de mar e g. ² .	22 Março 1890.	19 Maio 1893..	(c) ²
Nuno de Freitas Queriol.	Capitão tenente ⁴ .	8 Junho 1893.	20 Março 1895.	(d)
Jayme Pereira de Sampaio Forjaz de Serpa Pimentel	Idem ³	1 Maio 1895..	1 Maio 1896..	(e)
Nuno de Freitas Queriol.	Cap. de fragata ⁶ .	10 Junho 1896.	Nov. 1896...	(f)
Joaquim da Graça Correia Lança.....	Cap. de caç. d'Af.	26 Nov. 1896...	Março 1897.	
Ernesto Augusto Gomes de Sousa.	Capitão tenente ⁷ .	5 Março 1897.	12 Set. 1897...	(k)
Luiz Bernardino Leitão Xavier.....	Idem ⁸	9 Out. 1897 ¹⁰ .	10 Nov. 1900...	⁹
Joaquim Ferreira Moutinho.....	Cap. d'inf. do reino			(g)
João Maria d'Aguiar...	Cap. d'engenharia		11	(h)
Jayme da Fonseca Monteiro.....	1.º ten. da armada			(i)
Pedro d'Azevedo Coutinho.....	Idem.....	17 Março 1901.	¹²	(j)

(a) Francisco Eugenio Pereira da Trindade, major d'infantaria do reino; primeiro secretario que effectivamente serviu no Congo. (b) O mesmo secretario. (c) O segundo individuo, que foi secretario, não teve grande permanencia; era Joaquim Francisco Carneiro, capitão de caçadores do reino. (d) Joaquim Carneiro Alcaçovas de Sousa Chichorro, tenente coronel de cavallaria do reino e terceiro secretario effectivo. (e) O mesmo Chichorro que logo falleceu, sendo substituido pelo residente de Caçongo, Luiz Gonzaga Ribeiro, capitão-tenente. (f) Domingos Eusebio da Fonseca, o primeiro individuo da classe civil que foi secretario do Congo. (g) Não tomou posse; foi nomeado por decreto de 19 de setembro de 1900 e exonerado por decreto de 19 d'outubro seguinte. (h) Não tomou posse; nomeado a 19 d'outubro de 1900 e exonerado em 30 do mesmo mez. (i) Nomeado em 30 de novembro de 1900; não tomou posse. (j) Nomeado em 22 de dezembro de 1900; exonerado em 17 d'agosto de 1901. (k) Governou interinamente o mesmo secretario interino Gonzaga Ribeiro.

¹ Nomeação, 23 de janeiro de 1889; exoneração em 5 de dezembro de 1889.

² O capitão-tenente Ernesto Augusto Gomes de Sousa, que depois governou o Congo, primeiro foi nomeado governador a 5 de dezembro de 1889 e exonerado a 13 de fevereiro de 1890 sem chegar a tomar posse.

³ Nomeação em 20 de fevereiro de 1890; exoneração em 23 de março de 1893.

⁴ Nomeação em 23 de março de 1893; transferido para o governo de Lourenço Marques em 15 de março de 1895.

⁵ Nomeado em 15 de março de 1895; exonerado em 30 d'abril de 1896.

⁶ Nomeado em 30 d'abril de 1896; exonerado em 23 de novembro de 1896.

⁷ Exonerado em 1 de julho de 1897.

⁸ Nomeado em 1 de julho de 1897; exonerado em 19 de setembro de 1900.

⁹ O lugar de secretario por nomeação regia foi extinto por decreto de 9 de novembro de 1899, passando a ser a nomeação por portaria provincial.

¹⁰ Nomeado governador interino por portaria provincial de 27 d'outubro de 1900, o 1.º tenente da armada, Augusto Pereira do Valle; tomou posse em 1 de novembro e deixou o governo em 17 de março de 1901.

¹¹ Serviu de secretario o tenente da armada, Henrique Quirino da Fonseca, que também interinamente governou.

¹² Nomeado governador interino o tenente da armada, Raul Correia de Bettencourt Furtado, em 12 de setembro de 1901.

12.ª — Occupações

Variáveis com o sexo e com a idade, não empregam tanto tempo que sejam fatigantes; o trabalho é considerado pelo preto como o maior mal. é o que elle mais cuidadosamente evita. Voluntariamente um preto faz trabalhar as suas mulheres, os seus filhos e escravos, mas, tanto elle como qualquer d'estes, só trabalha quando a isso é forçado pela necessidade d'adquirir para pagar divida, de sustentar-se, de ganhar em pouco tempo o descanso de toda a vida; só trabalha, e pouco, quando é vigiado e apertado por quem o manda; só trabalha de vontade para realizar um prazer immediato ou proximo.

Sexo masculino. — Só depois dos dez annos d'idade faz alguma cousa: começa a ser explorado pelos seus, ajudando na pesca, transportando coisas, levando recados, aprendendo algum officio dos que os homens desempenham ou contractando-se, por conta d'outrem, para serviço dos brancos. E' a idade em que trabalha mais; á medida que o numero d'annos cresce ou que circumstancias de familia lhe augmentam a representação social, diminue gostosamente o labor a que se entregava.

Depois dos 20 annos começa tomando parte em todas as questões que se dão na sua aldeia; ainda mesmo que não sejam suas ou de parentes seus, assiste de boa vontade ás *fundações*, ao tomar da *casca*, emfim a todas as ceremonias as mais diversas em que possa haver ajuntamento. Na *fundação* (10) manifesta a sua opinião apoiando o orador a que acha justiça ou como advogado; exceptua-se o caso em que seja escravo e em quanto o fôr (37), porque n'essa posição não tem voz activa para coisa alguma nem pôde manifestar opinião; tambem n'esse estado não segue em especial nenhuma das occupações a que me estou referindo, faz o que o dono lhe manda, o menos que pôde e como sabe.

Dos 15 aos 30 annos é o periodo de vida mais movimentado; fabrica as casas para si e para as suas mulheres (14), alista-se como criado dos brancos ou remador d'escaler, ou tripulante d'embarcação maior ¹, faz cargas e descargas de navios, e carregador de *tipoia* (100) e presta outros serviços aos brancos (13). entrega-se á pesca (140), construe embarcações indigenas (56) se aprendeu a isso ou ajuda, desempenha os seu deveres de filho (69) ou de chefe de familia (33), pôde ter o officio de fabricar idolos, etc., mas por caso algum, em qualquer idade, situação ou occasião, deixará de fazer trocas, de negociar (161). Se consegue chegar a auctoridade, desempenhará os deveres do seu cargo melhor ou peor, mas receberá bem os respectivos proventos (58).

¹ Vide capitulo II.

A maior parte do tempo será gasta a andar, o que nada lhes custa, parece até divertil-os por irem sabendo novidades (82), conversando, fumando, bebendo. Aproveitará todos os divertimentos que puder, dar-se-ha sobretudo ao prazer da dança (138), aos actos libidinosos e ao immoderado uso do alcool.

Depois dos 30 annos poucos são os pretos que trabalham ; consomem o tempo andando, discutindo, conversando, dando-se a todos os prazeres e á ociosidade (158) enquanto outros vão trabalhando para elles.

Sexo feminino. — Trabalha toda a vida, embora pouco cada dia e em misteres não dos mais pesados ; mesmo velha trabalhará em quanto de todo não estiver inutil, trabalhará quasi sempre para o seu *elle*, pae, amante, marido ou senhor ; é sempre um homem o dono, em qualquer das situações nomeadas em que a mulher póde pertencer-lhe. Em todas as coisas, em toda a parte, até na dança o seu papel é secundario, quasi faz só o que lhe consentem ; é resumidissima a sua iniciativa, os proventos do seu trabalho não são para ella na quasi totalidade ; mesmo quando não é escrava póde dizer-se que está escravizada ; nas solemnidades é apenas testemunha ou espectador, ninguem lhe pede ou escuta o conselho, se se atreve a dal-o e estiverem dispostos a ouvir-lh'o.

Trabalhando, mal começa a andar, como guarda ou vigia, depois em transportes de toda a casta, gosa d'alguma liberdade em quanto é prostituta (26, 27, 28), mas ainda ahi os proventos lhe são cerceados pela familia ; frequentemente nascida ou tornada escrava (37), mais dura se lhe torna a vida. A agricultura (148) está a seu cargo exclusivo, os homens consideram degradantes taes trabalhos ; o serviço caseiro e de cozinha, o angariar dos generos alimenticios, pertencem-lhe ; vergada ao peso da lenha, da agua, da mandioca, do milho, dos fructos, etc., traz como contrapezo o filho, ás vezes já bem grande. Trata dos animaes caseiros, especialmente dos patos e gallinhas, vae vendel-os e os ovos, vende os fructos que colheu, a mandioca que transformou (148), as bebidas que fabricou (152), as coisas que o homem não quiz negociar. Faz fretes constantemente, transportando o que precisa nos seus *mutetes* (156) e as vezes até os artigos de commercio do homem que vae adeante, de corpo direito, sem ajudar ou, quando muito, transportando algum objecto menor e mais leve. E' ainda das suas attribuições fazer variados artigos d'utilidade e de commercio (99, 155) e ajudar fortemente no de outros (174).

O melhor tempo da sua vida é aquelle em que é, se consegue sel-o, *empregada* d'algum branco (27) ; de resto, tambem gosa alguns divertimentos, embora modestamente, como tudo o que lhe compete (56). Mas, ainda assim, não está inactiva ; além dos deveres do seu cargo, dos seus cuidados especiaes d'aceio e garri-dice, do tempo que passa conversando, tocando, cantando, mostra o seu habito de trabalhar cosendo, fazendo crivo (175), lavando a sua roupa, vigiando a sua criada. A *empregada* do branco não

pode passar sem criada, pequena rapariga que bastante trabalha debaixo da direcção da ama, cozinhando, lavando, transportando, indo fazer compras, levando recados, limpando, arrumando, etc., todo o dia trabalha porque quem a manda sabe mandar, gosa mandando; é curioso vêr os ares d'importancia que a *empregada* se dá com a sua criada, é então que a mulher mostra bem a vontade e o apreço que liga a ter a quem dar ordens.

Competindo pois á mulher o maior numero de trabalhos, não se conclua que ella tem uma vida triste e excessivamente afadigada; não só o habito lhe faz diminuir as agruras, como a indolencia propria lhe faz não se cansar, addiando tudo quanto não é immediatamente necessario, excepto os prazeres (133), para o que está sempre disposta e que aproveita o melhor que póde; não se julga infeliz.

13.ª — Prestação de serviços aos brancos

Sendo imprescindivel o auxilio do preto, para tudo o que fôr exposto ao tempo ou mais violento, em clima tão depauperante e doentio, os brancos tem necessidade de accommodar os pretos aos seus usos e serviços; dos pretos que melhor se prestam a tudo, estou persuadido que os cabindas difficilmente serão excedidos em aptidões.

Os empregos, que mais trivialmente desempenham, são:

1.º *Cozinheiro* (134) — Começando de crianças como criados dos cozinheiros, lavando, varrendo, vigiando o lume, escamando peixe, etc., passam depois a ajudantes e em breve a substitutos nas multiplices ausencias do mestre. Este, raras vezes poderia ter o nome de cozinheiro cá na Europa, mas lá muitas vezes satisfaz porque o europeu come por necessidade, não está lá para gosar prazeres gastronomicos. Geralmente faz comida á moda de Portugal, um pouco mais condimentada, e limita-se aos pratos mais triviaes. E' elle quem recebe na despensa os generos que entende necessarios, tendo tendencia para abusar da geral ignorancia culinaria dos patrões, recebendo porções maiores do que as precisas; quasi sempre é o europeu que designa os pratos que hão de compôr a refeição, raras vezes o preto lembrará o modo de tornear uma difficuldade.

O trabalho é quasi sempre em fomalhas d'alvenaria e com lume de lenha. Muitos cozinheiros são tambem padeiros, coisa quasi sempre muito precisa, e mesmo indispensavel na maioria dos casos, por estarem distantes das povoações dos brancos; sabem fazer o fermento, amassar e fornear; o pão é fabricado cada dia, com bella farinha de trigo, d'origem europeia, á venda em barricas.

2.º *Lavadeiro* (135) — Lavar, correr a ferro e até engommar, são os serviços proprios do preto que toma tal qualificativo. Como sempre, começa a aprendizagem de criança, transportando e

vendo fazer; depois ajuda e por fim trabalha por conta propria; ha bastantes que se desempenham satisfactoriamente das suas obrigações. Repetidas vezes ajuda ao serviço da meza por interesse proprio, e compartilha dos sobejos.

A resumida ferramenta, celha, taboa, sabão, gomma e ferro a vapor, pertence ao patrão; a agua é carregada pelo preto, o ferro é aquecido com as brazas tiradas das fornalhas da cozinha; enxuga-se a roupa estendida nas hervas, transporta-se prompta sobre a taboa de lavar, faz-se a barrella (quando se faz) com a cinza do fogão. Tambem sabem corar a roupa e é curioso o modo de tirar as nodoas de vinho: molhada a peça e ensaboada, vae a corar tendo a nodoa coberta, do lado do sol, pela pasta obtida humedecendo e esmagando o excremento de cabra; não é conhecido nem apparece á venda o *claréte* das nossas lavadeiras, e a roupa fica branca, limpa e em bom estado. A' segunda feira o lavadeiro recebe a roupa á vista de rol e fica responsavel por ella até a entregar prompta na sexta feira ou no sabbado.

3.º *Criado* (88) — De portas a dentro e no serviço exterior ligeiro, é o que costuma chamar-se *moleque*. Começam muito cedo, ás vezes aos 8 annos, mas quando prestam melhor serviço é dos 10 aos 15; desempenham regularmente tudo que entre nós é uso ser feito pelas criadas; servem á mesa, são os emissarios mais geralmente empregados para os recados, limpam e arrumam as casas, o fato, o calçado, até pregam botões e extraem o *pulex penetrans* (179). Acompanham o branco de noite para transportarem a lanterna com que se allumia a vereda, seguem-n'o de dia porque são necessarios todas as vezes que o europeu se póde furtar á acção do sol incumbindo-lhes o que pretende fazer; mesmo que o patrão viaje, leva-o comsigo para lhe aproveitar os serviços; vigia pela bagagem e serve muitas vezes d'interprete. Se o caminho se faz de *tipoia* (100), levando arma, é o *moleque* que a transporta, correndo logo atraz dos carregadores, declamando ás auctoridades indigenas o nome e qualidades do viajante; ás vezes é o representante do europeu, ou o seu procurador, nas relações com os indigenas, é um companheiro, um indispensavel, um *alter ego*.

Quando não tem entrada em casa, emprega-se em serviços pesados e toma o nome de *servente*; conforme o seu serviço principal assim toma outras designações:

4.º *Carregador* (88) — E' geralmente um servente que saiba fazer o serviço de *tipoia* (100); poucas vezes ha pretos só para carregadores permanentes; succede porém alugar-se pessoal para, eventualmente, ser empregado por essa fórma.

5.º *Marinheiro* — E' para que mais facilmente se encontram cabindas adultos, é o que com mais satisfação desempenham. A quasi totalidade dos botes e escaleres nas provincias d'Angola e S. Thomé são tripulados por cabindas; os nossos navios de guerra raro empregam como auxiliares outros pretos quando se acham em estação n'essas provincias; são geralmente remadores aturando

Trabalho seguido muitas horas ¹. Nos paquetes portuguezes embarcam em Cabinda e fazem toda a viagem ao sul, desembarcando á volta no mesmo porto ou em S. Thomé; ajudam ás cargas e descargas, ás mudanças de carvão e tripulam as embarcações miudas (48).

Ha lanchas, palhabotes e outros barcos d'Europeus, cuja tripulação é sómente de cabindas, que fazem a navegação costeira e dos rios Zaire e Quanza; tripulam tambem grandes palhabotes e cahiques, apenas com mestre branco. Trabalham com machinas dos escaleres a vapor e servem de chegadores e fogueiros em navios.

6.º *Ferreiro* — Com quanto alguns aprendam, com facilidade, nunca chegam a ser perfeitos e deixam de servir os brancos para irem para as suas terras fazer enxadas, concertar dobradiças, fechaduras, etc.

7.º *Funileiro* — Succede o mesmo, mas aperfeiçoam-se mais, por este officio lhes despertar o gosto, por ser serviço mais leve e limpo.

8.º *Pedreiro* — Poucos aprendem, creio que por lhe não verem applicação immediata, pois que só nas cidades do sul da provincia encontrariam trabalho aturado; para o norte do Ambriz pouco poderiam ganhar, nas suas aldeias de nada lhes serviria.

9.º *Alfaiate* — Ha bastantes, é o officio preferido depois do de marinheiro; encontram facilmente trabalho e serve-lhes de muito nos povos, pois que fazem quasi todos os fatos á europeia que gostam d'usar. E' até para que teem mais tendencia e que está perfeitamente nos seus costumes, visto que os trabalhos de costura são mais proprios do sexo masculino. Alguns teem adquirido machinas, de que se servem razoavelmente. O corte é geralmente feito só por outra peça de vestuario, mas um ou outro faz fato por medida. São tambem estes pretos que nos fazem a maior parte da roupa branca.

10.º *Servente propriamente dito* — E' o preto ao serviço do europeu que não tem attribuições especiaes, geralmente por falta de capacidade ou applicação; desempenha os grosseiros serviços braçaes, transporte de pesos, vigias, rondas nocturnas, apascenta as poucas cabeças de gado, faz limpezas de terrenos tirando as hervas (148), abre caminhos, faz desaterros, arranca pedra, etc.

11.º *Linguester* — Personalidade importante e respeitada. — Vide o capitulo *Commercio*.

A mulher quasi que só é utilizada pelo europeu como concubina

¹ N'uma viagem que fiz em escaler, em 1884, de Benguella ao Lobito e vice-versa (34 milhas) em 26 horas, a pesada balieira era tripulada por oito cabindas que tiveram apenas duas horas de repouso e as restantes remaram, sendo só um terço do tempo auxiliados pela véla e tendo, durante toda a volta, corrente contraria d'umas trez milhas.

(23), em *capinações* (148) ou amanhos de terras e alguns transportes.

14.ª — Habitação indígena

Escolhido o local onde construir, obtem-se do dono do chão a respectiva licença a troco de qualquer pequena dadiwa.

A orientação não é coisa para grande cogitar, mas geralmente a porta ficará para o lado opposto ao caminho principal, se é proximo. Derrubam-se as hervas altas e os arbustos, n'um irregular espaço de duas ou tres grandezas da que se projecta dar á habitação, que se colloca geralmente proximo da d'alguem parente do homem ou da mulher. Do caminho geral até ao espaço livre em volta da casa, limpa-se e affeição-se o terreno a formar vereda d'accessão. Então prepara-se o chão tornando-o tres a quatro decimetros mais elevado do que o adjacente, molhando-o e batendo-o para que fique duro; cravam-se as estacas que hão de supportar o pau de fileira e as a que se hão de ligar as paredes e a porta, cujas medidas são conhecidas por estar já tudo preparado com antecedencia; é só armar.

As paredes (*báka*) são feitas de papyrus que se colheu á borda de qualquer rio e se fez seccar; essas hastes vegetaes finas, collocadas verticalmente a par, são cosidas aos grupos de duas ou trez a travessas horizontaes (*bânza*), que resultam do bordão (*ne-bângá*) que foi rachado, aproveitando-se as tiras formadas pela parte externa, ou casca, tendo adherente pequena porção da interna, ficando cada travessa com vinte a trinta millimetros de largo, o cumprimento da parede, e sendo collocada com a casca para fóra; essas travessas são postas, frente a frente, d'um e outro lado das hastes que a ellas se amarram por delgados cipós verdes, apertando os grupos de hastes entre as travessas; o cipó passa aavez a haste por orificios feitos com um pau aguçado e delgado que serve de furador; o cipó passa uma ou duas vezes por cada furo antes de dar o nó, e continua-se para o furo seguinte, distante quatro a oito centimetros, tomando sempre a mesma direcção, de fôrma a ficar regular a costura, constituindo esta um enfeite d'um e outro lado da parede. Essas travessas são parallelas entre si e a distancias variaveis umas das outras; na parte inferior da parede, a um decimetro do extremo d'ella, está a primeira, com a qual formam grupo mais trez ou quatro deixando entre si intervallos de dois a trez centimetros; outras vezes grupos de duas ou trez são affastados entre si por dez a quinze centimetros preenchendo a parede até cincoenta ou sessenta centimetros do chão. No ponto mais alto da parede ha um grupo semelhante, mas com menos uma ou duas travessas, ficando a ultima só a dois ou trez centimetros da extremidade superior. As travessas do resto da parede distam entre si trez ou quatro decimetros, são geralmente aos pares, mas podem formar outro grupo de trez

ou quatro a metade da altura parietal. Feita a parede do comprimento desejado e tocando todas as hastes no chão, marca-se a altura que se lhe quer dar e cortam-se as hastes pela parte superior paralellamente ao plano do solo; obtem-se uma parede lateral, geralmente de 1^m,40 d'alto. Se se quer a parede da frente ou de traz, deixam-se as hastes successivamente maiores dos lados para o meio, resultando um angulo bastante agudo de vertice superior, geralmente dois metros distante do chão, para poder tapar a casa até á cobertura que é sempre de duas aguas; n'estas paredes, acima do ultimo grupo de travessas horyzontaes, cosem de novo travessas obliquas ás primeiras mas paralellas aos lados do angulo, formando de cada lado um grupo de trez ou quatro equidistantes entre si, mas sendo os dois grupos semelhantes um ao outro. As quatro paredes ficam eguaes duas a duas; as travessas, destinadas a ligar as hastes de papyrus, reforçam a construcção, e são em maior numero onde ella precisa ser mais reforçada.

Muitas vezes a parede é mais grossa porque é formada de dois planos paralellos, collocando-se cada haste d'um plano sobre a junção de cada duas do outro plano; d'este modo nem o vento nem a luz entram atravez as paredes.

Cada casa tem quatro paredes; duas rectangulares formam os lados, e duas angulares mais curtas, mas mais altas, que são a da frente e a de traz.

A porta é unica, sempre feita n'uma das paredes mais curtas; chega em baixo só até á altura da mais superior travessa do grupo inferior, não até ao chão, e tem pouco mais d'um metro d'altura, não dando passagem a um homem senão curvando-se elle muito; a largura é tanta quanta seja necessaria apenas para dar passagem ao morador. Faz-se, depois de feita a parede, cortando as hastes pelas dimensões desejadas e collocando no contorno um grupo de duas ou trez travessas, como no resto da construcção. Uma vez serve de porta a parte que se cortou da parede, depois de reforçado o contorno por grupos de duas travessas; n'este caso a porta ou é de tirar e pôr, ou se liga por anneis de cipó, dois ou trez, e serve de fecho um bocado de cipó que se ata por dentro. Geralmente porém preferem porta de madeira leve, feita quasi sempre da tampa d'um caixote europeu que foi com mercadorias, sendo então um pouco mais alta do que quando é de papyrus; com madeira fazem tambem um aro na parede para a porta, collocam machos femeas ou lemes e cachimbos, fecham com trambelho e até algumas vezes com fechadura.

Quanto a janellas, uma ou outra vez as ha nas paredes lateraes, raras na posterior; geralmente ha só uma de cada lado, ou só uma d'um só lado. Quasi sempre porém as janellas são no telhado e depois as descreverei a proposito d'este. A abertura das janellas lateraes é sempre quadrada, d'uns quatro decimetros de lado; se é lateral, o peitoril fica um pouco abaixo dos hombros do habitante, de fôrma que pouco inferior fique ao plano do beiral da cobertura, para que a chuva tocada por forte ventania (caso muito vulgar) não vá entrar pela janella. Quando esta é no tecto fecha-se

logo que chove e tem disposição especial que, como veremos, não deixa entrar a agua.

O tecto, de duas aguas, póde fechar á maneira de dobradiça em torno d'um grosso bordão que fórma, ou que assenta sobre outro que fórma o pau de fileira. Cada agua faz-se por sua vez dispondo parallelamente, afastados entre si quatro a seis decímetros. pedaços de bordão de trez a quatro centímetros de diametro e do comprimento que a agua deverá ter de largura, que será a necessaria para vir do pau de fileira até á parede lateral, exactamente pela linha obliqua superior das paredes menores, e excedel-a coisa de meio metro; esses pedaços ligam-se uns aos outros por travessas parallelas de bordão, como as descriptas para as paredes, mas um pouco mais estreitas, amarradas com duplas voltas de cipó, separadas por intervallos de trez a cinco centímetros, e do comprimento da agua que tambem excede as paredes curtas; do lado opposto á porta este excesso é de um meio metro e do lado d'ella é da mesma dimensão quando a casa é pouco importante, mas nos outros casos é de dois ou trez e mesmo quatro metros; succede isto quando se dá uma disposição especial, o *forrado* (93), especie de vestibulo da habitação. A estas travessas, por fóra d'ellas, costumam ligar outras, tambem parallelas entre si e equidistantes de dois a trez decímetros, mas perpendiculares ás antecedentes, de modo a formar, como esqueleto do tecto, uma especie de rede de malhas rectangulares; é a esta rede, e com cipó delgado, que se prendem o que os europeus costumam chamar *palhas*, dispondo-as de baixo para cima, em linhas parallelas e proximas, prendendo-as ás travessas longitudinaes do tecto, e ficando embricadas de cima para baixo, de fórma que ao longo d'ellas escorra a agua da chuva, como succede nos nossos telhados.

Cada palha é fabricada em separado; colhidas, ainda verdes, as folhas de bordão, dobram-se sobre si, quasi a meio do comprimento, em volta d'uma estreita *banza*, de um metro pouco mais ou menos de comprido, e fixa-se cada uma n'essa posição por meio d'um fino bocadinho de *banza* que uma á outra prende as metades da folha, á maneira dos nossos alfinetes, em pontos proximos da *banza*; esta é coberta assim em todo o comprimento por folhas, muito juntas umas ás outras pelos bordos, e de modo que os extremos mais largos fiquem todos collocados inferiormente aos outros que são adelgaçados em ponta; é esta face da *palha* que será collocada inferiormente, ficando as pontas do lado externo do tecto e expostos ao exterior, ao passo que os restantes quatro quintos de cada folha são cobertos pela folha immediatamente superior que sobre ella se embrica.

A's vezes, d'espaco a espaco, uma nova *banza* é amarrada no sentido do comprimento do tecto, por cima d'umas folhas e por baixo d'outras, de modo a sujeital-as, para não se levantarem com a ventania; ainda algumas vezes sobre o tecto, descendo do pau de fileira, e para obterem o mesmo resultado, põem tambem algumas pedras ou melhor paus ligados dois a dois em cima, sobre

o pau de fileira, os extremos dos d'um lado aos extremos dos do outro lado.

As janellas no tecto são praticadas a altura tal que de dentro qualquer pessoa chegue facilmente com a mão a abril-as empurrando-as para fóra, pois giram em charneira em torno d'um delgado bordão que fórma a parte superior da tampa de cada janella, e que, coberto pelas camadas de palha que se embricam por cima, é amarrado inferiormente a uma das *banças* longitudinaes do esqueleto; essas tampas são rectangulares, d'uns 50×30 centímetros, de lados maiores parallellos ao pau de fileira, e formadas pelo mesmo processo e com os mesmos materiaes que o resto da agua do tecto, apenas de dimensões mais reduzidas; levantadas para entrada da luz, sahida do fumo, etc., são mantidas n'essa posição por qualquer pedaço de madeira, tendo um extremo contra uma das *banças* da tampa e outro contra a grade geral, descripta na agua do telhado, que é conservada para servir de supporte á tampa; quando a janella está fechada é mantida assim por um trambelho interior de madeira.

Feita no terreno a especie de estrado endurecido onde ha de assentar a cabana, e reunido o material de que ella consta, fazem-se no chão orificios verticaes de um meio metro de profundidade e n'elles se enterram e apertam as estacas para se armar a casa; quando o dono é dos mais cuidadosos, as paredes não assentam directamente no solo, mas sobre restos de garrafas ou frascos para tornar impossivel a subida da formiga branca (98). A's estacas, distantes um metro proximamente umas das outras, mas sempre as dos extremos de cada fila a um ou dois decímetros do angulo formado pelas paredes entre si, ligam-se estas fortemente, ficando as estacas pelo lado exterior da habitação geralmente. Cada uma d'estas ligações é feita por duas ou tres voltas de grosso cipó, verde ainda, que por fóra abraça a estaca e por dentro as mais fortes *banças* ou grupos de *banças* das paredes; a cada estaca prende-se a parede em baixo e em cima, e ás vezes ainda pelo meio.

As estacas terminam superiormente em forquilha, todas ou pelo menos as dos angulos da habitação e as tres maiores; estas servem para assentar a fileira e são collocadas, uma a meio da parede posterior que a ella se fixa, outra dentro de casa ¹, e a terceira na parede que tem a porta, que por esse facto ficará collocada lateralmente; ás vezes, porém, e para que a porta seja a meio da face d'entrada, a terceira estaca maior é substituida por duas aos lados dos batentes da porta, ligadas em cima nos topos por pau horisontal, sobre o qual se apoia, ao meio, um pequeno pau vertical em forquilha onde descança então a fileira.

Sobre as forquilhas das paredes mais compridas, assentará um

¹ A's vezes falta esta estaca, sendo preciso reforçar a fileira ou dando-se em pouco tempo a deformação e mesmo desabamento do tecto.

bordão ou pau sobre que vem descansar e amarrar a agua do telhado pelos bordões mais grossos que lhe formam o esqueleto; o pau da fileira é tambem fixo ás forquilhas terminaes das estacas maiores; entre a parte superior das paredes lateraes e o tecto fica pequena abertura que contribue para o arejamento.

Descrevi a casa mais trivial que é tambem a mais pequena, tem geralmente uns 2 $\frac{1}{2}$ metros de largo por 3 a 3 $\frac{1}{2}$ da porta ao fundo. Ha-as, porém, de varias dimensões, conforme os haveres de cada um e principalmente conforme a hierarchia do dono. Se tem grandes dimensões é tambem maior a altura, resultando sempre uma proporcionalidade e um aspecto agradaveis; chega a haver casa indigena com 4 metros de largura por 5 a 8 de fundo e 3 ou 3 $\frac{1}{2}$ da cumieira ao pavimento, mas são raras e n'esse caso sempre acompanhadas de vestibulo e com lareira á parte (98).

15.º — Namoro

Nem sempre o casamento é precedido de cõrte feita pelo homem á mulher, e abaixo veremos quando isso acontece (100); na generalidade dos casos, porém, o homem lança as suas vistas (algumas vezes é a mulher), preparando-se para tal acontecimento.

No começo, quando o homem vê mulher que lhe agrada, ao dirigir-lhe a saudação (101), fal-o mais effusivamente, inventa pretextos para a demorar, tem ademanes, requebros e olhares mais indicativos que o homem civilisado, semelhantes aos de qualquer animal macho ao approximar-se da femea que lhe appetece. E' claro que a mulher, que a natureza dotou com a perspicacia necessaria para adivinhar logo as intenções do homem, seja ella ou não civilisada, percebe-o immediatamente e, pela sua attitudo e proceder, denuncia se acceita ou não ceder ao que d'ella pretendem. Aqui a mulher tem a responsabilidade de tudo o que possa vir a succeder; não importa saber se o homem é já casado (102), mas importa o estado d'ella; se é casada, ou não acceita a cõrte, como deve, ou acceita-a e d'ahi virá o adulterio, realisado ou não, e suas consequencias (103). Se a mulher acceita, a cada encontro as relações se estreitam e, em certa altura, encontrando-se os dois a sós, sae a declaração *ex-abrupto*, poucas palavras, mas muito do que vulgarmente se chama brincadeiras de mãos.

Suppondo que a mulher é solteira, varia depois a marcha da conquista, conforme é virgem ou não; no primeiro caso, nem por isso é mais desejada, pôde até sel-o menos, porque esse predicado dá origem a despezas (104); no segundo a mulher pôde dispôr de si livremente, e em geral dispõe combinando n'esse momento as coisas com o homem que a requesta.

D'ahi pôdem resultar: 1.º relações sexuaes accidentaes, mais ou menos effectivas, mesmo alternando as d'esse homem com as de outro, por prazer, por modo de vida, por conveniencia, etc.; 2.º mancebia effectiva, a vida em commum sem haver casamento de

qualquer especie; 3.º promessa de casamento, simples inicio de combinação para esse effeito.

Se a mulher é virgem, o que pouco succede quando a idade não é muito tenra e que geralmente facil é conhecer (116), visto que a ella agrada tal homem, indica a este os seus parentes, habitação, etc. para facilitar o andamento, e afiasta se, tendo o homem que proceder de combinação com a familia d'ella (114). Dá-se muito raras vezes o caso de a mulher ser virgem apesar de ter passado já pela *casa das tintas* (115); n'esse caso ella é senhora das suas acções, pôde entregar-se como se não fôra virgem para deixar de o ser, mas o homem tem de indemnisar a familia das depezas occasionadas por aquella passagem e só depois tem logar uma das tres hypotheses acima ditas.

O namoro, até mesmo a mancebia, pôde acabar por mutuo accordo e sem outras consequencias, quer as relações, mesmo as mais intimas, sejam do conhecimento de poucas ou de muitas pessoas; o pae da mulher, ou quem o represente, finge sempre que ignora taes relações, mesmo que acceite os serviços e presentes do namorado, mesmo que presencie as deferencias d'elle para com a filha; fará como se ignorasse tudo até ao momento em que lhe fazem o pedido d'ella.

Quando, porém, o pae percebe o namoro e deseja contrariar-o, (coisa que raras vezes acontece e só se dá por odio de familia ou pessimas qualidades do namorado) emprega meios indirectos, sem nunca alludir ao que percebeu; o mais trivial dos meios é mandar a filha para casa de parentes distantes, ou procurar processo de fazer sair o namorado da localidade; não raras vezes, comtudo, dá-a em casamento a outro homem que a requeira ou que lh'a peça, mas precedendo sempre o consentimento d'ella, embora esse consentimento seja arrancado por ameaças ou meios violentos.

16.º — Casamento

Quasi sempre é o *terminus* de mancebia ou, pelo menos, de relações sexuaes aturadas a modo d'experiencias de genios, de estudo de qualidades, para se perceber se a ligação legal é susceptivel ou não de longa duração. Alguma vez, embora rara, dá-se com a mulher pubere e virgem (115), com quanto repetidas vezes se dê com o homem que intencionalmente procedeu para esse fim, mas profanando-a primeiro (116).

Só nas classes elevadas, e geralmente quando o conjuge masculino é que é príncipe ou nobre e o feminino não, é que succede casarem crianças, e até ás vezes ajustar-se entre familias o casamento de fructos ainda no ventre materno. Muitas vezes, porém, succede dar-se o casamento d'adultos com crianças de sexo feminino, e algumas o de velhos com crianças ou mulheres pobres; são casamentos de pura conveniencia para segurar a posse de bens ou de honrarias ou cargos, para se contrahir alliança vanta-



josa, para se adquirir mais uma mulher enquanto ha forças para trabalhar ganhando o necessario para a obter (19), especie de capitalisação para fundo de reserva.

O caso mais trivial é o d'alliança de rapaz já circumcidado com rapariga pubere, não ainda adultos, mas de mais de 15 annos, pelo menos elle.

E' sempre ao homem que compete abordar o assumpto, fazendo á mulher uma resenha dos amores e das scenas intimas passadas entre os dois, citando as provas d'affecto que tem dado e d'ella recebido, discurso que termina pelo *abrir a bocca* (119) da rapariga, apresentando-lhe uns presentes e uma garrafa de aguardente rolhada, um copo e um saca-rolhas. Geralmente esses presentes são dois ou mais (até dez) *cortados* estreitos (25), dois pannos largos para *vestidura* (173), cordão para a cintura, lenço branco de qualquer qualidade e uma *rolha* de coral (n'este lenço a mulher amarra tudo, quando acceta a proposta); se o noivo quer mostrar-se rico, dá tambem dois brincos e uma pulsiera.

Então a rapariga, se está resolvida a casar (o que já tem sido maduramente pensado por ella por ser resolução de grande importancia para o seu futuro), desrolha a garrafa, enche o copo, bebe parte da aguardente, dá o resto ao homem (que o bebe todo) e guarda a garrafa tornando a fechá-la. Está assim dado o seu consentimento e o casamento assente em principio. N'essa occasião, se é dia, ou na manhã seguinte muito cedo, entrouxados os presentes e as coisas que calcula lhe serão mais precisas, pega na mesma garrafa e abandona o noivo (seja ou não sua amante) dirigindo-se ao local onde habitam os parentes mais proximos, a quem vai pedir auctorisação, procedendo por graduações a começar pelo pae ou seu substituto (118), depois pelos parentes d'este ramo, passando em seguida á mãe e aos parentes por esta linha.

Com cada um dos parentes a cerimonia é igual: participando o que acaba de passar com o homem, declarando quem é elle, sua familia e aldeia a que pertence, faz notar que a garrafa não está cheia, que o mesmo é que dizer que por sua parte annuiu; o parente se é mulher, habituada só a obedecer, concorda, se é homem pôde arriscar se a alguma observação, mas não insistira; só o pae ou mãe poderiam servir d'obstaculo, mas, alem de que já sabem lia muito de que se trata, e ou não quizeram impedir ou não o poderam fazer, poderiam dar occasião, oppondo se, a qualquer questão tentada pelo noivo, á desobediencia da filha ou a acontecimento peor; geralmente concordam tambem. O consentimento de todos é tanto mais provavel quanto está ali a tentadora aguardente e esta cerimonia lhes indica que serão contemplados com alguns presentes. O modo de mostrar a acquiescencia é beber um gole d'aguardente da contida na garrafa apresentada pela rapariga.

Todo o parente consultado é depois presenteado pelo noivo, presentes (109) tanto maiores quanto mais proximo é o grau do parentesco; estes pagamentos vão sendo feitos pouco a pouco, e, sem todos estarem satisfeitos, não deve ter logar o casamento;

adiante veremos que nem sempre tal succede, o que faz variar as consequencias do casamento; receber presente, chama-se *comer fazenda* (130).

A noiva fica residindo, d'então para o futuro, com o pae ou a mãe até ao dia do casamento; nunca mais se junta ao noivo senão defronte de testemunhas, mesmo no caso de com elle ter vivido amancebada por muito tempo; participa-lhe ter o consentimento da familia e enumera-lhe as pessoas consultadas. D'aqui por diante o vestuario e alimento da rapariga ficam á conta do noivo que por varios modos ajuda o pae d'ella em tudo quanto lhe fôr possível.

Se o noivo tem já as fazendas e artigos necessarios para os presentes aos parentes, entrega-os; assim abrevia o casamento; geralmente, porem, só depois vae ganhar com que pagar todos estes tributos e as despesas da cerimonia. A obrigação de dar tantos presentes faz talvez com que ás vezes digam como synonymos casar e comprar mulher, e este facto contribue decerto para o marido tratar a mulher casada não como noiva ou amante, mas quasi como uma escrava; esta mudança de situação, as obrigações, a falta de regalias que d'ella derivam, motivam bastante-mente o demorado pensar das raparigas no casamento e a experiencia que, á custa de relações sexuaes ou mancebia mais ou menos prolongada, ellas adquirem das qualidades do homem a que irão pertencer.

E' por causa d'este estudo que, quando o noivo lhe *abre a bocca*, a rapariga pôde não se decidir logo a provar da garrafa, sem que tal seja considerado como recusa, pois a dar-se esta, ou a mulher abandonaria o namorado ou francamente lhe diria que, servindo-lhe para amante, não lhe serviria para marido, ou que ainda não quer casar, etc., os mil expedientes em que os pretos são ferteis (quanto mais as pretas) para addiarem qualquer acto.

Pôde o casamento não se realisar mesmo depois de chegadas as coisas a esta altura; se a culpa é do noivo, elle perderá tudo quanto deu á noiva, e aos parentes; se é da noiva todos os que receberam teem que restituir tudo em numero e qualidade eguaes.

Participados os factos pelo noivo ás auctoridades das terras d'elle e d'ella (é ainda *abrir a bocca* dando presentes), construida a nova casa, pagos todos os parentes d'ella, reunidos os bens necessarios para as despesas do casamento, dadas pequenas lembranças aos parentes d'elle mais proximos, combinam os dois o dia e procede-se á complicada cerimonia. São avisados de vespera todos os parentes e pessoas d'amisade dos dois para comparecerem á festa.

Note-se que venho sempre descrevendo o casamento regularissimo, com todas as praxes; só depois fallarei dos abreviados, cujas consequencias são bem differentes.

Pernoitam juntos uma noite, a da vespera da festa; de manhã o rapaz, com qualquer desculpa, sae da cabana e em seu lugar entram homens e mulheres, com que esta manobra estava anteriormente combinada, fazendo grande algazarra e dizendo para

ella que se até ali era prostituta, desde essa ocasião está casada¹; a multidão dá tiros de pólvora secca com as espingardas e algum mais rico com velha peça (123); em qualquer parte se içam bandeiras as mais extravagantes (124) e logo se improvisam dansas, regosijo que dura dia e noite por tanto tempo quanto as posses do noivo o permitem, pois é elle quem paga todas as despesas que são especialmente fortes na quantidade d'aguardente e licores que os convivas, cada vez mais numerosos, vão repetidas vezes engorgitando. Altas horas da noite, ás vezes já de manhã, é que se dá treguas á dansa, para continuar pela tarde, em quanto de dia se descança um pouco.

Desde que a multidão toma conta da noiva, algumas mulheres vigiam-na constantemente, não a deixando comer senão já de noite e em casa do pae ou da mãe; tambem durante todo esse dia a rapariga deve não fallar.

O noivo manda a casa dos sogros uma *embaixada* (125), levando dois *cortados* e uma garrafa d'aguardente, a participar que casou. A primeira noite de nupcias, passam-na os esposos separados e de manhã reúnem-se em casa do noivo, onde são visitados e felicitados pelos amigos e parentes, o que julgo ser apenas pretexto para a continuação da festa, que recomeça pela tarde. E' n'essa manhã, em que a mulher deixa para sempre a casa paterna, que ella tem pela primeira vez de fazer a comida ao marido, que lhe entrega o que pretende cosinhado e que trivialmente é feijão e gallinha ou peixe; elle dá-lhe, com motivo de tal serviço, dois *cortados* estreitos, dois largos de *vestidura*, um cordão para a cintura e uma garrafa d'aguardente; chama-se a isto *pegar fogo* (*simba-bázo*)¹.

Logo nos primeiros dias de casados, e feita já a casa do idolo ou *feitiço Lémba* (125), o homem e a mulher procedem ahi a ceremonias com o fim de se manter a amisade conjugal e não haver esterilidade. Quando ha filho ou filhos do casamento, e que é necessario proceder á separação dos conjuges, as multas e castigos do culpado, são muito maiores do que não os havendo, ou não se tendo feito estas ceremonias; se é a mulher que quer o divorcio e ha filhos, o marido que tenha procedido legalmente, recebe de todos os parentes, presenteados por ocasião do casamento, o dobro do que lhes deu, e tem direito a ficar com os filhos.

A mulher casada deve não ver outro homem nu, nem ouvir palavras obscenas ou qualquer coisa a respeito do seu marido, sem que a este conte tudo, para não ficar sujeita aos castigos por causa do *feitiço Lémba*. Outras coisas são defezas á mulher casada, que,

¹ Parece que estes factos tem por fim recordar alguma tradição; lembrome se será d'um modo attenuado, o que se descreve ácerca dos costumes dos povos de Lunda, que são tambem *bantú*, mas onde a tradição se conservaria mais viva; tambem se parece a coroação do rei cá e lá.

¹ Antes d'ella offerecer o que cosinhou, receberá para sua primeira refeição o que o marido cosinhou, o *chincóndo* (94).

por o ser, fica em um grau d'inferioridade em relação ás que não casaram (110).

Apesar de todas as precauções, inclusivamente a protecção dos idolos, para que o casamento seja feliz, succede ás vezes haver questões, desavenças, e mesmo pancadas do homem na mulher, o que parece ser permittido ou pelo menos tolerado; é todavia completamente prohibido o *chingamento* (121), e, se chega ao maximo de *venda guliáko*, é indispensavel o divorcio (21).

17.ª — Uniãoes irregulares

Podem deixar de se dar algumas das ceremonias, e sobretudo dos presentes, de que tenho fallado, e d'ahi derivam consequencias differentes para o futuro dos casados.

Ha comtudo um caso em que, apezar de não ter havido a distribuição dos presentes, o casamento é tão valido como o acima descripto; isso acontece quando é a propria familia da mulher que dispensa os presentes e que promove e auxilia o casamento, caso que se dá quando o homem é pobre e não tem meio facil d'adquirir o necessario para todas as despezas, mas, tendo vivido ha tempo com a mulher e mostrando ter as qualidades precisas para ella querer casar com elle, ha já d'essa união um ou mais filhos. N'estas condições e ponderadas as razões perante testemunhas, faz-se o casamento, que fica tão valido como o regular para o que diz respeito ás responsabilidades das familias para com os consortes respectivos.

Das relações sexuaes accidentaes, póde um casal passar á vida de mancebia, procedindo ambos como se fossem casados e inculcando-se como taes ás outras pessoas. Esta junção é uma união irregular, obriga só as duas pessoas uma para com a outra; mas, se, durante a vida em commum, por qualquer motivo, surge desavença ou complicação, mesmo com estranhos, não póde o amante apresentar os direitos de marido em qualquer questão ou julgamento, as familias d'um e d'outro nada teem com os acontecimentos futuros, cujas consequencias totalmente pesarão sobre os dois e só sobre elles.

Succede ás vezes que tendo-se procedido em tudo como no casamento regular, sómente se deixou *d'abrir a bocca* á mulher, ou que, tendo-se feito isso, não se lhe deu os outros presentes na qualidade, quantidade ou occasião proprias. Acontece então geralmente que a mulher não faz notar a falta senão a duas ou tres pessoas mais intimas e tudo fica em socego até que alguma vez, querendo a mulher por qualquer razão livrar-se do homem, propõe uma questão de nullidade do casamento para obter o divorcio (21), apresentando como razão aquella falta e justificando-a com as testemunhas. Por esta fórma o homem perde tudo o que tinha dado e gasto, fica sem a mulher e póde até ser obrigado a pagar a esta, como indemnisação, o que a ella caberia receber se

durante todo aquelle tempo vivesse com elle como *empregada*, o que vou descrever. Se n'esse caso a mulher em vez de tentar uma questão, se limita a abandonar o homem, este nada pagará e poderá mesmo receber o que lhe deu de presentes e *d'abrir a bocca* na occasião do casamento e, quando muito, algumas das fazendas que lhe deu para se vestir.

Empregada é o termo portuguez usado pelos cabindas para designar o estado da mulher solteira unida a um homem (preto ou branco) por mancebia, não a mancebia por amor ou amizade, mas por simples conveniencia, como uma fórma de ganhar a subsistencia e outros proventos; só se da depois de a rapariga ser posta, pela familia ou por uma outra das circumstancias apontadas, na posição de prostituta (26, 27). Se a mulher é *empregada* de branco, o caso é muito differente (27) do que sendo-o de preto.

N'esta segunda hypothese tambem tem a sua *mukânda* (43) e respectivas consequencias, mas cosinha para o homem e vive uma vida semelhante á da mulher casada, embora sem as responsabilidades nem vantagens d'esta. A separação dos dois faz-se recebendo a mulher a soldada a que tiver direito, pelo ajuste da *mukânda* em referencia ao tempo por que prestou os seus serviços.

N'esta união ha tambem a protecção do *Zâmbe* (129) e, dado o caso de a mulher ter relações com outro homem, fica tambem sujeita ao idolo (embora a pena seja menor), perde, porém, o direito a todo o pagamento que esteja para receber como saldo da sua *mukânda*.

Ha outra união irregular que parece ser um caso especial da antecedente e que é designada pela expressão *empregada chefe*; a differença é que a mulher conserva a liberdade de se dar, quando lhe appetece, a outro homem; n'este caso não está sujeita ao *Zâmbe*.

Mas, póde a mulher passar d'*empregada* a casada com o mesmo homem; então este pagará primeiro o valor designado na *mukânda* e depois tratará do casamento. Para isto a mulher leva consigo tudo quanto recebeu n'essa occasião (quer tecidos, quer aguardente ou outros objectos) e apresenta tudo á sua familia, entregando á pessoa que está encarregada d'ella, pae ou substituto; essa pessoa manda chamar os parentes com quem reparte os bens trazidos pela rapariga, informando-os da proveniencia, mas que ella quer casar com tal homem. O proceder subsequente até ao casamento é semelhante ao descripto (10), mas ha liberdade de relações entre os dois amantes e póde até haver vida em common desde que o homem mande chamar a mulher a casa do encarregado, entregando a este um ou dois *cortados* de fazenda boa e uma garrafa d'aguardente.

18.º — Promessa de casamento

Vimos que o homem *abre a bôcca* á rapariga (18) propondo-lhe casamento; pois dado o caso que ella acceite, ainda o casamento pôde não se realizar ou casar com outro. Estes casos têm quasi sempre origem na expatriação demorada do homem, quer esta tenha logar por falta de saúde quer para mais facilmente adquirir bens necessarios para pagamento das despesas feitas e a fazer e que mais trivialmente são as dos presentes aos parentes.

Parece que, apesar de ser vida mais pesada e de peiores consequências a de casada do que a de solteira, ou prostituta, a mulher aborrece-se d'este estado, e resolve passar áquelle, aproveitando a proposta que lhe faz o amante. Mas como succede que a ausencia d'elle excede os limites da paciência d'ella, ou que o habito adquirido das relações sexuaes é mais forte do que a sua vontade de se conservar livre d'outro contacto, esperando pelo noivo, ou que apparece novo pretendente que consegue fazer esquecer o primeiro ou se lhe avanta em bens, em qualidades ou na disposição e facilidade de realizar o casamento mais depressa; como succedem, com as pretas como com as brancas, estas e outras coisas que são razões, e ás vezes até sem razão apparente, dá-se o casamento, com um, da noiva promettida a outro. D'aqui nasce uma questão que pôde ser demorada e de grandes consequências, terminando pelo pagamento ao primeiro homem (pela mulher, sua familia ou segundo homem) de, pelo menos, todos os presentes que do noivo tinham recebido, todas as despesas que elle tinha feito por causa d'ella, inclusivê o seu sustento; mas todas estas despesas são ainda accrescidas com outras provenientes de fabulosos juros e até indemnisações, ainda assim reduzidas ao razoavel, na occasião da *fundação* (19) por quem dá a sentença.

Raro será que o casamento deixe de se realizar por causa do homem, a não ser que elle morra ou deixe de voltar á patria; sendo-lhe permittido, e convindo-lhe até, ter mais d'uma mulher (20), não deixará de completar a união, principalmente se tiver já feito algumas despesas. O caso dá-se tão raramente que me foi difficil colher a este respeito coisa que não fosse que o homem perderia todo o direito a quanto tivesse gasto.

19.º — Polygamia

Ao homem é permittido possuir quantas mulheres puder obter e quantas mais adquirir maior consideração terá e maior será o proveito que d'ahi colherá no presente e até no futuro, visto que as filhas lhe servirão de boas fontes de receita (em quanto noivas,

na occasião de casarem, quando virgens e quando prostitutas), e os filhos proverão ás suas necessidades (36) se chegar a sentil-as por empobrecer; demais, terá assim ao seu dispôr bastantes pessoas que poderá dar como escravas (37) no caso de tal lhe ser preciso, e serão essas as unicas riquezas propriamente suas e sem restricção todas suas (38).

E' de notar que, observadas certas regras que vou descrever, as varias esposas do mesmo homem se dão bem umas com as outras, trabalham para elle, em tudo procedem como se cada uma fosse esposa unica.

A polygamia parece remontar, n'estes povos, á sua origem e é costume tão arreigado que não é mesmo discutido ou entrevisto se haverá modo differente de viver.

Poucas vezes o homem de mais de 20 annos terá só uma mulher, será um pobre; raras não terá ao menos uma, será mal visto; se tem só uma e essa morre, trata logo de casar com outra, o que em geral lhe será facil (39).

A primeira mulher com que o homem casa, fica sendo mais importante do que as outras a quem como que serve de capataz e que mostram certa deferencia para com esta; mas exceptua-se o caso em que uma das esposas, seguintes em ordem chronologica dos casamentos, seja princeza ou de familia nobre, cujas regalias não perde, ficando portanto mais considerada do que a primeira que passa ao segundo plano.

E' indispensavel que cada mulher tenha sua casa, para si e seus filhos; o homem é que pôde deixar de ter casa propria, servindo-se alternadamente de qualquer das suas mulheres. As casas das differentes mulheres do mesmo homem poderão estar situadas na mesma aldeia, mas é necessario que não sejam demasiado perto umas das outras, em uma não se deve ouvir o que se diz em outra em condições normaes.

Pôde o homem pernoitar de preferencia com uma das mulheres, pôde maior numero de vezes ter relações com uma do que com as outras, mas tem de distribuir por todas os seus amores, os seus haveres e os seus presentes.

20.ª — Adulterio

Muito mais raro do que seria de suppôr em povo tão lidibinoso, é isso talvez devido ás graves consequencias do facto; porque a mulher adultera quasi sempre será morta em nome da lei, e o seductor, se lhe poupam a vida, ficará escravo ou totalmente despojado de tudo quanto possuir e ás vezes ainda devendo tanto que terá de dar como refens, ou escravos (40), ou fiança, varios parentes tendo de trabalhar largos annos para se libertar das multas. Estas são na quasi totalidade para o marido offendido, mas ainda uma porção será distribuida pelos parentes d'este e pelo *príncipe do povo* ou aldeia.

E' crença que o *feitico* Zâmbe (129) faz adoecer a adúltera se ella não confessar espontaneamente o crime ao marido; mas bastantes vezes é por denuncia, ou por desconfianças, que o homem chega a tomar conhecimento do adulterio. Tambem succede que a adúltera, depois de muito doente e sentindo-se a morrer, confessa então o crime com a esperança de que assim o *feitico* não a mate. Mas o mais extraordinario, e que muito me affirmaram ter succedido, é a mulher á hora da morte e para explicar esta, attribuil-a a relações illicitas de que não se recorda bem, e chegar até a denunciar um homem que nada tem que vêr com a questão; o marido ardendo em zêlos, (eu creio antes que é desejando muita *fazenda*), lança em rosto a esse homem a denuncia da mulher, ao que se segue *fundação* (110) ou *casca* (131), julgamento de que o esposo pôde ficar mal, pagando fortemente a sua leviandade e o engano ou imaginação d'ella.

Refiro-me sempre á hypothese de o adúltero ser o conjugue feminino, porque se é o masculino que tem relações sexuaes sem ser com alguma das suas mulheres, o caso é diverso e nada grave. Fóra das condições em que é a propria mulher legitima que facilita essas relações (30) não sobrevindo portanto complicação, succede ainda que o homem, por falta de mulher sua, tem relações com outra, quer na mesma localidade quer em outra onde se acha accidentalmente com pouca ou muita demora. O homem espontaneamente participa á esposa o acontecimento, mesmo sem ser na presença do *feitico*, porque ella não tem direito a queixar-se desde que elle lhe pague uma insignificante indemnisação d'alguns *cortados*.

Feita a justiça, está illibada a honra do homem, tudo caminha como d'antes, sem haver mais referencia ao acontecido.

Não trazendo como se vê, o adulterio complicações graves d'interesses nem prejuizos para o homem, podendo, pelo contrario, ser fonte de receitas, não ha maridos *condescendentes*, nem ficam deshonrados com o acontecimento. Quanto á mulher, o seu logar na sociedade não lhe permite consideração tal que se lhe aprecie a honra offendida; o adulterio do marido é um simples accidente da vida conjugal, que não lhe belisca o brio, só lhe dá direito a lucros e, quando muito, á compaixão d'outras mulheres.

21.º — Divoreio

Não ha a simples separação de conjugues a não ser por accordo mutuo e sem interferencia d'auctoridade; parece-me até que será raro tal estado de casados, porque, á mulher não é licito manifestar vontade, ao homem daria tal facto prejuizos, perdendo uma pessoa sobre quem o seu poder é absoluto, que não lhe faz despezas e que lhe pôde fornecer receita, serviços, commodidades e até servir de penhor (32),

O motivo para separação entre nós vulgarmente allegado, a in-

compatibilidade de genios, não se usa lá, não pôde allegar-se, porque a mulher casada só compete obedecer e servir; quando não obedece é castigada, quando não serve dá-se o divorcio. Se o homem despedir a mulher, terá de pagar uma pequena multa á familia d'ella, por isso é adoptado o costume de se negar a ingerir a comida que ella prepara, de não a receber na sua cabana, nem visitar a d'ella, para que ella se desgoste e o deixe, tendo então a familia da mulher de pagar ao marido o dobro do que recebeu por occasião do casamento (109).

Para o divorcio a causa mais vulgar é a leviandade da mulher, porque o adulterio é caso para maiores consequencias se é d'ella, e quasi sem valor se é d'elle. *Puchada a palavra* (31), declara o homem todas as razões de queixa, prova com testemunhas e com raciocinios e, ouvida a defeza, a auctoridade pronuncia a sentença. Se a mulher venceu (*ganhou razão*), convencendo da sua innocencia, uma indemnisação a ella e á sua familia é o remate da questão; mas se foi o homem, o caso é mais serio, é pronunciada a separação, é desfeito o casamento, pagando os parentes da mulher não só todos os presentes que por occasião d'elle receberam, como uma indemnisação, que é estipulada pelo juiz, tanto maior, quanto mais grave fôr a falta.

No caso de se provar a esterilidade da mulher, primeiro se decidirá o divorcio por causa d'estes pagamentos e depois se procederá ao grave castigo da que tiver a infelicidade de ser julgada culpada por defeito para que nada concorreu.

Segundo parece, tambem serve de causa para divorcio o manifestar-se grande odio entre as familias dos conjuges, inimizades fundas.

E' ainda pronunciado o divorcio quando, a todo o tempo, se vem a conhecer circumstancia que foi encoberta ou desconhecida por occasião do casamento e que a este devia obstar.

Os crimes commettidos pela mulher, que sejam puniveis com a morte, quando o marido não foi cúmplice e provou não ter tido conhecimento a tempo d'intervir para os evitar, dão tambem causa ao divorcio, para o marido ser indemnizado, pela familia da mulher, do prejuizo que lhe resulta do desaparecimento d'ella.

A familia do conjuge femenino pôde pedir o divorcio quando puder allegar e provar que o masculino inflinge repetidos maus tractos á mulher, tentou ou planeou assassinal-a, faltou repetidas vezes aos seus deveres d'esposo, ou praticou outras faltas graves para com ella ou para com a sociedade. Se não provar o que affirmou, pagará pesada indemnisação ao marido; se provar, este, antes de ser novamente julgado pelo crime praticado, será divorciado pagando a indemnisação a que fôr condemnado, ou será substituido n'esse pagamento pelos seus parentes.

Desfeito o casamento, mesmo que não resulte a morte d'um dos conjuges, ao homem fica a mesma liberdade de casar com outra mulher que tinha quando era casado; a mulher fica como se fosse solteira e livre de qualquer compromisso.

O divorcio e a separação de pessoas, não podem trazer difficul-

dades na separação de bens, porque a mulher só é considerada possuidora d'alguns objectos de vestuario seu, ou outras coisas que lhe tenham dado; todos os bens (39) do casal, mesmo os angariados por ella, só pertencem ao marido; só os homens podem possuir o que adquiriram por titulo differente do de simples dadia (17).

22.ª — Filhos; varias especies

Empregam o termo portuguez filho ¹ para designarem pessoas em circumstancias muito diversas; estou mesmo convencido de que a palavra correspondente na lingua *fiote* (ou lingua de Cabinda) e que é *muana* (plural *bána*), tem tambem essas variadas applicações.

O principe chama filho a todo o habitante do territorio que lhe pertence, não só á gente do povo, mas até aos nobres ou auctoridades subalternas, aos de grau de nobreza inferior ao seu. Para o chefe d'uma aldeia ou *povo*, ás vezes auctoridade da classe infima, são filhos todos os habitantes d'essa aldeia. Qualquer homem designa assim todos os filhos das suas mulheres, os seus netos e ainda os *filhos de fazenda*; esta designação applica-se aos escravos (37) por que lhe custaram valores, quer sejam comprados, quer dados como indemnisação de questão ganha, quer recebidos como refens, ou antes fiança, de divida de que se é credor; realmente a expressão é justa, pois que, por um lado não lidando até ha poucos annos com dinheiro, todos os valores eram fazendas (melhor direi, tecidos, e á estes se referiam, em equivalencias de valores, a aguardente e qualquer outro objecto), e por outro lado tratam os escravos do mesmo modo que os entes nascidos das suas mulheres, quer antes, quer depois do seu casamento com ellas.

Para a mulher só são filhos aquelles que trouxe no ventre, ou os sobrinhos que sejam filhos d'irmão ou irmã. Qualquer dos sexos designa assim os sobrinhos por consanguinidade, mas não os por affinidade.

O facto de, em tantas condições differentes, se empregar a palavra filho, explica uma coisa que parece incomprehensivel aos europeus que o desconhecem; é a quantidade de paes a que se refere cada cabinda quando pede licença para ir assistir a enterros ou funeraes; vê-se que o mesmo preto póde ter dezenas de paes; a mãe é que é só uma.

Quando, no decorrer d'este escripto, emprego o termo filho sem mais explicação, quero apenas referir-me aos que o são na acceção portugueza da palavra.

¹ Pronunciam *fio*.

23.ª — Mulatos

Quasi sempre de compleição delicada, soffrem muito com a acção do clima e morrem quasi todos quando crianças; raros se desenvolvem até á puberdade, desempenhando então as funcções sociaes que lhes permitem, para em breve desaparecerem por doenças e falta de resistencia, ou por outros processos ignorados, mas de que é licito suspeitar porque, interrogados os pretos sobre o destino de tal mulato ou de dada mulata, respondem, com um sorriso ironico, que, estando doente, foi tratar-se para o interior e lá morreu. Ora, tendo ficado convencido de que os cabindas odeiam os productos atravessados das suas mulheres com os brancos, facil é perceber que, no interior, se não foi a doença foi a *cura* que os levou á cova.

Muitas vezes os paes europeus tomam conta dos filhos mulatos e mandam-nos para os seus paizes a educar (é raro que não seja portuguez quem assim proceda); outros empregam os rapazes no commercio; outros abandonam os filhos ás mães, estipulando ou não a estas uma mezada; não raro provêem, durante bastantes annos, ás necessidades da mãe quando mandam o filho para a Europa. Compreende-se, pois, o interesse das *empregadas* (●●) em terem filhos dos brancos, mas preferem as filhas que lhes serão maior fonte de receita quando attingirem idade de as entregarem aos brancos, que geralmente preferem a mestiça á preta e são com ella mais liberaes.

Ha productos d'um primeiro cruzamento das duas raças que se afastam muito dos caracteres dos pretos, o que se comprehende, attendendo a que muitas cabindas teem feições bastante aproximadas das dos brancos: vi duas irmãs, filhas de portuguez, só morenas, com o cabello corredio; conheci uma filha d'inglez branca, de cabello annellado louro, etc.; mas em todos, se o feitio dos dedos igual ao dos pretos e a côr escura vista atravez as unhas, não são sufficientes para lhes conhecer a origem cruzada, ha um signal certo da existencia de sangue de negro, mesmo na segunda¹ e terceira geração e talvez mais além: é a existencia de manchas pequenas, de côr acastanhada, na conjunctiva ocular, pelo menos em um dos olhos, junto do angulo interno, ás vezes quasi imperceptiveis por muito pequenas ou muito apagadas, outras por estarem tanto para dentro que só se distinguem virando o globo ocular o mais possivel para o lado externo.

Rarissimo é o mulato cujo character seja de fiar; n'uns trezentos que tenho apreciado só conheci tres exemplos e não me custa a crer que foi a educação e a illustração que fizeram tal mila-

¹ Producto de geração de mulata de primeira com europeu.

gre. Na generalidade o mestiço odeia o branco por não lhe ser igual, odeia o preto porque o sangue d'essa raça lhe deu as diferenças; transportados á Europa conhecem, embora o não confessem, essas diferenças e soffrem-lhe os effeitos, especialmente junto das mulheres, sentem que ha por elles uma repulsão instinctiva, embora não manifestada. E não se pense que apreciam muito o serem tirados do convívio das mães e parentes por essa linha, dão d'isso varias provas; a uma mulata educada no Porto, uma verdadeira senhora, casada com um alto negociante hollandez, intelligente e instruida, ouvi dizer, que verdade era que os mulatos n'aquellas condições deviam reconhecimento aos paes, pela intenção boa com que procediam trazendo os filhos para a Europa e educando-os, mas que faziam assim a infelicidade dos mestiços e muito mais a das mestiças, cuja vida melhor correria agradável, estimadas e desejadas pelos brancos em Africa, sem aspirações difficeis de satisfazer, com necessidades e ambições muito mais modestas e limitadas a um meio mais proprio para se julgarem felizes.

Se é o mulato que o pae deixa em Cabinda e se não morre, como é vulgarissimo morrer nos quatro primeiros annos d'idade, cria-se um rapaz fraco, incapaz para quasi todos os serviços que os pretos nas mesmas condições desempenham, sem instrução para outros misteres, um velhaco, um orgulhoso, quasi um inutil, sempre um ocioso, repetidas vezes um larapio. E vae assim vivendo á custa d'um e d'outro, sem classificação entre os indigenas senão como um *filho de branco*, sem o sujeitarem ás suas leis, ao abandono, até que manifeste possibilidade de gerar descendencia; e então morre de doença ou de miseria organica, ou dá-lhe a *doença de que morre no interior*, como já disse acima. Conheci poucos mulatos de Cabinda fortes, e só um excedendo os 15 annos; esta excepção supponho-a explicavel por ser neto d'um indigena importante, fallecido pouco antes de me retirar; perguntando então por esse mulato, não me souberam dar referencias certas e por isso calculo que, com a morte do avô, tambem lhe chegou a sua vez de ser immolado á aversão, concentrada por muito tempo, aos productos de cruzamento.

Se é mulata o producto que fica abandonado pelo pae europeu e com a mãe preta, esta segue-a por toda a parte, é bem cuidada, bem tratada até á puberdade; entregue então a outro branco como concubina, passa o melhor da sua vida facil, divertida e descuidada, serve de pretexto para exploração pelos parentes negros e, de branco em branco, desce a escala para o termo em que aos brancos já desagrada; é a sua condemnação, já não dá interesses, *vae para o interior*, desaparece.

Por isto se vê, que o cabinda aproveita os mestiços, se são aproveitaveis e em quanto o são; depois fal-os desaparecer, não os deixa perpetuar, não deixa formar descendencia; realmente não se encontram entre elles mulatos filhos só de mulatos, sem novo sangue europeu, o que attribuo especialmente á isto, embora o clima muito contribua para a eliminação. É talvez por

tanto embirrarem com os mulatos que os designam por *filhos de barâncio* (filhos de branco), raras vezes por mulatos, nunca por filhos de preto.

24.ª — Descendencia ; esterilidade

E', para a mulher e ainda mais para o homem, da maxima importancia ter filhos, muitos filhos mesmo, não só por d'ahi vir consideração social e alianças de familias, como porque são os filhos fontes de receitas, enquanto novos elles e solteiras ellas, um refugio, um soccorro nos casos de doença ou inhabilidade, e um capital que augmenta com o crescimento e que está sempre de reserva para acudir a necessidade grave e urgente (16, 17, 22, 23, 37, 39, 41, etc.).

Por outro lado, a descendencia, fazendo augmentar a população, dá materia prima para questões exploradas, muito a favor dos seus proprios interesses, pelas auctoridades indigenas, ainda as mais inferiores ; se é tanto mais importante o pae quanto mais filhos tem, tambem o *principe* é tanto mais poderoso e rico, quanto maior é o numero dos seus subordinados. A sensualidade propria da raça, que o clima exacerba, o costume da polygamia, a relativa facilidade de vida, os cuidados e despezas minimas que os paes teem com os filhos, o instincto da maternidade, a facilidade do parto, sem consequencias más, e da criação dos filhos que teem as mães, as vantagens em presentes e descanso que estas gosam nas primeiras edades d'elles, tudo são costumes, são leis que concorrem para o augmento da população, que as auctoridades assim fomentam indirectamente para sua utilidade e conveniencia immediatas.

Mas póde dar-se, ainda que raro é, o caso d'um casal não ter filhos, não que tratem d'evitar isso por desregramentos ou actos *contra natura* como nos povos civilisados, mas por haver esterilidade d'um dos sexos ; a lei toma o facto como crime, e crime grave.

Se o homem tem mais d'uma mulher e d'alguma tem filhos, está por sua parte socegado ; se tem só uma, arranja outra ou acceita como seu o filho de concubina com quem tenha tido relações e que lhe attribua a paternidade. A mulher, por seu lado, se é casada e a breve trecho não se sente pejada, receia a lei, receia a tanto ou mais do que o adulterio que poderá passar mais facilmente desconhecido, e procura, em relações sexuaes illicitas muito recatadas, supprir a falta que em voz alta não se atreve a attribuir ao marido. Mas, se ainda assim o não consegue, se se dá o caso extraordinario de ser realmente esteril, é desprezada e maltratada por todos, mesmo pelo sexo feminino, é arrastada a uma *fundação* d'onde sahirá sentença de morte, breve realisada. O marido é indemnizado pela familia d'ella do prejuizo, a perda da mulher, que será substituida por outra da mesma familia ; esta, se não tem

quem dar, indemnizará o homem dos presentes recebidos por ocasião do casamento; se tem dá-a, mas não recebe novos presentes.

A esteril muitas vezes é queimada viva, com quanto os pretos nos digam que tal já se não faz, porque os brancos não consentem ¹. Esta pratica de seculos, comprehende-se bem, deverá ter evitado, por selecção artificial, a herança de condições favoraveis á esterilidade.

25.ª — Cópula

Nunca tem logar na presença de terceiro; rarissimas vezes se faz ao ar livre, porque é indispensavel não ser directamente sobre o chão, deve, ao menos, haver uma esteira grossa por debaixo dos corpos (103).

Empregam todos os modos que os brancos têm ensinado practicamente ás suas concubinas, mas o modo mais trivial, propriamente indigena, é no decubito lateral e frente a frente, adormecendo n'essa posição quer tenham ou não consummado o acto. Como a erecção é menor que nos brancos, e até bastantes vezes insufficiente para a penetração, (e não depende isso das dimensões do penis, que muitas vezes, contra o que geralmente se crê, os têm bem reduzidos), usam as mulheres forçar a dilatação, no começo do acto, obrigando com a mão direita a entrar a extremidade, que empurram apertada nos tres primeiros dedos.

É tanto mais apreciada quanto mais demoradamente se executa, mas, mesmo que haja pressa, o *terminus* é muito mais difficil d'attingir que na raça branca.

26.ª — Prostituição

E' dos costumes cabindas a prostituição da mulher, que não precisa ser levada a isso por concurso algum das circumstancias, vae por esse caminho porque assim o delibera por si propria e porque ninguem o estranha nem d'ahi lhe vem qualquer inconveniente social; é uma posição definida na sociedade e nada deshonrosa. A rapariga, emquanto solteira, póde, dadas certas condições (28),

¹ Em todos os casos em que, na lei indigena, é applicavel a pena de morte, apesar dos cuidados e vigilancia das auctoridades europeas, raro será que ella se não execute; se a fuga não salva o condemnado, este irá para o interior amarrado e, longe, muito em segredo, sem haver um denunciante, que cruelmente expiaria esse facto, a lei indigena será satisfeita, apenas haverá suspeitas, ligeiros e fugidios indicios que não auctorisarão os brancos a proceder na grande maioria dos casos.

exercer as funcções sexuaes com quem quizer, mesmo com conhecimento de toda a gente, e não faz reбуço em o declarar, dil-o com a maxima naturalidade.

Se muita vez esse facto é para a mulher uma collocação (27) tornando-a concubina de branco ou de preto, se ás vezes é pagamento de favores ou valores recebidos, não raro é premio á perseguição amorosa do homem que assim a distinguu (especialmente se é de classe superior á sua) ou é um passo para o casamento, ou até satisfação de mero capricho ou vontade propria, sendo a mulher que procura determinado homem. A mancebia é vulgarissima; muitas vezes dizem ser casadas, e como tal se comportam, mulheres que são apenas amancebadas.

Quer a prostituição quer a mancebia, não servem d'obstaculo a futuro casamento; a segunda é até algumas vezes condição favoravel para elle, já por as mulheres terem adquirido por essa forma alguns haveres, já por terem demonstrado servirem para os trabalhos proprios do sexo (caseiros, agricolas, etc.), já, e principalmente, por terem provado, quando provaram, não serem estereis, o que é da maior importancia para o cabinda.

A prostituição é tanto dos seus costumes que, em vez da palavra solteira, quando falam com europeus classificam-se a si mesmas com o nome vulgar, baixo e obsceno, que as suas congeneres de Portugal regeitam.

A rapariga não casada (entenda se sempre que me refiro ao casamento á moda indigena, porque não acceitam outro) leva vida alegre e descuidada; se d'esses amores faceis ha fructo, nada tal a incomoda; se não sôr facil attribuir a alguém a paternidade com visos de verdade, o filho não a embaraça em cousa alguma, permite (se não apressa) o casamento, é um futuro auxiliar ou mesmo um ganha pão e é, sobretudo, o melhor, o mais irrecusavel documento de que a mulher serve para constituir familia e não é esteril (28).

27.ª — Concubinas

Vimos (17) que uma das fórmas d'união irregular era a de *empregada* e, descrevendo o que n'este caso se dava entre pretos, reservei para agora o que se refere á mancebia da preta com branco; realmente as coisas passam-se de modo differente (não podendo englobar-se tudo na mesma descripção) embora haja bastantes pontos de contacto. Ainda aqui a causa é o interesse, differença que justifica a separação do que chamei mancebia e do que se classifica com o termo *empregada*; em ambos os casos ha união irregular de pessoas dos dois sexos, mas n'aquelle por amizade, n'este por interesse. Para o titulo concubina reservei o caso especial de a *empregada* o ser de europeu; é o estado de mancebia, por interesse, da preta com o branco.

E' quasi geral que tal união só se vê quando a rapariga é bas-

tante nova, podendo persistir annos sufficientes para que se faça mulher; começada geralmente depois de ella ser prostituta (28). dá-se tambem tendo ainda a virgindade (110) sendo então quasi sempre o branco quem mandou *metter na casa das tintas* (113)

Ajusta-se como qualquer criado (11) mas faz-se pagar mais caro do que qualquer preto, além do que quasi todos os mezes se lhe dá um presente, ainda que ella o não peça, o que é pouco trivial; o vestuario fica á conta do europeu (que n'isso geralmente é caprichoso no numero e qualidade) conservando comtudo as modas indigenas, que são as mais proprias para o clima e aquellas com que mais sobresaem a elegancia natural, e a garridice nata das raparigas. Tambem por conta do branco ficam os presentes aos parentes mais proximos (dados de tempos a tempos), as despesas de recepção de visitas (comidas, licores, etc.) e outras artimanhas, de somenos valor, para explorarem o branco; se este tenciona demorar-se na localidade, é conveniente ceder a taes usos porque assim *ganhará fama* (105), o que lhe facilitará empresas futuras e trará contentes, embora insaciados, os que o rodeiam e com quem ás vezes se verá quasi só.

A concubina poucas vezes vive de dia em casa do branco, para onde vae ao anoitecer ou pouco depois, e d'onde sae de manhã; de dia apenas entra em casa quando chamada, quando dirige a limpeza, a arrumação dos quartos ou outros serviços de que foi encarregada, ou quando precisa d'alguma cousa. Conserva-se, porém, quasi o dia todo no quarto do branco quando este está doente, e é d'uma paciencia, d'uma cuidadosa attenção, d'uma prodigiosa dedicação, que chegam a causar espanto; põe todas as suas qualidades ao serviço do doente, parecendo servir-se para isso d'uma reserva d'intelligencia de que não costumava fazer uso; com alguma instrução daria enfermeira desvelada e valiosa.

Além dos seus deveres sexuaes, a que raras vezes desafia, mas que nunca recusa, compete-lhe geralmente a vigilancia por tudo o que se refira a serviço caseiro; as suas ordens são mais depressa e melhor executadas do que se fossem dadas directamente pelo dono da casa; toma á sua guarda os haveres do branco (mesmo de bastante valor) que lhe forem confiados (132) e que ficam assim mais seguros do que guardados á chave; responde pelo aceio e conservação das coisas, serve d'interprete algumas vezes, e elucida o homem sobre os costumes e leis da terra. procurando até ensinar-lhe a sua lingua, parecendo que tudo tem por fim conversar com o branco, coisa para ella de summo agrado. por muito a elevar aos olhos dos conterraneos e dos demais pretos.

A rapariga assim sente-se bem, realisa o sonho dourado da sua meninice, sente-se respeitada como nunca o lóra, nem será, junto só de pretos, procura fazer-se estimar, para mostrar aos seus as provas d'essa estima, creando mais e mais importancia e consideração e chegando a proceder como se fôra tão elevada, em relação aos que não são brancos, que raro será atraiçoar por elles o seu homem, como lhe chamam.

Acompanha de boa vontade o europeu nas suas viagens, quer

por mar, quer por terra, supporta com elle fadigas e sacrificios, sem se queixar, rariſsimas vezes se bandeia com quem o prejudique; é muito sensivel a pequenas manifestações d'amisade, dá apreço a comer da sua mesa, embora não á mesa, vive satisfeita e alegre, cantando muita vez quanto está na sua choupana, melhor do que a dos outros criados; tem extraordinarios cuidados d'aceio (72), um verdadeiro cumulo de limpeza da sua pessoa, recebe visitas, poucas vezes sae, rariſsimas vae á sua aldeia, passa horas e horas tocando (139), faz crivo (175) para presentear o branco, dirige e amestra a sua criada.

Não se importa nada de ter filhos mulatos; muitas até gostam, especialmente sendo femeas (23); ou o pae toma conta d'elles, o que para ella será quasi sempre uma fonte de receita, ou ficam com a mãe, coisa que nada a embaraçará, que provará a sua fecundidade, o que lhe será só vantajoso (24) e lhe poderá dar rendimento no futuro.

Demais, o facto de ter sido amante d'Europeu, facilitará o casamento á sua escolha, parece até que será uma razão para ser appetecida e preferida. Se nasceu escrava, ou o é por uma razão leve (37), readquirirá a sua liberdade pelo facto de ter tido relações sexuaes com o branco; elevar-se-ha no conceito publico, podendo tratar d'egual para egual as outras mulheres bem collocadas, chegando até a receber visitas e apertos de mão de filhas de *principe* se o seu branco é de posição das mais elevadas da localidade.

Algumas vezes tanta honraria e tanta consideração prejudicam-na, tornam-na desdenhosa e soberba, estendendo esse modo de ser até para com o proprio branco, faz-se exigente, pretenciosa, e é necessario pol-a á margem; ha casos, porém, de o branco se ter deixado dominar a tal ponto, que a concubina passa a ser a dona da casa, com scenas de ciumes e tudo o mais!

28.ª — Meretrizes

E' muito differente da nossa, a ideia que lá se liga ao estado designado por esta palavra; não é uma profissão mais ou menos debaixo da acção da policia, não é uma posição degradante, não é uma vida desregrada, é uma situação social, que toda a mulher toma ao chegar á puberdade, se não é já casada, situação que se prolonga até ao casamento e a que se póde voltar no caso de viuvez (113). Ser *dúmba* é uma coisa corrente e correctá (24), é uma coisa muito appetecida pelas raparigas, porque é então que teem a maior liberdade d'acção; é quasi só então que ellas se sentem possuidoras de si mesmas; teem o direito de receber todos os galanteios de qualquer homem, podem dar-se por prazer ou por interesse, e n'este caso raros exemplos constam de se darem de motu proprio ao primeiro que appareça, rariſsimos a mais d'um no mesmo dia; a meretriz por interesse quasi sempre vive em mancebia, é *empregada* de preto (17) ou de branco (23).

Chegada a rapariga á puberdade (114), ou ha branco ou preto que a pretenda e por elle é *mettida na casa das tintas* (115), ou não ha e é a propria familia, geralmente o pae ou o seu substituto, que lá a mette; completas as ceremonias, se passa a viver com quem a fez passar por ellas, dá-se mancebia, e, finda ella, poderá ficar meretriz; mas, se foi a familia que procedeu d'esse modo, embora por poucos dias a entregue a um apreciador de desfloramentos (116), fica desde logo prostituta, gosando de grande liberdade, é certo, mas sempre sujeita ao chefe da familia que póde, a seu talante, dispôr das suas aptidões sexuaes, fazendo d'ella uma fonte de receita.

Realmente é extraordinaria a facilidade, como julgo não haver em outra região, de o europeu encontrar prostitutas da raça negra entre os cabindas; são os proprios paes d'ellas, os irmãos, que as offerecem, mesmo sem se lhe ter fallado em tal, talvez por não perceberem facilmente que o homem póde passar sem femea onde a haja; ha verdadeiros corretores, nada se pejam d'isso que não é desdouro algum. A meretriz é considerada artigo de commercio para alugar aos brancos, aluga-a quem tem direitos sobre ella; se um preto encontra quem alugue, trata primeiro de mostrar a fazenda que lhe pertence. e, se é regeitada, recorre aos parentes, aos amigos, pedindo-lhes outros exemplares do genero, que novamente apresenta ao alugador; indaga d'este o que prefere, idade, nutrição, altura, aspecto, estado de conservação, e procura mercadoria que satisfaça, trazendo á vista do europeu tantos exemplares quantos os de que puder dispôr para tentar, para satisfazer. O corretor bem sabe que, além do pagamento do aluguer, de que a rapariga receberá pequena parte, revertendo a quasi totalidade para o proprietario, o branco terá que pagar a corretagem, tanto maior quanto maior numero d'exemplares fôr necessario apresentar á escolha; os pretextos para ganhar a corretagem (distancias a percorrer, falsas opposições da familia, ausencias temporarias, verdadeiras ou não, da mercadoria, etc.), serão facilmente inventados para provocar maior lucro.

29.º — Parteiras, abortos, parto

A mulher é mais aproveitada do que o homem; além de executar os trabalhos grosseiros (na sua qualidade de membro de casta inferior, (56), tem a funcção especial de dar filhos, que é considerada importantissima pelos seus resultados (24).

Não ha mulher que se possa chamar parteira; a que já tenha tido filhos está apta para assistir á novata, só ou quasi sempre com outras; ha, porém, algumas que são consideradas *abelhas mestras* em tal serviço.

Os partos são geralmente normaes e faceis; para isso, se por um lado concorre o ser tal acto considerado como honroso e correntio, o que faz que elle nada influa no moral deprimindo-o; se

por outro, concorre para o bom desenvolvimento do feto e da bacia o não se fazer quasi alteração alguma á vida usual da mulher, excepto nos ultimos dias em que, ainda assim, esta faz os mesmos movimentos do trafego familiar, anda o mesmo, etc.; ainda por outro, factores organicos influem poderosamente para essa facilidade. A bacia é ampla e em boas condições para parto de termo; alguma posição viciosa da creança, ainda assim rara como naturalmente é, ou se resolve e converte por si mesma, ou dá a morte da mãe, o que é rarissimo e attribuido a feitiço feito por quem lhe queira mal. Se por doença, que não pela raça, a mulher é rachitica, ou se por outra razão ha má conformação da bacia, essa mulher morrerá no caso de não poder parir, e não transmittirá por geração o seu defeito organico, dá-se a selecção natural.

Poucas coisas offendem o moral do cabinda e essas poucas não o incommodam muito; fica portanto annullada essa causa d'aborto. O interesse de ter filhos afasta a idéa de provocar o abortamento; nunca tal se fez com um fim therapeutico nem ha quem se atrevesse a pensar n'isso, porque nunca chegaria a convencer os indigenas de que não o fizera por maleficio, a cujo castigo teria de se sujeitar. As modas do vestuario não fizeram ainda tanto que contrariem o desenvolvimento do feto nem mesmo o da rapariga. Restam, pois, poucas causas capazes de produzir o aborto natural, que é rarissimo, ao passo que o provocado creio que é desconhecido.

Se um feto é monstruoso, tomam-n'o por *feitiço* e deitam-n'o a algum rio consagrado; o infanticidio (§ 1) não é crime vulgar, é mesmo rarissimo.

Quando a mulher começa a sentir as dôres do parto, avisa o marido e recolhe-se á sua cabana; o homem vae participar o caso ás suas parentas, ás amigas da mulher e ás visinhas, chamando as mais entendidas pela pratica a virem assistir ao acto; ellas vem vigiar a operação, aconselhar, ajudar, tratar da creança, mas nem ellas nem ninguem faz qualquer intervenção, é a natureza que se encarrega de tudo.

Cortado o cordão umbilical, o tratamento do umbigo é feito logo por essas pessoas e nos dias seguintes pela mãe; consiste em tocar, na parte do cordão á entrada do ventre, com o pollegar e indicador bem aquecidos ao fogo, repetidas vezes em cada dia; essas pequenas pressões e esse calor são o unico tratamento até final, mesmo depois da queda do fragmento do cordão.

Logo no dia do parto a mulher é toda lavada em agua morna e o ventre ligado com uma especie de cinto, chamado *iúbo*, formado por uma trança achatada de palhas, d'uns trez centímetros de largura, que dá repetidas voltas ao ventre, abrangendo-o em toda a altura. Nos primeiros trez mezes depois do parto, á mulher são dados uns banhos especiaes duas vezes por dia, nos dois mezes seguintes ella propria toma um semelhante cada dia; os primeiros duram approximadamente uma hora, os ultimos cada vez menos tempo; durante os banhos está tirado o cinto, que logo se torna a pôr, ajustando sempre cada vez mais até o ventre ficar

normal. O banho é dado projectando ás mãos ambas, ou com alguma pequena vasilha, agua a principio bastante quente e depois cada vez menos, contra a vulva aberta por a mulher estar no chão, deitada de costas, com a bacia suspensa sobre uma cova em consequencia de as coxas estarem elevadas e afastadas, estando os pés no chão aos lados da cova. Esta é feita no terreno piso da propria cabana, d'onde, durante todo o tempo dos banhos, a mulher poucas vezes sáe e o filho nunca; o marido nunca lá entra n'esse periodo.

Findo o tempo dos banhos, vem um curandeiro praticar a cerimonia necessaria para o filho poder sair, que consiste em pôr em volta da cintura da criança uma tira de baeta, e ao pescoço o amuleto que serve tambem na cabeça da mãe durante todo o periodo da amamentação, amuleto que creem ter por fim tornar a criança saudavel e não deixar seccar o leite; o amuleto consta d'um cordão de fibras vegetaes com muitos objectos pequenos, tudo pintado com *takula*, como direi (31).

30.º Amamentação; substituta

A alimentação da criança, durante os primeiros cinco a sete mezes, é exclusivamente feita pelo leite da mãe; só uma ou outra vez, por acaso raro, será o leite d'outra pessoa; depois começa a ingerir tambem pequenas doses de farinha de mandioca em caldo e outras pequenas porções de comida, primeiro mastigada e bem salivada pela mãe; perto dos dois annos já come, já anda e ainda mama; só depois é que é desmamada.

A mulher, enquanto está grávida ou amamenta, não póde cohabitar nem copular com homem algum, com receio de que tal faça mal á criança, ou acabe o leite, ou dê nova prenhez; e não se dá a grandes fadigas, toma certos cuidados com a alimentação, etc. Como contraste notei que não se abstem das bebidas alcoolicas, da propria aguardente de cereaes, e de tal modo a appetece que não deixa, uma ou outra vez, de dar ao filho a provar essas terribes bebidas, apesar da repugnancia que elle manifesta; sempre que a mãe bebe aguardente, o menos que faz é borrifar a cabeça do filho com algumas gottas.

Se o homem tem mais d'uma mulher e alguma está livre de amamentação ou não grávida, nada mais se passa; se nenhuma está disponivel precisa d'outra para lhe cozinhar e para as relações sexuaes; essa substituta, solteira, é fornecida pela effectiva que estiver impedida, que geralmente a procura entre as suas irmãs ou parentes mais proximos e que a entrega ao marido, podendo este regeitar a que não lhe agradar que será substituida por outra pelo mesmo processo. A nova mulher substitue a antiga totalmente até que esta possa entrar nas suas funcções; então, ou volta á sua vida anterior, ou, mediante ajuste e combinação prévia, casa com o homem (16, 19).

31.ª Transporte da criança; feitiço dos seios; moda; feitiço

A criança acompanha sempre a mãe: quando esta cava, anda, etc. não a abandona no chão, tral-a á cintura, escarranchada, e segura por uma dobra do vestuario (24), que, partindo da cintura, volta para cima envolvendo o corpo infantil até ao pescoço e atando adiante sobre os seios: da criança só se veem os pés, a cabeça e algumas vezes os membros superiores, quando mais crescidos. Não se desliga da mãe para mammar, apenas muda de situação, em vez de se assentar sobre as proeminentes nadeugas maternas, peito contra costas, roda para debaixo d'um dos braços e algumas vezes mamma mesmo na posição em que estava e que não é alterada; isto depende do comprimento dos seios, cujo mamillo lhe vem ter á bôcca por simples inclinação para baixo e para traz ou passando por cima do hombro. Para este fim contribue um costume que as mulheres adoptam desde que os seios começam a crescer na puberdade, o servirem elles para susterem uma peça de vestuario que, caindo das axillas até quasi aos pés, envolve o tronco todo e se prende ao corpo enrolando por cima dos seios. Se estes, de natural conicos como os da cabra, não descem tão depressa quanto ellas desejam, apertam uma tira de panno em volta do tronco tão fortemente que os force a descer. D'aqui nasce a moda dos seios pendentes e são considerados tanto mais formosos quanto mais pendurados; depois da amamentação apenas ficam grossos proximo dos mamillos que chegam á cintura ou quasi, ficando o resto estendido ao longo do peito sem formar relevo algum.

E' desconhecido o uso do berço; o filho deita-se junto da mãe, bem conchegado ao corpo d'ella, recebendo calor e protecção.

Pouco depois de a criança nascer é-lhe posto ao pescoço qualquer pequeno amuleto (25); depois, mas pouco mais tarde (26), outros á cintura e mesmo em algum dos tornozelos. Varias vezes, especialmente quando o filho já póde andar, é na cabeça da mãe que anda o amuleto especial da cintura do filho: consta elle de um ou mais cordões feitos de fibras vegetaes atados pelas pontas de fórma que, tendo a largura da cintura infantil, poderá abranger a cabeça materna, ficando uma porção desguarnecida no alto da testa e a parte mais enfeitada e pesada na nuca; os enfeites, presos ou enfiados nos cordões, são de varias dimensões, começando os menores pela altura das regiões temporaes e ficando os maiores atraz, assentes no pescoço e até entre as espaldas; cordões e enfeites são untados com azeite de palma e cobertos de pó da *takula* (27). Servem para enfeites os objectos mais variados: seixos, sementes, pedacinhos de pelle, de madeira ou de tecidos, conchas, bizios, grossos espinhos d'algumas arvores, contas de vidro ou louça, ossos pequenos de certos animaes, pennas, etc; mas é indispensavel que façam barulho quando se agitam; uma

coisa também indispensável é um ou mais d'esses appendices corneos (mas da substancia propria) que entre nós ás vezes substitue a figa e a que, lá como cá, attribuem as mesmas virtudes, ponto de contacto entre as crendices da mãe cabinda e da europeia. Os *feiticos* que a mãe usa são para lhe não seccar o leite nem ter doença que se transmita ao filho; os d'este são para que, com saúde se passem os phenomenos proprios do crescimento e da idade, sobretudo os da dentição.

32.º — Parentescos

A familia cabinda consta principnlmente de marido, filhos e mulheres; são os que vivem mais approximados, são todos os em que o 'chefe da familia tem poderes discricionarios e que, por essa razão talvez, mais lhe obedecem e mais respeito lhe teem.

O filho respeita em primeiro logar o pae, se é conhecido como quasi sempre acontece, ou então o marido da mãe que tem os direitos de pae; a amisade que lhe tem é pouca ou nenhuma; se nos pretos ha amor, é da mãe aos filhos e um pouco menos na inversa. Abaixo do pae o maior poder na familia é o dos irmãos uterinos do pae, diminuindo com a idade, sendo o sexo feminino depois do masculino; seguem-se os irmãos uterinos da mãe, pelas mesmas regras e tendo poder só nos filhos d'essa mãe.

Os paes do chefe de familia, enquanto vivo este, não augmentam d'importancia com o numero de netos, pelo contrario essa importancia diminue á medida que a do chefe augmenta; não são os netos seus subordinados, pouco se importam com elles se é que lhes teem alguma amisade, nada os beneficiam nem protegem; o avô terá de ir arrançando mulheres novas, com o que as outras forem ganhando, se quizer quem para elle trabalhe e o ature na velhice; por isto se encontram raparigas de dez a doze annos casando com homens d'aspecto de 60 ou 70.

Entre irmãos o valor social, que não a estima, é tanto maior quanto maior foi o da mãe respectiva; entre os da mesma mãe é maior o dos homens; entre estes diminue com as edades.

Os outros graus de parentesco, se alguns por elle dão, não tem importancia alguma, excepto se a familia é de *principe* pois n'este caso notam o que chamam *filho de principe*, *neto de principe*, e *filho de neto de principe*, que são individuos descendentes d'um nobre, mas cuja importancia decresce com o affastamento, porque, como a successão (33) é pelos sobrinhos, ficam estes valendo mais do que os filhos; os descendentes em linha recta é que não se esquecem do tronco d'onde descendem, e, com aquellas designações de parentesco, procuram attrahir a si parte da importancia que tivera o ascendente e que passou aos collateraes.

Os homens, parentes proximos, precisam ter completo conhecimento do modo de vida uns dos outros e das mulheres, porque são muitas vezes tornados responsaveis por coisas que os paren-

tes praticaram; podem ter que pagar as suas dividas (11), ser escravizados ou simples refens (132), dar auxilio, guarida, sustento, etc.

33.ª — Linha de successão

A successão dos varios cargos publicos, assim como a dos bens materiaes, é do morto para o filho mais velho da irmã mais velha do fallecido; se essa não tem filhos é para os da segunda, etc.; não passa de paes a filhos, allegando os paes, com sorriso malicioso, quando se lhe extranha o facto, que assim teem a certeza de que o successor é da familia, emquanto que os filhos proprios pôdem não ser do mesmo sangue.

O herdeiro da corôa é escolhido entre os sobrinhos do rei, mas por eleição feita pelos que teem o cargo de *mambúko* (38); o d'este cargo pôde ser sobrinho ou parente muito proximo, mas tambem por eleição. Para os outros cargos quasi sempre a successão é pelos sobrinhos, mas pôde o rei aproveitar o fallecimento do nobre para nomear para o logar quem seja ou não parente do fallecido, que deseje o logar e possa pagar as grandes despesas d'investidura n'elle, por estar nas condições de riqueza e poderio e boas qualidades, o que será informado por mais d'um *mambúko*. Os cargos de *kapita* e *linguece* (39), são da nomeação do nobre a que ficam sujeitos. Em qualquer das hypothèses, todo o agraciado terá de pagar valiosa propina a quem o nomear.

No caso de fallecer um chefe de familia, essa qualidade, com as consequencias que d'ella derivam (118), pôde passar ao irmão mais velho do fallecido (mas uterino) bem como os bens que elle possuia; só não tendo irmãos, poderão os bens ir para as irmãs; se um preto morre sem irmãos nem irmãs, os bens são divididos pelos parentes.

34.ª — Velhos

Aos *principes* a idade augmenta a importancia social; aos que o não são, até ás mulheres e aos escravos, a velhice favorece. Para colher taes vantagens, especialmente se o homem tem bastante barba, o que acarreta mais respeito e consideração, nada a velhice amedronta o cabinda, trata até d'explorar com ella, faz-se mais velho do que apparenta e de certo mais velho do que é; porque, se o alcool o envelhece depressa, se tantos prazeres esgotantes e vida tão irregular contribuem para lhe dar o aspecto de bastante edoso, como ninguem pensa em conservar de memoria os anniversarios nem a conta d'annos, o individuo será velho se apparentar sel-o.

Acreditam que os conhecimentos augmentam com a idade, e

talvez em tempos succedesse assim ; agora é isso duvidoso, porque o alcool envelhece mas bestialisa, nem mesmo a memoria se salva do naufragio intellectual. O que é facto é que, dentro da mesma classe social e em condições de vida semelhantes, o preto é tanto mais considerado quanto mais edoso parece ; d'ahi a vantagem de trabalhar menos, de fazer serviços mais leves, de ter maior facilidade em executar só a sua vontade, de ser mais respeitado o seu conselho, melhor executada a sua ordem.

O velho geralmente passa a vida passeiando, fumando, descansando ou julgando, já nas pequenas questões familiares, já na *fundação* (10), o que lhe dá proventos. Mas ainda a idade lhe dá proveito, porque são as mulheres e os filhos os encarregados de occorrerem a todas as suas necessidades.

Cada velho faz notar muitas vezes esta qualidade para a fazer valer, pedindo consideração, desculpa, interesses, socego ; usam da expressão *macaco véio* (ou velho), para designar um alto grau de finura, d'astucia, de conhecimentos e pratica do mundo (133).

35. — Deveres dos ascendentes

Desde o nascimento é só a mãe que compete vigiar, alimentar e tratar da criança ; o pae poucas vezes a vê ; isto até pelos 6 annos. D'ahi por diante o rapaz começa a ter menos vigilancia ; pelos 8 annos e depois, é ao pae que compete ensinal-o, acompanh-o, explor-o, pondo-o ao serviço dos brancos, ou fazendo-o aprender algum officio, ou empregando-o comsigo na pesca. E' também o pae quem responde por todos os actos do filho para com extranhos, quer nas simples *palavras*, quer nas *fundações*. Pelos 18 annos, aproximadamente, o rapaz vae passando á categoria de homem, com as grandes vantagens e as responsabilidades que são inherentes a essa qualidade, conforme a classe social a que pertence.

A rapariga, dos 6 annos por diante, continúa ainda quasi só sob as vistas da mãe até ao apparecimento da menstruação ; mas então começa a sentir-se fortemente a ingerencia do pae, a quem pertencem todos os poderes, passando a mãe a ser simples companheira, conselheira, talvez amiga (108).

O pae dá uma extraordinaria liberdade á sua pro genie, a educação é rudimentarissima ; aos filhos ensina os usos e leis indígenas, os costumes dos brancos, as manhas e subterfugios de que devem usar para adquirir, ou para se furtarem a responsabilidades, etc. A's filhas nada ensina, só as explora ; o que as mães não ensinaram teem ellas d'aprender por si, vendo, imitando, na preparação das comidas, no amanho das terras, em tudo emfim em que será empregada a sua pequena actividade durante toda a vida. Mas, apparecido pela primeira vez o menst ruo e feitas as respectivas ceremonias (114), a rapariga completa a sua educação na *casa das tintas* (115) e fica quasi que senhora abso-

luta das suas acções; é o periodo em que gosa de mais liberdade d'acção que, ainda assim, se exerce n'uma esphera inferior e sempre sob a responsabilidade do pae ou tutor (118). Enquanto não casa, continúa a ser explorada pelo pae, depois só o marido é seu dono.

O pae, enquanto vivo, exerce sempre algum poder sobre os filhos e filhas, por mais differente que seja o estado d'elles, por maior que seja a sua idade, verdadeira auctoridade de chefe de familia (118).

36.º — Deveres dos descendentes

O principal é a obediencia cega ao pae, que é completa nas primeiras edades; pelos 18 annos, o homem vae pouco a pouco emancipando-se, mas fica sempre um tanto sujeito ao chefe da familia, em quanto este tem algum poder, em quanto não está de todo inválido; a mulher, desde que casa, só ao marido deve obediencia, mas habituou-se ao mando do pae e á obediencia passiva e constante de modo tal que sempre obedece um pouco ao pae, o que muitas vezes é origem de questões que podem ir até ao divorcio (31).

Desde que as suas forças lhe permittam trabalhar, qualquer descendente, ou trabalha para a familia só, ou aproveita pouco do seu trabalho, sendo o pae quem absorve quasi todos os proventos até á emancipação ou casamento.

Quando a mãe se impossibilita d'adquirir a subsistencia, corre aos filhos o dever de a sustentar; esse dever dá se para com o pae não só quando ha essa impossibilidade, mas até quando elle, por manha, se vae pouco a pouco fingindo velho (31), aproveitando-se das circumstancias para ter como unico trabalho ser julgador (juiz ou jurado).

Um dos maiores cuidados do cabinda é ter muitos filhos, porque os descendentes em todo o tempo e por todas as fórmãs lhe podem ser de grande utilidade (69), constituem o seu unico modo d'accumular capital, se não fôr *principe*.

37.º — Escravo

Em lingua de cabinda (ou *fiôte*) é *mevika* (54), no plural *bavika*, o que já demonstra que esta qualidade é só propria de pessoas (3). Comtudo, e embora liguem ao estado d'escravidão uma ideia d'inferioridade, corroborada por leis e costumes que cerceiam direitos (23, 56, etc.) na sociedade, não se correspondem perfeitamente as duas palavras na accepção que teem em cada uma das linguas falladas por brancos e na lingua dos cabindas, como vae ver-se.

Os escravos proveem de 6 origens :

1.^a — Era d'antes a mais vulgar, nos tempos das conquistas, das revoltas, das desavenças em que armados vinham ás mãos partidos contrarios; ora o grupo d'escravos era constituido pelos prisioneiros feitos nas batalhas, ora pelas *razzias* nos povos inimigos, ora entregues como tributo do vencido; d'esta origem provém em toda a raça negra a maioria dos escravos, ficando os vencedores com as mulheres e as crianças e desfazendo-se dos homens (38).

2.^a — Quando o nascimento se dá durante a escravatura da mãe, se esta o fica sendo, ou se o filho não é resgatado em separado, como valor accrescido. Será raro o exemplo da mulher livre ter descendencia de homem escravo, pelo menos occultará cuidadosamente essas relações por muito deshonrosas, podendo mesmo ser punidas se ella fôr de classe mais elevada; a criança, n'esse caso, seria livre como a mãe, segundo me parece, mas não tenho a certeza.

3.^a — E' a compra a indigenas distantes, negocio feito durante as viagens do cabinda, compra quasi sempre de pequena rapariga, de criança mesmo, que elle transporta depois para a sua terra, onde a cria a seu modo e com os seus usos, fazendo-lhe perder o conhecimento da sua origem.

4.^a — Quando o devedor é, em *fundação*, convencido da divida (41) e obrigado a pagar, se a fazenda que possui não lhe chega, pôde pagar com pessoas da sua familia, entregando-as como escravos¹; geralmente, porém, esses individuos ficam escravizados apenas temporariamente, para que os outros parentes livres possam ir angariar generos com que paguem ao crédor, resgatando os escravos que voltam á sua condição de pessoas livres.

5.^a — Quando algum indigena furta a outro individuo (mesmo branco) alguma coisa e se faz *fundação* por esse facto, pôde o ladrão (160) ser condemnado a pagar como escravo o valor do furto, as despesas da *fundação*, a multa, etc.; esta escravidão é por tempo determinado no julgamento; o escravo é entregue ao roubado que só tem que dar-lhe alojamento, comida e algum vestuario.

6.^a — E' a escravatura voluntaria: quando um cabinda não se julga sufficientemente forte para escapar á justa vingança d'outro; quando, em epocha de fome, esgotou os meios que sabe empregar para adquirir alimentação; quando se lhe torna demasiado pesado o jugo legal d'um parente; quando sente tão extraordinaria preguiça que não quer prover por si ás suas necessidades (caso raro, mas dá-se); quando é apoquentado pelo pagamento d'uma divida que successivamente se aggrava por causa da usura extraordinaria que é costume empregar (12); quando percebe que é conhecido, e se vae provar, um delicto ou crime, pelo qual tem

¹ Esta pessoa é antes um penhor e toma o nome de *kúnde*.

de responder e se quer eximir á responsabilidade directa; quando se vê assim a braços com uma difficuldade que julga insuperavel com os seus recursos, recorre á escravidão, escolhe quem ha de ser o seu senhor e torna-se seu escravo por um processo facil e rapido d'executar, sem mesmo ter a annuencia do futuro dono: entra na casa do escolhido, deita a mão a qualquer objecto de louça ou vidro e arremessa-o ao chão partindo-o, produzindo estrondo que chame pessoas para servirem de testemunhas de que foi elle que, não pertencendo á familia, veio ali expressamente para praticar tal acto. Desde esse momento é escravo do dono da habitação; todas as exigencias, todas as questões, todós os negocios que lhe digam respeito, serão tratados e resolvidos, como proprios, por aquelle de quem se tornou escravo. Succede até algumas vezes que um escravo, querendo mudar de dono, vae a casa d'outro individuo quebrar o objecto; n'esse caso, porém, o antigo possuidor discute com o novo senhor a fórma e custo do trespassse, e varias vezes succede que este fica sem realisação.

Como se vê, sempre o escravo custa ao dono alguns bens, ainda mesmo quando, nascendo de mãe escrava, evita que esta trabalhe durante a amamentação; e como aos bens de qualquer especie chamam os cabindas, quando fallam o seu portuguez ¹ *fazenda*, á moda dos quinhentistas, percebe-se parte da expressão *fio fazenda* (filho de fazenda) que empregam para designar o escravo, palavra esta que não costumam pronunciar por lhe ligarem a mesma accepção que os brancos. Quanto ao mais que é necessario para se avaliar a expressão acima, bastará dizer que realmente o escravo é quasi um filho do dono cabinda; embora adulto, passa a ser tratado como criança, é irresponsavel, é castigado como as crianças, não tem que deliberar coisa alguma, não é ouvida a sua opinião nem ponderada quando a dá, não póde possuir coisa alguma como exclusivamente sua, fica no quarto plano da escala social (56), ainda abaixo da mulher livre. E', porém, regularmente tratado, não se pratica para com elle qualquer violencia physica, não ha os horrores da escravatura á moda dos brancos, mas póde ser separado da familia e da terra onde nasceu, é objecto de transacções, é um valor para o seu possuidor.

¹ Note-se que, além das modificações das palavras portuguezas pelos vicios de pronuncia, usam termos bastante antiquados, até alguns que já não é costume empregar, e dão a outras palavras nossas significações que ellas não têm ou valor restricto em relação com os seus usos, ou em accepção em que não são empregadas na lingua portugueza.

Está assim em formação um dialecto creoulo bastante semelhante á *lingua brazileira*. Não desejo contrariar os cidadãos da grande republica; a sua lingua realmente não é portuguez, é um creoulo aperfeiçoado; percebe-se bem que a origem foi d'Angola; os milhões d'escravos importados d'ahi para terras de Santa Cruz deram cõr, cabelo, olhos, languidez, costumes e lingua aos natu-raes descendentes, a que algum sangue *pé de chumbo* deu as differenças; ouvindo-se os mulatos illustrados d'Angola não se dirá que se não ouve brazileiros.

Um escravo pôde voltar a ser livre dadas varias condições. Se é do sexo masculino e provém da 2.^a origem, não corre o risco de passar a mãos estranhas para fóra da tribu, como succederá no caso de ser da 1.^a; pôde ser resgatado pela familia a todo o tempo que se reuna a fazenda reputada egual ao seu valor; se é da 4.^a origem, o completo pagamento da divida liberta o escravo; se é da 5.^a fica livre quando terminar o praso fixo da condemnação, se durante esse periodo não deu novo motivo a castigo da mesma especie; se é da 6.^a precisa de que pessoa que se interesse pela sua sorte combine com o dono o valor da indemnisação e a entregue; não pôde o proprio escravo libertar-se, porque todos os lucros que possa haver pelo seu trabalho (excepto sendo da 4.^a origem) pertencerão ao dono e não ao trabalhador.

Mas se é do sexo feminino tem, além d'estes meios, um outro de que pôde aproveitar-se para escapar á escravidão, se esta lhe foi imposta por motivo leve ou por simples nascimento, meio que parece filiar-se no grande interesse que os chefes mostram no augmento da população; basta conseguir agradar a algum preto livre e que este, vencendo o preconceito, não attenda á qualidade d'escrava, e case com ella; se esse preto fôr de categoria elevada, bastará que a mulher pernoite com elle e que tal facto se torne publico.

O escravo (homem ou mulher) não deve pernoitar nem comer junto com pessoas de classe elevada, não pôde falar com *principes* ou seus equivalentes (58), não pôde manifestar opinião sobre qualquer assumpto senão quando lh'a pedem, não assiste a *fundações* senão a distancia como espectador mudo, não pôde exercer cargo algum nem representar qualquer outro preto em qualquer acto da vida indigena (59); é encarregado de fazer trabalhos considerados degradantes para individuos livres; não pôde ter relações sexuaes senão com individuos da sua classe; a qualidade d'escravo é aggravante para os castigos a applicar no caso de delicto ou crime. Comtudo, e fóra d'estas excepções, é como uma pessoa de familia do dono, alimenta-se do mesmo modo, trabalha muito pouco, assiste ás festas, anda solto, aproveita as muitas horas d'ociosidade para passeiar ou fazer o que lhe appeteece, é bem tratado se se porta conforme as regras, chega a estar dias successivos ausente do logar do senhor; este não tem sobre o escravo direito de vida ou de morte, não pôde maltratar-o nem por qualquer outra fórmula prejudicial-o sem incorrer nas leis geraes de reparação. embora a pena seja diminuida por attenção á qualidade do paciente.

38.* — Refens e prisioneiros

Vimos a proposito d'escravos á moda cabinda (37), que uma das origens d'essa classe da sociedade era usada por toda a raça negra e se dava por occasião de guerras e devastações de aldeias.

Ha muitos annos que tal não se dá com os cabindas, geralmente pacíficos, d'indole molle, soffredora, antes humilhando-se e fingindo do que repellindo a aggressão que quanto possivel evitam; contam porém que, antigamente, se fazia escravos nas guerras que tiveram, e deixam perceber que o facto de os europeus comprarem escravos n'esse tempo não era extranho a haver guerras, tanto n'esta tribo como nas outras.

E' facto que, por motivos para nós futeis, as tribus africanas muitas vezes se guerreiam; cada um dos partidos trata d'apanhar o maior numero possivel de prisioneiros, que lhes servem de refens para o vencedor libertar os seus partidarios por troca. Succede que o vencido não póde libertar todos os seus, ou que não tem generos para pagar a indemnisação exigida pelo vencedor, e paga em gente que fica escravizada.

D'este modo a tribo vencedora vê-se com um numero de prisioneiros a que dá os seguintes destinos: conserva as crianças que modifica introduzindo-lhes os seus costumes; conserva as mulheres que aproveita como suas; mas receia-se dos homens e desfaz-se d'elles. No tempo da escravatura eram vendidos, e talvez este modo d'arranjar receita fôsse causa de bastantes guerras acobertadas com outras razões; agora trazem-n'os aos europeus para serem resgatados, assumpto bastante complexo e por vezes na tela da discussão, apresentando-se opiniões bonitas, seductoras para os que não veem de perto o assumpto, mas de resultados nulos. O vencedor conduz os prisioneiros onde ha brancos, offerecendo-os ao contracto, que é um verdadeiro re-gaste de vidas, porque preto que o europeu não acceite é de certo assassinado a poucos dias de marcha para o interior. D'isto provem o grande interesse do prisioneiro em ser resgatado pelo branco, interesse que vae até ás lagrimas e a scenas verdadeiramente dolorosas, como já uma vez presenciei em Novo Redondo, com um pobre velho que foi resgatado por subscripção e posto em Mossamedes em plena liberdade, e que de mezes a mezes agradecia, chorando ainda, quando avistava algum dos seus libertadores, o salvarem-lhe a vida.

O problema, na sua maior nudez, parece-me ser este: das guerras indigenas resultam prisioneiros que, ou serão assassinados ou resgatados, contractados pelos europeus; se a procura fôr grande e o resgate lucrativo para o vencedor, isso será um estímulo para novas guerras; se o resgate fôr baixando de preço pouco a pouco, diminuirá ou cessará o estímulo; se os brancos deixarem de resgatar os prisioneiros, estes serão mortos, haverá talvez menos guerras, mas haverá de certo mais assassinatos. Parece-me pois que, por emquanto, o que ha a fazer é contractar por menor preço e vigiar pelo bom tratamento dos contractados, tornando os contractos rigorosos e fazendo-os cumprir á risca; os resultados a obter pelo meu modo de ver, serão: 1.º melhoria de vida para os resgatados; 2.º existencia de braços para trabalhos que os europeus não podem fazer e a que raras tribus se prestam voluntariamente, em especial para a agricultura; 3.º diminuição successiva e gradual

dos lucros dos contractadores e dos vencedores; 4.º diminuição do numero de guerras. Acabar de repente com o processo seguido seria ainda mais pernicioso do que succedeu com a abolição da escravatura, daria origem a assassinatos de prisioneiros em massa. Só a educação, só esforços n'esse sentido muito repetidos no interior e por largos annos teimosamente seguidos, fariam acabar com taes costumes. Muito maior numero d'annos e boas leis repressivas da vadiagem serão precisos para ajudar a educação do preto, fazendo-o trabalhar de motu proprio.

O periodo de duração do actual systema de contractos terá de ser ainda longo, é uma transição entre a antiga escravatura e a existencia na sociedade civilisada; resta regular os bem, executar os bem, e sobretudo fazer que o contracto seja temporario na pratica, e não, como agora muito succede, seja só em theoria e deve o colono ser repatriado no fim d'elle, se tal desejar; mas nem mesmo agora o deseja sempre, vi bastantes exemplos.

E depois que fazer do preto já livre e de todo entregue a si? Custa-me a crer que a grande maioria adquira o habito de trabalhar; formar-se ha uma numerosa classe de vadios se o Estado, até por segurança dos seus administrados, não continuar a exercer vigilancia sobre os ex-contractados, e não usar de meios coercivos para os conter na vida do trabalho; conceder ao preto maior liberdade do que ao branco, permittir que gose da ociosidade o que não tem meios de vida, parece-me perigoso para o preto e para o branco.

Tive occasião de conhecer em Cabinda uma familia de pretos que o nosso governo repatriou quando lh'os entregaram com alforria concedida pelo dono na America hespanhola. A principio offerciam os seus serviços aos brancos e viviam d'isso; pouco a pouco foram-se deixando de trabalhar; em 5 ou 6 annos tornaram-se como os outros cabindas, vivendo na mesma indolencia (e os cabindas são dos pretos mais trabalhadores que conheço), explorando as suas mulatas, etc.; quero dizer que, em pouco tempo, regressaram ao estado de que os seus conterraneos não tinham sahido, tendo sido perdida toda a educação e todos os novos habitos que tinham adquirido durante os longos annos da sua escravidão; nascidos n'ella, ou n'ella vivendo bastantes dezenas d'annos, perderam depressa o habito de trabalhar; succedeu mesmo que, costumados em roça com plantação de canna, foi trabalho d'esse o primeiro que recusaram.

Na familia cabinda já não ha as guerras d'outros pontos mais selvagens; não ha os prisioneiros e portanto os contractados; estão assim muito mais adiantados, mostrando o caminho a seguir em outros pontos; ha umas necessidades, umas vaidades que obrigam a trabalhar algum tempo; mas ha ainda muito vadio, muita ociosidade e muito que fazer.

39.ª — Bens, riqueza, pobreza

O primeiro termo é expresso por *fazenda*, quando fallam portuguez; realmente a sua unidade para valor é o *cotrado* (85), que é um tecido d'algodão, uma fazenda, e elle é a base do valor de tudo, todas as coisas podem ser avaliadas em *cortados*, servindo a aguardente de unidade subsidiaria para valores menores do que o *cortado*, que pôde a ella ser reduzido.

O cabinda, que não seja *príncipe* (88), não pôde possuir bens immoveis (10); a casa é para este perfeitamente movel d'um para outro lado, armam-n'a e desarmam-n'a quando lhe convém com a maxima facilidade (14). A sua propriedade pôde consistir em mulheres, filhos, escravos, dinheiro, objectos d'ouro ou prata, tecidos, aguardente, e objectos com que negoceia, a habitação e algum barco, productos do amanho de terras, ferramentas e objectos d'uso domestico e pessoal.

Muito imprevidentes, nada se guarda para necessidades futuras, gasta-se tudo quanto se tem com a maior facilidade; geralmente só se trata de ganhar novos bens quando elles são precisos.

O facto de cabinda algum, não sendo *príncipe*, pensar em accumular *fazenda* vem, a meu ver, dos proprios costumes indigenas: em primeiro logar, os *principes* não veem com bons olhos quem tem alguma coisa, e é sempre facil arranjar pretexto para questões que tenham por fim desapossar cada um do que possua; se qualquer, além de ser esperto para evitar questões, fôr trabalhador e poupado para accumular valores, pôde succeder que, esgotados os meios de lhe fazer perder a fazenda, cheguem a fazer-lhe perder a vida, accusando-o de feiticeiro, ou forjando outros pretextos para o levarem a *tomar casca* (131), ou mesmo para mais ou menos legalmente ser assassinado. De modo que accumular riqueza, além de dar muito trabalho, o que é contra os habitos indigenas, faz ainda correr perigos de questões e até de vida. Os proprios vizinhos e parentes, não o deixarão em descanso em quanto conhecerem que tem alguma coisa mais do que a generalidade dos pobres que o rodeiam; tudo serve de pretexto para despesas, um casamento, uma morte, um funeral, a primeira menstruação da filha, a circumcisão do filho, a partida ou a chegada á terra, depois d'uma ausencia mesmo apenas de mezes, etc.

E' pois difficil e perigoso ter alguma coisa não sendo *príncipe*; é trabalhoso adquirir, é portanto desagradavel; é facil gastar, satisfaz-se a familia e os amigos, faz-se figura e anda-se divertido. Tudo portanto, concorre para não se ter nada; e realmente assim é, todos os cabindas (exceptuam-se dois ou tres, se tanto), não teem reserva; gasta-se em quanto ha, satisfazem-se depois as necessidades mais urgentes recorrendo a expedientes, roça-se pela miseria completa, apesar de as necessidades serem bastante diminutas; se então apparece uma doença ou outra grave conje-

ctura (1.41), morre-se á mingua, vende-se ou empenha-se a mulher e os filhos se os ha, vive-se á custa d'outros se já não se é rapaz, ou, sendo-se novo, vae-se então trabalhar, preferindo-se a expatriação, porque, dizem elles, no *poro* (aldeia) ganha-se pouco e gastam-nos tudo, longe junta-se alguma coisa para depois gosar e gastar na nossa terra.

O homem pôde possuir o que herda (se tal lhe succede alguma vez), o que adquire por qualquer processo, o que as suas mulheres e filhas ganharem; á mulher só é permittido possuir aquillo de que lhe fizerem doação gratuita, ou o que o marido lhe deu, quer para seu uso, quer como indemnisação por offensa dos costumes matrimoniaes.

Quando um preto vende a outro uma pessoa, ou coisa de maior vulto, a auctoridade mais proxima e que directamente governa a aldeia em que o vendedor vive, recebe d'este uma quantia que o uso tenha estabelecido, para consentir na venda e ser esta havida por boa.

40.* — Propriedade rural

Só os *principes* ou auctoridades superiores, podem ter bens immoveis; preto vulgar que queira construir a sua cabana, terá de pedir licença e pagar o aluguel do terreno; quem quizer cultivar qualquer coisa, terá de pedir licença e pagar ao *principe*, colherá a ceara, mas não será dono da terra; se a plantação é de vegetal que viva mais d'um anno, perderá, findo elle, o direito á planta que ficará pertencendo ao *principe*, dono da terra plantada.

Talvez d'este facto, de ser infructifero o labor de plantar arvores, viesse a crença, muito arreigada, de que quem planta qualquer arvore, morre antes d'ella ter utilidade, ou antes de dar sombra que cubra um homem. O desenvolvimento das florestas, a disseminação das especies arboreas, devem-se apenas ao vento, ás aves, ás chuvas, emfim a meios de deslocação e transporte das sementes para que o homem não concorre. Numerosas arvores são ainda devidas ao uso de se servirem de ramos verdes de varias especies vegetaes para estacas de vedação, suporte de redes ou das casas, etc.; não plantam novas, cravam no chão estacas para varios usos, e a força vegetativa do clima e terreno fazem o resto.

41.* — Dividas

Raras vezes provém de emprestimo simples, o que procede talvez da falta de confiança que costumam manifestar uns nos outros em tudo o que se refira a valores, porque ninguem se importa de contrahir dividas, nem ha nunca desejos de as pagar, o que só se faz quando a isso se é forçado. Quando ha necessidade de receber

a credito qualquer objecto, o systema usado é o do penhor (12). A necessidade referida vae até limites que geralmente extranharmos, porque muitas vezes é questão de luxo, de divertimento, de satisfação de capricho ou vicio, etc. ; vemos que n'este ponto estão tão civilisados como os brancos que mais o dizem ser.

Muitas vezes, porém, procedem das variadissimas questões que, a proposito de tudo, trazem constantemente entre si, coisa que os seus usos muito facilitam e que as suas auctoridades fomentam por todos os modos, a fim de colherem uma parte, resolvendo o assumpto por meio de *fundação* (10).

Algumas vezes são devidas a doença que não permittiu ganhar e originou despezas com os mézinheiros, idolos, etc. Poucas teem por origem o pagamento de contribuições (140), praga de que estão ¹ completamente exemptos para com Portugal e quasi totalmente para com as auctoridades indigenas.

E' a brincadeira, é o prazer, que consome a maior parte dos haveres, que faz contrahir o maior numero de dividas.

Os modos de as saldar não dão que pensar senão quando a insistencia do credor é demasiado incommoda, e o primeiro que lembra é a fuga, meio facil de realisar, como disse a proposito da descripção do character indigena. Mas, como, na maior parte dos casos, o credor, sabendo por si proprio que, em presença de grande insistencia directa, tambem fugiria, recorre á auctoridade immediatamente superior aos dois que, a troco de pequena esportula, intervem, a modo de juiz de paz, tentando conciliação e estabelecendo preceitos e prazos ; desde essa occasião a propria auctoridade vigia para que o devedor não fuja, e, se tal se dá, resulta uma grave complicação para o fugitivo, que terá depois de pagar forte indemnisação por illudir o superior que trabalhará por conta propria, por interesse de haveres e de prestigio (152).

Paga-se uma divida em tecidos, aguardente ou qualquer outro objecto ; paga-se tambem em escravos que mudam de dono ; paga-se tornando escravos os filhos ou as mulheres ; paga-se algumas vezes em trabalho ou na prestação de quaesquer serviços, especie d'escravatura temporaria por periodo ajustado, que é o processo menos empregado. Combinam-se ás vezes dois dos modos de pagar, dá-se quanto se póde logo que se é obrigado e o resto á medida que é possivel arranjal-o ; isto tem razão de ser no facto de que, assim que a divida é reconhecida *em juízo*, a parte que não fôr logo paga, passa a ter o character d'emprestimo sobre penhores (12), o que aggrava as difficuldades do pagamento.

Succede que este, alguma vez, é feito em objecto ou escravo que o devedor entrega como seu, mas que realmente não lhe pertence o que, quando descoberto, constitue crime e dá occasião a novas questão e indemnisação.

Os parentes mais proximos correm serios perigos (152) se o

¹ Estavam até ha pouco tempo ; já vão tendo impostos.

devedor fôr relapso, se fugir depois da condemnação, se por qualquer modo não pagar, e succederá também terem estes de se quotisarem entre si para acabar a divida, o desassocego e os prejuizos que d'ella lhes podem advir.

42.ª — Penhores

A civilização nada tem que ensinar a este respeito (como a muitos outros) aos cabindas; qualquer objecto serve para empenhar, quando é preciso obter meios para honrar um compromisso, libertar d'uma difficuldade, executar um capricho ou satisfazer um prazer. Empenha-se tudo a proposito de tudo, empenha-se até a familia, caso é encontrar quem empreste; e entre si encontram muitas vezes não quem viva d'isso, mas um abonado hoje que amanhã será um pobre, procurando, por sua vez, quem lhe empreste.

A usura procede como nos paizes civilizados; o juro é também exorbitante, é apenas de 100 % ao mez ou ainda em periodo mais curto; o juro é logo capitalisado e vence juro igual ao do emprestimo. Comprehende-se que este processo traz breve a ruina, especialmente se o periodo é d'uma semana e a importancia notavel. Um criado nosso, em qualquer dia da semana, recebe d'outro preto, por emprestimo, um vintem, no domingo pagará dois; se não satisfizer então a divida, terá d'entregar no domingo seguinte quatro vintens; pouco depois terá de dar um penhor; mais tarde precisará escravisar uma pessoa de familia e, raras vezes, deixará de fallir ou fugir, se se deixa entrar em tal caminho.

43.ª — Contractos

Com os brancos, o contracto de prestação de serviço ou as pequenas transacções, são reduzidas a escripto (44); quasi sempre o ajuste se passa entre o branco e o preto ajustado ou aquelle que n'este manda; mas raras vezes deixará de succeder estar presente (como que por acaso) algum outro preto que possa vir a servir de testemunha e que, na propria occasião, em disfarçado áparte, lembre ao seu conterraneo alguma vantagem a pedir mais, algum sophisma intencional para servir de porta falsa, algum argumento favoravel á melhoria das condições do contracto.

Ainda com os brancos, quando o negocio é mais importante como compra de terreno, concessão d'estabelecer casas commerciaes, etc., a parte negra contractante é já um *principe* e o negocio toma já character de solemnidade, que muitas vezes vae até á fundação (45).

Entre pretos o contracto não se reduz a escripto, mas só nas coisas minimas deixa de haver testemunhas e, logo que no caso se

prevê alguma importancia de maior vulto, é defronte de *principe*, ou pelo menos de qualquer auctoridade indigena, que o caso se passa.

Qualquer contracto se póde quebrar por meios legaes, levando a questão perante a auctoridade e havendo simples *palavra* (31) ou *fundação*, conforme a magnitude d'elle ; a maior parte das vezes, porém, uma das partes contractantes falta a condições que accitou ; é á outra parte que compete *puxar a palavra*, se quizer ganhar a questão, porque se offender por palavras, e especialmente por actos, o que não cumpriu aquillo a que se obrigou, vem a este o direito de *puxar a palavra*, é muito menor a indemnisação a pagar pela falta, e sempre inferior a multa que tem a receber do offensor, a cujo cargo ficam, além d'isso, as despesas da justiça.

Quando o contracto é entre preto e branco, raras vezes este deixa de satisfazer o que estipulou, mas, se tal succede, ou o preto não vê probabilidade d'obrigar o branco a pagar indemnisação e foge, ou tenta convencer-o da falta e pede a indemnisação, ou, se o caso é d'importancia, chama-o perante a auctoridade indigena, a que antigamente era necessario reconhecer e obedecer, pagando bem caras as pequenas faltas ; hoje poderá o branco não accetar a *fundação* ou não se sujeitar á condemnação, mas nem por isso será menos castigado, porque, por meios indirectos, os cabindas conseguirão o seu fim, já fazendo com que o commercio se desvie da casa de tal branco, já fazendo com que elle não tenha pretos para o seu serviço, fugindo os que tiver e não conseguindo arranjar outros, já roubando o astuciosamente em valor superior ao que tiver de pagar pela condemnação, já incendiando-lhe os bens em occasião em que se não possa facilmente verificar se o incendio foi casual ou propositado.

Pelo contrario, se é o preto que faltou ao que contractou, raro será que não fuja logo que desconfie de que o branco percebeu o logro ou falta ; se o prejuizo é pequeno, a maioria dos brancos zanga-se e ralha com os outros pretos que, na ausencia do europeu, se rirão e commentarão satisfeitissimos o caso, com prejuizo futuro d'esse europeu e dos outros, pois será animada assim a repetição da fraude. Alguns europeus, melhor avisados ou mais conhecedores das leis do paiz em que vivem, chamam a familia do criminoso e com ella liquidam a questão, que muitas vezes termina pela apresentação do contractante fugitivo que, com o nome e qualidades de escravo temporario, expiará a má acção praticada (32).

Se o contracto é julgado d'importancia e o preto a elle falta, o melhor é levar a questão á moda indigena perante a auctoridade propria, visto que a queixa perante a civilisada é quasi sempre sem resultado, porque exige formalidades que não podiam ter havido no contracto, ou provas materiaes difficeis se não impossiveis d'apresentar. apesar de se reconhecer a falta ou fraude, e os pretos ficam-se rindo ; mesmo que o europeu ganhasse a questão o réo faria auto de pobreza e não poderia indemnisar o branco

Em todas as relações com indígenas segui sempre os seus processos e as suas leis e dei-me bem com o systema.

Se o caso tem importancia material e, principalmente, se tem a minima importancia moral, o melhor proceder do europeu é, se pôde, fazer que ignore o caso e participal-o logo ao indigena competente para resolver a questão; não sendo possível fingir que ignora, então prenda o criminoso e apresente-o com a queixa ao individuo que ha de ser juiz, ou, se elle fugir, faça *amarrações* (152) e *puxe palavra* (51).

Sempre que ha falta de cumprimento d'um contracto e que ella se prova com testemunhas ou argumentos que deem forte presumpção de ter havido quebra, ha direito a indemnisação; o mesmo succede quando o queixoso mostra a falta, embora não a prove á evidencia, mas o accusado não defende razoavelmente o seu proceder. Se só uma das partes faltou, essa pagará; se as duas faltaram, é avaliado o prejuizo resultante d'uma e d'outra falta, e a differença é paga por um ao outro mais prejudicado; em ambos os casos ha multa a favor do julgador.

A indemnisação pôde ir desde o pagamento d'importancia minima até á perda da liberdade, escravizando-se uma ou mais pessoas; a avaliação d'essa importancia depende do prejuizo e trans-tornos causados pela falta do contracto, da qualidade da pessoa prejudicada (tanto maior quanto mais elevada a classe social a que pertence), da occasião em que se deu o facto, da facilidade ou difficuldade de remediar a falta, do tempo decorrido desde que esta foi praticada até ao momento do julgamento (tanto maior quanto maior o intervallo), da habilidade com que se accumularam e fizeram valer as circumstancias aggravantes, da correccão com que procedeu a parte offendida, das despesas que originaram as diligencias para se chegar a diminuir o pleito, etc.

44.ª — Mukânda em geral, ajuste, papére

A significação geral de *mukânda* é escripto, carta, qualquer papel com letras, mesmo um livro; mas a maior parte das vezes dão-lhe o sentido restricto de contracto escripto, documento que contem as condições em que foi ajustado pelo branco um dado serviço a prestar pelo preto, que fica dono da *mukânda*; é o que designam por *mukânda de gáio* (escripto de ganho) quando querem ser mais explicitos, e de que tratarei na nota seguinte.

Algumas vezes tambem dão tal nome a um vale, passado por um branco sobre uma casa commercial, de generos a pagar ao portador por conta do signatario; é chamado *mukânda pagamento*.

Quando se faz ajuste para serviço avulso d'um dia, ou para serviço especificado de menos d'um dia, depois do trabalho feito pagam-se os generos ou dá-se um vale para o preto ir receber o pagamento; do mesmo modo, quando se faz uma compra (que

raras vezes era a dinheiro), dá-se generos ou o vale para o *feitico*. (Vide cap.^o *Commercio*). Quando o serviço é demais d'um dia até uma semana, dá-se cada dia a ração (generos para fazer a comida) e no fim o vale. Quando o trabalho é aturado, sem designação de tempo, é que se passa a *mukânda* da nota abaixo, pagando-se cada dia a ração.

Ao fazer do ajuste convem estar precavido e deixar tudo bem previsto, porque hão d'apparecer exigencias depois (a pretexto de ser *costume*) e que não foram explicadas por esta ocasião. Também quanto maior facilidade o branco mostrar em ceder ao que lhe é pedido, maior numero de coisas o indigena lhe pedirá, nunca estará satisfeito, exigirá cada vez mais, a pretexto de tudo, em quanto o branco fôr cedendo e não se mostrar zangado e teimoso na negativa.

Ha um papel de que modernamente tomáram maior conhecimento (era já conhecido pelos que trabalhavam em Angola) e a que deram nome especial, é a nota do banco quasi sempre do Nacional Ultramarino; a nota de mil réis tomou o nome de *papére* (papel) e serve d'unidade; cada uma das outras tem esse nome acompanhado do numero de mil réis, dizendo-se *cínco papére*, *dua papére* e *méo*, etc. A quantia mil réis, seja qual fôr a especie usada, mesmo prata, é sempre *papére*; usam a fracção *méo papére* (500 réis); raros falam em tostões, exprimem-se pelo numero de vintens.

45.º — *Mukânda* de gáño

Que elles pronunciam *gáio* é o escripto de que consta o ajuste, pelo branco, do serviço a mezes em numero indeterminado, a prestar por preto ou preta. Esse papel designará o nome do indigena contractado (e que o guarda), mencionará o serviço que elle prestará e qual o vencimento a que fica com direito; convem pôr a data, para a ficarem conhecendo o branco que firma a obrigação o preto que se obriga, para evitar enganos e questões futuras; alguns pretos sabem ler, e os que não sabem tomarão conhecimento do contheudo do escripto por intermedio d'esses ou d'algum branco a quem pedirão para lhe dizer o que está na *mukânda*.

No caso em que a preta é *empregada* (17) de preto, diz-se por extensão que *tomou mukânda*, para significar que se contractou; mas realmente não ha qualquer documento escripto, ha prova testemunhal apenas.

Em qualquer dos casos o indigena que *toma a mukânda* escolhe outro meio de contar os seus vencimentos e que geralmente consiste em dar um nó, no cordão que lhe segura o vestuario na cintura, sempre que vê pela primeira vez a lua nova; porque para os cabindas um mez é uma lua. D'aqui procede o regosijo ao descobrirem no ceu a lua nova, o que succede geralmente ao entar-

decer do 3.º dia, e se celebra com gritos e exclamações d'alegria bem depressa repetidos por todos os que, achando-se nas mesmas condições, ouviram o principio do signal e que vão logo procurar no ceu a lua.

O patrão deverá ir escrevendo na *mukânda* o que vae dando por conta ao interessado a pedido do proprio e, quando este receber tudo o que se lhe deve, o que se chama *limpar mukânda*, deve esta ser rasgada. Ao receber-se o pedido de qualquer abono, deve haver cuidado em se calcular o saldo de que se é devedor para não abonar mais do que está vencido; se isto succeder, será uma bella occasião para se perder o serviçal que fugirá, logrando o patrão e gabando-se d'isso.

Este escripto designa o que propriamente se chama pagamento; mas cada preto ganha além d'isso outras verbas com o nome de ração (que elles dizem *lanço* ou *lançon*), uma das quaes é constante e é o que recebe diariamente, em generos para alimentação e em aguardente para comprar outras coisas para se alimentar, mas a que não resiste bebendo algum gole; recebe ainda o que chama *lanço de sumâna* (ração de semana) aos domingos.

Tanto o pagamento como as rações variam com a qualidade do serviço prestado (§§).

46.ª — Valor da *mukânda*

O valor moral é enorme, tal que o viajante, mesmo para pontos distantes, não precisará levar os generos que serão necessarios para todos os pagamentos a fazer e que muito o embarçariam; basta-lhe papel e lapis para satisfazer, pagando, tudo o que puder obter, generos de commercio, comer, pousada, carregadores, etc.; passará *mukânda* designando a casa mais perto onde deve ser recebida ou mais alguma outra que a deverá pagar, e tudo ficará corrente. O preto guardará cuidadosamente o papel, ficando-lhe de memoria o valor que o branco disse ter ahi escripto e a casa que o receberá; conservará, emquanto lhe convier, o bilhete, ou mesmo transaccionará com elle, e uns dias depois, mezes, até annos depois, em tal casa um preto qualquer apresentará a ordem e saberá o que deve receber.

Muito se tem abusado d'esta plena confiança, ou dando prejuizos a donos de casas que nada têm a vêr com o leviano ou mau que passou os bilhetes, ou fazendo diminuir a confiança na *mukânda* ou na casa a que é apresentada. Parece incrível a malvadez com que se procede para destruir coisa que decerto custou muitos annos de trabalho e muitos valores para introduzir nos costumes dos pretos e que realmente é de extrema commodidade e economia para os europeus, sobretudo para os viajantes. Esses abusos, estendendo-se a toda a provincia d'Angola, onde é vulgar ha muito o costume da *mukânda*, são devidos quasi sempre aos nossos degredados, fugidos á vigilancia das auctoridades, para se sus-

tentarem sem trabalho e arranjam transporte que os afaste da costa para melhor escapar á provavel perseguição. Não só, porém, os degredados abusam da *mukânda*, tem havido europeus que assim procedem d'animo leve em detrimento de terceiros e que pertencem a varias nacionalidades, não têm exclusivo os portugueses.

O preto recebe de boa fé o bilhete e a indicação do local do pagamento, e só na occasião d'este conhece o logro, quando o conhece; umas vezes o nome ou assignatura não foi escripto, outras é desconhecido o signatario, outras, pelo contrario, é por demais conhecido como caloteiro, etc. Algumas vezes o bilhete só contém obscenidades, outras até insultos, e assim nem se sabe o que o branco emissor terá dito que escreveu.

Nas casas estrangeiras, lendo o que está escripto, enojados ou irritados, negam que á sua casa pertença pagar tal bilhete, mas não sabem indicar a qual das da localidade pertença; o preto tem a certeza de que não se enganou na terra, só admite engano quanto á casa commercial a que tem de dirigir-se e desconfia de que este branco é que o quer roubar e não o que passou o bilhete; se o empregado da casa trata mal o portador, como tem acontecido, a raiva contra essa feitoria augmenta, o seu descredito cresce; se se tenta fazer comprehender ao preto que foi victima d'um logro, elle terminará por acreditar, mas ficando sempre desconfiado de que, se o que devia pagar a *mukânda* não é o unico que o burla, não deixa de ter alguma culpa.

Ora com as casas portuguezas ha longos annos que não succede exemplo d'esta negativa; o portuguez sonda primeiro o preto sobre a certeza da localidade do pagamento do vale; adquirida esta, indaga do convencimento de que foi a sua casa a indicada; depois, se não pôde perceber pelo que lê qual o valor a pagar, pergunta-o ao preto, que com sinceridade o diz; e depois paga, embora na certeza de soffrer prejuizo, embora insultado no bilhete, embora este não seja de portuguez; é principalmente por factos d'estes que o costume da *mukânda* conserva o seu valor, é esta uma das razões da maior confiança dos pretos nos portuguezes do que nos outros europeus, é esta a mais forte das razões por que, para os cabindas e outros muitos pretos, só o portuguez é que é o *branco* (49).

47.° Intellecto

Só por excepção se nota algum exemplar do que entre nós é vulgar classificar de intelligencia mediana; esta, comquanto rudimentar, curta na grande maioria, e por vezes até parecendo quasi faltar totalmente, manifesta-se em especial por certa finura ou astucia que, com a memoria, parecem ser as unicas qualidades exercitadas e por isso desenvolvidas; mas da ultima são vulgarissimos

os exemplos do grande desenvolvimento e a astúcia é qualidade corrente.

Não são para grandes raciocínios, e menos para cogitações, mas bastantes percebem as coisas, especialmente até aos 30 annos; depois o cerebro como que se fecha, a finura enkysta-se; mais tarde degenera, retrograda todo o intellecto, salvando-se a memoria que persiste até á velhice.

A criança dá-nos a impressão d'uma esperteza grande, mas que geralmente é promessa vã, é *esperteza de rato*; crescendo, torna-se o cabinda reservado e velhaco, a intellectualidade só floresce dos 15 aos 30 annos.

Na mulher o nivel intellectual é ainda inferior; especie d'automato nas mãos dos homens, o servilismo a que está sujeita torna-a ainda menos esperta do que estes; a mulher desde que chega a adulta quasi não precisa pensar, quasi não a deixam pensar; adquiridas meia duzia de noções elementares sobre o modo de se conduzir debaixo do jugo dos preconceitos, dos costumes e dos homens, está completa a sua instrucção e mecanicamente executar as suas funcções na sociedade durante o resto da vida; pois não é isso porque em crianças o intellecto do sexo feminino seja inferior ao do masculino.

Em ambos os sexos é precoce a vivacidade, a vontade e a facilidade d'aprender; mas, no masculino essas qualidades poderão desenvolver-se com vantagem do proprio, no feminino a atrophia virá depressa por falta d'exercicio, por necessidade d'obediencia cega, de passividade completa.

São relativamente bastante vulgares os exemplares d'estupidez, embora não tanto como em outros ramos da familia negra; são raros os exemplares d'estupidez crassa e innata.

Sabendo-se quanto é vulgar o abuso do alcool e do tabaco em todas as edades, nos dois sexos, e por todas as fórmas; juntando-se ainda em alguns casos as consequencias do uso do fumo do canhamo (89); contrariando-se por varios modos o desenvolvimento intellectual e estragando-se o que havia de bom e de util a desenvolver; por outro lado conhecendo-se quanto a hereditariedade pode influir nos filhos de taes individuos, e ha quão longos annos estes factores vem actuando todos no mesmo sentido degradante; só nos resta admirar como a raça tem resistido tanto, como ainda ha finura e astúcia, como de todo não se apaga a memoria antes da velhice.

48.ª — Bebidas alcoolicas

Desde que nasce até que morre, figuram largamente em todos os actos da vida do cabinda (91).

Não basta a este preto a seiva das palmeiras, fresca ou fermentada, em ambos os casos conhecida por vinho de palma ou *manhêro*; não lhe bastava o hydromel ou outros liquidos obtidos an-

tigamente por fermentação de milho, da mandioca, etc., que se designavam pela mesma forma e cahiram em desuso; precisava de coisa que mais lhe impressione a garganta, mais rascante (embora não muito alcoolica), e, como a genebra e o cognac são caros e só roubados os prova, é a aguardente (*malávo*), o liquido que mais consome depois da agua commum; alguns, raros, preferem o vinho alcoolisado, mas a maioria prefere a aguardente de cereaes avariados, que se importa de Hamburgo e que dá maior medida pelo mesmo preço; estimam muito a aguardente de canna, mas pouco a provam, só quando é de graça.

A mãe bebe aguardente e dá-a ao filho de mamma, ou, pelo menos, borrija-lhe a cabeça e a bôcca; cresce a pessoa e troca o que pôde por aguardente; em ajuste para qualquer serviço, entra sempre a aguardente (44, 45); este liquido mostra se a rapariga aceita o noivo, se qualquer indigena aceita qualquer contracto; a amisade manifesta-se offerecendo aguardente, a hospitalidade do mesmo modo; no casamento, no funeral, em qualquer festa, a aguardente corre em abundancia; muitos serviços se pagam com ella; ella era a base a que se referiam certas transacções (começa agora a fallar-se em dinheiro).

Só os muitos annos de teimosa recusa á importação d'aguardente poderão evitar o seu extraordinario consumo; o processo, empregado como civilizador, de augmentar os direitos, dará tanto resultado na diminuição do numero d'individuos alcoolicos (87), como em Inglaterra as sociedades de temperança, de que ouvi uma prédica feita em publico contra o alcool, por um sectario da temperança a cahir de bebedor. Se na Grã Bretanha o alcool vae sendo substituido por coisa peor (o laudano de Sydenham), no cabinda tão arreigado está o vicio e o habito, que se embriagará com o que fabricar, com o que apanhar. Elevar os direitos não traz difficuldades aos pretos, tral-as aos brancos; o preto ajusta serviços ou troca d'objectos por um tanto d'aguardente, não quer saber o custo d'ella. Poderemos pouco a pouco substituir o consumo de mau alcool por bom vinho branco de forte graduação (e n'esta tribu será isto mais facil do que em muitas outras), mas ainda assim será trabalho de muitos annos; vicio que dê prazer é o *desideratum* do cabinda, não attende aos resultados longiquos, percebe o que se passa na occasião, despreza o futuro; é assim em tudo, é assim a sua crença, o seu uso, no presente tudo, porque futuro pôde não haver.

49.ª — Europeus e brancos

N'este trabalho designo sempre por europeus os individuos da raça branca, como synonymo de brancos; a razão é que, de tantos milhares d'individuos brancos que lá conheci, nem um só, que me recorde, encontrei que não fosse da Europa.

Não são porém equivalentes para estes pretos os dois termos

da epigraphe, pois por branco (pronunciam *barânco*) designam só o portuguez; todos os outros, por nações, são chamados *ingrêzo*, *flancêzo*, *randázo* (hollandez), *limão* (allemao) e *pubrica*¹; o hespanhol, rarissimo lá, entra na classificação como portuguez; as outras nações são desconhecidas.

E' digno de nota como estes pretos conhecem facilmente, pela pronuncia, não só se o europeu não é portuguez como qual das nações (chamam tribus) suas conhecidas é aquella a que o branco pertence; e isto se vê bem porque qualquer europeu tem de falar portuguez se quizer ser comprehendido pelos cabindas; só um ou outro entende inglez e, apenas ha 10 ou 12 annos, algum, raro, entende francez.

Ainda dividem a raça branca d'outro modo, formando dois grandes grupos: os brancos (portuguezes) e os brancos do matto (todos os outros), de certo por analogia com as duas designações que applicam aos pretos, como vimos no cap.^o II.

Para elles só o portuguez é *barânco derêto* (branco direito, genuino), só este tem *coraçon barânco*; com esta expressão querem dizer, como explicam, que é branco que se dá com os pretos, que os trata bem, que tem só uma palavra, cumprindo-a religiosamente, que não usa de manhas para enganar; effectivamente os portuguezes, ha muitos annos em contacto com os cabindas, teem mantido a maior seriedade e honradez nas suas relações, cumprindo á letra tudo o que ajustam, chegando mesmo a ser prejudicados para honrarem os compromissos d'outros europeus, totalmente desconhecidos até (48).

Vae a confiança do cabinda no europeu, especialmente no portuguez, ao ponto de, sobretudo em transacções, acreditar como certo tudo o que o branco com elle combinou; poderá mesmo tentar enganar o europeu, pôr por sua parte má fé no contracto, mas contará sempre com a execução fiel d'elle pela outra parte, e raras vezes se enganará, diga-se para honra dos europeus que lá teem existido, nem sempre honrados nem de palavra para com os outros brancos, quer cá, quer lá; essa honra porém será ao principio fundada no interesse, que aprendem depressa a ver, de cumprirem a sua palavra, porque isto lhes é indispensavel para as suas transacções progredirem e lhe darem lucros; depois, talvez por habito, ficam cumpridores do que combinam (repito, pelo menos com os pretos), o que é, me parece, a unica regeneração que adquire a sociedade com o degredo e deportação impostos a homens que deixa entregues a si, completamente abandonados d'estimulos, de correcções, de qualquer meio coercivo, como

¹ Termo applicavel a belga ou francez que viva no Estado Independente do Congo (entidade desconhecida por elles n'esta fórma), sabendo apenas que são europeus, com uma cabeça em Bôma, que tratam os pretos muito mal e que elles odeiam; talvez por ouvirem os portuguezes de baixa estofa, dizer: aquillo é uma republica, chamam pubrica a tudo o que é d'aquelle Estado.

actualmente praticamos; o degredo é antes uma escola de vicio do que um meio de tentar a regeneração do criminoso; este, especialmente se o é por ladrão, vae lá aperfeiçoar-se, aprende mais e melhor, da profissão que adoptou, com as lições e as praticas dos maiores mestres; o degredado em Angola não se regenera, toma capello na faculdade do crime, mesmo que o governo não lhe aproveite a vida, tornando-o policia ou soldado (50).

50.ª — Classificação dos brancos — Emigração

Vimos acima como os cabindas dividem os individuos da raça branca e como sendo os portuguezes os unicos brancos verdadeiros, consideram estes os melhores, muito superiores ao de todos os outros grupos. Ainda assim não deixam de dividir os portuguezes conforme o modo de vida e de proceder.

Sabendo-se como para elles é desprezível o trabalho agricola, comprehende-se como dão menos consideração ao europeu que habitualmente se empregue em qualquer mister em que haja que mexer muito na terra; mas vão já comprehendendo que os brancos não pensam do mesmo modo, que se pôde ser considerado seja qual fôr a profissão que se exerce, contanto que se trabalhe honestamente; vão já admittindo tambem que o trabalho e a profissão não deshonram; que o vicio, a ociosidade, a vadiagem é que levam o individuo á classe desprezível da sociedade a que corresponde o termo indigena *puáka*, cuja melhor traducção me parece ser reles ou desprezível quando se applica a pessoa ou coisa, e ralé quando se refere a esta classe d'individuos que lá vae sendo numerosa, graças ao concurso de varias circumstancias.

Entre estas figuram, em primeiro logar, a lei que envia os criminosos para a costa d'Africa e a que dá o mesmo destino aos vadios e pequenos criminosos tidos por incorrigiveis. E' preciso que os poderes constituídos se convençam de que o medo de ir para a Africa, se não vae de todo passado, está felizmente muito attenuado com grande vantagem para a civilisação e progresso das nossas colonias e, como consequencia, para as melhores condições d'existencia e desafoço da nossa nacionalidade. Se, nos tempos em que a costa d'Africa era uma especie de papão para adultos, muitas vezes não servia esse receio de peia aos criminosos, agora cada vez mais deixa de ter qualquer effeito moral o medo de tal expatriação, o que se traduz na phrase, tornada vulgar, de que em Africa tambem se vive.

O degredo, a remessa de criminosos para a Africa, não tem pois actualmente effeito repressivo, quasi deixou de ser correcção, e de mais d'um caso se conta em Angola ter-se dado este facto: criminoso ido para lá, vendo modo de vida mais facil e aproveitavel do que cá, escreve ou faz escrever cartas a filhos, mulher, irmãos, etc., narrando lhes a relativa facilidade de vida lá, de como encontram trabalho melhor remunerado, concluindo por que con-

vem emigrar; ser clima doentio não entra facilmente nos calculos do ignorante que professa a theoria de que doenças em toda a parte as ha e só morre quem Deus quer. Um unico argumento de valor apparece contrariando essa emigração, é a falta de dinheiro para a passagem; a isto muito degredado provê de remedio aconselhando n'estes termos: vinga-te por lá d'alguem que te fizesse mal, que elles para cá te mandarão de graça.

Esta propaganda desmoralisadora é mais activa e insinua-se mais do que a que pretende emigração livre, voluntaria, ou desviar parte da que o uso leva para a America; o povo só vê os que voltam com dinheiro e não os que lá jazem nem as misérias soffridas, e vae já chamando brasileiros (com o cortejo d'opulencia e vaidade ligado a esta palavra) aos que voltam d'Africa como se voltava do Brazil. As levas d'emigrantes repatriados miseraveis da America, augmentam a propaganda da emigração para a Africa, d'onde não se nota que se volta menos vezes.

Ora ninguem acreditará que os melhores colonos sejam os criminosos e que estes, deixados em quasi completa e total liberdade como é pratica corrente, não vão desmoralisando com o exemplo e a palavra, contrariando o progresso com a ociosidade e a accumulção d'inuteis ou de prejudiciaes, fazendo receiar do clima mais do que é justo, por causa do pasto que o paludismo encontra nos debilitados por má alimentação, pelo vicio, etc., tornando nulla a segurança publica, tão necessaria para empreendimentos em terras novas, distantes, despoliciaes.

Dos vadios e criminosos fazemos em Africa soldados e policiaes; em vez de os mettermos em colonias penitenciarias, de os obrigarmos a trabalhar, a darem alguma utilidade, deixamol-os á solta ou fazemol-os guardas contra os prejuizos sociaes de que elles são os causadores quasi unicos; não é este o caminho para os aproveitar na colonisação, nem para os regenerar, não é o que ensina a pratica d'outras nações, que admiramos por fazerem progredir as suas colonias, onde o *bom coração* não chega até á toleima que nos caracteriza e nos faz estacionar.

Outras circumstancias que augmentam em Africa as classes inferiores da sociedade portugueza, são as que derivam de varias crises que o paiz vae atravessando nos ultimos quinze annos, que impellem o povo a deixar a patria, a trocar a miseria por esperança de melhor; mas essas camadas, supinamente ignorantes, desarmadas para a lucta pela existencia, munidas apenas do esforço do seu braço, que pouco póde lá ser aproveitado, vão arrastar uma existencia geralmente desgraçada, quer vão vegetar proximo do littoral em clima que não lhes consente trabalho braçal aturado, quer sejam dirigidos para as altas terras salubres, muito distantes, d'onde não ha ainda facilidade na sahida dos productos.

Se a consideração dos cabindas é total pelas auctoridades europeas superiores e pelos negociantes mais abastados, se é nenhuma pelas classes infimas a que se julgam superiores, é pelas outras alturas sociaes superior realmente ao que taes individuos merecem;

estes sentem isso mesmo, a vaidade sopra-os, a ignorancia não os deixa manter no seu logar e torna os asperos e inabordaveis com os subordinados e inferiores, questionadores e intriguistas com os eguaes, sabujos e traiçoeiros com os que consideram acima de si.

Para estes pretos todos os brancos têm uma qualidade commum, o serem exploraveis; mas distinguem perfeitamente o valor social de cada europeu, mostram perceber bem o valor da instrução e o proveito a tirar dos conhecimentos adquiridos. O cabinda troça do branco tanto mais quanto mais ignorante o acha; chega a fazel-o á vista do proprio e até de modo que seja percebido, mas collocando-se a distancia em que se julgue seguro d'uma aggressão; manifesta desprezo pelo maltrapilho, pelo immundo; desobedece ao ebrio e á criança; custa-lhe a servir e obedecer á mulher branca; mas não consta que tenha aggreddido qualquer europeu, a não ser quando totalmente fóra de si por vingança d'offensas muito graves e muito repetidas. Pelo vadio e degredado tem profundo desprezo, misturado com receio; julga-o capaz das infimas acções que praticará sempre, mesmo sem causa, e incapaz de qualquer acto digno; admira-se até de que os brancos melhor collocados possam ter relações de qualquer especie com tal classe d'individuos.

51.ª — Palavra

E' o termo portuguez (55) usado para designar questão, litigio e, mais propriamente o assumpto da divergencia; tambem empregam *manéra* (maneira). *Fundar* é tratar uma questão, discutir-lhe os fundamentos e resolver a pendencia. Se o motivo é d'importancia, o julgamento diz-se *fundação* (110) ou *fundamento* e tem ceremonial complicado; nas coisas miudas, resolve-se o caso simplesmente, sem apparato, e geralmente não se diz *fundar* nem *fundação*, usa-se *puchar palavra*, *ter palavra*, *fazer palavra*, *cortar palavra*, etc., isto é, intentar uma questão, andar em demanda, provocar questão, resolver o desaccôrdo, etc.

O intentar da questão pertence a qualquer que se julgue offendido nos seus direitos, na sua propriedade, nos seus negocios, etc., se não é escravo, mulher ou criança, porque n'estes casos pertencerá ao dono, marido, pae ou substituto; (118) tudo serve de motivo, ha desejo d'interpretar factos de fórmula a apanhar alguma *fazenda* á pessoa demandada, já dando-a esta voluntariamente, para se livrar de questões e despezas, *cortando a palavra*, já forjando cada um provas e testemunhas para ser julgado a seu favor assumpto que realmente não lhe dizia respeito, ou tinha outra intenção ou fim, etc.

A queixa que serve d'inicio á *palavra* é feita pelo interessado á auctoridade indigena que tenha superioridade sobre o auctor e o reu; nos casos d'este ser indeterminado, faz o auctor a queixa

ao superior seu contra incerto, e fica encarregado o superior de encontrar o culpado, já pelas suas indagações, já por intermedio de *feitiços* e adivinhos (70).

Para apresentar a questão, o queixoso vae procurar a auctoridade que deseja, e *abre-lhe a bôcca* (119), sendo então admittido a expôr o assumpto o mais detalhadamente que pôde, indicando, se sabe, contra quem se queixa e quaes as testemunhas ou provas. Passados dias o julgador manda recado ao indiciado, ordenando-lhe que venha á sua presença por ter uma *palavra*; dias depois apparece o accusado, ouve a accusação, protesta a sua innocencia e recebe auctorisação para ir arranjar argumentos, provas, testemunhas para se defender. Passado periodo mais ou menos longo dá-se por habilitado para a defeza; mas, muitas vezes, essa resolução é custosa d'arrancar, são precisas muitas diligencias, ou mesmo ordem terminante, da auctoridade que, durante todo esse tempo, tem ido fazendo policia por sua conta e habilitando-se ao julgamento, fazendo até valer o seu papel, mostrando-se inclinado ora ao auctor ora ao reu, empregando assim um meio de receber presentes, d'ambas as partes, successivamente mais avultados; enquanto o negocio assim vae pingando (como se diz na guria de cá), arranja sempre pretextos para demoras, inventa innumeros modos de *comer fazenda* (120).

Finalmente consegue-se chegar ao dia do julgamento e, na presença do juiz, reúnem-se algumas pessoas: as testemunhas, alguns curiosos e as partes. Estas são sempre homens e livres, porque pelos escravos respondem os donos, pelas mulheres os maridos, pelos filhos os paes, pelos menores e mulheres solteiras ou viúvas os *encarregados* (tios, irmãos maiores, ou outros parentés); ou melhor, os responsaveis apresentam-se sempre substituindo-se áquelles que os costumes ou leis consideram sem os direitos civis.

Tem primeiro a palavra o queixoso e, geralmente prodigo em exclamações e loquella, não precisa acompanhar-se de procurador (59) que é especialmente usado nas *fundações*, creio mesmo que indispensavel como advogado. Exposto o seu agravo em demorada arenga, tira d'elle as conclusões que sabe, expondo uma a uma as provas das suas asserções, citando factos, costumes, testemunhas, etc. Seguem-se as testemunhas que reforçam essas declarações e que, levadas por interesses não confessados, ou carregam as côres ou mesmo deturpam a verdade, conforme podem e ao seu parcial convem (134). Depois defende-se o accusado que, geralmente, tambem accusa o queixoso de factos contemporaneos ou passados, atacando-o com antecedentes, etc. Por ultimo ouvem-se as testemunhas favoraveis ao reu, e acaream-se mesmo algumas, sendo necessario.

A's vezes tudo isto leva mais d'um dia; quanto mais tempo levar, mais o presidente receberá. Então a auctoridade recapitula a argumentação d'uns e d'outros, avalia as provas e decide dando a sentença; o condemnado tem a pagar, pelo menos, as custas (136), as despesas que fez o que venceu (*ganhou razão*) e a in-



demnisação que foi arbitrada. A auctoridade fica encarregada de fazer cumprir a sentença.

Algumas vezes o condemnado não se conforma com a resolução, e vae *abrir a bocca* a auctoridade mais elevada, perante a qual traz a *palavra*; n'este caso, quem deu a sentença tem de vir a terreiro defendel-a e, se o superior a confirma, recebe avultados bens como indemnisação da offensa que o condemnado lhe fez tendo-o por mau julgador. Ora, como quasi sempre as auctoridades vão feitas umas com as outras, só em casos de parcialidade muito clara a primeira sentença não será confirmada; por isso também é raro dar-se esta especie de appellação, e o reu conforma-se, mesmo que não se convença, com receio de peor.

N'este, como em muitos outros pontos, não tem a civilisação que ensinar aos cabindas.

52.ª — Origem da palavra *fióte*

E' este o termo pelo qual os cabindas designam o individuo, uso, etc., proprios da terra do seu paiz; *fióte* e cabinda são palavras perfeitamente correspondentes.

Sabendo nós, que os antigos portuguezes usavam da palavra *filhóte* na acceção em que nós empregamos hoje quasi exclusivamente a *indigena*, é licito crêr que os descobridores chamassem filhote a tudo o que era natural ou proprio de Cabinda; o indigena, conhecendo o sentido em que tal se empregava e não tendo palavra para exprimir essa ideia, adoptou o nome portuguez, como tem feito e continúa fazendo a centenaes d'estes, alterando-os a seu modo, e modificando-lhes as fórmulas segundo as suas regras: assim pronuncia *fióte* como faz a outras palavras (*fio* em vez de filho), e ha tantos annos usa o vocabulo, que passa já como termo seu, tanto mais que já lhe fórma o plural conformemente com as suas regras; é exactamente o que está succedendo com a palavra remo (entre outras muitas) que pronuncia *lémo* e a que fórma o plural antepondo *ma*, exactamente como em varios casos das palavras da sua lingua (201).

53.ª — Traducção da preposição *de*

E' geralmente expressa em *fióte* por *ia* e muitas vezes só por *i*; nos casos em que a palavra antecedente termina por vogal, ou quando por esta começa a palavra seguinte, a preposição quasi que não se percebe, como que fazendo parte da palavra cuja vogal substitue.

Algumas vezes, em casos que não posso precisar, é expressa por *la*, *lan*, ex. parafusos, palma de mão, mastro, sepultura.

54.ª — O som *me*

Quando este som é o inicio d'uma palavra *fiôte* que tenho que escrever, emprego-o muita vez assim escripto apesar de vêr bastante empregada a fôrma *m'*; parece-me melhor a que uso por mais corrente e simples, na nossa lingua, e creio não ter menos razão para o fazer do que os que empregam a outra fôrma porque, na lingua cabinda, o som que se pretende escrever ouve-se como não sendo exactamente um nem outro, mas mais proximo do que adoptei, apenas ligeiramente mais rapido, menos demorado do que em portuguez, mas com a vogal sensivel ao ouvido; quem não estiver muito habituado não perceberá differença entre a nossa palavra *metti* e a traducção em *fiôte* de pau (*meti*), por exemplo.

55.ª — Difficuldades de pronuncia; Portugal

Nota se que os cabindas teem grande difficuldade em pronunciar palavras muito compridas e ainda mais o *r* quando seguido d'outra consoante, de que não me recordo d'exemplo na sua lingua, muito farta em vogaes. D'esta difficuldade resulta que elles vão alterando bastante, e ás vezes por graus successivos, as palavras portuguezas que empregam, transformando-as pouco (de palavra fazem *palávera*), ou de modo tal que, quem não estiver habituado, sobretudo não sendo portuguez, não distingue facilmente a origem do termo que ouve. Assim se foi transformando o nome da nossa patria (64) e, pelos ensaios repetidos que fiz executar a varios pretos, julgo poder dizer que a transformação foi successiva e feita por estes graus, pelo menos: *Púlutugare*, *Pútugare*, *Puto*.

56.ª — Classes da sociedade

A sociedade cabinda divide-se, pelas suas prerogativas, em tres classes bem distinctas, subdivididas em outras: são nobreza, povo e escravos. Vimos como era formada a ultima (37) classe, por isso não tratarei d'ella agora.

Na nobreza (38) residem todos os poderes, todas as attribuições, conforme os seus graus, desde o que chamam em portuguez *cavalheiro da terra* e na sua lingua *kapita*, até ao rei, actualmente á regencia (8). Só os nobres são auctoridades, só elles teem poder para mandar, em nome proprio ou no de superior, conforme a importancia relativa da ordem e de quem a dá.

O grau mais baixo, *kapita*, obtem-se, não se sendo escravo, se se consegue agradar, a auctoridade mais elevada, pelo bom comportamento, serviços prestados e grandes presentes; entra-se por este modo na nobreza sem ser por herança (33), mas é preciso alliar-se, casando com princeza ou filha de *principe* (33), a membro da classe nobre.

Depois, podendo já ter alguns bens sem que lh'os tirem immediatamente (39), pode ir adquirindo mais, tarefa então mais facil, prestar serviços administrativos dignos de recompensa, e ir assim subindo na escala. A *mambuko* não julgo que preto algum desde longa data tenha chegado senão por herança; é o grau mais elevado, o mais proximo do rei, governador d'uma provincia.

A subdivisão da classe povo que tem mais representação e poderio é a dos feiticeiros (30) que bastas vezes hombreiam, e mesmo se defrontam, com bastantes nobres, mas que não são como tal considerados; correspondem, razoavelmente, á nossa antiga classe clero, mas só ao clero que não attingia as eminencias; tem muita força moral de que usam para as suas ceremonias e que lhes vem da sua esperteza e da crença popular nos *feiticos* (133); mas não podem ter o mando, a propriedade, etc., que é apanagio dos nobres.

O resto do povo, não escravo, a parte mais numerosa da tribo cabinda, divide-se em tres partes deseguaes conforme os seus haveres sempre bem modestos, o que não obsta a que se digam ricos e remediados; imagine-se o que serão os pobres. Estes ricos são os que têm boas fontes de receita (39), que levam vida mais desafogada, gastando largamente, fazendo figura, como se diz entre nós. Menos valem depois os remediados e ainda menos os pobres, porque entre os cabindas, mais ainda do que entre nós, é que tem valor o dictado: se muito tens muito vales... E isto é tanto assim, que as mulheres, a quem os costumes indigenas não permitem a posse senão d'alguns farrapos, constituem subdivisão a roçar pela altura dos escravos e, por mais nobre e mais princeza que seja, a mulher é sempre considerada inferior ao homem da mesma origem e classe.

57.ª — Nobres honorarios

Quando a branco, com persistencia nas terras de *Negoio*, as auctoridades do paiz entendem dever conferir uma prova de grande apreço pelos beneficios recebidos; quando se dá um extraordinario caso de reconhecimento e elles veem que assim poderão explorar ainda mais o branco, offerecem a este um grau da sua nobreza.

Mas, porque o europeu não quer sujeitar se a que todo o cabelo, barbas, etc., lhe sejam cortados á navalha; porque não quer que o seu corpo ande por dias todo pintado de *takula* (36); porque não quer sujeitar-se a outras enfadonhas ceremonias, que ne-

cessitaria soffrer para ser nobre a valer; mas, e sobretudo, porque o facto de ser branco faz que os cabindas o não queiram com direitos eguaes aos seus nobres e por isso compliquem o ceremonial de fôrma a exceder a paciência do europeu mais paciente; o grau de nobreza é apenas honorario, dá muito poucos dos direitos do grau effectivo, é um arremedo de nobreza, o que os cabindas designam d'um modo original. Sabe-se que, durante longos annos, a moeda em Angola foi fraca em relação á de Portugal; pois os cabindas aproveitaram essa expressão com bastante criterio, e dizem que tal branco é, por exemplo, *mambúko* fraco.

Semelhantemente ao que fazem quando investem na nobreza a um seu compatriota, mudam o nome ao branco; assim conheço um negociante ¹ que elles só designam por *mambúko metchime* (traducção *mambuko* valente, destemido).

58.* — Principes, auctoridades

O que os cabindas pronunciam *plince* não corresponde exactamente á ideia expressa pela palavra portugueza que estropiam; para elles o termo é mais generico, é antes nobre, abrange os filhos de rei e os grandes senhores, os graus mais elevados do seu meio social. Por extensão, e talvez pelo grande desejo d'apparentar poderio (inherente só á aristocracia e proporcional a ella), comprehendem n'esta designação todos os graus da nobreza, mesmo os d'inferior hierarchia. Dado o modo como tudo se herda (33) e esta tendencia para a fidalguia, percebe-se facilmente o uso d'outras designações, *fiu de plince*, *neto de plince*, *fiu de neto de plince*, com que se pavoneiam os proximos descendentes de nobres, e que não dão direito a qualquer consideração especial, apenas a certa consideração social muito attenuada, simples reflexo da importancia tida pelo parente nobre, e só durante a existencia d'elle e do seu immediato successor.

Por esta fôrma se vê como é facil encontrar cabindas que a si applicuem o qualificativo de principe (de mais a mais abreviam aquellas expressões usando só de *plince*), quando realmente são apenas parentes de nobres, ás vezes já bem baixos na escala social, mas não querendo confundir se com a raia miuda, e especialmente desejando significar que não são escravos.

Os diversos graus de nobreza, por ordem descendente, são: *mangóio* (8) ou rei, *mambóma*, *mambúko*, *mafúka*, *mankáfi*, *mom-bôndo*, *linguece* ², *lubângala*, *matchiôua*, e *kapita*; a cada nobre competem qualidades proprias e poderes especiaes cada vez mais diminutos, governando extensões territoriaes successivamente me-

¹ Manuel Antonio da Silva, fallecido em 1901.

² Não se pronuncia o u.

nores, até ao simples *kapita* (36) ou cavalheiro, que se limita a governar em uma ou duas aldeias, especie de rexedor sertanejo, considerado só entre os seus subordinados, cumprindo cegamente as ordens superiores. Quem governa em uma só aldeia é designado por *fumúci* (abreviatura de *fumo-neci*, ou melhor *fumo-i-neci*, cuja traducção litteral é príncipe ou dono da terra ou chão); se governa em mais d'uma aldeia toma o nome, seja qual fôr o titulo, de *fumozúci* (apparece a lettra *z* que faz parte da prefixa *zi*, indicativa do plural, mas em numero indeterminado).

Um homem do povo pôde ser elevado, como vimos (36), a *kapita* e passar depois a *matchiôua*, mas por ahi fica; correspondem esses graus, pouco mais ou menos, aos nossos antigos cavalleiro e moço fidalgo. O primeiro pôde pertencer (ou ser immediato subordinado) ao rei, ao *mambôma*, ao *mambúko*, ao *mafúka*, ao *mankáfi*, ao *mambôndo*, ao *lubângala* e até ao *matchiôua*; fica pertencendo áquelle que o nomeia, fica fazendo parte do seu estado. O *linguece* não pôde ter *kapita*, mas elle mesmo pôde pertencer ao estado do rei, do *mambôma*, do *mambúko*, do *mafúka*, do *mankáfi* ou do *mambôndo*. O *kapita* pôde, por sua conta, dar ordens em nome do seu chefe e depois participar-lhe o que fez; o *linguece* só pôde fazer tal, quando o chefe lh'o tenha ordenado.

Dos herdeiros dos dois graus inferiores da nobreza é que saem os outros nobres, subindo-se successivamente de hierarchia até *mafúka*, que é o mais elevado que se pôde obter. Só parente proximo do rei pôde chegar a *mambúko*; é titulo de primeira nobreza, e é entre os nobres d'este titulo que se escolhe o rei.

Faz excepção a todas estas regras o logar de *mambôma*; corresponde a primeiro ministro, é escolhido pelo rei, em qualquer classe de homens livres, até mesmo no povo, pelo seu muito saber e esperteza; pôde substituir o rei na sua ausencia em quanto este é vivo, mas não pôde passar a rei; o seu cargo é unico e vitalicio, mas não hereditario; se cair em desgraça no conceito real é morto quasi sempre. mas pôde exilar se a tempo e por fórma que seja sempre desconhecido o seu paradeiro para não ser assassinado. E' o conselheiro real, mas não deve assumir iniciativa. Pelo contrario, o *mambúko* decide por si e faz executar, mandando em nome do rei; mas se o *mambúko* condemnar um preto á morte e este, fugindo, conseguir deitar a mão á insignia do *mambôma*, sem ser repellido por elle, já não será justicado.

As insignias variam com a importancia dos cargos. O rei tem sceptro chamado *bâmbazibuáti* ou *koukalassinga*; os pluraes d'estas palavras, pelo modo como são formados, indicam que ellas são compostas, mas não sei o que significam os componentes; assim, querendo dizer-se trez (*táto*) sceptros, dir-se-ha respectivamente *bamba-itáto-zibuáli* e *makouka-matáto-massinga*; no primeiro caso a primeira parte pôde estar no singular ou no plural, a segunda tem a prefixa de plural *i*, na terceira aquelle *zi* affirma que ha mais d'um *buáli*. mas em numero indeterminado; no segundo caso a prefixa do plural *ma* rege as duas primeiras partes por accrescentamento e a terceira por substituição do *l* por *m*.

O primeiro ministro, *mambôma*, (no plural *bôma*, tendo a prefixa *i* o adjectivo concordante), (201) distingue-se por ter um collar de pellos de cauda d'elephante, sobrepostos ou entretrecidos, mas de modo que guarneçam todo o pescoço; esta insignia diz-se *mekinda*, e o adjectivo que concordar com o plural terá a prefixa *be*.

O *mambuiko* (no plural *búko*, e o seu adjectivo com a prefixa *i*) distinguir-se ha por um barrete feito de pelles curtidas de qualquer animal selvagem, tigre, gato ou rato do matto, etc. Chama-se a insignia *mepû-mekânga*, no plural *mepû-zi-mekanga*, é também palavra composta, porque *mepû* quer dizer barrete ou barretes e *zi* indica plural; quanto á segunda parte da palavra tenho duvidas, porque pelle é *mekânda* e no plural *bekânda*; será má pronunciação ou palavra differente? Inclino-me para a primeira hypothese.

O *mafûka* (no plural *fûka*, e com prefixa *i* o plural do adjectivo concordante) tem um barrete especial, tecido de palhas finas (153) chegando até aos hombros, denominado *neçita*, no plural *çita*, tendo o adjectivo a prefixa *i*. Tem além d'isso uma romeira, também tecida de palhas, cobrindo o corpo desde o pescoço até á altura dos cotovellos, aberta adiante e chamada *tchinçêmba*, no plural *bimçêmba*, e o adjectivo com *be*.

O *mankâfi* (no plural o mesmo e o adjectivo com a prefixa *ma* ¹) e o *mombôndo* (no plural *bôndo* e o adjectivo com *i*), teem também *neçita*, mas só até á nuca; a romeira é como a do anterior.

O *linguece* (não se pronuncia este *u*) no plural *malinguece*, e o adjectivo com *ma* ¹, não tem officialmente direito a usar romeira nem barrete, mas, fóra das suas funcções, em passeio, póde usar o mesmo que os dois antecedentes.

O *lubângala* (no plural *túbangala* ¹, e o adjectivo com *tu*) tem barrete e romeira como o *mombondo*, mas mais curtos.

O *matchiôua* (com plural igual e o adjectivo com *ma* ¹) e o *kapita* (com plural igual e o adjectivo com *ka* ¹) só fóra dos seus deveres officiaes podem usar barrete e romeira, mas aquelle quasi não chega á nuca e esta não passa de cobrir os hombros.

Aos nobres dão indistinctamente a todos o tratamento de *muéne* e a designação de príncipe (*fûmo*), e aos filhos das suas mulheres *bâna-fûmo*, no singular *muâna-fûmo*, por abreviação de *muâna-ia-fûmo* (traducção litteral: creança, filho de príncipe). Toda a descendencia do príncipe com mulheres livres tem esta designação; mas se a mulher é escrava, os filhos serão *bâna-makânda*, no singular *muâna-makânda*; essa escrava, pelo facto de ter relações sexuaes com um príncipe, deixa de ser escrava, mas não póde chegar a ser nobre.

Como o interesse é a mola real dos cabindas (parece que vão

¹ Parece excepção aos pluraes de pessoas ou attributos que se lhes referem, que são em *ba*.

na vanguarda da civilização), as auctoridades vivem dos seus administrados, tanto mais largamente quanto mais elevado é o titulo e portanto maior o numero de subordinados ; tambem os proventos ou emolumentos d'um mesmo caso crescem com o grau hierarchico de quem os recebe, e d'aqui a facilidade d'enriquecer que teem as auctoridades superiores.

Os nobres são depositarios interessados das suas primazias, das suas regalias que defendem por todos os modos ; regulam os costumes (não nos esqueçamos de que entre os cabindas é rigorosamente exacto o dictado que o costume faz lei) que pouco já modificam por lhes serem todos favoraveis ; decidem todas as questões apresentadas directamente ou por appellação (31), e muitas vezes tomam a iniciativa de as começar, accusando ou insinuando a outrem a accusação. Os graus elevados gosam do direito de vida sobre os seus subordinados, embora assim indirectamente, como gosam da propriedade dos bens immoveis e d'outras excepções e regalias que não são dadas ao simples povo.

O estado social actual dos cabindas é, pois, um feudalismo em que nos nobres reside todo o poder, tanto mais que mais d'um rei se tem visto embaraçado com os *búko*, ou por suggestões d'elles tem sido assassinado, como o ultimo o foi pelas suas proprias mulheres (32).

Tomar barrete é a phrase consagrada para se dizer que um plebeu foi elevado a nobre ; se passou d'um grau a outro, diz-se a mesma phrase, mas accrescenta-se o titulo a que subiu.

59.º — Procuração

Em bastantes circumstancias qualquer individuo tem de se fazer representar onde não póde ou não quer ir, ou tem de tratar, por interposta pessoa, de coisa que lhe diga respeito ; passa-se então procuração. Como a grande maioria dos cabindas não sabe ler e raro é o que escreve, e como não usam para isto senão do portuguez corrupto, desconhecendo totalmente a escripta da sua propria lingua (33) ; por outro modo se fará reconhecer o procurador.

Veremos (34) que entre si os brancos se communicam por escripto por intermedio do *portador*, o que entre pretos não póde dar-se, como acabo de dizer ; terá o preto que dar a outro poderes para proceder em seu lugar, mandará uma embaixada (35), quer para a transmissão de simples recado, quer para transaccionar ou mesmo deliberar. Em todos estes casos o indigena enviado (36) será escolhido por quem o mandar e da sua confiança, e terá de se fazer reconhecer como sendo enviado por quem é, para em seu nome tratar, ficando o que o *despacha* (37) obrigado a acceitar e cumprir o que fôr resolvido com o procurador.

Quando este não é tido vulgarmente como enviado habitual de

determinada pessoa, o meio de ser reconhecido é apresentar a insígnia (se a ha) de quem representa, ou um objecto que bastantes pessoas possam afirmar ser de uso exclusivo e constante de quem dá a procuração, e que toma o nome *chimpábala*, como a insígnia (132).

Nas *palavras* (31) algumas vezes e nas *fundações* (10) sempre, ha um preto que trata do negocio por procuração, o advogado. Quando o constituinte é preto e não se trata de *fundação*, é escolhido o advogado por melhor se exprimir, por ter mais conhecimento das leis e da chicana, por ser considerado mais esperto e conhecedor, mais habituado a levar a questão a bom caminho para quem o encarrega do serviço. Em *fundação*, além d'estas condições a que o advogado deve satisfazer, é elle indispensavel quer para o accusador quer para o accusado, seja um d'estes branco seja preto; não é permittido a qualquer d'elles occupar-se do assumpto directamente, não é considerado apto para allegar no tribunal. Comprehende-se facilmente que poucas vezes o branco fallará e entenderá a lingua *fióte* tão bem que possa dispensar o advogado e nas *fundações* não é licito fallar outra lingua; mas, ainda que o europeu tudo perceba e saiba dizer, não lh'o consentirão, ha de haver advogado; o mesmo succede com qualquer preto accusado de crime grave que mereça *fundação*; se é escravo ou escravizado, se é mulher ou menor, embora podesse tratar por si dos seus interesses, não o poderá fazer nem mesmo na mais simples *palavra*, fallará o dono, o marido, o tutor, ou por outro modo responsavel (35), ou o advogado que este escolher.

E' curioso que este costume subsiste quando, perante auctoridade europeia, se trata d'um assumpto importante, ou o indigena é preto de representação social, embora este comprehenda e falle correctamente o creoulo que usam, dizendo ser lingua portugueza; sempre empregam um advogado como interprete e explicaram-me o caso dizendo que, emquanto o interprete traduz o que diz o branco, não lhe dão attenção alguma, porque já sabem o que o europeu disse, mas aproveitam o tempo pensando no que devem responder que mais favoravel lhes seja. Note-se, que a demora na resposta dispõe desfavoravelmente o julgador indigena contra a pessoa que não retorquiu immediatamente, porque acreditam que quem tem razão não precisa pensar, póde responder logo desfazendo os argumentos do contrario.

60.ª — Offensas corporaes

O cabinda tem geralmente a mão leve, como costuma dizer-se, mas só para as mulheres e crianças; para os outros homens, mesmo que as pancadas sejam pequenas para darem occasião ás respectivas queixa, julgamento e indemnisação, são más as consequências; e factos assim estão sempre tão presentes á memoria que

foram tornando mansos individuos de tão baixa cultura intellectual que natural pareceria irem ás mãos por pretextos futeis. Realmente os ditos offensivos, as descomposturas (121) entre homens, ou de mulher para homem, são bastante raros e mais ainda o são as aggressões.

Sempre que se trava uma questão e que se perde o sangue frio proferindo injurias, por ellas se responde, no caso de haver julgamento pelo facto principal, resultando grandes prejuizos; chegam estes a ponto, quando se vae até á pancada, de fazer *perder razão* (163), embora fosse de todo o direito ganhar a questão principal; por isto se comprehende o cuidado que ha em evitar aggressões, mesmo em troca d'outras recebidas.

61.ª — Mata-biço

Assim corrupta, a expressão portugueza mata-bicho, é muito usada pelo cabinda para designar pequeno presente que pede em todas as circumstancias e acceta sempre que lhe dão. Geralmente pequena porção d'aguardente, dois ou tres goles, e, segundo creio, inicialmente só assim, foi a expressão generalisando-se a todo e qualquer objecto usado para aquelle fim.

Varia a quantidade e a qualidade do presente com a pessoa que o dá, mas varia ainda mais com a qualidade de quem o recebe; assim, pôde um europeu dar qualquer genero a um preto, em tanto maior quantidade quanto fôr a importancia d'este, comtanto que a aguardente nunca falte (como elles dizem); exceptua-se porém o caso de o presente ser dado a um principe; então, ou a quantidade d'aguardente tem de ser bastante apreciavel, um garrafão por exemplo, ou, embora se offereça aguardente (que o nobre distribuirá pelo povo que o acompanha), terá de juntar-se uma garrafa de licor para elle se dignar tocar-lhe (na nossa presença, é claro, porque fora d'ella beberá a ordinaria aguardente de cereaes, como qualquer dos seus subditos).

O commercio apresenta ja garrafas para taes fins; são pequenas vasilhas de vidro branco, com a fôrma ordinaria da garrafa, de dois decilitros e ainda menos, contendo um liquido corado (geralmente vermelho), aguardentado e doce, que disfarçadamente vae envenenando quem o consome.

Pelo mais futil pretexto o indigena pede *mata-biço*; pede-o até sem pretexto ao avistar um branco na sua aldeia, ou se, na povoação d'europeus, qualquer d'estes mostra reparar no preto, na rapariga que o acompanha, na criança que vae ao collo, no objecto transportado, etc. E' curioso que, indo ao medico europeu pedir um remedio contra o seu mal, o indigena receba gratuitamente a consulta e o medicamento e peça ainda *mata-biço*. D'uma vez em que, a pedido d'um preto com uma phalange arrancada por um tubarão, lhe prestei os soccorros que julguei convenientes, ouvi o habitual pedido e quiz saber a razão de tal se pedir em vez de se

agradecer; com a maxima naturalidade, admirado até de eu não perceber o fundamento do pedido, o preto disse-me que era por eu ter feito á sua mão tudo quanto quizer, (mas com licença d'elle).

O europeu tem de dar mata-bicho porque ajustou um serviço, porque o preto não faltou e fez o combinado, porque elle se retira levando os seus honorarios, porque adoeceu, porque se apresentou depois de curado, porque... por tudo, enfim. Ha motivo d'allegria ou de pezar da parte do preto, elle o communicará ao patrão e pedirá mata-bicho; ha festa em casa do patrão, é dia santificado, é dia de gala nacional, algum dos seus serviçaes lhe pedirá *mata-biço* com esse pretexto.

Mas o mesmo costume se dá entre indigenas; dá-se *mata-biço* para *abrir a bôcca* (119) da mulher requestada para que accite a côrte, dos parentes d'ella para que consintam, da auctoridade para que attenda o queixoso, para que decida o pleito, para que permita a construcção da cabana, para que consinta uma festa, para que dê licença para um funeral, etc.

Em alguns casos, como se vê nas notas especiaes para cada um, o *mata-biço* é obrigatorio, póde a sua falta ser invocada como razão que dá direito a indemnisação, que invalida um contracto, que annulla as consequencias d'um facto, que faz pender a balança da justiça, etc.

Um branco terá mais do que quizer, conseguirá melhor o que desejar, será melhor servido e com mais rapidez, dando, dando sempre, dando a todos a proposito de tudo.

62.ª — Transmissão de noticias

A noticia d'um facto, mesmo insignificante, circula entre os cabindas com uma velocidade pasmosa, chega rapidamente ao conhecimento de milhares de pessoas. Explica-se isto pela extrema curiosidade e loquacidade de que são dotados estes pretos. Não se encontram dois indigenas conhecidos que não parem e demoradamente conversem, o tempo não tem para elles valor algum; mas ainda entre desconhecidos se dá o mesmo se a noticia tem algum vulto. Outro costume favorece a diffusão: é que o cabinda, sempre que sabe algum facto que o interessa, mesmo de longe, ou pelo menos se não o prejudica divulga-o, vae pelos caminhos descrevendo o, commentando o acontecimento em voz alta, escuta todo o ruido de vozes, e pergunta, mesmo a um desconhecido, tudo o que deseja saber, todos os pormenores d'aquillo a que o passante se ia referindo; então a descripção é feita minuciosamente e chovem as exclamações e as apreciações, irradiando d'ahi outros tantos meios de divulgação.

Nos grandes periodos diarios d'ociosidade, entretêm-se o tempo fallando; nos numerosos ajuntamentos a que as suas repetidas

ceremonias dão causa, as noticias propagam-se depressa, porque é para o cabinda uma difficuldade o estar calado.

Uma nova marchará de bocca em bocca tanto mais rapidamente e a tanto maior distancia quanto maior fôr o interesse que despertar.

Quando os brancos precisam communicar entre si a distancia, algumas vezes mandam um preto dizer o que desejam; geralmente, porém, tal é a confusão trazida pelas alterações que o emissario faz por sua conta, a não ser para coisas muito simples é usado o systema das cartas-bilhetes, que se entregam a um proprio para levar aos seu destino; esse proprio toma o nome de *portador*. Se a distancia é grande, talvez para o suor não humedecer o papel, o preto transporta-o entalado na fenda que abre n'uma regua que lasca da casca d'um *bordão*, fenda que aperta e limita dos dois lados do papel amarrando fortemente cordel ou haste de trepadeira ou de caniço verde em volta da regua de 3 a 5 centímetros de comprimento, ficando o papel junto d'um extremo e empunhando-a pelo outro. A carta ou bilhete vae envolvido em papel grosseiro ou mesmo n'um tecido impermeavel. Se o caminho que o portador tem a percorrer é para mais de meio dia, dá-se-lhe alimentos (geralmente arroz e peixe secco) para cozinhar onde quizer; se a viagem é maior, dá-se-lhe mais generos, chegando até a dar-se alimentos para oito dias, os de ida e de volta. A pessoa que entrega a resposta dá sempre ao portador alguma coisa, pelo menos um copo d'aguardente. o *mata-bicho* (61).

Se um branco precisa tratar com pretos, manda-os chamar a sua casa a troco de qualquer pequena coisa que lhes envia; mas se julga importante o que precisa, se é de consideração social o preto a que se dirige, se é grande a distancia, se tem que fazer, se não se quer sujeitar á viagem, manda uma embaixada (133) por preto de confiança que o represente, munido d'objecto conhecido vulgarmente como seu, que faça acreditar o preto como seu enviado junto d'aquelle a quem vae falar e tratar em seu nome (33). Se o europeu tem de tratar d'uma questão com indigenas, em *fundação* será obrigatorio e fóra d'ella facultativo, fazer-se representar por um procurador ou advogado.

63.^a — Ler e escrever

E' rarissimo o cabinda que sabe escrever alguma coisa, ha bastantes que leem, mais vezes os caracteres d'imprensa, porque, alem de menos variaveis no feitio usual, por elles começam a aprendizagem.

Quasi exclusivamente é a lingua portugueza a usada; como rara excepção e de moderna data, é a franceza; nunca é a lingua indigena.

Estes pretos não usam entre si d'escripta alguma a não ser,

como verdadeira excepção, alguns dos membros das duas principais famílias, Puna e Franque; tudo se transmite vocalmente, nada se aponta ou se conserva escripto para os vindouros.

Mas porque muitas vezes convem saber o que o branco escreveu, as auctoridades não se esquecem de fomentar o conhecimento da leitura principalmente; bastantes representações faziam pedindo mestres (só aos homens é dado aprender); alguns professores livres (pretos d'Angola) alimentaram e retribuíram por mezes; mas recorrem sobretudo a um meio indirecto d'estimular o povo a aprender, concedendo, a quem mostrar saber, o privilegio especial de poder andar calçado na sua propria aldeia, d'entrar calçado nas casas dos *principes*, de se mostrar assim na presença d'elles. E como tal distincção, concedida a quem não é *principe*, só é permittida no caso de saber ler, (ou melhor, soletrar), comprehendem-se os esforços que os cabindas fazem, como aproveitam as circumstancias em que possam adquirir prenda que lhe dê direito a tanto lisonjear a vaidade propria, salientando-se dos seus conterraneos.

E' de notar porém que, havendo professores officiaes desde pouco depois da nossa occupação, e havendo ultimamente escola na missão franceza, paga pelo governo portuguez, sendo a instrucção completamente gratuita, não são essas aulas frequentadas pelos cabindas. Parecem-me motivos que explicam este facto os seguintes: a promiscuidade com brancos e especialmente com mulattos; os dias e horas determinados, não dando possibilidade a que se empreguem ao mesmo tempo nos serviços que preferem e a que gosem dos muitos divertimentos que apreciam e lhes fariam dar muitas faltas ocasionando castigos ou reprehensões frequentes; a exigencia de compostura e de quietação durante um periodo que excede os limites da sua versatilidade infantil, natural até nos adultos; o estudo, o trabalho demasiadamente intensivo para os seus habitos e quizá fatigante para o seu cerebro rudimentar.

64.ª — Idéias sobre Portugal

Acreditam que Portugal (33) é um paiz muito grande e muito povoado, governado por um rei (3) extraordinariamente poderoso, situado muito longe para o norte, para lá do mar que veem, proximo das terras d'outros brancos que não vivem á borda do mar mas sim nos mattos do interior (49). Tal rei tem poderes sobre todos os homens brancos, quer portuguezes quer não; manda para a Africa como delegados seus os verdadeiros brancos, os do seu *povo* (povoação), e consente que os *do matto* vão tambem tratar da sua vida, servindo estes ao mesmo tempo para castigarem os pretos com a sua presença e o seu proceder; do mesmo modo, com egual fim, manda para lá os criminosos. Esta opinião manifesta-se em varios factos, sendo caracteristico este: muito zangados sempre com os agentes do Estado Independente do Congo e

com os centos d'aventureiros de todas as nações que para este teem emigrado, perguntam ás nossas auctoridades, quando acabam de narrar novo motivo de queixa : mas, senhor, porque é que *Maniputo* deixa vir para a costa ¹ tanto *branco do mato*? Não lhe basta já a sua gente para ter por cá? Elle que mande voltar para as suas terras essas más pessoas e não lhes dê licença para cá tornarem : os pretos, cabindas, mussarongos, todos, são amigos e estão quietos, não ha guerras não é preciso cá tanta gente, basta já de castigo ².

Estão sempre promptos muitos d'elles para virem nos vapores prestando os seus serviços (34) mediante remuneração combinada; para isso é condição essencial terem toda a confiança em quem os ajusta e que essa pessoa siga na viagem, mas põem sempre no contracto a obrigação de os repatriar em curto periodo. Bastantes teem vindo a Lisboa e voltado dias depois; alguns habituaram-se por cá e fazem viagens successivas nos paquetes ou navios de guerra, mas então tornam-se ambiciosos, fallam com sobrançeria aos antigos amigos, e só chegam a ficar na sua terra annos depois, quando já se julgam sufficientemente ricos para não tornarem a trabalhar.

E' curioso saber o que elles, na volta, contam a respeito de Portugal, de que geralmente só viram algum bocado de Lisboa; as phantasias sobre a enormidade da cidade, das casas, do comprimento das ruas; os exageros quanto á belleza das coisas que viram, quanto á riqueza e ao luxo; as descripções hyperbolicas dos navios, das estatuas, dos palacios, da concorrência das ruas; verdadeiros cumulos!

Mas a pergunta principal dos que não vieram cá, uma das primeiras e das mais importantes, é se viram o rei, essa encarnação do extraordinario, do sublime, do poder infinito; e é de ver com que desalento, com que tristeza, o repatriado se vê na necessidade de declarar que não viu o *Maniputo* (35); e essa necessidade vem de conhecer que lhe será impossivel responder, mesmo inventando, a todas as perguntas as mais extraordinarias que lhe serão feitas, de perceber que a sua imaginação não lhe daria meios d'inventar

¹ Quer entre brancos, quer entre brancos e pretos, é uso designar por *costa*, ou as possessões portuguezas da Africa Occidental ou terras occupadas ahi por outras nações civilizadas; por *interior* ou *mato*, designam as regiões afastadas do mar, mas sem que esse afastamento seja determinado e se possa portanto marcar o limite das duas regiões.

² A titulo de curiosidade deixo consignada aqui a maneira como os cabindas que fallam portuguez, dizem as phrases acima: *mas, siou, pulequé Maniputo dá licença tanto branco do mato venha no costa? gentes d'ère non chega pála téle aqui? Ere manda vóretale esse gentes mau no tela d'ères, non dá licença mais pále éres vile outro viage* (viagem, por vez): *pléto todo, uji cabinda, uji mussorongo, amigo, está quieto, guéla* ¹ *nã tem, tanto gente non plecisa cá, castigo já chega.*

¹ Não pronunciar o *u*; como em guerra.

coisas tão grandiosas, tão maravilhosas, que estivessem à altura da ideia que formam de tal potentado; é crença ser todo de ouro ou, pelo menos, todo coberto d'elle, d'uma riqueza, d'um poderio incapaz de se comprehender. Esta crença, que facil é perceber quanto nos convém manter, soffreu no meu tempo um abalo por causa do que contou um cabinda que viera a Lisboa n'um navio inglez e que andára em terra com inglezes; dizia elle que vira o *Maniputo*, que lh'o tinham mostrado quando sahia a cavallo da sua casa, uma casa muito longe do navio, n'um alto, coisa enormissima em altura e extensão, com tantas janellas que não se podiam contar; que o rei era um branco como qualquer outro, não mais alto do que os outros, mais baixo até do que fulano e sicrano, mas muito gordo, com bigode e cabello louro, muito branco e córado e, facto assombroso para os costumes indigenas, de pouca idade; isto de não ter a barba toda crescida e de não ser velho, era para elles incomprehensivel e redundava tambem em prejuizo da realza.

Encontrou a descripção poucos crentes, foi enorme a reluctancia em acreditar tal versão e veiu a desconfiança segredar que, ou mentia ou não vira o rei, ou fôra enganado e acreditára.

Foi então consultado um branco, que o era ás vezes tambem para outros assumptos, sobre o que o cabinda dizia e qual das hypotheses se deveria acceitar. A resposta que deu, apreciada por quem não os conhece e não julga do mal que aos brancos poderia resultar de que se affirmasse ser aquillo assim, pôde ser mal apreciada. Mas pense-se na influencia que tem um branco pelo facto de o ser; somme-se a que vem de ser conhecido por elles durante muitos annos e a de ser branco considerado pelos outros europeus, e calcule-se a grande credulidade que ligariam ao que o consultado respondesse; este não podia deixar de resolver a questão, porque seria perder prestigio por mostrar ignorancia, quando o silencio não fosse tomado por falta de vontade de satisfazer o pedido; depois o caso divertia, e acudia logo um modo de responder de accordo com os usos indigenas e portanto facilmente acceitavel. Esta resposta livrava o cabinda do labéo de mentiroso ou tolo, mantinha o alto prestigio do *Maniputo*, desculpava os inglezes e qualquer outro branco que tivesse dito ou viesse a dizer o mesmo. O interpellado respondeu que devia ser verdade o cabinda ter visto o homem que era costume chamar rei de Portugal por ser o *feiticeiro* (30) que fallava com o *Maniputo* e que toda a gente via e era como elle descrevia; mas que o verdadeiro poder, o que tudo podia, o que tudo governava, esse não fôra visto pelo preto, raros brancos conseguiam vê-lo; foi tambem uma interpretação da fórmula constitucional que o rei reina, mas não governa. Tudo ficou em ordem, nada soffreu desconsideração, nem rei nem portuguezes, nem crença nem explicador, nem cabindas nem *ciceroni*.

A respeito da mudança que o governo constitucional fez na nossa bandeira, tambem o facto muito os impressionou, porque a tradição ainda recorda que a bandeira portugueza tinha a menos



Fig. 9 — Palacio do governador e repartições (frente)



Fig. 10 — Palacio do governador (jardim)

www.libtool.com.cn



a côr azul ; a explicação, também tradicional e que plenamente os satisfaz, é que *Maria II* (o *Maniputo* d'esse tempo) *casou com ingrézo e vilou mundo* (D. Maria II casou com um estrangeiro e mudou tudo); isto é, o casamento do rei de Portugal de então teve tanta influencia em todas as coisas, que tudo foi alterado, até a bandeira. Com quanto o conhecimento dos usos e costumes d'estes pretos possa fazer perceber, até certo ponto, a explicação da fórmula que a tradição conservou, não me atrevo a aventar hypothese que explique a influencia que, n'estes indigenas, teve o que os brancos de então lhes disseram, que tanto se lhes gravou na memoria ; o facto de tal rei ter nome para nós feminino, nada os embarça ; como para elles só o homem pôde ser rei, é que o nosso se chamou assim por qualquer razão que não precisa ser conhecida, é coisa sem importancia ; mas não attinjo bem a razão porque não lhes faz estranheza que um rei todo de ouro, ou quasi um deus, possa morrer e ter successores com nomes diferentes.

65.º — Ad petendum pluviam

Do caso que vou contar e que mostra que toda a humanidade, branca ou preta, tem tendencia para recorrer a ente superior quando se vê apertada por alguma calamidade, deixo ao leitor o cuidado de tirar as conclusões ; mas vou tentar descrever com todas as minucias porque instruem quanto aos costumes cabindas, e foi por esta razão que me prestei a desempenhar um papel que só por brincadeira tomei para mim.

Comprados os terrenos necessarios para as construcções do nosso governo, sahiram as aldeias dos logares que occupavam, removendo tudo o que lhes conveyedo ; mas, no logar onde está construido hoje o palacio do governador, os indigenas tiveram que abandonar, ainda que com custo e julgando que os brancos não o derribariam, um *feitico* de influencia para a chuva local ; era um grande bloco de pedra negra muito carregada de oxydos de ferro, a maior ou mesmo a unica fazendo saliencia no nivel geral do terreno. Encontra-se em Cabinda pedra, não em abundancia, em varios sitios fóra da praia, mas sempre coberta por camada de argilla siliciosa de mais de metro de espessura. Era um bloco arredondado de mais de dois metros de altura, quasi calote espherica de uns cinco metros de diametro ao nivel do terreno. Esta pedra era considerada o *feitico* que fazia chover nas proximidades, e, como tal, objecto de culto, estando coberta de pannos e recebendo offerendas com proveito do *principe* que habitava proximo.

Tratando-se de construir os alicerces do palacio, aproveitou-se aquelle bom material existente no proprio sitio e fez-se voar pela explosão o *feitico* do indigena ; este viu, soube, commentou muito o caso, mas calou-se. Succedeu haver então uns tres annos seguidos de poucas chuvas, e as plantações indigenas dos arredores foram muito prejudicadas ; por conseguinte a alimentação dos pre-

tos soffreu muito, os generos foram poucos e caros. Resmungava o povo; os varios *feiticeiros* (70) attribuiam a estiagem ao que os brancos tinham feito á pedra e assim se desculpavam de que as offerendas, que se fizeram a varios deuses pedindo chuva em abundancia, ficassam sem resultado.

Chegou o fim de setembro sem haver indicios de chuva, sem mesmo terem cahido os chuviscos proprios do mez; a fome apertava, o descontentamento augmentava, a esperanza fugia e os *principes* viram-se obrigados a proceder, porque os *feiticeiros* declararam-se impotentes para fazer chover.

N'esta altura foi decidido o que havia a fazer-se como ultimo recurso, e um dia fui eu procurado por alguns *principes* e muito povo; a razão de me escolherem era ser o mais graduado e mais antigo dos *feiticeiros* brancos (medicos) existentes n'esta terra.

Depois de pedida e concedida a audiencia, na presença de todos os indigenas e em nome d'esta deputação, um tomou a palavra em portuguez, fazendo grande aranzel, descrevendo o estado desgraçado da agricultura, exagerando os prejuizos e a fome, lembrando o que succedera com a pedra *feitiço*, citando factos e acontecimentos antigos em que ella fôra de grande valor, etc. e attribuindo as culpas do que se estava passando aos brancos, rematando o enorme discurso, muito applaudido pelo auditorio, com uma serie de raciocinios que satisfez completamente os seus conterraneos e se resume assim: para haver chuva aqui era necessaria aquella pedra; os brancos destruíram-n'a, são os culpados das nossas desgraças; consultámos os nossos deuses, os *feiticeiros* mais afamados teem trabalhado n'estes annos quanto é possivel, e a chuva não veio; se mais este anno não vem, morre toda a gente de fome; ora você é o maior *feiticeiro* dos brancos, remedeie o mal que os seus fizeram, faça chover.

Achei graça á interpegação, lembrei-me das preces do meu paiz, resolvi proceder semelhantemente aos *principes* da minha egreja, mas primeiro repellir, para não ficar como precedente, a intimação que resultava do modo por que a questão fôra apresentada. Habitudo já a conhecer alguns dos costumes d'estes pretos e fiado n'isso, respondi com toda a gravidade compativel com a força de vontade de que poude dispôr para não rebentar a rir: que se não chovia por a pedra ter sido quebrada a culpa era do *principe* cabinda, que vendera o chão ao governo e não dos brancos, porque o preto vendera sem condição alguma a respeito da pedra, e os brancos não a conheciam como *feitiço*; que, se as autoridades vinham ter commigo para, por minha influencia, obterem a chuva de que precisavam, era bem de ver que me attribuiam assim maior valor do que aos seus *feiticeiros*; que isso me era muito agradavel e me fazia vontade de os servir; mas, que pelo que tinham dito, eu lhes dava a escolher o que devia fazer: se continuavam a criminar os brancos, não *chamava a chuva*, porque exigiam uma coisa que não tinham direito d'exigir de nós; se me pediam, como especial favor, que fizesse diligencia para que chovesse, então, para os obsequiar e a pedido de tão

bons amigos, obteria licença do governador para proceder e faria chover.

Adiantou-se um mais velho e declarou que o orador antecedente não se explicára bem; que não havia razão para eu me zangar; que não vinham exigir, mas sim pedir que fizesse chover; que, precisando muito de chuva e não a tendo obtido pelos meios que podiam usar, recorriam a mim, que sempre mostrara ser seu amigo, pedindo, como grande favor, para eu *mandar vir a chuva*.

Dei-me por satisfeito e convencido de que o governador, a meu pedido, daria licença para eu fazer esse trabalho a favor dos amigos dos brancos; ia fazer todos os esforços, a começar junto do seu idolo mais importante, para fazer chover, o *Bunzi* (170) (grande espanto na assembléa); que não duvidava de que elle fizesse, a meu pedido, o que não fizera pelo d'elles; que, não podendo eu ir a casa d'elle, por levar muito tempo e fazer falta aqui, ia mandar-lhe uma embaixada (171) com uma carta (cresce o espanto) para elle vir conversar comigo (signaes d'assombro e incredulidade); que, logo que alguma coisa estivesse resolvida, os mandaria chamar para lhes contar as novidades.

Partiram, rodeando primeiro o meu criado, com quem conversaram animadamente e que depois veio dizer-me que os cabindas iam desconfiados de que eu estivera a trocar com elles, porque o *Bunzi* não sabe ler, nunca sae da sua cova, já tinha sido muito rogado e não dera chuva.

Já não podia recuar sem descredito da *minha importancia*; levaria por diante a brincadeira, arranjando pretextos para demoras até que a chuva chegasse.

N'um dos dias seguintes meia folha de papel, com varios riscos pelas linhas a modo de letras¹, era levada pelo meu criado com estas instrucções que não lhe causaram espanto, mas um sorriso incredulo; entregar da minha parte a carta ao feiticeiro, para, ao anoitecer, a metter no buraco, tapando-o; na manhã seguinte, se lá estivesse outro papel trazer-m'o; se estivesse o mesmo, esperar mais outra noite; se o papel desaparecesse e não apparecesse outro, regressar a casa. Succedeu, como suppozera, a ultima hypothese; a qualidade do terreno, a escuridão, o socego, fariam que a formiga branca destruísse a carta (172). Este facto extraordinario, cuja explicação não foi percebida pelo *feiticeiro*, ou foi occulta por vantagem propria, espalhou-se depressa e fez diminuir a desconfiança em mim.

Sabendo que a chuva raras vezes vinha sem trovoadas; tendo, nos annos anteriores, visto no ceu para norte, signaes da aproximação da epocha das chuvas; puz n'elles as minhas esperanças e, quando comecei a vel-os, collei o ouvido varias vezes ao sobrado

¹ Ha cabindas que sabem ler (63) e ninguém devia ler a carta; se fosse fechada, occasionaria suspeitas, fariam por abri-la; a escripta que fiz, passou por signaes proprios para me entender com o idolo, levantou-me o prestigio.

do pavilhão Tollet (de ferro e madeira como grande caixa d'ar) que habitava, para que a resonancia d'essa grande caixa sonora inferior, me denunciasse o trovão longiquo. Um dia distingui ruidos, chamei o criado, pul-o na me-ma posição dizendo-lhe que elle ia ouvir o approximar do *Bunzi* que vinha fallar comigo; pareceu-me um pouco incredulo, mas escutou a meu lado; ao primeiro ruido levantou-se espantado, fugiu e foi contando por toda a parte o singular successo.

No dia seguinte voltaram os crentes a escutar o *oraculo*; nem duvidavam já de coisa alguma. *Expliquei-lhes* que combinára com o *Bunzi* chamar eu a chuva de Portugal até onde elle tivesse força para a chamar: então descansaria eu e trabalharia elle; que seria trabalho demorado, talvez não bastasse esta *lua*, mas que a seguinte não acabaria sem chuva. Tinha sido havia poucos dias lua nova; tinha pois tempo para esperar a chuva até dezembro, e ella costuma vir em outubro, o maximo em novembro.

Effectivamente choveu n'este mez e choveu muito; as *preces* tinham dado resultado d'accordo com o *Bunzi*, que tambem tinha tido o seu bocado de trabalho e por isso continuava digno de consideração.

Estavam superadas todas as difficuldades, salvas todas as apparencias, respeitadas as crenças, illibada a conducta dos brancos e crescera a fama dos meus *merecimentos*. Fizera-se o milagre!

66.ª — Embarcações indigenas

Conhecido este barco entre brancos e pretos por *canôa*, em lingua cabinda por *buáto*, é feito d'um só pau, d'um tronco escavado e afeiçoado. Abate-se a arvore escolhida a machado, cortando-a pouco acima do solo; cortam-se todos os ramos, aproveitando o tronco na extensão desejada e depois adelgaça-se nos extremos arredondando-os, e faz-se chato o fundo.

As arvores preferidas são as que denominam *mafuma*, *bânzi*, *safukála*, *mecinga* e *káli*, de que desconheço os termos correspondentes em portuguez, apenas direi que á primeira chamamos mafumeira; são madeiras leves e faceis de trabalhar.

Os instrumentos usados, adquiridos dos brancos, são o machado e a enxó, de cabo comprido ou curto.

Escavam o tronco por dentro, deixando-o tão liso como por fóra, ficando a madeira com uma grossura media de 4 centimetros, excepto no fundo, onde chega a ter um decimetro, o que é necessario para maior duração, visto o modo como arrastam as embarcações, e que abaixo descreverei.

São diferentes a pôpa e a prôa; aquella, curva, a chamada pôpa redonda, vem do fundo em curva rapida até quasi á altura da borda, rematando por uma especie de patim largo, onde póde sentar-se o homem do leme, patim que no extremo adelgaça e arredonda; proximamente a meia distancia entre o fundo e o patim, ha um en-

talhe horizontal onde pôde prender um pau, forte bastante para poder suspender a embarcação, que apenas fica assente no chão pela prôa. Esta, muito mais alongada, e estreitando para a terminação, é também convexa por fóra, e fôrma por dentro uma rampa suave ligando o fundo ao extremo dianteiro; este, delgado, arredondado, especie de beque, é enfeitado por um verdugo simples, duplo ou triplo, á maneira de cabo enrolado, junto da ponta, formando saliencia a que pôde segurar-se a volta da amarra; na altura correspondente á do entalhe da pôpa, ha aqui outro para fim identico.

Exceptuando o fundo, toda a embarcação é de superficie exterior curva, fechando para cima pelo approximar dos bordos. Claro está que é embarcação de bôcca aberta, em que o comprimento excede muitas vezes a bôcca e o pontal, ficando com aspecto elegante, especie de charuto, tendo aberta apenas a parte superior, coisa de um sexto da superficie total e que corresponde á bôcca.

São extremamente leves, nadando em meio palmo d'agua quando vazias, e mettendo pouco quando carregadas; são insubmersiveis, andam com facilidade, adquirem bastante velocidade e são capazes de bolinar um pouco.

Variam muito as dimensões da embarcação, conservando porém certa relação entre si; assim a menor canôa terá approximadamente 3 metros de comprimento, por meio d'abertura e outro tanto d'altura interna; a maior por um comprimento de 8 metros, terá 0^m.80 de bôcca e 0^m.70 de pontal.

Geralmente o eixo maior da embarcação é perfeitamente uma linha recta; algumas vezes, porém, apresenta alguma inflexão, devida ao tronco ser demasiado torto, para que a mão d'obra podesse de todo disfarçar a curva. A embarcação fica de linha abastida, algumas vezes mesmo de prôa bastante baixa, o que pouco inconveniente tem porque, sendo geralmente maior o peso a ré, levanta-se a prôa o bastante para não entrar agua; á prôa é sempre mais estreita do que á pôpa, porque aquella é formada pela parte mais alta, mais delgada, do tronco.

Nem todos os pretos fazem canôas, ha operarios especiaes; quasi sempre são fabricantes por conta alheia; por vezes também as canôas são importadas, já feitas, ou do Zaire ou da costa ao norte.

E' raro o barco ser pintado, mas ás vezes recebe, por fóra, a quente, uma camada d'alcatrão mineral, de que ha uma origem conhecida a não grande distancia.

Chega a surprehender como, ainda assim, tem tanta estabilidade uma embarcação d'estas; apesar de tudo, são necessarios á tripulação extraordinarios habito e equilibrio para não deixar virar o barco, ou para não ser precipitada por cima da borda, por pouco que o mar esteja picado; e, apesar d'isso, não ha vagas que amedrontem os cabindas dentro das suas cascas de noz; teem mais receio das trovoadas, não só porque as pesadas nuvens, por assim dizer, se desfazem em agua ás torrentes, o que causa uma continua faina d'esgoto, como porque tornando difficil ver a distancias,

www.libtool.com.cn

mesmo curtas, e sendo muito variavel a direcção do vento, ficam sem elementos para se orientarem; demais, não é a vaga larga que pôde fazer mal a tão pequenas embarcações, é, pelo contrario, peor a vaga curta de vento duro recente.

Se o barco se enche d'agua, ou se vira, não vae ao fundo, quando muito, volta o fundo para o ar, ou enche quasi até á borda, ficando sempre um pouco d'esta fóra d'agua; os tripulantes nadam bem, combinando os movimentos endireitam a embarcação e, segurando-se á borda, esgotam o bastante para o barco poder com o peso dos homens que, pouco a pouco, vão saltando para dentro e continuando a esgotar.

Acabado o serviço do barco, é este encalhado, para só tornar a ir ao mar quando fôr preciso; mettem-n'o bastante por terra dentro, onde lhe não toque a agua da maré ou da calêma; é sempre esgotado e fica a enxugar; algumas vezes voltam-n'o de lado para que o fundo fique enxuto.

Com pouca gente se faz o serviço d'encalhe e desencalhe, bastam geralmente duas pessoas; é para isto que servem os entalhes na pôpa e prôa, de que fallei acima. Abicada á praia a embarcação, cuja prôa fica logo fóra d'agua, por ser pequeno o peso total, dois homens pegam nos extremos d'um remo ou qualquer outro pau forte e, ageitando-o debaixo do entalhe da pôpa, para o que inflectem o corpo para diante e curvam os membros inferiores, que depois destendem endireitando-se e levantando a pôpa; por este modo só a prôa fica assente na areia e, servindo de centro esse ponto d'apoio, os homens, andando um pouco de lado, descrevem quasi meio circulo e deixam assentar o extremo que carregaram; vão á outra extremidade, fazem a mesma manobra, descrevem para terra outro arco quasi semi circular, mas para a esquerda se o primeiro fôra para a direita da direcção que leva ao ponto onde querem deixar a canôa; e, alternadamente, avança a pôpa ou a prôa de cada vez quasi um comprimento do barco. O desencalhe faz-se do mesmo modo e mais facilmente por a praia ter declive, embora pequeno.

67.º — Calafeto e esgoto d'embarcações

Comprehende-se, vendo o modo como as embarcações são feitas, quanto devem ser estanques. Succede, porém, que forte pancada, ou mesmo a acção demorada e directa do fortissimo sol e a idade do barco, podem produzir fendas que seja necessario tapar. Se, por accidente, a embarcação abre um rombo, o concerto é feito com madeira, raras vezes juxtaposta por fóra e pregada, quasi sempre entalhada de fóra a não fazer saliencia no costado, bastantes vezes posta por dentro; mas as fendas que d'ahi resultarem serão calafetadas do mesmo modo.

N'ellas introduzem, com uma faca ou qualquer outra lamina, e battendo ao modo dos nossos calafates, fibras vegetaes ou tiras de

panno velho d'algodão que, depois de bem apertadas e preenchendo todo o espaço, são interna e externamente cobertas por uma camada d'alcatrão mineral; se a fenda é consideravel, então é coberta como no processo seguinte :

Outro modo de calafetar, ao que parece mais antigo, é este : tomam o miolo do *bordão* secco, ou o d'uma madeira macia chamada *chimbânzi*, e raspam-n'o ainda com um resto de seiva para obter uma especie de massa de serradura que mettem e comprimem na fenda ; por dentro e por fóra d'esta, collocam tiras da casca do *bordão* (dito *nebânga*) a que chamam *bânza*, mantendo-as n'esses logares por costura feita com o caule fino de qualquer cipó ou trepadeira, que atravesse o costado em furos equidistantes entre si e da fenda, dando nós pela parte interna do barco ; este todo é então barrado com espessa camada d'alcatrão mineral.

O esgoto da canôa é feito por dois modos. Quando a agua é pouca, servem-se d'um vertedouro, europeu algumas vezes, mas na quasi generalidade feito por elles da casca do fructo do imbondeiro ; o fructo é cortado a meio, segundo o eixo maior, e despojado do conteúdo, aproveitando se só a casca ; cada fructo dá assim dois vertedouros eguaes. Quando a agua é muita, é o remo ou pá que serve para esgotar ; empunhado pelo cabo, mergulha-se a parte larga e, imprimindo fortes movimentos para vante ou para ré, a agua sobe a rampa que constitue o extremo interior do barco e sae d'elle por cima da borda.

68.ª — Navegação

Póde ser a remo ou a véla.

Remo. — O europeu, que elles conhecem bem, mas que não usam à nossa moda senão nas nossas embarcações, é designado por *lêmo*, plural *malêmo*, palavra portugueza que, como se vê, está completamente apropriada já pela lingua *fiôte*. Mas *tchéla* é o termo cabinda para designar o seu remo, pá, ou melhor a pagaia de que usam ; algumas vezes aproveitam parte do nosso remo, a pá, se é larga e curta, e servem-se d'ella como da que elles fabricam.

A pagaia dos cabindas é formada por um pau arredondado, de 120 a 180 centimetros de comprimento por 4 a 5 de diametro, de madeira dura, sendo, proximo d'um extremo, aberta em fenda e cavada, na qual entra o pedaço de taboa que fórma a pá e que ali se fixa por meio de duas ou trez duplas voltas de cipó bem apertadas ; a pá, de dois a trez centimetros de grossura, póde ser circular ou quadrada, d'angulos arredondados ; o diametro, ou a perpendicular entre duas faces, regula por 20 a 25 centimetros.

Vimos nas notas antecedentes que o remo serve para esgotar a embarcação ; na penultima vimos que serve para a encalhar e desencalhar ; serve ainda para ajudar o transporte, aos hombros de duas pessoas (uma atraz da outra), de quaesquer pesos, especial-

mente das redes, e para a navegação serve ou como propulsor ou como leme no caso de ella ser á véla.

Cada remador usa um só remo, e pega-lhe com uma das mãos rente do extremo e a outra pelo terço proximo; a mão que segura n'este é a do lado que está perto da borda para onde o remo mergulha, é portanto variavel. Quem rema vae de pé e de frente para a prôa; rema d'um ou d'outro lado conforme é necessario para fazer o caminho desejado e, com este fim, pôde ainda empregar mais ou menos força ou mesmo collocar a pá um pouco obliquamente á direcção do caminho para puxar a popa mais para esse lado e portanto a prôa para o opposto. Collocado o remador em posição e bem equilibrado, dobra o corpo para diante e um pouco para lóra, mergulha a pá tão avante quanto pôde, de fôrma que o plano da pá seja perpendicular á direcção desejada para o barco; fazendo funcionar o remo como alavanca interfixa apoiada na mão inferior, despeja a remada endireitando o corpo e movendo os braços de modo que a mão inferior passa para ré do corpo, e a superior vae encostar ao hombro do lado opposto.

O ultimo remador da pôpa pôde remar sentado na especie de plataforma que ahi termina o barco; mas, havendo mais d'um remador, o da pôpa quasi que só governa; quando ha um só, vae sempre perto da pôpa e raras vezes trabalha assentado.

Se o remador é bastante joven para ser facil o cansaço remando á moda indigena, pôde fazel-o á europeia acororando-se de cara para vante, fixando o remo na borda por meio de estropo de cipó que passa em orificio do costado; quasi sempre então o seu logar é a meio ou um pouco para vante.

Véla. — Com a fôrma de triangulo quasi rectangulo muito alongado, tem a escota no angulo pouco maior do que o recto; um lado apenas de metro e meio, aproximadamente, fôrma a esteira; á verga está cosido o lado maior de não menos de tres metros; toda entalhada em volta, ferra-se enrolando-a á verga e não tem rizes; antigamente formada por tecido feito de palhas, vae sendo muito frequentemente de panno d'algodão, e bastantes vezes tem a côr d'ocre ou avermelhada, em consequencia da immersão prolongada em decoctos vegetaes, com o fim de promover mais longa duração.

A verga é uma vergontea delgada e flexivel; toda a cordoalha de bordo, incluindo a amarra, é grosseiramente fabricada á mão com fibras vegetaes.

O mastro, delgado mas de madeira rija, é fixo em baixo em carlinga sobreposta ao fundo e passa no orificio que ha na unica bancada da embarcação; está um pouco avante do meio d'esta, tem geralmente metro e meio a dois metros d'altura, e termina em ponta arredondada, conica, em que entra o olhal de cabo que segura a verga. Vê-se que esta fica formando quasi a continuação do mastro, ligeiramente descahida por cima para ré, e o seu topo inferior livre, chegando quasi á bancada do mastro, excede este para vante apenas alguns centimetros.

A escota, muito comprida, prende-se a um ou outro bordo

n'um entalhe, quando não é segura pela mão ou pé do timoneiro. Este, quasi sempre de pé, governa com um remo, ora d'um ora de outro bordo, as mais das vezes por sotavento.

Preferem a navegação a um largo; á pôpa é vulgar, por descuido, virar-se a embarcação por a véla cambiar; andam ainda bastante de bolina mas, quando esta deveria ser cerrada, o abatimento é grande, por isso não bordejam preferindo então remar.

69.* — Utilidade dos descendentes

Cada criança que nasce é uma origem de esperanças gananciosas para os parentes e para os grandes da terra.

Desde tenra idade começam as crianças a ajudar as mães, logo que pôdem fazer alguma coisa são aproveitadas para trabalhos compatíveis com as suas forças physicas e que não difficultem o desenvolvimento; não ha lei de protecção aos menores, mas ha o bom senso de não os extenuar, de não lhes exigir mais do que podem; creio que isto não é raciocinado com este fim, mas o resultado é o mesmo porque, sendo todo o preto muito mandrião e trabalhando as crianças só quando as mães trabalham, o numero de horas de serviço diario é muito resumido; demais, como o preto nunca tem pressa, não a exige de quem quer que seja e assim se vae incutindo o costume nas crianças que, mais por brincadeira do que por outra razão, empregam a sua pouca actividade em ajudar as mães que raras vezes olharão para essas coisas; quasi que para as crianças fica só o trabalho de transportar pequenissimos pesos.

Pela altura da puberdade, que é precoce, a utilidade da pessoa varia com o sexo, assim como com este varia quem colhe os proventos.

O rapaz passa a ser explorado pelo pae, ou ajudando-o no mar ou no commercio, ou servindo de criado aos brancos, colhendo o pae a maior parte dos beneficios (13); varias vezes representa valor, sendo dado com penhor (12, 37) ou mesmo vendido a troco de generos alimenticios n'alguma rara crise de fome. Na adolescencia, ou pelo menos no estado adulto, mesmo tendo criado familia propria, tem de contribuir para os invalidos da familia que estiverem na miseria, e especialmente para a manutenção da mãe uterina¹.

A rapariga é ainda mais util e mais explorada; no caso de ser uma preta bonita, como bastante succede, será uma verdadeira mina pela exploração dos encantos. O seu primeiro serviço sexual é motivo para proventos dos paes (116); depois, se fica solteira,

¹ Para se comprehender a necessidade que tive de juntar este qualificativo, leia-se a nota 22.

quer como concubina (23), quer como meretriz (24, 25), os ganhos da vida facil, geralmente mais avultados do que os d'outra occupação, lá vão para o pae na quasi totalidade, e uma parte distribue ainda ella pela mãe e irmãos; se casa, desde que o homem começa a tratar d'isso (26) até á realisação do acto (27), ainda mesmo que irregularmente (28), constantemente, sob varios pretextos, está o pae recebendo muito, a mãe alguma coisa e os parentes mais proximos tambem o seu quinhão. A rapariga fica sempre mais ligada á mãe do que ao pae, e mais do que o rapaz; em qualquer situação em que se encontre, ou de *motu proprio* ou a pedido da mãe, muitas vezes lhe fará beneficios, lhe prestará auxilio nos trabalhos ou lhe minorará as difficuldades da vida com roupas, alimentos, hospedagem, etc. Se a preta casada alguma vez tem mimos e regalos, elles provirão sempre da filha que viva com um branco.

Mais vezes do que o rapaz é a rapariga trocada ou dada por penhor; mas tal lhe póde mesmo succeder depois d'adulta, ou por conta do pae quando solteira, ou do marido quando casada.

Em ambos os sexos são uteis aos paes pela descendencia que tiverem porque aos netos, embora em menor escala, cabem os deveres dos filhos, principalmente se estes tiverem fallecido. Mas o simples facto de serem origens de filhos é já d'utilidade para os ascendentes, tanto por lhes augmentarem a consideração social, como por constituirem recursos (29).

Os *príncipes* ou grandes da terra, se directamente teem estes interesses pelos filhos das suas mulheres, teem indirectamente tambem interesses pelos que nascem dos seus administrados. O *príncipe* será tanto mais considerado quanto maior fór a população que lhe obedece; quanto mais ella augmentar maior será o numero de contribuintes e de criados de que póde dispôr, maior é a producção de generos e a facilidade de os adquirir, maior é a permuta e a parte que d'ahi lhe advem, maior é o numero de fogos e os seus rendimentos, maior é o numero de questões e a facilidade de as haver e portanto maiores os emolumentos; cresce o numero de nascimentos, de casamentos, de enterros, de festejos, de contendas, d'emigrantes, e de mil fôrmas crescem os rendimentos do *príncipe*, porque raro será o acto da vida do cabinda de que o *príncipe* não colha beneficio material.

70.º — Feiticeiro, curandello, etc.

Na religião *fiôte* ha idolos, imagens, esculpturas, mais ou menos perfectas em madeira, a tudo o quê nós chamamos *feitiços*, e os cabindas do mesmo modo quando fallam com brancos; por semelhança com o que ha na nossa religião chamei santeiro ao fabricante d'idolos, traduzindo assim a palavra *kavalânga*; propositadamente não chamei feiticeiro para evitar maiores confusões.

Os deuses indigenas mais importantes, tenham ou não representação por imagens. tem pessoal proprio; quero dizer, que qualquer d'esses deuses, seja qual fôr a representação social ou mesmo não a tendo ¹, está entregue aos cuidados d'um preto que é o intermediario entre o deus e o crente e que, fallando em nome do deus, usa por vezes d'uma linguagem sybillina predizendo o futuro, ensinando os acontecimentos ignorados, revelando as causas desconhecidas de certos factos, descobrindo o paradeiro de pessoas e objectos, etc.; esse preto, a que não desejamos chamar padre, que poderia chamar sacerdote, chamei feiticeiro, visto ser assim que os cabindas o designam quando a elle se querem referir em portuguez.

Mas como é a alguns d'esses sacerdotes, e pelos poderes conferidos pelos deuses, que está confiada geralmente a arte de curar, vê-se como a mesma designação, *gânga*, é applicavel a qualquer preto que empregue medicamentos, quer com o fim curativo, quer com fim especulativo; por este modo *gânga* corresponde aos nossos termos curandeiro quando trata os doentes e sacerdote pelo seu caracter religioso.

Semelhantemente applicam elles o termo *gânga* aos nossos medicos ou aos individuos que, familiarisados com certas doenças lá muito vulgares e possuindo medicamentos, os empregam nas outras pessoas com fim curativo, individuos cujo numero pouco tem diminuido apesar de haver já lá medicos, que ainda existem não fazendo d'isso modo de vida, mas prodigalizando os seus cuidados e conhecimentos a doentes na falta de medico.

Aos nossos padres dão tambem o mesmo nome, mas com um restrictivo para indicar a differença entre padre branco e medico branco; esse restrictivo provém do nome que applicam ao Deus dos brancos que chamam *Zâmbe*, e por isso ao padre chamam *gânga-ia-Zâmbe*, ou mais geralmente *gang'-a-Zambe* (trad. litt.: feiticeiro de Deus).

O feiticeiro na accepção vulgar entre nós, aquelle que ha quem acredite ser capaz de produzir maleficios, etc., por poder sobrenatural, esse tem o nome especial de *doutche*; é considerado perigoso, não praticando senão o mal, e perseguido pelas leis indigenas, tendo de sujeitar-se todo o accusado á solemne prova da *kassa* (131), sendo até assassinado quando escapa de morrer d'ella.

Vemos pois que conservei n'este escripto a palavra feiticeiro com duas accepções bem differentes, a de sacerdote d'idolo e curandeiro, e a de feiticeiro propriamente dito, como o nosso povo a interpreta; parece-me não deixar confuso por isso o que escrevo, porque o texto esclarecerá o sentido da palavra.

¹ Ha, pelo contrario, outros feitiços, que são antes amuletos, e deuses de categoria inferior, com ou sem representação material e que não tem feiticeiro (125).

71.º — Furtar

Aos processos d'extorsão, mais ou menos encapotados, que, a proposito da exploração do branco pelo cabinda, varias vezes me tenho referido, devo juntar não o roubo, que nunca tal preto emprega a força para se apoderar do alheio, mas o furto que ás vezes é usado contra victimas tambem indigenas (160), mas que é posto em pratica contra o branco sempre que se offereça occasião; a arte de furtar é constantemente usada por todos os meios possiveis, alguns bastante engenhosos.

O cabinda furta tudo ao branco, até objectos que parece não terem valor algum; quasi todos estes pretos possuem grande numero de chaves, nunca se encontra uma que não se guarde, formando-se grandes mólhos para, em occasião propria, se procurar a que melhor póde servir nas fechaduras dos haveres do branco.

Poucas vezes furta a um conterraneo, mas fal-o sempre que o póde fazer muito a salvo, e ainda assim longe de povoados ou de caminho, nunca atacando as pessoas, não tirando coisas que suspeite poderem estar debaixo da protecção dos *feitiços*.

Apropriando-se de tudo o que calcula não ter dono, achando sem a ninguem o dizer, nem aonde, nem quando achou, estende esse termo até ao furtar.

Ao branco o furto é intencional, constante, frequente até á mania e ás vezes de coisas tão sem valor que se diria ser sómente pelo prazer de furtar, se outros actos que pratica em prejuizo do branco não levassem antes a admittir a intenção de prejudicar raça differente, talvez não propriamente por ser pessoa d'outra côr, mas por ser da raça dominadora, da occupante, da que lhe tira a sua liberdade plena a troco da civilisação, que só em parte lhe parece aproveitavel; da raça que é composta d'individuos que se lhes impõem como superiores, por disporem de mais e melhores meios d'acção e que por varios modos lhes fazem sentir a sua inferioridade; julgo que bastantes vezes o furto será por vingança, por desejo de mostrarem habilidade, esperteza e outras qualidades, que não os deixem parecer tão inferiores como os brancos os consideram e lhes mostram.

Se para furtar serve a chave falsa ou mesmo a verdadeira que, por esquecimento, poudes haver á mão; se objecto esquecido é logo furtado; se a falta de vigilancia ou simples diminuição d'ella é logo aproveitada; o meio mais usual é o ardil, qualquer que elle seja. Se serve d'interprete n'uma compra, combina-se com o vendedor para receber uma parte; se serve para ajustar serviços, incluye no pagamento uma percentagem que ficará recebendo durante todo o tempo do serviço sem que o branco o saiba; se póde inventar pretexto para demorar a realisação do desejo do europeu, fal-o, inventa despesas que não realisa, difficuldades que não existem, mas que aconselha remover pagando; allega serviços que não fez, mul-

tiplica extraordinariamente a distancia que percorreu, inventa auxiliares que não empregou; falsifica a medida, o peso, ou a qualidade do que vende; faz desaparecer objectos, forjando hypotheses para explicação do desaparecimento ou attribuindo o caso a desconhecidos; se reconhece no branco pouca memoria, affirma que foi o proprio europeu que destruiu, deu, perdeu, o objecto que elle furtou; emfim todas as *unhas maliciosas* são boas para furtar a salvo.

O meio mais vulgarmente usado quando o cabinda é empregado na casa do europeu, o que é usado talvez todos os dias, é o seguinte: deixando ficar o objecto appetecido onde o branco o poz, tapa-o com outra qualquer coisa de modo que não fique á vista; depois encobre-o melhor ainda, esconde-o; depois muda-lhe o sitio, encobrindo-o sempre, e successivamente o vae aproximando da porta até que por ella o leva. Se, em qualquer altura d'esta complicada manobra, que leva dias a executar para cada objecto, o branco se lembra d'elle e por elle pergunta, a resposta invariavel é que não sabe onde estará. Instando-se pelo apparecimento, ajuda as pesquisas, estuda com todo o cuidado se o branco está perfeitamente certo de ter o objecto, de o ter posto ou guardado em logar certo, ou se, pelo contrario, tem duvida no destino ou posse; n'este caso o desaparecimento será constante e definitivo; nos outros, conforme o caminho já feito para fóra de casa, assim é differente o tempo para encontrar e a razão a dar. Se o objecto está ainda no mesmo sitio bastará *casualmente* destapal-o; se está já em outro ponto, as pesquisas serão mais demoradas e servirá d'explicação o branco ter-se esquecido indicando um logar em vez d'outro: se já saiu da casa do dono, mas ainda está na cabana do preto, levará muito tempo a encontrar, se tal succeder, e será achado na casa d'outro branco, no caminho que o dono costuma seguir, nos logares onde costuma ir, etc.; geralmente porém, n'este caso não apparecerá, e a resposta será não vi, não sei, talvez o senhor o perdesse; e entretanto por um terceiro (amigo ou parente) será levado para longe e posto a seguro. Se o objecto não é d'uso trivial, a resposta será: nunca vi, não sei o que é, talvez o patrão o deixasse na terra d'onde veio ou o perdesse no caminho, etc. Se é coisa conhecida, mas que costuma estar debaixo de chave, o cabinda dirá que só o branco deve saber o que foi feito d'ella, porque é quem tem a chave, e mostrar-se-ha até um pouco offendido por se poder suppôr que lhe fosse possivel tirar alguma coisa de logar fechado não tendo a chave.

O meio de ser menos roubado é ter uma cabinda como *empregada* (27) dar-lhe as chaves, mostrando-lhe miudamente as coisas que se possue, logar onde estão, chaves que são applicaveis, fazendo-lhe notar a responsabilidade (132) em que incorre com a guarda de taes objectos; ella corresponderá a isto com uma vigilancia activa, com informações sobre o proceder dos outros sómente quanto aos objectos de que foi encarregada, com a manifestação das suspeitas e a indicação das providencias a tomar. Mas para que assim succeda, para que o meio dê resultado, é

pecto que toma denuncia esse desleixo ; em vez de uma superficie capillar quasi lisa de finos anneis, ha saliencias e depressões, como se vê na lã crescida dos nossos carneiros, o cabello reune-se aos grupos ; quando a lavagem é rara, desaparece a côr preta brilhante que é substituida por côr menos carregada e baça.

74.ª — Vestuario

Não consta que o cabinda ande totalmente nú, ou apenas com uma tanga minuscua como fazem outros pretos. Julgo ser isto effeito de costume, pois grande parte do anno o clima não exige abafos, os indigenas terão varias vezes difficuldade em obter com que cobrir as carnes, é demora de dois ou trez minutos o tirarem todo o vestuario, e os homens não poem reparo em o fazer de frente de qualquer para se lançarem á agua ; não succede o mesmo com as mulheres, que raras vezes trazem os seios a descoberto, (só quando velhas e miseraveis) e só por surpresa podem ser encontradas nuas, manifestando pudor por gritos e exclamações, tentando por qualquer fôrma esconder as partes pudendas, ao menos com as mãos abertas, e fugindo sempre que é possivel. Só ás creanças de tenra idade é permittida a nudez completa ; e dos tres annos por diante, raro será que, ao menos, uma tira de panno não penda da cintura ás coxas por diante, ou não dê a volta pelo perineo a prender atraz no mesmo atilho da cintura.

Reservando por emquanto o que posso dizer sobre luctos (159), farei notar que, ao contrario da nossa crença vulgar, o cabinda não dá grande apreço á côr vermelha, prefere a todas a azul em varios tons, melhor o mais carregado ; depois o branco, depois a côr de rosa e por ultimo o preto ; pareceu-me não dar elle apreço a qualquer outro cambiante, mas não ter tambem repugnancia por qualquer outra côr.

Tendo o homem grande predileção pelo trajar á europeia (79), não é n'isto seguido pela mulher, no que esta faz bem, pois toda a preta fica horrorosa vestindo á nossa moda, fato que não sabe usar, que difficulta os movimentos, que é improprio do clima ; o fato á moda indigena é mais barato, mais proprio, mais commodo e não menos gracioso.

Parece que, longe da praia, ainda uma ou outra vez se vê algum cabinda simplesmente envolvido, da cintura ao meio das coxas, em bocado de esteira fina como antigamente era uso ; d'esta resta, como lembrança, um panno usado ainda pelas mulheres, como veremos.

Em epocas mais remotas, diz a tradição, uma pequena pelle inteira d'animal bravo, pendente da cintura por diante, era a unica cobertura do corpo ; como recordação d'esses tempos conservam o uso d'uma pequena pelle assim, mas curtida e de animal que deve ter sido morto por quem a usa ; traz-se do mesmo modo pendurada, mas por fóra do outro vestuario, querendo significar

distincção, valor hierarchico do portador, e só é permittido o seu uso aos homens que não pertençam ás classes inferiores.

Na actualidade o vestuario geralmente usado varia com o sexo, com os haveres de cada um e outras circumstancias, mas fundamentalmente consta de simples tiras de fazenda d'algodão (*ganga*, riscado, panno cru, lençaria) conhecidas vulgarmente por *pannos* (85), que dão a volta ao corpo ficando pendentes, sem necessidade de thezoura que lhes dê feitio, nem de agulha que faça complicados trabalhos. Cada *panno* é um rectangulo de dimensões variaveis, cuja largura, a do tecido quasi sempre, é collocada no sentido do eixo do corpo e cujo comprimento envolve parte do tronco, ou os dois membros inferiores, ou todo o corpo. Se a largura da fazenda não dá a altura desejada, cosem-se duas tiras pela ourela; mas preferem as fazendas largas, de 10 a 16 decímetros, que podem ser empregadas fazendo apenas bainhas nos extremos para não desfiarem e que d'ahi tomam o nome generico de *tênda-vuáta* (trad. litt.: rasga veste).

Homens — O minimo vestuario, o usado pelos mais pobres, pelos que executam trabalhos de força, de rapidez de movimentos, ou que sujem o fato, é um só *panno*, da cintura ao joelho, geralmente dobrado para nada se vêr por transparencia; é fixo na cintura por meio de correia, ou estreita cinta, ou cordel. Algumas vezes arregaçam este *panno*, entalando na cinta a parte inferior d'um dos lados ou do intervallo das coxas; outras deixam só cobertas as nadeegas e o abdomen pelas virilhas, porque é a borda posterior e inferior do *panno* que, passando por entre as coxas, sobe a vir prender-se na cintura; isto dá-se mais quando carregam *tipoia* (100) em viagem grande por maus caminhos, ou para atravessar agua.

O que prende o *panno*¹, só em volta da cintura, é muitas vezes um cordel ou um cordão grosso, ou uma tira de panno forte enrolada; mas dão apreço sobretudo a antigas bandas d'officiaes, vermelhas, de borlas pendentes sobre o ventre.

Nunca usando ceroulas, e calças só raras vezes mesmo no traje á europeia, a unica cobertura dos membros inferiores é este *panno* que geralmente chega até aos artelhos; por luxo este *panno* arrastaria no chão, mas muitas vezes n'elle toca, sendo preciso levantar as pontas que então é uso levar na mão. N'este caso o rectangulo de tecido é tambem muito mais comprido, podendo ter trez ou quatro metros, pelo que daria varias voltas ao corpo; mas ainda assim tal não succederá, é uso que fique liso sobre as nadeegas, vindo toda a fazenda em excesso juntar-se á frente, um pouco para a esquerda, formando numerosas prégas com certa elegan-

¹ Toma o nome de *mecinga vuátala*; o cordão, ou corda vegetal, usado na cintura sobre a pelle, por baixo dos *pannos*, com enfeites e *feitiços*, diz-se *mecinga-lálila*.

cia; então o *panno* é enfeitado junto de todos os bordos, excepto no da cintura, ou só nos dois menores. O enfeite vulgar nas fazendas brancas, azues ou riscados d'estas côres (os mais triviaes nos homens) é branco, e feito d'esta fórma: toma-se uma tira de panno d'algodão, cru ou branqueado, de cinco a doze centímetros de largo e do comprimento necessario para o lado a guarnecer; tiram-se os fios parallellos á maior dimensão, deixando ficar os outros e conservando intacta, para pé d'esta franja, uma largura de um a trez centímetros de tira; choleia-se a raiz da franja, embainha-se o resto da tira e cose-se ao *panno* bainha com bainha; algumas vezes ainda os fios que formam a franja são reunidos, em pequenos grupos eguaes, por uns nós dados com os proprios fios a meio do seu comprimento.

O pé anda descalço, excepto em casos especiaes (63) ou algumas vezes quando vestem calças; mas isso será no povoado europeu ou fóra da região de Cabinda.

A cabeça geralmente anda descoberta; ás vezes usam um pequeno bonnet de palha sem pala, ou qualquer velho chapéo ou resto de chapéo ou bonnet europeu; se porém o vestuario é á moda dos brancos, rigorosa ou modificada ao modo indigena, não estará completo sem um chapéo ou bonnet.

O tronco está descoberto a maior parte das vezes; comtudo é bastante vulgar, fóra de trabalhos pesados, o uso d'uma especie de camisola, mais vezes branca do que de riscado, quasi sempre de fazenda de côr ou padrão differente da do *panno* com que é posta. Esta camisola, pouco larga quando não justa ao corpo, chega á cintura ou pouco mais; de pequena gola lisa, direita, ou mesmo sem gola, é abotoada adiante, a meio ou ao lado, n'uma abertura tão pequena que ás vezes torna difficil o vestir e despir, mesmo pela cabeça; muitas vezes sem mangas, quando as tem são justas ao braço; o comprimento das mangas é geralmente até meio do braço, outras vezes até ao cotovello e constitue luxo especial o cobrir o ante-braço, principalmente se tem punho muito justo com botão. N'esta camisola a moda dá largas á imaginação *fióte*, e o peito é o logar escolhido para as ornamentações; consistem ás vezes em uma algibeira pequena, sobreposta, do lado esquerdo, acima do mamillo, ou uma de cada lado, algibeira raras vezes rectangular ou quadrada, mais vezes semi-circular, triangular, cordiforme, de feitios imaginarios. Enfeite vulgar nas camisolas brancas é o uso de botões de louça, pequenos, azues ou vermelhos, dispostos em caprichosos desenhos; mas o cumulo do luxo é desenhos a pontos variados, com linha azul ou vermelha, especialmente letras, arvores, navios e, mais do que tudo, palavras, até phrases, datas, o nome completo do feliz possuidor, o seu emprego, o cargo que desempenha no navio onde serve, etc.; raras vezes deixará d'accrescentar a palavra — cabinda — adiante do nome proprio e até dos appellidos, quer o nome seja portuguez quer em *fióte*.

Outro cumulo d'elegancia é o uso de pequenos bonnets, no alto

da cabeça, ao lado, quasi a cair, feitos de panno cru, do feitio do bonnet sem pala dos nossos soldados, e cuja tira é coberta de desenhos e palavras como os descriptos para a camisola.

Mulheres. — Proximo do começo da puberdade, as raparigas, ainda as mais pobres, trazem como cobertura total um simples *panno* da cintura aos joelhos; mas, logo que se estabelece a menstruação pela primeira vez, os pequenos seios passam tambem a andar cobertos.

Começando pelo interior do vestuario, vemos que é uso quasi geral fóra da epocha menstrual e constante durante esta, o do *panno* denominado *zúmbo*, tira de um a trez decimetros de largura, de qualquer riscado, ou outro tecido ordinario d'algodão que, prendendo-se adiante á cintura no cordão trivial, vae pelo perineo ligar-se atraz ao mesmo cordão. Sobre o *zúmbo* nova faixa d'algodão estreita se prende ao cordão da cintura, descendo só até meia coxa ou pouco mais, dando a volta ao corpo e de tão pequeno comprimento que fica quasi justa ao corpo, pouco sobrepondo os bordos livres, sem roda; este *panno* representa a antiga vestimenta total indigena. Quando a mulher é pobre, completa-se o vestuario com mais um *panno*; é o que descendo até meio da perna, ou quando muito até ao tornozello, se prende ao corpo acima dos seios pelos sovacos; este *panno* dá volta e meia ao tronco sobrepondo adiante, mas tem tecido sufficiente para dar duas voltas, o que não faz por causa do modo especial de o prender. Para isto a mulher põe uma ponta da ourela superior na axilla esquerda, faz passar o *panno* pelo peito, lado direito e costas, voltando pela esquerda ao peito até proximo da axilla direita; então, juntando a fazenda que sobeja, colloca-a logo para diante do sovaco e, dobrando para fóra a ourella superior, prende n'essa dobra o extremo do *panno*, que fica assim seguro no alto do tronco e pendente até onde chegar. Por esta disposição o *panno* póde cobrir as pernas em movimento, não causando embaraço á marcha, mas, como quasi sempre as nadegas são bem desenvolvidas, fórma-se acima d'ellas uma préga marcando a cintura. O aperto da parte alta do tronco não me pareceu ser-lhes desagradavel ou incommodo, dificultando a respiração, e tem a vantagem de exercer sobre a raiz dos seios certa pressão além da do peso do tecido, o que concorrerá para facilitar o que o luxo e a conveniencia d'amamentação (§ 1) aconselham, isto é, ter os seios extraordinariamente pendentes e achatados. É ainda este o *panno* que a mulher pobre emprega para o transporte do filho (§ 1).

Se a mulher póde dispôr de mais recursos, accrescentará ao vestuario outro *panno*, especie de manto chegando do pescoço ao chão e que não anda preso; ou é usado, como vemos fazerem entre nós ás capas os estudantes, ficando o braço direito de fóra e cruzando sobre o hombro esquerdo, ou depois de posto ás costas, viram-se sobre si mesmas as pontas superiores, deitando-as para traz por cima dos hombros, ficando d'este modo o *panno* formando prégas abundantes atraz e deixando ver toda a face anterior e parte das lateraes do vestuario inferior. Este é o *panno* de côres

mais garridas e de melhor tecido, chegando por vezes a ser de seda ou d'algodão e seda, ás riscas de côres vivas, constituindo aquelles grandes e ricas coberturas conhecidas por *pannos da costa*, que podem custar até vinte mil réis.

Não chegando ao emprego de *panno* tão raro e caro, o luxo da mulher cabinda manifesta-se ainda por outras modificações do vestuário:

1.º o uso d'um lenço d'algodão, branco ou com barra de côr, dobrado e na mão, como vemos ás nossas camponesas.

2.º outro lenço d'algodão, quasi sempre branco, outras vezes de côr viva ou ás riscas, algumas vezes de seda branca ou azul pallido principalmente, enfeita a cabeça deixando o alto d'ella a descoberto; quando é pequeno, usam-n'o dobrado em triangulo e enrolado, ficando proximo da testa as duas pontas formando nó, e pendente na nuca a parte mediana; se é maior, colloca-se semelhantemente, mas as pontas, em vez de darem nó, cruzam-se sobre a fronte e vão, por fóra da volta do lenço já dada á cabeça, entalar-se por baixo d'essa volta e de cima para baixo; se é maior ainda, formará verdadeiro toucado, cobre quasi todo o cabello porque, depois de feita a disposição anteriormente descripta, o terceiro angulo do triangulo sobe da nuca pelo alto da cabeça a entalar-se adiante debaixo do cruzamento alludido; n'este caso, como nos outros, fica sempre descoberta a porção anterior da carapinha, que é cuidadosamente desenrolada e alteada a formar uma especie de diadema.

3.º o uso d'uma camisa quasi sempre d'algodão branco fino, ou então de setineta, *voile* e outras fazendas finas d'uma só côr bem desmaiada, geralmente azul; essa camisa não terá mangas, cobrirá apenas o alto do braço, chegará ao ante-braço só por excepção, mas descerá até ao joelho; será usada sobre a pelle, da cintura para cima, e cobrirá para baixo os outros *pannos* todos, menos a especie de manto que, n'este caso, é obrigatorio embora se possa trazer ao hombro enrolado. A camisa mais vulgar é a branca, quasi afogada, com abertos ou rendas e entremeios de *crochet*, e muitas vezes com encaixe ou espelho, só no peito ou no peito e costas; grande numero de vezes a bainha interior é aberta.

4.º A mulher janota poderá usar na cintura o cordão para segurar o *panno* mais interior, mas trará tambem uma banda militar ou qualquer faixa d'outro tecido vistoso e de boa qualidade a prender na cinta o panno que imita a saia européa.

5.º A modo de saia, da cintura ao peito do pé, é luxo usar um *panno* de 3 a 4 metros de comprido e um a um e meio de largo, que se prende de modo especial; ata-se a ponta de um cordel a qualquer ponto fixo e segura-se a outra ponta com os dentes de modo a retezar fortemente o cordel; sobre este deita-se o *panno* a todo o comprimento, dobrando-o pela largura por feitio que a parte maior da dobra venha a corresponder á altura que ha da cintura ao pé da mulher que vae usar esta peça de vestuário; depois, com o segundo e terceiro dedos da mão direita abertos, e passando o cordel no respectivo espaço interdigtal, vae-se obri-

gando o *panno* a ficar como que franzido em pequenas prégas, quanto mais miudas e eguaes melhor, para o que se repete esta operação tanto mais vezes quanto menos prática ha de a fazer; substitue-se o cordão pela faixa, colloca-se esta apertada na cintura e dá-se grande laçada com as pontas bem pendentes adiante, quasi a meio, até proximo dos joelhos, e tendo como preceito que a parte menor da dobra, fique para fóra, formando uma segunda saia, curta, sobre a dobra interna que é a que desce aos pés; renova-se o cuidado de regular o franzido distribuindo regularmente a enorme roda; o resultado é uma especie de saia como as que usam as nossas ovarinas, mas coberta pela segunda saia e sem haver cós nem qualquer costura que segure a fazenda n'essa posição.

6.º No caso de se trazer o *panno* descripto anteriormente, é muito geral o uso da camisa por fóra d'elle; se não ha camisa, como não se usa com tal saia o *panno* descripto para a mulher pobre desde a axilla á perna, é mister cobrir o tronco com alguma coisa que não seja a especie de capa ou manto que não taparia os seios a maior parte do tempo; para isto serve um grande lenço de ramagens, ou qualquer tecido d'essas dimensões que, pendendo por diante do thorax, só é preso em cima, por baixo das axillas, dando nó com as duas pontas e deixando parte das costas a descoberto. Este *panno* ou lenço é bastante usado pelas mulheres pobres, sobretudo quando não trazem o que as cobre das axillas á perna.

A mulher nunca usa meias nem calçado, pois o sexo lhe dá inferioridade (36) que não consente tal regalia, e a instrucção é apanagio do homem (63).

Não percebi que houvesse na lingua *fióte* termo que corresponda aos nossos vestuario ou fato, usam só dizer *pannos* fallando portuguez, que traduzem por *beléle* (no singular *meléle*); empregam porém a palavra *vestidura* (em fiote *vuáta*, pl. *mavuáta*, igual ao indicativo do verbo vestir) para designar um conjunto de coisas de vestir, uma andaina de fato, mas só em casos especiaes (173).

75.º — Tatuagem

Só alguns dos homens que teem estado muito tempo em contacto com os marinheiros brancos, é que tem uma ou outra complicada figura de tatuagem no peito, ante-braço ou dorso da mão. Os signaes propriamente indigenas resumem-se a pequenas pontuações ou delgadas e curtas linhas e são raros os exemplos; um ou outro preto tem, na região malar, pequenas series de pontos, ou ligeiras e curtas linhas parallelas nos ante-braços ou dorso das mãos.

O gosto indigena é antes pelas cicatrizes, mas com ellas não querem indicar tribu, casta ou grupo social; creio que não lhe dão significação; servem de simples adorno e ás do ventre e costas ligam a ideia de que fazem augmentar os prazeres venereos.

Vacilando em desuso a accumulação de grandes cicatrizes nos hombros, formando altas dragonas; a moda inclina-se para as cicatrizes salientes mas finas, pequenas, de dois a tres centimetros e aos grupos quasi sempre de duas, bastantes vezes de trez, algumas de quatro e raras de mais, mas em todos os casos equidistantes, parallelas entre si e geralmente em pontos symetricos em relação ao plano mediano longitudinal do corpo. A séde mais vulgar das cicatrizes é a parte mais alta do peito e das costas, ou dos mamillos ás clavículas, ou sobre as omoplatas e no cachaço; são depois mais frequentes no ventre abaixo do umbigo, ou ao longo e aos lados da columna vertebral, especialmente pela altura dos rins e parte superior das nadegas; veem-se ainda bastante na face externa dos braços e mesmo dos ante-braços, pouco nos membros inferiores, rariissimas vezes n'outros pontos.

Obtem-se essas cicatrizes desenhando-as primeiro na pelle com greda, applicando depois qualquer dos seus curiosos processos de ventosas (188) que sarjam miudamente á faca, enchendo as feridas com carvão vegetal do mais tenue que lhes deu a raspadura sobre pedra aspera; em poucos dias as feridas estão fechadas e as rectilíneas e delgadas cicatrizes fazem saliencia de 1 a 2 millimetros.

Estes adornos são empregados pelos dois sexos e começam a usar-se na puberdade; quando porém é necessario *tirar sangue* (phrase consagrada e coisa de vulgarissimo emprego) haverá sempre o cuidado de que a escharificação das ventosas seja feita de fórma a dar grupos regulares e symetricos de cicatrizes.

76.º — Takúla

Chama-se assim ao pó obtido raspando, contra pedra aspera, a madeira d'uma arvore (*Pterocarpus tinctorius*) a que chamam pau de *takúla*; é um pó vermelho vivo, muito estimado e usado em numerosos casos, já com fim therapeutico, já fazendo parte de ceremonial, mas creio que pouco ou nada como adorno. Fortemente tanninoso é util no tratamento d'algumas feridas e ulceras e para tal o empregam; não se comprehende, porém, que possa ter algum proveito quando, a proposito de doenças internas, o usam pintando todo o corpo, fazendo o adherir á pelle sem auxilio de qualquer oleo. O uso mais vulgar é nas doenças das primeiras edades, cobrindo o corpo todo, mas algumas vezes só a cabeça; quando a criança é assim pintada, a mãe tambem põe o pó na cara.

Ao pó de *takúla* ligam ideia religiosa, é um modo de tornar propicios os deuses; assim o amuleto, usado durante a amamentação, na cabeça da mãe ou cintura do filho (31), está constantemente todo pintado de *takúla*, empregando-se então o azeite de palma para facilitar a adhesão.

Não pintam a carapinha; quando é preciso usar este pó na ca-

beça, todo o cabelo é primeiro rapado. Também certas imagens de deuses são revestidas d'uma camada de *takula*; na *casa da tinta* (115) é obrigatória a pintura de toda a pelle da noviça, durante todo o tempo do internato e mesmo depois até á primeira copula.

Esta madeira, em pequenas achas, é objecto de grande commercio sendo, se não sempre pelo menos quasi sempre, importada para a região de Cabinda. Ha outras madeiras tinturiaeas muito semelhantes, a que não dão o mesmo apreço e que sabem distinguir.

77.º — Enfeites

Usam na cabeça, orelhas, pescoço, cintura, braços, antebraços, pulsos, dedos das mãos e pés e nas pernas, objectos variados, já como enfeites já como amuletos, em qualquer idade, nos dois sexos. Vae o costume indigena de se enfeitarem até as alterações indeleveis feitas na pelle (75), mas nunca usam qualquer enfeite no nariz ou nos labios.

Vimos (31) o adorno especial das mães durante a amamentação, como serve ao filho, qual a crendice que se lhe liga; outros a que se ligam crenças vão adiante (135, 137); dos penteados já fallei (75). Vamos ver agora como a maior parte dos adornos são communs aos dois sexos, como aproveitam também os objectos e costumes europeus; direi desde já que só n'este ultimo caso é usado o ouro, que quasi só n'elle é usada a prata, costume totalmente differente dos seus vizinhos da bôcca do Zaire onde as macissas argolas de prata e de marfim de todas as grossuras, constituem o ornamento quasi unico; o cabinda não usa de marfim quasi nunca.

Dos enfeites europeus aproveitam ambos os sexos os brincos, os aneis e as pulseiras; os homens usam de correntes para relógio e pôde dizer-se que de relógios também, pois não é raro ver d'esses instrumentos, mas parados, avariados, não podendo ser aproveitados para saber as horas, ás vezes até reduzidos só ás caixas quer de prata (os mais apreciados) quer de qualquer outro metal, excepto o ouro, cujo custo não lhes é dado attingir e que não seria facil usar quando furtados porque dariam muito na vista. As correntes ou cadeias de relógio, rarissimas vezes de ouro, são bastantes de prata, geralmente de cobre dourado ou latão, aço, nickel, ou de varias ligas e de qualquer feitio; algumas vezes são substituidas por fitas pretas, ou cordões pretos, pendurados ao pescoço, como usamos para as lunetas, mas grossos (dois a quatro millimetros de diametro) e compridos, poucas vezes de seda, quasi sempre de pita.

Logo em crianças são furados os lobuios das orelhas aos dois sexos, d'ambos os lados; preenchidos os orificios por delgadissimo pau de um a dois centimetros de comprido, poderá ser usado

só isso durante toda a vida, se não se puder obter melhor objecto, e raras vezes se deixará fechar os orifícios, conservando-se até á morte a esperança de tempos mais prosperos; nunca porém se fará qualquer coisa que alargue os orifícios. Parece-me que o primeiro signal de prosperidade n'um cabinda é o uso de brincos, que serão sempre de ouro, embora com fortissima percentagem de cobre; nos homens é mais vulgar ser só n'uma orelha, mas preferem, sobretudo as mulheres, que sejam nas duas; o feitio trivial é o de pequena e delgada argola achatada, sem mola, mas apreciam quaesquer brincos do feitio conhecido vulgarmente por botões; são muito raros os brincos um pouco compridos ou com pingentes, não porque não lhes dêem apreço, mas porque o custo está acima das suas posses; só uma ou outra mulher os terá, por o seu branco lh'os ter dado, e usa-os então com grande desvanecimento nas occasiões que reputa solemnes.

Os aneis mais vulgares são os de prata, lisos, mas empregam os de cobre, latão, e até de chumbo e folha de Flandres; preferem os de ouro, melhor se têm pedras ou qualquer enfeite e feitio que não seja o de simples alliança lisa. Bastantes indigenas distinguem o ouro das imitações mais ou menos perfectas que a industria apresenta, e não é facil ao commercio vender-lhas enganando-os, porque a taes compras vão sempre uns poucos que formam conselho e discutem o valor do objecto e a qualidade do metal.

De pulseiras pôde dizer-se que só empregam as mais simples, as circulares lisas, achatadas ou redondas, facetadas ou não, e de preferencia sem mola, verdadeiras argolas continuas ou soldadas, ás vezes fechadas a fogo depois de postas no logar onde serão usadas; processo e logares que usam do mesmo modo para as suas *malunga* (78). Preferindo para os pulsos as de ouro, que poucas vezes obteem, usam-n'as de qualquer metal ou liga, sem grandes feitios; só as mulheres as trazem nos tornozellos e raro é quem usa alguma no alto do braço.

Os botões, metallicos, de marfim ou osso, madreperola ou massinha, são usados só pelos homens, quer nos punhos, quer no peitilho ou collarinho; não dão apreço particular aos de pé de mola nem a feitios especiaes ou de phantasia; preferem os maiores, mais enfeitados e de mais brilho.

A todo e qualquer enfeite europeu não dão significação religiosa, é simples questão de luxo; não succede o mesmo com os propriamente indigenas.

78.ª — Enfeites Indigenas

Raro será o *fiôte* de qualquer idade, condição ou sexo, que não use na cintura, logo sobre a pelle, um cordão, d'algodão á europeia, ou de finas fibras vegetaes, em que andarão preso ou enfiado, um ou mais objectos a modo de amuletos, geralmente um pequeno

chifre, osso ou buzio; ao cordão chama-se n'este caso *messinga-lálila*; não é o cordão que segura o vestuário chamado *messinga-vuátila*, é a continuação do que ali foi posto em criança para lhe ser permittido sair a primeira vez da cabana onde nasceu (28).

Muito vulgar nos dois sexos, é um delgado aro de ferro no tornozello ou no pulso; n'este ha de varias especies, cada qual chamada *zaka* (193) e especialmente consagrada a tal ou tal dos *feiticos* principaes; creem servir para dar felicidade ao portador, para que a mulher seja fiel ao marido, para livrar de perigos, calamidades, maleficios, doenças, etc.; d'ahi vem o costume, quasi abandonado, de o cabinda borritar a propria pulseira com aguardente antes de beber, fazendo assim presente da primicia de tal bebida á divindade a que é consagrado o amuleto.

A pulseira indigena não consagrada, ou *élunga*, (no plural *malunga*) é sempre bastante estreita para não sair pela mão ou chegar ao cotovello; sendo de ferro está geralmente envolvida em tira de panno que a recobre, e poucas vezes é fechada; os dois extremos, revirados sobre si mesmos, distam um do outro alguns millimetros. Um ou outro indigena, quasi só os nobres, usam as *malunga* de prata, embora tragam tambem alguma de ferro; varias vezes o metal é substituido por fibra vegetal ou cordão de couro, e só excepcionalmente por marfim, tendo n'este caso approximadamente um centimetro de grossura e dois a trez de largura, especialmente sendo na perna. Como excepção, nota-se pulseira de ferro no braço, sobre a inserção do deltoide. É frequente a *élunga* metallica n'um pulso, menos n'um tornozello, principalmente nos homens; vê-se bastantes uma em um membro superior e outra n'um inferior; é raro ser maior o numero no mesmo sitio, a não ser no pulso. Nas mulheres nota-se, ás vezes sobre os dois tornozellos, outras só em um, *malunga* de latão extraordinariamente grossas, macissas, chegando a pesar um kilogramma e mais, precisando de protecção, os maleolos, por pannos enrolados, e que traduzem, julgo eu, votos especiaes a divindades; difficultam bastante a marcha, já pelo peso, já por o diametro exterior ser de doze e mais centimetros. Algumas vezes, especialmente quando dançam, e mais vulgarmente nas mulheres, vê-se de trez a dez delgadas *malunga* metallicas no mesmo membro inferior, que me disseram ser para produzir barulho animando a festa.

Tambem são estimadas como recordação, as pulseiras de pelle de hypopotamo, d'elephante, ou de qualquer outro animal a que se ligue memoria de caso de sensação.

O uso de collar é trivial nos dois sexos; o mais vulgar nos homens é formado por dois pellos da cauda do elephante, atados pelos extremos a formar circumferencia que envolva o pescoço, estando n'um d'elles enfiado um bago grosso de coral, ou um pequeno osso, ou, mais geralmente, um pequeno buzio branco amarelado, de caprichosos feitios, a que fazem dois furos por onde passa o pello, de forma que o buzio fique com a abertura voltada para a pelle e a maior dimensão na direcção do collar. Na mulher, pelo contrario, o collar mais vulgar é formado por quantos bagos

de coral possa adquirir, quanto mais grossos e mais compridos melhor; ás vezes o collar dá de duas a quatro voltas ao pescoço, se fôr de bago pequenos ou de contas de louça. Só as mulheres usam collares de contas, que podem ter até um centimetro de diametro e serem tambem de vidro, massinha ou metal. Poucas mulheres novas se veem sem collar, quando mais não seja apenas formado por um grosso cordão preto dando varias voltas; em vez de cordão pôde ser um delgado cipó secco.

Na carapinha ninguém usa, como enfeite, qualquer objecto; no caso de lucto por parente ha adornos especiaes (159).

79.ª — Vestuario á europela

Só usado pelo sexo masculino, é grande o prazer que o homem sente em trajar qualquer peça de vestuario á moda dos brancos; a mulher, realmente, tudo teria a perder se tal fizesse, basta ver a descripção dos trajos indigenas (74) para ser facil calcular quanto são mais proprios para o clima; succede tambem que as mulheres ficam muito mais graciosas com estes, do que com os nossos fatos que lhes dão um aspecto ridiculo.

Tratando em separado (77) dos enfeites que empregam á imitação dos brancos, fallarei aqui só do que se refere ao vestuario.

O collete é a peça mais trivialmente usada, talvez por ser mais facil d'obter e de fazer; usa-se muita vez sobre a pelle, mas é mais janota trazel-o sobre camisa; serve de qualquer feito, côr e qualidade e em qualquer estado de conservação.

Logo depois é frequente o jaquetão, com ou sem collete, mas muito raras vezes sobre a pelle; parece que o jaquetão obriga ao uso de camisa á nossa moda, com ou sem gravata; sendo mais trivial o azul ou preto, serve qualquer côr ou fazenda, mesmo da mais grossa, embora na estação mais quente ou debaixo de sol torrido. E' janota usar casaco, pouco importa se é incommodo; lá, como cá, a moda é tyranna, os homens são tolos.

E' extraordinaria a tentação pela posse d'um *bonnet* ou d'um chapéu de côco ou molle; embora não seja á medida da cabeça, usa-se sempre que é possível, e tão inclinado para uma das orelhas que quasi a tapa, mantendo-se n'essa posição á custa do suporte formado pela carapinha que é alteada a pente por dentro do chapéu ao ponto de fazer saliencia que o segure. O barrete tem poucos amadores e raras vezes se vê; creio que a razão é não ser lá usado pelos brancos ou só por algum de classe muito inferior.

O uso de calças é um alto grau de elegancia que só se emprega concomitantemente com todas as peças já referidas; brancas, pretas e azues, são as preferidas, mas servem outras quaesquer, de qualquer tecido, mesmo discordando o mais possível do casaco e do collete. Quasi sempre as ceroulas faltam.

Ligam extraordinario apreço ao calçado, mesmo sem meias e



Fig. 13 — Vestuario (74, 70)

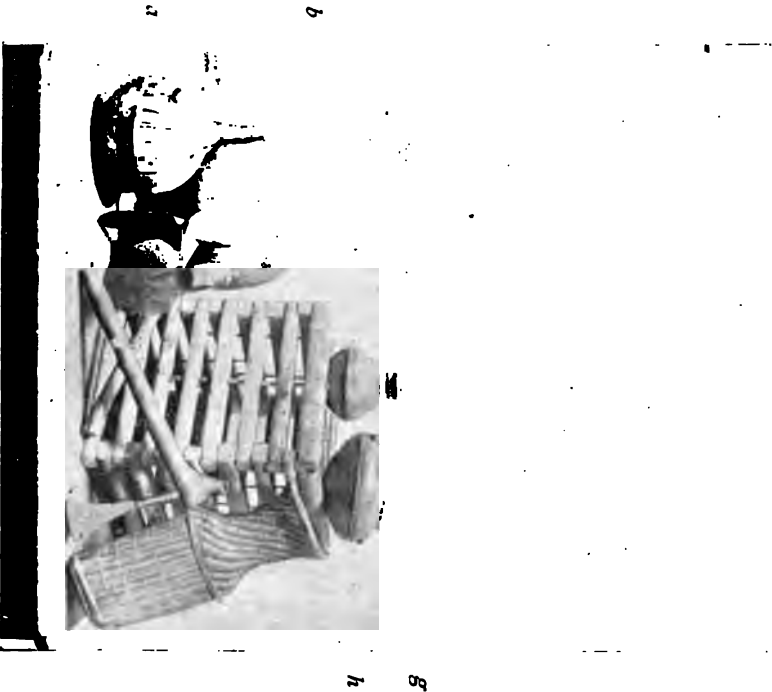
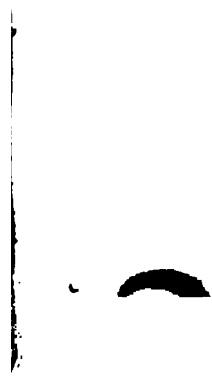


Fig. 14 — a, cabeça enfeitada ; b, *singa* ; c, bilha para agua,
h, Puncella (174) ; G, enxadas ;
d, bunco (168) ; e, machado ; f, peneira (177)

www.libtool.com.cn



melhor com ellas. Mas, por ser esse goso, no maior numero de circumstancias, só permittido a poucos, por ser premio a estudiosos (63), não deixam os ignorantes de o usar sempre que pôdem fazel-o fóra das vistas dos seus superiores indigenas, ao abrigo das reprimendas e castigos, ou sempre que se acham em terra extranha.

Poucas vezes pois o cabinda usa fato completo á moda dos brancos, mas fará toda a diligencia para, quando de folga dos serviços e especialmente nas solemnidades da sua terra, se apresentar com vestuario europeu da cintura para cima, tendo para baixo *panno* á sua moda, o mais vistoso e enfeitado que possa arranjar, e os pés descalços. Como complemento da *elegante toilette*, procurará ter alguma hengala e, ainda melhor, um chapéu de sol.

80.º — Dentes

Surprehende-nos a alvura e regularidade dos dentes dos cabindas, como se conservam sãos e firmes até em edades bastante adiantadas, como á quasi totalidade d'estes pretos são desconhecidas a dôr e a carie dentarias.

Os dentes não são mais brancos nem mais azulados do que os bons dentes dos europeus, mas realça-lhes mais a alvura a proximidade da face negra, e conservam essa alvura e saude á custa d'aceio e de cuidados que entre nós raramente existem. Nunca se acaba de comer seja o que fôr, por minima que seja a quantidade, que não se lave a bocca, pelo menos, com grandes bochechos d'agua e fricção miudamente feita com o dedo indicador. Não usam, é certo, de desinfectantes, nem de tal precisam, porque não ha que desinfectar onde tudo é bem lavado muitas vezes cada dia; não fica um resto de comida a fermentar, não ha carie a infectar, não ha dente que não esteja totalmente protegido pelo seu esmalte. A sua mandioca crua, funcionando a modo d'escova como cá succede com o pão de milho, nada deixa adherir aos dentes; todas as suas comidas, por mais simples, menos condimentadas e nada acidas, concorrem por seu lado para tão magnificos resultados. Tanto influe a qualidade da comida que, nos pretos desde muito novos alimentados com os restos da mesa dos europeus, nota-se já o apparecimento da carie, não tão vulgar nem tão extensa como nos brancos, mas já apreciavel; a degeneração individual, a herança, novos usos, a importação da syphilis, etc., não precisarão de longos annos, a meu vêr, para acabar com as bellas dentaduras dos cabindas.

Não usam de aguas dentifricas, nem de pós, nem d'escovas; muita agua simples e limpa muitas vezes cada dia, fricções repetidas mesmo digitaes, são o sufficiente, quando muito ajudadas por demoradas, mas fracas, fricções das faces externas dos dentes com um delgado pau macio, liso e aromatico.

A limpeza da bocca, que se faz ao levantar, é mais complicada porque também tiram a saburra lingual; servem-se d'uma delgadíssima tira de casca de *bordão*, de dois ou tres decímetros de comprimento, seguram-n'a pelas pontas, que approximam uma da outra, e mettem na bocca a ansa assim formada, arrastando-a de traz para diante pelo dorso da lingua repetidas vezes, de fôrma a arrastar toda a saburra para fôra da bocca; depois tomam fortes e repetidos bochechos d'agua simples.

81.ª — Infanticidio

E' extraordinariamente raro, já porque só ha vantagens em ter filhos (22, 24, 26, 28, etc.), já porque tal crime é castigado com a pena de morte; basta mesmo a desconfiança, a suspeita de que a mãe tal tenha praticado, para sobre ella caírem pelo menos o desprezo e a execração publicos; basta o mais leve indicio para ella ser julgada, ter de provar a sua innocencia, o que lhe será difficilimo, e portanto será condemnada a pesados trabalhos, será a infima das escravas, será totalmente desprezada, e quantas vezes assassinada pela multidão.

Ainda que o filho seja mulato (23) e que por isso mais tarde venha a desaparecer, só dará vantagens, vivendo, enquanto fôr novo.

Chega a ser difficil prever circumstancia que sirva de mobil para tal crime; um extraordinario ciume, a embriaguez, uma crise de loucura, não lembrarão talvez tal expediente, de tal modo elle é contrario aos habitos e á educação e interesses indigenas; o receio de que sirva de prova d'adulterio não parece sufficiente, porque não é menor o castigo do filicidio do que o da infidelidade conjugal, e porque seria mais cedo applicado visto que o desaparecimento da gravidez seria logo notado; o que é provavel é que, como rés d'infanticidio, tenham padecido mulheres innocentes cujos filhos tenham tido morte natural, accidental, d'origem ignorada.

82.ª — Suicidio

Não é o grande apego á vida que faz com que, entre estes pretos, o suicidio seja excepcional; não o é também por motivo de crença religiosa; é que realmente a vida deslisa tanto a sabor dos seus habitos e das suas resumidas ambições, são tão pequenas as contrariedades, que quasi nada faz pensar em terminar a existencia. O cabinda arrisca repetidas vezes a vida andando desarmado por sitios mal frequentados; raro será o que não passe annos no oceano dentro de muito frageis embarcações, em mar, manso é verdade, mas onde ha tubarões, em rios onde ha crocodilos e ja-

mantas, que são animaes para receiar; voluntariamente se sujeita a praticas perigosas das suas crenças, não raras vezes é o proprio a pedir a arriscada prova da casca ou *kassa* (131); bastas vezes soffre doenças sem se queixar nem tratar, rarissimas recorre aos medicos brancos, especialmente se não os conhece de longa data.

A sua religião não considera o suicidio um peccado, a sua sociedade não o julga por tal um criminoso. E, comtudo, raramente o cabinda se suicida, soffre paciente todos as revezes esperando melhores dias, excepto quando cáe em poder de tribus inimigas, ou de brancos quando grande criminoso e que perde a esperança de libertar-se ou de deixar de ser degredado para longes terras d'onde receie não voltar.

O modo preferido para se suicidarem revela uma resolução inabalavel e uma coragem de que os julgariamos incapazes; deixam totalmente de comer, ou fazem-n'o pouco a pouco augmentando a dieta e, passando assim fome dias e dias, enfraquecem mais e mais, tornam-se indifferentes a tudo e por fim succumbem!

Consta que uma ou outra vez um cabinda voluntariamente se enforcou; referi no capitulo da Historia o unico exemplo conhecido de suicidio por arma de fogo; não me recordo de ter ouvido que recorram a outros meios.

88.* — Moedas, medidas e equivalencias

Não ha muitos annos que conhecem como moeda as notas de Banco, para que usam um calão especial (44); conheciam o dinheiro em prata sabendo-lhe o valor em vintens e designando-o pelo numero d'estes; por tostão entendiam tres vintens, noção trazida d'Angola onde o dinheiro era fraco na proporção que dava aquella equivalencia; conhecem tambem a prata ingleza, considerando cada *schilling* como dez vintens; o mesmo julgavam valer o franco, quer francez quer do estado independente do Congo, moedas que ha muito pouco tempo começaram a conhecer.

Como medida d'extensão só conhecem a braça, applicavel a tudo; tratando-se de tecidos d'algodão, chamaram *dóbela* (dobra) á jarda, mas hoje o valor está muito alterado e bem assim o dos multiplos da dobra que designam por *panno* e *cortado* (85).

As medidas de capacidade são a *galáfa* (5 $\frac{1}{2}$ a 7 decilitros), o *garón* (galão) de cinco ou seis garrafas, e o cópo (84).

A garrafa d'aguardente é o padrão a que se reduzem todos os outros valores; não importa saber o valor em moeda d'esse liquido, o indigena vende tal coisa por tantas garrafas, não quer saber quanto custou ou vale cada garrafa. Não acceita a troca de garrafa por dinheiro, mas tem correspondencias de todos os valores (não moedas) para com a garrafa; para esta tem multiplo, o *gá-rón*, e submultiplo, o copo. Usam de phrases como estas: um copo de sabão, uma garrafa de tabaco, um cortado d'arroz, etc. Para o tabaco ha ainda nomes especiaes quando da Europa vem

preparado para uso indigena; chega aos mólhos de folhas atadas por um dos extremos; elles dizem uma folha e uma cabeça (mólho).

A maior medida que conhecem é a *espingarda*, isto é, o que de qualquer genero de commercio corresponde ao valor d'uma espingarda ordinaria de carregar pela bocca, antiga espingarda lazarina, ou suas modernas imitações peioradas, mas sempre de carregar pela bocca, d'um só cano e de pederneira; é o que designam por *espingarda de pau*; a sua equivalencia n'outro genero, por exemplo, em sal de cosinha, é espingarda de sal.

Como excepção, para a genebra e liquidos a que chamam licores, a medida é o frasco (*felásco*), talvez porque essas bebidas alcoolicas da peor especie, com aspecto seductor e pronunciados cheiros, especialmente d'aniz o mais estimado, só são vendidas nas vasilhas em que são importadas.

Um artigo vulgar de commercio, o coral, tambem tem designações especiaes (86).

84.* — Palavras da lingua ingleza

Boátte, gáro, ou gáron e kúko são as unicas palavras que até agora aproveitaram do inglez; significa a primeira garrafa, a segunda gallão, e a terceira cozinheiro. A constancia do uso das duas primeiras, a sua applicação tão vulgar a medida d'aguardente que, quando se diz só garrafa ou gallão, sempre se subentende de aguardente, fazem suppor a probabilidade de ser devida aos humanitarios inglezes a introdução entre os cabindas do uso do alcool.

A garrafa ordinaria de vidro escuro e da capacidade approximada de seis decilitros, constitue a unidade fundamental para a medição dos liquidos; o gallão tem geralmente cinco garrafas; mas ultimamente fallavam já no *gáron garãde* (grande, imperial) que mede seis garrafas. O submultiplo da garrafa é o copo, que elles pronunciam como nós; cada garrafa tem seis copos.

Referem-se algumas vezes a *balile* (barril), pipa e casco, mas não lhe ligando ideia de medida ou de capacidade approximada; são palavras que servem para significar grande quantidade, enorme porção de qualquer liquido.

Da palavra *cook* já estropiada para *kúko*, fizeram, á sua moda, a palavra para cozinha que é *chikúko*.

85.* — Cúletádo, dóbela, etc.

Do portuguez cortado, dobra, estas designações são applicadas a tecidos d'algodão, branco ou geralmente estampado, d'uma só côr, ou geralmente de mais d'uma, com variados desenhos, predom-

minando as riscas e os quadrados, que o commercio importa quasi sempre de Inglaterra. Vão sendo esses tecidos cada vez mais raros porque, para diminuir o preço, o negociante africano insta com o fabricante para diminuir o numero de fios; chegou-se a importar tecidos parecendo verdadeiras teias d'aranha, mas os cabindas já os rejeitam, porque são bastante espertos para os pôrem contra a luz, quando escolhem fazendas.

A largura d'estas tem variado muito; importadas a principio com meia jarda, foram sendo cada vez mais largas e por muito tempo se conservaram com uma jarda, dimensão que agora é a menor. Conservando os productos d'esta largura, os negociantes foram mandando fazer padrões cada vez mais largos, de um metro a um e quarenta centímetros, como são actualmente alguns. Aos cabindas não passou desapercibida tão grande differença, até inventaram designação especial na lingua propria: quando actualmente não se diz a largura desejada entende-se que é fazenda d'uma jarda, ou estreita; para a outra é necessario accrescentar o adjectivo larga ou servir-se da expressão indigena *tenda-vuáta* (tradução litteral: rasga veste), expressão bastante propria, pois que com a fazenda estreita era necessario coser a par dois comprimentos pela largura para obter a altura necessaria ao *panno* (74), e com a larga, basta cortar o comprimento desejado que póde logo vestir-se, porque dará *panno* da altura do costume.

Chegavam as fazendas dobradas em peça, como é uso entre nós, e, aberta a peça, o comprimento da fazenda que fica á vista, denominou-se dobra, que elles pronunciam *dóbela*; cada uma d'estas tinha uma jarda, mas tem ido successivamente medindo menos, já porque o commercio assim recommenda ás fabricas, já porque o negociante africano abre as fazendas que recebe e, ás escondidas do preto, dobra-as de novo em maior numero de *dobras*, ficando portanto menor cada uma d'estas. As pequenas peças importadas, conservando por estes processos o mesmo numero de *dobras*, tem menor numero de jardas, ou conservando as mesmas jardas tem mais *dobras* e, em qualquer dos casos, menos custa cada *dobra*; isto explica o calão do negociante quando, ao fallar de peças de fazenda, diz por exemplo, sete em doze, o que quer dizer peça de sete jardas formando doze *dobras*.

O *cortado* era constituido por jarda e meia de fazenda, isto é, trez *dobras* eram dois *cortados*; actualmente a coisa é differente porque, se trez *dobras* de fazenda estreita são o que continua a chamar-se o *cortado*, o comprimento d'este é variavel conforme o modo como o mesmo comprimento da peça é dobrado; mas nunca qualquer medida linear serve n'estas transacções, e as trez *dobras*, mais compridas ou mais curtas, formam o *cortado*; no caso de a fazenda ser larga, o *cortado* é uma *dobra*.

N'este trabalho fallo muitas vezes do *panno*, querendo sempre dizer uma peça do vestuario indigena (74), mas aqui devo fazer notar que o mesmo nome é applicado á quarta parte do *cortado*; assim o cabinda chama, a este *panno*, *chindéle* (plural *bin-déle*), aos dois *pannos*, ou meio *cortado*, *lubáça*, e ao *cortado*

*bindéle*¹ (já com a prefixa do plural), em quanto que ao *panno* que é peça de vestuario chama *meléle*, no plural *beléle*.

Quanto ás equivalencias entre aguardente e fazenda, temos que o cabinda n'ellas dá prova da sua esperteza, pois que se o branco tracta de diminuir o comprimento das *dobras*, o preto vae augmentando o numero d'ellas para a mesma quantidade d'aguardente; assim o *cortado* d'antes equivalia a duas garrafas e hoje a trez, o gallão valia dois *cortados*, hoje vale trez.

86.* — Coral

Trabalhado, polido, quasi sempre em contas ou miudos cylindros, por vezes em cylindros compridos de pequeno diametro, apresenta-se outras em cylindros de um millimetro d'espessura até dois, quinze a trinta de comprimento e trez a oito de diametro. A cada uma d'essas fracções chama-se *bago*; a cada enfiada de bagos, ordinariamente de vinte a trinta centimetros de comprimento, chama-se *volta*.

Tem o cabinda grande apreço por este adorno para usar ao pescoço, apreço tanto maior quanto maior fôr o bago, mais viva a côr vermelha, mais polida a superficie. Usa ás vezes um dos grandes bagos enfiado n'um cabello de cauda de elephante; outras, quantos dos menores pôde obter enfiados em qualquer coisa, cordel, retroz, fibra vegetal; mas o coral muito meudo é quasi só usado pelas crianças e mulheres, sendo então mais moda dar o collar repetidas voltas em torno do pescoço.

Conforme a grandeza do bago assim o coral equivale a tal ou tal porção d'aguardente, a tal ou tal fazenda.

O europeu, que tudo diligencia falsificar, experimentou a sua industria com o coral e obteve productos que realmente muito se confundem com o verdadeiro e que ardem facilmente a modo de resina; o preto ladino começou logo a distinguir o verdadeiro do falso.

87.* — Alcoolicos

Os liquidos ingeridos pelos cabindas em grande abundancia, com varios nomes, mas em que predomina o alcool, produzem um bom numero d'alcoolicos.

Desde quasi os primeiros dias da vida, começa o cabinda a provar o alcool, as mães acham esses liquidos tão agradaveis que os dão logo a provar ás crianças, mesmo de mamma, embora es-

¹ O mesmo que no plural de branco, europeu.

tas mostrem o desagrado fazendo innumeradas caretas; a mãe sente tal prazer que entende não dever privar o filho do mesmo goso, sem notar a repugnancia instinctiva da prole, ou, mesmo notando-a, para que ella se vá habilitando a futuros prazeres. Pelos oito annos já as crianças procuram esses liquidos, não mostram repugnancia alguma; pelos doze ha já enthusiasmo, pelos quinze quasi não se deseja outra coisa; é o alcool a grande mola que faz mover toda a raça negra para tudo o que d'ella se pretender; é o alcool a base, o fim, o movel de todos os seus actos; a conhecida phrase *cherchez la femme* tem, n'esta gente, de ser substituida pela *cherchez l'alcool* (48).

E' claro que os terriveis effeitos do alcool, de mais a mais de mau alcool, abusivamente ingerido em todas as occasiões e em todas as quantidades que fôr possivel, não tardam a apparecer; notei porem que o embrutecimento vem mais rapido do que nos brancos, a vida é extraordinariamente encurtada, as perturbações nervosas, especialmente o *delirium tremens*, são uma raridade, predominam as lesões dos órgãos abdominaes, principalmente do figado e do aparelho urinario.

Se é grande o numero d'ebrios que muitas vezes se encontram; se nas festas indigenas a embriaguez é regra na quasi totalidade dos figurantes; devemos notar que todo o preto é um bebedor, ou se embriaga em casa, em familia, ou anda sempre *quentinho* quando tem com quê, embora por *aguentar* muito não deixe perceber a extranhos o que se lhe passa no intimo.

Não deixaram estes africanos de perceber que o alcoolismo tem inconvenientes graves; tanto assim é que, para o evitar, se recorreu a praticas religiosas; o uso de *batter feitiço* (fazer promessa a um deus) é muito vulgar com este fim, quasi sempre imposto pela familia ou individuo superior do ebrio relapso. Mas se, por um lado, este expediente só é usado para com aquelles que quasi não deixam d'andar embriagados, por outro é curiosa a serie d'expedientes inventados, dentro das proprias crenças, para não deixar de beber não peccando. Assim o cabinda que *batteu o feitiço* para não beber, não comprará bebidas alcoolicas nem ajustará os seus serviços a troco d'ellas; mas receberá diariamente em aguardente o valor da sua ração a pretexto de assim ser preciso para comprar os alimentos e provará um bom golo para ver se está na gradação conveniente para a permuta; acceitará qualquer liquido alcoolico que lhe seja offerecido, para não causar desgosto ao offerente; correrá a assistir a todos os actos indigenas em que seja praxe beber em honra de qualquer individuo (e d'estes haverá nas proximidades da sua habitação quasi todos os dias); fará mesmo distincção entre as varias bebidas alcoolicas, não consumindo aquella ou aquellas por que *batteu feitiço*, mas ingerindo as outras como se não fizera promessa alguma, porque não promettera não beber d'essas.

88.º — Salários

Variaveis conforme os serviços prestados e qualidade de quem os presta, variaveis conforme a procura ou abundancia de pessoal disponível, não vão ainda assim fóra de certos limites que se marcam no ajuste (44). Vimos que o pagamento principal é o que consta da *mukânda*; n'ella se vae lançando a importancia de cada coisa que o preto pede por conta do seu vencimento, devendo haver sempre o cuidado de ir deixando, cada vez mais, augmentar o valor que ha a receber, para evitar-se mais facilmente a surpresa d'uma fuga e para se estar a coberto de pequenos prejuizos que é dos costumes da terra serem indemnizados pelo valor em aberto. Se se adianta, seja qual fôr o motivo allegado, mais alguma coisa do que aquillo a que o preto tem já direito a receber, a sua fuga é certa.

Nunca se pôde contar com o mesmo individuo durante muito tempo a nosso serviço, porque elle terá habilidade para inventar pretextos para, airosamente ou pela fuga, nos abandonar.

A expressão *limpar mukânda* significa receber o preto todo o saldo que tem a seu favor, e esse cuidado tem elle todas as vezes que é despedido e mesmo sem o ser; n'este caso, se o patrão pôz difficuldades, não insistirá, em breves dias irá apresentando pretextos para receber coisas por conta até que, ou por quasi tudo ter recebido, ou por vêr que não poderá obter mais, fugirá abandonando o resto do saldo, a que perde o direito segundo as leis indigenas. Se o dono, pae, ou outro responsavel pelo comportamento do assalariado (118) o vem apresentar, tudo entra na normalidade; mas se tal pessoa não se importa com a fuga, pôde ser compellido a pagar multa ou indemnisação se se levar a questão perante a auctoridade indigena e se provar que não se deu motivo para que o criado fugisse.

Se a sua completa versatilidade explica, no maior numero de vezes, a necessidade imperiosa que o cabinda sente de mudar de patrão, tambem muitas vezes o motivo é sentir-se mais sabedor e julgar-se com direito a maior estipendio; ora, como entende que o patrão não lhe augmentará o salario, muda d'amo para que outro lhe pague mais; exactamente como entre nós succede, especialmente com as criadas de servir.

O ajuste mais vulgar é o do *moleque* ou criado de serviço interno e externo (13); accumula as funcções das nossas criadas de fóra com as de criado particular; os vencimentos constam de pagamento, ração, e ração de semana (são as expressões consagradas pelo uso); o pagamento vae de seis a doze *cortados* (25), a ração é de uma até duas *garrafas* d'aguardente por dia, a de semana regula por uma *cabeça* de tabaco, uns duzentos grammas de sabão e uma *garrafa* d'aguardente; estas rações não figuram na *mukânda* e variam repetidas vezes com pretexto de difficulda-

des na obtenção dos generos que ellas são destinadas a adquirir para alimentação do criado; na realidade este come da mesa do patrão, ou, com o cozinheiro da casa, das coisas que não chegaram a ir á mesa.

Não é raro que o criado tenha seu criadinho a pretexto de ser parente; este nada recebe do amo senão como presente, mas come tambem á custa d'elle.

O *moleque* tem o cuidado de alijar de si o maior numero de serviços, excepto d'aquelles que pelos outros sejam considerados como provas de confiança do patrão no criado; estão n'este caso a transmissão d'ordens, a distribuição de trabalhos, o arranjo do quarto, o serviço de mesa, o cuidar d'objectos mais delicados, o servir de interprete e, em viagem, o transporte da espingarda e cartucheira; gostam sobretudo de receber, das visitas do patrão ausente, os recados ou objectos que lhe devem ser entregues quando elle chegar. Pertence a este criado servir á mesa, limpar e arrumar a louça e, quando não ha despenseiro, cuidar da limpeza e conservação de tudo na casa de jantar.

O lavadeiro (13) ganha geralmente um pouco mais do que o criado, que coadjuvará no serviço de mesa, e, ás vezes, dos recados. Compete-lhe especialmente receber por conta a roupa suja á segunda feira e conserval-a sob sua responsabilidade até a entregar prompta; recebe tambem o sabão que entende necessario, e, no meio da semana, a gomma de que precisa. Ou vae lavar a rio proximo, ou vae buscar a agua que lhe é necessaria, trabalho que geralmente incumbe, em nome e sem conhecimento do patrão, a algum servente ou carregador mais tolo. Mostra a roupa que entende não merecer concerto, ou precisar de grande reparação; prega os botões cahidos, cose pequenas coisas, passa a ferro, engomma e, depois de tudo prompto, entrega outra vez por conta. Todo o material é fornecido pelo amo, inclusivè o ferro a vapor, unico de que usa; as brazas (não emprega carvão) são fornecidas pelo cozinheiro.

O europeu que não viva miseravelmente, tem de juntar a estes dois empregados, um cozinheiro, uns carregadores e uma mulher; esta, com aquelles dois, constituem o pessoal mais acceiado e mais em contacto com o branco. A concubina recebe diariamente duas a quatro garrafas de ração e come d'ellas ou da mesa do europeu, mas raro será o que a senta á mesa; cada semana tem mais duas garrafas ou um *frasco de licor* (13), uma ou duas *cabeças* de tabaco, perto de meio kilo de sabão, meio litro de sal, um ou mais kilos d'arroz; por mez tem oito a doze *cortados* de fazenda larga da melhor; além de tudo isto, está constantemente recebendo outros valores, como se pôde ver (23) onde descrevi tambem os seus serviços.

O cozinheiro (13), geralmente de mais idade do que qualquer dos tres serviçaes de que fallei, é o que tem o ordenado mais variavel e quasi sempre prefere dinheiro; por menos de dez *cortados* não se obtem quem saiba fazer a comida mais rudimentar, mas tem-se alargado o salario até 15 e mesmo 18 mil réis mensaes,

até sem fazer pão, obrigação que em geral lhe compete desempenhar diariamente com farinha magnífica que se recebe da Europa em barricas. Apesar de não despensar uma ou duas garrafas d'aguardente por dia com o nome de ração, é claro que come á custa do patrão, chega até a fazel-o primeiro do que elle e do que fôr melhor; cada semana, como ração, recebe mais uma ou duas garrafas, uma cabeça de tabaco, um pedaço de sabão. E' quem vae ás compras se não ha despenseiro, fazendo-se acompanhar pelo seu criadito ou aprendiz, que é quem transporta quasi tudo, acende e conserva o lume, lava os objectos mascarrados, varre a cozinha e faz outros serviços dos mais ordinarios e aborrecidos. Escusado será dizer que, lá como cá, quem faz as compras diarias tem fraudulentamente um vencimento maior do que o estipulado. Terá o cuidado de ir tacteando o que o europeu sabe de cozinha, e rematará, no caso geral d'ignorancia total, por causar grande despeza em seu proveito, não se pejando d'indicar com frequencia, como sendo necessario para varios pratos, o vinho branco e mesmo o do Porto.

Por pouco frequentes que sejam as necessidades de viajar e por curtas que sejam as excursões a fazer, convirá que o europeu tenha pelo menos dois carregadores de tipoia (1000). Cada carregador ganhará por mez oito a doze *cortados*, por dia uma a duas garrafas d'aguardente e por semana outra garrafa, uma *cabeça* de tabaco, dois ou tres decilitros de sal commum e uns cem grammas de sabão; cada manhã beberá tambem coisa d'um decilitro d'aguardente, no fim do dia o mesmo, e em viagem de mais d'uma hora será preciso ir dando outros copinhos para animar a velocidade (*ganhar força*, dizem elles). Fazem os serviços mais grosseiros ou de força, carregam agua e objectos pesados, vão colher a lenha para a cozinha, etc.

A esta lista de serviçaes, sufficientes mas necesarios para qualquer europeu, é preciso accrescentar outro pessoal, quando se é negociante, como descrevo em capitulo especial. (Cap.^o VIII).

Nas casas de bastante gente branca ou de muitos criados pretos, é ainda preciso um despenseiro, geralmente antigo *moleque* já barbado, que mantem a disciplina entre os outros, dirige tudo o que se refere á alimentação dos patrões, manda directamente no cozinheiro, faz as compras, distribue as comidas, dirige o serviço da mesa, determina a composição das refeições e tem a seu cargo a despensa; nas maiores casas commerciaes estes dois ultimos encargos pertencem a um dos brancos de menor categoria. O vencimento é maior do que o de qualquer outro criado, algumas vezes maior do que o do cozinheiro.

89.* — Fumar; cachimbos

Em ambos os sexos, toda a gente fuma tabaco em qualquer idade a começar pelos seis annos; é trivialissimo o uso do cachimbo, gostam do charuto que poucas vezes apanham, mas fumando o á europeia e só raramente mettendo o lume na bôcca, como em Loanda; é pouco empregado o cigarro com que mal se entendem. Ainda um ou outro cabinda toma rapé, tabaco simplesmente reduzido por elles a pó; mas esse costume vae sendo raro, quasi só se mantem nos velhos afferrados a antigos habitos de nobreza; a tradição parece fazer crer que, em tempos remotos, o uso do rapé era vulgar entre os nobres e apanagio da nobreza. Não vi que seja inveterado o habito de mascar, só por excepção raros indigenas fazem tal.

O que tenderia a generalisar-se, se não fosse a guerra que se lhes faz, tanto da parte do europeu, como da dos proprios cabindas superiores, seria o habito de fumar *liamba* (canhamo); mas como o fumador do *cannabis sativa* adquire depressa o vicio, e como o uso, mesmo não muito prolongado, de tal fumo inutilisa rapidamente o fumador ou, quando menos, parece dispô-lo para mais facilmente contrahir a *doença de somno*, succede que aos *principes*, ou maiores indigenas, conveio secundar a propaganda dos europeus contra o terrivel habito. Parece-me que será por isto que raras vezes a planta é cultivada, e só o é muito a occultas e em pequenissimas quantidades; a maior parte da *liamba* é trazida de Loanda, formando delgados embrulhos, que, em pequenos fragmentos e bastante em segredo, são distribuidos pelos amadores conhecidos do importador. Quem, pelas primeiras vezes, toma algumas fumaças de canhamo, deve ter sensações penosas; não é facil perceber como se adquire tal vicio; de facto, no principio a tosse produzida é insistente, violenta, fatigante, quasi suffocante; a ella segue-se uma salivação enorme, tornando o individuo nojento; depois é que chega a embriaguez especial, grande excitação com gritos e phrases sem sentido, seguida do periodo de repouso em que, segundo contam, ha sensações agradabilissimas; é para obter estas que passam de boa vontade por aquellas. Como tal fumo é profundamente intoxicante, por pouco que se tome o habito, chega depressa o estado d'embrutecimento, o grande accrescimento da indolencia propria da raça, indo até á indifferença por tudo, á deficiencia alimentar, ao marasmo e á morte. E porque isto se passa assim, parece-me que bastantes dos casos fataes attribuidos á *doença do somno* se podem filiar n'esta origem, sem necessidade d'admittir que tal doença venha enxertar-se na embriaguez pelo canhamo, contribuindo esta apenas para dispôr o individuo a contrahir aquella.

Os cachimbos mais vulgares são os fabricados pelos indigenas em barro cozido, que fica quasi preto e lustroso como certa louça

de cozinha trivial entre nós. O pipo é de madeira e não tem mais de cinco centímetros de comprimento, mas é muito grosso, quasi cylindrico, com perto de dois centímetros de diametro na secção que recebe a parte feita de barro; esta consta da fornalha e do começo do pipo de uns dois a trez centímetros de comprido; é da côr da plumbagina, mais ou menos coberta d'enfeites constando de linhas rectas, e poucas vezes curvas, formando varios cruzamentos. A fornalha, d'um centimetro de diametro na parte interna, é conica a terminar em orificio, não tendo mais de trez centímetros d'altura. Como as paredes da fornalha são muito grossas, cinco millimetros e mais, o peso é bastante apreciavel; exteriormente a fornalha é regularmente cylindrica, unindo-se em angulo recto ao tronco do cone que a vae ligar ao pipo e que do lado d'este apresenta um annel saliente tambem com enfeites; a união dos dois segmentos de barro faz-se geralmente em sulco exterior, a do lado do vertice apresenta uma pequena ponta achatada que varias vezes serve de péga.

Dos cachimbos europeus o mais trivial é o ordinario, de gesso, de pipo curto; algumas vezes vê-se o de madeira com o pipo de chifre; sempre dos mais simples e baratos.

Nenhum d'estes cachimbos serve para a *liâmba*; a fornalha de barro é muito maior porque é destinada a conter a planta secca e sobre ella uma braza; mas é condição essencial que o fumo passe atravez agua, o que faz com que o pipo seja substituido por vasilha capaz de conter quatro a cinco decilitros de liquido, vasilha a que está ligada a fornalha, prolongada por um tubo até abaixo do nivel aquoso; essa vasilha é algumas vezes um fructo d'ímbundeiro esvasiado, e applica-se a bocca a um orificio feito na inserção do pediculo; bastantes vezes serve qualquer cabaça alongada; quasi sempre é um corno, bastante curvo, d'antilope ou mesmo de boi pequeno, applicando-se a bôcca ao orificio cavado na ponta.

90.* — Furtos nas cabanas e plantações

O cabinda é extraordinariamente ladrão, furta aos brancos tudo o que póde, aos pretos tira o que não póde levantar suspeitas; mas nas plantações e nas habitações são raros os furtos. Não só isto depende do rigor dos castigos que os juizes lhes applicam, como da crença de que divindades lhes farão grandes males por esses crimes. Não raras vezes por pequenos furtos caseiros é escravisado o ladrão ou mesmo muitas pessoas da familia. Por isto se explica como podem ter plantações ás vezes a grandes distancias das aldeias, em sitios ermos e fóra dos caminhos, e como facilmente deixam abertas as portas das cabanas, até de noite, até durante semanas e mezes em que estão ausentes do povoado: apenas, n'este caso, deixam algum amigo ou parente encarregado de vigiar pelo que possa acontecer, mas não raramente succede ninguem ficar encarregado.

Só como luxo são usadas fechaduras nas portas; mas mesmo com ellas seria bem facil qualquer furto, basta ver como as cabanas são construidas (14) para se comprehender que nenhuma segurança offerecem contra os ladrões.

91.ª — Canções

Sempre que os cabindas teem que executar trabalho de força, entoam uma canção; pareceria que o fim seria harmonisar os esforços para obter o resultado desejado; mas é antes provavel que isto seja apenas uma vantagem occasional e que o movel seja a simples distracção, visto que muitas vezes se ouve o *fiôte* cantando sósinho, até mesmo quando executa qualquer trabalho leve, e até sem nada fazer.

O rythmo é invariavelmente o mesmo; se a voz é uma só, fará esta a parte cantante e como que algumas notas do acompanhamento, as correspondentes ás pausas que o canto lhe permittiria, de fôrma que ao nosso ouvido chega sempre a mesma toada monotona; quasi sempre quando é um preto só, a parte que deveria ser cantada pelo côro é apenas a repetição da syllaba *han*.

Suppondo o caso mais complicado, o de quatro ou mais cabindas, um será a parte cantante e os outros (divididos em tres grupos) cantarão o estribilho em côro mas por tres entradas successivas em contraponto, d'onde resultará ouvir-se simultaneamente a voz e os tres côros.

A lettra é variavel para cada occasião e refere-se quasi sempre ao acto que se vae executando ou a saudades da patria; mas do mesmo modo se celebra ou rememora qualquer acontecimento; se ao acto preside um branco, se se conduz uma tipoia (100) ou se se rema n'um bote transportando europeu, raro será que a cantiga não se lhe refira, quasi sempre trocando-o ou mesmo insultando-o.

Para começar a cantiga, o cabinda primeira parte, que variará a lettra cantando o que lhe appetecer, solta primeiro a exclamação — *sou* — prolongando muito o diphtongo, e os outros responderão com a mesma palavra, mostrando assim a sua annuencia. A mesma exclamação, usada do mesmo modo, será o signal de findar a cantiga, já porque para isso houve ordem, já porque se chega ao termo da viagem ou fim do trabalho, já porque se deseja variar d'assumpto; mas nunca percebi que fosse por motivo de cansaço, embora ás vezes cantem durante horas seguidas.

Feita esta combinação de começar uma canção, o proponente então, no conhecido e constante rythmo, as phrases do côro na ordem porque serão cantadas, como se elle desempenhasse os tres papeis; feito isto duas ou tres vezes para bem fixar na memoria dos outros (que em voz baixa ou *in mente* se preparam) o estribilho que ha de ser usado em toda a cantiga, o solista entra com a primeira phrase do solo, a que logo se segue o primeiro terço de vozes do côro, depois o segundo e por fim o terceiro, n'uma sequencia que o ouvido percebe pela fôrma que vamos ver, e re-

forçando cada terço as vozes do seguinte até novamente lhe competir a sua parte; quando o segundo terço canta a parte que lhe compete, a voz começa uma nova phrase, que deve terminar quando termina a curta phrase do terceiro e que é repetida logo a seguir na totalidade pelo primeiro terço estando o solista calado.

Supponhamos que, remando os pretos sem fazerem força alguma, o branco zangado manda: estica remos, cuja traducção é *tintika malêmo*, e que então começa a cantiga; o solista indicará para os côros, por exemplo, o seguinte: *mundeli mebi tintika malêmo* (o branco mau estica remos). Esta phrase é dita na integra pelo primeiro terço do côro em quanto a voz diz a primeira phrase da cantiga que lhe pertence variar; durante esse tempo o segundo e terceiro tercios dizem o estribilho constante de todas as cantigas que é *ah! ah! mámé* (ah! ah! minha mãe); é o primeiro tempo da canção. No segundo, o solista está calado ou reforça com a sua voz o estribilho constante; o primeiro terço repete a phrase nova do solista, o segundo repete a phrase indicada acima e o terceiro o estribilho; no terceiro tempo o solista canta nova phrase, o primeiro terço canta a phrase acima dita, o segundo e o terceiro o estribilho constante. Assim successivamente n'uma monotonia de desesperar ou de adormecer, chegando sempre ao nosso ouvido a mesma melopéa.

Estas canções são geralmente desacompanhadas de qualquer instrumento; o compasso é marcado pelo movimento dos remos, dos passos, etc. Mas outras cantigas, sempre no mesmo rythmo (só por excepção rarissima ha alguma pequena variante), são acompanhadas por instrumentos, quer nos funeraes de pessoas gradas (106) quer nos divertimentos com dansa (138).

92.* — Povoações

As aldeias ou aldeioias em que se agrupam estes pretos, que elles designam na sua lingua por *buála*, no plural *mála*, e na nossa por *povo* e *povos*, são formadas por cabanas dispostas irregularmente, com exposições diversas, sem arruamentos, mais ou menos affastadas entre si, separadas por espaços cultivados, mas todas ligadas umas ás outras por caminhos tortuosos, e variando a distancia, de qualquer ás mais proximas, de vinte a cem metros quando pertencem a donos differentes, mas estando mais approximadas, dez metros e menos, quando pertencem ao mesmo dono, habitadas por elle e suas mulheres; não ha casas d'aluguel.

A aldeia mais pequena é constituida por um chefe de familia e seus parentes proximos ou conjuges d'esses parentes; é o mais velho o representante da aldeia; pôde não ser nobre de raça, com quanto pelo facto de ser o chefe seja considerado fidalgo embora abaixo do menor grau de fidalguia que é o de *kapita*.

Varias familias, mais ou menos aparentadas se reúnem no mesmo local, com seus parentes, escravos e adherentes, formando aldeias maiores, subordinadas então já a algum *principe* (nome ge-

nerico para qualquer grau de nobreza); d'essas aldeias, as mais importantes, são as presididas por *mambúko* (o maior grau de nobreza) como é a de *Simlambuko*, governada pelo bom velho Manuel José Puna, a que me referi no capitulo da historia. Mas a maior agglomeração que conheço é o chamado *Povo grande*, governado por dois fidalgos, e que é talvez restos da povoação d'antigo grande potentado, pertencendo o governo actualmente a dois pretos intitulado-se um governador e outro dono da dita aldeia; esta estende-se, de leste a oeste, em comprida faixa de uns dois kilometros por quinhentos metros e não tem menos de 400 cabanas; consideram-n'a os cabindas talvez como a mais genuína origem dos natúraes proximo da costa, visto que teem certo orgulho em pertencer-lhe e tanto que leva a dizerem-se de lá muitos pretos que são d'outros logares mesmo muito distantes.

Preferem, para collocação das aldeias, os terrenos proximos do mar, ou algum outeiro, e poucas vezes o cume ou crista de montanhas; tambem preferem os valles, quando haja proximo algum riacho; uma das circumstancias dominantes na escolha é que a agua doce não esteja a grande distancia e que haja grandes arvores onde estejam abrigados e pequenos mattos que forneçam combustivel; os terrenos descobertos ou alagadiços são preferidos para cultura.

93.º — Forrado

Assim designam em portuguez o local, junto da cabana de que por assim dizer elle faz parte, onde fazem as operações culinarias, se conversa quando chove, especie de vestibulo que precede a entrada da choupana que para elle tem a porta. Esse espaço é circumscripto por paredes feitas como as das habitações (14), ou por simples *loando* (99); é endurecido, batido e elevado como o da cabana, tendo tanto ou mais comprimento do que ella e sempre maior largura porque ainda cobre parte das paredes lateraes, deixando de cada lado um pequeno corredor d'accessso. Algumas vezes o *forrado* não tem tecto; quando o tem é prolongamento do da cabana; ás vezes ha tecto e não paredes lateraes, é uma especie d'alpendre destinado aos mesmos usos que o *forrado* completo. Quando é grande e pertence a um chefe, o *forrado* não serve para cozinha, sendo esta feita em cabana pequena, separada, exclusiva para esse fim; é então um logar para audiencias, para reuniões, para tratar de negocios com o proprietario.

94.º — Cozinha

Facilmente o cabinda cozinha as suas simples iguarias em qualquer ponto com umas pedras onde assenta qualquer lata ou vasilha de barro. Mas nos seus *povos*, se não ha para isso uma ca-

banana especial, como tem a maioria dos nobres, serve o espaço circumscripto pelo *forrado*. Nunca ha fornalha, servem sempre algumas pedras; a bateria resume-se quasi sempre a panellas de barro de varias grandezas (174), alguma lata e, quando muito, nas casas ricas, objectos de ferro esmaltado de fabrico europeu.

O combustivel é sempre a lenha, muitas vezes ainda verde ou molhada, porque é uso não fazer grande provisão; palhas seccas servem para accender o lume, que provem sempre do palito phosphorico ou de tição trazido d'outro lar; perdeu-se, pelo desuso, a tradição d'obter lume por antigos processos. Não se emprega abano, folle ou outro qualquer meio de activar o fogo senão o simples sopro a plenos pulmões.

Grande numero de comidas são simples assados nas brazas, outros são cozidos em agua. As batatas, nossas ou doces, a mandioca, os tuberculos, são varias vezes cozidos a vapor. Para isto, sobre as pedras assenta uma panella grande contendo alguma agua em que mergulham alguns paus ou pedras que supportam uma especie de grelha de tiras de casca de bambu, em que põem os tuberculos, lavados e descascados á faca; a bôcca da panella é tapada com grossa camada de folhas verdes, geralmente de bananeira, fortemente amarradas por fóra, logo abaixo do bordo da vasilha.

A comida mais complicada é a *muâmba* (143), mas tambem reduzem algumas coisas a pequenos fragmentos por instrumento especial (177) ou mesmo ralador (178).

O peixe miudo é assado com tripas e tudo; os ratos, até grandes do campo, não são abertos nem pellados; e assam-nos em espeto de madeira.

Consomem todo o animal marinho, incluindo o tubarão, o carangueijo, todos os mariscos (são vulgares a cadellinha e a ostra) cozidos ou assados; do mesmo modo os animaes terrestres, até cobras, lagartos e larvas d'insectos.

Toma o nome especial de *chincôndo*, a comida que, logo depois do casamento, o homem cozinha para offerecer á mulher; póde constar, segundo os haveres de cada um, de um ou mais pratos, de carneiro ou cabrito, pato ou gallinha, peixe, feijões, amendoim, folhas cozidas de mandioca, etc., mas deve sempre ser acompanhada de tuberculos de mandioca, uma garrafa d'aguardente, outra d'agua commum, e d'algum vinho de palmeira. Só depois d'isto, é que a mulher offerece ao marido o que para elle cozinhou, como praticará o resto da vida.

95.ª — Fumo

Cozinhando sempre a lenha, ás vezes muito humida, servindo-se de palhas e pequenos arbustos, fazendo lume para se aquecerem e não havendo chaminés, é claro que se produz muito fumo, que

até também é feito de proposito para afugentar mosquitos imperitinentes e numerosos, para conservar alimentos, etc.

Mas todo esse fumo, com que parece não se incommodarem, tem outras vantagens porque, indo impregnar as paredes e o tecto, escoando-se por tantos intervallos das fibras vegetaes, não só torna estas mais resistentes aos agentes atmosphericos de destruição, como beneficia muito a propriedade, affastando a formiga branca e outros insectos destruidores. Concorre para a conservação do peixe e da carne que é uso pendurar, quando sobeja, no *forrado*, e principalmente faz com que só muito tarde appareça bicho no milho que para isso é pendurado ainda em massaroca com todas as capas protectoras; não se procedendo assim, e sobretudo tirando o da massaroca, nota-se que rapidamente, até n'um mez depois da colheita, cada bago apresenta pelo menos um gorgulho que em pouco tempo consome todo o interior do grão, deixando só a camada cortical com um pequeno orificio por onde o insecto sahe.

E' claro que, em pouco tempo, o tecto e as paredes do *forrado*, e em menor escala as da cabana, mudam de côr, tornando-se d'um vermelho escuro, quasi preto, sujando quando se lhes toca; mas preferem isso aos males que o fumo evita.

96.* — Formiga branca

A este destruidor insecto, que os pretos d'Angola chamam *sá-lalé*, designam os cabindas por *sálalé*; encontrando facilmente n'esta região terrenos argillo-siliciosos, desenvolve-se com extrema facilidade e tudo invade, tudo destroe, pois, se mostra predilecção pela madeira, roupas, papeis e outros materiaes seccos que facilmente corroe, também chega a deixar no ferro vestigios da sua passagem, mercê do liquido acido que lhe dá o cheiro caracteristico e que emprega no fabrico das galerias de barro por baixo das quaes caminha nas suas invasões.

Com quanto mais especialmente esta formiga viva, como as outras, em construcções subterraneas, não raro, principalmente em sitios inundaveis, faz construcções d'argilla com a fôrma de grandes cogumellos, onde deposita a prole e os alimentos que lhe hão de servir no pouco tempo que tal refugio lhe dará guarida; e digo pouco tempo porque, se é certo que a estação das chuvas demora por mezes (a maioria dos do anno), é bem verdade que essas chuvas são cortadas por intervallos de dias, que raramente chove todo o nycthemeron, e que esta formiga aproveita para as suas excursões todo o intervallo em que não chove, o que ella bem sabe conhecer adivinhando até quando a chuva não tarda a cahir.

Se as construcções de barro a que me referi são muito curiosas, é perfeitamente caracteristico o canal que constroe para ir d'um a outro ponto, e fóra do qual não caminha senão quando elle foi cortado por qualquer causa e em quanto o não reconstroe. Esse canal, feito á superficie de qualquer objecto, tem sempre a

secção semicircular, é construído com finos grãos d'argilla, a começar debaixo para a abobada, trazendo cada formiga seu grão, collocando-o onde entende, cimentando-o á parte já feita com a baba propria que segrega; quando sêcco — e a presa é rapida — adquire dureza consideravel, resiste á humidade e a pezos notaveis, difficilmente se desfaz por fricção.

E' sobretudo de noite, ou ás escuras dentro do seu canal, que esta formiga trabalha e, quando é sonoro o objecto que está destruindo, ouvimos distinctamente, de espaço a espaço, um ruido particular, especie de vibração composta de trez ruidos, formando grupo separado dos seguintes por intervallos silenciosos eguaes, como se grande numero d'insectos simultaneamente batessem com as patas ou se servissem das poderosas mandibulas a compasso.

Os prejuizos causados por este insecto podem ser consideraveis e até constituir perigos, pois nos predios, atacando de preferencia o madeiramento, podem fazer desabar o tecto quando não haja grande cuidado ao avistar em algum ponto o canal caracteristico, visto que, por mais grossa que seja a madeira, em pouco tempo estará toda cavada por dentro, reduzida á delgada camada exterior, que não deixa suspeitar do que vae pelo interior e que dá o aspecto de não ter sido atacada.

Não é facil evitar que tal formiga produza estragos, porque a invasão é rapida e pôde fazer-se por muito tempo sem ser descoberta, pois que o insecto até caminha pelos intervallos da alvenaria, especialmente sendo de tijolo; as casas construidas sobre pilares, quando não tivessem outras vantagens como as hygienicas, teriam a de tornar mais facil a defeza contra o *sálalê*. Tem-se tentado muitos processos para evitar o avanço de tal formiga, empregando os meios que contra as outras dão resultado; só os oleos, especialmente o petroleo, conseguem detel-a; a cinza fina, a cal apagada, etc., dão menos resultado; tendo levado de Portugal grande numero de bacellos que depressa pegaram e se desenvolveram, ficámos quasi desprovidos de taes plantas, que eram roidas, cortadas em uma noite, logo abaixo do nivel do solo; por acaso se descobriu que a planta resistia quando a parte lenhosa enterrada, era de tempos a tempos caiada até junto das raizes tenues, sem lenho, carregadas de seiva.

Mas, o unico modo seguro de destruir as enormissimas legiões d'estes insectos é o encontro fortuito d'uma das suas galerias, por certa especie de formiga, muito pequena, quasi preta, que é extremamente gulosa do roliço *sálalê*, para seu sustento; trava-se a batalha no ponto descoberto do canal e todas as formigas brancas que vão chegando a esse ponto são trucidadas; ora como o canal vem cheio, raras vezes o *sálalê* deixa de ser apanhado, não só os de traz impellem para o sacrificio os de diante que quereiam parar, como não se salva algum que vá dentro dar aviso do inimigo, senão muito tarde.

Por janeiro, em dia quente e bastante humido, a seguir a uma boa chuvada, abre o insecto, em varios pontos do chão, orificios estreitos, d'uns tres millimetros, mas de um centimetro e mais de

comprimento; por ahí sahem alluviões de *sálalé* adultos, castanho escuros, com dois pares de grandes azas membranosas brancas; elevam-se na atmosphera até uns 6 metros em vôos irregulares, juntam-se aos milhões a sotavento de qualquer morro, casa ou arvore, reúnem-se aos pares, sobrepostos, a femêa, maior, por baixo, praticando a fecundação e, largando a inferior as azas que juncam o chão, voando só com as azas do macho que é quasi por metade da femêa; assim vão, levados pelo vento, descendo, parar a qualquer ponto do chão onde se separam e onde o animal que tem ainda azas trata, por fricção no solo, de se desembaraçar d'ellas. Caminham então os quasi cylindricos insectos escuros, macho atraz da femêa; quando esta diminue a marcha, aquelle toca-lhe com a bôcca no extremo do abdomen e continuam andando até encontrarem abrigo sufficiente para se cavar orificio, onde se passarão phenomenos que não observei, mas do que resultará um futuro formigueiro.

97.* — Cama Indígena

Não tem o cabinda repugnancia alguma em se deitar no chão ou em outro qualquer ponto desabrigado, mas de dia e com pequena demora; de noite sempre, de dia todas as vezes que pôde, prefere deitar-se sobre uma esteira grosseira e grossa de um e mais centímetros, a que chama *loândo* (99) que constitue o seu colchão mais trivial. Comtudo, sempre que pôde, prefere pôr essa esteira em sitio elevado do solo, ou sobre caixote grande, ou sobre taboas assentes em caixotes pequenos ou toros de madeira, ou pedras; mas a tudo prefere uma especie de camapé que elle mesmo fabrica tirando todo o material do vegetal conhecido por *bordão*.

A fôrma d'esse objecto é a do parallelopipedo cuja face maior tem oitenta a cento e vinte centímetros por 1^m,80 a dois metros; a opposta ao chão, é formada por um encanastrado de tiras da casca do bordão, o que lhe permite certa elasticidade e onde assenta o *loândo*; esta face dista do solo 50 a 70 centímetros, á custa das faces de dimensões correlativas, formadas pela sobreposição de hastes do bordão de dois a tres centímetros de grossura (que aqui se torna altura) olhando-se pelas superficies planas que se obtiveram cortando pequenos fragmentos do contorno cylindrico da haste vegetal, de modo que as hastes só ficam cobertas de casca por dentro e por fóra; das faces verticaes do solido, as compridas ligam-se ás menores por fôrma que as hastes se alternam, sobrepondo-se, nos quatro cantos, e ahí são ligadas umas ás outras por serem cravadas, trespassadas, por fortes tiras, da casca do bordão, de ponta aguçada; eguaes tiras, de espaço a espaço, ligam entre si verticalmente as travessas de cada face; esta tem, pois, o aspecto d'uma grade, cujos intervallos são eguaes ás grossuras das travessas, tudo disposto paralellamente ao solo no

sentido da maior dimensão da face. E' a superfície do terreno em que esta cama assenta que completa a fôrma de parallelepipedo que o leito apresenta; este fica extremamente arejado, como se vê, é realmente fresco, mas, uma vez atacado pelos parasitas, tem de ser queimado porque é impossivel uma limpeza completa.

Descripto o leito e o que serve de colchão, resta-me accrescentar que ou não ha travesseiro, ou serve um simples bocado de pau e, no caso mais luxuoso, usam o mesmo que nós, cheio de ervas seccas ou serradura. De cobertura, quando a ha, serve sempre só o *panno* mais comprido que se despiu ao deitar; na estação fresca dão grande apreço a manta ou cobertor e carregam-se de quanta roupa podem obter, porque sentem muito o frio.

A cabinda nunca terá relações sexuaes com o branco sem ser em sitio elevado do solo, ou pelo menos sobre o *loândo*; o contrario d'isso seria *quegila* (102), por causa do *itako* (103).

98.º — Mobília

A principal d'um quarto *fiôte* é a cama, algum caixote servindo de mesa á falta de mesa propria semelhante ás triviaes bancas ordinarias dos brancos, e alguns bancos dos que vou descrever; poderá ainda ter cestos (99) e apetrechos profissionaes, servirá de deposito de provisões de bôcca ou de caça, etc., mas as coisas necessarias para cozinhar terão quasi sempre logar no *forrado* (93).

Os bancos indigenas, totalmente semelhantes ás camas (92), feitos do mesmo modo, com os mesmos materiaes, apenas differem nas dimensões; a altura anda por 40 a 60 centimetros, a face superior é quadrada de 25 a 45 centimetros de lado.

O cabinda dá muita importancia aos adornos e por isso tratará, sempre que fôr possivel, d'enfeitar as paredes da sua habitação; o mais trivial é um pequeno espelho e todas as oleographias e gravuras que puder obter, mesmo as de simples jornaes illustrados, mas preferindo retratos e paisagens.

Ha um objecto a que ligam grande interesse para ornar a casa, é qualquer mala, mesmo muito velha, bahu, ou trivial caixa de pinho, contanto que tenha fechadura, embora esta não funcione; quando não tem fechadura, usam de cadeado, comprado ou furtado; esse movel é destinado a guardar aquillo que mais estimado fôr, mas mesmo que nada haja para guardar, não deixará de ser igualmente apreciado, porque se impõe como tendo alguma coisa dentro, e este indigena dá todo o valor a apparencias de riqueza, de poderio, de honrarias e consideração.

Em quasi todas as cabanas poderemos notar algum idolo ou, pelo menos, coisa que pelos naturaes seja considerada como amuleto, ou com poderes sobrenaturaes de protecção á propriedade ou ao proprietario; é do bom tom ter, pendurados pelas paredes ou do tecto, pequenos objectos da industria e uso europeus, ou artefactos indigenas de pouca applicação.

99.º — Loándo, mabéla, cesto, saco

Chamam *loándo* a uma especie de esteira grossa, mal acabada, formada por hastes de *papyrus* seccas, collocadas a par umas das outras, apenas reunidas por fibras vegetaes atravessando as hastes, que são grosseiramente cortadas no comprimento para resultar um rectangulo muito imperfeito de uns 90×210 centímetros, que se póde facilmente enrolar e cuja duração e custo são pequenos. Serve para livrar o corpo humano do contacto do solo e tornar-lhe a dureza menos sensível.

Tem o nome de *mabéla* a esteira mais ou menos delgada, de dimensões variadas, simplesmente da côr da palha de que foi feita ou com pinturas pretas, vermelhas ou castanhas, cujos desenhos, originados da linha recta, guardam entre si a maior symetria possível. São formados por tiras de palha de varios vegetaes, reunindo-se em encanastrado mais ou menos miudo, não deixando intervallos ou buracos; tem nos dois lados mais curtos, um debrum, como os nossos capachos algarvios com que muito se parecem, onde nova palha, mais larga, liga os extremos das fibras evitando que seja facil desmanchar-se o tecido; estes debruns podem ser tambem pintados ou não; junto d'elles, ás vezes, o tecido é feito de fórma a deixar orificios regulares, egualmente espaçados, em uma ou mais linhas parallelas ao debrum, enfeites como os que as mulheres chamam abertos.

Com palhas, ou com tiras de folha da palmeira de leque, depois de seccas e ás vezes mesmo verdes, tecem, encanastrando-as, uma especie d'alcofa das nossas rectangulares, tambem com azas mas sem tampa, que lhes serve principalmente para transporte de peixe fresco.

Ainda com estes materiaes fazem uns sacos, com um comprimento de duas ou tres larguras, que geralmente empregam para sementes oleaginosas e que por isso teem largo consumo por facilitarem os embarques para os vapores.

100.º — Tipóia

Que os cabindas pronunciam *chipóia*, é o termo consagrado para designar o meio de transporte tambem chamado rêde; é preferível não usar d'este termo, porque realmente em Africa a tipoia rarrissimas vezes é de rêde. Geralmente é formada principalmente por uma tira de lona da usada nas vélas dos navios, algumas vezes só da largura habitual do tecido, outras um pouco mais, e de proximamente dois metros de comprido; em cada extremo tem uma serie de 6 a 10 olhaes, em que passam outras tantas pernas d'uma aranha de delgadas cordas que, á distancia de cinco a oito

decímetros, se reúnem para servirem de prisão á lona, conservando-a aberta e estendida; essas pernadas, logo ao sair do tecido, passam pelos orificios d'um arco de madeira resistente que melhor mantem a lona aberta, podendo usar-se arco só n'um extremo, ou nos dois. A lona é suspensa d'um grosso bordão do dobro pelo menos do comprimento d'ella, cujas pontas repousarão nos hombros dos carregadores; esta suspensão faz-se, de cada lado, ou enfiando o bordão na parte grossa (arreigada) da aranha e mantendo esta em posição por um cylindro de madeira, ferro ou marfim, cravado no bordão e fazendo saliencia dos dois lados d'este, ou indo prender-se a gato de ferro que gira n'uma braçadeira do mesmo metal, abrangendo o bordão. Ficam assim a lona e suas aranhas formando uma meia lua aberta para cima, para o bordão, indo as pontas fixar-se n'elle. Algumas vezes, especialmente quando a viagem é curta e o caminho não apertado atravez o matto, sobre o bordão põe-se um toldo como o dos escaleres, bem esticado, ligado para o bordão e tendo tres reguas de madeira, parallelas, collocadas transversalmente, uma em cada extremo e outra a meio; os extremos d'esta ultima são furados, deixam passar arridas que vão á mão do passageiro, podendo elle assim inclinar o toldo para um ou outro lado, defendendo-se do sol que lhe chegue obliquamente.

Cada extremo do bordão assenta no hombro d'um preto, alternadamente no esquerdo e direito, e ás vezes na cabeça; estas mudanças são repetidas, podem ser feitas sem parar, conforme o peso do transportado e a força dos carregadores; mas são feitas sempre simultaneamente pelos dois carregadores, sem previa combinação oral, basta o do lado da cabeça do passageiro dar no bordão duas pequenas pancadas; em compensação o do lado dos pés, que é o que vae adiante, tem o direito d'escolher o caminho que será trilhado exactamente pelo outro. O passageiro vae deitado ou quasi, perfeitamente por baixo do bordão e na direcção d'elle, tendo geralmente uma almofada como supporte para a cabeça; corre o risco de, no caso de queda d'algum dos pretos — o que não deixa de ser frequente — poder levar uma forte pancada com o bordão por cima e no chão por baixo; mas este é o unico modo de transporte por terra, de que actualmente é possível dispôr em quasi toda aquella parte d'Africa.

Se o percurso a fazer é superior a uma legua, convém, e nos maiores é indispensavel, que o numero de carregadores seja maior, poucas vezes além de oito para viagens de 8 a 10 horas. N'estes casos, de tempos a tempos, ha mudança dos transportadores, feita rapidamente, quasi sem parar, ás vezes mesmo sem parar, segundo a combinação feita entre elles, mas de fórma que o mais forte de cada par seja sempre o que carrega do lado da cabeça do passageiro, não porque, como elles supõem, o peso d'este lado seja maior, mas para d'algum modo se garantir menor numero de quedas d'esse extremo, que são as mais perigosas. Raro será que os pretos, que acompanham a tipoia para revesarem os que a carregam, não vão cantando, na toada habitual, qualquer canção (¶ 1),

e a elles pertence levar os pequenos volumes de bagagem, quasi toda constituida por mantimentos.

Encontram-se facilmente cabindas costumados a carregar tipoia, mas raras vezes o fazem com tanta rapidez como os seus visinhos de Loango; como o movimento dos pés é simultaneo, o balanço dado ao corpo do passageiro só se torna supportavel pelo habito, e do mesmo modo é este preciso para não se ser facilmente projectado fóra da lona durante a marcha. Quem não está habituado a servir-se da tipoia, terá de se segurar bem ao bordão ao entrar para ella; de contrario entrará por um lado e sahirá logo pelo outro, cahindo no chão com grande gaudio dos pretos que virem.

A velocidade geral da marcha é d'uns seis kilometros por hora, mas pôde ser elevada a 8 ou 9, especialmente se fôr grande o numero de carregadores e houver o cuidado de os estimular de quando em quando, com um gole d'aguardente. E' notavel que os pretos habituados a este serviço não manifestam grande cansaço apezar de fazerem longas marchas; quando estas duram oito ou dez horas, é necessario dar dois ou tres descansos de meia a uma hora para comerem, fumarem e conversarem; mas, ainda assim, consegue-se n'um dia andar um maximo de cincoenta kilometros.

O europeu que vive só não costuma ter mais de dois carregadores effectivos; n'uma casa de commercio pôde encontrar-se maior numero. Quando são precisos mais do que dois, leva-se os habituaes contractados para esse serviço (SS) e ajustam-se outros por viagem ou por dia; estes saem sempre mais caros; além da comida e bebida, raras vezes cada um ganhará menos de quatro *cortados* (SS) por dia, pagando-se tambem, embora por menos, os dias necessarios para a volta descarregados.

101.ª — Negro e preto

Estes termos, entre os cabindas, não são synonymos; empregam quasi exclusivamente o segundo sempre que teem de designar essa côr n'um objecto. Tratando-se de pessoa da raça negra, dirão sempre preto e não gostarão que se lhes falle d'outro modo, porque á palavra negro ligam ideia injuriosa, preto da mais baixa camada social, escravo, mas escravo considerado á moda antiga dos brancos e não á dos cabindas (33).

102.ª — Kigila

Pronunciado d'este modo mas escripto quigila, é um termo genuinamente portuguez do seculo xv, hoje cahido em desuso (ou pronunciado pelo vulgo quezilia) e que por isso muita gente julga ser termo *fióte*. Começando de certo por ter applicação restricta, hoje é applicado por este preto a tudo o que entende que não se deve

fazer por poder ter más consequencias, prejudiciaes aos outros ou ao proprio, mas d'extensão e qualidade desconhecidas, d'incidencia problematica. Diz-se de tudo o que nós costumamos agora chamar inconveniencias; applica-se semelhantemente ás nossas phrases: é peccado, é enguiço, é azar; usa-se em verdadeiras crendices, umas vezes não indicando qualquer origem, outras sendo recordação tradicional de males, doenças ou prejuizos que, provavelmente, se deram ha longos annos e cuja duração ou intensidade foi tal que alarmou o espirito publico que, não encontrando explicação plausivel, recorreu ao sobrenatural.

Cozinhar para outros durante a epocha menstrual é *quegila*, do mesmo modo que o é passar de noite por determinados logares; é *quegila* entrar qualquer homem nas *casas das tintas* (115); é-o um homem ver uma mulher nua antes de com ella ter cohabitado; é-o não saudar quem se encontra; é-o não abandonar um varioloso logo que bem se conhece a doença; é-o dormir desacompanhado em casa onde morreu alguém recentemente; é-o entrar pessoa estranha á familia na cabana consagrada aos deuses familiares; é-o entrar filho ou filha na choupana onde houver o deus *Zambe* dos paes (o que preside aos deveres conjugaes); é-o um gallo cantar de noite; é-o o uivar do cão (traduz morte humana proxima a acontecer), o gemer da hyena, o piar da coruja, etc.

108.ª — Itáko

Quando a mulher cabinda se presta a copular com o branco, nunca permite que tal seja fóra da cama ou outro sitio affastado do chão, nem que n'este o homem ponha os pés, logo depois do acto, sem que esteja completamente calçado. E' *quegila* (103). Insistem muito n'estas suas exigencias manifestando certo terror em que não sejam seguidos os seus conselhos, e dão como razão de que é indispensavel o europeu sujeitar-se áquellas condições para não adquirir o *itáko*, doença que descrevem de fórma que posso resumir assim: o scroto retrahe-se pouco a pouco apertando os testiculos, produzindo grandes dôres e levando-os até á gangrena; os corpos cavernosos retrahem-se tambem, desapparecendo totalmente no ventre e arrastando a urethra, que fórma préegas dobrando-se sobre si mesma; a pelle do penis, extremamente enrugada, accusa-se á vista como pequena saliencia, mas é quasi impossivel descobrir onde ha o orificio urethral; a micção, assim necessariamente difficultada, chega a ser impossivel; a be-xiga destende-se, sobrevem febre, vomitos, suores, etc. e a urina, rompendo a urethra posterior, infiltra-se pelos tecidos, dando todas as desordens e consequencias que são conhecidas por nós quando tal succede por outras razões; a morte é inevitavel.

Durante quasi doze annos exerci clinica em Angola, quer no mar quer em terra, e não vi nem um só exemplo de coisa a que podesse corresponder, ao menos, leve suspeita da veracidade

d'esta crença indigena. Collegas meus, tendo feito clinica durante annos em Moçambique, na India, na China, informam-me de que ha ali crença semelhante, mas de que tambem não conseguiram ver exemplo algum. Isto leva-me a crer que é tradição muito accentuada e generalisada, devida de certo a factos muito antigos, provavelmente filiados n'outras causas de que não posso fazer ideia.

Mas a exigencia de grossa esteira, pelo menos, ou outro corpo isolador, mesmo quando a copula se faz com pretos, póde fazer suppôr que se chegou á criação do *itáko* pelo exaggero imaginoso das consequencias do resfriamento provavel, e facil de dar-se depois da copula, n'um clima tão quente e tão humido. Tambem não custa a crer que, com as precauções recommendadas, se queira evitar os damnos produzidos por animaes vulgares, cobra, escorpião, carraça, *pulex penetrans* (de que conheci exemplos), cujos ataques serão mais facéis de dar-se encontrando, no chão por onde caminham, os dois corpos humanos adormecidos ou indifferentes a pequenas coisas; realmente é frequente haver um somno invencivel depois da copula mesmo apezar da violenta transpiração, o que me parece sobretudo devido á acção deprimente do clima, actuando mais na occasião do maior esgoto nervoso.

104. — Conservação dos cadáveres

Raras vezes sepultam os fallecidos recentemente, e dá-se isto tanto menos quanto mais importante foi o fallecido; só quem morre em cheiro de feiticeiro deixa de ser sepultado; todos os outros, por mais pobres que sejam, são enterrados; até mesmo sendo a causa da morte uma doença contagiosa, vulgarmente a variola, não fazem o enterro nas primeiras horas, levam dias a obter as coisas necessarias e a abrir a cova (105).

O processo empregado para a conservação é a mumificação com o auxilio do fumo, operação tanto mais demorada e mais complexa quanto maiores são a hierarchia do morto e os haveres dos parentes proximos.

N'uma das suas habitações a que se tira uma ou duas das paredes, arma-se a meio um estrado em fôrma de grelha, feito de madeira e sustentado por quatro estacas a uma altura de 110 a 130 centimetros; o chão, completamente alisado e coberto d'areia branca fina em camada delgada, servirá tanto para a collocação do lume como para dormitorio das mulheres do morto, que estará sempre vigiado por uma, pelo menos. O cadaver é todo enrolado (incluindo a cabeça e pés) n'um panno d'algodão, branco ou riscado, que dê algumas voltas, e deitado sobre a grelha fazendo-se-lhe debaixo uma pequena fogueira que dê pouco calor e bastante fumo, que irá bater nas costas do cadaver, porque as paredes da cabana serão collocadas de modo a evitar as correntes atmosfericas; esse fogo manter-se ha noite e dia durante a se-

mana ou mezes que durar a operação, e será alimentado pela mulher, que ás vezes até comerá junto do corpo por não ter quem a renda sempre que fôr preciso; os liquidos cadavericos vão cahindo sobre a fogueira e alguns pingos na areia; é uso que da massa formada por esses liquidos com a cinza, as viúvas tomem dedadas que põem na propria pelle da testa e das faces, empregando tanto mais essa manobra quanto mais quizerem demonstrar o seu desgosto. De tempos a tempos, e conforme o estado imundissimo do primeiro panno, é o corpo envolvido em segundo, terceiro, etc., até que, nos nobres, succede que, ao passo que o cadaver está quasi reduzido aos ossos e pelle, o volume que apresenta, formado pelas successivas camadas de panno, excede quanto é possivel imaginar em gordura do corpo humano, é um enorme cylindro. O fetido exhalado durante a operação é facil de calcular; os perigos para a saude dos visinhos são extraordinarios; mas a crença, a rotina, a tudo resiste, e o mais que se tem conseguido é que esta operação seja feita a distancia do povoadado.

Em quanto dura o fumeiro, varias noites descantes e dansas alternam com scenas de carpideiras alugadas.

Nas familias de poucos teres a cerimonia dura poucos dias, o cadaver leva á sepultura quasi todas as partes molles e pouco tecido d'algodão. Se se morre de variola o enterro é rapido, não ha fumeiro na maior parte dos casos, e ás vezes não ha enterro, abandonam o corpo.

105.º — Sepulturas

O local escolhido para cemiterio é de preferencia terreno elevado, coberto de grandes arvores, ficando as sepulturas nas clareiras, um tanto distanciadas, sem ordem, conhecendo-se pela elevação da terra acima do nivel geral do terreno de 40 a 70 centimetros, ou pela collocação de berços de madeira, se são de *principes* (106).

Por mais pobre que tenha sido o preto, sempre terá algum parente que sobre a sepultura colloque algumas tijelas, garrafas, garrafas em mau estado e pequenos restos de comida; é o respeito pela tradição de que, se o corpo está ali morto, alguma coisa sobrevive que precisará d'aquelles apetrechos e que, soffrendo muito se os não tiver, poderá vir apoquentar os parentes e pedir-lh'os, coisa bastante semelhante ás nossas almas do outro mundo lá designadas por *chimbinde* (plural *bimbinde*). Muitas vezes pelo que está sobre a cova se conhece qual foi a occupação preferida pelo morto, porque se vê uns restos d'espingarda e velho polvorinho, estragada insignia d'algum cargo, anzoes e restos d'embarcação, uma roda de leme, etc.; mas sempre objectos já inaproveitaveis para os vivos, porque não confiam em que algum gatuno não seja capaz de violar a sepultura.

Se foi pelas provas de justiça que o preto morreu, deixando o convencimento de ter sido reu de feiticaria, é abandonado insepulto.

A sepultura é sempre uma cova de grandes dimensões; nunca a profundidade será menor d'um metro e as dos *principes* irão até quatro e mais, levando dias a cavar, o que será feito por bastantes pretos por entre cantigas, dansas e constantes libações, quer de dia quer de noite, chegando a gastar-se uma semana, durante a qual a toda a hora se ouve o som dos tambores e das cornetas especiaes que acompanharão o funeral (106).

Ha um lugar especial para as sepulturas de cada familia nobre, não longe do sitio que, por assim dizer, é o solar da familia; bem proximo da nossa povoação de Cabinda fica o da familia Franque; a uns tres kilometros da habitação actual do barão Puna fica o da sua familia; as distancias ao lugar do fallecimento n'estes casos pouco importam, como vamos vêr mais abaixo.

106.º — Funeraes

O corpo é conduzido á sepultura de noite em caixão, ás costas dos parentes proximos; tem isso lugar quasi ás escondidas e tanto mais quanto mais importante foi o individuo, o que percebi ligar-se á tradição de que, em tempos remotos, os povos em rixa roubavam os cadaveres dos chefes inimigos antes de sepultados, dando esses factos origem a guerras, grandes despesas e desgostos para se reaver o furto; esta tradição explica ainda grande parte das ceremonias do funeral de qualquer *principe*, abaixo esboçadas, e que tomo para typo de descripção por ser o enterro mais complicado; nos outros casos ha tanto menos ceremonias quanto maior é a pobreza e menor a nobreza da familia do fallecido.

Durante o tempo, longos mezes e até annos, em que o cadaver no fumeiro (104) espera a sepultura, os parentes, especialmente o successor do cargo, vão reunindo todos os cabedades necessarios para as grandes despesas a fazer, e procedendo a todos os preparativos para o grande acontecimento.

Escolhido o dia do enterro, manda-se abrir a sepultura e começa a festa, as cantigas e dansas nocturnas, em que tomam parte todos os individuos das aldeias subordinadas e ainda qualquer que se apresente, mesmo sem convite; começa a ser extraordinario o consumo de bebidas alcoolicas; tudo isto só termina na noite seguinte áquella em que a terra cobrir o corpo, e é d'admirar como taes individuos resistem a tanta fadiga e tanta embriaguez. Fazem-se de dia os ultimos preparativos e acaba-se o carro monumental, um especial, novo para cada enterro importante, cuja grandeza e complicação d'ornatos estará em relação com as posses da familia; o desejo de gastar, d'alardear riqueza, é insacia-

vel, gasta-se tudo o que de momento é possível obter, chega-se a contrahir dividas que levarão annos a saldar.

O carro constará d'um estrado de rija madeira, tendo quatro a seis por seis a dez metros de superficie, solidamente ligado a traves que servirão d'eixos a trez, quatro ou cinco pares de rodas de madeira, cheias, de 50 a 60 centimetros de diametro e doze a 20 de trilho. Sendo fixos os eixos de tão grande extensão, percebe-se que grandes curvas será necessario fazer descrever ao carro para mudar de direcção; para isso se abre propositadamente um caminho especial, da largura dupla da do carro, abatendo-se todos os vegetaes, as plantações de mantimentos, as casas, os desnivelamentos, desde a habitação do fallecido até á sepultura, caminho que muitas vezes fica assim com a extensão de bastantes kilometros, especialmente se ha elevações a vencer por meio d'extensissimas curvas em rampa suave.

Esse estrado é guarnecido em volta por uma grade de madeira, que só deixa aberturas adiante e atraz, e circumscreve uma especie de varanda ou corredor que fica entre a grade e a construcção central. Esta começa de baixo por um grande parallelepipedo de mais de metro d'altura, a que se sobrepõem outros cada vez mais pequenos, em degraus, ou qualquer outra fórma architectonica, contanto que no alto de tudo haja um pequeno caixão, que não chegaria para uma criança de seis annos. Quanto maior fôr a altura, quanto maior o numero d'enfeites e a extravagancia d'elles, maior grandeza tem a solemnidade. Sobre esses degraus amontoam-se objectos de toda a especie, pelles de feras empalhadas fingindo os animaes em posições ameaçadoras, objectos de prata ou outro metal, jarros, bacias, bandoleiras, bandas d'officias, colchas, lençaria de côres berrantes, pontas de marfim de todas as grandezas, com ou sem enfeites e obras de talha, buzios e conchas de todos os feitios e dimensões, cabeças d'antilopes, pelles e outros despojos d'animaes, armas brancas e de fogo de todos os systemas e qualidades, etc. A madeira de todo o carro é forrada de panno d'algodão branco e encarnado; o caixãosinho é-o d'encarnado com galões dourados ou prateados. Sobre este vão as insignias do *principe* morto, o seu *barrete*, a sua *romeira* (158, 159), a sua *chimpábala* (160), emfim todos os seus distinctivos. Coroando tudo, no alto, um pequeno toldo ou um chapéu de sol aberto, d'algodão branco ou vermelho e, melhor ainda, das duas côres. Abaixo d'este, aos lados, nos topos de varas ligadas á grande varanda, fluctuam bandeiras e galhardetes de todos os feitios e côres, tanto mais apreciados quanto mais numerosos e extravagantes (164).

Sobre a varanda, durante o caminhar do carro, tomam logar varios personagens: á frente o director da cerimonia, munido de buzina, dá as ordens; atraz dois a quatro musicos tocam, em pontas de marfim furadas, uma musica semelhante á dos pretos de S. Jorge, composta de notas soltas, com duração e intervallos deseguaes, mas n'uma certa ordem dada pelo tom de cada instru-

www.libtool.com.cn
 mento, resultando uma toada plangente, monotona, audível a grande distancia; nas varandas lateraes vão alguns escravos ou criados do morto.

Este carro é puxado por duas grossas cordas, de não menos de trinta metros de comprimento, parallelas entre si e totalmente guardadas de pretos, tantos quantos cabem, que vão cantando, na toada habitual (●●), uma canção laudatoria do defuncto ou apropriada ao acto.

A turba enorme, constituida por todos os subordinados do personagem e dos parentes d'elle, reforça a canção, faz um barulho d'ensurdecer, caminhando aos lados e atraz do carro; mas logo atraz d'este, caminham silenciosos o successor, os nobres subordinados, os nobres da familia e os mais considerados adivinhos.

De noite pára o cortejo em pontos d'antemão escolhidos, cujas hervas foram cortadas e onde se canta e dança por noite velha; andam-se por dia apenas 500 a 1:000 metros, para fazer durar o transito e a festa; só proximo da cova, a ultima marcha terá maior extensão e rapidez para que o carro lá chegue ao anoitecer. Mas em cada uma d'essas marchas ha ainda novas paragens para mudança dos homens que puxam, e na ultima gasta-se o tempo, de sol a sol, n'esse caminhar e n'essas paragens, porque outros factores entram no acompanhamento.

A cada passo chega um magnate conhecido do defuncto que vem prestar a derradeira homenagem; faz-se acompanhar do maior numero possivel de pessoas dos dois sexos de que póde dispôr, tudo ao som de canticos, buzinas, tambores, fazendo o maximo barulho e trazendo arvoradas o maior numero de bandeiras. A cada uma d'estas agglomerações pertence a sua vez de puxar pelas cordas do carro, que pára ao avistar-se novo grupo, que só entra em exercicio depois de ruidosos cumprimentos e manifestações.

Vae crescendo o numero de pretos e pretas atraz, aos lados e adiante do carro, mas outro grupo especial vae sempre adiante das cordas, proximo d'ellas, mas sem lhes tocar; é composto só por homens, dos mais ageis, quasi nus, com corôas de folhas verdes nas cabeças, com braceletes de hervas nos braços, nos pulsos, nos tornozellos, com as caras sarapintadas de vermelho, de preto, de branco, ou cobertas por toscas mascaras de madeira pintada de branco ou de vermelho e com riscos pretos, tornando-as o mais hediondas que for possivel; levam armas brancas nas mãos ou á cintura e bastantes espingardas. O papel d'estes individuos é gritar, fazer esgares, dar saltos, correr, fazer cabriolas e ameaças a inimigos invisiveis, disparar tiros, etc., é emfim, afugentar e combater inimigos hypotheticos, que tolhem o avanço, que fazem surpresas de lado. que atacam a rectaguarda para onde por vezes destaca uma porção dos grotescos guerreiros. Não lembrará esta tradição os ataques de que foram alvo em casos semelhantes ha longos annos? Bem o fazem crêr as manobras que executam, as pinturas, esgares e posições analogas ás das suas guerras, o rudimentar e extranho vestuario semelhante ao que de certo usa-

ram em epochas muito remotas, os cuidados e precauções para com o cadaver de que fallarei mais abaixo.

O extranho cortejo chegou junto da sepultura e parou; é quasi sol posto. Ahi teem logar as mais rijas manobras guerreiras, a dansa mais longa e entusiasta, a maior gritaria e confusão, a grande fusilaria e descargas, as desordenadas e furiosas corridas d'arma branca em riste, que chegam a ser perigosas e a causar ferimentos.

Anoitece; o carro é arrastado para sobre a cova, os eixos são cortados rente das rodas e tudo assenta no chão, ficando a enorme cova justamente por baixo do parallelopipedo central. Accendem-se fogueiras, ficam de guarda alguns parentes; todos os outros pretos retiram, na maioria para os seus *povos* (aldeias) com os seus magnates, o resto, ainda assim alguns centos, para a aldeia do fallecido, onde a festa continúa rija até de manhã.

Alta noite tem então logar o verdadeiro enterro: em silencio, pela callada da noite, alguns homens de confiança, poucos, parentes e pessoas de prestigio, conduzem aos hombros volumoso caixote contendo os restos mortaes do *principe* que vieram do *fumeiro* (104) envolvidos nas centenas de metros de fazenda de varias côres e qualidades. Chegados á cova, encontram desmanchada toda a parte central do carro, arrecadados todos os adornos, escancarada a sepultura: descem até ao fundo o cadaver (dizem que antigamente ia tambem alguma das viuvvas ainda viva), enchem a cova de terra, calcando-a, até ao nivel do terreno adjacente e um pouco mais, collocam sobre ella parte da construcção de madeira e os objectos sem valor que designarão a sepultura do fallecido (105), e retiram se todos, levando todo o resto menos o estrado do carro com sua grade; esta parte fica marcando a cova, que a volta interna do estrado circumscreve exactamente.

107.* — Saudações

Quando dois indigenas de qualquer sexo, idade ou condição, se avistam pela primeira vez n'aquelle dia, não deixam de se cumprimentar senão no caso de terem as relações cortadas. Sendo conhecidos, á saudação seguir-se-ha paragem, em que sempre haverá que contar, acontecimentos, boatos, qualquer coisa que sirva para *dar novidade*; desconhecendo-se, saudam-se de passagem, excepto quando um fôr lastimando-se em voz alta, porque então é do tom interrogar, dar algum conselho ou mostrar-se compadecido.

O escravo (37), por saber que o é, cumprimenta primeiro todos os que encontra e que não sabe se o são tambem, só estes serão seus eguaes; a mulher cumprimentará primeiro todo o homem, excepto se souber que elle é escravo e ella livre. Qualquer nobre é geralmente conhecido e espera receber primeiro a saudação, a menos que encontre outro de hierarchia superior.

A saudação entre amigos e parentes é a mais demorada e affe-

ctuosa ; vae sendo uso começar por um aperto de mão e um sorriso ao pronunciar as primeiras palavras ; mas seja qual for o grau de affecto, não usam o beijo nem para elle teem vocabulo ; vão começando a usar a nossa palavra n'esta fórma : *béxião* (diminutivo no singular.

O modo mais simples de saudar um igual ou desconhecido é dizer *ciála*, que significa adeus ; reconhecendo-se superioridade pequena, pronunciar-se ha a palavra dobrando um pouco o corpo para diante e levando á testa a mão direita aberta, assentando ahi a face palmar dos dedos unidos ; se a consideração é maior, faz-se o mesmo parando ; com o augmentar do respeito augmenta a curvatura do tronco ; para *principes* e outros equivalentes, como os europeus mais considerados, pára-se ou vae-se até aos pés do personagem, dobrando-se o corpo mais e mais até se ficar de cócoras, cruzando as palmas das mãos uma d'encontro á outra adiante da cintura em silencio, ou batendo pequenas palmadas surdas com as mãos curvas, dobrando a cabeça para diante mais e mais, e pronunciando phrases cada vez mais submissas até ao maximo do *muén'anguête*¹ (senhor, sim), mesmo sem a personagem ter dito qualquer coisa ; n'essa humillissima posição se espera o gesto que permitta terminal-a, a phrase que encete conversa ou permitta retirada, que se faz recuando, dando resguardo, sahindo do trilha.

Nas despedidas seguem-se as mesmas regras ; entre amigos a despedida é demorada, pronunciam-se phrases e até nova conversação já depois d'afastados, uma e mais vezes, até de distancias grandes, quasi fóra do alcance das vozes ; e sempre a palavra final *ciála*, repetida a intervallos, ora por um ora por outro, tendo como resposta *han!* (exclamação affirmativa), ou palavras que denunciam combinação de futuro encontro para depois, para o dia seguinte ou outro, para dado logar, para certa solemnidade, etc.

108.* — Manifestações d'amizade

Reduzem-se a trocas de visitas e de presentes, a demoradas conversas e a uma rasgada hospitalidade ; é sobretudo o habito de offerecer do que se bebe e do que se come, quando estas acções se estão praticando, que mais arreigado está. Acompanhar os parentes, visinhos e amigos nos seus desgostos e prazeres faz-se, mas não sei se é por amizade, visto que tudo isso será origem de festas, de dansas (mesmo os funeraes) e estes pretos são extraordinariamente inclinados ao prazer.

O aperto de mão, á moda dos brancos, é d'uso já vulgarissimo,

¹ Não pronunciar o u da segunda palavra.

está em moda, entre pessoas da mesma classe social e mesmo de differente, excepto com a dos escravos.

Todas as outras pequenas coisas a que chamamos carinhos, são uma raridade; o beijo era desconhecido, é raro, até não tem vocabulo proprio. Acaricia a mãe os filhos muito pequeninos e nada recebe em troca; entre adultos trocam-se sempre saudações, mesmo ao desconhecido que se topa no caminho, mas é tudo. Mostras de delicadeza ou de deferencia não as conheci; ha signaes de respeito pelos grandes e pelos poderosos, mas são actos de submissão, como o são os dos filhos aos paes, de qualquer mulher a qualquer homem livre.

Para o amor não ha palavra nem parece haver idéa. Entre sexos differentes ha simplesmente o desejo, o instincto sexual; então as caricias são o que costumam chamar-se brincadeiras de mãos ou são obscenidades quasi desbragadas; são as estimulações dos desejos pelos sentidos todos (pareceu-me perceber que o cheiro de catinga ¹ é um estimulante apreciado), são o despertar dos desejos genescicos, que mais rapidamente conduzam ao acto final. Comprehende-se quanto assim deverão ser curtas as relações amigas entre sexos differentes; se não são meramente occasionaes, só interesses materiaes conseguem depois manter as uniões.

109.* — Presentes de casamento

Promettido o casamento (18), obtido o consentimento da noiva e dos seus parentes, começa o noivo a distribuir presentes proporcionaes ás suas posses a toda a familia d'ella (é o que elles dizem *comprar mulher*), presentes tanto maiores quanto mais proximo é o grau de parentesco, mas sempre maiores aos homens do que ás mulheres parentes no mesmo grau. Póde a importancia dos presentes variar muito, bem como os objectos que os constituam, mas nunca qualquer d'essas pessoas deixará de receber dois objectos essenciaes, embora possa receber só esses; a falta d'elles seria razão para annullação do casamento ou para elle não se poder realisar; esses objectos são uma garrafa d'aguardente (que toma aqui o nome especial de *kúdo-malávo*) e um *cortado* de fazenda (25) que n'este caso passa a chamar-se *bôndo-fila*.

São estes presentes, accrescidos com os juroes arbitrados proporcionalmente ao tempo decorrido, que os mesmos parentes teem de entregar ao marido quando elle perde a mulher por culpa d'ella, como no caso de divorcio (21), d'adulterio (20), de esterilidade (24) ou no caso de morte como castigo de feiticeria ou outro crime grave.

¹ Não dão pelo cheiro especial do preto quando não é muito forte, mas dão facilmente pelo cheiro de qualquer branco e chamam-lhe *catunga de branco*.

110.º — Deveres de casados

A' mulher casada pertence tratar dos seus filhos, cavar, plantar, colher, tratar das terras, fazer comida para o marido fóra da occasião da menstruação, colher e transportar a lenha para o serviço domestico, ajudar o marido nos transportes mais pesados, vender os productos agricolas, ou os fructos silvestres que colher, tratar da criação (especialmente gallinhas e patos) e vendel-a, assim como aos seus productos, etc. Não lhe falta pois em que empregar a sua pequena actividade. Não lhe é permittido ver homem algum nu, nem ouvir palavras obscenas; não deve pisar a lenha do lume em que está cozinhando para o marido; deve não provar da comida antes d'este; quando se queimar não deve dar *chíngamento* (121); não lhe é permittido consentir que qualquer a veja despida; é *quegila* (102) ver qualquer homem a defecar ou urinar, é o dormir no chão ou com a porta aberta; não deve brincar com outros homens nem entrar nas cabanas de individuos solteiros, que não sejam parentes muito proximos; não pôde fumar pelo cachimbo de homem que não seja seu marido ou pae; não lhe é permittido comer em presença do marido, nem dos parentes d'elle mais chegados; não deve chamar o esposo pelo nome proprio, nem sentar-se na mesma cama que outro homem qualquer, etc.

Se á mulher acontece qualquer d'estas coisas, tem de ir logo contar-a ao marido para que o *feitico* não lhe faça mal, pois que acreditam que, não contando, adoecem até se adivinhar que falta houve e se pagar ao *feitico* (126) para elle não fazer mais mal, que pôde chegar á morte.

O marido, para não incorrer nos mesmos perigos e castigos, tem o dever de contar á mulher tudo quanto faz contra os deveres conjugaes; poderá ter relações com outra mulher, especialmente se elle estiver em localidade differente, mas na volta deverá contar tudo e, como multa, dará um presente á mulher, pelo menos uma *vestidura* (123). E' dever do casado defender os bens do casal, as mulheres e os filhos; represental-os em todas as questões, pagar as multas e indemnisações arbitradas como castigo das faltas d'elles; angariar por sua parte os meios de vida que a terra não dá, construir as cabanas, etc.

111.º — Ciumes

São bem differentes dos nossos e manifestam-se em casos e por modos especiaes; durante o namoro (15) ha os amúos e as questiuunculas, lá como cá; depois do casamento (16) é que são as differenças.

O homem poucas vezes manifesta ciumes quando tem só des-

confianças d'infidelidade conjugal, e isso só pela esposa preferida; os maus modos, as descomposturas dadas com sobrançeria, as ameaças e mesmo a pancada, são as manifestações triviaes. Geralmente, porém, deixa avançar a esposa infiel no caminho do adultério, encarando este como um negocio e ao mesmo tempo uma vingança, porque, quando o delicto é flagrante, ou tão presumível que possa 'convencer os extranhos com os raciocínios ou provas apresentadas, procederá então como disse (20).

Raras vezes o ciumento perde a cabeça, chegando a ferir ou matar a mulher ou amante; seria isso perder todas as vantagens e sujeitar-se a complicações e grandes prejuizos.

Na mulher o ciúme é raro; póde o homem ter varias esposas sem annuencia da mulher, que esta não poderá manifestar ciúmes senão quando não tiver casa especial para si, ou se se passarem longos intervallos sem lhe caber na distribuição uma noite de marido. Poderá ter ciúmes das mulheres que não tiverem para o seu marido titulo igual ao d'ella, mas tel-os-ha em silencio, em confidencias com as amigas, em questões com a preferida ou, quando muito, denunciárá o esposo sem se comprometter, ou chamal-o-ha a uma *fundação* (10) para ser indemnizada; vinganças, explosões de colera, se a sente, são-lhe prohibidas, não tem qualidade social para as poder ter, pagal-as-hia bem caras.

112.ª — Separação de pessoas

Todas as vezes que homem e mulher se juntam sem casar póde dar-se, e muitas vezes se dá, a separação de pessoas e bens; n'esse caso a mulher póde possuir porque não é casada; pela mesma razão póde allegar o que entender para a separação e propol-a; é senhora das suas acções, não tem a completa sujeição da casada, que só se separará por processo regular de divorcio (21).

Póde pois dar-se a separação da preta quer do branco quer do preto. Do mesmo modo que a união irregular (12) póde não continuar a convir ao homem, póde succeder o mesmo com a mulher; a separação não é tão complicada como no divorcio nem tão prejudicial para ella, como se póde vêr a proposito de cada caso (15, 18); a mulher fica como solteira, exactamente como succede ao homem.

113.ª — Viuvez

Logo que morre um dos conjugues a noticia espalha-se rapidamente, e o outro procede differentemente conforme é homem ou mulher.

O viuvo passa a dormir durante as primeiras trez noites no

chão, sobre uma esteira grossa ou *loando* (100); no fim d'esses dias é-lhe rapado todo o cabello, toma um banho e veste dois *pannos* (74) de zuarte (ou ganga azul ferrete) que lhe hão de ter sido dados por um parente da mulher fallecida; na cara usará alguns riscos de carvão; pouco tempo depois poderá casar mais vezes. Geralmente o viuvo não exige á familia da morta coisa alguma, mas tem direito (segundo os costumes indigenas) a receber dos parentes d'ella outra mulher para substituir a fallecida, casando com ella sem despendar novas fazendas; se esses parentes não tiverem mulher nas condições, poderão ser obrigados a pagar as coisas necessarias para o viuvo obter outra mulher do mesmo grau social.

A viuva dormirá as trez noites no chão, mas sem esteira; receberá os *pannos* d'um parente do marido e usará a cara bem tisanada e o cabello rapado. Quanto ao novo casamento só poderá ter logar depois de feito o enterro do marido (100) e de ter passado maus bocados (101), e muitas vezes succede que é obrigada a casar com o herdeiro do esposo (frequente no caso de ser irmão), caso está em esse homem querer, o que facilmente acontecerá, porque o novo homem adquire uma mulher sem mesmo ter que gastar coisa alguma em novos presentes (100) á familia d'ella; estes factos mostram bem quanto a mulher é considerada um objecto que se herda como qualquer outra coisa. Succede porém muitas vezes que, ou não havendo pessoa com direito á viuva, ou havendo-a e não a querendo para esposa, a mulher adquire a sua liberdade de proceder; para isto é convocada uma reunião da familia do morto, e se esta auctorisa a mulher a *tomar vento* (104), ella terá n'essa reunião de pagar dois *cortados* e uma garrafa d'aguardente, podendo depois casar com quem quizer ou ficar viuva, ou entregar-se á prostituição (20) á moda *fióte*, nas mesmas condições que se fôsse solteira.

Durante os mezes ou mesmo annos que medeiam entre o fallecimento do marido e o novo casamento ou liberdade da mulher, esta não pôde dispôr de si como desejar, está sujeita á familia do defuncto. Succede até que esta pôde querer saber se a viuva já terá tido relações com outro homem n'esse espaço de tempo, o que constitue crime. Para tal saber a familia pôde recorrer ao *feitico da faca quente* (130), e se a mulher se queimar (signal affirmativo do crime) obrigam-n'a a dizer o nome do seductor e com elle fazem questão, arbitrando enorme quantia d'indemnisação.

114.ª — Puberdade

Em ambos os sexos se manifesta mais cedo do que na raça branca; nos rapazes pelos doze annos, nas raparigas pelos dez e mesmo pelos nove; n'aquelles é a occasião para a cerimonia da circumcissão (117), n'estas succede o seguinte.

Logo que pela primeira vez apparece o corrimento menstrual

(coisa esperada pelas raparigas porque d'isso sabem já pelas conversas que as mulheres teem defronte d'ellas, sem qualquer reboço), a rapariga participa á mãe e por esta, ou mesmo directamente pela filha, toma o pae conhecimento do caso.

Sujo um panno com o liquido menstrual ¹, é arvorado como bandeira na cabana da mãe, e serve o facto de motivo para grandes conversas, espalhando-se depressa a novidade. N'esse dia, ou em algum dos seguintes, reúnem-se os parentes e visinhos e fazem uma festa, de canto, dança e beberete como sempre (138), solemnizando o acontecimento. A rapariga é a heroína da festa, recebe felicitações e até presentes, não cabe em si de contente, porque deixa de ser considerada criança, vae ter mais liberdade, começar a ser mulher, mas vendo só as vantagens que d'ahi adveem e que algumas vezes não chega a gosar todas, conforme o caso que se dá e motiva a sua entrada na *casa das tintas* (115).

A rapariga tem então ainda fórmas franzinas que começam a arredondar-se, mas os seios já são visíveis, pequenos cones salientes de tres a quatro centímetros.

As regras femininas terminam entre as pretas talvez um pouco mais cedo que nas brancas; a menopausa começa a estabelecer-se pouco depois dos 40 annos.

115.* — Casa das tintas

Assim se chama geralmente, mas parece mais corrente dizer no singular, não só por maior numero de cabindas assim pronunciar como porque a circuncisão se chama em *fióle tinta*, e é para os rapazes a operação correspondente a esta cerimonia para as raparigas, é a que as auctorisa a servirem-se dos órgãos sexuaes.

Tem tal nome uma espaçosa cabana construida como todas as outras (114), com seu grande *forrado* (93), mas com uma disposição interior especial, que consiste em a área ser dividida por madeira, a modo de baias de cavallariça, sendo cada espaço reservado para cada rapariga durante todo o tempo que permancer na casa.

Uma velha megera, com longa pratica, é a dona do estabelecimento destinado a iniciar as raparigas na vida de mulheres, especialmente no que se refere á copula; dá-lhes as explicações o mais minuciosas e dizem até que lhes administra noções praticas, coroadas por uma lição pratica com rapaz pequeno.

¹ Este panno, como qualquer que desempenhe o mesmo papel nas epochas seguintes, toma o nome de *zumbo*; é qualquer pedaço de tecido d'algodão já usado.

Consegui vêr algumas d'estas casas e entrei lá por attenção com a minha antiguidade no logar e qualidade profissional, precisando ainda assim de dar o pretexto de desejar escolher noiva; de facto é interdita aos pretos a entrada em taes casas, as noviças d'esses conventos fogem e escondem-se á approximação de qualquer homem, é *kegila* (112) que ellas os vejam, e não pôdem sair de casa senão acompanhadas, de cara tapada, e só nas proximidades d'este collegio.

A' entrada para este a rapariga é totalmente despojada, á navalha, dos pellos maiores que haja em qualquer parte do corpo; depois é lavada e untada com varias drogas, sendo totalmente coberta a pelle de pó de *takula* (76); consegui ainda saber que outras manobras (mas não sei quaes) são ahí feitas com o fim, dizem os pretos, de tirar ás raparigas o cheiro especial de criança deixando-as mulheres! Suspeito que isto seja crendice d'uns e intrugice d'outros; das mulheres nada se pôde apurar, guardam o mais completo silencio de tudo o que lá passam; tambem durante o tempo que estão n'estas taes casas só fallam umas com as outras e com a velha, não lhes é permittido dirigir a palavra a mais ninguem.

Depois de pintado todo o corpo, incluindo o couro cabelludo, envolve-se a rapariga n'um panno grande d'algodão branco que será toda a sua cobertura no tempo que durar o internato, panno que o uso irá tornando vermelho pelo contacto da *takula*, cujas camadas são renovadas nos pontos onde se despegaram; os banhos, seguidos de pintura, são varios no primeiro dia, mas nos outros são só dois, um de manhã outro á noite.

A iniciação faz-se geralmente muito poucos dias depois de manifestada a puberdade, e as despesas de sustento e ceremonial durante o internato (que parece serem avultadas para a generosidade dos pretos) correm por conta da pessoa que ordenou a entrada e n'esta raro será encontrar repugnancia por parte da noviça. Essa pessoa é quasi sempre o pae ou outro parente proximo e que o substitue (118); leva a mira nos proventos que colherá d'esta fonte de receita; começa a exploração mais rendosa da mulher, a de ser femea; mas outras vezes é o homem a quem a rapariga está já promettida para esposa ou manceba.

A sahida tem logar depois de dois mezes, se não ha pressa, a velha se encarregará de arranjar pretextos para fazer render as lições; mas se o homem está impaciente, facil é abreviar o praso mediante esportula especial; se a rapariga não está ainda destinada para determinado homem pôde a demora ser maior, até quatro mezes, a ver se apparece quem a queira e pague a despeza; não apparecendo, vae a familia buscal-a, faz um *dansamento* (138) onde a apresenta toda enfeitada, a ver se encontra comprador; se ainda assim este não apparecer, pôde então entregar-se á prostituição (26).

A sahida é precedida d'um banho demorado e nova pintura de *takula* e tem logar de noite, fingindo-se a rapariga extremamente vergonhosa, sem fallar, com a cara quasi toda tapada, só envolta

no tal panno tornado vermelho, tendo um aspecto mau, repugnante até, á força de parecer feia e desgeitosa, por menos que o seja quando fóra d'estas circumstancias.

116.º — Virgindade

Sahida da *casa das tintas*, entregue ao noivo ou ao amante, vendida sempre pelo pae e familia, ou assim definitivamente ou a quem lhe quer colher as primicias (coisa muito apreciada pelos pretos e até por brancos), a rapariga soffre como consequencia immediata o destloramento, quer pelo marido quer pelo alugador; no segundo caso, em breve ella entrára na posse da sua qualidade de prostituta (28), termo vehentemente desejado pela rapariga, unico periodo em que gosará quanto lhe for possivel, mas com uma liberdade que até ahi não tinha e que deixará de ter logo que deixe de o ser.

A virgem, aquella que não só temos o direito de considerar como tal, mas o dever de crêr que o seja até á entrada na *casa da tinta* (tal é a crença d'ellas e o receio d'elles por multas e castigos), conhece-se geralmente que o é antes de se saber quem é; usa a cabeça quasi toda rapada como as crianças, só crescida a carapinha no alto, formando uma oval de eixo maior anteroposterior; os pequenos seios andam descobertos, nem ella tenta tapalos; poucas roupas a cobrem e facilmente se descobre; é considerada criança e como tal procede, embora raras vezes a innocencia exista onde geralmente demais se sabe d'aquillo porque se almeja.

A casa da tinta teria o poder de modificar a criança, de encher a nova mulher de pudor, abrindo os olhos á innocencia e entregando uma virgem, cheia de vergonha e de resistencias, nos braços d'um homem, d'onde sahiria, na manhã seguinte, a mulher completa, conscia das suas acções, do seu valor, do seu fim animal, da sua liberdade de solteira ou escravidão de casada.

Por muito que a virgem o deseje é de rigor oppôr grande resistencia a deixar de o ser, e este acto terá logar em densas trevas, quasi á força, sem ella pronunciar uma palavra, sem mesmo responder a qualquer pergunta, só tentando fugir; consummado o acto tudo muda, fará gala em tornar publico que o fez e com quem o fez, dar-se-ha por prazer, por iniciativa propria; e toda esta mudança no intervallo d'umas horas... as modas, os preconceitos.

117.º — Circumcisão

Quando a família percebe que, por natureza, ao rapaz vae já agradando o sexo differente; quando algum facto social ou alguma necessidade familiar aconselha pressa; quando o proprio rapaz o deseja e por sua parte auxilia as despesas; procede-se á circumcisão, que portanto tem logar em epochas bastante differentes, entre os cinco e os doze annos.

Rapado todo o cabello, e todo o corpo pintado de *takula*, um cirurgião indigena (70) corta o annel prepucial, com simples faca e dum só golpe, contra madeira macia; estanca-se a hemorrhagia com cinza peneirada, trata-se da ferida como de qualquer outra, e semanas depois tudo está curado. O periodo do tratamento varia com a idade do operado, indo desde duas semanas (aos cinco ou seis annos) até cinco, seis e mais (aos doze annos).

A proposito d'esta cerimonia, a *tinta*, não poderá, é claro, deixar de haver folia e dansa (138), nome e festa como a que prepara a rapariga para exercer as funcções genesicas, embora n'esse caso não haja operação sangrenta (115).

O rapaz tem então licença para começar a ser homem, já physicamente, já assumindo pouco a pouco parte das responsabilidades do sexo, e para reservar para si parte dos lucros que aufera do seu trabalho.

Será isto um resto d'antigos costumes importados da religião dos arabes? Se é, julgo ser este o unico que resta, não me recordo de ter observado nenhum outro.

118.º — Pae, substitutor

A auctoridade do pae é absoluta para com os filhos, dentro de certo periodo; o pae ordena ao filho tudo o que entende, regula-lhe todos os actos da vida desde que deixa a idade infantil em que por assim dizer faz parte da mãe; tambem por elles responde para com terceiros, defende-os dos perigos da vida, assume a responsabilidade do seu proceder, e cuida, mais especialmente no caso do sexo masculino, do emprego da sua actividade, ensinando-lhes um modo de vida, quasi sempre fazendo-se acompanhar por elles ou emprestando-os a um mestre e mesmo pagando mensalidade nos primeiros tempos; ajusta os serviços do rapaz com outros indigenas ou com brancos e recebe-lhes os proventos, na totalidade até aos 10 ou 12 annos, em parte d'ahi por diante até á emancipação, que tacitamente tem logar pelos 18 ou 20 annos, ou mais cedo ainda se o rapaz constitue familia.

A rapariga anda mais tempo ligada á mãe, que trata da sua resumida educação até á puberdade; d'ahi por diante é o pae que a explora e que por ella responde.

A medida que a familia vae augmentando pelo casamento das filhas e dos filhos, o poder do pae diminue n'elles, mas a sua importancia social cresce, porque toda a descendencia o reconhecerá como chefe da familia, cujos poderes são grandes; os recursos e bens vão augmentando, o receio da miseria diminuindo (30).

Por ausencia demorada do pae, como ás mulheres é negada representação social sendo sempre consideradas como menores precisando de tutela, necessario se torna que algum homem figure substituindo o pae; a escolha será feita pelo homem entre os seus irmãos uterinos; mas, dado o caso de elle não a fazer, a lei indigena será observada e esta é assim: primeiro substituem o pae os seus irmãos uterinos por ordem decrescente d'edades, se já não é vivo o avô; depois os outros irmãos, filhos do mesmo homem, mas de esposa differente, começando pelos filhos da esposa mais antiga e tambem por ordem decrescente d'edades dos irmãos do mesmo utero.

Por fallecimento do pae, um irmão d'este, pela ordem descripta, tomará conta dos filhos do fallecido e das mães d'esses filhos, casando ou não com as cunhadas, conforme preferir ou combinar com ellas.

Rarissimas vezes se dará o caso de faltar, por fallecimento ou ausencia do pae, uma das numerosas pessoas que são assim chamadas a olhar pela familia; mas dando-se tal acontecimento, começaria (no caso de todos os filhos masculinos serem menores) a serie das mulheres na mesma ordem, primeiro as irmãs uterinas, etc., mas a representação social seria pelos respectivos maridos; se houvesse já filho adulto do sexo masculino, esse substituiria o pae nos seus deveres e na maioria dos seus direitos.

Se um preto designa por filhos, pessoas d'origens muito differentes, como vimos (22), tambem um individuo chama pae a numerosos individuos, os d'aquella e d'esta notas.

119.º — *Abrir a bôoca*

Esta phrase quasi que corresponde a chamar a attenção, a dispor outra pessoa a ouvir, attender o que se lhe diz e que precisa da sua resposta ou resolução.

Pratica-se tal acto quando se participam factos importantes ou se pedem providencias; quando se pede conselho ou noiva; quando se quer saber se uma rapariga acceita o proponente para marido; quando se começa uma questão por assim dizer juridicamente; quando se pretende resolver qualquer assumpto importante, obter audiencia, consultar um idolo, etc. E' uma cerimonia extremamente vulgar, que está sempre a ser necessaria e que quasi sempre tem logar de inferior para superior, quando muito de igual para igual, nunca de superior para inferior.

Consiste em annunciar que se pretende tratar d'um assumpto com a pessoa a quem é dirigido o presente, que é indispensavel

apresentar, cuja qualidade e quantidade variam com a hierarchia social d'aquelle a quem é entregue e o interesse do que o entrega. O presente minimo é uma garrafa d'aguardente, ou um frasco de licor ou de genebra do commercio para pretos; póde subir a qualquer quantidade de fazendas e até a escravos, mas é indispensavel a garrafa de bebida alcoolica, porque o tomar d'ella um trago o individuo a quem é offerecida, quer dizer que está disposto a escutar o que teem a dizer-lhe, a acceitar o que lhe propõem, a resolver o que d'elle pretendem. Quando se dirigem a brancos, dispensam-se da apresentação do presente; quando succede o inverso, o preto dará sorte com a falta do presente e ficará mal disposto contra o branco.

Se, ao escutar a *summula* de que se pretende, a pessoa, a quem o presente é dirigido, abre a vasilha do liquido e d'elle prova, *abriu-se-lhe a bocca*, isto é, está disposta n'aquella occasião a escutar attentamente a miuda narração e a manifestar-se; ou satisfaz o pedido ou marca dia, hora e logar para de tal se tratar.

120.º — Comer fazenda

E' a expressão usada para designar o receber de quaesquer coisas por vezes successivas e por motivo de qualquer dos costumes indigenas que regulam esses recebimentos.

Come fazenda o juiz que recebe successivos presentes do cliente que espera pôl-o a seu favor; *come fazenda* o *feiticeiro* cujo idolo é consultado ou rogado para qualquer fim; come-a o mesinheiro que por dilatado periodo trata um doente, mas sem que essa fazenda entre na conta do pagamento; come-a o pae que recebe os ganhos do filho menor, come-a a familia d'uma noiva em quanto não se faz o casamento; come-a o pae da manceba para ir consentindo na mancebia com o mesmo individuo; come-a o *principe* para permittir a construcção, no seu terreno, d'uma cabana ou para auctorisar a maioria dos actos dos subordinados, etc.

121.º — Chingamento

Este substantivo e o seu verbo *chingar* devem ter tido origem portugueza de tal modo já deturpada que não é facil encontrar.

Corresponde a offensa ou injuria; não é preciso falar para dar *chingamento*, basta certo gesto ou ruido especial (196).

Um *chingamento* por gesto, quando o inferior está recebendo reprimenda do superior, é produzido pelo dedo minimo da mão direita, dobrado sobre si mesmo o mais possivel, de fôrma a fincar a unha logo proximo da raiz do mesmo dedo; outro é tocar na ponta do nariz com um dos indicadores, dando-lhe uma pequena pancada em direcção tal que, se o lobulo se deslo casse,

fosse para as costas por cima do hombro. direcção esboçada pelo dedo depois de bater no nariz.

O mais frequentemente usado é assim: entreabrem-se os labios, cerram-se os dentes, prime-se a lingua contra as faces internas dos incisivos superiores, como que chupando; ouve-se um pequeno silvo de ar entrando na bocca atravez algum espaço interdentario.

A mulher que, levantando um pouco o *panno*, bate com as mãos abertas uma palmada em cada nadega, dá um grande *chingamento*.

Varias palavras de significação offensiva ou obscena, constituem *chingamento*, mas o maior é *rênda guliako* ou *rênda-nêno-guliako*, especialmente se é acompanhado de mostras de desprezo ou do silvo interdentario a que referi acima; mas isto sobe ainda de gravidade quando é feito por um conjuge ao outro, e é então motivo sufficiente para divorcio (21) e para multas importantes.

Poucas vezes o *chingamento* dará origem a questões; mas se os animos se vão azedando, se vae havendo inimidade e principalmente se é dado em publico, o offendido chamará o outro a uma *palavra* (51) ou mesmo *fundação* (10), acceitando as consequencias que d'ahi derivem.

122.ª — Embaixada; chimpábala

Em casos especiaes, nos de maior importancia, o trivial portador (62) não satisfaz; não se trata de transmittir uma noticia, trata-se de resolver uma questão, de fazer um negocio, não estando presente um interessado ou não sabendo ou não podendo elle tratá-lo; dá-se procuração (59) é verdade, delegam-se poderes em uma ou mais pessoas (182), mas são poderes muito extensos pois obrigam quem os dá a responder pelo que ficar resolvido por quem os recebe; esse enviado não é um advogado presente em tribunal, como na *fundação* (10), é um emissario munido de plenos poderes para proceder e tratar como se fôra o proprio, representando-o para todos os effeitos; é verdadeiramente um embaixador pelos poderes de que vae investido, pela consideração social da pessoa junto da qual vae, ou pela de quem o envia.

Usam do termo embaixada e não do de embaixador; pelo primeiro designam o individuo ou individuos que levam a incumbencia e a propria incumbencia. Muitas vezes é só um o emissario, embora se faça acompanhar de criados, carregadores e até mulheres; mas ás vezes a embaixada é de mais de um, com quanto o de maior consideração social vá por chefe e cada um leve o seu acompanhamento. Tudo isto depende da importancia do assumpto, da de quem a envia e da de quem a recebe.

O emissario é avisado pelo mandante, da commissão que vae desempenhar, dias antes de partir, para que tenha tempo de dispor as suas coisas, deixar as suas ordens, regular os seus negocios; explica-se-lhe bem o que se deseja, dá-se-lhe mesmo instrucções

de como deve proceder em certas hypotheses que se podem prever, e o presente que deve servir para *abrir a bôcca* (119) á pessoa com quem vae tratar.

O entrevistado recebe o presente e manda fornecer comida e habitação a toda a comitiva; quando suppõe que o embaixador estará refeito da viagem, manda-o chamar, ouve o recado e deixa-o retirar; então pensa, consulta outros, resolve, compõe a resposta — demorando os dias que entender — e, fazendo comparecer novamente o embaixador, diz-lhe o que tem a dizer e despede-o dando geralmente algum presente, *despacha* (166) a embaixada.

O emissario deverá fazer-se reconhecer como tal por um objecto conhecido geralmente por pertencer ao individuo de quem se diz enviado; se isto succede muitas vezes nos casos das notas citadas, é de rigor para o caso da embaixada, e esse objecto é geralmente uma *chimpábala*, objecto que só os nobres possuem.

A *chimpábala* é uma peça metálica (vulgarmente de prata ou metal branco ou latão prateado) de 40 a 70 centímetros de comprimento, que representa o sceptro ou bastão de commando; quasi todos os existentes foram presentes d'antigos negreiros. Consta d'um cabo arredondado de 12 a 20 centímetros, e d'uma parte larga de 6 a 15 centímetros, achatada, semelhando o todo uma das antigas colheres de trincar para peixe. A parte chata, d'uma grossura de 4 a 7 millímetros, tem os bordos curvos, um convexo, o outro convexo tambem, mas menos ou em S, reunindo-se os dois do lado opposto ao cabo, raras vezes em ponta, quasi sempre em curva muito suave; esta grande lamina tem algumas figuras abertas, simples riscas ou desenhos variados em que predomina a linha recta. O cabo é liso, algumas vezes com rainuras formando enfeites, raras vezes lavrado.

123.° — Peças d'artilheria

Por menores que sejam, despertam sempre grande enthusiasmo e servem nas grandes solemnidades, carregadas até á bôcca da ordinaria polvora que os commerciantes vendem; fazem muito barulho, ouvem-se a grande distancia, eis as qualidades apreciadas.

Teem-n'as de ferro e de bronze, mas todas de carregar pela bocca; as grandes, aquellas que precisam da força de muitos homens para se mexerem, são pouco empregadas por servirem só onde se acham e por gastarem muita polvora, são proprias só para grande *principe* e servem raras vezes.

Obtem-n'as algumas vezes comprando-as a negociantes á custa de generos coloniaes que entregam durante mezes, e mesmo annos, antes que possam receber objecto tão admirado e estimado e que tanta importancia dá ao dono. Parece que em tempos as recebiam dos negreiros como presentes, mas é provavel que algumas tenham sido furtadas nos naufragios, porque antigamente as maio-

res embarcações costeiras dos europeus traziam sempre uma ou duas a seu bordo para signaes e mesmo para defeza d'ataques d'outros pretos mais atrevidos, como os das margens do Zaire. Conheci sete grandes peças de ferro, duas ainda encravadas, com armas portuguezas, e mais d'uma com antigas armas inglezas; as primeiras creio bem, pelas datas que tinham gravadas, que proviriam do nosso antigo forte de que fallei no capitulo da historia.

Servem as peças nas grandes solemnidades, principalmente nos funeraes e casamentos dos nobres; mas as mais pequenas são ainda usadas para manifestarem contentamento ao receberem visita de pessoa considerada, quer branco de classe elevada quer preto nobre, e para annunciar por um tiro o fallecimento de qualquer individuo da aldeia, ou que n'esse dia haverá ahi alguma reunião para dansar, etc.

124.º — Bandeiras

E' enorme o gosto de vêr tecidos de côres fluctando ao sabor do vento no extremo d'um pau; usam-n'as de todos os feitios, bandeiras propriamente ditas, galhardetes, flammulas, rabos de gallo, etc. Quanto maiores, de mais côres, melhor; mas acima de todas, preferem a portugueza, estampada ou não.

De qualquer tecido servem embora prefiram as de filele; quando não as obteem dadas ou furtadas, ou compradas por baixo preço, fazem-n'as, e então dão logar á phantasia, imaginando as combinações as mais extraordinarias de feitios e côres; não me lembro de ter visto representação de figuras de animaes; são sempre faixas, fitas, quadrados, rectangulos, estrellas, sóes, meias-luas. Geralmente são de uma côr (mais triviaes a branca, a amarella ou a azul) com applicações de outras côres, ou então de duas côres com ou sem applicações de outras; quando de duas côres são combinação do branco com azul ou vermelho, em faixas unicas ou repetidas, eguaes ou não, parallelas ou obliquas; nunca vi bandeira preta ou com riscas pretas.

Não ha bandeira propria da nação *fiote* ou de qualquer outra nação africana.

Mais faceis de obter do que as peças de artilheria, são de uso mais vulgar, embora menos apreciadas. Usam-se em todas as occasiões, para festejar a coisa mais insignificante, em hastes fixas nas casas, nas arvores, no chão, nos barcos, ou simplesmente na mão, acompanhando um grupo ou um personagem; não servem de insignia, servem de adorno.

125.º — Feitiços em geral, amuletos

Com este titulo tratarei da generalidade dos objectos de culto ou veneração e das crenças indigenas, quer haja idolos especiaes ou outro modo de representação palpavel, quer sejam objecto de simples crença abstracta. Embora me refira em outras notas mais especialmente a alguns *feitiços*, desejo condensar aqui as generalidades e o que se refere a crenças menos importantes, como o que possa dizer de amuletos.

A condução dos idolos de um ponto para outro varia conforme a qualidade do *feitiço*; assim o *mangáka* só pôde ser transportado á cabeça ou dentro de tipoia (100) como se fôra uma pessoa; todos os outros podem ser transportados ao hombro e alguns até na mão.

Os objectos do culto, tenham ou não feitiço especial, não servem para *feitiços* em quanto não são consagrados, e só antes d'esta cerimonia podem ser entregues aos profanos; depois de sagrados não podem as imagens ser dadas nem vendidas.

A's imagens do idolo, o que o representa, chamam *mekiça* ou *mekice*, no plural *bakiça* ou *bakice*; por aqui se vê já que os cabindas entendem que os *feitiços* são animados, eguaes ou superiores ás pessoas, visto que só para estas os pluraes teem a prefixa *ba* (2). Mas parece-me poder affirmar que elles distinguem a imagem visível do que ella representa, pois que ao deus representado pela imagem chamam *mekiça-ci*, no plural *bakiça baci*, palavra evidentemente composta (como o prova a repetição da prefixa no plural), cuja primeira parte é a designação d'idolo, mas cuja segunda não consegui traduzir; embora se pareça com *neci*, chão, terra, não o é de certo; deve ser um adjectivo visto ser regido pelo *ba* do substantivo.

Se o aborto (*chiálula*, plural *biálula*) dá origem a um ser incompleto, a formação do plural indica já que se refere a gente (prefixa *ba*), o que pôde fazer suppôr que aquella palavra traduz antes o ser nascido do que o acto do nascimento. O filho de parto prematuro é *súluka*, no plural *bessúluka*; mas se esse filho é uma monstruosidade, por defeito de formação ou por paragem da evolução, chama-se *mekice-a-ci*, no plural *bakice-a-baci*, termos, como se vê, muito semelhantes aos que designam a ideia dos deuses representaveis pelos *bakice*, diferenciando se apenas pelo *a* collocado entre as outras duas palavras; esta lettra, ou a outra *i*, ou ambas *ia*, correspondem á nossa proposição *de* e apparecem repetidas vezes, com qualquer das tres fórmas, em palavras compostas da lingua *fiôte*; por outro lado tambem averigui o costume d'elles considerarem essas monstruosidades como coisa sagrada, não lhes dando sepultura como a qual puer ser humano, mas deitando-as n'um curso d'agua especialmente consagrado. Podendo chamar a attenção do leitor para estes obices, não me atrevo a tirar conclusões.

O fabricante d'idolos, o nosso *santeiro*, é chamado *kaválanga* ou *bakice-kaválanga*; compõe grosseiras esculpturas de madeira, geralmente clara e macia, dando-lhes os feitios tradicionaes, na quasi totalidade figuras de homens ou de mulheres (poucas), com alguma particularidade ou excentricidade bem visivel e que traduz a especialidade a que o idolo é dedicado, por exemplo, um espe-lho posto no lugar do umbigo, as orelhas disformes de grandeza, as glandulas mamarias com extraordinario desenvolvimento, etc. Mas ha, pelo menos, um idolo que destôa completamente d'isto, é o *kouzo*, o dos prazeres sexuaes, que é representado pelas cabeças e quartos dianteiros de dois cães, virados um para cada lado, continuando-se em linha recta por um só corpo e assentando apenas pelas quatro patas dianteiras.

Essas esculpturas e todo e qualquer objecto que represente idolo (muitos d'elles são simples trouxas pequenas de varios trapos a que não consegui perceber differença ou particularidade) só teem valor cultural depois da operação correspondente ao nosso sagrar, depois de bentos. O verbo que designa esta accção é muito irregular (205), por isso direi que o infinito é *k'uliáta* (a particula que designa os infinitos perdeu aqui a sua vogal *u*), o presente do indicativo é *uliáta*, o preterito *liáta* (nova excepção) e o participio *uakiliáta* (ainda excepcional).

Obtidos o objecto que ha de representar o deus e os accessórios a collocar-lhe, chama-se o *gânga*, o feiticeiro (70) ou sacerdote, especial para cada idolo de cuja representação se trata, para proceder á sagração; por esta cerimonia ganha elle proporcionalmente ao que possui quem paga, que é o dono do idolo; no meio de demorado ceremonial e com palavras especiaes, vae adornando o idolo com os respectivos accessorios postos nos logares e pela fórma que a crença determina, coisas que não presenciei, que não consegui colligir por mais explicações que provocasse, ficando-me apenas a idéa de que, além do que disse, e que é commum para todos os idolos, ha coisas especiaes referidas a cada um d'elles. Só depois d'essas ceremonias é que o *feitico tem força* (como elles dizem), é que pôde servir para o culto.

Quando se pretende obter uma coisa de um *feitico* de madeira, faz-se uma promessa, o que os cabindas designam em portuguez por *bate-feitico* e na lingua propria por *kabânda zimbáu* (no preterito *ibândaçi*). Vae o proprio interessado, ou o seu procurador (59), ao lugar onde está o *feitico*, e ao feiticeiro presente conta a historia do que ali o levou, diz o que pretende e crava no idolo a ponta de um prego; se se implora o *Mabiála*, o prego será cravado na cara, em qualquer outro pôde ser em qualquer ponto, geralmente no peito, nas costas e membros superiores; claro está que por isto ao feiticeiro se paga determinada quantia.

O cumprimento da promessa dá origem a nova cerimonia e maior despeza; a phrase que para isso usam em portuguez é *soltar prego* e em *fiote*, no indicativo presente, é *kákula mekice*, no preterito *ikúlaçi mekice*. Para isso volta o crente ao lugar do deus, e ao feiticeiro entrega fazendas, aguardente, um cabrito ou outro

animal vivo, emfim varios presentes: o sacerdote vae buscar folhas de dois ou tres vegetaes (*malémbo-mepúmbo*, *tunga* e ás vezes de *báte-báte*) (182), pisa-as e, com ellas n'um prato, aproxima-se do idolo e molha com o succo das folhas o logar em que o prego está cravado, tapando-o com um panno e deixando-o ficar tapado o resto do dia e toda a noite seguinte; de manhã o proprio penitente tira o prego com a maxima facilidade!

Succede ás vezes decorrer muito tempo entre o cravar e tirar do prego, de modo que, ou o crente se esquece e não sabe conhecer qual foi o prego que pregou, ou o *gangu* é já outro e tambem não sabe; n'estes casos manda-se chamar o adivinho ou o feiticeiro da *faca quente* (130) que, procedendo ao seu ceremonial, passa a faca em braza pela propria mão e declara qual é o prego; á despeza da principal cerimonia somma-se a d'esta addicional.

Ha idolos que se vão consultar para se saber determinadas coisas e a que se obtem resposta. Levam-se varios presentes que se dão ao feiticeiro, conta-se a este tudo o que se passa e pergunta-se o que se deseja. Em certa altura da narração (quando o feiticeiro, que é sempre preto esperto, já calcula o que se pretende e qual a resposta a dar) declara o sacerdote que sentiu o *feitico entrar-lhe na cabeça* (*tintuka mekice*); está inspirado. Então faz quantos esgares póde, dansa, salta, vae bebendo das offertas, fala em tom differente do usual, diz coisas incompreensíveis e por entre ellas as respostas ao que foi pedido, sempre no meio de grande algarviada e de uma fôrma confusa, verdadeiras respostas de sibila; de repente volta ao seu estado normal, declarando que o deus já lhe *saiu da cabeça* (*mè-kuluka*).

Ha idolos que servem para tudo, outros só para determinadas especialidades. Tambem são divisíveis por tres categorias, sendo a primeira, a dos mais importantes, formada pelo *mangáka*, o *mabiála-mandémbo*, o *mabiála-mapánha*, o *tchingúngu-sengo*, o *kouzo*, o *lémbo* (126) e o *zámbe* (129); na segunda categoria estão o *mepúmbo*, o *tchiliba-dongo*, o *makámagánha*, o *malínga*, o *tchibamba*, etc; a terceira é formada pelos pouco importantes, geralmente representados por trouxas, e são *muébátche*, *sóonda*, *tchingálo*, etc.

Durante as conversações, repetidas vezes fallam no *mangáka*, e mesmo no *mabiála-mandémbo*, semelhantemente ás occasiões em que empregamos as palavras Deus e Nosso Senhor, parecendo ligarem a esses deuses uma ideia de bondade, de benevolencia; pelo contrario a justiça implacavel, o castigo, seriam antes proprios do *tchingúngu-sengo*, cuja representação é effectivamente por um idolo de madeira de lórmes reforçadas e aspecto torvo, mesmo feroz, de braço direito erguido empunhando uma grande faca a modo de punhal prompto a descarregar o golpe; pouco se referem a este idolo e só o fazem exprimindo medo.

Ha idolos representados por esculturas, outros por trouxas de pannos varios, com ou sem outros objectos á mistura; ha deuses sem representação á vista, perfeitas abstracções de que só é visível o sacerdote especial (128); acreditam em almas do outro

mundo ou almas penadas, phantasmas, com ou sem consagração d'objectos ; quasi todos os rios e riachos são consagrados a alguma divindade.

Parece-me poder affirmar que os *feitiços em trouxa* são todos inventados nos ultimos cincoenta annos, são antes amuletos, uns objectos que o preto poderá ter em sua casa e que a crença lhe diz serem favoraveis, para taes e taes casos ; não teem sacerdote especial nem outras manifestações do culto que não seja o uso da *záka* (127) ; consegui saber da existencia dos seguintes :

1.º *búmbo-luângo*, advogado contra a sarna ; 2.º *ungouvo*, contra as manifestações secundarias e terciarias da syphilis ; 3.º *makôngo-biôngula*, contra a hydropsia ; 4.º *makôngo-uúmba*, perseverando as crianças de doenças ; 5.º *tchinkondi-kondi*, com o mesmo poder.

Do extraordinario apreço que dão ao augmento da população, temos uma prova na quantidade de divindades que desejam tornar propicias ás crianças ; além d'estes dois amuletos ha a crença em outros *feitiços* mais elevados (128).

128.ª — Alguns feitiços especiaes

D'alguns deuses trato em notas separadas (129, 130, 131) ; descrevi em outra o pouco que havia a dizer do *kouzo* e do *tchingongo-séngo* (135) ; n'esta vou reunir o pouco que sei d'alguns outros.

O *iióba*, segundo uns, é o deus da chuva, e é o que vive debaixo da terra, como digo a proposito do *búnzi* (130) ; em tal caso este seria, ou um deus subalterno d'elle, em tudo semelhante mas mais em comunicação com os mortaes, ou o proprio sacerdote do *iióba* ; segundo outros, que constituem a quasi generalidade, o deus da chuva é o *búnzi* e desconhecem o *iióba*. Com o nome de *lúnga* uns designam um deus, outros um feitiçeiro, dando-lhe residencia em *Tênda* proximo da morada do feitiço da chuva, a uns sete kilometros ao norte de *Banana* ; os seus poderes seriam guardar as chaves da porta ¹ por onde ha de entrar a chuva no territorio de Cabinda, e abril-a quando recebe para isso ordem do *búnzi*. Ainda o *djimakânga* seria ou um deus ou um feitiçeiro, habitando tambem proximo, em *Tchingázi*, tendo o encargo de furtar ao *lúnga* as chaves da porta das chuvas e fechal a, precisando pois receber tambem fazendas para deixar abrir a tal porta quando para isso fôr avisado pelo *iióba*. Como se vê ha grandes diver-

¹ Não fixei bem qual a ideia que elles fazem da chuva ; parece-me que acreditam que é alguma coisa que anda nas nuvens e que tem ou não licença de passeiar pelo ar e visitar dadas regiões, a pedido de deuses subalternos, por concessão d'outro deus mais superior ; ou essa coisa estaria fechada n'algum grande espaço com porta, ou cada região teria uma porta que seria necessario abrir para a chuva a poder visitar.

gencias e confusão a respeito das divindades da chuva, coisa para esta gente de primeira importancia porque a sua falta importa a fome (85).

E' tradicional que de Loango, região ao norte de Cabinda, todos os annos eram mandados dois escravos com trezentos *cortados* (85) offerecidos ao *búnzi* para poder chover n'aquelle territorio, costume perdido ha bastantes annos; devo fazer notar que as chuvas começam mais cedo ao norte, apparecendo successivamente cada vez mais ao sul. Por *nhémbo* é designado o feiticeiro de *Molémbo* região norte de Cabinda, que tem a seu cargo, quando lá não chove, vir pedir chuva ao *djimakânga*; se este ainda não tem licença para entregar as chaves, manda esperar o *nhémbo* e vae fallar com o *lúnga*; se este ainda não tem licença do *búnzi*, faz esperar o antecedente e vae pedil-a; conforme as duas versões enumeradas acima, ou o *búnzi* faz chover ou fala para isso com o *iióba*. E' claro que tudo isto custaria muita fazenda, que todos estes intermediarios lucrariam á larga do que fôra trazido pelo *nhémbo*, a quem tudo seria fornecido pelos povos de *Molémbo* desejosos de chuva e que não se esqueceria de guardar parte para si; tambem é obvio que tanto ceremonial e tanto intermediario fariam gastar semanas na resolução do negocio, o que daria tempo para se abrirem as cataractas do céu. Os presentes d'esta proveniencia, provavelmente eguaes aos de *Loango* a que me referi acima, deviam engrossar bem os thesouros dos intermediarios e dos sacerdotes adstrictos aos idolos, pessoas que teriam todo o cuidado em complicar o ceremonial e em guardar segredo total ou estabelecer confusão para não serem conhecidos os seus manejos; d'essa confusão teria eu sido victima, não podendo apurar definitivamente os costumes a respeito das chuvas.

Búmbo-mázi é o *feitico* encarregado de regular a grandeza do ventre das crianças, evitando e curando as doenças que se lhe relacionam; consta de dez pequenas imagens de madeira representando pessoas, collocadas em circumferencia e todas presas á mesma base.

Búmbo-malázi consta d'um pequeno cesto de palha contendo *takula* (76), varias sementes, pequenos calhaus, etc.; é advogado contra as doenças das crianças.

Lémba é um idolo de grande importancia familiar, porque tanto serve para melhorar os doentes como para guardar as coisas de maior valor; no primeiro caso é representado de pé, no segundo deitado. Tem moradia especial, uma cabana dividida a meio, occupando o idolo o compartimento interior; a cabana é ainda cercada por *loando* (88) toda em volta, e dentro d'ella deverá haver constantemente lume acceso. O doente deve ficar proximo d'esta cabana, mas não póde lá entrar, isso pertence ao curandeiro. No caso porém de o deus servir de guarda, ou cofre, dos haveres da familia, podem ir até junto d'elle tanto o homem como a mulher, mas perto da cabeça e por caminho especial, só póde chegar o homem que é quem tem ahi o seu deposito, ao passo que os re-

sumidos haveres da mulher serão guardados proximo dos pés, isto é, proximo da entrada do compartimento reservado.

Este idolo é ainda advogado contra a esterilidade e encarregado da felicidade dos esposos, que por isso devem usar a *záka* (123) especial. Qualquer homem importante pôde ter ou não um *lêmba* para seu uso, mas ninguém pôde ser coroado rei sem possuir este idolo. Geralmente a posse do *lêmba* é hereditaria; quando o filho mais velho chega a adolescente e já ganha alguma coisa, o pae leva-o á casa d'este *feitico* e recebe d'elle por este facto aguar-dente e uma vestidura (173).

E' boa praxe para melhor segurar direitos dados pelo casa-mento que, poucos dias depois de casado e feita a cabana para o idolo *lêmba*, o marido convoque a familia da nova esposa para a cerimonia da *entrada no feitico* ou collocação dos conjuges de-baixo dos auspicios d'este idolo; é da praxe que o homem, para resolver a mulher a fazer a entrada na casa do *lêmba*, lhe dê dez *cortados* (85), uma volta de coral (86), uma vestidura (173) e mesmo outras coisas, como brincos, se é rico, mas sempre alguma aguardente; ella entregará quasi tudo á sua familia que receberá melhor o convite do marido e que virá assistir ao acto servindo de testemunhas. E' dentro da cabana do *feitico* que o *ganga* (70) ou sacerdote collocará no pulso de cada conjuge uma pulseira de ferro, *záka* (123), ficando d'ahi por diante o marido classificado *kúko-lunga* e a mulher *káz'-i-lêmba* ou, talvez melhor, *ikáz'-i-lêmba* (traducção litteral: esposa de *lêmba*), esposa consagrada na pre-sença de tal *feitico*.

Fúnza é o substituto do *lêmba* quando o homem é casado com mais de uma mulher; ou é a segunda mulher que é dedicada a esse *feitico*, ou a mulher de melhor familia; tal esposa toma a classi-ficação de *káz'-i-fúnza*. Este idolo caseiro, é tambem advogado contra as doenças em geral, mas tem menor valor que o *lêmba*; embora deva ter tambem cercado e cabana, esta não terá divi-sões; é representado por uma pequena trouxa de varios tra-pos (e não por esculptura como o outro) contendo *takula*, cer-tas folhas e uma substancia semelhante a giz com o nome de *me-pézo*.

Mebumba designa o *feitico* que preside ao effeito das balas nas guerras; é um idolo de madeira que tem um espelho no lugar do umbigo; na cabana do idolo, e em volta d'elle, ha varias panellas de barro contendo agua, carvão em pó e urina de mulheres. Tratan-do-se de ir para a guerra, o chefe segura no *feitico*, perante o qual os guerreiros irão passando, um a um, recebendo do feiticeiro a res-posta, se pôde ir á guerra ou não por ser certo ficar lá morto; os indi-viduos a quem se dá a negativa não irão pelejar, e comprehende-se quanto será facil ao chefe do bando indicar ao feiticeiro quem não lhe convém levar consigo. Aquelles que o *feitico* auctorisa a mar-char, vão então pintar o corpo com o liquido tirado das panellas e cada um munir-se da sua *záka* (que aqui toma o nome de *záka-tchibumba*) que mais o perseverará dos ferimentos. O feiticeiro re-

cebe fazendas, do chefe por permittir a escolha, e de cada guerreiro por fornecer o amuleto.

Mebóza é um feitiço sem representação, especie de phantasma errante perto do *povo grande* (a aldeia principal), cujo feiticeiro mora na aldeia *Tchiángá*; é um phantasma de mulher e crê-se que faz nascer o peixe nos rios; ha crentes que affirmam tel-o visto.

*Mephanje*¹ e *lussúnze* são outros espiritos que fazem nascer o peixe, mas no mar; o feiticeiro d'elles, designado por *tchikàngo*, unico que os vê e lhes falla, costuma morar no *povo Tchizo*.

Vângala designa outro espirito só visto pelo seu *gânga*, denominado *Tchimúce*, morador no *povo Vânga*, não longe, para o sul, da povoação portugueza de Cabinda; desconheço de que é advogado, alguns me disseram que já de nada servia.

Tchimpanzo, em tudo semelhante ao anterior, existe proximo da praia, entre os povos *Chiávála* e *Chinga*.

Mansânse, como os anteriores, fica proximo do *povo Chiáze* e o seu feiticeiro é sempre uma mulher, que toma o nome de *ikaç'-ia-bakice* (trad. litt. esposa de feitiço).

Nenga, proximo do mesmo *povo*, preside ao curso de um pequeno riacho ao norte d'elle; o feiticeiro toma o nome de *nedjinka*.

Tchimpúkula, tendo o *gânga* o nome de *mefúka-mepólo*, e residencia em *Iouio*, tem por attributo tornar feliz a pesca no mar em frente do *povo Caio*.

Meblónvo, *lukóla*, *ivúko*, *kânga-i-metéte*, e *lulondo*, presidem aos cursos de agua, dos rios ou seus affluentes, e habitam nas vertentes d'elles; assim o 2.º e 5.º teem os mesmos nomes que os seus rios, aquelle tem por feiticeiro *mepânzo*, e o d'este desconheço-o; o 1.º é o do riacho do *Chinga*, o 3.º o de um affluente do *Lukóla* proximo do *povo Valença*; e o 4.º, de feiticeiro *mambâmba*, é o do riacho ao norte do *Lukóla*, proximo do *povo Bâmba*.

D'outros feitiços só sei os nomes e são: *simbuka*, *táde*, *maláze*, *limba*, *muéne-buânga*, *bénze*, *bingo*, *bûla-mavito* (trad. litt., quebra portas), *bássi*, *makâmbo*, *fûla* (trad. polvora?), *mambile*, *bénza*, *chinzúnga-zunga*, *makónda*, *ungúndo*, *kalúnga*, *bakúlo-umpêmba*, *bumba*.

127.º — Amuletos em pulseira

Semelhantemente ás nossas medidas de cêra, usam estes pretos umas pulseiras metallicas, a descoberto ou enroladas em panno, formadas por um fio grosso ou lamina chata que, circumscrevendo o pulso com certa largueza, mas não podendo sair pela mão, tem os extremos muito approximados, mas não se tocando, e revira-

¹ Este *h* é aspirado.

dos para fóra, enrolados sobre si. A essa pulseira religiosa chama-se *záka*.

Conheço: a de ferro do *búmba* e a do *fúnza*; a de cobre do *lémba* que se usa no pulso direito; as do *búmba-luángo*, do *ungouvo*, do *makóngo-bióngula*, todas de ferro; dizem-me que ha para todos os pequenos *feitiços* em trouxa de que fallei (125) e talvez para outros mais de que não me recordo.

128.ª — Vestígios da religião catholica

Conhecem de longa data os nossos padres missionarios que infundem tanto maior respeito quanto maiores barbas usarem; semelhantemente ao seu modo de ver quanto aos seus curandeiros e feiticeiros (70), assim pensam dos nossos medicos e padres; valha a verdade que os factos dão alguma razão a esta opinião porque, bastantes vezes, os missionarios christãos applicam tratamentos a alguns doentes, são uns verdadeiros curandeiros lá por esses pontos d'Africa que percorrem e onde raras vezes haverá um medico; mas pensam que este faz alguma differença dos seus feiticeiros, embora curem pelo poder dos *feitiços* dos brancos, e não lhe dão designação especial adstricta a qualquer deus, não o ligam a deus especial. E' assim que qualquer medico europeu é designado por *gânga* (o seu termo generico para feiticeiro) e um padre é *gânga-zâmbe*, ou talvez melhor, *gâng'-a-zâmbe*, feiticeiro do deus dos brancos (129).

Não ligam já ideia de grande importancia ao nosso Deus, não é superior aos maiores d'elles; habita lá em cima (e apontam o céu), nenhum branco o vê, mas todos podem conversar com elle; um ou outro cabinda sabe ainda as primeiras palavras do Padre nosso.

Conservam a tradição da cruz; uma das suas fórmas d'affirmar, póde até dizer-se de jurar, especialmente na presença de brancos, é fazer no chão uma cruz com o dedo indicador da mão direita, levando-o depois á bocca tapado pelo pollegar (polpa contra polpa) quasi cruzados, e beijando a unha do pollegar.

Alguns, durante as trovoadas, quando algum relampago é maior ou algum trovão mais forte do que o usual, exclamam *báta!*, olhando para o céu e com accento supplicante; á falta d'encontrar significação para esta palavra, demais quando assim applicada, penso que será uma corrupção de Barbara, indicando a tradição da nossa invocação a Santa Barbara em eguaes circumstancias.

Vê-se, pois, que ainda conservam algumas recordações d'antigos tempos em que sabemos que missionarios catholicos evangelisaram estes povos; restos favoraveis, especialmente o respeito que conservam aos padres, que modernamente os missionarios aproveitam, e bastante facilitam a propaganda recente, separada da antiga por dezenas d'annos em que os cabindas estiveram entregues apenas ás suas crenças tradicionaes.

129.º — Zâmbe

Feitiço de grande consideração, de que não vi representação (o que não quer dizer que não a tenha), é de grande influencia na vida dos casados pois que, para evitar doenças e até a morte causadas por este idolo, é necessario que cada conjuge conte ao outro qualquer irregularidade conjugal que tenha praticado, quer por vontade propria quer por simples accidente (110). Se acontece qualquer d'estas coisas e que o conjuge a não diga ao outro, deverá adoecer; por isso muitas vezes em caso de doença é chamado o feiticeiro da *faca quente* (130) para dizer se houve falta. Se diz que houve, ou mesmo no caso de simples suspeita mais ou menos fundada, chama-se o feiticeiro de *Zâmbe*, que ouvirá de confissão os dois esposos, confissão que começará com a noite, podendo terminar a qualquer hora, mesmo já de manhã, e que se faz estando presentes só o feiticeiro e os dois interessados.

Acreditam que este *feitiço* póde matar o homem e mulher que durmam juntos no chão, ou de porta aberta, ou que durante a noite caiam da cama abaixo, mesmo que não sejam casados.

Sem poder affirmar, inclino-me a que este *feitiço* não tenha representação visivel e não sei se não será apenas a recordação do que lhes disseram do Deus dos brancos a que dão o mesmo nome, Deus a que attribuiram depois outros poderes mais em harmonia com as suas crenças antigas. Inculcaram-me uma vez como representando tal *feitiço* um prato de madeira contendo certas folhas, conchas, giz, etc.; supponho que isto é antes uma offerenda ao *feitiço* do que representação d'elle, porque não poudes obter confirmação de que elle seja assim representado e porque tal representação seria demasiado banal para idolo de tanta importancia.

130.º — Faca quente

E' crença que, por varias ceremonias em que tem papel principal uma faca aquecida, se descobre quem matou, furtou determinado objecto, etc.; não ha exhibição d'um idolo qualquer, mas visto que ha feiticeiros especiaes da *faca quente*, é porque esta é attributo d'alguma divindade; é o caso trivial de preto esperto, em nome d'um deus não representado e invisivel, explorar a cren-dice e ingenuidade dos seus compatriotas. Ou este officio é vulgar ou o deus de pouca consideração; porque, para se fazer vir a casa trabalhar um d'estes feiticeiros, basta enviar-lhe, quando se chama,

uma garrafa vazia ou algum tabaco em folha, e pagar-lhe, depois do trabalho feito, uns dois *cortados* (80).

Chegado o feiticeiro, conta-se a historia do desaparecimento do objecto, ou o que se suspeita ser mentira de determinada pessoa, e começa a cerimonia. O feiticeiro faz uma pequena cova no chão, põe-lhe dentro um seixo que traz comsigo e faz-lhe em cima lume com madeira de qualidade especial (*sánha*) pondo a faca a aquecer. Esta faca é grande, lamina de trinta a cincoenta centímetros e cabo de madeira; quasi sempre tem muita ferrugem, para mostrar valor igual á antiguidade. O lume é ateiado com um abano especial, de grande cabo e em fórma de leque semi-fechado, em que as varetas fossem substituidas por fibras vegetaes de pequena largura, de modo a deixar intervallos por onde passa o ar por o leque não ter panno. Ao lado da fogueira, dentro d'um lenço, estão giz, seixos, chifres e outros objectos miudos, os talismans.

Emquanto a faca aquece (o que o feiticeiro vae repetidas vezes experimentando na palma da propria mão em que vae tambem cusbindo antes de fingir que lhe toca com a faca), vae o sacerdote fallando baixo, tão baixo que nada se percebe; de quando em quando toma pequena pitada de areia que leva aos labios e deita no lume, segredando sempre; em certa altura enrola trapos no cabo da faca, demora-a por vezes fóra do lume, e vae sempre á sucapa examinando o que se passa nas physionomias dos assistentes e em especial no indicado paciente; quando as suspeitas recahem em varios pretos, todos elles estão presentes a esta demorada manobra.

Então o feiticeiro dirige-se ao indigitado como culpado ou aos suspeitos e no alto da face externa d'uma das pernas de cada um, logo abaixo do joelho, traça uma circumferencia com giz. Invoca os *feitiços* e conta resumidamente a historia que lhe tinham contado pormenorizada no principio; vae olhando miudamente para os pretos que marcou e declarando que a faca dirá a verdade, porque o innocente não se queimará e o culpado ficará queimado; os indiciados devem repetir os finaes das phrases, o que os obrigará a estar com toda a attenção presa ao palavriado, e portanto deixando melhor transparecer na cara o que se lhes passa no intimo. O feiticeiro toma da faca pelo cabo, cospe no meio do circulo marcado pelo giz na perna de cada um, applicando n'esse ponto duas a cinco pancadas com a lamina da faca, dadas de prancha e demorando ou não o contacto como entende; se a pelle percutida fica menos preta do que a restante, o dono é innocente; se a pelle escurece mais, é culpado.

Descoberto assim o criminoso, ou provado que não houve mentira, ou que nenhum dos presentes foi o auctor do furto, o feiticeiro recolhe os seus apetrechos, recebe o pagamento e retira-se.

181.* — Kassa ou casca

A primeira, designação em lingua *fiôte* que os europeus usam traduzir pela segunda forma ¹, applica-se á serie de ceremonias, com fins religiosos, em que é dada a ingerir ao paciente a casca d'algum vegetal; como muitas arvores teem cascas perfeitamente semelhantes no aspecto, mas umas toxicas e outras não, percebe-se desde já quanto nos resultados influirá a vontade do feiticeiro (70) que é chamado a administrar a casca. E' por isso que, embora a crença geral nos effeitos da *kassa* seja tão arreigada que muitos pretos pedem para se sujeitarem voluntariamente a esta prova, não desprezam a occasião de, com promessas cada vez maiores de fazendas, dispõem o feiticeiro a favor de cada uma das partes. Ha sempre dois interessados ou dois grupos d'interessados, os accusadores e os accusados, e um e outro procuram ter o feiticeiro do seu lado.

Esta prova, mais ou menos usada em toda a Africa, é aqui feita empregando-se a casca reduzida a pó pela raspagem n'uma pedra aspera, ou pisando-a, consentindo-se ou não a ingestão d'agua, quando se ingere a casca, conforme a gravidade do caso; consente-se só a da agua contida n'uma pequena chavena tendo no fundo uma pitada da mesma *kassa*, quando se trata de caso gravissimo; e chega-se a dar até tres copos d'agua para ajudar a engulir a casca, quando o caso a julgar não é tão importante.

Quero crer que algumas vezes á casca da arvore recolhida se juntará algum pó da fava do Calabar, porque nos apetrechos que apprehendi por occasião da fuga d'um d'esses feiticeiros, encontrei uma d'estas favas inteira e outra já muito gasta. Pela mesma razão acredito, que tambem algumas raizes darão o seu contingente para o pó a ingerir, e bem assim a *strychnos nux vomica*.

Não me foi possivel colher conhecimento circunstanciado a respeito das arvores d'onde extrahem as cascas; os poucos que sabem d'isso guardam grande segredo. Tambem este é tal para o local, hora até, em que se passa a cerimonia que não consegui ver nenhuma, e os esclarecimentos que exponho foram obtidos de varias origens, por parcellas, em occasiões muito differentes. Desde que occupámos Cabinda, avisámos que não era permittida a continuação d'este costume; d'ahi apenas resultou que se praticasse tudo no maior segredo e a distancia da nossa povoação; sempre que havia indicios de se tratar de *kássa* augmentava a vigilancia

¹ Digo d'este modo porque muitas vezes a casca provem da arvore que os indigenas chamam *kássa* ou *nekássa* e cujos effeitos são vomitivos; mas não estou seguro de que não seja o termo *fiôte* corrupção do nosso termo casca, visto que quasi todas, ou todas as substancias empregadas para esta prova, como vamos ver, são cascas d'arvores ou de raizes.

para que não fosse dada; mas só d'uma vez, que me recorde, conseguimos chegar a tempo d'interromper a cerimonia começada e foi ahi que apanhei alguns apetrechos do feiticeiro quando tudo fugia desordenadamente.

A *kássa* só é usada em casos reputados d'importancia, mas que ainda assim são bastante vulgares; dá-se ao accusado de feiticaria (ou elle a pede), dá-se ao assassino, ao indigitado como causador de morte de pessoa importante, mesmo tendo morrido de doença natural, mas que é sempre attribuida á maldade d'alguem, sendo chamado um feiticeiro que, pelo poder dos seus idolos ou da *faca quente* (130), adivinha quem foi o individuo que produziu tal morte; dá-se a quem commetteu um grande roubo ou como tal indiciado, e até a pedido d'este, procurando pela *kássa* salvar se da terrivel accusação, etc.

No maior numero de casos a casca é vomitada e o accusado salva-se; mas quando os indicios de crime são grandes e o crime repugna á multidão, succede tambem que, apesar do paciente vomitar a casca, lhe saltam em cima os assistentes maltratando-o, chegando até a matar-o.

Por um *principe*, ha pouco fallecido, soube eu que não só ha dois grupos de cascas, um das que matam e outro das que só fazem vomitar, como que é do feiticeiro que tudo depende, pelo que é conveniente compral-o, rematando por affirmar-me que vence quem paga mais. Explicou-me que, estando resolvido o dia e local em que dado paciente tomará *kassa*, chama-se o feiticeiro que vem para ali de noite um ou dois dias antes e se abriga n'uma cabana isolada; de dia, mas sobretudo de noite, com todos os cuidados para não levantar suspeitas, o representante d'um dos partidos vae offerer fazerendas ao feiticeiro para lhe ser favoravel ao seu partido; o *gânga* ouve o que se pretende, recebe o que se lhe dá e despede depressa, disse elle, para dar occasião á vinda dos contrarios que effectivamente não se fazem esperar. Toda a noite continúa este jogo de presentes e promessas. Acho porém graça á sua affirmativa de que toda a gente sabe que se procede assim em todos os casos de *kássa* e que, apesar d'isso, a maior parte do povo crê na veracidade da prova; e melhores ainda são as affirmativas de que o feiticeiro chega a dizer a uns offerentes que já teve maior offerta dos contrarios, e a de que por vezes tem succedido que o representante d'um partido está escondido esperando que acabe a conferencia do feiticeiro com o do outro para então elle entrar e fallar.

A quantidade ingerida varia de uma a trez colheres de sopa, conforme a gravidade do assumpto. Quando se trata d'accusação de roubo e o accusado é rico, póde não ser obrigado a pessoalmente engulir a casca, mas apresentará para isso dois pretos, ou escravos ou filhos ou sobrinhos, cada um dos quaes tomará uma só colher e bebendo agua; n'este caso não é preciso haver *principe* a presidir á cerimonia, presidirá alguem que seja de categoria social superior ás do accusado e do accusador.

No caso de roubo tambem não é preciso chegar até á morte

do paciente; se elle não vomita e o ventre começa a crescer, o accusado é convencido de ladrão e tem de pagar nova quantia ao feiticeiro para que dê nova droga ao paciente que o faça vomitar e não morrer; se não se dêsse a nova esportula o ventre continuaria a crescer, o paciente morreria; no caso de o ricaço ter dado homem por si para engulir a droga, e que succedesse isto por falta de nova esportula, o mandatario teria que responder pelo crime de morte.

Vomitare a casca é prova d'innocencia, não a vomitar é-o de culpabilidade; se, no segundo caso, a accusação era de feiticaria, o corpo do justicado não é sepultado, ou o abandonam ou o queimam; algumas vezes porém talvez a morte não chegasse a dar-se se dessem mais tempo de espera para o effeito vomitivo; mas a multidão furiosa acaba á cacetada aquelle cuja morte julga proxima e inevitavel.

O uso regula o tempo a esperar pelo resultado da *kássá*; dá-se de manhã, ao nascer do sol, que é das cinco e meia para as seis horas; o effeito vomitivo deve produzir-se de fôrma que, até ás 11 horas ou meio dia, tenha vomitado coisa de metade da porção ingerida; a outra metade leva sempre mais tempo a sair e chamam-lhe *duli*, (amargo); acreditam que é esta porção a que mata e só quando ella está saindo é que ha esperança na salvação do paciente, mas sem que haja ainda a certeza de salvar-se e menos a de ficar julgado innocente.

Para prova d'innocencia ainda ha que sujeitar-se a certas coisas que chamam inimigos da casca, e são: 1.^a não deverá urinar em todo o dia da cerimonia; 2.^a não deverá defecar desde que toma a casca e todo o dia seguinte ao em que vomitou; 3.^a na manhã seguinte á da ingestão tomará banho logo muito cedo e percorrerá as cabanas proximas fazendo visitas, para mostrar que a casca saiu bem; 4.^a será vigiado todo esse tempo por duas ou trez pessoas, mas não tocará na mão de ninguem; 5.^a todo o corpo será pintado com *takila* (76) e obrigar-o-hão a dormir quasi encostado a uma fogueira. Se não mostrar soffrimento com todas estas coisas é que é considerado innocente.

O local onde se toma a casca é escolhido para cada caso especial e limpo de toda a vegetação. A assistencia varia desde trez a quatro testemunhas, até centos de pretos, conforme a gravidade do crime imputado e a importancia social do accusado; a familia do paciente póde fazer-se acompanhar por *feiticos* importantes (125) como o *mangáka* e o *mabiála-mandembo*, que assistirão á prova como vigias da regularidade do julgamento e como contrarios a *feiticos* que possam comprometter a innocencia do accusado.

Em quanto dura a cerimonia, os assistentes conversam e veem; os criados do *ganga* tocam um pequeno tambor chamado *mussáko* e cantam, mas ninguem dança. No largo espaço, entre a assistencia e o presidente, estão o accusado e o feiticeiro, que para o caso tiver sido chamado enviando-se-lhe um cortado para *abrir a bócca* (119); tambem estará o accusador, presente ou representado por homem da familia, e alguns pretos mais conhecidos que

servirão de testemunhas da regularidade do processo empregado e dos seus resultados. É o accusado ou sua familia quem paga as despesas e honorarios de todo este pessoal, dos criados do *ganga*, dos que limpam o terreno, etc., embora, se o paciente ganha, tenha depois direito a reaver tudo do accusador.

Dias antes do marcado para a cerimonia, o accusado consulta varios *feiticos*, preparando-se para que o seu corpo não padeça com a magna prova, no que tambem vae despendendo os seus haveres; chegada a occasião propria, ingere as colheradas que o *ganga* lhe dá da casca preparada, *ganga* que toma o nome de *gôla-kássa*, sendo-lhe depois permittido fallar, licença que elle aproveita para fazer exclamações como esta: se fui eu que fiz tal crime, a casca me mate, de contrario, que ella saia depressa e bem; ou esta: desde que minha mãe me gerou e meu pae me recebeu em seus braços, se eu fiz tal crime, ou se eu cheguei a saber como tal se fez, tu, casca! que estás já dentro do meu ventre, mata-me, mata-me; mas se eu nunca o fiz (ou não soube) desde o dia do meu nascimento até agora, então, casca, sae bem, pouco a pouco e no prazo marcado.

Em quanto o feiticeiro prepara a casca, o paciente está sentado sobre uma esteira e lavará as mãos com a agua contida n'uma garrafa que se deve ter enchido n'essa mesma manhã; depois de ter tomado o pó, poderá sentar-se de quando em quando, dois ou tres minutos, mas deve andar, passeiar defronte de todos, no espaço deixado livre.

Se o crime é ligeiro, ou não lhe corresponde pena de morte, tratam de fazer escapar d'esta o criminoso se, passado o tempo proprio para vomitar, não vomita, ou se o ventre começa a inchar; quer dizer que, admittido como provado o crime, não é de rigor que o criminoso morra. Fazem-lhe então remedios para que vomite, mas geralmente é isso muito difficil e o paciente fica soffrendo durante algum tempo, ás vezes mesmo durante annos, varios incommodos de saude; é a esse soffrer que chamam *vulula kássa* e que traduzem por purga a casca. Claro está que o reu fica convencido do crime que lhe foi imputado e cujas consequencias terá de soffrer.

Se o paciente vomita a casca no tempo proprio e do modo costumado, está no bom caminho de provar a sua innocencia, deixal-o hão dormir n'essa noite, se puder, mas sempre vigiado, e de manhã, feitas as visitas a que me referi, será interrogado pelo *gôla-kassa*, tendo de responder o mais alto que lhe fôr possivel e com voz bem clara, para mostrar que está bom; esta prova chama-se *bila-kongo*. Só depois d'isto lhe é permittido comer, a começar pelo *ilâmbo*, que é banana cozida com peixe; depois é que lhe fica a liberdade de comer do que quizer.

Algumas vezes os cabindas não querem sujeitar-se á prova da *kássa*, sobretudo quando são acoimados de feiticeiros; depois de consultarem varios *gansas* sobre se poderão tomar casca sem morrerem, duvidando de si mesmos, preferem emigrar a sujeitarem-se á prova e fogem, se podem, conservando-se ausentes bastantes an-

nos, a dar tempo para que a accusação esqueça; quando o crime que lhes é attribuido é qualquer outro, poucas vezes fogem, porque de nada tal lhes serviria, visto que os parentes teriam de pagar por elles, terminariam por os descobrir, encontral-os e exigir-lhes tudo accrescido com os juros de móra.

Vomitada a casca, segundo as regras, fica provada a innocencia do accusado; mas ainda durante bastante tempo usará como vestuario um simples *panno* que só cubra da cintura para baixo; ficará mezes sem trabalhar, tomando banho todos os dias, usando o cabello rapado, bastante tempo o corpo pintado de *takula*, o pescoço cheio de missanga ou de coral (conforme as posses da familia) e, nos tornozellos, usará *záka* ou amuleto dedicado a algum dos idolos *bóndo* ou *lunga*. Levará vida regalada na sua choupana, será muito visitado e tratado por mulheres; por esta fórma não admira que engorde mais do que tinha por costume, chegando a parecer melhor do que era, effeitos attribuidos á *kássa*.

Provada a innocencia do accusado, chega a este a vez de fazer questão com o accusador, que é então condemnado e tem de pagar todas as despesas feitas e até uma multa, incluindo uma boa vestidura (173) e as despesas das grandes danças (188) com que foi solemnizado o facto d'escapar da *kássa*. A multa nunca é inferior a dez *cortados* (83) e um galão d'aguardente; mas se o accusado é de familia nobre e especialmente se é um nobre, então a multa é d'arrazar, chegam a ficar escravizadas (37) familias inteiras como refens pelo pagamento da enorme quantia.

Se o accusado perdeu a questão e lhe salvaram a vida, tem de se sujeitar ao castigo que lhe fôr imposto em *fundação* (10); se morrer, a familia é que tem de pagar como se elle fosse vivo.

No caso de a *kássa* ser dada sendo accusado e accusador da mesma familia, não ha pagamento de multa, apenas as despesas do funeral correm por conta de quem é parente mais proximo do que perdeu a questão.

Em geral concorre muita gente a presenciar a cerimonia da *kássa*, com quanto isso tenha seus perigos, porque se, durante ella, qualquer que vae andando tropeça, fica mal visto, ficam desconfiando d'elle; mas se tropeça e chega a cair, o caso attinge maiores proporções, porque é obrigado a tomar tambem *kássa* e muitas vezes dão-lhe até matar.

O accusado póde livrar-se da *kássa*, mas para isso é preciso previo accordo com o *principe* ou grande que preside á cerimonia; é necessario que o paciente possa, até ao começo d'ingerir a casca, fugir do seu logar, alcançar o presidente e segurar-se a elle, sem que outros o agarrem e sem que o nobre o sacuda de si. N'este caso, é claro, o presidente come muito mais *façenda* (120) do que a que receberia só pelo facto de presidir.

E' a phrase consagrada para se dizer que se é responsavel por uma coisa.

O sexo feminino e os menores só teem responsabilidades para com o chefe da familia ; na sociedade é este quem responde por todos os actos d'aquelles.

Uma familia é solidariamente responsavel pelos actos d'um seu membro que envolvam multa, indemnisação, pagamento superior ás posses do membro directamente responsavel ; por isso tambem varios membros da familia *comem fazenda* (120) quando a ella tem direito, segundo os nossos usos, um unico membro d'ella ; no caso de se tratar d'um casamento (15), no de destruição de plantações, no de adulterio (20), no de prostituição (26) e creio que só n'esses, é que as mulheres tem direito a receber tambem uma parte, embora minima, da indemnisação ou dos presentes ; para pagar serve tudo o que pareceria ser só d'ellas segundo os nossos usos, servem ellas proprias, as suas pessoas (37).

Nos negocios e questões entre cabindas, a responsabilidade é regulada pelos usos e imposta pelo simples facto de se ser parente e conforme o grau de parentesco. Entre cabindas e europeus o caso é differente: embora, pelas condições especiaes da collocação do cabinda no serviço do europeu, possamos nós inferir da responsabilidade que a dado preto compete, elles não a acceitam, não consideram que tal objecto *está na sua cabeça* senão se, muito expressamente, tal se lhe indicou e, n'esse caso, se lhe deixou toda a liberdade d'acondicionamento e proceder. Qualquer indigena, até mesmo a *empregada* ou concubina do europeu (37), deixará furtar, ou mesmo furtará seja o que fôr, ainda que seja coisa do seu uso, mas pertencente ao branco, se este não tiver tido o cuidado de lhe dizer, perante testemunhas, que isso lhe *fica na cabeça*.

Por esta razão, e para poder chamar á responsabilidade perante os costumes indigenas, (que aos brancos são mais favoraveis do que as nossas leis), convem conhecer — aqui como em muitos outros casos — os costumes dos cabindas e proceder d'accordo com elles para nos sujeitarmos menos a desillusões e prejuizos. A mulher (indigena) do branco — como lá é uso chamar-se á sua manceba — deverá ter as chaves de tudo, conhecer miudamente os haveres do europeu e a sua collocação ; será esse o meio seguro de não se ser roubado ou, sendo-o por caso excepcional, o melhor meio de vir a saber quem foi o ladrão e até de reaver o furto ; ella vigiará, indagará, providenciará, procederá de modo a conseguir-se o melhor resultado, para que não soffram — ella e sua familia — as consequencias do acontecimento, visto que tudo o que pertence ao seu branco lhe *está na cabeça*, e tudo deveria por elles ser pago, accrescendo os juros enormes e a multa ou

indemnisação pelos prejuízos causados pela demora na restituição ou pela falta que fez o objecto,

Semelhantemente, embora em menor escala, succederá com cada um dos pretos que tivermos ao nosso serviço, mesmo não assoldados; é preciso saber que só assim se conservará fiel um cabinda, com quanto essa fidelidade seja só para as coisas de que lhe foi dada a responsabilidade, permittindo-lhe a consciencia furtar todas as outras.

188.* — Mukurúnto

Esta palavra, com o respeito e consideração que d'ella derivam, é applicavel ao velho (84), cuja traducção é *núno*, mas abrange outros individuos, mesmo não velhos, mas que, por nascimento (como os principes) ou por qualidades adquiridas, devem ser considerados e obedecidos.

Assim designam o individuo de mais idade, ou mais elevado na escala social, de cada agrupamento; é o que manda, o que impõe a sua vontade, o que responde por todos os outros, o que os dirige, o que os representa em tudo. De todos os individuos que executam juntos qualquer acto, o director, o responsavel, o chefe, só vigia e não trabalha, é o *mukurúnto*, embora não seja de mais idade, ou por ser o de maior qualidade, ou o mais antigo em tal serviço, ou o que gosa de mais confiança do patrão.

A mesma palavra empregam para os europeus, designando o mais graduado de qualquer grupo, o governador para o districto, o chefe para a secretaria, o commandante para o batalhão ou navio, o gerente para a casa commercial, etc.

184.* — Testemunhas

O simples facto de ter tido conhecimento d'um determinado acto, é bastante para um individuo ser testemunha; mas nem as auctoridades interveem em nomeal-as, nem em procural-as senão a pedido do interessado. E' este quem tem d'escolher testemunhas, de as angariar, de as offerecer, e para isso precisa primeiro consultal-as e pagar-lhes para que ellas acceitem o encargo; tem de lhes *abrir a bocca* (119).

Cada testemunha recebe pagamento para dizer com verdade o que souber com relação ao caso de que se tratar: como ás vezes ao que offerece a testemunha só convem que ella diga parte do que sabe, não é raro que o outro contendor pague á mesma testemunha para que ella diga tudo o que souber; d'aqui resulta que o mesmo preto pôde receber de cada parte dois a vinte *cortados* (83) e mais, além de aguardente, conforme a importancia social da testemunha e o valor do depoimento e da causa.

E porque a pratica lhes ensinou que ha testemunhas falsas, não se contentam com simples affirmativas, fazem provas religiosas, já sujeitando o preto á *faca quente* (130), já aos *feitiços*, crendo que se a testemunha diz a verdade nada lhe acontecerá, de contrario o *feitiço* o mostrará chegando a produzir a morte ; ainda que esta seja natural, sobrevivendo desde que o preto testemunhou até á decisão da questão, consideram-n'a como effeito dos *feitiços*, e o depoimento sem valor, podendo ficar compromettida a causa de quem offereceu tal testemunha.

135.º — Ferimentos

Os accidentaes são vulgarissimos, já pela pouca ou nenhuma protecção do corpo, já pela falta de caminhos e commodidades e sobretudo pela imprevidencia e falta de cuidados.

Os intencionaes, sem fim curativo (133) ou de simples adorno (35), raras vezes serão feitos pelo proprio, são quasi sempre devidos a aggressão que, ainda assim, é muito mais rara do que nos povos que se dizem civilisados. Realmente só por excepção os cabindas se aggridem, ha grandes questões por palavras que, parecidos, irão degenerar rapidamente em aggressão, mas tal não succede, ha só muito palavriado, muitos gestos, muito barulho, e preferem decidir todas as questões por juizo de terceiros. Apesar de tudo, ha casos de aggressão por pau ou faca, dando preferencia á navalha de barba com que fazem pequenos riscos ; em 8 annos servi de perito apenas n'um caso em que a faca funcionou a modo de punhal, e em dois casos de ferimento por arma de fogo ; creio que foram os unicos ferimentos graves durante esse tempo.

A razão da raridade julgo estar na grande despesa que causa qualquer ferimento que dê sangue em abundancia ; não só o aggressor, pelo facto de o ser, perde todo o direito, ainda que o tenha evidente, na questão que deu azo a tal acto, como, *para limpar a terra*, no dizer d'elles, do sangue que a sujou, tem de se haver directamente com o *principe*, dono do chão, a quem terá de pagar rija multa ou *cavalla* (151) que póde chegar a reduzi-lo á miseria durante longos annos. Além d'isso terá de indemnisar o ferido pelo sangue perdido, pelo susto, pela offensa, pelos lucros cessantes, pelo repouso forçado, pelo desgosto na familia, pela cicatriz ou defeito produzido, pelo tratamento e suas despesas, etc. ; buscam-se mil pretextos, inventam-se até, para que a indemnisação seja o maior possivel.

136.º — Custas

Tanto na *palavra* (31) como na *fundação* (10) ha a pagar as custas, que são relativamente elevadas ; a justiça não é lá menos salgada do que cá, apesar de não haver sellos, papel sellado, as-

signaturas, etc. O pagamento é feito pelos dois contendores, em parte dividido igualmente, em parte a cargo de um só; quero dizer que ha despezas que são pagas pelos dois em partes eguaes, mas que ha outras e certas diligencias effectuadas a pedido, ou por interesse, de um só, que são pagas por esse.

A sentença não é proferida sem serem pagas as custas, ou pelo menos sem se dar penhor, escravo ou fiador que seja acceite como sufficiente; a indemnisação ao vencedor é que é paga depois.

As custas são tanto maiores quanto maior é a categoria do juiz; as despezas da sessão pagam-se tantas vezes quantas as sessões; é o *fum'-i-kunzi* (o juiz) quem recebe a importancia total e depois distribue por todos. Exceptuam-se, é claro, a estas regras os pagamentos clandestinos ás testemunhas, cujos depoimentos foram comprados pelos interessados (134) e as gratificações tambem clandestinas ao julgador.

Como despezas communs ha: pagamento aos criados que limpam o terreiro para a audiencia e que diariamente será varrido; idem ao homem que toca o tambor; idem ao principe e conselheiros ou jurados. Cada membro do jury recebe, por dia em que serve, o que chamam *entrada*, que consta de quatro cortados (85) e duas garrafas de aguardente, e *sahida*, outras duas garrafas; no fim do julgamento compete-lhe ainda uma porção de fazenda, conforme o que cada contendor pagou, o que depende do valor da questão, da hierarchia do juiz e do numero das sessões.

As custas particulares a cada contendor são o pagamento de todas as despezas que por sua causa fez o presidente da sessão. A este cabe a parte do leão na distribuição das custas; mas como, de mais mais, é elle quem faz as contas e os pedidos, quem tudo recebe e distribue, guarda para si uma boa parte dos interesses e os outros não reclamam por terem receio de complicações. É esta mais uma vantagem de se ser nobre ou *principe* e a *fundação* é uma das suas occupações mais rendosas; tambem por isso elles estimam bem que haja questões, aconselham-n'as e provocam-n'as, fazem os costumes (leis) que as motivam, rodeando de peias e origens de conflictos todos os actos da vida indigena. Ainda o julgador é quem fiscalisa o pagamento da indemnisação que arbitrou, e quanto maior esta fôr e mais demorado o pagamento, tanto mais elle receberá pela fiscalisação.

187.ª — Folhinha

Quer para contarem os dias, quer para contarem as semanas, suas (de 4 dias) ou nossas, usam geralmente d'um meio que só raras vezes applicam á contagem dos mezes e menos á dos annos, porque estes são periodos longos, por cujo numero nenhum interesse mostram, aquelles é sempre facil saber-os, dando por cada um seu nó no cordão da cintura ao avistarem pela primeira vez a lua nova (173).

Consiste o rudimentar instrumento em uma taboa rectangular com pequenos orificios em linhas rectas parallelas, orificios collocados a distancias proximamente eguaes de maneira a formarem novas linhas parallelas entre si e perpendiculares ás primeiras. Duas toscas cravelhas completam o instrumento. As linhas menores teem geralmente sete orificios e as maiores trinta, isto é, o maior numero de dias da semana (a dos brancos), e o maior numero de dias de cada mez dos brancos (elles consideram todos os nossos mezes eguaes, de trinta dias, e os d'elles teem só vinte e nove).

Se a cravelha da linha menor é mudada cada dia e marca a semana, a outra pela linha maior marcará o numero de semanas; se a da linha maior, mudada diariamente, marca os dias, o da menor marcará o numero de mezes.

Este instrumento é extremamente raro apesar da sua simplicidade, o que não admira quando sabemos quanto cuidado o cabinda põe em resumir a porção d'objectos necessarios aos usos da vida; trivialmente o numero de dias ou de semanas é conservado de cór, o dos mezes pelos nós no cordão que á cintura prende o *panno* ou por entalhes em algum objecto d'uso diario, ou por linhas, riscos, de carvão ou de giz em algum objecto caseiro.

188.ª — Dansas

São vulgarissimas as reuniões em que se dança e que os cabindas, fallando com europeus, designam por *dansamentos*; dão-se quasi todos os dias em mais d'um ponto, mais no tempo quente do que no fresco, mais quando ha abundancia do que em epochas criticas; começam quasi sempre ao cair da tarde, estendendo-se pela noite adiante, ás vezes até de madrugada; em alguns casos são tambem de dia, já porque a impaciencia pelo começo do divertimento os leve a isso, já por ser praxe para certos casos, como durante os funeraes e seus preparativos (100) ou para solemnizar acontecimento importante, escapar da *kássa* (131), casamento (16), etc.

Além dos pretextos citados, quasi todos os actos da vida, quer particular quer social, dão origem a *dansamentos*; em muitas circumstancias ficaria mal visto aquelle que não offerecesse uma noite de dança, taes são o nascimento d'um filho, sua circumcisão ou primeira menstruação, o regresso á patria depois d'uma ausencia prolongada, a elevação a um cargo social, a visita de personagem importante, etc. Mas, por vezes, a dança realisada em dado dia, é por um motivo passado ha semanas ou mezes: tal succede porque não havia cabedaes para gastar porque a despeza é grande e paga toda por quem dá a festa.

Resolvido o divertimento, basta participal o a meia duzia de pessoas para que a noticia alastre depressa (62) e se julguem convidados todos os conhecidos do amphytrião; e se esses co-



nhecidos levam outros que então são apresentados, não raro succede que qualquer que quer divertir-se se mistura aos da festa sem convite, porque sempre encontrará bastantes conhecimentos que o divirtam. E' uso, porém, fazer convites especiaes ás pessoas d'importancia, especialmente quando a festa lhes é dedicada.

O local tem de ser sempre na aldeia do offerente e proximo da choupana d'elle, porque d'ahi provirá a abundante provisão de bebidas alcoolicas, que é de rigor offerecer a todos. Sempre, em cada aldeia, é facil arranjar um largo espaço que é aplanado e ás vezes endurecido previamente; o uso tem até consagrado locais para estas repetidas diversões, especialmente na proximidade das moradias dos nobres.

E' costume do cabinda mostrar-se janota em todas as occasiões que póde, janota a seu modo, é claro (39); mas seria uma falta de gosto e uma desconsideração ao amphytrião, se á festa se fosse sem ser com o melhor vestuario; nos novos é de rigor vestir o melhor que ha, porque ahi se exhibem as prendas e graças que captivam o sexo differente; as raparigas chegam até a fazer uma modificação especial do vestuario que consiste em dispôr o enorme *panno*, que faz de saia (34), d'um modo muito semelhante ao usado pelas nossas ovarinas e com o mesmo fim de os movimentos das ancas fazerem andar n'um verdadeiro sarilho a parte inferior da grande roda da saia; mais assemelha á moda das ovarinas o uso da cinta fazendo volumosos debruns da saia em volta da cintura, mas a cinta desce, adiante um pouco mais do que entre nós, de modo a deixar bem visivel a fórma do ventre. Embora raramente, vê-se alguma mulher com seu *panno* de seda e até de velludo apezar do calor; será ella descendente de *principes* que taes peças receberam no tempo da escravatura.

N'um topo de grande oval colloca-se a musica representada por um ou mais tambores indigenas (139), geralmente dois, de grandezas muito differentes e portanto um agudo outro grave; a toada musical não differe da habitual (91), a letra é muitas vezes a mesma, celebrando o acontecimento que serviu de pretexto á dansa. A oval é formada por quasi todas as mulheres, collocadas em linha, hombro com hombro, todas com a frente para o meio, e por alguns homens entremeiados com ellas, ao acaso ou segundo a predilecção especial de cada um; por detraz d'esta linha humana agglomeram-se novas pessoas que vão, que vem, que preenchem os espaços formados, que vão dansar ao meio, que se affastam para beber ou outros fins, resultando de tudo uma grande confusão e tanto maior barulho quanto mais animada é a festa, porque tudo canta, tudo grita, tudo se agita, tudo conversa e grande numero dansa; o enthusiasmo vae crescendo com a duração do divertimento e a profusão das libações, varias damas cedem aos encantos masculos d'alguns preferidos e com elles se affastam para o campo e para as cabanas d'onde passado tempo voltam á mesma faina de mexer, de fallar, de cantar, de beber, uma verdadeira bacchanal em que a sensualidade campeia e que só termina pelo esgotamento e pela embriaguez.

Com quanto preferidas as noites de luar, não deixa de haver *dansamentos* nas escuras; n'aquellas, uma pequena fogueira perto dos musicos representa as multiplices fogueiras que n'estas allumiam em volta o acampamento, dando bastante fumo, o estimado fumo (☹) que parece ser indispensavel ao preto quasi toda a noite.

E' no espaço circumscripto pela barreira humana que se agitam os principaes bailarinos em saltos, esgares, movimentos extravagantes dos membros, meneios extraordinarios do corpo, tanto mais apreciados quanto a nós parecem mais ridiculos. Sahido da fórma um rapaz, dirige-se primeiro para o lado da musica que cumpri-menta (ou ao dono da casa ou nobre que preside á festa e que está por detraz dos tocadores) e, correndo, saltando como um possesso, mas sempre a compasso, pára defronte d'uma rapariga e, a compasso ainda, projecta o ventre contra o que ella lhe offerece, ambos curvando um pouco os joelhos que ella affasta mais do que elle: assim foi ella escolhida para ir para o meio, deixando o logar que elle toma; mas ella pouco se afasta e rapidamente volta a dar com o ventre outra pancada (*sémba*) no mesmo ou em outro rapaz, que executará por sua vez a larga manobra descrita, e assim alternadamente, quasi sempre com sexo differente; como porém estas scenas são simultaneas em varios pontos da roda, ha no meio d'ella sempre uma porção de homens e de mulheres que quasi a enche, e resulta á primeira vista uma confusão que realmente não existe, apenas os encontrões são frequentes e as raras quedas celebradas com grande algazarra.

A porção maior, mas a bem dizer secundaria, dos dansantes, os que fôrma a oval não estão quietos; os homens, cantando, fazendo caretas, dando palmas e assobios, executam com o tronco pequenos movimentos lateraes e com os pés um sapateado a compasso; as mulheres, essas partem-se pela cintura em prodigios de dansa do ventre; com os membros inferiores um pouco flectidos, os pés affastados e bem firmes no chão, o peito projectado para diante quanto pôdem, executam, com a parte media do corpo, movimentos que parece incrivel como podem ser consentidos pela columna vertebral na altura dos rins: são umas oscillações, d'amplitude que não estamos costumados a ver, tanto lateraes como antero-posteriores, como para baixo e para cima, dando em resultado que as nadegas, bem pronunciadas n'este sexo, descrevem, ao que parece, verdadeiras helices na superficie d'um cylindro antero-posterior; a enormissima roda do *panno-saia*, todo em pré-gas verticaes soltas, e quasi a tocar no chão, tem movimentos rapidos, helicoidaes, de grande amplitude, levantando nuvens de pó.

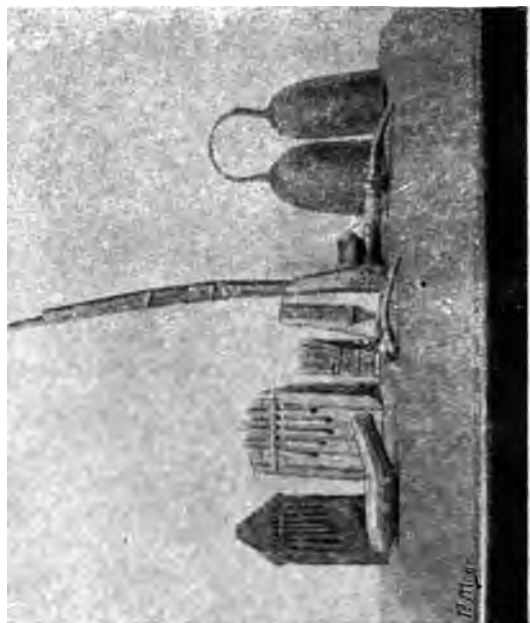
Os caracteristicos d'esta dansa são pois: fumo, poeira, barulho, movimento, lubricidade e embriaguez; são elles directamente proporcionaes ao grau de enthusiasmo do divertimento.

www.libtool.com.cn



b

Fig. 11.— *a*, *mebumb*. (pag. 302); *b*, *mangaka*; *c*, *tchingungo-sengo* (pag. 220)



a

b

c d e f

Fig. 12.— *a*, *c*, *simb* (150); *b*, *cachimbo* para *bamba*; *f*, *cachimbos* para *tabaco* (80); *d*, *peite* (10); *e*, *cola* (10); *h*, *tchingungo* (pag. 64)

189.ª — Instrumentos musicos

Os tambores são de uso trivialissimo, quer nas dansas e funeraes, quer para acompanhar a mais simples cantiga, sendo n'este caso até substituidos por qualquer caixote ou lata. Tomando em alguns casos nomes especiaes, são de grandezas variaveis, mas constituidos pelos mesmos materiaes e tocados sempre pela mesma maneira, só com as mãos abertas. Modernamente, em qualquer barril substituem os tampos por pelles, formando tambores, mas os instrumentos indigenas são d'outro feitio: tendo geralmente a fôrma d'um charuto, podem ser cylindricos os menores; aquelles chegam a ter trez metros de comprimento, mas raras vezes mais de quatro decimetros de diametro da secção no extremo mais grosso. Feitos d'um tronco escavado, de madeira leve e macia, tendo ou não desenhos a fogo, tem na ponta um orificio oppondo-se ao extremo coberto por pelle não curtida, apenas secca e sem pellos, de qualquer animal, mais vulgarmente de cabra; essa pelle, bem retesada, é bastantes vezes apenas amarrada circularmente em volta da madeira pelo exterior; outras tem orificios por onde passam delgadas fibras vegetaes ou tiras de pelle, que vão a distancia passar em novos orificios d'outra prisão de pelle ou madeira, funczionando taes cordas por tracção manual directa; quando se querem servir do tambor, depois de bem retezadas estas cordas, ainda a pelle dá um som rouquenho; collocam então o tampo, onde está a pelle, proximo do lume que aquece esta pouco a pouco e, percutindo-a, veem quando está no tom desejado, de que outra vez irá descendo por causa da humidade do ar, pelo que d'espaco a espaco se repete o aquecimento. O tronco que fôrma a caixa sonora tem quasi sempre varias figuras, pouco profundas, abertas a fogo ou á faca; são grupos de linhas quasi sempre rectas, formando figuras geometricas em pontos symetricos; por excepção os desenhos representam pessoas, animaes ou objectos d'uso indigena. Varias vezes os tambores maiores servem para, a grandes distancias, transmittirem noticias por signaes previamente combinados.

Nas grandes solemnidades, especialmente nos grandes funeraes (100), usam de trompas de marfim; são caninos d'elephantes pequenos, dentes de comprimento até pouco mais de um metro, escavados interiormente, terminando em orificio circular na ponta a que se applica á bocca. O dente é collocado quasi horisontalmente, de extremo mais largo para a direita do tocador que o segura com a mão esquerda proximo da bocca e a direita não longe do outro extremo do instrumento. Os sons obtidos variam com a grandezza da trompa e são um só para cada uma; por isso tambem nunca serve uma apenas, geralmente o grupo é de trez, intercalando-se os sons em toada, como sempre, monotona; cada trompa emite grupos de sons sempre na mesma ordem, o pri-

meiro mais extenso, separado por pequeno intervallo d'um grupo de dois ou trez mais curtos e aproximados.

Usam d'um buzio grande, furado, dando sons audiveis a grandes distancias e de tom variavel conforme o numero de dedos com que tapam a abertura; serve para transmittir signaes ao longe ou para simples distracção, exactamente como ao sul do Tejo usam os ceifeiros e os pescadores.

Empregam outro instrumento para simples entretenimento de poucas pessoas ou só do tocador, sempre acompanhando a toada unica das canções cabindas (●●). Consta d'uma pequena haste de madeira rija, cylindrica, de dois e meio a quatro decimetros de comprimento por um e meio a trez centimetros de diametro, em cuja superficie, ao longo da mesma geratriz, se faz uma serie d'entalhes eguaes e parallellos entre si, de um ou dois millimetros de profundidade e outro tanto de largura, separados por espaços eguaes d'um centimetro no maximo cada um, entalhes perpendiculares á maior direcção da haste, cuja superficie é talhada só n'um terço ou metade da circumferencia. Toca se encostando um dos extremos ao peito e o outro a uma porta ou outro objecto resistente que possa dar resonancia; a unha do indicador, ou melhor qualquer bocadinho de madeira, empunhado por um extremo ou por dois, vae saltando d'um para outro entalhe e percorrendo maior ou menor numero d'elles, vagarosa ou rapidamente, a seguir todos ou com intermittencias, quer na ida quer na volta; assim se executam modos diferentes de formar acompanhamento á voz. E' de pasmar como ás vezes um indigena, mórmente sendo rapariga, passa sósinha horas seguidas cantando em voz baixa e acompanhando-se com este instrumento.

Outro meio d'obter sons é empregar o instrumento (*sámbi*) formado por uma taboa (de dez a quinze por doze a dezoito centimetros) de madeira leve escavada ou não inferiormente, podendo assentar sobre caixote, lata ou outro objecto como resonador; na face superior lisa, estão, presas por um extremo e o outro livre depois de passarem sobre tosco cavallete fixo á mesma taboa, umas laminas, ou metallicas ou de casca de *bordão*, delgadas, de dez a quatorze centimetros de comprimento. Toca-se com os pollegares das duas mãos que ao mesmo tempo seguram a taboa; o som é produzido pelo attrito da polpa do dedo na face superior da lamina, do meio para o extremo livre e pela vibração d'este quando o dedo o abandona; as grossuras e comprimentos diferentes das laminas explicam a variedade, pequena, dos sons obtidos.

Teem uma especie de guitarra de duas cordas, feitas de fibras vegetaes torcidas, retezadas por meio de cravelhas rudimentares de madeira no extremo d'um pau, que serve de braço e se fixa no outro extremo n'uma cabaça alongada, que faz o papel de resonador; é n'esta que estão presas as outras pontas das cordas depois de passarem primeiro sobre umas fendas da cabaça e depois sobre um pequeno pau a modo de cavallete.

Os instrumentos europeus tambem são utilizados; usam uma

xtraordinaria variedade de assobios e gaitas, mas preferem os harmoniuns de pequenas dimensões e baixo preço e os apitos com ou sem bola.

140.ª — Tributos

Nos primeiros dez annos da nossa occupação, apenas se iniciou o imposto de palhota; a exigencia de trabalhadores feita aos principes era um estimulo para o trabalho, um lento costumar á sujeição, um modo indirecto de contrariar a preguiça indigena e de insinuar a utilidade e conveniencia de nos seguirem os exemplos; pagou-se sempre tudo, até por salarios mais elevados do que era habito; não era um trabalho forçado como nós o entendemos ou por tributo; apenas os principes, por interesse proprio, usavam da sua auctoridade para os trabalhadores se apresentarem.

Se, d'accôrdo com os Estados vizinhos, estabelecemos pequenos direitos alfandegarios, não produziram elles disequilibrio commercial por mais que assim o digam os negociantes; fizeram apenas diminuir-lhes os lucros, porque ás mesmas fazendas correspondiam as mesmas quantidades de generos indigenas; a grande diminuição d'estes e a dos preços d'elles na Europa, é que foram os factores do estagnamento dos negocios e dos prejuizos soffridos; o repentino augmento de numero de casas commerciaes e a concorrência á compra da mesma quantidade de productos coloniaes, complicaram a situação; a região era demasiado pequena para tanta feitoria e os belgas cortavam pelo interior os caminhos do negocio para a costa.

Se o nosso dominio, com a occupação do territorio de Cabinda, não levou ao indigena aggravamento das condições da sua vida, antes lhe forneceu multiplas fontes de receita, não deixou elle de continuar sujeito ás mil extorsões que, a pretexto dos costumes ou leis do paiz, a toda a hora soffre dos seus grandes ou impõe aos eguaes e inferiores. A proposito de quantas ceremonias descrevemos de mais algum vulto vemos sempre que, se o *principe* participa, presente ou não, das custas do caso, muita outra gente, sob mil fórmas e pretextos, vae tambem *comendo fazenda* (120). Se o nascimento ou morte de um preto dão origem a despesas da familia, raro será o acontecimento que não trará despesas durante toda a vida. Como ha sempre meio facil de haver questões, já por a ellas se ter dado origem já para se provar que não se tem responsabilidade na imputação; como parece não haver sentimentos altruistas nem dedicações onde não houver interesse proximo ou remoto; percebe-se que alluvião de negocios, para nós sem importancia, trazem constantemente enleiado um cabinda, e como esses, sommados á insaciavel sêde de prazeres, absorvem tudo o que tal indigena pôde angariar, levando-o á pratica arriscada de actos, até de consequencias prejudiciaes, mas que se afiguram fontes faceis de rendimentos.

As principaes auctoridades indigenas, donas dos terrenos, senhores dos haveres, e até certo ponto das vidas dos subordinados; recebendo em tudo e por tudo, mesmo nos casos em que a sua interferencia foi nulla; não tem necessidade de recorrer a impostos ou a tributos com esse character lançados genericamente com fim determinado. Diariamente mil pretextos se offerecem para lhes dar rendimentos e elles guardam cuidadosamente as suas prerogativas de classe, vivendo a seu modo vida folgada. Mas, se, envolvidos em grave questão que perdem, são condemnados a pagar pesada multa, sempre haverá modo de fazer crêr que a questão perdida era por interesse do povo (se a ganhasse era exclusivamente do *principe* e só elle tiraria os proventos) e a derrama por elle dará o necessario para as despesas; o povo ficará pobrissimo, o *principe* perderá, quando muito, alguma influencia por ter d'entregar como escravos (37) alguns dos seus subditos.

Os tributos ás auctoridades são sempre classificados de presentes, embora o costume obrigue ao presente para se obter o desejado; se se dão os presentes estipulados nas varias alturas do andamento do negocio de que se trata, e a pretexto de diferentes usos e complicados requisitos que o habito impõe, talvez não se obtenha o que se quer, mas evitam-se novas complicações; se falta o presente quando surge novo incidente, mas presente proporcional ao acto, á categoria da pessoa a quem é dado, e aos haveres que se admittia ter o individuo quando começou a tratar d'aquillo em que se envolveu, é melhor abandonar o assumpto, porque ou parará a marcha em quanto não se entregar o tal presente, ou este virá depois a ser pedido com a multa pela falta e os juroz pela móra.

141.ª — Crises de fome

Dadas a frugalidade da alimentação indigena, a enorme força vegetativa do solo, a paz podre em que ha numerosos annos vivem, a abundancia d'animaes terrestres, fluviaes e marinhos que podem apanhar, apezar dos meios defeituosos que empregam, e a abundancia de fructos, tuberculos e raizes comestiveis que a natureza por si lhes offerece, chega a ser difficil perceber como haja crises de fome.

E' verdade que são raras e que n'ellas algumas vezes a natureza influe, mas a sua causa principal, se não a unica, é a imprevidencia e a indolencia do preto; quando ha abundancia quasi nada se guarda, algumas massarocas de milho, algum peixe secco, algum bocado de carne secca e tuberculos de mandioca que poderão dar alimentação por uma ou duas semanas; o resto estraga-se, vende-se, desbarata-se, não se conta com o dia d'amanhã, não se precavê contra acontecimento algum.

Se vem estiagem n'esse anno, ou grande irregularidade das chuvas, um pouco de resignação e uma alimentação peor são as

unicas consequencias. Se tal se repete em dois annos successivos, começa o caso a dar algum cuidado, mas pouco, faz-se algum dinheiro de qualquer coisa, trabalha-se um tanto, e isso basta. Se dura trez annos (e raras vezes dura mais, dizem) começa a fome, recorre-se aos *feiticos* pedindo chuva (126), procurando saber a quem attribuir a falta de agua, castigam-se os culpados, emigra-se.

O homem não cultiva a terra; a mulher tambem não o faz senão poucas horas por dia, e vagarosamente, e poucos dias, que o descanso é muito apreciado, as festas repetidas, e quando ha folia deixa-se o trabalho; os rudimentares processos das poucas culturas, o completo desconhecimento da sequencia de phenomenos precusores da sécca, a redução das plantações ao que se julga indispensavel para consumo e semente no anno futuro, a sede insaciavel de prazeres, de luxo, de satisfação de vicios e de bebidas alcoolicas, que leva a vender tudo que parece dispensavel entrando mesmo pelo necessario; tudo concorre para o estabelecimento e aggravamento da crise.

Se a emigração foi grande em busca de miragens tentadoras ou por fuga a doença epidemica; se a estação fria matou muita gente ou se desenvolveu muito uma doença mortifera, especialmente a variola; se questões entre *príncipes* deram receios d'instabilidade e origem a grandes indemnisações para que o povo contribuirá na quasi totalidade (140); se uma praga de gafanhotos devastou as culturas; se a falta de chuvas no interior d'ali afugentou milhares d'animaes que vem para o littoral procurar alimentação e produzir estragos; se apparecem casos assim imprevistos ou cuja solução não seja extremamente facil de perceber e de executar, esses novos factores contribuem para a miseria e para a fome.

De 1887 a 1897 só uma vez, que me conste, começou a haver fome entre os indigenas, e foi pouco intensa e duradoura. Contaram-me porém que, com quanto raras, algumas crises grandes tem havido, sendo necessario queimar os ultimos cartuchos, escravizar parentes, vender filhos, resignarem-se a morrer os invalidos e os desprotegidos.

142.* — Mandioca e seus derivados

A planta *manihot utilissima* presta grandes serviços na alimentação dos cabindas, como em geral na de todos os pretos. Ha longos annos introduzida em Africa pelos portuguezes ¹, é a cultura que aos cabindas maiores cuidados merece, a que constitue a base de todas as suas refeições, dando-lhes tambem uma bebida (157).

Cultivam a mandioca do seguinte modo: escolhido o terreno

¹ Conde de Ficalho — *Plantas uteis da Africa portugueza*, pag. 255.

— sempre coberto de altaservas como todo o inculto da região — esperam que estas estejam seccas e lançam-lhes fogo para as destruir, bem como aos numerosos insectos, e para aproveitarem as cinzas, servindo d'adubo no proprio logar; esperam as primeiras chuvas e depois revolvem ligeiramente o terreno, fazendo umas series de pequenos comoros rectangulares, de lados pouco menor e pouco maior do que o metro, separados entre si por uns regos tortuosos de trinta a sessenta centimetros de profundidade, conforme a menor ou maior demora das aguas das chuvas habitualmente em tal local. Cortam hastes das plantas mais vigorosas d'outra seára e dividem-n'as em estacas de proximamente meio metro, estacas que são cravadas, muito obliquamente e em quasi todo o seu comprimento, na superficie do comoro em linhas parallelas. Tempo depois nascemervas que são tiradas, uma vez e ás vezes duas, raspando o chão com as suas pequenas enxadas (179); logo que a mandioca toma desenvolvimento deixa de nascer herva, e todo o cuidado da cultura se resume então em renovar os regos, deitando a terra que d'ahi tiram sobre os tuberculos da plantação; estes apparecem e crescem rapidamente, mas só por necessidade os colhem antes d'um anno, geralmente ao fim de anno e meio, escolhendo os maiores, descobrindo brandamente antes de arrancar.

Cru, simplesmente descascado, este tuberculo (em *fiôte pânza*) é ingerido juntamente com a amendoa do fructo da palmeira (*coconote*); para isto o tuberculo deve ser o mais fresco possivel, é tirado da terra no proprio dia em que é comido. Por esta fórma não consomem grandes quantidades, a pretexto de ser *quegila* (180) (leia-se *kijila*); comprehende-se os maus resultados que tal tuberculo possa ter dado, visto ser a planta uma euphorbeacea tendo, algumas variedades, um principio venenoso.

Para os preparados da mandioca teem nomes especiaes:

1.º *maĩáka* — Descascam-se os tuberculos, deitam-se em um *mutête* (181) cujos bordos livres se amarram um ao outro fechando-o: mette-se o todo dentro d'agua (de preferencia corrente) onde se deixa ficar até fermentar ou apodrecer, ou seja uns seis dias no tempo quente e oito no fresco; por este modo é extrahido o veneno proprio do tuberculo e parece ser esse desejo o fim principal de banho tão demorado. Lavados cuidadosamente, cada tuberculo por sua vez, collocam-se dentro de novo *mutête* forrado de folhas frescas de bananeira onde são transportados; depois são cozidos a vapor (182), novamente passados por agua fria, cortados em bocados e assim consumidos.

2.º, *eskuânga* ou *chikuânga*. — Segue-se o mesmo processo mas, antes de ser cozido, cada tuberculo é ralado esfregando-o com força contra os entalhes feitos n'uma taboa especial (183); o producto obtido é mettido aos pequenos pedaços em folhas de bananeira enroladas e com os extremos dobrados, sendo o todo atado de maneira a formar pequenos pacotes achatados, d'uns 12×14 centimetros, que são então cozidos a vapor. Ficam com um cheiro desagradavel, estercoreal; é correspondente ao nosso pão.

3.º, *fadiço*. — É o nome que toma o tuberculo se, depois do banho demorado, é posto a secçar ao sol e conservado inteiro assim secco, tornado leve e de superficie toda gretada, tomando facilmente a côr cinzenta esverdeada.

4.º A farinha de mandioca, mais conhecida entre nós por farinha de pau. Faz-se descascando o tuberculo fresco e ralando-o immediatamente (136); obtem-se uma polpa que se põe a secçar ao sol, ou a fogo brando sobre chapa metallica, podendo ficar a farinha fina ou grosseira, conforme a peneira (137) fôr ou não empregada.

5.º, *sáka*. — Não já o tuberculo, mas as folhas novas da mandioca, ou melhor os rebentos, cozidos em agua e sal e temperados com azeite de palma, são usados na alimentação, muitas vezes como acompanhamento de peixe ou de carne.

143.ª — Palmeira

Dos varios grupos d'esta especie é designada pelos europeus por este nome só, ou por palmeira do azeite, a *elais guianensis*, que os indigenas chamam *ibá*. D'ella aproveitam: as folhas, empregando-as como as colhem, para coberturas de ligeiros abrigos para pessoas ou coisas, ou agrupando-as e tecendo-as entre si, formando *mutête*, (156) cesto (99), etc.; o fructo, o cacho (*zingázi*) para extrahirem o oleo ou azeite de palma, e o miolo da amendoa ou coconote. O fructo completo, ou cacho, não tem nome especial, designam-n'o por *zingázi* que quer dizer muitos *gázi* em numero indeterminado; cada parte componente d'elle, a que chamamos dendem (por corrupção do termo nebundo *dênde* que os cabindas usam algumas vezes) chamam elles no singular *gázi*; a amendoa com casca a que chamamos coconote, é *mekândi*, no plural *imekândi*; a polpa da amendoa, sem casca, designam-n'a por *kúunki*.

Aproveitam ainda o tronco da palmeira para formar assentos, pilões, etc., e para queimar produzindo fogo brando e muito fumo que empregam (95) para afugentar mosquitos, conservar as cabanas, fumar carne ou peixe e para mumificar os seus mortos de maior consideração (104).

Extrahem a seiva para beber, fresca ou fermentada (137) e alimentam-se tambem com o rebento terminal ou palmito.

As palmeiras, e mais esta do que qualquer outra, são d'uma grande vantagem para o cabinda, até constituem os tectos das suas habitações (14), e só admira que, apezar de tudo, não as semeiem (10), entregando ao acaso e ás forças naturaes a multiplicação de arvore tão proveitosa.

144.* — Azeite de palma, coconote, etc.

Este azeite pôde ser aproveitado fresco ou antigo. No primeiro caso é usado quasi exclusivamente para o fabrico d'uma comida chamada *muâmba* (145), e para o fazer escolhem-se, no cacho da palmeira, os bagos melhor amadurecidos, lavam-se, pisam-se a maço de pau n'um pilão, separando se assim do caroço uma polpa fibrosa que, com alguma agua, se deita n'uma panella posta ao lume, mexendo-se sempre a massa; pouco a pouco a substancia gordurosa vae separando-se das fibras que vão sendo tiradas (mesmo á mão) e por fim filtram por um tecido de fibras vegetaes, passando o azeite fresco e limpo que se solidifica em pouco tempo. Para fazer a *muâmba*, aquece-se o azeite que se quer empregar e n'elle se deita então a comida principal e os restantes temperos.

O azeite de palma secco, antigo ou preparado em grande, é quasi só destinado a commercio com o europeu. Para o preparar põe-se o cacho inteiro, até se desagregar facilmente, ou dentro d'agua, ou debaixo da terra; a polpa desprende se, então melhor do que fresca, do caroço que se separa, indo o restante, depois d'escorrido e sacudido, para dentro d'uma grande panella posta ao fogo; de quando em quando, com um pequeno *mutête* (156) percorre-se a massa em fusão para n'elle ficarem as fibras maiores, algumas folhas e outras impurezas de maior volume; vasa-se depois a panella dentro de grande vasilha de madeira, por exemplo o resto d'um barco indigena (157), onde o azeite arrefece coalhando, formando grande pão, que é depois cortado aos bocados e levado ao comprador.

Por este processo de preparação o azeite fica bastante impuro, contendo agua, terra, folhas e fibras menores, etc., o que tudo acode ao peso quando é vendido. Mas o negociante é que deixou de compral-o como lh'o apresentam e tem grandes caldeiras de ferro em que deita o azeite que lhe offerecem, fazendo-o derreter pelo fogo e aproveitando só as camadas superiores que sobrenadam na agua, que lhe junta, visto as impurezas ficarem no fundo, constituindo o que chamam *dôte*; durante a fusão, mergulham na massa um prato que retiram examinando o que o oleo faz á superficie da louça; se corre rapidamente e deixa apenas riscas d'oleo, é porque tem misturada muita agua; se o prato fica igualmente barrado d'azeite coalhando pelo re-friamento, o azeite é melhor. O negociante paga só o oleo que apurou á vista do comprador, e este deixa ficar o *dôte* que não lhe vale a pena transportar de novo.

Com o tempo vae o negociante juntando bastante *dôte*, massa formada por todas as impurezas do azeite, mas contendo ainda boa porção d'este. Então corta se o *dôte* aos bocados, expõe-se novamente ao fogo dentro de grande panella de ferro, juntando uma

parte, em volume, d'agua por cada duas de *dóte*; faz-se arrefecer a massa — toda fundida, durante duas a tres horas — sempre remexendo para não se correr o risco de rebentar o caldeirão, depois do que se deixa o todo em repouso a resfriar completamente. Sete a oito dias depois sobrenada uma porção solidificada de bom azeite e estão no fundo as impurezas; a separação é facil e tal azeite é lucro.

Os caroços que se separam no começo da preparação do azeite, são expostos ao sol durante alguns dias e depois partidos com pedras como entre nós se faz aos pinhões; o miolo, ou amendoa, é vendido assim com o nome de *coconóte* ou *mikânda*, ou, depois de pilado (chama-se então *kunki*) come-se assim mesmo com mandioca crua.

145.ª — Muâmba

Genero de comida muito apreciado, que denota certos cuidados e haveres do preto que o consome, e que é tambem bastante usado por europeus. Póde ser de peixe, de gallinha, de pato, de camarão, etc., e prepara-se fazendo primeiro o azeite fresco (144), passando-o pelo ralador e deitando-o n'uma panella com alguma agua, que se põe ao lume; junta-se cebolla, louro e outros temperos que podem arranjar, mas sempre a pimentinha pisada com sal; n'esse mólho fervente será mettida a substancia que vae dar o nome especial ao generico do prato; exemplo, *muâmba-i-sússo*, é a de gallinha.

146.ª — Pesca

Occupação muito trivial nos homens, modo de vida até de grande numero d'elles, não consegue, embora a bahia seja muito piscosa, colher o sufficiente para fornecimento diario dos europeus e indigenas, e menos ainda para satisfazer o negocio para os mercados do interior, para onde quasi só é levada a sardinha miudissima, abundantemente colhida em dadas epochas; tem esta por unico tratamento o ser sêcca ao sol sobre a areia da praia, pelo que adquire um cheiro desagradabilissimo para nós, mas parece que nada repugnante para elles, pois que usam este processo de conservação para outros peixes, mesmo que sejam para consumir no dia seguinte; julgo até que não gostam de peixe fresco, precisa sempre algumas horas de sol para ficar, como elles chamam, maduro.

Poucas vezes põem ao fumeiro o producto da pesca, a não ser algumas grossas tiras que compram aos baleeiros e depois vão vender ao interior, e os grandes bocados de tubarão; não empregam a salga, não por a desconhecerem ou darem pouco apreço ao sal, mas porque este é caro e se emprega parcimoniosamente no momento de preparar a refeição, quando o ha.

Fôra da praia, a pesca é quasi só á linha; o anzol é de fabrico dos brancos; as linhas são formadas por elles com fibras vegetaes, e tintas, de vermelho muito escuro ou preto, com sementes verdes fortemente tanninosas; geralmente a linha tem tres a seis anzoës. Um ou outro pescador consegue arranjar material com que faz um apparelho de muitos anzoës, uma ou mais linhas mantidas entre duas aguas com o auxilio de boias (de madeira leve) e tendo d'espaco a espaco pequena linha com um anzol.

A pesca do tubarão é sem rêde nem anzol, por um processo simples, que bastantes vezes dá o resultado desejado. Formam um cabo, de 15 a 20 metros, enrolando entre si varios troncos delgados de plantas trepadeiras, despídos de folhas, e prendem fortemente um dos extremos a um rochedo da costa; n'esse cabo estão presos, de fôrma a conservarem-se verticaes, bocados de haste de madeira o mais rija possivel, pouco mais grossos do que um pulso do pescador, de 60 centimetros, em media, de comprimento, terminando em pontas bastante aguçadas proximo das quaes ha, de cada lado, um entalhe fortemente pronunciado; sensivelmente ao meio do pau é collocada a isca que fica ao lume d'agua vendo-se acima d'esta uma parte do pau. Na praia proxima estão os pescadores e o vigia, junto d'algumas embarcações abicadas, tudo prompto a fazer-se ao mar, indo alguns homens munidos das maiores facas que conseguiram obter. O tubarão conhece de longe onde está o isco; approxima-se vagarosamente descrevendo curvas, mas deixando perceber onde se acha, por trazer quasi sempre fôra d'agua a ponta da galha ou barbatana dorsal; já proximo da presa, glutão e voraz, abre a enorme bôcca e por ella tenta fazer entrar tudo; approxima fortemente a queixada, para que a poderosa dentadura corte o que não puder engulir d'uma vez; então os extremos aguçados do pau perfuram, em dois pontos oppostos, a bôcca que custa a abrir novamente porque a disposição dos entalhes a isso oppõe difficuldade. Chega a occasião d'intervir, porque a demora daria como resultado não muito distante o corte do apparelho e a fuga do animal; chegam rapidamente os pescadores e em quanto uns manobram, com agilidade e destreza, as embarcações, evitando a cauda do inimigo, outros cravam as facas no corpo d'este, em qualquer logar d'elle; produzem-se hemorragias abundantes que bastantes vezes dão o triumpho aos homens; a presa é rebocada para a praia e ahi esartejada e preparada. E' pesca pouco frequente.

Nos pequenos cursos d'agua doce a pesca faz-se por diferentes modos, sendo o mais trivial por um apparelho fixo que atravessa de margem a margem a corrente, estendido em plano vertical, como uma cortina, desde a superficie do liquido até oitenta centimetros ou um metro abaixo d'ella; esta cortina é um tecido de fibras vegetaes, reforçado por hastes de trepadeiras, formando obstaculo á passagem do peixe que, se não passa por baixo, vae ao longo da rêde até proximo das margens, onde encontra, em cada uma, uma especie de sacco de rêde de malhas apertadas em que fica detido.

Nos cursos d'água maiores, navegáveis pelas suas embarcações, nos muito largos ou de forte corrente, e do mesmo modo na praia do oceano, os cabindas empregam outro processo, escolhendo um remanso formado por alguma concavidade da margem que é exteriormente fechada por estacaria, a que se prende um panno de rede de fibras vegetaes collocado verticalmente e tendo uma fenda que dá entrada ao peixe que procura n'aquelle ponto alimento mais facil de encontrar do que no cheio da corrente.

Essa fenda corresponde a outro pequeno plano de rede quasi paralelo ao grande, com os extremos quasi a tocar-lhe; o peixe entra pela fenda, deparando com o segundo plano contorna-o até encontrar qualquer das duas estreitas passagens formadas pelos extremos d'elle com a rede maior, passa para dentro do espaço circumscripto por esta e poucas vezes d'ahi sae por não reencontrar a abertura da passagem.

Nos mesmos casos usam tambem um instrumento analogo aos nossos côvos, mas cuja fórma é cylindrica ou proximamente cubica; é feito do mesmo modo e tem uma só abertura defendida pelo mesmo processo.

Em logares de duas a quatro braças de fundo, em que uma das suas embarcações possa ter pequeno deslocamento por vento ou corrente, usam outro aparelho que a embarcação atravessada vae empurrando; é um grande rectangulo de rede, de malha fina, esticada por quatro paus que a circumscrevem; essa rede, collocada obliquamente á vertical dentro da agua, liga-se a um dos bordos da embarcação pelas duas hastes (geralmente do levissimo *bordão*) parallelas que assentam na borda, uma ávante outra á ré, estando junto de cada uma um homem para a manobra.

Esta é simples: depois de tempo mais ou menos longo em que vae tudo deslisando pela agua, carregam simultaneamente nas varas que teem nas mãos e que, funcçãoando como alavancas interfixas na borda, levantam a parte mergulhada, em cima da qual pôde vir algum peixe que escorregará para dentro do barco quando a inclinação fôr para isso sufficiente. Com o mesmo instrumento pode a pesca ser feita por duas embarcações, sustentando cada uma sua vara e remando-se de modo que caminhem parallelamente os dois barcos: depois de certo percurso, uma das embarcações toma conta das duas varas e faz a manobra, indo a outra para mais longe assustar o peixe para que fuja para o lado da rede.

Mas o processo mais usado para a pesca na praia é a rede d'arrastar, processo que varia conforme a profundidade da agua.

Mesmo junto de praia de declive quasi nullo, no mar ou lagôa, a rede é constituída por paus parallelos, de mais de um e menos de dois metros. distantes entre si dois a tres metros, e ligados todos por uma tira, de 30 a 50 centímetros de largo, formada por um encanastrado de fibras ou delgadas hastes vegetaes: a tira pode ter cincoenta e mais metros de comprimento, liga-se exactamente aos extremos d'um lado dos paus parallelos, ficando os outros extremos livres para poderem ser, todos ou não, empunhados

pelos pescadores, que precisam ser bastantes porque o aparelho é pesado; o lado inferior da tira é continuado por uma especie de franja de folhas de gramineas, soltas a modo de cadilhos. Para pescar por este systema não é usado barco; a curiosa rêde estende-se pela praia ao longo da borda d'agua; varios homens tornam vertical a tira empunhando todos ou quasi todos os paus maiores; arrasta-se o aparelho para dentro d'agua obliquamente á praia, vae o preto da frente affastando-se d'esta até certa distancia e os outros seguem-n'o sempre, mesmo quando elle volta ao encontro da praia, nadando se é preciso; a tira, collocada verticalmente um pouco abaixo da superficie liquida, limita uma porção de mar tendo os extremos proximos da praia, para onde se puxa então pelas duas pontas conservando sempre a fórma curva da rêde que vae assim pouco a pouco pondo-se a sêcco; o peixe que, assustado, passou para a terra da rêde, é d'este modo trazido á praia.

Mas, de todos, o processo mais vulgarmente usado pelos cabindas na costa da sua extensa bahia de fundos não superiores a seis metros, é o da rêde d'arrastar, muito semelhante ao nosso chinchorro.

A rêde, de 30 a 50 metros de comprimento, continuando-se a um e outro lado por pannos de malhas larguíssimas que rematam em compridos cabos, vae tendo malhas cada vez mais apertadas até junto do copo, especie de cone de malhas finissimas; conservada á superficie por boias de madeira ou cabaças, pende verticalmente, lastrada por pedras ou bocados de metal (mais vezes o ferro), formando panno vertical. Da praia sae a embarcação deixando a ponta d'um dos cabos e, á força de remos, affasta-se deixando pelo mar o cabo, depois a rêde, depois o outro cabo até voltar com a outra ponta á terra; fica assim o copo 150 a 300 metros distante da praia. N'esta os homens e os rapazes caem nos cabos que vão puxando vagarosamente, approximando-se tambem os dois grupos pouco a pouco para que a rêde venha sempre em arco. A medida que vem chegando a rêde, vae augmentando a vozearia que attinge o maximo quando o copo chega á beira-mar se traz pescaria que é apanhada á mão e levada em saccos, de rêde com arcos, muito semelhantes aos nossos chalavares.

Não vi pescar á canna, mas vi bastantes vezes utilizar, para apanha de peixe miudo, a rêde triangular que entre nós se usa para o camarão, e empregando-a da mesma maneira. Um ou outro preto possui e usa tarrafa.

147.º — Caça

O modo mais vulgar de caçar é com armadilhas e, para as feras, é o unico usado; nunca vi usar da flecha, caiu em desuso e já não ha atiradores capazes; empregam bastantes vezes a espingarda de carregar pela bôcca. Pouco usam, e só para passarinhos que vendem aos brancos, do succo glutinoso d'alguna planta ao



modo do nosso visco; tambem para as pequenas aves adoptam uma imitação da nossa costella.

Merece menção especial o modo de caçar macacos: empregam uma cabaça grossa, solidamente presa, na qual fazem um orifício por onde custe a caber a mão do macaco, e por esse buraco introduzem na cabaça pedaços de massaroca de milho, de que espalham alguns bagos em volta e na direcção da armadilha. O macaco, aproveitando os grãos, vae approximando-se da cabaça e, espreitando, vê a massaroca de que trata de apossar-se; para isto dispõe os dedos da mão por fórma que ella fique o mais estreita possível, mette-a pelo orifício, apanha o pedaço de milho e tenta tiral-o produzindo barulho que denuncia a manobra ao caçador que pressuroso acode gritando; o macaco, assustado, tenta fugir mas, ou porque queira a todo o custo levar o milho, ou porque não se lembre de o largar para poder tirar a mão, é apanhado em flagrante de furto.

Fazem a caça dos ratos grandes que abundam nos campos, servindo-se — como nós de furão para os coelhos — d'um animal semelhante ao furão, o manguço, depois d'educado; á sahida do buraco o rato entra em um sacco de fibras vegetaes ou, mais vezes ainda, espera-o a mão do caçador que rapidamente o segura, lhe aperta o pescoço e bate com a cabeça contra qualquer corpo duro.

As armadilhas para a caça maior poucas vezes são como as nossas grandes ratoeiras, e nunca são assim para os lobos e outros (poucos) animaes perigosos. Para estes serve sempre d'isca um animal vivo, preso a uma estaca e cuja voz se ouça ao longe; geralmente é escolhido um cabrito que se prende de modo que, quando o animal carnívoro quizer arrebatá-lo, fique defronte do cano d'alguna espingarda cujo gatilho está ligado á presa; a espingarda, carregada até á bôcca e occulta, dispara-se e mata a fera ou deixa-a ferida o bastante para não haver perigo para quem a matar á faca. Póde variar o numero d'espingardas ou ser toda a armadilha no fundo de cova tão profunda e estreita que não permita a formação de salto que deixe fugir a presa; se esta não morrer por este modo, será morta a tiro de cá de cima. Para estas caçadas combinam-se geralmente muitos dos pretos visinhos e alguns vigiam de cima das arvores proximas; succedem quasi sempre de noite.

Tambem é usado o modo de caçar com espingarda e cães, mas com a particularidade de que estes levam ao pescoço chocalhos, parecendo que tal é necessario não só para o caçador perceber onde elles se acham no meio de tão altas hervas, como para que a caça fuja do cão approximando-se do caçador que está quieto e calado; os cães estão educados a formarem, dispersando-se, um circulo em volta do caçador para onde convergem ladrando. Os cães, ordinarios gosos, magros, estropiados, cheios de fome, nem teem qualidades especiaes para a caça nem supportam corridas em perseguição d'outros animaes; farejam a caça e levantam-n'a, mais nada.

Não me constou que houvesse caçadores de profissão; as caçadas teem geralmente por fim livrar alguma aldeia do animal que lhe está fazendo prejuizos.

148. — Capim : queimadas

Toda e qualquer herva é assim designada quando fallam portuguez, quer seja vegetal rasteiro quer, tornando o aspecto de caniço, chegue a adquirir tres metros e mais. Todo o terreno descoberto d'árvores é coberto de hervas. e assim ha extensões enormes ondulando ao sabor do vento, acamando com as chuvas, levantando-se novamente pelo sol até lhe chegar a vez (de março por diante) de seccar, apodrecer e esperar nova epocha da germinação das sementes (outubro). Logares ha onde quando umas hervas seccam outras nascem, mantendo-se sempre a côr verde.

Cortar as hervas ao nivel da terra com enxada, ou arrancar á mão as mais tenras, diz-se *capinar*, o que a preta só faz voluntariamente no interior das suas plantações; todo o serviço semelhante em sitio differente, nas ruas da nossa povoação, nos nossos quintaes, nos caminhos das aldeias, nas estradas para os funeraes, ou é feito com a mira no lucro ou por imposição das suas auctoridades. Capinar antes de junho em Cabinda é tempo perdido; no logar onde a herva foi cortada reapparecerá ella antes de completos tres dias; d'ahi até outubro consegue-se limpar o terreno, que não seja muito fresco, por algum tempo, um mez talvez, mas nasce logo herva nova embora menos basta e de crescimento demorado em quanto não chover.

Só as hervas pequenas, novas, dão bons pastos; os animaes não pegam nas maiores. Mas no meio d'essa vegetação abrigam-se muitas especies de animaes de todas as castas, uns muito prejudiciaes ao homem ou ás suas culturas, outros constituindo caça; é por isto que o cabinda não se esquece cada anno das queimadas que começam logo que a herva principia a seccar estendendo-se por toda a estação sem chuvas, apparecendo geralmente de tarde, mas demorando-se muitas horas, ás vezes dias seguidos. O fogo, encontrando facil combustivel, e aticado pelo vento, avança com extraordinaria actividade tudo queimando, chegando a offerecer verdadeiros perigos. Um modo vulgar de defender as aldeias do incendio que de longe vem lavrando, é deitar fogo ás hervas proximo do povoado que vão ardendo lentamente em direcção excentrica, detendo-se depois a queimada por encontrar falta de combustivel.

Com as queimadas são muito damnificadas as arvores, destruidos milhares d'arbustos, o que tudo concorre para uma destruição que só a extraordinaria força vegetativa d'esta região tropical consegue remediar.

Se as queimadas são bastantes vezes lançadas com o fim de desbravar terrenos para cultura na epocha seguinte, muitas ou-

trazem como simples fim a caça; realmente todos os animais, sentindo o fogo, tratam logo de fugir em carreiras desordenadas; completamente desorientados, os não ferozes veem quasi entregar-se aos homens que facilmente os matam. São as cobras as que mais vezes as queimadas sacrificam, mas ainda bastantes escapam nos seus covis cavados na terra.

149.º — Agricultura

A proposito da mandioca (148) digo o modo como desbravam a terra que é sempre o mesmo que para essa principal cultura indigena. Nunca se emprega outro adubo que não seja a cinza; sempre se revolve a terra apenas á superficie; o instrumento de trabalho é só a enxada (200). Plantam bastantes vezes batata doce, para que fazem os mesmos comoros que para a mandioca; a reproducção é feita por mergulhia das hastes da planta. Para o mendobi não fazem comoros, escolhem terreno fresco, mas não alagadiço, e procedem por semente. Para as varias castas de feijão fazem como para a mandioca e poucas vezes põem esteios, mesmo que a variedade seja trepadora. O milho tambem é cultura predilecta que merece cuidados semelhantes aos da mandioca, amanhando do mesmo modo a terra que escolhem bastante humida; a sementeira faz-se com enxada velha e gasta a modo de sacho, deitando dois ou trez grãos em cada cova e esta distante d'outra meio metro e mais. Quasi sempre o milho é cultivado nos intervallos da mandioca, da batata doce ou do amendoim; supponho que a razão d'isto está na preguiça indigena, pois que menos vezes terão de tirar as hervas da plantação, porque aquellas culturas, desde que attingem certo desenvolvimento, não deixam nascer herva, o que não succederia com o milho que necessitaria sachas repetidas.

Só do amendoim, e um pouco do milho, é que se planta mais do que o que se calcula chegar para as necessidades alimentares até nova colheita (141); o primeiro constitue artigo apreciado de permuta entre indigenas e com os europeus; em geral é bastante productivo apesar de ter por inimigos numerosos insectos.

As sementeiras e plantações começam com as primeiras chuvas (novembro e dezembro); só quando o tempo correu contrario ao ponto de ser para receiar colheita por demais diminuta, é que se faz segunda sementeira; comtudo, como o desenvolvimento vegetal é muito rapido, de quasi tudo se poderiam obter duas e até mais colheitas; mas isso seria trabalhar de mais!

Todos os trabalhos agricolas são unicamente feitos pelo sexo feminino; o masculino não desceria a coisa tão degradante; nem mesmo acompanha o feminino ás plantações.

Os logares escolhidos para cultura são em geral proximos das aldeias; não desdenham porém terrenos bons por estarem longe,

preferindo n'este caso que sejam escondidos dentro de arvoredos ou matagal.

150.ª — Criação d'animaes

Não posso chamar engorda porque de tal não se trata; quando qualquer animal destinado á alimentação humana attinge idade de tratar de si, deixa-se-lhe completa liberdade. até a de não comer que para isso nada se lhe fornece; o animal procura, come o que encontra, como e onde encontra, e volta, proximo da noite, para a casa do dono; nem mesmo para os porcos, carneiros ou cabras ha guardador; a dona da plantação que os afugenta ou que prove que houve damno se quizer ser indemnizada, mas tão fracamente o será que as despesas do processo lhe darão ainda prejuizo; que cada um conheça bem a sua criação e faça afastar a que não lhe pertence, para que não seja demandado como ladrão se deixou pernoitar com as suas cubeças que não tenha criado.

Porcos de raça degenerada, pretos, quasi sem pêllo, magros, esgalgados, semi-selvagens, correm desmedidamente soprando com força quando alguém se approxima; fossando aqui e ali encontram tuberculos e raizes comestiveis, furtam das sementeiras o que podem e, se é proximo do oceano que vivem, procuram na praia mariscos que ingerem; por conta propria caçam outros animaes, especialmente cobras, de que se alimentam.

As cabras, de pello muito curto, de grande cabeça mas pequenos chifres, pernas curtas e grandes abdomens, encontram quasi todo o anno por toda a parte herva nova; soltas de manhã, tratam de si durante o dia, e voltam ao anoitecer a casa do dono, chamando os filhos numerosos que lhes absorvem todo o pouco leite que o dono não chega a ver, quanto mais a aproveitar; não teem curral, dormem junto da cabana ou dentro d'ella com o dono.

E' aos patos e gallinhas que a mulher cabinda dispensa alguma attenção porque lhe pertencem exclusivamente e dão productos que ella venderá, podendo talvez vir a aproveitar-se d'alguma coisa que não gaste com o marido ou que elle não lhe gaste. Os patos, quasi sempre grandes, pretos e brancos, mudos, de grandes coraes, são resguardados á noite em pequena casa semelhante á da dona que lhes serve de capoeira (178) commum com as gallinhas da mesma proprietaria; gallinhas rachiticas, menores que os nossos frangos, da grandeza das conhecidas por gallinhas da ilha, vivem em communidade com os patos; de dia uns e outros procuram comida, furtam o que pôdem ás pessoas da visinhança e saciam a sede em algum charco proximo ou nas vasilhas da agua para bebida humana; civilisados pela fome, tues animaes são incommodos, saltam para toda a parte, assaltam as pessoas, furtam ás crianças, voltam as vasilhas, esquadrinham toda a habitação e todos os volumes, dão corridas extraordinarias e mesmo grandes vôos atraz d'insectos, fazem pela vida quanto podem. A dona não

lhes fornece comida, mas em troca dá-lhes completa liberdade; até podem fazer postura onde quizerem, que lá serão seguidos a maior parte das vezes pela dona, e outras pelas cobras, para se lhes aproveitarem dos ovos. A's vezes a gallinha ou a pata consegue fazer a postura completa ás escondidas e depois ficar no chôco; a dona julga-a-ha perdida, procural-a-ha nas hervas e poderá não a encontrar até ella apparecer com a sua geração; mas a maior parte das vezes ser-lhe-ha dado logar para chocar, disposição deveras curiosa. Para evitar que os inimigos de tão uteis aves se apropriem d'ellas e dos ovos, a preta dá-lhes protecção d'um modo engenhoso: n'uma das faces da sua habitação (14), geralmente na menor opposta á porta, por fóra da parede e bem alto, junto da cumieira e abrigado pela parte saliente da cobertura, colloca um cesto suspenso e bem amarrado á casa, deita-lhe algumas palhas, os ovos que pretende gerados, e põe-lhe a gallinha que ahi deixa dois ou tres dias para se habituar ao logar, conhecer que é commodo, socegado, proprio para o chôco e portanto conveniente para se dispensar de procurar outro; o cesto fica em altura bastante para nenhum animal que não võe poder lá chegar, e tão proximo do telhado que as aves carnicieras ou não o vêem ou não podem attingil-o no seu vôo de rapinagem. Mas a gallinha terá de occorrer ás suas necessidades diarias durante algum tempo cá em baixo e na terra, e para que tal faça quando quizer, sem dar trabalho a pessoa alguma, ser-lhe-ha offerecida uma escada do chão até lá, que se tirará de noite e estará collocada de dia; essa escada consta de dois pedaços de casca de bordão, tão compridos que possam chegar ao ninho, tendo uma inclinação d'uns 70°; essas hastes são unidas entre si por pequenos pedaços do mesmo material formando degraus espaçados de dois a trez decimetros; a gallinha em pouco tempo se habitua a usar d'esta escada com desembaraço.

Depois de nascidos os pintos é tudo retirado do cesto e accomodado na habitação da dona durante as primeiras semanas; em seguida os animaes ainda novos são obrigados a ir viver com os adultos na capoeira (15).

151.ª — Pena de prisão

Entre os cabindas apenas se prende alguem como refens ou fiador (152), mas essa perda de liberdade nunca é semelhante á nossa, não é estar detido em qualquer casa, nem ha casas especiaes para isso ¹.

Tambem quem é condemnado, nunca o é a pena de prisão; ha multas, ha indemnisações, ha castigos fortes, até crueis (153)

¹ Vidè no Vocabulario a palavra *cadeia*.

que levam a morte, mas não ha sequestração do criminoso. Mesmo nos casos em que o individuo é escravizado, temporaria ou permanentemente (37), não passa a vida isolado da sociedade, embora perca regalias e direitos que tinha. Não fica ao criminoso a liberdade que gosava, nem, fóra da escravidão, esse decrescimo de liberdade é considerado castigo e tanto que póde ser applicado a innocentes, até a não parentes do criminoso como se vê na nota primeiro citada acima.

Como precaução para que o delinquente, ou como tal indigitado, não fuja, poderá elle andar prezo com corrente, poderão amarrar-lhe as mãos nas costas, ou mesmo amarrar-lhe tambem os pés, ou ser, por exemplo, transportado todo amarrado dentro d'uma ti-poia (100); mas estes são simples meios d'evitar fugas, não são considerados castigos, são applicados antes do julgamento e até a pessoas que bem se sabe não serem criminosas nem cúmplices. Como castigo o cabinda poderá ser considerado escravo, mas não estará detido em casa especial.

Sem que digam nem pensem que a pena de prisão é remivel a dinheiro, parece que é isto realmente o que fazem, pois que a prisão é substituida por multa, por indemnisação mais ou menos pesada e a que chamam *kavála*, coisa differente das custas (136) ou despesas do julgamento que se pagam, ao vencedor quando ha parte, ou ao *príncipe* quando o crime é contra os costumes, contra a sociedade, sem haver realmente um individuo directamente prejudicado pelo crime.

152.º — Amarração

E' o termo consagrado pelo uso para designar uma coisa differente do que significa entre nós; não se usa o verbo; faz-se a *amarração* apanhando pessoas da familia d'aquelle a quem se quer obrigar a fazer determinada coisa, que geralmente é pagar o que deve; essas pessoas não ficam prezas em qualquer casa, andam e tratam das coisas de quem as amarrou e as sustenta, apenas sujeitas a vigilancia para que não fujam.

Em casos mais graves, quando pertencem a individuo que tem de responder por crime d'importancia ou por consideravel prejuizo feito a preto importante, podem estes refens andar ligados uns aos outros, aos pares ou em serie mais numerosa, por meio de correntes presas por cadeados; poucas vezes essas correntes prendem dando volta á cintura, algumas abraçam um tornozello de cada pessoa, geralmente abrangem o pescoço.

Amarra-se de preferencia pessoa grada da familia, e parente o mais proximo; depois os parentes mais affastados ou menos graduados, por ultimo individuo da mesma aldeia ou d'outra sujeita á mesma auctoridade. Amarram-se tanto mais pretos, quanto mais importante é a questão, ou mais demorada vae sendo a resolução d'ella.

Amarra-se para obrigar a restituir um furto, para obrigar a *fundação* (10), para que se apresente um criminoso fugido, para pagamento de dívida, multa ou indemnisação, para forçar a tomar *casca* (131), etc.

Assim se faz policia facil por conta propria pois, correndo rapidamente a noticia, os parentes que ficam livres empregam todas as diligencias para que tenha logar o que se pretende, afim de os refens recuperarem a liberdade. Se algum preso não é da familia do accusado, a d'aquelle fará *amarração* d'alguem da d'este e irá trocal-o por quem lhe pertence. Vê-se mais uma vez quanto se considera a familia toda solidaria com o proceder de qualquer dos seus membros, qual a grande dependencia em que estes estão do chefe da familia ou aldeia, etc.

Tratada a questão principal, seguem-se outras secundarias por causa das *amarrações*; se o que amarrou perde a questão, perderá o que gastou com os que amarrou e pagará as respectivas indemnisações; se é o outro que perde, o que amarrou recebe tudo o que gastou no vestuario e sustento dos refens, todas as despesas que a *amarração* lhe occasionou.

Resolvida a questão principal *dá-se vento* (161) aos refens e, se estes são da familia do que perdeu, recebem d'elle pequenas indemnisações, mas se não são, elles ou os seus responsaveis (114) chamam a *fundação* (10) o contendor que perdeu e que terá de lhes pagar multa por perda da liberdade, pela vergonha de estar preso, pelos prejuizos que fôr possivel allegar ter soffrido por falta de liberdade, etc.; é uma serie interminavel de questões que podem arruinar o mais rico e levarem muitos mezes a liquidar. Uma questão, ao principio muito simples, que demore muito tempo a acabar e dê *amarrações*, póde levar á ruina uma familia numerosa.

158.* — Pronuncia das lettras r e l

Quando fallam portuguez alteram muito o som d'estas lettras: nos casos em que usâmos *r* forte (ou dobrado ou inicial) substituem-n'o por *l*; quando o som é fraco, algumas vezes, embora raras, dão-lhe o som forte, e isso especialmente quando alguma palavra da sua lingua se approxima tanto d'alguma nossa que poderia dar confusão se não fizessem aquella modificação; mas se o *r* precede, ou se segue immediatamente a uma consoante, collocam sempre entre as duas consoantes um *e* mudo.

Nas nossas palavras terminadas em *l* precedido de vogal (quer fallando portuguez quer apropriando-se já do nosso termo mais ou menos modificado a seu modo), substituem aquella lettra por *r* fraco seguido do *e* mudo; nos mesmos casos, mas sendo o *l* uma das lettras medianas da palavra, tambem o substituem por *r* fraco.

E' vulgar pronunciarem o *r* forte quando nós usamos do *l*, ás vezes até tornando inicial a syllaba começada por esta lettra, embora ella o não seja na palavra portugueza; exemplo: *hollandez*

randázo; também substituem por *r* fraco o *l* das linguas europeias outras vezes (exemplo no inglez *gallon* que dizem *garon*); em ambos os casos d'estas alterações só o uso as faz conhecer, não descobri regra.

Como se vê, é irregularissimo o modo como alteram a pronuncia das palavras portuguezas que teem *l* ou *r*; explica-se talvez o facto pelo desejo d'evitar confusões possiveis com palavras suas, do mesmo modo que fazem a outros termos, mesmo sem terem aquellas letras, coisa muito sensivel na alteração da pronuncia do maço (instrumento de madeira) que designam por *maiouço*, para não haver facil confusão com *massa*, plural *rissa*, espiga.

Fallando a sua lingua, este preto emprega frequentissimamente a consoante *l* e excepcionalmente o *r*; mesmo quando usa este, é sempre brando, e conheço-o em poucas palavras: *birana* (cumprimenta ou visita), *mukurúnto* (chefe, etc.), (133), *liiri* (ostra), *tchí-karabânda* (rede indigena de praia deitada ao mar por homens a nado (146), *bárula* (o verbo voltar).

154.ª — Pronuncia da lettra h

Com o valor que tem em portuguez e em palavras em que não esteja depois do *c*, encontrei-a n'estes termos; *chinhe* (sombra de pessoa ou coisa, não abrigo), *fulinhundo* (osga), *inhénha* (sebo), *inhénvazi* (bonito), *kukúnha* (amanceba-se), *kunha* (roça), *mânha* (pedra), *mounho* (vida), *muínhe* (sol), *nhika* (amassa) e *tchinhongo* (triste); se ha mais exemplos são muito raros.

O que é mais vulgar é ser aspirado e, como tal não temos em portuguez; usei da differença *h*.

Quando querem fallar a nossa lingua rarissimo será ouvir o *h* depois de *l* ou *n*; substituem sempre as duas consoantes pela vogal *i*; se muitas vezes é facil perceber a modificação, só ouvido portuguez bastante habituado a ella poderá reconhecer, como corrupções do portuguez, certas palavras em que haja mais outra alteração, mesmo das vulgares, como por exemplo baralho, que pronunciam *baláio*.

Ainda quando o *h* depois do *c* começa uma palavra portugueza, o cabinda substituirá as duas consoantes por *s*, não bem como em portuguez, mas um pouco molhado, apezar de na sua lingua ser frequente aquelle som inicial ou o seu equivalente *tch*.

155.ª — Cestos, bonets, barretes, romeiras

Aproveitam-se as fibras vegetaes seccas para usos differentes dos mencionados (99).

De delgadas tiras de folha secca de palmeira, fazem o que chamam *kinda* (no plural *makinda*), objectos semelhantes nas formas

www.libtool.com.cn
 e destinos ao que entre nós era usado com o nome de condeça. Toda a *kinda* consta de duas partes quasi eguaes, uma envolvente, a tampa, outra envolvida, entrando n'aquella por attrito doce coisa de um a dois centimetros; a inferior tem um rebordo saliente e reforçado que termina a sobreposição. De fôrma differente, com secção horisontal, circular ou em rectangulo mais ou menos alongado, é nas primeiras a maior dimensão a altura e n'estas a largura quasi igual á altura.

O modo de as fazer como é no das esteiras, o encanastrado, que aqui é delicado por as tiras vegetaes serem delgadas e todas da mesma largura. O fundo, na sua parte inferior, e a tampa, na superior, são quadrados de angulos arredondados, que vão approximando-se da circumferencia, na *kinda* alta, de modo a ficar esta com o aspecto geral cylindrico. Estes planos, inferior e superior, teem rebordos salientes e reforçados, por onde se faz a tracção que permite abrir o objecto. Algumas vezes a tampa é ligada á parte maior por um cordão tambem de fibras vegetaes, de até um decimetro de comprimento.

Com varias palhas fazem-se umas coberturas para a cabeça que muito imitam os nossos bonnets sem pala, tendo ou não uma borla presa no meio do fundo e rasa com elle, podendo, quer o fundo quer as partes lateraes, serem pintados em faixas, geralmente pretas.

Mas essas coberturas podem ser obra mais fina e cada vez mais compridas até constituirem barretes de tecido muito delicado, formado por delgadas fibras da folha do ananaz que, pela maceração e percussão, tenha dado verdadeiros fios muito alvos e extremamente fortes que, ainda por encanastramento, possam constituir barrete tão macio como se fôra d'algodão. Taes barretes, com ou sem borla terminal, geralmente sem ella, podem ser de todas as dimensões, desde os que se adaptam ao alto da cabeça até áquelles cujo fundo desce até aos hombros; geralmente essas dimensões estão d'accôrdo com a hierarchia do nobre de que são attributo ou insignia (㊟). Poucas vezes o tecido é igual, liso e unido de extremo a extremo do barrete; quasi sempre este consta de faixas transversaes, circulares, de dois a quatro centimetros de largura, com feitios differentes embora predominando o simples encanastrado; varias vezes tem faixas d'abertos de varios modelos e em mais d'uma d'essas tiras, especialmente na que cinge a cabeça, ha series symetricas de nodulos salientes de varias fôrmas symetricamente dispostos em linhas alternadas, ou formando figuras geometricas regulares. Cada um d'estes barretes é uma prova de paciencia, habilidade e delicadeza com que o cabinda pôde trabalhar nas poucas vezes que o faz, embora levando mezes a executar tal obra. Conhecidos geralmente por *barretes de mafuka*, (embora pertences d'outras dignidades) difficilmente se obteem; o seu tecido é tão delicado que pôde um barrete dobrar-se muito sobre si, ficando reduzido a pequenissimo volume.

A romeira é outra insignia de nobreza (㊟) tambem feita de

fibras vegetaes; mais ou menos comprida segundo o grau hierarchico, é geralmente formada por uma rede de largas malhas sobre que assentam, symetricamente dispostos, varios enfeites, especialmente borlas sesseis, nós de diversos feitios e grandezas, fitas ou outras figuras de tecido encanastrado miudo, podendo o bordo livre opposto ao pescoço ser debruado, ter cadilhos ou franja. O feitio geral d'esta insignia, a que se chama *tchinzêmba*, é que me fez chamar-lhe romeira; com effeito é totalmente semelhante ao objecto de vestuario a que damos tal nome, da mesma maneira cinge o pescoço, sempre sem gola, usa-se no mesmo logar, do mesmo modo, e só tem uma abertura, adiante, rectilinea, que muita vez tem prisões a modo de alamares ou cordões com borlas, mas que mesmo solta se conserva assente por causa da muita roda que tem e facilita o movimento dos braços.

156.* — Transportes, mutête

Os transportes de grandes volumes não rolantes fazem-se em padiolas, improvisadas com ramos d'arvores, seguras por dois ou quatro homens, mas quasi sempre suspendendo a carga d'algum pau, procedendo-se como se se tratasse d'uma tipoia (100) e portanto só aos homens pertence tal trabalho. Se é uma pipa ou outro objecto pesado que possa rolar, o trabalho é ainda feito por homens. Nos dois casos é obrigatoria a canção (91); no primeiro procede-se exactamente como com a tipoia, no segundo faz-se assim: um ou dois individuos caminham adiante da pipa (de costas para a direcção a seguir) guiando-a e desviando alguma pequena difficuldade que appareça; outros, em maior numero, empurram, fazem rolar, cada um cantando o mais alto que pôde e empregando no transporte o menor esforço que seja possivel fazer sem causar desconfiança que motive censura dos companheiros. São frequentes as paragens, mas sempre cantando, e, de cada vez que param, todos, com as mãos abertas, batem no bojo da pipa grandes palmadas a compasso da cantiga, e sempre um ou outro grita em portuguez phrases como estas: oh! oh! oh! pipa tem muita força, peso está muito, pipa não quer andar, etc. Depois de cada paragem repete-se uma scena curiosa: o menos paciente, o mais interessado ou o encarregado do serviço, convida a recommençar a faina, repetindo esta phrase: vae ou não vae? E de cada vez os outros respondem em côro: vae. Mas o convite fica muitas vezes com esta simples resposta antes de se resolverem a fazer alguma força.

Os objectos de peso pequeno são algumas vezes levados na mão, mas muitas o são á cabeça, modo de transporte de todos o mais usado, excepto para o de crianças a que pertence feitio especial (31). Um objecto insignificante, cem grammas de sabão, uma pequena garrafa mesmo vazia, vae muitas vezes á cabeça e a carapinha, ao passo que almofada o craneo, parece que segura

o objecto. Se o peso é maior, serve já uma sogá, geralmente feita com os vegetaes que estiverem mais á mão, preferindo-se comtudo as porções seccas da bananeira, enrolando-as e dando-lhe o mesmo feitio, que é vulgar ver entre nós, fazer-se com trapos. Um pau, algumas taboas, uma lata ou outra vasilha pesada poderão ir á cabeça sobre a sogá e quasi sempre são amparados com a mão.

Em todos os outros casos serve o *mutête*; chamam assim a um artefacto indigena, especie de cesto, muito mais comprido do que largo, feito sempre do mesmo feitio, pelo mesmo processo e com os mesmos materiaes, quer a sua grandeza permitta ser usado por uma criança, quer para uso do mais forte adulto; só variam as dimensões. Estas são: o comprimento desde sessenta centimetros a metro e meio e pouco mais, a largura desde dez a doze centimetros até quarenta ou sessenta, a altura desde um decimetro até trez e mais. O fundo do instrumento é constituído pelas grossas nervuras medias (ás vezes substituidas por paus) de duas folhas de palmeira collocadas a par, entrelaçando-se entre si o resto das folhas rasgadas em tiras, que sobem pelos lados em curva até formarem o bordo superior em cordão com novas porções de folhas; estas partes lateraes do instrumento nunca são totalmente fechadas, mas sim em fórmula de grossa rêde de malhas largas, ou em cordões parallelos entre si e perpendiculares ás nervuras medias, sendo preciso forrar de folhas ou esteira o *mutête* quando os objectos a transportar são muito miudos. Na maior dimensão o instrumento termina-se d'um lado pelas nervuras grossas, proximo do peciolo, em parte desnudadas; do lado opposto o objecto é tambem fechado pelo mesmo processo por que o é lateralmente. Cada *mutête* é pois aberto no espaço que corresponde a toda a face superior e á pequena face anterior, porque é sempre para diante que se collocam as nervuras grossas, mesmo que as mãos lá não cheguem.

Este instrumento carrega-se estando no chão; póde encher-se e ultrapassar-se mesmo muito em altura porque, por meio de quaesquer fibras vegetaes ou hastes de trepadeiras, tudo será bem seguro e amarrado de modo a constituir um todo que se põe sobre a cabeça. Quando o peso é grande, ajudam-se os pretos uns aos outros, mas as nervuras nunca são tão compridas que permitam, como fazem os pretos mais do sul, descansar o fardo no chão, prolongando-o com o corpo humano de pé; o descanso é sempre feito arriando o *mutête* e collocando-o por terra.

157.* — Bebidas fermentadas

Fabricavam antigamente muito hydromel, costume totalmente cahido em desuso; ainda uma ou outra vez aproveitam um producto da fermentação alcoolica do milho, mas pouco, e o mesmo succede com a mandioca; parece que estas bebidas lhes saem mais caras do que a ordinariissima aguardente de cereaes de que

o mercado é inundado pela Inglaterra e especialmente pela Allemanha.

Poucos usam e pouco gostam da cerveja, que de mais a mais é cara; compram algumas vezes uma especie de agua-raz, a que o commercio chama genebra (48).

Conservam porém ainda o costume do seu *manhévo*, que lhes é facil obter e a que chamamos vinho de palma, liquido agradável quando bem fresco, mas desagradavel, bastante acido e alcoolico, quando houve tempo para fermentar. Para obter o succo da palmeira é preciso trepar por ella até proximo do extremo, ir até á parte ainda não lenhosa do tronco.

A ascensão a arvores tão altas e desprovidas de ramos, embora de troncos rugosos, fazem-n'a por um modo expedito, pouco fatigante, mas muito perigoso, que lhes permite trabalhar lá em cima com ambas as mãos. Um forte cipó ou delgado tronco é, em verde, dobrado a formar uma oval d'uns 60×130 centímetros, podendo os dois extremos unir-se fortemente por entalhes e fibras vegetaes fortes; ainda aberta a oval, passa se em volta do tronco e fecha-se ligando muito bem os extremos; bem preso o pouco vestuario para não offerecer difficuldades, posta á cinta a vasilha e uma faca, mette-se o homem na oval, cingindo-se pela região dos rins; segura o arco com as duas mãos, aos lados e um pouco adiante do corpo, de frente para a arvore em que põe os pés, fixando-os bem nas rugosidades; o corpo, bem direito, fica assim fazendo angulo com o vegetal, appoiado n'este directamente pelos pés descalços e, por intermedio do arco, pela cintura; dando ao corpo pequeno balanço para diante, affasta-se o arco da palmeira e com as mãos eleva-se um pouco a parte opposta ao homem, o que permite deslocar um dos pés mais para cima, e assim, a cada balanço, alternando os pés, se vae subindo até ao ponto desejado, onde se pôde permanecer retesando os membros inferiores, appoiando os dois pés no vegetal e fazendo o arco força d'um lado na cinta do homem e do outro n'alguma das rugosidades cicatriciaes da palmeira. Então incisa-se a parte nova da arvore, talhando até á medulla um canal angular, aberto para cima, por onde a seiva escorre para dentro da vasilha, que se prende inferiormente, em geral um pequeno frasco ou garrafa. Cada dia se sóbe até lá, geralmente ao cair da tarde, e se profunda ou alarga a incisão para facilitar a sahida da seiva; a vasilha é substituida, ou apenas despejada na que vae á cintura, e desce-se de modo semelhante áquelle por que se subiu. Comprehende-se que bastará escorregar um pé, partir-se ou desligar-se o arco, não se combinar bem os movimentos, para se ser precipitado no chão, desastre que não é pouco commum e que só admira como não o é muito.

158.* — Prazeres

Se os factos permitem que haja quem diga nos povos civilizados que a vida é uma serie ininterrupta de contrariedades, não consentem que possa dizer-se o mesmo da do cabinda, pois que, especialmente nos adolescentes e nos adultos, são os prazeres que absorvem quasi todo o tempo que a ociosidade deixa d'occupar; de necessidades resumidas, d'existencia facil em região farta, mais de metade da duração da vida se passa no prazer.

Vimos (17, 19, 26, 28) quanto os costumes facilitam e sancionam os prazeres sexuaes, como os estimulam (36, 39, 69, etc.), quer directa quer indirectamente (22, 24, 42), como se a ociosidade e o clima, por si só, não bastassem para o mesmo resultado.

Nos dois sexos é geral o vicio do tabaco e do canhamo (89), e numerosas horas, repetidas vezes, são dadas á dança (138) e á musica (139).

O cabinda viaja por prazer, tem interminaveis conversas que não conseguem extinguir-lhes a curiosidade que póde bem dizer-se bisbilhotice (87); ama fortemente o luxo e a ostentação; é garrido no vestuario, vaidoso, e gosa muito quando, prejudicando o branco (71), lhe prova que é esperto, o que o faz subir na consideração e admiração dos conterraneos.

As festas são publicas, póde dizer-se, e tão repetidas que quasi todos os dias as ha mais ou menos a proposito de tudo. O clima é-lhe favoravel, a vegetação frondosa e rica em productos alimentares e outros, as aguas piscosas, o ar e a terra muito povoados de caça; só muito raramente se dão crises difficeis (141).

Mas o principal prazer do cabinda é a embriaguez, ou, pelo menos, o uso do alcool, de qualquer bebida alcoolica (48, 61, 137) que ingere em todas as occasiões, a proposito de tudo, do nascimento, do funeral, do namoro, do casamento, das crenças religiosas, da dança, etc., é um nunca acabar de pretextos para beber.

A mulher trabalha um pouco mais do que o homem e tem muito menos facilidade em ser admittida nos prazeres communs, por causa da sua inferioridade social; mas de tal modo o habito da submissão impéra n'ella desde criança, que não lhe serve de desgosto essa desigualdade.

159.* — Lucto

Morta uma pessoa, avisados os vizinhos disparando-se tiros, as manifestações de dôr são gritos, choros (até por carpideiras aludadas) e lucto, mesmo antes do funeral, durante e depois d'elle; o periodo de lucto varia mais com os haveres de quem o usa do

que com a proximidade do parentesco; o maior lucto é o da viuvez (113).

A mais vulgar (talvez por mais barata) manifestação de lucto é trazer riscos de carvão e pontos de giz nas faces e testa; também esta é muitas vezes coberta por tira, de ganga azul ou tecido d'algodão preto, apertada em volta da cabeça.

No vestuario é o zuarte, a ganga azul ferrete, que indica luto, se d'esta côr não for só o *panno* pendente da cintura, mas sim todo o vestuario.

A cabeça soffre mudança d'aspecto durante o lucto, visto que todo o cabello é rapado, cortado o mais rente possível; mas este uso só indica lucto quando junto aos outros signaes descriptos, não o diz por si só porque é frequente por varios motivos, especialmente nos differentes casos em que é de rigor o emprego da *ta-kula* (76).

Nos homens que trajam algum vestuario á europeia (77), pôde o lucto ser indicado apenas por uma tira de fazenda preta ou de zuarte, á moda do nosso fumo, no braço, geralmente no esquerdo. Mas é mais luxuoso vestir então camisa azul ferrete ou preta, e um cumulo accrescentar a isto a gravata preta e o fumo no chapéu.

160.º — Furto e roubo

Na descripção do character do cabinda e em outros logares (71), vimos que este preto é por indole um ladrão e que, por odio de raça, o furto ao branco é até considerado acção meritoria. Não succede o mesmo quando o prejudicado é outro cabinda; e é da severidade do castigo e de se tomarem como aggravantes muitas circumstancias que, a meu vêr, resulta o ser possível habitar cabanas tão frageis, guardar objectos em logares sem segurança alguma (78), ter plantações a grandes distancias dos povoados (79), etc. Apesar de tudo, não é excessiva a confiança do *fiôte* nos seus semelhantes, como bem o provam a interferencia do seu idolo *lêmba* (136) para evitar os furtos, e o facto de a pena variar com a qualidade social do lesado, sendo ella tanto mais grave quanto mais elevado grau elle occupa, grau que lhe permite ter haveres e conserval-os, o que não succede aos escravos e pouco ás camadas inferiores.

Entre os cabindas algumas circumstancias aggravantes são eguaes ás da legislação dos povos civilisados: assim a do ladrão *ter na cabeça* (132) o objecto, o que corresponde talvez a ser fiel depositario; a de o furto ser domestico; a de associação, mesmo temporaria, d'individuos para o fim de praticar determinado crime (não se conhecem associações permanentes de malfetores); a de arrombamento ou chave falsa; a de proceder usando de superioridade ou de violencia, ou aproveitando a noite ou sitio ermo, etc.

E' aggravante o furto ser praticado em casa de habitação ou o de productos agricolas no proprio campo de plantação (80).

A pena varia para o mesmo valor d'objecto furtado conforme a falta que este fez ao dono e o tempo decorrido entre o crime e a indemnisação: assim, furtada uma gallinha e castigado o ladrão pouco tempo depois, póde a pena ser pequena; será maior se, por essa epoca, houver falta de gallinhas; maior se tiver havido bastante procura d'ellas; maior e tanto mais quanto maior numero de semanas tiverem decorrido, porque se terá em conta os ovos, os pintos, a geração a que a gallinha poderia ter dado origem se existisse em poder do dono, e a cessação de lucros que este poderia ter auferido.

Mas a circumstancia aggravante de maior monta, a que tudo aggrava em alto grau, é a qualidade do roubado, a sua altura na escala social e especialmente a sua superioridade em relação ao ladrão, a dependencia d'este.

Seja qual for o castigo applicado ao que furtou, por mais rigoroso e difficil de satisfazer, accrescerá ainda a despeza feita para se poder vir a julgar a questão, a despeza do julgamento ou custas (136) e a multa ou indemnisação ao espoliado. E taes e tantos serão os pretextos apresentados, de tal modo se procurará fazer valer prejuizos e outras circumstancias, que poderá succeder que todos os bens (39) do ladrão não cheguem para pagar, que não baste o elle ficar escravizado (37), que seja necessario ainda dar de penhor (42) pessoas de familia.

Quando o preto é tornado escravo por ladrão, o juiz do pleito determina a duração da escravidão attendendo ao valor a indemnisar e ao pagamento correspondente á qualidade dos serviços a prestar pelo escravo como se elle fosse livre.

Um furto de coisa simples por um plebeu a um nobre dos mais elevados e com direitos sociaes sobre o criminoso, póde ser a desgraça d'uma familia inteira.

O roubo, se alguma vez tem logar, é extraordinariamente raro; o cabinda appropria-se muito do alheio, mas sempre por astucia. O ataque á mão armada não é dos seus costumes; poderá, muito a occultas, um adulto forte abusar d'essa força para com mulher ou criança (e parece que alguma coisa iam ultimamente aprendendo com os nossos degredados), mas nem fará alarde d'essas proezas, que lhe poderiam custar a vida como castigo, nem tem coragem para proceder como nos casos da nossa classica phrase: a bolsa ou a vida.

161.* — Negocios

Póde dizer-se que o cabinda nasce negociante; toda a vida faz trocas e tudo lhe serve para trocar. D'antes pouco valor davam á moeda, mas agora não só já conhecem os seus valores (83), como a vão preferindo aos antigos artigos de commercio, pois sabem que poderão obter estes, quando quizerem, tendo aquella, o que d'antes não succedia porque os negociantes europeus eram menos, peor fornecidos e fingiam não dar apreço á moeda.

As mulheres vendem e permutam os animaes domesticos que criaram (150) e seus productos, ou trocam os fructos das suas plantações ou que grangearam nas arvores silvestres; as que vivem proximo de florestas vão aos mercados carregadas de grandes mólhos de lenha.

Os homens abatem arvores de que fazem barrotes e taboas que, meios seccos, vão vender; colhem a seiva da palmeira (157); vendem os productos da pesca (146); vão aos navios vender fructos, papagaios ou outras aves, e artigos d'industria, sua ou das mulheres, que os brancos compram como curiosidades; compram nos navios baleeiros restos das baleias que vão vender para o interior. Vão com as mulheres e os filhos a povoações distantes comprar coisas que lá abundam em troca d'outras que ahi faltam e que sobejam nas suas aldeias.

Troca-se tudo, ainda as coisas mais insignificantes a nosso ver, mais estragadas, menos aproveitaveis; troca-se tudo o que se tem, o que se fabricou, o que se colheu, o que se furtou, o que ha pouco se trocou, o que se adquiriu por qualquer fórma. Em casos apertados troca-se até gente, filhos e escravos (141).

Mas o principal commercio dos cabindas, habitando proximo da costa, é o fornecimento de criados, concubinas e prostitutas; este aluguel, junto ás questões, ás *fundações*, ás *palavras*, são as maiores fontes de rendimento do cabinda que, quanto póde, foge ao trabalho, ao emprego das suas forças e da sua actividade mediante salario. A proposito de cada uma das notas especiaes se poderá vêr como se lucra em muitas circumstancias da vida indigena.

162.ª — Caminhos e marchas

A largura e direcção dos caminhos dependem apenas do numero de pessoas que passam e da força de vegetação; cada obstaculo que apparece, é torneado, embora dando-se grande volta. D'isto resulta que geralmente se trata de simples carreiro tortuoso, mudando extraordinariamente de rumo, ás vezes quasi fechando circulo; a inclinação do terreno é que nada influe na direcção do caminho, podendo chegar a ser quasi a prumo quando seria facil tornal-o mais suave e menos perigoso durante as chuvas.

Por floresta o caminho é estreitissimo e o mais torto possivel; fóra d'ella póde fazer menores torcicollos, é poucas vezes visivel n'uma centena de metros, é ás vezes de tal modo enredado por alta vegetação lateral, que de todo se molha (pela agua da chuva ou do orvalho) quem passa debaixo das verdadeiras abobadas de hervas altas que constantemente nos batem nos lados do corpo e repetidas nos fustigam a face. Por excepção, em terrenos de fraca vegetação e muita concorrência de caminhanes, nota-se mais desafogo, um arremedo d'estrada feita apenas pelo trilhar dos passantes. Só se abre uma estrada, essa então de muitos metros de largura, quando se faz funeral de pessoa importante (106).

O modo de marchar uma reunião d'individuos não é resultado d'esta estreiteza das veredas; estas é que resultam d'aquelle costume de marcharem a um de fundo, porque tal se vê na praia livre ou nas largas estradas dos brancos; a par não caminham estes pretos nem mesmo quando vão só dois; á frente vae o mais importante do grupo, seguindo, a um e um, todos os outros por ordem decrescente d'importancia social, primeiro os homens depois as mulheres, primeiro o mais velho depois o mais novo da mesma categoria; esta ordem só é alterada quando o preto, geralmente *principe*, é de tal modo importante que faz a viagem de tipoia (100). Vulgarmente se vê que os homens caminham leves e as mulheres e crianças carregadas com as coisas a transportar.

Mas tudo vae falando, conversando, e, como é necessario altear bem a voz para se ser ouvido pelo menos por uma parte dos companheiros, não só ouvem os passantes e quem esteja aos lados do caminho, como se adquire o habito de falar alto, o que se faz depois ainda mesmo quando se vae só, costume que contribue para a disseminação rapida de todas as noticias (63).

Quando, em direcções oppostas, seguem pretos da mesma categoria, ambos se desviam um pouco sendo desconhecidos ou, se se conhecem, só se cruzam depois de grande conversação; mas quanto mais differente for o grau social dos encontrados, mais de rigor é que o inferior deixe o caminho livre, chegando este costume ao ponto de determinar que as mulheres se mettam pelas hervas e ahi parem para deixar passar os homens e que estes façam o mesmo para com os nobres, não deixando de lhes dirigir cumprimentos, parados e em posições humildes (107).

A extensão da marcha não é coisa que amedronte qualquer cabinda; o que não agrada é a grande velocidade que só é usada fugindo ou transportando tipoia; póde a marcha ser de sol a sol com pequeno intervallo para uma refeição, póde durar toda a noite especialmente quando se deseja viajar com destino desconhecido; e como só de mezes a mezes consta apparecer alguma fera, não ha perigo no viajar ás escuras, que as noites, se não estão nubladas, deixam distinguir sufficientemente a mais d'uma dezena de metros. Não é pois difficil uma jornada de oito a dez leguas e, por simples prazer, por motivo insignificante, ás vezes futil pretexto até, se percorrem cada dia caminhos de dez e mais kilometros.

163.º — Ganhar e perder razão

Quando qualquer pendencia se resolve a favor d'um preto; quando uma *fundação* ou uma *palavra* tem resolução favoravel a uma das partes; sempre que ha desaccordo ou desconformidade d'interesses, d'intuitos, de fins, etc. e que o negocio se resolve, um dos interessados *ganha razão*, o contrario *perde razão*.

Seja qual fôr o numero e qualidade d'argumentos, de provas,

de testemunhas, etc. a favor d'uma das partes, ella perderá razão se, antes da resolução da causa, bater na outra parte, embora prove que foi muito provocada; não ha coisa alguma que desculpe a aggressão e o facto d'esta se dar faz mudar totalmente a justiça a favor da victima. Comprehende-se portanto quantos cuidados são necessarios para o preto se conter apezar de tudo o que lhe desagrada, quanto estudo é necessario para cada um ter força sobre si, quanto isto educa o individuo na dissimulação, afugenta a espontaneidade e transforma cada cabinda em um diplomata frio, reservado, pautado, de mascara insensível a tudo, de sangue frio imperturbavel, que lhe permittirá não se denunciar quando surpreendido em qualquer falcatrúa.

Mas nem só a aggressão faz perder razão: os insultos, o *chingamento* (121) tanto mais quanto mais importante, dão o mesmo resultado; o preto tem d'ouvir todas as mentiras, calumnias e falsidades, embora as perceba, como se não as percebesse; tem de se conter para por sua vez provar a quantos manejos o adversario se soccorreu; provado isso, d'ahi sae novo argumento a seu favor e agravamento na indemnisação final.

164.* — Dar vento

Corresponde esta phrase a varias nossas, é applicavel nos casos de todas ellas porque ha sempre o mesmo fundamento, desligar uma pessoa de obrigação contrahida ou imposta.

Dá-se vento, ou o vento, ao escravo (37) quer elle o seja com caracter permanente quer temporario; dá-se á viuva em determinadas circumstancias (113) para poder dispôr de si ou contrahir novo casamento com preto a que por lei indigena não pertença; dá-se ao ladrão, que cumpriu a pena (160); dá-se á promettida em casamento (18), á concubina (27); dá-se aos refens e prisioneiros (37), aos que soffreram *amarração* (153), sempre mediante clausulas, ceremonias, etc., correspondentes a cada caso especial.

165.* — Mandar fama

Diz-se geralmente do pagar de mais por qualquer serviço ou compra; dando-se quantia ou valor superior ao habitual satisfaz-se muito quem o recebe, que vae *urbi et orbi* contando o que recebeu, espalhando-se assim a noticia que rapidamente attrae novos permutadores com a mira em negocios tão proveitosos ou novos serviços que desejam aproveitar tão desusada remuneração. Chega-se a mandar distribuir fazendas e aguardente annunciando que em tal logar ha um branco que compra tal genero, ou que se estabeleceu de novo, ou que precisa de tal serviço.

Do mesmo modo se *manda fama* de que tal dia, em dado sitio, ha uma festa, uma *fundação*, um funeral, etc.

166.º — Despachar; largar

Despacha-se o portador (187), despacha-se a *embaixada* (188), despacha-se a caravana de negocio, uma embarcação, uma tipoia, etc. qualquer pessoal que *largue*, isto é, que parta, que saia, da casa de quem despacha, com um fim determinado. *Despachar* quer dizer proceder ás ultimas coisas necessarias para que se dê a partida; o que para isto se faz é que póde variar conforme o pessoal de que se trata.

A proposito de transmissão de noticias (62), vimos que os brancos entre si o fazem por carta levada por portador que se *despacha* dando-lhe a carta, ordem de partir e certos alimentos; o que recebe a carta, devolve ou não resposta, devolve o portador que *despacha* auctorisando o regresso a casa do patrão e dando-lhe *mata-bicho* (61).

O emissario (187), quer simples procurador (59) quer *embaixada* (188), é despachado dando-se-lhe as ultimas instrucções, recordando-se tudo o que se deseja, fornecendo-se o objecto que, á maneira de credenciaes, o fará acreditar como enviado da pessoa que o envia e só d'essa. Quem é entrevistado pela *embaixada*, tambem a *despacha* communicando-lhe o que resolveu, dando por terminada a entrevista e offerecendo algum presente ao embaixador.

Terminado um negocio, pagas todas as compras, feitas todas as transacções que miudamente descrevi no cap.º *commercio*, *despacha-se* a caravana dando-lhe *mata-bicho* e convidando-a a retirar-se para poder dar logar a outra que appareça.

Despacha-se a embarcação dando ao patrão as ultimas ordens e os generos necessarios para a alimentação dos tripulantes para todo o tempo da duração provavel da viagem de ida e volta. Do mesmo modo uma tipoia, um servente, qualquer indigena que esteja a nosso serviço, *despacha-se* mandando-o seguir para onde lhe ordenámos, fazendo-lhe as ultimas recommendações sobre o serviço que vae prestar.

Se se desliga d'emprego na nossa casa qualquer indigena, *despacha-se* pagando-lhe o que se lhe deve, regulando as contas e auctorisando a partida, quer esta dependa da vontade d'elle quer por ter sido despedido.

Não se supponha que o facto de um preto estar despachado queira dizer que a partida seja immediata, e muitas vezes o não é; o que se dá é a liberdade de partir, de *largar*, que é o termo consagrado; só se póde ordenar a partida quando quem parte é subordinado directo de quem *despacha*. As despesas da viagem são todas por conta de quem manda *largar*; quem auctorisa a partida só tem que dar o *mata-bicho* ou o presente indicativo de despedida.

167.ª — Beber agua

Diz-se quando se discute em commum um assumpto importante cuja solução se deve dar; faz-se desviando-se os competentes de todas as outras pessoas, formando grupo, pesando e avaliando as razões apresentadas e combinando a solução ou sentença.

Usam a phrase quando, a proposito de qualquer assumpto que precise meditado, especialmente para responder a um branco, precisam conferenciar, resolver sem que o branco perceba o que se discutiu, o modo como se chegou á solução apresentada; mas realmente a phrase é mais apropriada, e talvez primitivamente só usada, quando na *fundação* (10) o juiz ouve em conselho os importantes, de que se rodeiou, para combinar a sentença.

E' ao presidente do tribunal, é sempre ao mais graduado, que compete apresentar o resultado do que se combinou, quer, no primeiro caso, corresponda á nossa sentença na audiencia, quer, nos outros, seja a resolução que aos pretos convem. Quando é sentença é acatada, raras vezes ha, como entre nós, appellação; vimos (51) como esta se faz e porque é rara. Quando não é *fundação*, ou é mas de coisa tratada com branco, a solução é geralmente discutida, mas o que falla em nome do grupo traz já respostas combinadas para certas hypotheses; se nada se assenta, ou se ha divergencia que não estava prevista e discutida, tornam a ir *beber agua*; algumas vezes, poucas, toma então a palavra outro orador para dar a nova resposta, allegando que o primeiro não soube explicar bem o que se decidira; isto succede especialmente quando o branco insiste em não se conformar com a solução apresentada e se mostra irritado e firme na opinião que manifestou.

168.ª — Agua potavel

Quando fômos occupar Cabinda, apenas a casa ingleza se servia da agua d'alguns poços rudimentares que fizera na praia; todas as outras pessoas iam buscal-a ao proximo rio Lukóla ou a pequenos buracos na praia de que adiante fallarei, e a pequenos riachos que seccam durante bastantes semanas.

Depois começámos nós a abrir poços no chamado valle da horta, logo proximo do desembarque, entre as duas estradas que dão accesso á parte alta da povoação; apesar das informações de ser terreno com falta d'agua, foi-se multiplicando o numero de poços e encontrando-a em todos que se abriram proximo da praia ou no valle; mas n'aquelles a agua era cada vez mais salobra. Como tal liquido fosse insufficiente, e mais ainda depois da chegada do batalhão de caçadores, tentou-se encontrar agua proximo do quartel mas foi trabalho baldado.

Durante a construção do hospital uma cova, forrada apenas por tres pipas ao alto, ia dando agua sufficiente para as obras locaes, e estava feita junto da testa norte do quarto pavilhão a contar da entrada. O estudo mais demorado do local fez-me suppôr que se poderia encontrar agua proximo e ao sul do primeiro pavilhão, e a experiencia deu resultado, pelo que se abriu um poço, encontrando-se a cinco metros de profundidade tres filetes d'agua que dificultaram bastante o empedramento apezar das bombas; mas tal agua não attingia nivel superior a noventa centimetros, o que ainda assim era liquido mais que sufficiente para as necessidades do hospital porque, por mais que se tirasse, o nivel ficava constante.

De tal modo o consumo da agua facilitou o correr do liquido da camada em que se achava para este poço, que a altura n'elle se foi successivamente elevando, chegando até ao nivel do solo onde foi preciso abrir grande descarga que serve durante alguns mezes no anno. Poderosa bomba aspirante premente movida por um moinho automatico, eleva a agua para tres tanques de ferro, de fundo cinco metros acima do poço, d'onde, por duas canalisações differentes, ou percorre todo o hospital, ou segue direcção opposta indo alimentar o marco fontenario situado na visinha praça do mercado. No fim da epocha secca ha sempre mais de dois metros d'altura d'agua no poço, seja qual fôr o numero de horas que o moinho trabalhou. E' este um bello manancial d'agua limpida, ligeiramente alcalino-terrosa, a melhor da localidade.

Egal manancial descoberto bastante mais longe, proximo do mar, no terreno da fabrica que o governo tem para telha e tijolo, dá agua de sobejo para todos os usos, liquido que parece provir da mesma toalha que o do hospital. Está pois, a povoação portugueza abastecida d'agua mais que sufficiente, e se a qualidade não é magnifica, é comtudo melhor do que a de muitas povoações dos paizes civilisados.

Os indigenas vinham já de grandes distancias prover-se d'agua no marco fontenario a que me referi, abandonando varios sitios, todos á beira-mar, na pequena barreira a pique que limita a terra proximo d'elle, bastantes dos quaes seccaram por causa da abertura dos dois grandes poços. Esses logares eram pequenas covas resultantes d'esboroamentos feitos pelo mar quando embravecido, e em nada contribuia para as melhorar a mão do homem. Ahi obtinha-se pouco liquido, com bastante demora e misturado com terra, greda e substancias vegetaes.

Aldeias affastadas da nossa povoação e dos rios, tem varios sitios onde vão buscar agua, em nenhum dos quaes o trabalho humano contribue para melhorar as condições naturaes. Mas, no Povo grande, notei uma coisa que me surpreendeu: ha ali duas covas, de uns cinco metros de fundo por tres de bôcca, especie d'enormes dedaes revestidos d'alvenaria, que servem de cisterna onde guardam agua das chuvas, mas que se esgotam rapidamente.

A condução d'agua é serviço proprio de mulheres, que se juntam aos grupos, cada qual com seu *mítete* (163) contendo as va-

silhas cuja grandeza e numero variam conforme as forças da transportadora que pôde ser criança até de seis annos.

A vasilha, avermelhada ou quasi preta, de barro mal cozido, é sempre do mesmo feitio, semelhante a uma cabaça de base larga, circular, plana, cujas paredes se vão elevando e affastando para de novo se approximarem até formar o gargalo curto e largo.

Enche-se a vasilha com o liquido que se encontrou, sem preoccupações d'aceio, não poucas vezes colhendo a agua junto dos pés n'ella mergulhados. No gargalo põem algumas folhas de qualquer vegetal, não formando rolha mas apenas deitadas na superficie do liquido. Com as vasilhas postas em linha enche-se o *muté* a que se amarram e que se colloca á cabeça ficando-se habilitada a percorrer assim, até casa, distancias ás vezes superiores a uma hora de caminho.

Pequenas vasilhas de vidro, garrafas ou frascos eram e são vulgares nos intervallos das vasilhas indigenas; nos ultimos annos estas vão sendo substituidas por garrafões grandes, quasi sempre já desempalhados pelo uso e que para tal serviço só podem ter a vantagem de menor pezo, sendo em tudo o mais inferiores para o fim que se deseja.

169.º — Estações

E' uso, geralmente admittido, dizer-se que o anno se divide em Cabinda em estação das chuvas e estação do cacimbo, ou estação quente e fresca. Mas não é bem isto o que se passa, porque se é verdade que esses dois periodos são os maiores e melhor diferenciados, podem e, a meu ver, devem ser consideradas outras duas estações intermedias em que os phenomenos de cada uma das principaes se vão attenuando uns e manifestando outros de modo a formarem duas epochas de transição, duas pequenas estações não perfeitamente caracterisadas senão por esta mistura dos phenomenos que nas outras duas as extremam perfeitamente.

A estação chamada do cacimbo é aquella em que não chove e ha menos calor, e pôde considerar-se formada pelos mezes de julho, agosto e setembro, embora em um ou outro d'esses mezes haja pequenos chuviscos, d'isto a que é vulgar chamar-se chuva de molha-tolos. Assim, notei que taes chuviscos em 1887 começaram a 26 de setembro, no anno seguinte a 15 d'agosto, em 1890 no primeiro de setembro e d'ahi por diante em fins d'agosto até 1896 que os teve a 6 de setembro.

Como se vê, não houve n'estes mezes chuva que mereça tal nome em Africa onde ella costuma ser ás cordas como nos theatros, tão abundante muita vez que não deixa conhecer as pessoas de dia a poucas dezenas de metros. Cae ás vezes com uma violencia desconhecida no nosso paiz, tornando completamente inutil o uso do guarda-chuva, batendo de tal fórma no corpo que a pelle fica vermelha como se tivesse tido sinapismos; é chuva que se vê bem e sente tanto que quasi chega a magoar.

Ora o apparecimento d'estas chuvas varia conforme os annos : geralmente a um ou dois annos de sécca (como lá chamam quando não se abrem as cataractas do ceu quasi todos os dias de varios mezes) seguem-se dois de chuvas medianas e depois quatro ou cinco de chuvas enormes e frequentes como se a um descanso de pouca chuva succedessem annos cada vez de maior quantidade até ao cumulo, estabelecendo-se outro periodo de repouso por cansaço e isto, segundo parece pelo que contam, com uma regularidade cyclica de 7 annos.

A chuva raras vezes cae sem trovoadas mais ou menos proxima, bastantes eminente, não raras mais d'uma ao mesmo tempo. Começam as trovoadas a desenhar-se ao longe, tanto que apenas se vêem ; d'ahi a dias ouve-se um ou outro longiquo trovão, e cada vez mais perto até que estalam sobre as nossas cabeças e tudo se arraza com chuva, isto n'um espaço de 20 a 30 dias.

Desprezando os trovões de longe tomei as seguintes notas dos que se ouviram bem e deram chuva: em 1887 succedeu isso no primeiro de novembro, em 1888 a 4 de setembro, depois a 7 d'outubro e 3 de setembro ; em 1892 a 6 d'outubro, depois a 1 de novembro, depois no fim de setembro e em 1896 a 19 d'outubro.

Se, por um lado, attendermos ás epocas em que terminou a chuva e ás variantes d'esta, podemos tirar algumas conclusões, por outro corroboradas pelas affirmativas dos pretos. Realmente as minhas notas dão como ultima a chuva dos dias : 22 de maio de 1888, 16 de maio no seguinte, fim de maio nos tres depois, principio de junho em 1893, onze do mesmo em 1894 e meio de maio de 1896¹; mas em todos estes annos houve ausencia de chuvas em quasi todo o mez de janeiro, fim de dezembro e n'alguns até principios de fevereiro. Portanto, por estas notas e muitas outras que seria fastidioso enumerar, pôde-se concluir : 1.º que ha annos de muito mais chuva do que outros, tanto na quantidade total como no numero de semanas em que cae ; 2.º que a estação das chuvas se pôde dizer d'outubro a maio ; 3.º que este periodo tem geralmente umas trez a cinco semanas (incluindo sempre as de janeiro) em que não chove ou quasi que não chove ; 4.º que esta estação é divisivel em duas por este periodo sem chuva, a primeira menor, de chuvas abundantes, a segunda maior de chuvas diluvianas.

No mez de setembro, e ás vezes no d'outubro, vae desaparecendo o cacimbo, augmentando o calor, pronunciando-se a chuva ; é uma pequena estação intermediaria ; no mez de junho, ás vezes em maio, diminuem bastante o calor e as chuvas, ou cessam mesmo estas ; ha outra pequena estação de transição.

A duração dos dias é sensivelmente igual durante todo o anno e o que mais surprehende o europeu é a pequenez, a quasi ausencia de crepusculos, especialmente do da tarde, passa-se da

¹ Em 1895 estive em Cabinda apenas os dois primeiros mezes.

enorme luz á escuridão em menos de meia hora, em dez minutos por vezes. Que os dias sejam quasi sempre de doze horas não admira, sabendo-se quanto o equador está perto e quanto são pequenos os crepusculos; que d'estes seja o da tarde menor do que o da manhã também não admira quando se conheça a villa de Cabinda, tendo a oeste o oceano e a leste terras altas.

A maior estação, quente, fortemente illuminada e electrizada, carregada d'ozone e de humidade, encharcado tudo, é a epoca da vegetação luxuriante, da enorme vida vegetal e da reproducção animal, é a epoca das flores e dos fructos, de abundancia e alegria para os indigenas, das doenças e incommodos maiores para os europeus; o ceu ora se apresenta d'um bello azul ora forrado de nuvens, ás vezes tão forrado e tão escuras que chega a parecer quasi pardo, que chega a parecer crepusculo ao meio dia.

Sem fallar agora da *caléma* (211), outros phenomenos notaveis se apresentam de preferencia n'uma das estações; das variações de temperatura, rapidas e enormes, do grau de humidade, etc. fallei no capitulo clima. Aqui deixarei consignado que as maiores correntes aereas são proprias da epoca das chuvas e só n'ella se dão as pequenas tempestades de fórma circulatoria, restos vindo de longe: notei um pequeno cyclone a 13 de novembro de 1889, outro em 12 d'abril de 1891 e outro mais forte a 18 de março de 1896, sempre vindos do norte; só duas vezes vi formarem-se na bahia pequenas trombas, ambas na epoca das chuvas, ambas correndo do norte para sul.

A praga dos gafanhotos, que não é frequente n'esta localidade, vi-a a primeira vez, só por invasão, em abril de 1896; no mesmo anno em novembro, do dia 4 a 19, aos muitos d'estes insectos nascidos *in loco* sommou-se uma invasão medonha, uma constante nuvem passando de sul para norte, cahindo exhaustos aos milhões, fazendo verdadeira *razzia* nas plantas, apesar de a grande massa seguir a sua derrota.

170.ª — Búnzi

Quer se designe assim o proprio deus da chuva (136), quer um deus subalterno ou um homem que, segundo a phrase consagrada, *recebe as palavras do iioba* e as diz a quem procura o feitiço (136), o que vou dizer refere-se ao deus da chuva e como tal é mais vulgarmente conhecido o *búnzi*, chegando até alguns indigenas a não saberem da existencia do *iioba*. Admittamos pois que o *búnzi* é o *feitiço* ou idolo advogado da chuva, aquelle a que é preciso recorrer para fazer chover, cujos poderes grandes, mas ainda assim limitados, deram origem a um engraçado acontecimento (63).

E' crença que o idolo da chuva habita um buraco, no terreno, profundo e portanto escuro, que existe não longe e ao norte de Banana, buraco d'onde elle nunca sae — por isso ninguem ainda o

viu — mas onde falla uma linguagem desconhecida — portanto precisa do *ganga* (10) que *receba as palavras* e as diga ao interessado crente já traduzidas.

O *búnzi* é um idolo (125) sem representação especial, que habita debaixo da terra e d'ahi falla ao seu sacerdote. Dos cabindas que acreditam isto, chegam alguns a affirmar terem ouvido o *feitico* fallando por fôrma que não entendem e que, dias ou o muito semanas depois de elle se ter resolvido a fallar (o que não faz senão quando quer), apparece a chuva.

Ora sabendo nós que não costuma vir das nuvens coisa que lhes mereça o nome de chuva, o que quer dizer agua a torrentes, senão depois de ter havido trovoadas ao longe que cada dia mais se approximam até que a agua desaba; sabendo que o som dos trovões mais facilmente se transmite pelo solo do que pelo ar e que a resonancia, no profundo buraco, será percebida antes de o som nos chegar pelo ar; facil é concluir porque o *búnzi* só falla quando quer, porque os cabindas não entendem o que elle diz, sendo precisa a *traducção* feita pelo *ganga*, porque chove algum tempo depois de o *feitico* ter fallado debaixo da terra, e porque é que nunca ninguém o viu.

171.* — Armas e accessorios

Cahiu totalmente em desuso o emprego do arco e flecha parecendo que, como tradição, restam apenas os nomes (194) applicados á antiga espingarda lazarina de que usam e que compram; as balas fazem-n'as, não de chumbo, mas de pedaços de ferro, são mais propriamente zagalotes.

Ter uma espingarda foi o sonho dourado do cabinda; hoje agrada, mas não tanto; quasi serve só para divertimento e é facil obtel-a emprestada ou alugada. E' erro suppor que este preto volta a cara ao dar o tiro: não affirmo porem que não feche os olhos ao dar ao gatilho.

Empregam o chumbo grosso, para caça, que compram nas feitorias e a polvora que encontram á venda e é da mais ordinaria. Houve quem tentasse vender uma polvora que era quasi só carvão; mas o cabinda não a compra sem a experimentar friccio-nando-a na mão e tomando o paladar ao residuo.

Usam cargas enormes de polvora, mesmo nos tiros de polvora secca; o que se aprecia é o estrondo produzido, tanto pelas espingardas como pelas peças (193) em que nunca se mette projectil; as cargas são quasi até á bocca e as armas poucas vezes rebentam porque raras vezes usam buchas ou, quando muito, serve para isso alguma herva. Comtudo, se carregam a espingarda cuidadosamente para servir em dada occasião, especialmente na caça, fazem ás vezes bucha com o primeiro farrapo que encontram. Tratar da limpeza e conservação da arma, é coisa de que nenhum se

occupa. As pontarias são feitas como as fazem os brancos, e encontra-se um ou outro atirador razoavel.

As armas brancas que mais trivialmente usam são as navalhas, especialmente as de barba; segue-se na frequencia a faca e é luxo possuir um punhal; a mais apreciada de todas é a espada que rarrissimas vezes se encontra. Qualquer instrumento d'aço é sempre producto da industria dos brancos.

E' relativamente vulgar, em especial nas suas viagens, levarem á cintura alguma grande faca com a lamina occulta em bainha de couro que elles fazem, mas em que não põem enfeites.

172.ª — Contagem do tempo

Vou descrever o que poude apurar quanto ao modo como estes pretos contam o tempo, approximando os seus periodos dos nossos a que de facto não correspondem, mas para poder aproveitar os nossos termos.

Primeiro dividem o tempo em dia e noite mas, como usamos vulgarmente, tambem o seu dia (*lúmbo*) corresponde ao periodo de 24 horas.

As horas não sei como as indicam durante a noite; o dia dividem-n'o pela altura do sol; não dizem o numero de horas, mas indicam a posição que o sol occupa, estendendo o membro superior direito com a mão totalmente aberta de modo a formar um todo em linha, cujo prolongamento daria no espaço o lugar em que se acha o sol á hora que se quer indicar.

A semana é formada por quatro dias que, por sua ordem, se designam: *souna*, *kaândo*, *tóouno* e *becilo*; o primeiro corresponde ao nosso domingo, é consagrado ao descanso e por elle dizem começar a semana; esse termo é commum á semana e ao primeiro dia d'ella; talvez por isto e por o nosso domingo ser dia de descanso, mas mais provavelmente por ser este o dia em que é costume os brancos pagarem ao seu pessoal indigena uma ração maior do que a dos outros dias — a diaria accrescida com as outras coisas que constituem a semanal (88) — chamam ao nosso domingo *dia do sumâna*.

O mez não tem numero certo de semanas, corresponde a um mez lunar e começa a contar-se quando se consegue ver pela primeira vez a lua nova, o que geralmente acontece na tarde do terceiro dia da lua, quasi ao pôr do sol; o primeiro preto, trabalhando a mezes, que consegue vê-la, manifesta a sua alegria dando pulos e grandes gritos (ih! ih! ih!) que despertam a attenção dos que o ouvem, olhando todos para o ceu e desatando nas mesmas cabriolas e gritos, o que depressa succede por toda a povoação; é de vêr como cada um dá immediatamente novo nó no extremo do cordão que segura na cintura o proprio *panno*, marcando assim mais um mez que passa.

O anno indigena tem apenas seis mezes que por sua ordem se

designam por *kafúlo-katchó*¹, *kafúlo-kanéne*², *tchungo-tcheliâna*, *muâna-çundi*, *muâna-çundi-kóme-kazi* e *makó-tungungo*; dizem-me que o primeiro tem 28 dias e cada um dos outros 30 e que aquelle corresponde ao rebentar das arvores o que tem logar approximadamente em novembro, e em algumas segunda vez em maio. De modo que o nosso anno corresponde proximamente a dois d'elles.

A maneira como podem registrar os dias, semanas, etc., ficou descripta (137).

178.* — Vestidura

Dá-se geralmente como presente, quasi sempre a mulheres, ou como amigavel compensação d'insignificante prejuizo causado. Consta ou simplesmente da fazenda (que se presume não ser da peor qualidade) necessaria para fazer os dois *pannos* do vestuario (74) que andam á vista sobre os outros, ou de mais alguma coisa como seja a faixa de trazer á cintura, o lenço para tapar os seios, etc.

174.* — Artigos de barro

Descrevi as fomalhas dos cachimbos (89) e alludi ás vasilhas para transportar agua (168); vou agora fallar de poucos mais productos da ceramica indigena, que é pequena na variedade de fôrmas, mas muito desenvolvida na producção, constituindo commercio de bastante importancia, mas industria de poucas aldeias, porque em poucas se encontra argilla bôa; esta é de duas variedades, resultando productos, depois de cozidos, com duas côres, a avermelhada mais vulgar, e a quasi preta mais empregada para os objectos que tem de soffrer a acção directa do fogo.

O producto mais commum é a panella, desde a de pequenas dimensões, podendo conter menos d'um litro, até á maior, d'uns cinco litros. Não tem tampa senão muito raras vezes, azas ainda menos; semelha no feitio as nossas vulgares panellas de barro, quasi sempre com a borda bem revirada para permittir atar o que segurar as folhas que servirão de tampa; uma ou outra tem desenhos na superficie exterior, constituídos por linhas, quasi sempre rectas, entrecruzadas de varios modos, mais vezes formando cer-

¹ O adjectivo *netchó*, pequeno, tomou a prefixa *ka* para concordar com o seu substantivo; sobre o valor d'aquelle *ne* inicial da palavra vidè (3).

² Semelhantemente succedeu com *nene*, grande. E' manifesto pela pronunciação que todos os nomes dos mezes são palavras compostas; *muâna* quer dizer filho, criança.

cadura ao bojo ou á bocca; o fundo excepcionalmente é chato, quasi sempre convexo; n'este, como em todos os outros objectos, é desconhecido o vidrado.

Outra coisa vulgar é a garrafa para agua, escolhendo-se então o barro que torne o objecto bastante poroso, ás vezes tanto que mal conserva o liquido. O feitio ou é como o das nossas garrafas de mesa, de gargalo alto e delgado e base larga, ou se assemelha um pouco ao moringue, mas sem bicos nem aza. Em nenhum dos casos ha tampa; os enfeites, quando os ha, são semelhantes aos das panellas no formato e collocação.

Fazem algumas vezes pesos para redes, á imitação dos nossos, toscas massas arredondadas com furo central.

Uma vez por outra encontram-se vasilhas com destino semelhante ao dos nossos potes; a fôrma é mais approximada á da amphora, o fundo aguçado e convexo não permite manter-se a vasilha de pé senão enterrando-a em parte ou calçando-a; tambem não tem tampa.

Como nenhum d'estes objectos tem tampa nem vi prato feito por elles, supponho que isto será devido a difficuldade ou ignorancia do fabrico.

175.ª — Quilivo (Kilivo)

Evidentemente é o nosso termo crivo (153) e designa exactamente o que as velhas mestras de primeiras lettras ensinavam ás rapariguitas com o mesmo nome.

E' feito quasi sempre em panno branco fino, do que chamamos patente, tirando os fios, em uma e outra das direcções do tecido, para fazer os abertos e trabalhando depois á agulha para fazer os desenhos; d'estes o mais empregado é o da corôa e armas portuguezas, depois um cavallo e raras vezes outra coisa, um cão, alguma lettra, uma boneca, etc.

Este trabalho é proprio de mulheres e é muito considerada a que o sabe fazer; geralmente é prenda das *empregadas* (27), quasi sempre destinada a fronha para almofada da tipoia do patrão.

Pelo mesmo processo as mulheres fazem entremeios para enfeitar as camisas, sobretudo no fim da manga curta e no peito e costas.

Os homens não desdenham d'empregar tempo fazendo crivo em pequenas tiras para guarnecer os seus *pannos* mais luxuosos.

176.ª — Raladores

Para ralar a mandioca usam d'uma taboa, de madeira rija, em que fazem entalhes parallellos e aproximados, de modo semelhante ao que vemos nas taboas que usamos para lavar roupa em celha

ou alguardar; sómente se procura fazer que os entalhes sejam de forma que as partes salientes fiquem com arestas bem vivas.

Mas empregam muitas vezes o ralador de lata, não tão perfeito como os nossos, tendo a superficie curva ou não. Tomam qualquer pedaço de folha de Flandres, ou d'objecto d'ella feito e, atravessando-a por prego, sempre do mesmo lado e por pancada, vão fazendo buracos semelhantes em linhas symetricas; é claro que do lado por onde sae o bico do prego, a folha esgarça e fica saliente, apresentando o objecto uma superficie muito irregular com saliencias cortantes em volta de cada orificio; é esta a face escolhida para contra ella se reduzir a polpa o que se pretende ralar.

177.ª — Peneira

Chamo-lhe assim porque desempenha o mesmo serviço, mas não porque tal objecto se assemelhe, por qualquer outra particularidade, aos a que damos tal nome.

E' feita de tiras de casca de *bordão*, tão finas e estreitas que parecem fios achatados muito resistentes, rijos e rigidos. A forma geral é a d'uma grande garrafa ordinaria cujo fundo, plano, seja quasi quadrado, apenas com os angulos arredondados. Esse fundo é feito pelo miudo encanastramento das tiras entre si, tecido das partes medianas de todas ellas que, curvando-se sobre si mesmas, vão quasi reunir-se a formar a semelhança do gargalo que serve de cabo da peneira; as tiras deixam entre si espaços lineares, fendas, do fundo ao cabo, e conservam-se n'essas posições por delgadissimas fibras vegetaes, ligando-as e mantendo-as d'espaco a espaco.

Peneira-se o conteudo, que se deitou pelo orificio do gargalo, imprimindo, segurando por este, movimentos que semelham o vascullejar da garrafa, ou fazendo girar rapidamente a peneira, ora para a direita ora para a esquerda, em volta d'um eixo hypothetico que passasse pelo centro da secção do gargalo e pelo meio da base.

178.ª — Capoeira

Os patos e gallinhas pernoitam promiscuamente em capoeiras feitas pelos cabindas e que são em tudo semelhantes ás habitações d'estes (14), mas de dimensões muito menores. Essas pequenas cabanas, porem, não assentam no chão, mas teem por fundo uma serie de pequenas hastes vegetaes, apertadas umas contra as outras e bem ligadas, fundo que está preso a algumas estacas, geralmente quatro, fortemente cravadas na terra em sitio proximo da casa da dona da criação (150); a capoeira eleva-se assim um metro e mais acima do solo, apezar de não ser em ter-

reno alagavel, o que supponho ter por fim evitar os ataques dos animaes carnivoros que poderiam penetrar n'ella se escavassem a terra abrindo passagem.

E' claro que as aves domesticas, mesmo magras ao ponto de darem vãos, não entrariam facilmente pelo pequeno orificio que serve de porta collocado a tal altura; portanto, para que possam recolher-se a esse abrigo nocturno, o indigena constroe uma tosca escada, dois paus compridos ligados d'espaco a espaco por outros que servem de degraus, escada que vae do chão á porta da palhoça com uma obliquidade que permite a subida ás aves. Dentro da capoeira geralmente não ha poleiros nem cesto ou espaco reservado para postura, que quasi sempre se faz no meio das hervas proximas, á escolha do animal.

Ao choco e á criação dos filhos durante os primeiros tempos já alludi (150).

179.ª — *Pulex penetrans*

Foi importado d'Angola ao que parece, e pouco mais ou menos por 1880; encontrando terreno proprio e completo desconhecimento por parte dos indigenas, tomou rapido desenvolvimento e causou extraordinarios estragos, especialmente nos membros inferiores, mas ainda assim menos do que nos pretos do sul do Zaire, para o que contribuiu de certo o maior cuidado na limpeza pessoal (22).

Actualmente cada cabinda de mais de 7 annos e de qualquer sexo, é um operador distincto, perito, cuidadoso, extrahindo o casulo sem fazer sangue nem dôr. Raras vezes o sacco deixará de sair inteiro, mas, se se romper, será cuidadosamente esvasiado e extrahido depois, o que é então bastante doloroso, do mesmo modo que o será, quando a extracção se faz logo depois de o animal se ter alojado na pelle.

N'esta altura é que o europeu costuma mandar tirar o parasita contra vontade do cabinda que, em si, deixará primeiro que o sacco tenha pelo menos dois millimetros de diametro; n'aquelle caso o instrumento para fazer a operação é sempre um alfinete; do proprio corpo, o *fiôte* extrahe o insecto com o que encontra, um espinho, um prego, etc.

Geralmente enchem de cinza de tabaco o orificio d'onde tiraram o bicho, outras vezes não lhe põem coisa alguma; mas nunca se esquecem de queimar ou esborrachar o casulo.

O *pulex*, podendo entrar em qualquer parte do corpo, é mais vulgar nos pés, mesmo sempre calçados; mas não póde dizer-se que tal succeda porque o bicho escolha a pelle mais grossa, visto que, como vi, se cravam até no fundo d'um cancro molle da glande, nas pustulas d'ecthyma das nadegas, nos pequenos labios da vulva, etc. E' frequentissimo no sabugo das unhas e é ahi muito dolorosa e difficil a extracção; encontra-se bastantes vezes nas

www.libtool.com.cn
costas e até na face, mas não vi exemplo de se ter cravado nas orelhas, no canal auditivo, nos olhos, no nariz, na bôcca, etc.

Fiz observações de dois factos com que muitas pessoas se deram bem e que julgo que valerá a pena experimentar; poderei chamar ao primeiro prophylaxia e ao segundo tratamento. A pomada camphorada, em pequenissima quantidade, mettida debaixo das unhas dos pés, logo a seguir ao banho da manhã, não só evita totalmente a entrada do *pulex* n'esses pontos, como parece que afugenta e entorpece os bichos, não consentindo que elles, em qualquer outro ponto do pé, façam mais do que cravar-se tão pouco que semelham a pulga vulgar mordendo, quando á noite se passa revista; notei tambem que assim é muito menos frequente o ataque, por mais demora que haja nos logares mais infectados.

Como tratamento, se a extracção bem feita é muito aproveitavel e tanto mais quanto menos desenvolvido estiver o sacco; se ha pelles, como a dos lymphaticos, syphiliticos, etc., onde é rapido o apparecimento de phenomenos inflammatorios, podendo ir até á gangrena, como vi no pollegar do pé d'um velho europeu alcoolico; se, quando o casulo é maior do que um grão de milho miudo, em muitos brancos succede em Africa que a pequena ferida não se cura sem tratamento e bastantes dias deixa passar incommoda sordosidade com grande prurido; se, depois d'extrahido, convém cauterisar com alcool ou acido phenico diluido, etc., o logar atacado; casos ha em que a extracção é difficil, ou muito dolorosa, como debaixo das unhas, em que não se sentiu a entrada do *pulex*, não se deu por elle senão quando o sacco estava já bem desenvolvido, semelhando uma callosidade onde ha dôr. Então julgo preferivel á extracção um processo rotineiro que vi dar sempre bom resultado: é collocar, ajustado contra a pelle sobre o casulo, um pequeno pedaço de tabaco preparado humido, e renova-o ou conserva-o alguns dias assim, humedecendo-o varias vezes; o prurido cessa breve, o casulo a principio amarellece, depois escurece e diminue de volume; pôde então cessar a applicação do tabaco, o desenvolvimento dos ovos parou; dias depois o sacco por si cae, não deixando ferida.

O *pulex* encontra-se em maiores quantidades nos terrenos removidos de fresco, arenosos e sobretudo nos cobertos por camadas pulverulentas ou por detritos organicos; claro está que o maior numero d'invasões se dá na estação em que não chove.

180.º — Botes de praia

Assim se chama a fortissimas baleeiras, de duas prôas, de cavernas reforçadas por ferro, de fundo chato grossissimo, altaneiras, fortes, pesadas, brutas, movida cada uma por quatro a seis remos (poucas vezes dois) em forquetas de ferro e governada por um remo maior, d'esparrêla, com o timoneiro em pé sobre o estrado que fecha a embarcação a ré, atraz do guarda-patrão, es-

trado que ás vezes tem por symetrico outro á prôa, uma ou outra rara vez ambos formando caixas estanques.

Estas embarcações de poucas bancadas grossas de oito e mais centímetros, servem em toda a costa proxima do Equador, de Benguella ao Cabo Verde, mas são indispensaveis onde fôr maior a *calêma* (❶❶❶). Barcos de posse, servem para o transporte de volumes pesados, cascos com louça empalhada, caixotes d'espingardas, saccaria, etc.

Não devendo molhar-se os objectos, sendo elles muito pesados, ou sendo pouco numerosos os cascos recebidos ou remetidos, faz-se o transporte dentro d'estas embarcações. No caso de muitos cascos com generos mais leves do que a agua, fazem-se d'elles verdadeiras enfiadas com um cabo passando por alças, de cabo tambem, entaladas nos arcos, uma junto de cada cabeça, enfiadas que são fundeadas com ancorote, distantes da praia, esperando o vapor para embarcarem ou estado melhor da praia para que a *calêma* não desfaça os cascos; o cabo commum serve para o reboque que é dado por um ou mais *botes de praia*.

Quando a embarcação deve sair de terra carregada, vira-se de-baixo do seu telheiro, onde geralmente está de fundo para o ar, e é arrastada até onde chegue a agua mas sem força para fazer nadar a embarcação que fica de prôa para o mar; mette-se-lhe dentro o que ha a transportar, e, á medida que tal se faz, vae-se arrastando o bote mais para a agua, mas não tanto que esta chegue a pegar-lhe. Depois de mettida a carga, geralmente tanto menos quanto maior é a *calêma*, entra a tripulação que toma os seus logares, de remos promptos a servir, principiando então a parte mais delicada da grande responsabilidade do patrão, homem conhecedor da praia, e de bastante força physica e moral; a primeira muita vez lhe será precisa para pôr toda no remo com que governa, a fim de que a embarcação não atravesse; a segunda para manter a disciplina nos remadores sentados de costas para o mar e de face para o patrão, fazel os remar bem e com força nas occasiões criticas, para que tudo não se volte dando grandes desastres. Numerosos pretos que hão de ficar em terra, cobrem totalmente com as mãos as bordas do bote, mettidos á agua, esperando ordens.

Tudo calado, o patrão de pé, vigilante, examina o mar e espera a sota, que ás vezes se faz esperar deveras, o que muito incommoda os passageiros brancos já embarcados; recorde-me, no Ambrizête, de ter esperado mais de tres quartos de hora que fosse occasião de sair; havendo passageiros, o bote não leva carga. Quando o patrão calcula que vae chegar a onda mais baixa, de menor rebentação, avisa por gritos toda a gente, e cada um, tomando a sua posição, espera attentamente a ordem de fazer força. Quando desce pela praia a agua da vaga anterior á que é calculada boa, ouve-se a ordem, aproveita-se essa agua empurrando todos os que teem pé na areia, com grande esforço e muita pressa, porque é necessario que a embarcação esteja toda ou quasi toda ao mar do ponto onde a vaga rebentará antes d'ella

rebentar; os que estão na areia abandonam o barco, a tripulação rema com pressa e com força, o patrão anima a gente e mantém a prôa direita á vaga, que põe o bote quasi a prumo e passa espumando; mais algumas remadas fortes e a navegação far-se-ha bem, quando não ha segunda rebentação, como não acontece n'estes pontos da nossa costa africana.

Raras vezes, o que admira, succede desastre n'esta faina; mais ou menos molhadella, ás vezes uns salpicos e eis tudo. Mas, ou porque não foi bem escolhida a sota, ou porque se trabalhou pouco ou de vagar, acontece a embarcação não avançar o sufficiente para passar o perigo, ou atravessar um tanto, obliquando á direcção das vagas; então o enorme rolo vira o pesado barco como se fôra fragil bote e tudo vem á praia desfeito, e o pessoal esmagado se não fugir a tempo; é n'essa occasião que o patrão dá um signal, que os marinheiros atiram fóra os remos e saltam apoz elles, segurando-os para se salvarem e fugindo do bote para não serem esmagados, coisa de que se contam bastantes exemplos, embora poucos em Cabinda, onde a *calêma* geralmente é fraca e poucas vezes terrível.

A chegada a terra apresenta tambem bastante perigo, e por estas razões só se trabalha de dia onde a praia é má; em Cabinda raramente se deixa de poder embarcar e desembarcar, mas ha pontos da costa onde a praia está fechada dias seguidos.

A' medida que o barco se approxima da praia augmenta a attenção dos tripulantes no patrão e d'este no estado do mar. Da terra veem-n'o, prepara-se a faina; bastantes pretos vão para o logar onde é costume abicar. Pouco antes da rebentação, os passageiros, se os ha, passam para a prôa; os remos apenas tenteiam a direcção do barco sem o fazer avançar, até que o patrão, percebendo ao longe uma vaga boa, manda remar e cada um puxa quanto póde; o bote, pela força dos remos e da onda, adquire extraordinaria velocidade, vae na cólla da vaga de pôpa alçada e de comprimento perpendicular a ella (á custa da força do patrão no seu remo) até que toca na praia com o fundo á prôa; os pretos de terra approximam-se rapidamente, cobrem as bordas da embarcação fixando-a para que a vaga, recuando, não a arrebate e a enrole; desce a agua, a tripulação salta, cada passageiro é arrebatoado por um preto dos mais fortes que o vae collocar na areia, e os outros pretos esperam a vaga seguinte para encalhar o bote, assim alliviado, até onde for possivel, começando então a descarga.

São mais vulgares os desastres na chegada a terra do que na partida para o mar; se a embarcação não traz a velocidade conveniente, entra-lhe o rôlo e póde afundar-se; se não vem bem direita, vira-se; se não se fixa na praia onde chegou, recua para o mar, é enrolada pela vaga, soffre grandes avarias; nos dois ultimos casos esmaga, voltando-se, quantas pessoas encontrar.

Se a carga é de volumes pesados, como é impossivel servirem-se de guindastes, á força de gente vão inclinando o bote sobre

uma das bordas até ficar o fundo na vertical ; assim o volume é despejado na areia e depois arrastado para a feitoria.

Havendo *caléma*, são indispensaveis os *botes de praia* para se poder communicar com a terra ; qualquer escaler de quilha volta-se, enche-se d'agua, desfaz-se ; é por isso costume passar dos escaleres para estes botes a certa distancia da praia.

181.ª — Palmas

Dar palmas é coisa frequentissima, mas nem sempre com a mesma significação, nem do mesmo modo dadas.

Durante uma conversa, quando a ou as pessoas que ouvem gostaram, acharam graça, ao que disse a que fallou, além das gargalhadas dão palmas, duas ou tres, com grande intervallo, como é vulgar vêr-se no nosso povo em casos semelhantes ; mas é necessario que o grau social dos assistentes seja bastante approximado, se não egual.

Ha palmas que significam decisão ; dão se com as mãos abertas, batendo só uma vez a palma d'uma das mãos contra a da outra, mas como que de raspão. Outras vezes significam admiração, mas mais especialmente quando é por facto que desgosta ; então é tambem só uma pancada, com as mãos um pouco curvas, dando som rouco e ficando as mãos juntas.

O numero maior de palmas dá-se em dois casos differentes, mostrando submissão ou approvação a discurso ou sentença. O primeiro caso terá logar quando individuo de qualquer dos sexos encontrar outro que lhe é muito superior, geralmente um nobre dos mais elevados ; a pessoa curva muito o corpo para diante, ou mesmo ajoelha, dando demoradamente quatro a seis palmas, batendo com as mãos uma na outra, mas tornando concava a palma de cada mão para que o som seja rouco ; essas palmadas são successivamente mais fracas e mais approximadas entre si. Como signal d'approvação, especialmente durante as *fundações* (II), as palmas dão-se d'este mesmo modo, em maior numero, entre seis e dez, mas só as dão as mulheres e quando virem que os homens se manifestaram já ; dão-n'as ajoelhadas nos seus logares em volta dos circulos de homens presentes. A approvação por parte dos homens manifesta-se repetindo a ultima palavra, ou mesmo a ultima syllaba pronunciada pelo orador quando este se dirige ao auditorio perguntando-lhe a sua opinião ou quando, tendo arrebatado os ouvintes, faz uma pausa para gosar do triumpho e dar occasião ás expansões.

182.* — Vegetaes medicinaes

Conhecem estes pretos numerosas plantas com propriedades que aproveitam no tratamento de doentes ou para fazer adoecer, mas tão bem guardam os *feiticeiros* (70) o segredo dos effeitos obtidos e dos vegetaes aproveitados, da parte empregada e do modo de a usar, que não só a generalidade dos indigenas desconhece as applicações, como tambem os que as sabem conservam o segredo com receio de guerra movida pelos curandeiros. Conhecido algum d'estes, apanhado de surpresa no exercicio da sua profissão, lá se consegue aprender alguma coisa quando o *ganga*, geralmente preto muito esperto, não troca o vegetal, não se desculpa com a existencia da planta só a grande distancia, etc., mil pretextos para fugir a ensinar ou para ludibriar o branco.

Alguna coisa consegui apenas a respeito das duas plantas (não fallando do que disse na nota 131) que experimentei e que fiquei conhecendo:

1.^a *bâte-bâte* é o seu nome indigena; de parte subterranea formada por pequenos tuberculos esbranquiçados forrados de castanho, é pequena herva, não attingindo mais de 60 centimetros d'altura no periodo de floração; do meio d'um tufo rasteiro de folhas verde escuras, irregulares, não dentadas, elevam-se delgadas hastes verde claras, com folhas eguaes mas menores, oppostas, pediculadas; as flores são numerosas, muito miudas, roxas, dando sementes escuras, duras, muito pequeninas, segurando-se fortemente ao fato.

Aproveitam-se os tuberculos; experimentei-os como elles os usam, frescos, ligeiramente contusos; por infusão em agua fervente (20 a 50 grammas para um litro), obtem-se um liquido levemente córado d'amarello, na dóse para 24 horas, para uso interno, tomado frio aos goles, que é excellente em todas as inflammções das vias urinarias; com esta bebida, desajudada de qualquer outro medicamento, vi curarem-se rapidamente cystites e urethrites agudas fortes.

2.^a *munduli-dúli* lhe chamam; arbusto attingindo até 4 metros, de que se aproveitam as folhas d'um verde claro, simples, pecioladas, alternas, ovaes, dentadas, de que tambem se faz infuso, que se emprega depois de frio, só para uso externo; tem uma acção decisiva, rapida e energica, na suppuração que depressa faz cessar nas feridas de qualquer especie e nas erupções pustulosas. Empreguei este liquido em mais de 100 casos de variola, em compressas constantemente renovadas, quer no começo da formação da pustula quer depois, quer esvasiando primeiro as vesiculas quer não; os resultados foram sempre brilhantes, não só a suppuração diminuia rapidamente ou era pouquissima, como cada pustula deixava como vestigio unicamente a differente coloração da pelle (não houve branco algum varioloso) que tempos depois desappa-

recia, não restando o minimo signal apparente da existencia da erupção nos pontos onde se tinha feito este penso.

188.* — Ventosas

De uso muito vulgar, podem ser seccas ou sarjadas. As primeiras são applicadas sempre com intento curativo, para alliviar qualquer dôr; mas mesmo para isto ha mais fé nas segundas, que podem ser empregadas como tratamento de contusão, queda, dôr (especialmente de pontada ou rheumatismo muscular) cephalalgia, etc.; é o que vulgarmente chamam *tirar sangue*, e que muitas vezes serve de pretexto para illudir os brancos quando querem obter escusa do serviço, licença para se ausentarem, etc. Muitas vezes nos rapazes, e especialmente nas raparigas, são empregadas para as cicatrizes servirem d'adorno (75).

As ventosas podem applicar-se com ou sem o auxilio do fogo; o instrumento empregado em ambos os casos é quasi sempre um chavelho, cuja ponta é cortada e furada ficando com pequeno orificio. No caso de não se usar do fogo, o corno deve ser pequeno e a rarefacção faz-se com a bocca; no outro caso deve ser maior porque precisa ter dentro uma pequena grelha sobre a qual se collocam brazas, afastadas da pelle, para rarefazer o ar; a parte mais larga do objecto applica-se e mantem-se sobre a pelle vedando por pressão ou com o auxilio de leve camada d'azeite de palma.

Sarja-se á faca, ou melhor com navalha de barba; fazem-se pequenos golpes parallellos, finos, superficiaes (só comprehendendo a espessura da pelle) e equidistantes entre si; fazem-se no lugar onde esteve applicada a ventosa, que se applica segunda vez no mesmo ponto se se quer tirar sangue.

184.* — Sudação

E' provocada com o auxilio de brazas; simples na maior parte das vezes, e mais ou menos abundante conforme a indicação do curandeiro, póde ser seguida d'immersão em agua fria, especialmente nos casos de rheumatismo polyarticular, e mais nos de rheumatismo subagudo ou chronico das pequenas articulações.

Faz-se uma grande fogueira empilhando lenha em um rectangulo de chão liso e enxuto, preferindo-se arenoso, e lançando o fogo em mais d'um ponto para a combustão tomar rapidamente toda a massa; quando um olho experimentado vê que tudo se transformará facilmente em brazas, desfaz-se a pilha, batendo na lenha que se quebra em miudos fragmentos ardentes sem chamma. Então afastam-se rapidamente todas as brazas, deixando livre o espaço onde estivera a pilha de lenha e formando em torno d'elle uma

cinta de madeira ardente. O doente, que deve estar proximo, completamente despido, mas envolvido em cobertor ou coisa que o valha, é á pressa transportado e deitado de costas no espaço livre rodeado de brazas; despoja-se do cobertor encharcado e, ou é passado pela agua fria, ou logo envolvido em outro cobertor enxuto, fazendo-se-lhe então massagem mais ou menos brutal, que vae até ser feita com os pés e o peso do corpo do massagista, como succede se a dôr era lumbago, para o que será o doente collocado em decubito ventral.

185.º — Affirmativa

Póde ser por palavras, só por gestos ou pela combinação dos dois modos.

1.º modo: servem as palavras *báboubó*, *an̄gête* e *chim*; esta, a corrupção do nosso sim, usa-se principalmente quando se falla com branco, mas começam já a usal-a entre si; a primeira não é dada como resposta, é a affirmação do que se ouve dada por quem ouve para reforçar o que diz quem falla; a segunda é a usada mais frequentemente entre elles, mas só se diz desacompanhada d'outra quando fallam individuos de classe igual ou proximamente igual, ou quando o superior responde ao inferior; na inversa do ultimo caso, aquella palavra é sempre precedida do tratamento *muéne* (senhor) e toma-se attitude especial: ou o inferior faz menção d'ajoelhar sendo homem, ou põe os dois joelhos em terra sendo mulher, mas em qualquer dos casos juntam-se as duas mãos, palma com palma, pendentes adiante do corpo; a coisa complica-se se o superior é de categoria muito elevada, porque ás palavras, ás posições do corpo, juntam-se palmas (1 8 1) de tom rouco decrescente e intervallos successivamente menores. Outro modo d'affirmar por palavra é repetir a ultima palavra, ou parte d'ella, que o orador pronunciou ao fazer pausa no discurso; succede querendo-se reforçar ou mostrar concordancia com o que se ouve; é usado frequentemente e o unico empregado em *fundação* (1 10).

2.º modo: *a*, ligeira abertura da bocca inclinando a face para cima; *b*, elevar uma vez as sobancelhas; *c*, combinação dos dois.

3.º modo: *a*, o gesto *a* acompanhado do mesmo sybillo que no *yes* aristocratico; *b*, o gesto *a* acompanhado do som *an* expirado e um tanto demorado; *c*, qualquer das palavras do primeiro modo, acompanhada d'uma só pancada sêcca d'uma palma da mão contra outra, virando rapidamente as palmas para cima e afastando lentamente do corpo os membros superiores; *d*, os gestos *a*, *b* ou *c* combinados entre si e com os sons *a* ou *b*; a terceira fórma d'este modo faz-se quando o caso é importante ou d'ahi resulta satisfação ou esperanza de bom resultado.

186.^a — Negativa

Quando é negação d'acção expressa por verbo, indica-se dizendo depois d'este a particula *kó*¹, exceptuando para não querer que tem palavra especial (205). Algumas vezes parece que esta particula está isolada no fim d'uma phrase; julgo poder dizer que sempre haverá então um verbo occulto.

Quasi sempre, mesmo fallando com superior, usa-se simplesmente de *vá* ou *vé* completamente destacado, sem se juntar nenhuma outra palavra; varia porém a entoação e acompanha-se ás vezes de gesto só feito com a cabeça ou com os labios, do mesmo modo que nós fazemos para indicar que a negação se faz com enfado, já zangado, ou que se confirma a negação; mas o movimento da cabeça é feito só uma vez e limitado, do plano mediano do corpo para um lado. A's vezes dizem *kápázo* (capaz) como se fosse uma interjeição.

187.^a — Kúnda-fúmo

Pronunciado assim geralmente, mas melhor dito *kúndâ-ia-fúmo*, este termo á letra quer dizer escravo por penhor (37) de *principe*, e applica-se a qualquer preto por quem se manda um recado ou escripto (62), quer quem manda seja principe ou nobre quer não, e quer o que é mandado esteja escravizado ou simplesmente assoldado; por isso me pareceu que a melhor traducção seria emissario. A expressão indica talvez que na origem d'ella e d'este costume só os nobres podiam mandar recados e que, para isso, só se serviam d'individuos menos sujeitos a fugir do que os verdadeiros escravos.

Entre nós diz-se portador a pessoa que leva qualquer coisa, e é esse o termo que se usa em Cabinda quando um branco manda um preto levar qualquer objecto mesmo um escripto, se é a outro branco. Mas como os pretos não escrevem uns aos outros, o portador de preto para preto será antes um emissario ou um procurador (59) que terá de satisfazer a condições diferentes. Em casos especiaes de maior representação, esse emissario reveste maior importancia e tem attributos especiaes, é como que embaixador (122). Algumas vezes o procurador, representando e defendendo em *fundação* (10) os interesses de quem o nomeou, é antes um advogado.

¹ Fóra d'estes casos esta particula é palavra que significa escama, cujo plural é *makó*.

Portanto, embora synonymas n'estes costumes cabindas, não significam as mesmas coisas, quando se trata de brancos e pretos, as palavras portador, emissario, procurador, advogado e embaixador; quiz frisar aqui as diferenças, mas só a leitura das notas citadas pôde melhor fazel-as comprehender.

188.ª — Má; synonymos

Acceita, toma, tem seu equivalente especial em *fiôte* (52) (*tâmbula*), que apenas se usa em conversação demorada, e raras vezes na forma imperativa; no ultimo caso emprega-se quasi exclusivamente a simples syllaba *má*, invariavel na forma, sem plural nem preterito, parecendo ser antes uma interjeição propria para aquelle fim.

A proposito vem recommendar certos cuidados com synonymos, mesmo quando usando das palavras portuguezas: é facto que toma e acceita são para os cabindas perfeitamente equivalentes, mas já não succede o mesmo com recebe; esta palavra é para elles synonyma de respeita, com quanto usem só d'esta, mas respeita tem uma significação muito differente da que lhe damos; respeitar é antes hospedar, receber um hospede, fazer-lhe as honras da casa (214) dando-lhe hospitalidade tanto maior quanto maior fôr a sua hierarchia; é obsequiar, honrar, mostrar que se tem pelo hospede, e até simples visita, a consideração e respeito que lhes são devidos pelas leis indigenas.

189.ª — Tuéka

O verbo *ku-tuéka*, a que dei no vocabulario a traducção de verter, não tem realmente bem a significação que se dá á nossa palavra; não é só deixar passar o liquido contido, pois que se o liquido é exterior e passa atravez as paredes d'um corpo ôco para dentro d'elle, usam o mesmo termo; este tanto serve para a vasilha, pipa, etc., que deixa sair o liquido como para a embarcação que o deixa entrar. Mas, coisa mais notavel é que quando um liquido, de aspecto grosseiramente semelhante á agua, sae dos nossos intestinos por alguma razão, por demorado effeito d'um forte purgante, por exemplo, emprega-se ainda o mesmo verbo.

190.ª — Confusões

Vi-me em serios embaraços para apurar a trudução do verbo encontrar, não no sentido de achar, mas no de uma pessoa ter um encontro, combinado ou não, com outra. Se julguei haver

possibilidade de ser assim: encontra *dáenkúma*, encontrou *dáenkázenkúma* (evidentemente expressões compostas cujos componentes não consegui pôr a limpo); depressa surdiram maiores embaraços, dando-se-me para traducção *buál'êngána* (no presente) e *óbuál'êngána* (no preterito), também de certo palavras compostas; por fim recorri a um preto ¹ nobre, de casta elevada e certa educação, nascido em Cabinda, de família *fiôte*, negociante, sabendo ler e escrever, fallando portuguez muito razoavelmente; não adiantei mais no que consegui perceber e vou escrever á falta de melhor: encontra *é buál'êngana* (suppressão do *a* por euphonia), o preterito *é óbuál'êngána*, o particípio *mouna-kéza*; o substantivo encontro seria *buál'êngâziána*, no plural *babuál'êngâziána*. Não consegui ficar certo de que nos tínhamos ou não comprehendido; posso affirmar que era assim a pronuncia das palavras correspondentes ás minhas perguntas e que manifestamente esses termos são palavras compostas; *buála* póde ser aldeia, mas a prefixa (2) junta para formar o plural mostra que não o é aqui; *mouna* póde ser vê, mas sel-o-ha? A terminação do termo correspondente a encontro lembra a suffixa da forma passiva dos verbos. Mas que deve concluir-se de tudo isto?

Ha varias outras origens de confusões de que tratei em notas separadas, especialmente nas n.ºs 22, 44, 49, 58, 101, 118, 188, 189, 191, 192, 200, 201, 203, 208, 213, etc.

191.º — Hontem e amanhã

Quando falam portuguez fazem confusão entre hontem e amanhã, empregando quasi sempre a primeira palavra; e é pelo sentido, especialmente pela significação do verbo, que se conhece o que querem dizer: assim dizem eu foi hontem (hontem), e eu vae hontem (amanhã). Na sua lingua, embora haja duas palavras para traduzir á lettra as nossas, também quasi sempre empregam a menor que é a que em rigor significa hontem; do mesmo modo o sentido é que dá, em regra, o valor, e só quando resulta confusão (por exemplo quando dão como resposta unicamente uma d'essas palavras) é que é dever pronunciar a palavra completa, *ioumo-tchiélo* amanhã, *ioumo* hontem.

192.º — Levar e trazer

Quando querem fallar portuguez usam quasi sempre estes termos nos sentidos oppostos aos que lhes ligamos; assim dizem eu

¹ Frederico Puna, irmão do barão de Cabinda.

vou trazer para casa de F. e vou levar para aqui, o que mais propriamente se diria buscar. No vocabulário dei as correspondências dos termos em *fiôte* aos portuguezes na verdadeira significação, sem me importar com as trocas que elles fazem, mas chamei a attenção para esta nota, afim de evitar confusões quando se falla a nossa lingua com elles.

193.º — Aprendizés

Qualquer indigena ao serviço da casa d'um branco, não se sentirá bem se não tiver ajudante, ou melhor um seu creado do seu sexo: o cozinheiro, o despenseiro, o criado, o lavadeiro terá um rapazito, a *empregada* (●●) terá uma rapariguita. Estas crianças são por assim dizer aprendizes, praticantes prestando algum serviço e aprendendo as obrigações d'aquelles a quem servem; porque realmente são empregados d'esses empregados e não do europeu que não tem que pagar-lhes seja o que for, mesmo que uma ou outra vez os empregue no seu serviço; verdade seja que sempre o branco, de quando em quando, lhes dá como presente alguma peça de vestuario, e mais ou menos directamente os sustenta, mas nada d'isso é obrigatorio e, pelo contrario, o empregado é que tem de pedir licença para ter aquelle ajudante.

Póde mesmo dizer-se que cada criado tem seu criadinho. São geralmente crianças de seis a dez annos, *in nomine* vestidos e sustentados por suas familias, que muitas vezes pagam ainda aos mestres para os consentirem comsigo, a aprendizagem. E' isto o que succede com os pretos pequenos que, vivendo com pescador, ou carpinteiro, alfaiate, etc., melhor correspondem aos nossos aprendizes, distinguindo-se, porém, em que estão separados das suas familias, vivem com os mestres.

Na quasi totalidade dos casos essas crianças são parentes proximos dos mestres, ou pelo menos, filhos de qualquer especie (●●) d'alguem parente que os põe a aprender assim um modo de vida.

194.º — Flecha, espingarda, bala, etc.

De certo que entre os cabindas a primeira arma d'arremesso foi a flecha impellida pelo arco; só muito mais tarde deverão ter conhecido a espingarda lazarina.

Assente esta noção, parece-me facil comprehender as traducções, na lingua *fiôte*, das palavras d'este titulo.

O seu aparelho primitivo é *metá-bumbau*, palavra evidentemente composta visto que, querendo dizer tres d'esses instrumentos, se exprimem assim: *matá-matáto-bumbáu*, como é da regra (●●●); aqui a primeira parte tem a prefixa do plural que foi reter o numero, mas a segunda parte ficou invariavel. Ora a flecha,

a coisa arremessada, chama-se *neçouto-bumbáu*, portanto não será grande erro concluir que o arco seja *bumbáu*, o que mais provavel julgo vendo os termos de que se serviram para expressar os conhecimentos que a este respeito adquiriram com o andar dos tempos.

Vemos que á espingarda chamam *metá* (plural *matá*), e á bala *neçouto*; d'ambas as expressões eliminaram a palavra *bumbáu*, mas não juntaram, como em muitos outros casos, termo que exprima a proveniencia do novo instrumento. Portanto mais parece que a simples subtracção de *bumbáu* bastou para dar a entender a differença; e, como esta é especialmente na existencia ou não do arco, não é illogico que *bumbáu* seja arco. Demais, já tinham termo para pedra (*mánha*) e aproveitaram-n'o para pederneira (*mánha-metá*, ou *mánh'-a-metá*), isto é, pedra de espingarda.

A proposito vem dizer, que raras vezes se servem de balas, mesmo das de chumbo; nem as compram, nem as fabricam; preferem, para carregar as espingardas, bocados de ferro irregularmente cortados a frio, verdadeiros zagalotes de dimensões variadas, carregando de cada vez com um numero d'elles sempre superior a dois; se perdem assim no alcance e certeza do tiro, ganham na dispersão, na probabilidade de ferir mais d'um animal, ou de fazer no mesmo mais d'uma ferida; ganham na qualidade dos ferimentos, irregulares, com esphacelamentos grandes e córtes dos tecidos, produzindo quasi sempre rapidamente a morte.

195.º — Tratamentos

O quasi geral na conversação é *indjé*, que bem corresponde ao nosso você; designa a pessoa a quem se falla se é inferior, igual ou um pouco superior, mas que não tenha titulo de nobreza, porque, n'este caso, só um igual ou superior lhe dará tal tratamento; de contrario usar-se-ha *muéne* (☹) ou, alguma vez, a designação do titulo.

Fallando com branco, não dizendo *chiou* (senhor) ou outra corrupção menor do termo portuguez; empregarão a palavra *mundéle* (branco).

O que é rarissimo é o tratamento por tu, só o usará o dono para com o escravo, mas fallando em portuguez; os parentes, mesmo os paes aos filhos, os irmãos entre si, etc., tratam-se por *indjé*, ou então empregando as palavras *pac*, *mãe*, *filho*, etc.; não esqueça, porém, que a mulher dirá filho áquelle que o é realmente, ao que ella gerou; mas o homem tem varias especies de filhos (☹☹) que pôde tratar d'esse modo, mas que muitas vezes o não são no sentido do nosso vocabulo.

196.º — Insultos

Vimos (131) que o *chingamento*, por qualquer das fórmulas, é um insulto que, conforme as circumstancias, pôde ser de fraco valor ou da maxima importancia.

Todo e qualquer insulto, pronunciado em *fundação* ou *palavra* por uma parte contra outra, tem tambem consequencias prejudiciaes a quem o diz, como succede com as offensas corporaes (60). Mas fóra d'estas condições, os insultos são coisa vulgarissima e quasi sempre sem consequencias, mesmo ditos em publico, contanto que o offendido não seja um nobre; trocam-se os epithetos os mais injuriosos perante toda a gente e, quando se imaginava que o resultado seria uma aggressão, quando se chegou até de punho fechado a despejar insultos, approximando as mãos da cara d'aquelle a quem se insulta, arrefece a indignação, os dois pretos afastam-se injuriando-se ainda de longe, cada qual seguindo o seu caminho, e tudo fica em nada.

E' longo o vocabulario insultante na lingua *fiôte*, mas ainda assim julgado insufficiente porque, coisa curiosa! para não repetirem muitas vezes as mesmas palavras, quando a indignação augmenta passam a insultar-se em portuguez mais ou menos corrupto. Os termos mais vezes empregados são cachorro, cão, moleque (é o termo por que se designa o criado do branco sem n'este caso ser offensivo); mas os mais fortes são negro e escravo, que constituem o cumulo, porque a palavra d'elles que significa escravo (37) não corresponde, no seu modo de ver, ao mesmo que escravo era para nós, e o seu termo negro não dá a mesma idéa que o preto (101): ambas aquellas palavras portuguezas significam desprezo, correspondem á significação offensiva que ás vezes ligamos a gallego e negro. As palavras e as phrases sujas ou obscenas, em que são fortes as nossas classes baixas, são bem conhecidas e usadas por bastantes cabindas que, com os degredados e deportados, as aprendem em primeira mão.

197.º — Jogos de cartas

Conhecem só dois a que chamam *bissega tchimpito* (bisca portugueza) e *bissega fiôte* (bisca cabinda). Na primeira dão-se quatro cartas a cada pessoa (podem jogar dois ou quatro parceiros), volta-se uma para trunfo e põe-se o baralho em cima, como nós fazemos; joga o mão e depois os outros a seguir pela direita; o naipe é obrigado, excepto quando convem cortar mesmo que se tenha do naipe de mão; na contagem cada figura vale quatro pontos, o az e a bisca de trunfo um, e as outras cartas não teem valor.

Na segunda, também com dois ou quatro jogadores, dão-se as cartas a quatro e quatro até acabar o baralho; não ha trunfos; começa o jogo pelo mão e os outros hão de jogar carta do mesmo naipe; quem não tem d'este, guarda todas as cartas que estão na meza e espera nova jogada do parceiro que primeiro deitou carta n'essa mão; quem fica sem carta alguma primeiro, é quem ganha; é uma especie do nosso jogo do burro.

Em ambos os jogos não se servem das cartas oito, nove e dez; a carta que ganha a todas as outras do mesmo naipe é o az, seguindo-se o sete, o rei, a dama, o valete, o seis, o cinco, o quatro, o tres e o dois; o naipe de mais valor no primeiro jogo é o do trunfo, no segundo é aquelle por que começou cada mão; as outras cartas não valem coisa alguma senão para preferencia de mão, na mesma ordem decrescente e só dentro do mesmo naipe.

Tem designações especiaes para os naipes e para as cartas. Os naipes são: copas *kópo*¹, espadas *manômba*, ouros *uela*², e paus *imuánga*. Cada termo d'estes dá, por processo vulgar (204), origem a um adjectivo que teremos de traduzir por carta de tal naipe quando pronunciado isoladamente ou por d: tal naipe quando pronunciado depois do substantivo que designa a carta, o nome d'ella; n'este caso é collocado sempre depois do substantivo e sempre com a mesma prefixa *chi* ou *tchi*³ sem alteração, quer o nome da carta tenha ou não prefixa indicando plural; assim qualquer carta dos quatro naipes dir-se-ha respectivamente *tchikope*, *tchi-manômba*, *tchiuelo* e *tch-imuánga*; rei d'espadas, az de paus, terno de copas, etc. dir-se-hão *lê tchimanoмба*, *tchina-tchimuangá*, *matáto tchikópo*, etc. As dez cartas que usam teem os seguintes nomes em qualquer dos naipes; az, *china* ou *tchina*; duque, *chimuála* ou *tchimuála*⁴; terno, *matáto*⁵; quadra, *manan*⁶; quina, *matáno*⁷; sena, *massámbuno*⁸; sete ou bisca, *massámbuále*⁹ ou *bissega*; dama, *pula*; valete, *táli-táli*¹⁰; rei, *lê*¹¹.

¹ Evidentemente portuguez corrupto.

² E' já maior o grau d'appropriação da nossa palavra, pois que o metal ouro é designado por *uóla*.

³ Simple differença de pronuncia local de aldeia para aldeia.

⁴ Dois é *uáli*; concordando com substantivo cuja prefixa do plural seja *má*, diz-se *muáli* (202).

⁵ Uma das formas do plural de trez.

⁶ " " " de quatro.

⁷ " " " de cinco.

⁸ " " " de seis.

⁹ " " " de sete.

¹⁰ Traducção litteral: machadinho (208).

¹¹ Corrupção do portuguez.

198.º — Côres

Não percebi que tivessem termo correspondente ao nosso generico; mesmo a terminologia das côres é muito resumida. Querendo fallar de côres, dizem sempre qual a côr ou o que é parecido com ella. Uma só palavra significa azul e verde, outra pardo, castanho, roxo, escuro. Também não percebi que soubessem designar os tons da mesma côr ou a mistura d'ellas (198).

199.º — Branco

Este adjectivo applica-se para designar o que tiver tal aspecto sempre que não se trate de pessoa (199); exemplo cabello branco, *beléndje pémba*. Também serve para denominar animaes, especialmente aves, cuja cobertura seja na maior parte branca ou mais trivialmente branca; é assim que chamam *pémba* á sua aguia, á gai-vota, ao pombo domestico, etc. Adjectivando a palavra pela tão vulgar prefixa *chi* ou *tchi* (200), traduzem esclerótica (o vulgar branco do olho) dizendo *tchimpémba*.

200.º — Sexos, lados

Os termos *bákala* (homem) e *metchénto* (mulher), servem também para designar respectivamente os sexos masculino e femenino, o macho e femêa da mesma especie animal, e os lados direito e esquerdo do corpo, a mão e o pé d'esses lados; exemplos: nobre masculino, *fúmo bakála*; cadella, *mebuá metchénto*; caminho á direita, *nejila bakála*; pé esquerdo, *tâmbe metchénto*.

201.º — Pluraes

Os pluraes dos adjectivos são regidos pelos dos substantivos com que concordam.

Os dos substantivos são bastante variaveis: se a palavra é portugueza mais ou menos corrupta mas ainda não sujeita ás regras indigenas, muitas vezes o plural se fórma com a prefixa *ji*¹ que

¹ Correspondente ao *ji* d'Angola e que parece ser um resto do som do *s* final do artigo que na lingua portugueza precederia o substantivo e que elles oc-

tambem muitas vezes serve para os substantivos indigenas, especialmente se começam por consoante differente das citadas abaixo ou se não teem prefixa especial; n'este ultimo caso, porém, bastantes vezes os pluraes são formados com as prefixas *ma*, *me*, *mi* e *be*; se no singular o substantivo tem como som inicial o que julguei dever escrever *ne* (3), a prefixa *zi* toma a variante *zim*. Quando fôr fixa, conhecida, a quantidade d'objectos a que o plural se refere, poucas vezes se usará do *zi*, porque este indica mais propriamente que o numero é indeterminado.

O prefixo do plural para os substantivos que designam pessoas é *ba* (2), que em alguns casos é ainda applicado a outros animaes, especialmente quando se trata d'animaes de menor idade, designados em geral por modo semelhante ao das crianças (200).

As prefixas do singular e suas correspondentes nos pluraes, são: *bu* — *mi*, *m'* (excepção, carapuça *bukúço*, plural *bekúço*)

chi ou *tchi* — *bi* (excepções: *dansa*, *tchina*, pl. *matchina*; *sombra*, *chinhe*, pl. *ibinhe*).

chim ou *ichim* — *bim*.

i — *bi*, *be*, *ma*, *u* (excepções: *macrobio*, *inúno* ou *núno*, pl. *íme-núno*; *jogo*, *icávo*, pl. *oçávo*).

ki — *be*, *bi*.

kou — *miou*.

ku — *ma*.

le — o plural perde a prefixa

li — *ma*, *m'*, *tu*

lu — *tu*, *be*, *ne* ou perde a prefixa (excepção: *pestana*, *lulábo*, pl. *dábo*)

me — *be*, *mi* ou perde a prefixa.

mon — *mion*

mou — *miou*

mu — *me*, *mi*, *bi* (excepção: *pello*, *muika*, pl. *mika*)

mun — *min*, *bin*

ne — *ma* ou perde a prefixa.

Dois substantivos me pareceram excepções notaveis: os correspondentes a tomate e tumulto. Se o primeiro tem no plural ainda resaiço portuguez, *tumáto*, o singular poderia ser igual, ou podia ser assim o singular e o plural ter a prefixa *zi*; mas não, aquelle é o plural e o singular é *kamáto*. O segundo tambem me parece sair de todas as regras, é no singular *ribúmba*¹ e no plural *ma-búmba*.

Varias vezes usam como substantivo o radical d'um verbo; exemplo: *dansa* (verbo ou substantivo) *tchina*; por vezes estes substantivos não teem plural, como *sákana* que significa brincadeira e brinca (imperativo singular ou radical do verbo brincar); julgo que

cultam; em vez de os casacos, pronunciariam *u zi kázáko*, mas usam simplesmente *zi kázáko*.

¹ Convenci-me de poder affirmar ser *vibúmba* e não *libúmba*, cujo plural seria então regular.

só formam assim os substantivos quando elles exprimem acção, acto de fazer o que diz o verbo.

Os prefixos dos substantivos são os que regem toda a oração ; nos substantivos póde enxertar-se como terminação ou suffixa a do pronome possessivo (206).

202.ª — Numeração

Ha nomes especiaes para os numeros da primeira dezena, palavras que tomam a prefixa dos substantivos com que tiverem de concordar no plural, do mesmo modo que succede com os adjectivos (204): assim, escrevendo os radicaes, temos :

- 1 — *muéka*¹
- 2 — *uáli*, *bioule*²
- 3 — *táto*
- 4 — *nân*³
- 5 — *tâno*
- 6 — *sâmbuno*⁴
- 7 — *sâmbuáli*
- 8 — *nâna*
- 9 — *ivuá*
- 10 — *kúme*

Este ultimo póde tambem considerar-se significando dezena, porque d'elle se formam as dezenas tomando elle a fôrma plural pelo prefixo *ma*.

- 20 — *makúm'*-*'uáli*
- 30 — *makúm'*-*'atáto*
- 40 — *makúm'*-*'anân*
- 50 — *makúm'*-*'atâno*
- 60 — *makúm'*-*'assâmbuno*
- 70 — *makúm'*-*'assambuále*
- 80 — *makúm'*-*'anâna*
- 90 — *makúm'*-*'ivuá*

Como se vê a prefixa *ma* da dezena, rege o numero de dezenas, mas por euphonia supprimem a vogal final d'esta e a con-

¹ Algumas vezes dizem *mouce* ou *mouxi*; no segundo caso é manifestamente a palavra da lingua d'Angola ; no primeiro, que é o modo mais usual de pronunciar a segunda palavra, é bom estar prevenido para não confundir com o adjectivo *fiôte* que traduz «outro» e que se pronuncia exactamente do mesmo modo.

² Usam de preferencia o primeiro, mas algumas vezes tambem o segundo em casos cuja regra não poude perceber, talvez com os substantivos que no plural teem a prefixa *ba* e para evitar a confusão que resultaria do plural *buáli* com a palavra *buála*, aldeia.

³ Quando o substantivo com que concorda não tem prefixa, pronunciam *menân* (54).

⁴ Julguei perceber sempre antes assim do que *sâmbano*.

soante da prefixa do numero para o *m* não ficar repetido; em 20 e 90 também não apparece a vogal do prefixo, porque subsiste a do começo do numero digito.

Entre 10 e 20 os numeros formam-se com a dezena no singular (supprimindo a vogal final), a proposição com (*i*) e o numero digito correspondente:

- 11 — *kum'-i-muéka*
- 12 — *kum'-uáli* ¹
- 13 — *kum'-i-táto*
- 14 — *kum'-i-nân*
- 15 — *kum'-i-tâno*
- 16 — *kum'-i-sâmbuno*
- 17 — *kum'-i-sambuáli*
- 18 — *kum'-i-nâna*
- 19 — *kum'-i-uvá* ¹

Se, além de dezenas completas, ha mais algumas unidades, serve ainda a preposição *i* com os numeros digitos:

- 22 — *makúm'-uáli-i-uali* = $10 \times 2 + 2$
- 31 — *makúm'-atáto-i-muéka* = $10 \times 3 + 1$
- 44 — *makúm'-anan-i-nân* — dezenas quatro com quatro
- 99 — *makúm'-i-uvá-i-uvá* ² = dez vezes nove e nove.

Com cem e centenas succede semelhantemente ao que vimos para dez e dezenas, mas sem que essa palavra tome prefixa indicando plural, embora a tome o numero das centenas:

- 100 — *khâma*
- 200 — *khâma-bioule* ³
- 300 — *khâma-atáto*
- 400 — *khâm'-anân*
- 500 — *khâm'-atâno*
- 600 — *khâm'-assâmbuno*
- 700 — *khâm'-assambuáli*
- 800 — *khâm'-anâna*
- 900 — *khâm'-avvá*

Exactamente o mesmo se dá com mil e milhar, até com a prefixa:

- 1000 — *véren*
- 2000 — *véren-bioule* ⁴
- 3000 — *véren-matáto*
- 4000 — *véren-manân*
- etc. etc.

Obtêm-se os numeros intermedios aos descriptos partindo de cem e de mil exactamente como se partia de dez:

- 101 — *khâm'-i'-muéka*

¹ Está occulta a preposição.

² Está occulta a preposição duas vezes.

³ N'este caso não dizem *uáli*.

⁴ N'este caso não dizem *uáli*.

- 102 — *khâm-i-uáli*
 103 — *khâm-i-táto*
 120 — *khâm'-i-makúm'-uáli*
 122 — *khâm'-i-makúm'-uáli-i-uáli* = $100 + 10 \times 2 + 2$
 201 — *khâma-bioul'-i-muéka*
 202 — *khâma bioul'-i-uáli*
 220 — *khâma-bioul'-i-makúm-uáli* = $100 \times 2 + 10 \times 2$
 1001 — *véven-i-muéka*
 1100 — *véven-tchenkhâma* ¹
 1120 — *véven-tchenkhâma-i-makúm'-uáli*
 2002 — *véven-bioul'-i-uáli*
 etc. etc.

Quando o numero de dois algarismos não termina em zero ou um, o substantivo com que o numero deverá concordar pôde ser collocado dentro da designação do numero, antes das unidades que tomam a mesma prefixa do substantivo:

- 13 homens — *kúme-babákal'-i-batáto*
 35 mulheres — *makúm'-atáto bachénto-i-batáno*

No mesmo caso, se o numero termina por unidade, esta não toma a prefixa; se termina em zero, o substantivo é collocado depois do numero.

Quer o numero tenha tres quer quatro ou mais algarismos, a disposição do substantivo e a lei para os prefixos são as mesmas que nos casos antecedentes.

Quanto a fracções conheci apenas a traducção de metade e julgo quasi certo que não apreciam outras fracções.

203.^a — Demonstrativos

Têm extrordinaria quantidade de modos d'indicar os logares onde está aquillo de que fallam, modos que ainda variam conforme se trata de pessoas, d'outros animaes ou d'objectos inanimados, o que augmenta a confusão, julgando eu não haver em portuguez modo de significar ou traduzir a grande maioria. No meio, porém, de tantas difficuldades creio ter encontrado estas regras para a traducção de este, esse, aquelle, e suas variantes:

1.^o — As tres syllabas que designam os logares, proximo da pessoa que falla, da com quem se falla, e afastado das duas são constantes.

2.^a — Chegam ao nosso ouvido de modos diferentes, porque estão sujeitas ás prefixas dos nomes com que concordam em numero e classe.

3.^a — Não são alteradas pelo genero.

² Desconheço a razão da addição da prefixa, salvo se é semelhante á de *cthan* (204).

4.^a — Tomam logar na oração logo depois do substantivo com que concordam.

Essas trez syllabas são: logar perto da pessoa que falla, *á*; da com quem se falla, *ou*; afastado das duas, *nâ*. A collocação dos prefixos dos substantivos junto d'estas syllabas, varia; assim, para a primeira e segunda as prefixas tornam-se suffixas, para a terceira continúa a ser prefixa como nos adjectivos; exemplos:

este homem — *bákala áli*¹
 estes homens — *babákala ába*
 este boi — *negômbe ái*
 estes bois — *zimgômbe ázi*²
 este dente — *liêno áli*
 estes dentes — *mêno áma*
 essa criança — *muâna ouli*¹
 essas crianças — *bâna ouba*
 aquelle dente — *liêno lina*
 aquelles dentes — *mêno mâna*
 aquella esposa — *kázi ina*¹
 aquellas esposas — *bakázi bâna*.

Quando o substantivo concordante seja coisa, dando o que costumamos dizer isto, isso, aquillo, as palavras em *fiôte* que correspondem, são: *átche*, *outche* e *tchina*, isto é, são as mesmas tres syllabas com a syllaba *tche* (ou *che*) collocada conforme a regra n'estes casos, syllaba que é a prefixa empregada todas as vezes que querem significar coisa que faz o que significa o radical da palavra, quer esse radical seja um verbo quer um substantivo (204).

Qualquer dos pronomes póde ser seguido da palavra invariavel *vêka* que tem o valor de demonstrativo: *mino vêka*, eu mesmo; *báu vêka*, elles proprios; *nândi vêka*, si mesmo.

204.^a — Adjectivos

No vocabulario procurei traduzir os adjectivos sem prefixa alguma e, a proposito de cada substantivo, indiquei qual a prefixa que deve pertencer ao adjectivo que com elle concordar no plural; quando os nomes não teem prefixa propria do plural ou tem a prefixa *i* occulta, os adjectivos concordantes teem esta mesma, mas expressa.

Mas, mesmo no singular, os adjectivos concordam pelas prefixas com os substantivos, por mais adjectivos que se refiram ao mesmo termo e seja qual fôr o seu logar na oração; a concordan-

¹ Bastantes vezes o plural (204) se fórma juntando prefixa, mas suppondo-se que a palavra no singular é precedida (como quasi sempre pronunciam) do artigo indefinido (*li* ou *i*).

² Sobre a prefixa *zim* vide (204).

cia não vae até ao genero, serve a mesma fôrma para masculino e feminino.

Os numeros 2, 3, 4, etc., estão sujeitos ás mesmas regras dos adjectivos para a concordancia com os seus substantivos (200). Pelo contrario, os participios dos verbos mantem a sua fôrma invariavel.

Alguns adjectivos formiam-se antepondo *chi* ou *ki* ao radical dos verbos, modificado ou não; exemplos: agradecido *chitôndo*, agradece *tóndeza*; ardente *kiléma*, arde *léma*; outras vezes o mesmo *chi* ou *tchi* com o verbo fôrma um substantivo, exemplo: alcool *tchikéma* ou coisa que queima; outras *chi*, *tchi* ou *tchán*, anteposto ao substantivo, fôrma um adjectivo, exemplo: amargoso *tchandúli*, amargor *dúli*; estes trez prefixos algumas vezes juntos a substantivos dão novos substantivos, tendo estes accepção derivada d'aquelles, são coisas feitas d'outras (200).

205. — Verbos

A fôrma affirmativa foi a que usei no vocabulario por ser a mais vulgar; indiquei sempre a traducção da segunda pessoa do singular do imperativo por ser esse o radical, a fôrma mais simples de que todas derivam.

Esse radical precedido dos pronomes dá o presente do indicativo a que é igual o futuro, distinguindo-se apenas pelo sentido dado pelas palavras que o acompanham, semelhantemente ao que fazem em portuguez (191); precedido de *ku* dá o infinito. É notavel que a quasi generalidade dos verbos tem o radical terminado em *a* mudo, que muda para *e* no conjunctivo e a que se antepõe *u* para formar os tempos da fôrma passiva. Do mesmo radical se fôrma o participio antepondo *mué* e mais vezes *mé*¹ fazendo excepção alguns participios como cosido, cheio, queimado, etc.

O preterito do indicativo deriva ainda do mesmo radical, geralmente pela addição do suffixo *zi*, ou então por outros modos como se vê no mappa seguinte em que fiz seguir as terminações dos radicaes das modificações que soffrem nos preteritos; em alguns casos, por exemplo agradecer, o preterito só differe do presente em tomar a prefixa *é*.

A continuação da acção é expressa pela repetição do presente, tendo *ki* intercalado; exemplos: está dormindo, *láála-ki-láála*, esteve cheirando, *núka-ki-núka*.

iá-iile
já-jĩĩ
ua-uile, uine

éna-éne
ína-inazi, iine
óna-ónazi, uéna

¹ Vidé, no vocabulario, acaba de

<i>áça-acízi</i>	<i>úma-uéne, uine</i>
<i>éça-éçazi</i>	<i>áta-átazi, atézi, éte, éta</i>
<i>éci-écizi</i>	<i>áte-éte</i>
<i>éga-égazi</i>	<i>éta-étazi, éte</i>
<i>éva-évazi</i>	<i>íta-ítazi</i>
<i>úba-úbazi</i>	<i>óta (outa)-ótazi (outazi)</i>
<i>ché-chézi</i>	<i>úta-útazi</i>
<i>écha-échazi</i>	<i>âmba-âmbazi</i>
<i>áka-ákazi</i>	<i>imba-imba</i>
<i>éka-ekazi</i>	<i>ômba-ômbazi</i>
<i>ika-ikazi, ikézi</i>	<i>úmba-úmbazi</i>
<i>óka-ókazi</i>	<i>ânda-ândazi</i>
<i>úka-úkazi, ukézi, uki</i>	<i>ênda-êndazi</i>
<i>ála-álazi, alizi, éle</i>	<i>índa-índazi, indizi</i>
<i>éla-élazi</i>	<i>únda-úndazi</i>
<i>ila-ilazi, ilizi, ile</i>	<i>ânga-ângazi</i>
<i>óla-ólazi</i>	<i>ênga-êngazi</i>
<i>úla-úlazi, ulizi, uile, uéle, uéla</i>	<i>ínga-íngazi</i>
<i>éli-éli</i>	<i>ônga-ôngazi</i>
<i>ili-ilizi</i>	<i>únga-úngazi</i>
<i>âma-amézi</i>	<i>inja-injazi</i>
<i>éma-éma</i>	<i>inzi-inzizi</i>
<i>úma-úma</i>	<i>ónsa-ónsazi</i>
<i>âna-éna, éne</i>	<i>ouba-oubazi</i>
	<i>únha-únhazi, enha</i>

Chamei irregulares aos verbos que não se conformam com estas generalidades; alguns, supponho, que por serem compostos de mais d'uma palavra, mas a cujos elementos não achei significação, e n'estes casos me parecem estar as traducções de correr, encontrar, envenenar, prometter aos deuses, tropeçar e assobiar; quanto a este julgo-o composto de assobio e jogar, que teria n'este caso a accepção que os francezes dão a *jouer* e que nós traduzimos por tocar. Outros são manifestamente palavras portuguezas estropiadas, alteradas á moda indigena, taes são: fisgar e fazer divida ou pedir a credito.

N'uma terceira classe, mais numerosa, quer-me parecer que, para alguns pelo menos, se póde descobrir uma regra formulavel assim: quando o radical começa por *k*, o preterito forma-se substituindo essa letra por *i*; colloco n'esta classe os verbos assar, assolar, barbear, capar, coçar, concertar, cumprir promessa (ou agradecer aos deuses), gangrenar, lavar-se, mammar, nascer, não querer, ouvir, roubar, sacrar idolos, tomar (188) e vender. São extraordinariamente irregulares os verbos encontrar (189) e envenenar.

Como auxiliares usam principalmente dos verbos estar, ser, ter, ver, beber e cheirar, como repetidas vezes citei a proposito de cada caso especial.

Quando junto do verbo se tem de empregar a negativa, não se usa qualquer dos outros modos de a exprimir (190); para não

querer ha verbo especial, para os outros faz-se seguir o tempo do verbo da syllaba *ko*.

Quando a continuação do discurso obriga a usar seguidamente dois verbos, só o primeiro, o principal, tem pronome, os outros são expressos pelo simples radical de cada um: vou fallar, *mino iênda túba*; quero andar, *mino zóloza iênda*.

206.ª — Pronomes

Em *jiôte* cada tempo de verbo é geralmente uniforme para todas as pessoas, e por isso é preciso que os pronomes estejam expressos para se conhecer qual o que rege o verbo. Esses pronomes são: *mino* (eu), *indjé*¹ (pessoa a quem se falla, antes você do que tu), *nândi* (elle ou ella), *béfo*² (nós), *béno* ou *bééno*² (vós) e *báu* (elles ou ellas); estes pronomes para as terceiras pessoas dos verbos servem quando os sujeitos são realmente pessoas, gente; mas quando o não são, emprega-se o substantivo que designa o sujeito: elle (o homem) dorme, *nândi láála*; elle (o cão) dorme, *mebuá láála*.

Estas fórmas dos pronomes são as unicas usadas, quer elles sejam sujeitos, quer não; a differença está em que, no primeiro caso são collocados antes do verbo, e no segundo depois: eu digo-lhe (a você), *mino túba indjé*; você diz-me, *indjé túba mino*; eu vou comsigo, *mino iênda i indjé*; você vae coningo, *indjé iênda i mino*.

Os pronomes possessivos correspondentes a estas pessoas são: no singular á 1.ª *âme*, á 2.ª (ou melhor á pessoa a quem se falla) *áko*, á 3.ª *ândi*; no plural á 1.ª *ito*, á 2.ª *ino*, e á 3.ª *áu*; expressam-se pela palavra separada depois do substantivo ou aglutinada com elle, como um suffixo, toda expressa ou mais ou menos contrahida: *tátáko*, seu pae (de você), *mámé* (por *mâma âme*) minha mãe. Mas apparecem-nos com fórmas muito variadas quando são palavras isoladas, porque tomam os varios prefixos dos nomes com que concordam, como succede com os adjectivos, isto é, em numero e classe, mas não em genero.

207.ª — Interjeições

Entre as que poude colligir algumas ha com mais d'uma applicação que procurei destrinçar; classifiquei-as tanto quanto me

¹ Vide (195).

² Quiz-me parecer que será antes *éfo* e *éno*, e que aquelle *b* inicial ser indicativo do plural de pessoa (7).

foi possível; apesar de bastantes, acredito que ainda faltam muitas.

Exprimem admiração por qualquer d'estas: *ah-oh-ih-eh-éhi-ai* (com certo desgosto) *iá* (com certa satisfação) — *tá, tá, tá-hé, hé-ki-hué*; quando a admiração é grande, chegando ao espanto, dizem *mámé* (minha mãe), mas precedendo-a d'outra que geralmente é *iá*; este mesmo *mámé* dito vagarosamente, com as syllabas espaçadas e em tom dolente, exprime dôr propria ou dô pela dôr alheia. Quando a coisa que admira faz também zangar, dizem *háú*; se faz desagrado, dizem *ión* ou *sum*.

Approvam e affirmam (185) dizendo *hân*, prolongando o som com a bocca bem aberta; negam exclamando *kápázo!* (do portuguez capaz) (186).

Para explicarem a extraordinaria rapidez d'uma acção, dizem *pá, pá, pum*, imitando o tiro. Chamam uma pessoa distante, gritando *indjé*, e mais pessoas *béno, éh béno*, ou *benué* (200). Correspondendo aos nossos olhe, escute, etc. dizem *netáli*; pedindo silencio e attenção, dizem *kéba*.

Se teem a sensação do prazer exclamam o nome de qualquer d'estes trez feitiços (188) *kouzo, mangáka, mabiála-mandémbo*; para os prazeres sexuaes o primeiro é exclusivo como exclamação; o segundo é o mais usado para os casos geraes; o terceiro quasi que só acompanha os outros dois na ordem por que os escrevi, mas só nos casos de goso excepcional d'intensidade.

208.ª — Diminutivos e augmentativos

Não consegui encontrar termos correspondentes aos nossos menor e minimo; quando querem distinguir entre dois ou mais objectos ou animaes o menor, designam-n'o repetindo o substantivo (o menor dos dois elephantes, *záú-záú*) se pôdem ser comparados entre si por estarem juntos os presentes; se não ha termo de comparação, empregam o adjectivo *netchó* (pequeno); quero o formão, *mino zóloza sino*; não, o menor: *vá, netchó*.

Para criança e filho têm a mesma palavra, *muána*; dizendo *muána-muána*, tanto querem dizer d'essas crianças a mais nova, como simplesmente criancinha. Com esta mesma palavra e o nome dado a cada especie de animal em geral (não distinguindo os sexos), exprimem as ideias para que nós temos certas palavras especiaes a que não correspondem outras em *fióte*: assim animal da especie cabra é *khombo* e cabrito é *muána-khombo*; semelhantemente cabeça de gado ovelhum é *meéma*, e cordeiro é *muána meéma*. A esta regra faz excepção o pinto, pois que designando o gallinaceo por *sússo*, o pinto deveria ser *muána-sússo* (e entendem quando se lhes falla assim), mas têm outro termo, *sússússo*, que deve ser a contracção de *sússo-sússo*, vindo portanto a caber na regra anterior.

Mas a repetição da mesma palavra é ainda usada em outros

casos em que se não se trata realmente de diminutivos, também na nossa língua usamos os diminutivos com significação semelhante aos vocabulos cabindas; assim manhã é *iméne*, e ante manhã ou manhãzinha é *iméneméne*, isto é, *imén'-iméne*. Ainda usam a repetição do termo em outro caso, aquelle em que nós usamos a fôrma do diminutivo sem de modo algum querermos dizer diminuição, antes affirmando mais o radical: assim, dizemos igual e igualzinho (expressão familiar que afirma mais a egualdade do que o termo igual) e elles traduzem o primeiro por *déde* e o segundo por *déde-déde*.

Não achei equivalencia a maior e a maximo, dizem apenas grande e muito grande; assim perguntando-se, por exemplo, de qual dos dois homens distantes se falla, respondem *linéne*, o grande, por o maior; outras vezes é o gesto que indica que certo objecto é maior do que o outro, mas acompanhado de phrases como esta: este assim não, é este assim.

E' comtudo vulgar o uso das expressões mais grande e mais pequeno.

209.º — Enxada indígena

Differe muito das que se usam entre nós. Em tempos feitas por elles, segundo a tradição, com ferro que adquiriam a outros pretos de logares longiquos, fazem-n'as ainda ás vezes de velhos arcos de pipa ou d'outros objectos desprezados pelos europeus; mas geralmente compram-n'as feitas nas feitorias que as importam da Europa, mas já com o feitio especial usado pelos cabindas.

As enxadas são planas, em feitio de meia ellipse, como se esta fosse cortada pelo eixo menor dando dois instrumentos; a meio d'essa recta de secção ha um espigão, no mesmo plano da parte larga que n'este ponto é reforçada, espigão que se crava no cabo de modo que este e a parte plana entre si fôrman um angulo quasi recto. A folha metallica, ligeiramente reforçada do meio para a raiz do espigão, como entre nós para a proximidade do olho, tem n'essa direcção uns dezoito centimetros e na recta superior uns doze.

O cabo, de qualquer madeira, terá sessenta a setenta centimetros, e passará além do espigão, que n'elle se crava, uns cinco centimetros. Poucas vezes o cabo não tem feitio especial, é em L, empunhando-se pelo ramo maior com a mão esquerda e pelo menor com a direita, ficando então a folha cravada no ponto da junção dos dois, perpendicularmente ao maior e na direcção do menor. Pareceu-me que esta disposição tem por fim poder fazer-se mais força em terreno duro; porque o cavar não é como cá, é feito com o corpo mais dobrado, muitas vezes só com uma das mãos e quasi não levantando a enxada do chão, é antes rapar ou quando muito sachar.

E' tradição que a enxada e a flecha tinham grande importancia

em tempos antigos, quando entre duas tribus havia grande questão; a remessa, pelo chefe d'uma d'ellas, d'estes dois objectos ao outro chefe, dava occasião a decidir-se o que havia a fazer; se o que recebia escolhia a enxada queria paz, se escolhia a flecha estava declarada a guerra.

210.º — Illuminação artificial

Preferem, para se allumiarem, os meios de que nós usámos e elles pôdem alcançar, tanto a luz de azeite ou petroleo como a de estearina em vellas; estas, por estarem sempre promptas e podem ser adquiridas completas, não dão trabalho, e por isso teem a preferencia.

A illuminação pelo azeite é bastante rara, porque o d'elles (de palma) é solido, duro, não se presta facilmente á combustão na torcida, e o nosso é muito difficil d'alcançar por ter elevado preço. O petroleo é o que tem maior consumo, e para isso não precisam de candieiros, embora alguns os possuam (mas só os mais abonados). Geralmente o apparelho illuminante por este liquido, consta d'um simples frasco pequeno de vidro que serviu a outros usos, quasi sempre a sulphato de quinina; dentro deita-se o petroleo que sobe por torcida feita de delgadissimas tiras de velho tecido d'algodão, simplesmente enroladas entre si, ou de bocados de cordão; a torcida, na bocca do frasco, algumas vezes passa por orificio em qualquer pedaço de lata, ou descansa apenas por intermedio do alfinete que a atravessa; obtem-se luz pouco illuminante e muito fumarenta.

A industria europeia vende por baixo preço lá uns ordinarios pharoes d'armação de folha de Flandres e manga de vidro, proprios para queimar petroleo por torcida chata em pequena lamparina; já alguns pretos possuem d'estes instrumentos que preferem. Mas dão maior valor ás lanternas, especialmente se tem reflector e lente, cumulo do luxo que poucos terão obtido sem ser por furto.

Quando estavam entregues só aos seus recursos, e nos pontos onde ainda o estão, usam para se allumiarem de uma especie de archote delgado (d'uns trez centimetros de diametro da secção), feito entretecendo fibras vegetaes delgadas e seccas, formando tecido lasso cujas malhas estão cheias por pequenos fragmentos, quasi pó grosso, de varias resinas vulgares em bastantes vegetaes; este todo é como que embrulhado em folhas sêccas para evitar a queda da resina. Obtem-se fraco poder illuminante, muito irregular, e muito fumo, embora geralmente de cheiro agradável ou pouco incommodo. Este archote perde muito facilmente a chamma, que é a que illumina, sendo necessario sopral-o immediatamente, emquanto de todo não se apaga, para que a chamma torne a apparecer; consome-se rapidamente, e deixa cair residuos que queimam.

Assim chamam os brancos á ondulação larga do alto mar re-bentando com fragor na praia; não corresponde a força local do vento á vaga, e até mesmo as maiores *calêmas* são com calma ou com fraco vento de direcção differente. Toda a nossa provincia d'Angola e muito mais costa para o norte, é castigada pela *calêma*, excepto dentro das bahias fechadas (Loanda, Lobito, Mossamedes, Porto Alexandre e Bahia dos Tigres); mas mesmo em algumas d'estas, ainda ás vezes se nota um pouco. Na costa corrida e nas bahias abertas, chega a ser terrivel, a difficultar dias e dias as communicações. Em Cabinda não succede bem assim, talvez por muito fóra deitar a ponta que limita a bahia pelo sul e d'este lado vir maior numero de vezes a ondulação; nunca o porto deixou de poder funcção no lugar do nosso desembarque, embora não succeda o mesmo mais para leste e tanto mais quanto mais para o norte; ainda assim algumas vezes ha difficuldade d'embarque, sendo então bom não o fazer de noite, mas não chegará de certo a dez dias por anno.

Com quanto possa haver *calêma* em qualquer epocha do anno, é ella mais frequente na estação do cacimbo (189), embora a maior seja na epocha das chuvas, sobretudo em março.

Geralmente a vaga vem do sudoeste, obliqua á praia; algumas vezes, poucas, do nordeste, mas então é mais forte em toda a costa e peor do que a do sudoeste em Cabinda, cuja bahia é totalmente desabrigada por esse lado.

Além de o grande rôlo difficultar as communicações, que teem então de ser feitas por modo especial (180), revolve a praia modificando-a totalmente e faz um ruido ensurdecador. A's vezes succede, em dois ou trez dias, a praia ser comida até cem metros e mais por terra dentro; o limite do preamar está mudando constantemente de feitio e de profundidade, mudando-se as areias d'uns para outros pontos.

Por estas razões é muito difficil conservar qualquer ponte de madeira para serviço do porto; as estacas cravadas dois metros e mais, chegam a ficar todas fóra da areia; não ha pontes que resistam, especialmente se com *calêma* grande coincide, como é vulgar, a cabeça d'agua; o mar, desenterrando a estacaria, pega depois na ponte que parte e atira á praia.

Este estado do mar é o que n'aquella região se vê de peor; os temporaes são totalmente desconhecidos.

212.—*Aviados*

Serve o termo para designar os negociantes de conta propria que não teem relações directas com a Europa, mas d'alguma casa mais importante recebem as fazendas e outros generos para permuta (Cap.º VIII) pagando com os generos comprados aos indigenas e colhendo os beneficios da differença de valores; fallo por emquanto do *aviado branco*.

O fornecedor satisfaz os pedidos debitando pelo preço accordado, mas fornecendo mais o que lhe parece do que exactamente o que lhe é pedido, e fazendo um preço que já lhe dá bons lucros; depois, quando o *aviado* entrega os generos coloniaes, credita-lh'os por determinado valor que diz estar em relação com as oscillações de preços na Europa, mas que lhe dá novos lucros. Por aqui se vê que o *aviado* é bem explorado; mas tem de se contentar porque, em geral, é principiante sem cabedaes nem credito em outra parte, e tão pouco permuta que não será attendido pelos importadores europeus, nem facilmente arranjará que os grandes vapores parassem defronte da sua porta para lhe receber tão pouca carga. Apesar de tudo isto, o negocio é de tal fórma que, d'antes, em oito a dez annos, um *aviado* possuia algumas dezenas de contos; ultimamente não succede enriquecer tão depressa por varias razões, especialmente por effeito da concorrência (Cap.º VIII), mas é ainda symptomatica a linguagem propria do negociante. Todos, grandes e pequenos, dizem que o negocio está desgraçado, e ás vezes, recordando-se de bons tempos, citam datas; ora n'essas datas, ouvia-os eu, e muitos outros, dizer o mesmo que dizem agora e citar datas anteriores. Quando o negociante africano acha o negocio bom, póde calcular-se que o lucro minimo foi de 200 %; é mau o que dá cem ou menos; muita vez diz ter tido prejuizo e até de quanto, sem que por isso se deva entender o que a phrase á letra significa, porque bastantes vezes isso quer dizer que, tendo calculado ganhar tanto, apenas ganhou tanto, que póde ainda assim ter sido bastante, mas que acha pouquissimo e muito abaixo do que calculára.

Tudo o que tenho dito se refere ao *aviado branco*; mas tambem os ha pretos, cujo negocio é feito d'outra fórma. Quando um preto quer ser *aviado* d'um branco que mostra confiança n'elle (esta era d'antes larguissima, mas vae sendo cada vez mais difficil) faz-lhe a proposta; se é acceite, recebe os generos que sabe melhor servirem para a região que pretende explorar e, com pessoal seu, transporta esta *pacotilha*, dirigindo-se bastante para o interior que não lhe é desconhecido, indo procurar os generos no logar da producção e fazendo ahi vantajosas transacções; volta, com o que obteve, a casa do branco, vende o que traz e lucra a differença.

Apesar de estas viagens durarem mezes, apesar da exploração de que o preto é alvo por parte do branco, ainda aquelle lucra

bastante, embora tenha de sustentar e pagar a comitiva; demais, o ser *aviado* dá-lhe importancia social, occasião a viajar e a fazer milhões de trocas, enfim muitos prazeres. Se o negocio corre mal, por questões com os indigenas onde se acha, por espoliações dos por onde passa, etc., e vê que o que consegue trazer ao branco não chega para pagar o que levou, liquida a questão aproveitando-se do resto e não tornando a apparecer a quem lhe deu credito; estabelece-se onde pôde, longe do branco, ou vive em parte incerta, até que o europeu morra ou regresse á Europa, voltando então o preto a penates satisfeito e raras vezes pobre de todo.

213.ª — Acepções de *liâmbo*

Em primeiro logar é preciso não confundir com *liâmbo* que designa o canhamo (89).

Tal palavra *fiote* exprime coisas diferentes que se podem traduzir em portuguez por termos que, sendo ouvidos ou ditos pelos cabindas, teem significações diferentes das que lhes ligâmos, do que resultam bastantes confusões, tendo eu chegado a apurar as de que vou tratar, mas não garantindo que não me escapassem outras.

Assim um termo d'uma lingua, uma palavra, é expresso em lingua cabinda por *liâmbo*, plural *mâmbo* (não confundir com *tolice*, *maâmbo*); mas o nosso termo palavra, quando usado por elles ou para elles, tem significação muito differente (91), correspondendo melhor a pleito. (Vidè no vocabulario) para que teem termo proprio na sua lingua.

Outra accepção é modo, maneira de proceder, comportamento; dizem *mâmbo mabóta* (litteral; modos bons) querendo dizer agradavelmente e tambem suasoriamente. Mas se usam ou ouvem a nossa palavra maneira (pronunciam *manêla*), já não deve entender-se o mesmo; ou querem dizer ou entendem que se diz questão ou pleito, e tambem difficuldade; pelo contrario, ás vezes a mesma palavra quer dizer recursos, modos de vencer difficuldades; as duas ultimas accepções perfeitamente oppostas, são geralmente usadas na phrase *tem muito manêla*, e a significação será difficuldade ou recurso, conforme o rosto manifestar tristeza ou alegria.

214.ª — Respeitar

Esta palavra é a que os cabindas usam como equivalente ao seu verbo *ku-tchiuzika* mas realmente não representa a mesma ideia; o que elles entendem por tal é antes o nosso moderno receber, é obsequiar, honrar um hospede, mostrar que se tem por outro (fei-

ticeiro, nobre, *feitico*, branco qualificado) a consideração e respeito que lhe são devidos pelas leis indigenas ou pelo habito da hospitalidade. *Respeitar* quem o uso a isso dá direito, não é um acto de delicadeza, é uma obrigação cuja falta é punivel pelo codigo indigena (217).

Se o grau do respeito é variavel com a importancia do respeitado, a todos é commum a offerta de abrigo, de *mata-bicho* (61) e de certas commodidades, pondo-se o dono da casa ás ordens do personagem. *Respeitam* o branco: offerecendo cadeira ou banco para assento elevado á sombra de copada arvore ou dentro de casa o mais nova possivel; apresentando copos com agua e outros com vinho de palma (157) fresco; dando fructos, aguardente, agua, lume e até comida aos carregadores da sua *tipoia* (100); disparando tiros d'espingarda (mais honrosos os de peça (133), arvorando bandeiras (124), improvisando dansas (138) e, como mimo muito especial, mostrando as raparigas puberes disponiveis, vestidas com o maior aceio, lavadas de novo, para que o branco, querendo, escolha companheira d'algumas horas ou concubina (27). Se o branco tem muito valor aos olhos indigenas, será nstado para se demorar, mesmo para pernoitar, ser-lhe-hão offerecidos os melhores fructos, comidas, tudo; uma verdadeira ruina para o hospedeiro, que depois terá d'ajustar contas, pagando tudo mais caro por causa da urgencia dos recursos e do merecimento da visita com que foi honrado.

Os pretos serão mais ou menos obsequiados conforme a sua hierarchia social (56); a ninguem se negará pousada, agua, lume e *mata-bicho*; se se comia ou bebia quando a visita chegou, d'isso se lhe offerecerá por mais baixa que seja a sua condição. Se é um nobre o recemvindo, quanto mais elevado fôr e quanto maior fôr a supremacia sobre o honrado com a sua visita, maiores serão as provas de deferencia, podendo chegar a mandar no dono da casa e familia como se fossem seus escravos; para o obsequiar chegar-se-ha a alojar e sustentar toda a comitiva durante todo o tempo da demora; ás vezes a honra da visita custa a miseria por mezes.

215. — Distancias

Para se indicarem, quer em logar, quer em tempo, além das palavras proprias que puz no vocabulario, conheci outros meios.

A mão direita fechada, mas o indicador estendido apontando quasi para os pés, quer dizer aqui e já, para um pouco distante, ali e logo; acolá é indicado com a mão direita aberta, um pouco em extensão sobre o membro collocado todo horisontalmente, ficando os dedos para cima e a palma para diante; isto é usado só para indicar logar distante; para tempo passado ha só palavras; para tempo futuro, d'aqui a horas, d'aqui a dias, serão tambem palavras proprias.

Para indicar distancia grande de logar, a manobra é complicada

e tanto mais demorada quanto maior é a distancia; endireitando o corpo, inclinando a cabeça um pouco para traz e olhando fixo muito para longe, dizem lá, lá, lá, ao passo que o membro superior direito, estendido para diante, vae subindo vagarosamente, dando-se repetidos estalidos com o primeiro e terceiro dedos; a altura a que sobe a mão, o numero d'estalidos e de repetições da syllaba *lá*, são directamente proporcionaes á distancia que se quer indicar.

Uma epocha futura muito distante indica-se semelhantemente; mas se a distancia é no passado, usam da expressão *tempo de viagem*, quando fallam com os brancos, e não sei como quando fallam uns com os outros.

216.ª — Astros

Não me pareceu que fizessem a mais leve ideia da maior parte do que brilha no firmamento, nem mesmo d'este, que se limitam a julgar ser a casa do deus dos brancos. Só o sol, a lua e Venus, ao que me pareceu, lhes merecem consideração que decresce pela ordem por que os enumerei. o que mesmo se vê pelas ideias que apresentam a tal respeito comparando-as com o que na vida real são as pessoas a que os equivalem. O sol é o homem, o chefe da familia (118); a lua é a mulher d'elle (56); Venus é a criada d'esta, a sua escrava (37).

217.ª — Especie de codigo penal

Embora em notas varias, desenvolvendo os costumes dos cabin-das, tenha dado conta das leis applicaveis de que tive conhecimento, devo juntar aqui algumas de que não fallei.

Quem engana outro, ou mente, é condemnado a pagar-lhe indemnisação; mas se essa mentira fôr como testemunha, o caso é mais serio (134).

Quando o devedor nega a divida (41), se o credor a provar receberá o dobro. Toda a divida vence juro que segue uma progressão geometrica crescente de razão dois em cada semana de *fióte* (172); se o devedor tem bens (39), paga com elles; se os não tem, ou não chegam para o pagamento, paga com o corpo, ficando escravo (42) por certo periodo ou entrega como penhor (43) algumas pessoas da familia em quanto vae angariar com que pagar e as liberta.

Se um preto faz damno a outro, o melhor é pagar indemnisação segundo os costumes, e logo que o damno é descoberto; de contrario, o prejudicado pôde fazer *amarrações* (152), depois *funda-ção* (10), e sae muito mais caro o processo porque o criminoso pagará maior indemnisação e todas as despesas (136).

Se há furto (21, 90), a indemnisação é regulada do seguinte modo: coisa que valha duas garrafas (88), é paga por quatro cortados, (85); se o dono da coisa furtada foi nobre, a proporção será maior; se o ladrão não quer deixar convencer-se e pagar, haverá fundação e o pagamento será ainda maior.

Aquelle que insulta (121, 100) defronte de terceiros, é chamado a palavra (31) e paga indemnisação pequena se se conciliam, o que regula por uma garrafa d'aguardente e as custas quando os insultos foram de pouca monta; por pouco maiores, além das despesas pagará quatro cortados; se houve qualquer pancada (80), em vez de quatro serão dez; se feriu, o ferido receberá uns vinte cortados em media, e o nobre, dono da terra onde se fez o ferimento, metade; se os ferimentos (135) foram maiores cahindo sangue no chão, a multa é muito maior, e o príncipe receberá também muito mais, multa que se diz ser para limpar a terra do sangue derramado; se houve assassinato, o assassino é morto á faca, ou queimado vivo, ou crucificado ou enforcado (215), e a familia d'elle tem de pagar muitissimo á familia da victima e ao nobre em cuja terra se derramou o sangue humano; quando o ferimento produz morte, a fundação não pôde ser feita por auctoridade subalterna, tem de presidir um mambúko (58), o que corresponde a dizer que as despesas serão enormes.

Se um preto envenena alguém, não é isso considerado como a morte por ferimentos, é crime de feiticeiro (20) e portanto o criminoso é sujeito á kássa (131); todas as desgraças consideradas como tendo por causa malefícios dão os mesmos resultados.

Se se mostra falta de respeito por um idolo (125), o feiticeiro d'este pede fundação, e o criminoso paga pesada multa, variavel com a hierarchia do idolo para a mesma falta, multa que é recebida pelo sacerdote.

Se um preto não respeita (214) convenientemente personagem de consideração, paga-lhe multa; se a falta commettida é grave ou aggravada por outras circumstancias, especialmente o criminoso gabar-se de assim ter procedido de proposito, ou se o personagem é nobre de primeira categoria, o criminoso será preso, responderá a uma fundação, e as custas serão de arrazar. Mas se, em alguma d'estas circumstancias, o superior desrespeitado se enfurece e chega a bater, então, conforme a regra geral nas aggressões (80), o superior nada tem a receber e ainda pagará indemnisação, embora muito pequena.

Quando um preso foge aggrava a sua situação, pôde até ser mandado matar; qualquer cumplice da fuga pagará de multa o dobro d'aquillo a que estava condemnado o que fugiu.

Quando se acredita que a morte de dado preto não foi natural, chama-se um feiticeiro para adivinhar quem foi que, pelos seus sortilegios, causou a morte; logo que o adivinho declara de quem suspeita, este é sujeito á kássa; se a vomita nas condições de provar a sua innocencia (131), não é o adivinho que é castigado por esta falsa accusação, todas as despesas e a grande

indemnisação ao innocente ficam a cargo do parente do fallecido que accusou quem fôra indicado pelo feiticeiro.

Se na caça, por qualquer descuido ou engano, se mata uma pessoa, e depois se prova que a morte não foi propositada, o crime não é considerado assassinato, mas ha a pagar todos os prejuizos allegados e provados como consequencia d'essa morte ; estas despesas não são feitas só por quem deu o tiro, mas tambem por todos os que o acompanhavam, em partes eguaes.

Os cúmplices de qualquer crime teem o mesmo castigo que o criminoso propriamente dito ; o encobridor d'um furto tem castigo igual ao que furtou ; o receptador soffre tanto como o ladrão, etc.

218.º — Supplices

Não garanto que ainda hoje não tenha logar uma ou outra vez um assassinato em nome da lei, por qualquer dos modos que vou descrever ; mas é certo que são poucos os casos e sem nós sabermos.

O processo menos barbaro d'applicar a pena capital, era o simples corte da cabeça por um só golpe de pesada durindana, attributo do real carrasco, fazendo este parte da corte e achando-se a espada a cargo de dada aldeia, que tem n'isso muita honra. Outro modo de justicar é crucificar o criminoso n'uma arvore pondo-o em X, pregando-lhe as mãos e os pés ; a pessoa era abandonada, ahi morria, ahi ficava o cadaver, que era devorado pelas aves.

Mas a crueldade tinha requintes que vou descrever por alto. Umas vezes o criminoso era enterrado vivo, em pé, ficando só com a cabeça de fóra e, na frente d'elle, mas a distancia pequena, collocavam uma vasilha com agua e outra com comida, abandonando-o n'essa posição ; o supplicio da fome, mas sobretudo o da sede n'um clima tão quente, deviam ser ferozes e duradouros até á morte, se alguma fera piedosa não se compadecia do desgraçado devorando-o depois de o desenterrar ; mas que soffrimentos durante estes transe !

Outro processo era encerrar o corpo do reu dentro de grande barrica toda crivada de pregos com os bicos para dentro ; este todo era abandonado a si no alto d'uma ladeira por onde se despenhava.

Soffrimento maior devia ser o do desgraçado a quem cortavam as duas palpebras superiores, untavam a cara com mel e prendiam a uma arvore de fórma que a face ficasse voltada para o sol ; como se não bastasse a violentissima impressão de tão forte luz, ainda o mel attrahia os insectos.

219.* — Doença do somno¹

E' muito vulgar em Cabinda, como em grande parte d'esta Africa, quer na provincia d'Angola quer nos Congos belga e francez e tanto para o interior quanto tem sido possivel saber-se pelo testemunho de pretos que por lá viajam.

Não é doença moderna, é conhecida ha muitas dezenas d'annos pelos indigenas e até pelos europeus. Não tem termo proprio na lingua *fiôte*; não lhe pertence exclusivamente a locução *lálala-ne-gôulo* (dorme-força ou vontade) porque tambem é applicavel a somnolencia forte ou invencivel, motivada por qualquer causa, sem lhe ligarem a ideia da doença que elles conhecem; a traducção litteral seria *béla-ia-toulo* ou *bel'-i-toulo*, que não é usada. Mas o facto de não terem palavra propria não prova que a doença seja de moderna data, porque coisas semelhantes temos já visto: assim o nosso termo quinhentista quijila (100) serve-lhes para exprimir tudo o que hoje designamos por enguiço e inconveniencia, e tem o vocabulo *itáko* para designar o que elles dizem ser uma doença (103) que parece só ter existido na sua phantasia.

De existencia constante só por vezes tem recrudescimentos nos seus ataques, sendo o ultimo conhecido de 1890 para cá. E' possivel que seja contagiosa, porque se desenvolve mais ora n'uma aldeia ora n'outra, como se se fizessem pequenos focos d'irradiação; mas parece-me antes que ha grande influencia do meio e de outras circumstancias que explicam o caso sem recorrer ao contagio ou facilitando-o. Como se explicará que pretos menos pobres, melhor alimentados ou comendo da mesa dos europeus, não adquirem a doença, embora dormindo na mesma cama d'outras pessoas já doentes, pouco antes de morrerem até? E' o caso succedido com um criado meu, a quem morreu assim a mulher; os exemplos são aos centos. Não é possivel fazer valer, como explicação do não contagio, condições individuaes de resistencia, casos excepcionaes ou motivos semelhantes. Os pretos, habituados ha longos annos a taes exemplos, não receiam o contagio como temem o da variola, etc. Morre ás vezes na mesma familia uma só pessoa, outras vezes são familias inteiras embora vivendo separadas e em aldeias distantes, ao passo que não morrem os visinhos; outras vezes fallece quasi toda a gente da mesma aldeia. O que é regra é que quem adoce assim, morre mais mez menos mez; não ha um só caso d'escapar; o aggravamento é successivo, seja qual for o tratamento empregado, o que não admira porque não ha regularidade de tratamento; todas as diligencias são illudidas pela preguiça indigena; seria necessario que o medico interessado no estudo dispuzesse de tempo sufficiente para elle proprio administrar os

¹ Esta nota é um resumo do que publiquei na *Medicina Contemporanea*, 1900, pag. 422.

www.libtool.com.cn



Fig. 15 — a, *chimpábulu* (122) ; b, *catana* ; c, embarcação e remo (66)

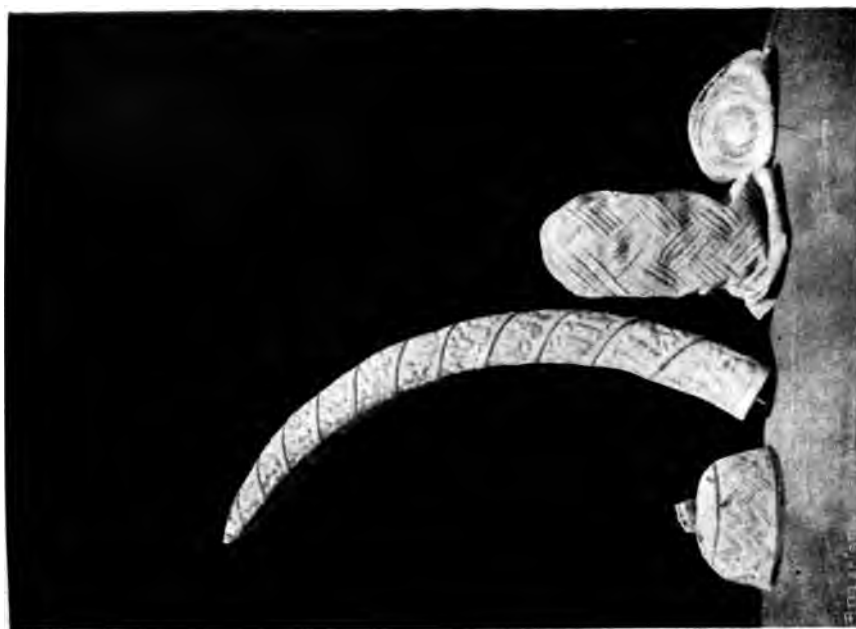


Fig. 16 — a, d, barretes pequenos ; c, de *mafuka* (155) ; b, ponta de marfim (220)

medicamentos, as dietas, fazel-as mastigar e engulir, acordando o doente repetidas vezes, tendo com elle mais cuidados do que uma boa mãe com um filho de dois annos. Não me custa a admittir ligação etiologica da alimentação para a doença do somno.

Sendo de uso diario e repetido a ingestão de tuberculos de mandioca, e tendo elles um principio venenoso, poderia querer-se admittir que tal principio fosse causador de doenças; mas tal não pôde acceitar-se quando se sabe quaes os cuidados empregados com os tuberculos antes de servirem á alimentação (142).

Só vi casos de doença de somno em pretos e mulatos, nunca nos brancos, mesmo que vivessem proximo d'aldeia onde houvesse numerosos doentes em contacto com os europeus.

A duração da doença, quando se chega a perceber que ella já existe no individuo, é apenas de mezes; não conheci exemplo de dois annos; o que succede é terem esses pretos, durante mezes antes, menos saude do que é trivial. Mas nem todos aquelles em que se dá esta circumstancia apresentam depois tal doença, embora extraordinariamente anemicos; chegam a curar-se, a ter saude vulgar ou a fallecer d'outra doença, sem terem manifestado symptoma claro d'esta.

Caso de cura não conheci nenhum; em principio, em quanto o dormir não é constante, dão algum resultado os tonicos; mas, como não ha constancia nem regularidade na applicação, os doentes passam ao periodo ultimo e morrem; o doente tem completa inappetencia, acha demasiado trabalho o de comer, está indifferente a tudo, deixa-se adormecer com a comida na bôcca, e a desnutrição é rapida.

Os pretos de Cabinda não acreditam no contagio, julgam ser uma doença de familia. Eu acredito na grande influencia de causas deprimentes diversas, causas antigas como a doença; uma das coisas que mais influem é o alcoolismo chronico, mas ha ainda a má alimentação, ou pouca, ou de má qualidade, ou quasi exclusivamente de farinaceos. Não me repugna porém admittir que haja um *quid* especial que determine esta doença e que estas condições deprimentes facilitem a invasão; esse *quid* não ataca os individuos brancos nem os pretos sãos, regularmente alimentados, e não dá a doença na grande maioria dos debilitados.

220.ª — Trabalhos em marfim

Rarissimos são os cabindas que sabem fazer alguma coisa n'este genero, mas ainda ha alguns; a industria está mais desenvolvida na mesma familia de pretos, mas um pouco mais ao norte, Loango e Ponta Negra, que fazem parte do Congo francez; depois d'esta occupação diminuiu o numero d'artistas e vae-se perdendo a antiga fama.

Todo o trabalho é feito á faca, gastando, afeiçoando, gravando com toda a lentidão e paciencia; leva-se semanas para um trabalho simples, mezes para coisa mais artistica. Quando o branco queria uma obra, dava o marfim, parte do pagamento adiantado

e o resto no fim; mas este custava immenso a chegar, as desculpas variadas eram frequentes e a paciencia esgotava-se, perdendo-se alguma vez tudo quanto se dera. Para evitar isto passou a usar-se d'outro processo: o *marfineiro* (termo consagrado para designar o artista) estabelecia-se em casa do branco, ahi trabalhava e comia durante semanas e mezes, até que enfim um dia, bem longiquo, a obra ficava prompta. Sae mais barato comprar, mesmo por bom preço, o que apparece feito, mas nem sempre se obtém o que se quer; o trabalho mais complicado, o pequeno dente cheio de figuras em relevo, custa o preço do marfim e, pelo menos, uma moeda de prata (dois tostões ou um schilling) por cada cabeça, ainda que desacompanhada do resto da figura; e como elles multiplicam as cabeças!...

O trabalho mais simples é a pulseira (78), geralmente lisa, poucas vezes com pequenos riscos formando figuras geometricas regulares; depois o de argolas para guardanapos, lisas ou com desenhos pouco salientes e com os contornos ás vezes recortados; n'estas argolas dá-se de quando em quando a curiosidade de, na parte central, terem em volta a firma da pessoa a quem é destinada, firma perfeita embora de contornos um pouco grossos; dá-se-lhes n'um papel a firma feita a tinta; quando a argola está quasi prompta, o preto applica em volta da parte lisa o papel, depois de todas as linhas terem sido miudamente picadas com agulhas; com um pó córado cobrem o papel, premindo; o pó, passando atravez os pequenos orificios, marca as lettras e o trabalho depois consiste em gastar o marfim onde não está córado, vindo a ficar a firma perfeita e em relevo.

Com tiras de marfim, que não sei como obtêm, e eixos tambem de marfim, imitam canivetes de varias folhas e outras peças, tendo ou não no cabo alguns enfeites ou firma.

Quando a *tipoia* (100) é presa ao *bordão* por alças abraçando este, e não escorregando por elle ser atravessado por uma haste, pôde esta ser de marfim trabalhado; esta haste é geralmente pequeno dente adelgado e liso, á maneira de grosso prego redondo cuja cabeça é a figura da cabeça completa d'uma pessoa, com ou sem cobertura; nos olhos figuram a iris córada de negro por substancia vegetal.

As *trompas* (139) que tocam nos grandes funeraes e outras ceremonias apparatusas, são por vezes enfeitadas na superficie exterior por linhas, desenhos variados e até figuras humanas. Mas o cumulo do enfeite e do trabalho encontra-se em pontas de marfim inteiras, rariissimas vezes com mais de meio metro de comprimento, quasi sempre de 30 a 40 centimetros, cuja superficie é totalmente coberta por figuras, geralmente humanas, a maior parte das vezes dispostas em espiral em torno da ponta, sendo a volta superior da espiral separada da inferior por um traço simples ou por faixa em cercadura mais ou menos complicada de desenhos. Entre as figuras apparecem ás vezes as de idolos indigenas, algum boi ou cão, bastantes aves, algum petrecho caseiro ou barco indigena; quando não ha só figuras humanas, ainda ellas são em

grande maioria, ou mesmo só as cabeças (para augmentar o custo) e todas voltadas na mesma direcção, como se subissem, em linha, a espiral. E' vulgar o grupo de mulher com criança ás costas ou nos braços e alguma outra pela mão; bastantes figuras mostram vestes á moda indigena, uma ou outra attributos de caça, pesca, guerra e outros costumes, mas não se percebe que o todo obedeça a um pensamento, ha grupos isolados e sequencia de figuras muitas vezes semelhantes se não eguaes; todas mostrarão pelo menos um olho e algum cabello; um e outro teem manchas pretas feitas com o succo d'uma planta, cuja côr se conserva adherente ao marfim por annos, sem perder o tom nem o brilho. O extremo aguçado da ponta do marfim é sempre uma cabeça completa, o extremo opposto costuma ter uma pequena parte lisa, como que o pedestal do resto; o numero de cabeças é tão grande que uma ponta de trinta centimetros pôde chegar a conter cincoenta.

221. — Ideias sobre raças humanas

Começam por admittir que ha só duas raças (de certo que não teem visto frizantes exemplos d'outras): a preta e a branca; é esta a ordem de precedencias por que as enumeram. Tem, é certo, visto macaistas e chamam-lhe brancos; viram (durante alguns dos annos em que lá estive) alguns chinezes que não tomaram bem por brancos, achavam-lhes differenças, mas limitavam-se a dizel-os brancos d'outra terra; semelhantemente, aos canarins claros chamam brancos e aos escuros pretos, ambos d'outra terra.

Não dão apreço a outras differenças além da côr, e d'esta só admittem a preta e a branca, explicando a tradição essa dualidade pela fórmula que vae ver-se em que fazem derivar da raça preta a branca. Acreditam que no principio todos os homens eram pretos, e que uma vez um *feitico* que governava mais do que qualquer outro, (foi-me impossivel obter qualquer esclarecimento mais sobre este *deus*), disse, aos poucos homens de que todos agora descendemos, (explicam isto dizendo o pae do pae, do pae oh! muitos, do pae do senhor e do meu), que se alguns queriam ser d'outra côr o podiam ser; que longe, muito longe, n'um sitio já hoje desconhecido (indicam, porém, a direcção do nordeste) havia uma lagôa; que fossem lá e lavassem com aquella agua toda a parte do corpo que quizessem que ficasse sendo branca. Como manifesta allusão á superioridade que querem ter e ao differente caracter das duas raças, segue a historia por este considerando: todos os pretos ouviram, mas uns perceberam logo que era muito longe, custaria muito a lá chegar e o melhor era ir andando a pouco e pouco; outros eram como os brancos agora, estavam sempre com pressa e pozeram-se logo a caminho; os primeiros não acreditaram que a coisa fosse exactamente assim, mas foram sempre vêr se o dito era verdadeiro. E' claro que os apressados chegaram primeiro, encontraram bastante agua, lavaram-se todos e ficaram paes dos brancos; os outros foram chegando mais tarde, viram que era verdade, tambem quizeram agua, mas já havia só lama

no fundo da lagôa em que entraram, apalpando com as mãos o lôdo mas, não encontrando agua para se lavarem, ainda assim molharam as plantas dos pés e as palmas das mãos, que foi só o que ficou branco, sendo estes depois os paes dos pretos.

Como se vê reservam para si a origem da humanidade, a percepção rápida, o raciocinio completo e a desconfiança, e por estas qualidades explicam a preguiça que causou a demora; a differença de côr não foi um castigo divino, nem o deus se zangou com a incredulidade; os brancos, sempre açodados, procedem sem pensar, e os seus ascendentes foram mais felizes; quanto á côr não esqueceu explicar porque nos pretos só são claras, embora não brancas, as plantas dos pés e as palmas das mãos, já não havia agua, era só a humidade do lôdo. Do que nunca me deram explicação foi do desejo que todos aquelles paes tiveram de ser brancos; mas, a seu vêr, a hereditariedade explica a conservação da côr e feittio moral diversos; comtudo n'aquelle desejo de todos serem brancos manifestam, sem querer, o reconhecimento da superioridade da nossa raça.

222.º — Nomes proprios

Com quanto alguns usam nomes e appellidos portuguezes, mais ou menos estropiados a seu modo, sendo os mais vulgares *Bálo* (Barros) e *Minga* (Domingos), geralmente cada cabinda é designado só por um nome accrescentando, em ar d'appellido constante, a palavra «Cabinda» se o nome é em portuguez e para uso dos brancos. Mas, entre si, usam nomes proprios da sua lingua, e alguns dos quaes encontrei significação: *Biála* (filho primogenito do rei), *Fula* (polvera), *Inhongo* (tristeza), *Mambo* (modos, maneiras), *Méno* (dentes ou dentadura), *Mouma* (vê), *Sétcha* (peito ce-leste), *Túti* (nuvem) e *Zau* (elephante).

Colleccionei os seguintes:

masculinos: *Ambozito*, *Báche*¹, *Béchéá*, *Bête*, *Biála*, *Bôndo*, *Bumba*, *Chikáia*, *Chimpuáte*, *Chinkoukolo*, *Déla*, *Duile*, *Dumbe*, *Fula*, *Gáka*, *Gime*, *Ginga*, *Gouma*, *Ióba*, *Jussáia*, *Kafio*, *Lebúngo*, *Luémbo*², *Lúlo*, *Mabiála*³, *Makáia*, *Makéle*, *Makouço*, *Maliámbo*, *Matchiáma*, *Mavungo*, *Mediándje*, *Mouna*, *Mungo*, *Pitra*, *Pongo*, *Puáte*, *Puctan*, *Sámbo*, *Sàngo*, *Sétcha*, *Sima*, *Sólo*, *Súmbo*, *Táti*, *Témbo*, *Vába*, *Venténa*, *Záu*;

femininos: *Béla*, *Béngo*, *Buango*, *Buka*, *Bulo*, *Chionulo*, *Déle*, *Fita*, *Fôrma*, *Iéze*, *Inhongo*, *Ióbala*, *Káia*, *Kilouna*, *Kópe*, *Kué-nha*, *Kúnje*, *Lândo*, *Lélo*, *Lémbo*, *Lesbi*, *Malála*, *Mambo*, *Matáia*, *Méno*, *Nhongo*, *Sévo*, *Simbo*, *Sónho*, *Tuti*, *Zamba* e *Zássa*.

¹ Dizem elles ser o portuguez Sebastião.

² Dizem elles ser o portuguez André.

³ Nome commum a dois feitiços (125).

INDICE

	Pag.
Ao leitor.....	I

1.ª PARTE

I. — Historia	5
Descoberta.—Tradição indigena da origem propria.—Forte portuguez—Os dois poderosos chefes principaes cabindas ; sua vida.—Historia contemporanea. — Dois reis do Congo.	
II. — População, caracter	13
Augmento da população.—O typo dos cabindas.—Duração da vida.—Causas da fluctuação da população.—Qualidades moraes.—Fugas.—Vaidade das qualidades superiores da sua raça.	
III. — Clima.	23
Correntes atmosphericas. — Humidade —Temperatura. —Trovoadas—Chuva.—Terreno.	
IV. — Pathologia.....	28
Doenças principaes: differenças conforme a raça.	
V. — Hygiene, prophylaxia, alimentação, acclimação.....	37
Noções de hygiene indigena — Condições de existencia do europeu; o que se deve fazer.	
VI. — Serviço de saude.....	43
Pessoal. — Cemiterio—Matadouro.—Serviços municipaes.—Clínica civil.—Hospitalisação provisoria. — Construção do hospital; sua descripção. — Movimento hospitalar.—Mortalidade.	
VII. — Animaes domesticos.....	56
Alterações pelo clima.—A cobra dos ovos.	
VIII. — Commercio.....	58
Feitorias, suas partes.—Pessoal.— <i>Linguester</i> .—A vida na feitoria; trabalho: diversões.—Concorrença commercial.—Generos indigenas; productos europeus.	
IX. — Civilisação	71
Processos.—Aulas.—Missões; critica.	
X. — Vocabulario	80
Explicações.—Abreviaturas.	

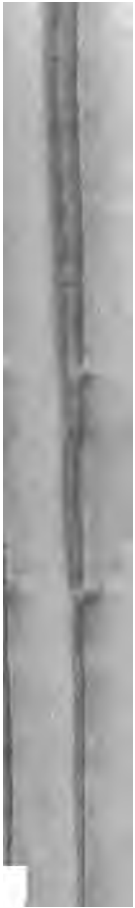
2.ª PARTE (notas)

	Pag.
1.ª — Pronuncia de <i>nh</i> e <i>lh</i>	141
2.ª — Traducção da palavra <i>Cabinda</i>	"
3.ª — Pronuncia de <i>n</i>	"
4.ª — Divisões territoriaes indigenas	"
5.ª — <i>Muene</i>	142
6.ª — <i>Bantu</i>	"
7.ª — Formação do plural em <i>ba</i>	"
8.ª — Regencia	143
9.ª — Cópia do tractado	146
10.ª — <i>Fundação</i>	150
11.ª — Governadores e secretarios	154
12.ª — Occupações	156
13.ª — Prestação de serviços aos brancos	158
14.ª — Habitação indigena	161
15.ª — Namoro	165
16.ª — Casamento	166
17.ª — Uniões irregulares	170
18.ª — Promessa de casamento	172
19.ª — Polygamia	"
20.ª — Adulterio	173
21.ª — Divorcio	174
22.ª — Filhos; varias especies	176
23.ª — Mulatos	177
24.ª — Descendencia; esterilidade	179
25.ª — Cópula	180
26.ª — Prostituição	"
27.ª — Concubinas	181
28.ª — Meretrizes	183
29.ª — Parteiras, aborto, parto	184
30.ª — Amamentação; substituta	186
31.ª — Transporte das crianças; feitiço dos seios; moda; feitiço	187
32.ª — Parentescos	188
33.ª — Linha de successão	189
34.ª — Velhos	"
35.ª — Deveres dos ascendentes	190
36.ª — Deveres dos descendentes	191
37.ª — Escravos	"
38.ª — Refens e prisioneiros	194
39.ª — Bens, riqueza, pobreza	197
40.ª — Propriedade rural	198
41.ª — Dividas	"
42.ª — Penhores	200
43.ª — Contractos	"
44.ª — <i>Mukanda</i> em geral, ajuste, <i>papere</i>	202
45.ª — <i>Mukanda</i> de ganho	203
46.ª — Valor da <i>mukanda</i>	204
47.ª — Intellecto	205
48.ª — Bebidas alcoolicas	206
49.ª — Europeus e brancos	207
50.ª — Classificação dos brancos. Emigração	209
51.ª — <i>Palavra</i>	211
52.ª — Origem da palavra <i>fiute</i>	213
53.ª — Traducção da preposição <i>de</i>	"
54.ª — O som <i>me</i>	214
55.ª — Difficuldades de pronuncia; Portugal	"
56.ª — Classes da sociedade	"

	Pag.
57. ^a — Nobres honorarios	215
58. ^a — Principes, auctoridades	216
59. ^a — Procuração	219
60. ^a — Offensas corporaes	220
61. ^a — <i>Mata-biço</i>	221
62. ^a — Transmissão de noticias	222
63. ^a — Ler e escrever	223
64. ^a — Ideias sobre Portugal	224
65. ^a — Ad petendum pluviam	227
66. ^a — Embarcações indigenas	230
67. ^a — Calafeto e esgoto d'embarcações	232
68. ^a — Navegação	233
69. ^a — Utilidade dos descendentes	235
70. ^a — Feiticeiro, curandeiro, etc.	236
71. ^a — Furtar	238
72. ^a — Limpeza pessoal	240
73. ^a — Cabello, corte, penteado, pentes	"
74. ^a — Vestuario	242
75. ^a — Tatuagem	247
76. ^a — <i>Takula</i>	248
77. ^a — Enfeites	249
78. ^a — Enfeites indigenas	250
79. ^a — Vestuario á europeia	252
80. ^a — Dentes	253
81. ^a — Infanticidio	254
82. ^a — Suicidio	"
83. ^a — Moedas, medidas, equivalencias	255
84. ^a — Palavras da lingua ingleza	256
85. ^a — <i>Cúletido, dóbela</i> , etc.	"
86. ^a — Coral	258
87. ^a — Alcoolicos	"
88. ^a — Salarios	260
89. ^a — Fumar ; cachimbos	263
90. ^a — Furtos nas cabanas e plantações	264
91. ^a — Canções	265
92. ^a — Povoações	266
93. ^a — <i>Forrado</i>	267
94. ^a — Cozinha	"
95. ^a — Fumo	268
96. ^a — Formiga branca	269
97. ^a — Cama indigena	271
98. ^a — Mobilia	272
99. ^a — <i>Loando, mabéla</i> , cesto, saco	273
100. ^a — <i>Tipoiá</i>	275
101. ^a — Negro e preto	"
102. ^a — <i>Kijila</i>	"
103. ^a — <i>Itáko</i>	276
104. ^a — Conservação dos cadaveres	277
105. ^a — Sepulturas	278
106. ^a — Funeraes	279
107. ^a — Saudações	282
108. ^a — Manifestações d'amisade	283
109. ^a — Presentes de casamento	284
110. ^a — Deveres de casados	285
111. ^a — Ciumes	"
112. ^a — Separação de pessoas	286
113. ^a — Viuvez	"
114. ^a — Puberdade	287
115. ^a — <i>Casa das tintas</i>	288
116. ^a — Virgindade	290
117. ^a — Circumcisão	291

	Pag.
118. ^a — Pae, substitutos	291
119. ^a — <i>Abrir a bocca</i>	292
120. ^a — <i>Comer fazenda</i>	293
121. ^a — <i>Chingamento</i>	294
122. ^a — <i>Embaixada, chimpábala</i>	295
123. ^a — Peças d'artilheria	296
124. ^a — Bandeiras	297
125. ^a — Feitiços em geral, amuletos	300
126. ^a — <i>Algun feitiços especiaes</i>	303
127. ^a — Amuletos em pulseira	304
128. ^a — Vestigios da religião catholica	305
129. ^a — <i>Zámbe</i>	307
130. ^a — <i>Faca quente</i>	312
131. ^a — <i>Kássa</i> ou <i>casca</i>	313
132. ^a — <i>Ter na cabeça</i>	314
133. ^a — <i>Mukurúnto</i>	315
134. ^a — Testemunhas	316
135. ^a — Ferimentos	319
136. ^a — Custas	321
137. ^a — Folhinha	322
138. ^a — Dansas	323
139. ^a — Instrumentos musicos	325
140. ^a — Tributos	326
141. ^a — Crises de fome	327
142. ^a — Mandioca e seus derivados	330
143. ^a — Palmeira	332
144. ^a — Azeite de palma, coconote, etc.	333
145. ^a — <i>Muâmba</i>	334
146. ^a — Pesca	335
147. ^a — Caça	336
148. ^a — Capim; queimadas	337
149. ^a — Agricultura	338
150. ^a — Criação d'animaes	340
151. ^a — Pena de prizão	341
152. ^a — <i>Amarração</i>	343
153. ^a — Pronuncia das letras <i>r</i> e <i>l</i>	344
154. ^a — Pronuncia da letra <i>h</i>	345
155. ^a — Cestos, bonets, barretes, romeiras	346
156. ^a — Transportes, <i>mutete</i>	347
157. ^a — Bebidas fermentadas	348
158. ^a — Prazeres	348
159. ^a — Lucto	349
160. ^a — Furto e roubo	350
161. ^a — Negocios	352
162. ^a — Caminhos e marchas	354
163. ^a — <i>Ganhar e perder reção</i>	355
164. ^a — <i>Dar vento</i>	356
165. ^a — <i>Mandar fama</i>	357
166. ^a — <i>Despachar; largar</i>	358
167. ^a — <i>Beber agua</i>	359
168. ^a — Agua potavel	359
169. ^a — Estações	359
170. ^a — <i>Bunzi</i>	359
171. ^a — Armas e accessorios	359
172. ^a — Contagem do tempo	359
173. ^a — <i>Vestidura</i>	359
174. ^a — Artigos de barro	359
175. ^a — <i>Quilivo (Kilivo)</i>	359
176. ^a — Raladores	359
177. ^a — Peneira	359
178. ^a — Capoeira	359

	Pag
179. ^a — <i>Pulex penetrans</i>	360
180. ^a — <i>Botes de praia</i>	361
181. ^a — Palmas.....	364
182. ^a — <i>Vegetaes medicinaes</i>	365
183. ^a — <i>Ventosas</i>	366
184. ^a — <i>Sudação</i>	"
185. ^a — <i>Afirmativa</i>	367
186. ^a — <i>Negativa</i>	368
187. ^a — <i>Kunda-fumo</i>	"
188. ^a — <i>Má</i> ; synonymos.....	369
189. ^a — <i>Tuéka</i>	"
190. ^a — <i>Confusões</i>	"
191. ^a — <i>Hontem e amanhã</i>	370
192. ^a — <i>Levar e trazer</i>	"
193. ^a — <i>Aprendizes</i>	371
194. ^a — <i>Flecha, espingarda, bala, etc</i>	"
195. ^a — <i>Tratamentos</i>	372
196. ^a — <i>Insultos</i>	373
197. ^a — <i>Jogos de cartas</i>	"
198. ^a — <i>Côres</i>	375
199. ^a — <i>Branco</i>	"
200. ^a — <i>Sexos, lados</i>	"
201. ^a — <i>Pluraes</i>	"
202. ^a — <i>Numeração</i>	377
203. ^a — <i>Demonstrativos</i>	379
204. ^a — <i>Adjectivos</i>	380
205. ^a — <i>Verbos</i>	381
206. ^a — <i>Pronomes</i>	383
207. ^a — <i>Interjeições</i>	"
208. ^a — <i>Diminutivos e augmentativos</i>	384
209. ^a — <i>Enxada indigena</i>	385
210. ^a — <i>Iluminação artificial</i>	386
211. ^a — <i>Caléma</i>	387
212. ^a — <i>Aviados</i>	388
213. ^a — <i>Accepções de liámbe</i>	389
214. ^a — <i>Respeitar</i>	"
215. ^a — <i>Distancias</i>	390
216. ^a — <i>Astros</i>	391
217. ^a — <i>Especie de codigo penal</i>	"
218. ^a — <i>Supplicios</i>	393
219. ^a — <i>Doença do somno</i>	394
220. ^a — <i>Trabalhos em marfim</i>	395
221. ^a — <i>Ideias sobre raças humanas</i>	397
222. ^a — <i>Nomes proprios</i>	398



www.libtool.com.cn

INDICE DAS GRAVURAS

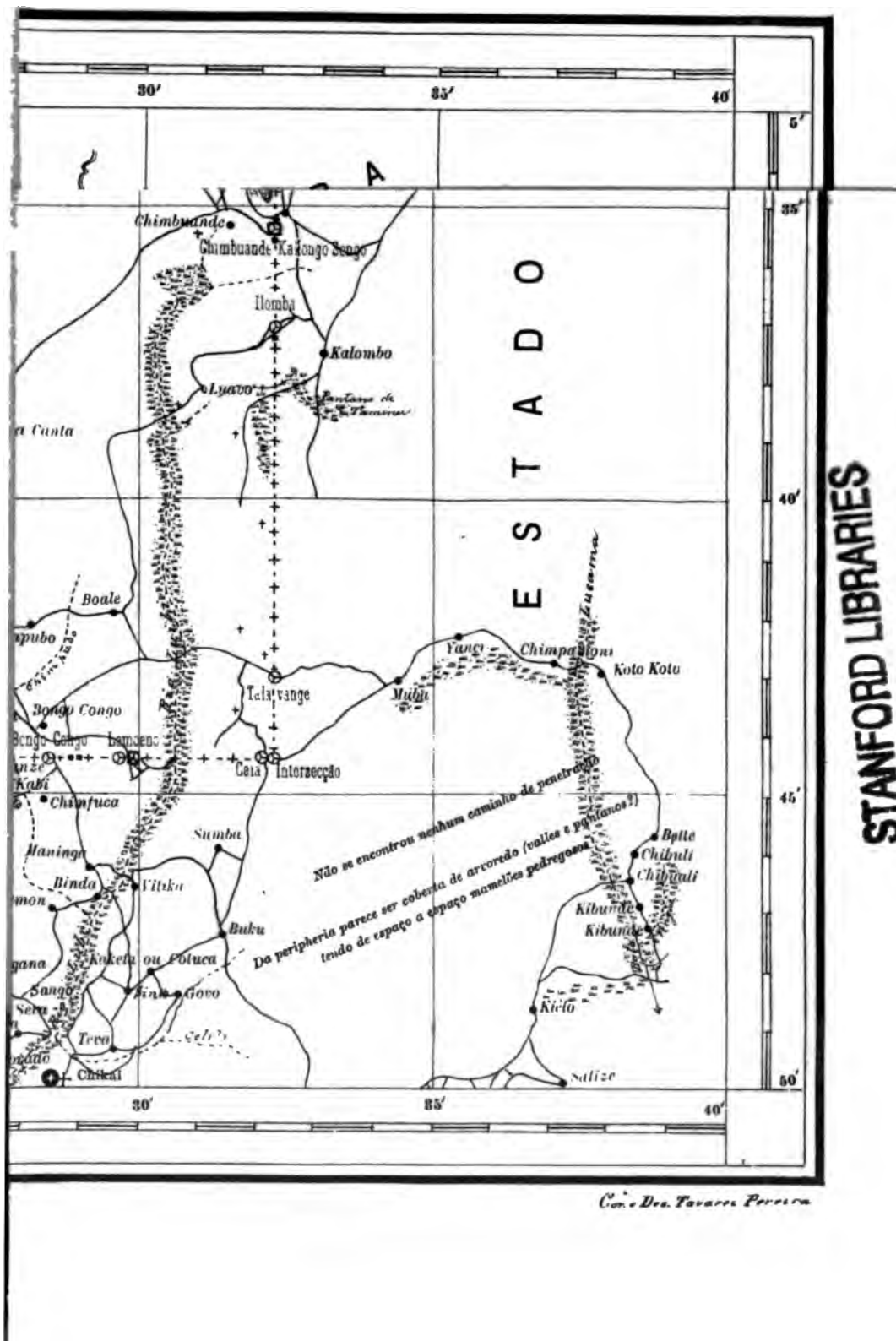
Fig.		Pag.
1 —	Praia vista de leste.....	10
2 —	" " " oeste.....	10
3 —	Hospital visto do nordeste.....	52
4 —	" " " sueste.....	52
5 —	Officina de carpinteiros de carros na fabrica do governo.	70
6 —	Uma habitação de brancos.....	70
7 —	Quartel visto de sueste.....	140
8 —	Ponte sobre o rio Lukôla — Tipoia (100).....	140
9 —	Palacio do governador e repartições (frente).....	226
10 —	" " " (jardim).....	226
11 —	<i>a, mebúmb.</i> (pag. 302); <i>b, mangáka</i> ; <i>c, tchingúngo-sêngo</i> (pag. 200).....	319
12 —	<i>a, c, sâmbi</i> (139); <i>b, cachimbo para liâmba</i> ; <i>e, f, cachimbos para tabaco</i> (89); <i>d, pente</i> (73); <i>g, viola</i> (139); <i>h, chingongo</i> (pag. 61).....	319
13 —	Vestuario (74, 79).....	252
14 —	<i>a, cabaça enfeitada</i> ; <i>b, sânga</i> ; <i>g, bilha para agua</i> ; <i>h, panella</i> (174) <i>c, enxadas</i> ; <i>d, banco</i> (98); <i>e, machado</i> ; <i>f, peneira</i> (177)....	252
15 —	<i>a, chimpábala</i> (122); <i>b, catana</i> ; <i>c, embarcação e remo</i> (66)....	395
16 —	<i>a, d, barretes pequenos c, de mafúka</i> (155); <i>b, ponta de marfim</i> (220).....	395

www.libtool.com.cn

ERRATAS

Pag.	Linha	Onde se lê	Lê-se
3	8	— bahia dos	bahia das
14	20	— saliente, n'uma	saliente, é uma
21	3 (nota)	— da disciplina	de disciplina
31	41	— Devido	Devida
49	4 (nota)	— pessoas	pesados
99	31	— (estação dos)	(estação das)
109	35	— (feitico)	(feitico)
"	45	— <i>finbula</i>	<i>finbula</i>
111	6	— <i>fitaga</i>	<i>fitaga</i>
112	35	— <i>funji</i>	<i>funji</i>
"	45	— <i>kougelinga</i>	<i>kougelinga</i>
119	18	— menopansa	menopausa
120	41	— " <i>chimpito</i>	<i>chimpito</i> "
148	17	— Pucutá	Pucutá
155	3	— Azevedo	Azeredo
"	23	— da Trindade	de Miranda
156	34	— navios, e carre-	navios, e carre-
162	40	— machos	machas
166	44	— pobres	puberes
197	3	— <i>cotrado</i>	<i>cortado</i>
198	9	— filhas	filhos
202	30	— diminuir	dirimir
221	23	— quanto fôr	quanto maior fôr
225	7	— mussarongos	mussorongs
30	1	— madeira com	madeira com
246	36	— bainha interior	bainha inferior
257	5	— teis	teias
261	2	— escravos	escravos
293	13	— de que	do que
294	13	— a que me referi	a que me referi
315	28	— mais mais	mais a mais
316	13	— dias, o da	dias, a da
317	14	— volumosos debruns	volumoso debrum
329	5	— fechada	fechado
334	15	— pernoitar c m as suas	pernoitar, com as suas.
339	9	— como é no	e como no
341	34	— escravo (42)	escravo (37)
varias	varias	<i>Quegila, quejila, kigila, etc.</i>	<i>kijila</i>

www.libtool.com.cn

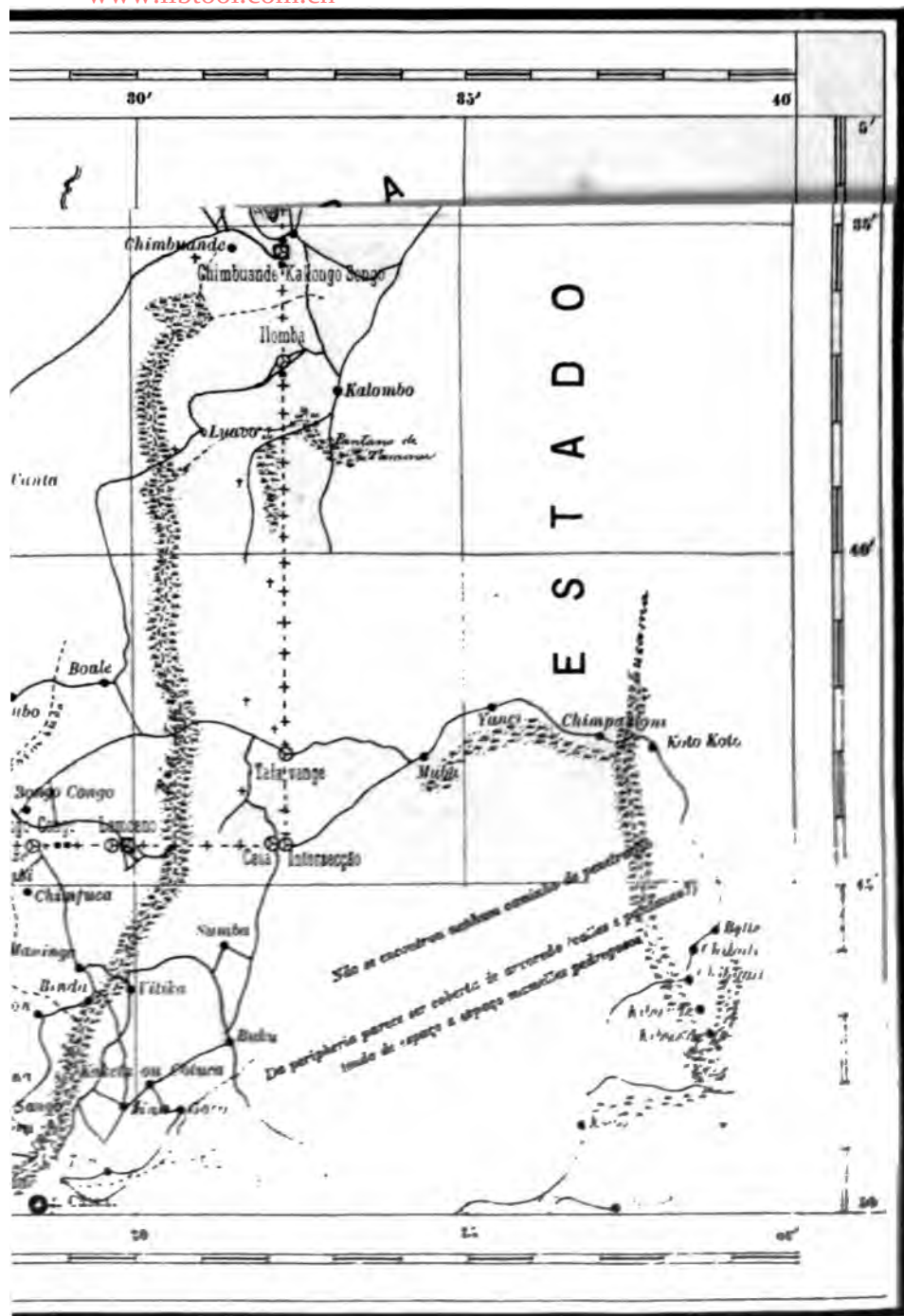


www.libtool.com.cn

Com. Des. Favari Pereira

www.libtool.com.cn

2



STANFORD LIBRARIES



www.libtool.com.cn

2

STANFORD LIBRARIES

Com. D.º. Farias Pereira

To avoid fine, this book should be returned on
www.libtool or before the date last stamped below

12M-9-86-63932

STANFORD LIBRARIES

DT 611 .M444 C.1
Contribuicao para o estAPR2797
Hoover Institution Library



3 6105 083 170 907

216913

www.libtool.com.cn